

Pane, Vino e Molto Lavoro!

... Anche amore.

A saga da imigração italiana em Itajubá

Antonio Francisco Storino
PRESIDENTE DO CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ.

Pane, Vino e Molto Lavoro!

... Anche amore.

A saga da imigração italiana em Itajubá

Coautores:

Antonio Claret Consoli
Aylor Koenigkam de Oliveira
Edna Mércia Mandolesi de Oliveira
Giovanni Trotta
Ricardo Danilo Restani de Andrade

1ª Edição

Itajubá/MG
Edição do autor
2013

2013 © Antonio Francisco Storino

Pane, Vino e Molto Lavoro! ... Anche amore.

A saga da imigração italiana em Itajubá

Produção: Circolo Italo-Brasiliano Di Itajubá

Organização e Digitação: Antônio Décio de Carvalho

Revisão: Miriam Machado Silva

Projeto Gráfico: José Maria Gonçalves

Capa

Ilustração: Aldo Pasetto / Bill Souza

Contexto Assessoria em Comunicação

Texto: Fernando Bissacot

Arte: José Maria Gonçalves

Impressão: Imprensa Oficial de Minas Gerais

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Storino, Antonio Francisco
Pane, vino e molto lavoro! -- anche amore : a
saga da imigração italiana em Itajubá / Antonio
Francisco Storino ; coautores Antonio Claret
Consoli...[et al.]. -- 1. ed. -- Itajubá, MG :
Ed. do Autor, 2013.

Outros autores: Antonio Claret Consoli, Aylor
Koenigkam de Oliveira, Edna Mércia Mandolesi de
Oliveira, Giovanni Trotta, Ricardo Danilo Restani
de Andrade.
Bibliografia.

1. Brasil - Emigração e imigração - Itália 2.
Imigrantes - Itajubá (MG) 3. Imigrantes italianos
4. Itajubá (MG) - História 5. Italianos - Itajubá
(MG) I. Consoli, Antonio Claret. II. Oliveira,
Aylor Koenigkam de. III. Oliveira, Edna Mércia
Mandolesi de. IV. Trotta, Giovanni. V. Andrade,
Ricardo Danilo Restani de. VI. Título.

13-07425

CDD-304.88151

Índices para catálogo sistemático:

1. Imigrantes italianos : Itajubá : Minas
Gerais : História 304.88151

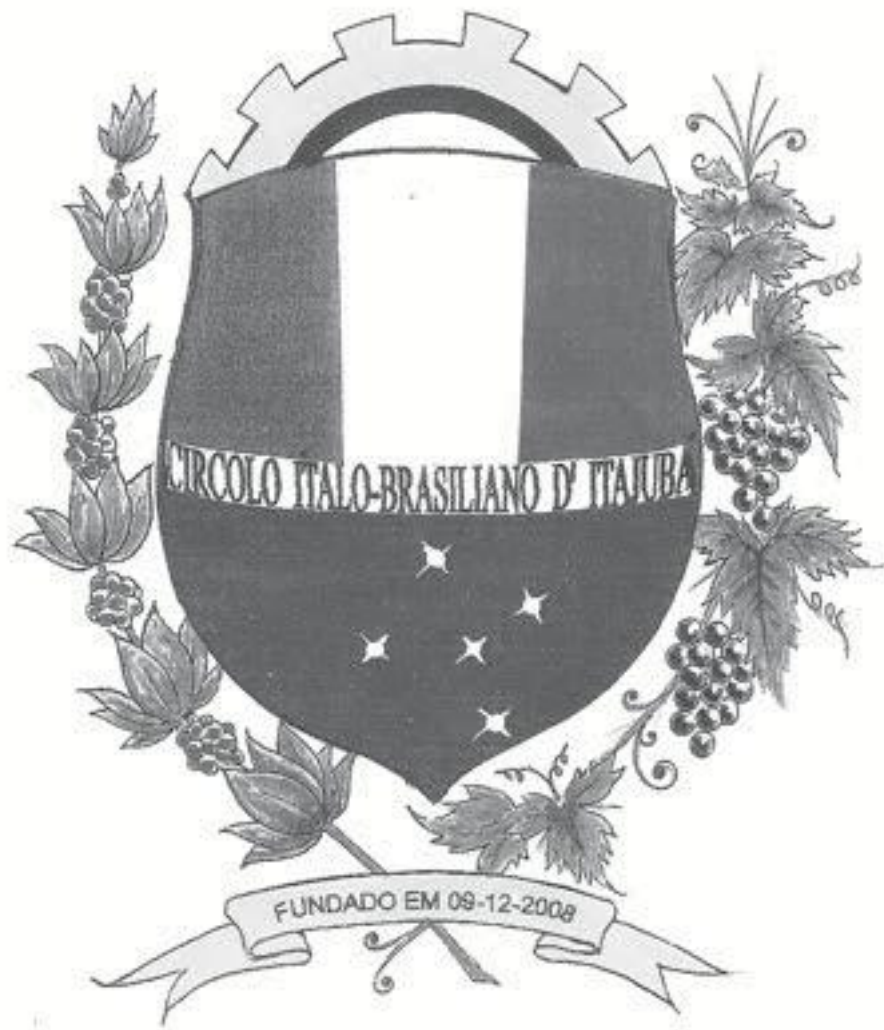
Todos direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada, armazenada ou transmitida sob quaisquer meios existentes sem prévia autorização por escrito dos autores.

circoloitalianoitajuba@gmail.com

Tel.: (35) 3623-2060

Impresso no Brasil em papel Couchê
1ª Edição – Itajubá/MG – 500 exemplares



*"Escrever é ser autor da própria história."
Este livro é a prova incontestada desta frase,
pois cada um escreveu a história da sua
própria família.
Giovanni Trotta.*

SIMMMEI

Sindicato das Indústrias de Itajubá

Tractebel Energia
GDF SUEZ



Atual Serviços e Engenharia Ltda.



INTRODUÇÃO

O ápice da imigração italiana ocorreu entre 1880 e 1930. Desde os últimos anos de monarquia brasileira, a entrada de imigrantes se viu gradativamente ampliada, com altos índices mantidos até os primeiros decênios da República. Em 1891, foi atingido o máximo de nossa história com 215.329 imigrantes.

Presentemente, segundo dados colhidos junto à Embaixada Italiana, vivem no País cerca de 300 mil cidadãos italianos e 25 milhões de brasileiros com ascendência italiana. Assim, os ítalo-brasileiros são considerados a maior população de "*oriundi*" (descendentes de italianos) fora da Itália.

Os italianos se viram impulsionados pelas transformações socio-econômicas em curso no norte de seu país, que afetaram, sobretudo, a propriedade da terra. Um aspecto peculiar à imigração italiana em massa começou a ocorrer após a unificação da Itália, razão pela qual uma identidade nacional desses imigrantes se forjou, em grande medida, no Brasil.

Para melhor esclarecer a imigração italiana para o Brasil, torna-se necessário ter uma visão do que se passava no nosso País, no final do Século XIX. A Nação Brasileira passava por período de fermentação das idéias abolicionistas. Membros dos partidos Liberal e Conservador defendiam a libertação dos escravos, igualmente proclamada por intelectuais e jornalistas. A Lei Euzébio de Queirós (1850) deu início ao processo de abolição, proibindo o tráfico negreiro. A contar desse momento, começou a surgir a deficiência de mão-de-obra nas zonas cafeeiras. Novas leis, como a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei do Sexagenário (1885), anunciavam a proximidade do fim da escravidão.

Embora tenha sido a Região Sul a pioneira na imigração italiana, foi a Região Sudeste que recebeu a maior parte dos imigrantes. Isso se deveu ao processo de expansão das lavouras de café. Já com o fim do tráfico negreiro e o sucesso da colonização italiana no Sul, o governo paulista passou a incentivar a imigração italiana, destinada aos cafezais. Na década de 1880, iniciou-se a imigração subsidiada: os próprios donos de fazenda tratavam de atrair os imigrantes para as suas propriedades. Os proprietários de terras pagavam a viagem e o imigrante tinha que se dispor a trabalhar para restituir o valor das passagens e de outras despesas.

Em sua maioria, os imigrantes chegavam com suas famílias, sendo chamados colonos. Acostumados a trabalhar com escravos, os fazendeiros passavam a lidar com os trabalhadores livres assalariados. Estes, todavia, muitas vezes se viam submetidos a jornadas maçantes, sendo tratados de modo semelhante aos escravos. Tal situação gerou conflitos, provocando rebeliões e, mesmo, assassinatos. Muitos italianos, insatisfeitos no meio rural, instalaram-se em centros urbanos, de extrema importância, participando ativamente do comércio, da indústria e de outras inúmeras atividades.

Minas Gerais tornou-se um dos grandes redutos da colônia italiana. A imigração para o estado deu-se em duas importantes vertentes: colonos desembarcados no porto do Rio de Janeiro, atraídos para as regiões agrícolas dos arredores de Belo Horizonte, e trabalhadores para os cafezais, desembarcados no porto de Santos, com a penetração pelo Estado de São Paulo e espalhando-se por diferentes direções ao Sul do Estado.

Seria temeroso fixar uma data para a chegada do primeiro imigrante italiano a Itajubá. Pode-se, com segurança, afirmar que, na década de 1870-1880, alguns nomes de origem italiana aparecem em documentos históricos da cidade.

Diferentemente de outras regiões, esses italianos aqui chegados não vieram predominantemente para a lavoura, mas voltados para o comércio e a indústria.

Aos primeiros habitantes itajubenses, não poderia passar indiferente o conhecimento técnico, a experiência e, sobretudo, a laboriosidade desses recém-chegados, que, mercê dos conhecimentos sedimentados em sua terra natal, ao longo de muitos séculos, emprestaram à nossa terra item retumbante de desenvolvimento e progresso. Aqui começaram a reescrever sua história, perpetuando, através dos descendentes, os seus costumes e o amor ao torrão a que passaram a pertencer.

O nosso trabalho é fruto de uma pesquisa junto aos descendentes desses bravos italianos: “*nonnos*” e “*nonnas*” que, ao deixar sua pátria distante, vieram se somar aos gloriosos itajubenses, no afã de atingirem uma vida mais feliz. Trata-se de uma coleta de dados às vezes não totalmente precisos, mas feita num esforço para que fossem, ao máximo, reduzidas imprecisões decorrentes das datas, naturalidade e outras informações.

Igualmente será provável que ocorram omissões e que nem todos os italianos estejam contemplados neste trabalho. Há, porém, um plano para, oportunamente, se lançar um segundo volume, resgatando os nomes ora omitidos.

JOÃO OTERO DINIZ
PRESIDENTE DA ACADEMIA ITAJUBENSE DE HISTÓRIA

PREFÁCIO

Labor omnis vincit improbus (O trabalho persistente tudo vence – Virgílio)

Há alguns anos, membros da sociedade itajubense, descendentes de italianos, constituíram uma “Comissão Organizadora das Homenagens ao Imigrante Italiano da Cidade”. Do trabalho desses idealistas surgiu o “CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ”, com Estatuto constituído e aprovado em 13 de janeiro de 2009. Naquele dia, foi eleita a Diretoria do “CIRCOLO” e reconhecidos seus Fundadores.

O “CIRCOLO” é formado por 13 pessoas: Antonio Claret Consoli, Antonio Francisco Storino, Antonio José dos Santos Trotta, João Otero Diniz, Edna Mércia Mandolesi de Oliveira, Giovanni Trotta, Joaquim Carlos Masselli Barbosa, Márcia Maria Ferrini Fernandes, Maria Helena Sciammarella Pereira, Menotti Chiaradia Filho, Paulo José Ernesto Coelho, Roberto Lamoglia de Carvalho e Ricardo Danilo Restani de Andrade.

A primeira tarefa do “CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ” foi a publicação deste livro, com biografias dos patriarcas peninsulares. Este livro precioso conta as histórias de famílias italianas, que se estabeleceram, há muitos e muitos anos em Itajubá, onde se destacaram na construção do progresso da cidade, escolhida para ser a nova Pátria e a terra natal de seus filhos.

Deram-me a honra de prefaciar este livro. Faço-o com alegria e respeito, desejando que ele alcance grande sucesso.

A imigração italiana para Minas Gerais está inserida no contexto que, a partir de finais do século XIX, ocasionou um movimento migratório de milhares de pessoas para o Brasil, sobretudo para a região Centro-Sul. Os italianos formaram o principal grupo de imigrantes a entrar no Brasil, no final do século XIX. Segundo estimativa, no ano de 1900, viviam no Brasil 540 mil italianos, ou seja, 3,1% da população do País eram nascidos na Itália.

“PANE, VINO E MOLTO LAVORO.....ANCHE AMORE – A SAGA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM ITAJUBÁ”, título que sintetiza o conteúdo do livro, é uma coletânea de textos de extremo bom gosto e representará fonte de consultas, para outros trabalhos literários, a partir de hoje. Sob o aspecto de informações biográficas, o livro é magnífico. Os autores não recorreram somente a manuscritos, livros, jornais e revistas, pacientemente pesquisados em bibliotecas, arquivos e baús de lembranças. Buscaram, também, depoimentos de pessoas capacitadas. A partir desse material heterogêneo e disperso, foi feita a recomposição da vida de cada uma das famílias homenageadas. O trabalho obedeceu a rumos previamente traçados e merece todo o nosso louvor. O livro resgata, com justiça, a valiosa contribuição dos imigrantes italianos para o desenvolvimento de Itajubá e registra incontáveis feitos de seus descendentes, para o engrandecimento de Minas e do Brasil.

Itajubá é, incontestavelmente, cidade destaque, em Minas Gerais. E nosso Estado é considerado a célula mater do Brasil. Rico em tradições e história, o Estado Montanhês será, sempre, o forjador de nossa brasilidade, graças aos Ideais de Liberdade aqui cultivados, desde os primórdios da sua colonização.

Itajubá possui a geografia típica de Minas Gerais. Sua paisagem montanhosa, de difícil acesso, seus vales estreitos, cobertos de frígidas névoas, contribuíram para o espírito desconfiado e arredo do itajubense nato. O povo destas bandas é mais ouvinte que falaz e, em conseqüência, analítico, observador, cuidadoso nas decisões, político por natureza. Para este ambiente, no século XIX, muito mais desafiador que o de hoje, chegaram as famílias italianas pioneiras. Conseguiram se adaptar muito bem, graças aos exemplos que deram de trabalho, competência, coragem, honestidade e simpatia.

“PANE, VINO E MOLTO LAVORO...” evoca o espírito criativo daqueles italianos corajosos, desde as delícias da sua cozinha, até sua arte, elaborada e multifacetada, expressa na escultura, na pintura, na arquitetura, na música, na dança, na prosa, na poesia e no teatro, sempre com o empenho da alma e do coração.

Os autores do livro nos lembram, com seus heróis marcantes e inesquecíveis, que as Gerais, sempre, foram terras acolhedoras, onde o aconchego de suas montanhas e o frescor de suas matas convidam a todos a pensar e a preservar tradições. Quando as famílias italianas chegaram, Itajubá

era uma adolescente, com suas festas de Imperadores do Divino e onde os Cristãos, ainda, combatiam os Mouros, em cavalhadas vistosas, levadas muito a sério. Era, também, a Itajubá plena de oportunidades, como os poetas gostam de evocar, de que os pioneiros italianos vieram desfrutar, enfrentando muitas dificuldades para construir seus lares, criar seus filhos e se eternizar em nosso respeito e admiração. Foram responsáveis por parcela significativa da mineiridade itajubense, nascida em lares, onde se cultuava o amor a Deus e a defesa intransigente dos bons costumes.

É de se destacar a exaustivo trabalho dos elaboradores deste livro. Foram mais de seis anos de contatos, identificações, pesquisas, entrevistas, reuniões, anotações, revisões, quando o empenho da equipe organizadora nunca esmoreceu e manteve-se com a firmeza da vontade de registrar o que fosse “*o mais completo e verdadeiro*”, em textos e fotografias selecionados.

O livro é de agradável leitura. Através dos seus capítulos, o leitor é levado a viajar pelo tempo, seguindo a narrativa fluente de descendentes orgulhosos daqueles pioneiros, que engrandeceram com edificantes exemplos esta terra encantada das Minas Gerais. E, assim, os autores conseguiram agregar essência de eternidade a biografias marcantes, com matizes de Minas acrescidos à milenária tradição “*della bella Italia*”. Diante de nossos olhos desfilam aqueles escultores, pintores, ferreiros, fundidores, serralheiros, sapateiros, latoeiros, alfaiates, padeiros, marceneiros, hoteleiros, comerciantes e tantos outros, que construíram os alicerces culturais de Itajubá, ao som melodioso de suas belas canções repletas de saudades. Itajubá recebeu exemplos de bom gosto e trabalho, sementes efetivas de seu desenvolvimento industrial e cultural.

As histórias narradas eternizam a memória daqueles pioneiros, que deixaram sua marca de amor a esta terra e exemplo de trabalho para sempre.

Fernando Antonio Xavier Brandão
Sócio Efetivo da Academia Itajubense de História
Sócio Correspondente da Academia Itajubense de Letras
Presidente Emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais

13 de Maio de 2013

PREFAZIONE

Labor omnis vincit improbus (Il lavoro persistente tutto vince – Virgilio)

Da alcuni anni i membri della società *itajubense*, discendenti di italiani, hanno costituito un "Comitato Organizzativo sulle origini degli emigranti italiani della città". Dal lavoro di questi idealisti è nato il "CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ", con Statuto costituito e approvato il 13 gennaio 2009. In quel giorno è stato eletto il Direttivo del "CIRCOLO" e riconosciuti i suoi fondatori.

Il "CIRCOLO" è stato fondato da 13 persone: Antonio Claret Consoli, Antonio Francisco Storino, Antonio José dos Santos Trotta, João Otero Diniz, Edna Mércia Mandolesi de Oliveira, Giovanni Trotta, Joaquim Carlos Masselli Barbosa, Márcia Maria Ferrini Fernandes, Maria Helena Sciammarella Pereira, Menotti Chiaradia Filho, Paulo José Ernesto Coelho, Roberto Lamoglia de Carvalho e Ricardo Danilo Restani de Andrade.

La prima missione del "CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ" è stata la pubblicazione di questo libro, con i ricordi dei patriarchi peninsulari. Questo prezioso libro racconta la storia delle famiglie italiane, che si sono stabilite da molti e molti anni ad Itajubá e che si sono distinte nella costruzione del progresso e sviluppo della città, scelta da essi per essere la nuova Patria e la terra natale dei propri figli.

Mi hanno dato l'onore di scrivere la prefazione di questo libro. Lo faccio con molta felicità e rispetto nell'augurio che raccolga un grande successo.

Alla fine del XIX secolo ha preso vita un movimento migratorio di migliaia di Italiani verso il Brasile, soprattutto verso la regione centro-sud, stato del Minas Gerais. Questo fatto è entrato a far parte della storia di Itajubá. In quel tempo gli italiani costituivano il principale gruppo di immigrati in Brasile.

Secondo le mie stime nell'anno 1900 vivevano in Brasile 540 mila italiani, in altre parole il 3,1% della popolazione del Paese era nata in Italia.

"PANE, VINO E MOLTO LAVORO.....ANCHE AMORE – A SAGA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM ITAJUBÁ", titolo che sintetizza il contenuto del libro, è una raccolta di testi di estremo buongusto e sarà da ora in avanti una fonte di ricerca e consultazione per altri lavori letterari simili. Dal punto di vista delle informazioni biografiche, il libro è magnifico. Gli autori non hanno fatto ricorso solo a manoscritti, ma hanno pazientemente ricercato tra libri, giornali, riviste e articoli oltre che nello scrigno dei ricordi di ognuno.

Questo libro è anche la testimonianza del lavoro di persone capaci. A partire da questo materiale eterogeneo e perso nel tempo, gli autori hanno ricostruito la storia della vita di ogni membro di tante onorate famiglie. Il lavoro ha seguito la direzione inizialmente tracciata e merita tutto il nostro rispetto. Il libro riconosce con giustizia il valore del contributo degli immigrati italiani allo sviluppo di Itajubá e testimonia le innumerevoli attività svolte dai loro discendenti e che hanno fatto grande il Minas e il Brasile.

Itajubá è incontestabilmente una città di spicco del Minas Gerais, lo Stato considerato cellula mater del Brasile. Ricco in tradizioni e storia, lo Stato Montanaro sarà per sempre forgiatore della nostra *brasilianità*, grazie agli ideali di Libertà qui coltivati dall'inizio della sua "colonizzazione".

Itajubá, possiede la geografia tipica di Minas Gerais. Il suo paesaggio montagnoso di difficile accesso, le valli strette coperte dal ghiaccio o nascoste dalle nebbie, hanno contribuito allo spirito *diffidente* dell'*itajubense*. Il popolo di questi luoghi ascolta più che parlare e, di conseguenza, è un analitico osservatore, attento nelle decisioni e politico per natura. In questo ambiente così particolare, nel XIX secolo, accettando la sfida, giunsero da lontane le famiglie italiane di pionieri. Esse riuscirono ad adattarsi molto bene grazie anche all'esempio che hanno dato ai brasiliani con il loro lavoro, competenza, coraggio, onestà e simpatia.

"PANE, VINO E MOLTO LAVORO....." evoca lo spirito creativo di quegli italiani coraggiosi, a partire dalle delizie della cucina, fino all'arte, elaborata e sfaccettata, espressa nella scultura, pittura, architettura, musica, ballo, prosa, poesia e teatro, sempre con l'impegno dell'anima e del cuore.

Gli autori del libro ci ricordano, con i loro notevoli e indimenticabili eroi che Minas Gerais sempre è stata sempre una terra accogliente, dove la bellezza delle sue montagne e il fresco dei

suoi boschi invitano tutti a pensare, a mantenere le tradizioni e le radici. Quando le famiglie italiane sono arrivate, Itajubá era una città "adolescente", coltivava le sue feste tradizionali e folcloristiche come quelle degli Imperatori del Divino, in cui i Cristiani combattevano contro i Mori, in una "battaglia" attualmente rappresentata da una danza di guerra in cui i danzatori sono molto compenetrati.

Era anche una Itajubá piena di opportunità. Anche i poeti raccontano di pionieri italiani venuti a sfruttare tali opportunità, affrontando difficoltà nella costruzione delle loro nuove case, nell'allevare i figli rendendo così il nostro rispetto e la nostra ammirazione eterni. Pionieri che hanno avuto un ruolo determinante e significativo per la "*mineiridade itajubense*", nati in case dove si coltivava l'amore di Dio e la difesa intransigente dei buoni costumi.

È da mettere in risalto l'esaustivo lavoro degli autori di questo libro. Sono stati più di sei anni di contatti, identificazioni, ricerche, interviste, riunioni, annotazioni, revisioni. L'impegno del gruppo organizzatore non è mai scemato grazie alla loro forza di volontà finalizzata alla stesura di un libro che fosse "il più completo e vero" per biografie e fotografie selezionate. Il libro è di piacevole lettura. Attraverso i suoi capitoli il lettore è portato a viaggiare nel tempo seguendo le fluenti narrazioni dei discendenti orgogliosi dei pionieri, che hanno reso grande, con edificanti esempi, l'incantevole terra di Minas Gerais. Così gli autori sono riusciti ad aggiungere l'essenza di eternità a biografie che lasciano un segno indelebile, con sfumature di Minas Gerais sommate alle "secolari tradizioni della bella Italia". Davanti ai nostri occhi passano scultori, pittori, fabbri, fonditori, calzolai, sarti, panettieri, falegnami, albergatori, commercianti e tanti altri. Tutti hanno costruito le fondamenta culturali di Itajubá, al suono melodioso delle belle canzoni italiane piene di nostalgia. Itajubá ha ricevuto esempi di buongusto e laboriosità, semi effettivi del suo sviluppo industriale e culturale.

Le storie raccontate rendono eterna la memoria di questi pionieri che hanno segnato per sempre questa terra con il loro amore e con il loro instancabile lavoro.

Fernando Antonio Xavier Brandão
Membro dell'"Academia Itajubense de História"
Membro Corrispondente dell'"Academia Itajubense de Letras"
Presidente Emerito dell'"Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais"

13 de Maio de 2013

Traduttora: Maria Aparecida Perico

PALAVRA DO PRESIDENTE

Este livro é um resgate da história dos imigrantes italianos que se estabeleceram em Itajubá atraídos por um movimento de desenvolvimento industrial na região sul mineira, na ânsia de construir uma nova vida.

No fim do Século XIX e começo do Século XX, a Europa, de um modo geral, atravessava grande transformação política e cultural, com o advento da unificação do Estado Italiano. Os problemas se agravaram e diminuiu a oferta de trabalho para a classe menos favorecida, que tinha pouca escolaridade e nenhuma definição profissional, o que tornou difícil o sustento das famílias.

A Itália, nessa época, foi dominada por diversos senhores - os poderosos - os quais tinham total domínio tanto sobre a região como sobre os súditos, moradores e nativos.

Esta situação gerou grande descontentamento entre a população, que não tinha como modificar esta realidade.

Notando o grande desconforto da população entre os feudos, um grupo de patriotas de várias regiões se uniu, juntando: o idealismo de alguns, como Giuseppe Mazzini; o conhecimento político de outros, como Conde Camillo Bens de Cavour, e o militarismo de Giuseppe Garibaldi, já na Itália, após ter participado da Guerra dos Farrapos no Brasil. Formou-se um tripé que daria origem à unificação da Itália em 1861, juntamente com Vittorio Emanuele II, Rei do Piemonte, o qual se tornaria Rei da Itália Unificada.

A unificação custou muito caro aos italianos: as muitas batalhas que tiveram que enfrentar e a Revolução Industrial que estava chegando à Europa, num momento pouco propício, substituindo a mão-de-obra por máquinas, obrigou a população a procurar outros meios de sobrevivência. Muitos não tiveram alternativas senão deixar a terra natal e procurar as Américas, em busca de uma nova vida no Eldorado Americano, que, realmente, oferecia muito trabalho e muita perspectiva de vida para toda a família.

Esta nova realidade abria o caminho para a América, terra promissora, cheia de riquezas e de oportunidades; um vislumbre de futuro próspero sem precedentes. Nessa mesma época, vieram para Itajubá imigrantes com certos talentos, homens que sabiam desenvolver algum trabalho, como alfaiates, barbeiros, sapateiros, serralheiros, caldeireiros, funileiros, agricultores, marceneiros e outros.

Ainda havia aqueles que se dedicavam à venda de objetos como tachos de cobre, regadores de flandres e lampiões; vendedores de jornais e revistas, além de distribuidores e vendedores de loterias dos governos federal e estadual. Por ser um povo de iniciativa, existia o desejo de dar maior colaboração à sociedade, servindo melhor a terra que os acolhera.

Deste desejo nasceu a ideia de fabricar algo para o consumo. Iniciou-se, então, a industrialização com o surgimento de fábricas familiares como: balas, doces, macarrão, pães, chapéus, guarda-chuvas, sapatos, malas, entre outros. E com isso surgiu a necessidade de oficinas de reparos, de um modo geral.

Enquanto os imigrantes iam se adaptando à nova realidade, participando e se entrosando na sociedade, com a decretação da Lei Áurea em 1888, iniciou-se um fluxo muito grande de famílias que se deslocaram para o Brasil, para substituir a mão de obra escrava nas grandes fazendas de café.

A história da imigração italiana em Itajubá e região se reporta a, mais ou menos, 150 anos. Além deste período de tempo, as repetidas enchentes na cidade e outros fatores causaram muitas dificuldades à equipe responsável pelo livro, uma vez que houve perda de documentos e fotos e da história oral dos mais velhos que não mais existem aqui.

Com a intenção de apresentar nosso trabalho o mais perfeito possível, tivemos que dispor de um tempo mais longo nas pesquisas que tiveram início em 2006.

Com a ajuda das famílias dos imigrantes, juntamos fotos, documentos, descrições orais dos mais antigos moradores, fatos relevantes, histórias familiares, etc. Assim, iniciamos a montagem de nosso objetivo - o Livro.

A apresentação deste trabalho histórico, com certeza, ajudará as novas gerações a produzirem a sua continuação, pois já encontrarão, se não todas, pelo menos grande parte das histórias das

famílias dos imigrantes italianos que aqui chegaram.

Esta parte do trabalho concluído, sem dúvida, coroará, como presente, a iniciativa da 1ª Diretoria do CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ e da 1ª Comissão do Livro, que tornaram possível, com sua dedicação e obstinação, a conclusão desta obra. Neste projeto está incluída a construção de um monumento em homenagem ao nosso imigrante, finalizando a primeira etapa com a promoção de uma festa típica italiana, que será editada todos os anos.

A Diretoria se encarregará, num futuro próximo, do funcionamento do CIRCOLO, da organização de um quadro social permanente, formado por descendentes, para prestar atendimento e assistência a todos que necessitarem.

No encerramento desta mensagem, como presidente deste CIRCOLO, não poderia deixar de agradecer a todos os companheiros, como a todas as famílias que, em conjunto ou individualmente, nos ajudaram a conseguir o êxito, em parte, desta primeira etapa.

GIOVANNI TROTTA
PRESIDENTE DO CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ
Gestão de 15/03/2009 até 15/03/2013

EM NOME DA COMISSÃO DO LIVRO

Tudo começou em um encontro de Antonio Francisco Storino com Giovanni Trotta no centro de Itajubá, na Loja Pink, em que trocaram ideia de registrar a história dos imigrantes italianos que vieram para Itajubá.

Após esse encontro e passados dois anos, em 5 de dezembro de 2006, “Toninho” Storino ofereceu um jantar em sua residência e convidou vários descendentes de italianos para discutirem o projeto lançado por eles.

Assim, propondo o resgate da história de nossos antepassados, os abnegados convidados abraçaram a causa, formando um grupo que deu início e colocou em prática o projeto apresentado.

Agradecemos às famílias *oriundi* que atenderam nossas solicitações, às pessoas que conosco colaboraram, bem como aos nossos patrocinadores, alguns deles viabilizados por Marcello Abílio Pizzo, aos quais, aqui deixamos os nossos mais sinceros agradecimentos.

Um agradecimento especial ao nosso primeiro presidente, Giovanni Trotta, aquele que foi a nossa “locomotiva” e soube nos conduzir com capacidade e firmeza, iniciando a coleta dos dados necessários para a confecção deste livro.

Ao presidente da Academia Itajubense de História, o ativo participante Cel. João Otero Diniz, casado com uma ítalo-brasileira, nossos mais sinceros agradecimentos, pela forma organizada com que nos secretariou.

Um agradecimento especial a Ricardo Danilo Restani de Andrade, que, percebendo as dificuldades do andamento na confecção de nosso livro, após três anos de trabalho, com apenas algumas biografias completadas, por ocasião da reunião para eleição do presidente do Circolo, em 15 de março de 2011, defendeu a reeleição de nosso emérito presidente e pediu para assumir a confecção do livro juntamente a uma comissão.

Aprovada a ideia, Ricardo escolheu os componentes da comissão: Antonio Claret Consoli, Antonio Francisco Storino, Aylor Koenigkam de Oliveira, Edna Mércia Mandolesi de Oliveira e Menotti Chiaradia Filho.

Em seguida, recolheu todas as informações existentes e as colocou em planilha em ordem alfabética, citando os dados existentes e faltantes, e reiniciou os trabalhos de forma ordenada, com a participação de todos da comissão e também do redator e do diagramador. Todas as semanas, eles se reuniam em sua residência para a divisão dos trabalhos de elaboração e pesquisa das famílias Italianas e também para a cobrança do avanço esperado de cada colaborador.

Criada a rotina e com o andamento satisfatório, foi promovido um rodízio dos trabalhos entre todos da comissão que culminou com mais de 250 biografias em menos de dois anos.

Os primeiros componentes da comissão que receberam os volumes de informações foram Edna Mandolesi e seu esposo, Aylor Koenigkam, que imprimiram sua marca na continuação dos trabalhos e também foram incumbidos da pesquisa do mercado gráfico e seus orçamentos, para a impressão de nosso livro.

Em seguida, os trabalhos foram dirigidos por Antonio Storino, que, com sua vasta bagagem de conhecimento das origens das famílias italianas em Itajubá, muito nos ajudou, reduzindo nosso tempo de revisão dos trabalhos.

Finalmente, os trabalhos passaram para as minhas mãos, o que me deu muito prazer, emoção e orgulho. Ressalto aqui as palavras do amigo Ricardo Restani que me emocionaram:

“Agradeço a todos da comissão que não mediram esforços para que nosso objetivo fosse alcançado: “O LIVRO”, porém não poderia deixar de falar de um dos colaboradores da comissão, meu amigo Antonio Claret Consoli, que, quando chegou sua vez de assumir os trabalhos, nos surpreendeu por sua competência, paciência, equilíbrio e seriedade profissional e que acabou ficando também com a árdua tarefa de finalizar os trabalhos inerentes ao livro, o que fez com maestria, demonstrando ser um *bravissimo oriundo italiano*”.

Agradecemos também ao jornalista Antonio Décio de Carvalho, que, como redator, conseguiu transformar “pacotes” de informações em histórias compactas de fácil leitura, e ao diagramador José Maria Gonçalves, que, tomando fotos desgastadas pelo tempo, transformou-as em “novas”,

dispondo-as, de forma muito didática, nas páginas deste livro, e ilustrando, sobremaneira, nosso trabalho: não poderíamos deixar de agradecer-lhes a atenção que tiveram, comparecendo dezoito vezes à residência do “fratello” para que, ao computador, déssemos forma a este projeto, cujos trabalhos, muitas vezes, se prolongavam até altas horas.

Ao jornalista Antonio José dos Santos Trotta que, com sua capacidade poético-jornalística, deu início à formatação deste trabalho, permitindo que a “Comissão do Livro”, mais tarde constituída, tivesse condições de dar continuidade até o final, podendo, assim, entregar à sociedade de Itajubá um legado da saga de nossos imigrantes que fizeram desta terra a sua nova pátria.

Ao Fernando Antonio Xavier Brandão, que elaborou o nosso prefácio com muita competência e maestria.

À professora Miriam Machado Silva, que, com seu conhecimento de nossa Língua Portuguesa, gentilmente se dispôs a fazer a revisão dos textos para que nosso livro ficasse à altura de nossos leitores.

À professora Maria Aparecida Perico, que traduziu o prefácio do livro para o idioma italiano.

À minha amiga Maria Silvana Sica Alves e hoje amiga do Circolo Italo-Brasileiro di Itajubá, italiana de nascença e mineira por adoção, funcionária por sete anos do Comitato degli Italiani, all'estero e hoje voluntária do mesmo e divulgadora de nossas origens.

Aos nossos amigos *Dottore* Nicola Olivieri e a *Dottoressa* Susanna Borriero, pela colaboração e incentivo que sempre nos proporcionaram, mesmo da distante Itália.

À empresa Centrocópia, na pessoa de seu proprietário, José Piazzarolli Sobrinho, pela colaboração na impressão de vários de nossos fascículos.

Ao Saulo Caridade, que, com seu conhecimento e sua arte em fotografia, gentilmente colaborou conosco com o seu belo trabalho.

À Elaine Cristina Pereira, pela sua valiosa contribuição na edição final do nosso livro.

Ao José Raimundo da Silva, autor do Brasão do nosso Circolo.

Esperamos que aqueles jovens que se interessam por nossa história venham dar continuidade com uma 2ª edição desta obra, completando-a com outras biografias que não foram escritas e que são merecedoras de nossas homenagens.

A Comissão do Livro

PARTICIPANTES DA “COMISSÃO DO LIVRO”

Antonio Claret Consoli, Antonio Francisco Storino, Aylor Koenigkam de Oliveira, Edna Mércia Mandolesi de Oliveira, Menotti Chiaradia Filho e Ricardo Danilo Restani de Andrade

HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE ITAJUBÁ

Diferentemente do que ocorreu com quase todas as cidades mineiras dos velhos idos, a fundação da nossa Itajubá não foi obra de nenhum bandeirante, nem do estabelecimento de sesmeiros em suas terras. Nem foi baliza de sertanista atraído pelo ouro ou pelas gemas de suas terras. Ela teve origem na decisão terminante de um sacerdote de largas visões de progresso e da realidade das coisas, que, como um novo Moisés, conduziu seus fiéis paroquianos à procura de uma Canaã sulmineira, para nela assentar um nova sede da Freguesia. Itajubá originou-se da confiança e do respeito depositado em seu pároco. Nasceu e cresceu em função da fé, ao chamado do púlpito.

Tinha o Padre Lourenço da Costa Moreira, inteligente e enérgico, as melhores referências do Vale do Sapucaí, no qual já iam progredindo algumas fazendas dos sesmeiros, os primeiros povoadores.

Na noite de 17 de março de 1819, reuniu o vigário todos os fiéis da paróquia de Soledade de Itajubá e desceram a serra rumo ao Sapucaí, à procura de um lugar aprazível e bom, no qual pudessem construir a nova sede da Freguesia. Houve cânticos, orações e súplicas ao céu para o êxito da jornada. Na manhã seguinte, após a missa, a caravana rumou para as bandas do Sapucaí.

À tarde chegaram todos à confluência dos rios Santo Antonio e Sapucaí, onde acamparam para o descanso e refeição.

Já era noite quando os homens partiram da barra de Santo Antonio, rio abaixo. Aos primeiros lampejos da alvorada, a caravana contornou o outeiro encimado de cabriúvas e candeias de troncos retorcidos. Padre Lourenço determinou o desembarque. Desejou examinar o lugar.

O vigário se deslumbrou com o que contemplava.

Não era preciso prosseguir a viagem. O local parecera excelente para a fundação do novo povoado e a sede da Freguesia. Os homens roçaram uma clareira ao alto, nela armaram, de paus toscos, um altar e o cruzeiro, e o Padre Lourenço da Costa Moreira celebrou a primeira missa na aprazível paragem. Foi esse altar erguido exatamente onde hoje se encontra a Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora da Soledade, na atual cidade de Itajubá.

Era 19 de março de 1819, dia de São José, que coincidia também com a data natalícia do estrênuo e glorioso apóstolo e evangelizador José de Anchieta.

Estava, assim, fundada a nova Itajubá.

A caravana acampou em torno do outeiro. Padre Lourenço, após celebrar a primeira missa, foi ao encontro dos fazendeiros mais próximos e encontrou franco apoio desses estancieiros. Alegriaram-se estes com o propósito do senhor vigário de para ali transferir a sede da Freguesia e construir a capela.

Antes de cuidarem de qualquer atividade agrícola, os homens de caravana do Padre Lourenço deram início ao povoado, construindo casas de taipa e de pau-a-pique nas imediações do outeiro do altar. Uma rua estreita se abriu da beira do rio à clareira do altar. Outra, mais larga, descia do outeiro e ia até a baixada, onde o vigário improvisou uma praça. Era a 'Rua dos Passos', depois 'Rua Direita' (ora Rua Coronel Rennó), e a praça recebeu a designação de Largo dos Passos. No advento da República, ficou sendo a Praça Cesário Alvim e hoje é a Praça Dr. Theodomiro Santiago.

Construídos os barracos, vieram as famílias que haviam ficado no povoado de Soledade de Itajubá (hoje Delfim Moreira) e o resto da escravaria.

A navegação pelo Rio Sapucaí começou logo que o povoado se desenvolveu. Era por meio de barcas que chegavam as mercadorias procedentes do Oeste. O ancoradouro ficava no local que hoje é conhecido por Porto Velho.

Nada se fazia no arraial nascente sem a opinião e o beneplácito do Senhor Vigário, mesmo as pequenas coisas. Era ele que demarcava o local para nova residência, para construção de uma pocilga ou a abertura de uma cisterna. E era ele quem, como juiz respeitado, decidia sobre questões pessoais e acabava com rixas e questões que perturbavam a ordem e a paz.

O novo povoado rapidamente firmou-se graças à colaboração emprestada pelos fazendeiros que, desde pouco antes do início do século, já ocupavam a região, conhecida como Boa Vista do Sapucaí. Outros nomes se sucederam: Capela Nova, Matriz Nova, Boa Vista do Itajubá, Itajubá

Novo etc. Por oposição, a atual Delfim Moreira tornou-se conhecida como Itajubá Velho, denominação que até hoje se anota entre amigos e moradores das duas cidades.

Um resumo sumário da sua história legal registra as seguintes datas e eventos principais:

- 16 de maio de 1822: o povoado é alçado a Curato;
- 29 de agosto de 1831: é criado o Juizado da Paz;
- 8 de novembro de 1831: é suprimida a Freguesia de Itajubá Velho;
- 14 de julho de 1832: por decreto imperial, é criada a nova Freguesia na “Povoação da Boa Vista”;

Em 9 de dezembro de 1848 o Vigário Padre Lourenço da Costa Moreira, o Coronel João Carneiro Santiago e o Dr. Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, jovem advogado, que haviam trabalhado para que Itajubá se tornasse independente do município de Campanha, convidaram o povo para uma concentração no Largo dos Passos, hoje Praça Dr. Theodomiro Santiago, para notificar sobre o grande acontecimento - emancipação do nosso município.

- 21 de junho de 1849: é instalada oficialmente a Vila de Boa Vista de Itajubá e dada posse à primeira “Câmara de Vereadores”, presidida por João Carneiro Santiago;

- 30 de junho de 1849 houve a primeira reunião do Agente Executivo Municipal, (equivalente hoje ao Prefeito Municipal) João Carneiro Santiago, quando foram iniciadas as atividades legislativas de nossa terra.

- 4 de outubro de 1862: a Vila é elevada a Cidade, com o nome oficial de Cidade de Itajubá.

TEXTO GENTILMENTE CEDIDO PELO CONSELHO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE ITAJUBÁ - CODPHAI

MENSAGEM ENVIADA DA ITÁLIA PARA O CIRCOLO ITALIANO

Caro Antonio Consoli.

Questo lavoro è veramente importante perchè la storia della propria Patria d'origine è molto più sentita dalle persone che ne sono lontane, che dagli stessi italiani. In particolare, i giovani dovrebbero conoscere la storia dell'immigrazione italiana in modo da comprendere l'importanza dell'accoglienza degli stranieri. Sono, quindi, orgoglioso di avere un'amico che è un positivo esempio d'italianità.

Un caro saluto a tutti della famiglia e del Circolo Italiano di Itajubá.

Un abbraccio.

Giancarlo Borriero.

Napoli

TRADUÇÃO

Caro Antonio Consoli.

Este trabalho é verdadeiramente importante porque a história da Pátria de origem é muito mais sentida pelas pessoas que estão longe do que pelos próprios italianos. Em particular, os jovens deveriam conhecer a história da imigração italiana de forma a compreenderem a importância do acolhimento por parte dos estrangeiros. Sou, então, orgulhoso de ter um amigo que é um positivo exemplo de italianidade.

Um caro cumprimento a todos da família e do Circolo Italiano di Itajubá.

Um abraço.

Giancarlo Borriero.

Nápoles

FUNDADORES DO CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ

Giovanni Trotta	Presidente
Antonio Claret Consoli	Vice-Presidente
Joaquim Carlos Masselli Barbosa	Diretor Recreativo
Menotti Chiaradia Filho	Diretor Cultural e Patrimonial
Roberto Lamoglia de Carvalho	Diretor Vogal
Antonio Francisco Storino	Tesoureiro
Antonio José dos Santos Trotta	Primeiro Secretário
João Otero Diniz	Segundo Secretário
Ricardo Danilo Restani de Andrade	Conselho Fiscal
Edna Mércia Mandolesi de Oliveira	Conselho Fiscal
Paulo José Ernesto Coelho	Conselho Fiscal
Márcia Maria Ferrini Fernandes	Conselho Fiscal
Maria Helena Sciammarella Pereira	Conselho Fiscal

ADAMI GIUSEPPE



- **Nascimento:** 1º de janeiro de 1889
- **Falecimento:** 20 de março de 1938
- **Pai:** Clemente Adami
- **Mãe:** Antonia Adami
- **Esposa:** Amalia Speri (* 1889, † 14 de julho de 1952)
- **Pais de Amalia:** Angelo Speri e Luísa Loiti Speri
- **Filhos de Giuseppe e Amalia:** Antônio (* 17 de junho de 1916, † 08 de agosto de 1997), Pedro (* 04 de setembro de 1924, † junho de 2000), Benedito (* 12 de outubro de 1926 † 26 de novembro de 2011) e Maria Aparecida

VIDA E OBRA

Giuseppe Adami nasceu no dia 1º de janeiro de 1889, na cidade de Castel Nuovo de Verona, no norte da Itália, sendo filho de Antonia e Clemente Adami.

Em 1901, com 12 anos de idade, Giuseppe atravessou o Atlântico num navio a vapor e desembarcou no porto de Santos - SP. Do porto seguiu viagem para o município de Jaú - SP para trabalhar nas fazendas de café. Tempos depois, mudou-se para a cidade de Araras - SP e se empreendeu em um novo ofício, o de pedreiro.

Giuseppe casou-se com Amalia Speri, uma italiana, também nascida em Verona. O casal ainda morava em Araras quando nasceu o primeiro filho.

A família Adami chegou a Itajubá no início do Século XX, e José (como era chamado) continuou trabalhando como pedreiro. Ele foi um dos construtores do palacete de Dona Amelia Braga, mais tarde de Alcides Faria, ajudou na construção de Santa Casa de Misericórdia e em parte da Matriz de Nossa Senhora da Soledade e trabalhou no calçamento da Avenida Coronel Carneiro Júnior (Rua Nova).

José trabalhou muito e economizou o suficiente para, em 1929, aos 40 anos, abrir o seu

ADAMI: Oriundo da cidade de Castelnuovo di Verona, região do Veneto

próprio comércio, o “Armazém São Pedro”, de José Adami e filhos. Em sua loja, vendia-se uma variedade de produtos como bijoutherias, vasilhames, ferragens, louças, armas e munições, artigos para caçadores e pescadores, armarinho e fogos de artifícios.

Os filhos de José Adami o ajudaram no dia-a-dia de seu comércio até o seu falecimento, quando a loja passou a se chamar Casa Adami, de irmãos Adami Ltda.

Sua esposa, a imigrante italiana Amalia foi sepultada em Itajubá no dia 14 de julho de 1952, aos 63 anos.

Giuseppe Adami também faleceu na cidade de Itajubá, no dia 20 de março de 1938, aos 49 anos.

ADAMI ANTÔNIO “TONICO”



Crianças em pé da esquerda para direita: Antonio Cláudio e Paulo Sérgio. Sentados: José Henrique e Cláudia Maria e no centro Yole Cappello Adami

- **Nascimento:** 17 de junho de 1916
- **Falecimento:** 08 de agosto de 1997
- **Pai:** Giuseppe Adami
- **Mãe:** Amalia Speri Adami
- **Esposa:** Yole Cappello
- **Pais de Yole:** Primo Cappello e Antonia Azzini “Assini”
- **Filhos de Antônio e Yole:** Antônio Cláudio (*14 de março de 1947), Paulo Sérgio (*18 de agosto de 1949), José Henrique (*18 de abril de 1954) e Cláudia (*19 de outubro de 1955)

VIDA E OBRA

Antônio Adami nasceu no dia 17 de junho de 1916, na cidade de Araras - SP. Filho de imigrantes italianos, oriundos da cidade de Verona, no norte da Itália, Amalia e Giuseppe Adami.

Seu pai chegou, em 1901, ao Brasil, com apenas 12 anos de idade, foi trabalhar em uma fazenda de café, em Jaú, no interior de São Paulo. Quando Antônio nasceu, seus pais moravam na cidade de Araras - SP.

A família Adami chegou a Itajubá, no início do Século XX. Seu pai ainda trabalhava como

pedreiro e, mais tarde, conseguiram abrir um comércio, o “Armazém São Pedro”, de José Adami e filhos.

Antônio ganhou o apelido de ‘Tonico’ e, com 13 anos, já ajudava o pai na loja. Um estabelecimento que vendia uma variedade de produtos como bijouterias, vasilhames, ferragens, louças, armas e munições, artigos para caçadores e pescadores, armarinho e fogos de artifícios.

Tonico Adami casou-se com Yole Cappello, filha caçula de Antonia Azzini “Assini” e Primo Cappello, um imigrante italiano natural da cidade de Este. O casal teve quatro filhos.

Depois da morte de Giuseppe, em 1938, os irmãos Adami continuaram com o estabelecimento e vendendo os mesmos artigos, mudando apenas o nome da empresa, que passou a se chamar Casa Adami – de irmãos Adami Ltda.

Trinta e um anos depois do falecimento de Giuseppe, nos últimos dias de julho de 1969, os irmãos acharam por bem desfazer a sociedade, e Tonico montou a sua própria loja na esquina da Rua Maria Carneiro com a Rua Miguel Braga, no bairro Boa Vista.

Porém, no dia 30 de agosto de 1970, aconteceu uma tragédia no estabelecimento de Tonico. Como ele vendia fogos de artifício e bombas de emprego industrial, um estouro no depósito causou a morte de cinco pessoas e feriu outras tantas. O local ficou completamente destruído por esse acidente sem precedentes na história de Itajubá.

Devido à tragédia, a Câmara Municipal de Itajubá, em sua sessão do dia 1º de setembro, dois dias após o trágico acidente, criou uma lei que tornasse proibido o comércio de fogos dentro do perímetro urbano.

Os prejuízos causados foram imensos e Tonico Adami se viu diante de um novo recomeço. Ele, então, preferiu continuar em outra atividade e tornou-se funcionário da CAMIG, até aposentar-se.

Antonio Adami faleceu em Itajubá, no dia 08 de agosto de 1997, aos 81 anos.



Armazém São Pedro de José Adami e filhos

ADAMI PEDRO



- **Nascimento:** 04 de setembro de 1924
- **Falecimento:** 05 de junho de 2000
- **Pai:** Giuseppe Adami
- **Mãe:** Amalia Speri Adami
- **Solteiro**

VIDA E OBRA

Pedro Clemente Adami nasceu no dia 04 de setembro de 1924, na cidade de Itajubá. Era filho dos imigrantes italianos Amalia e Giuseppe Adami, oriundos da cidade de Verona, no norte da Itália. O nome Clemente é uma homenagem ao avô paterno de Pedro.

Quando a família Adami chegou a Itajubá, no início do Século XX, seu pai ainda trabalhava como pedreiro. Em 1929, quando seu pai conseguiu abrir um comércio, o “Armazém São Pedro”, de José Adami e filhos, Pedro tinha apenas cinco anos.

Era um estabelecimento que vendia uma variedade de produtos como bijouterias, vasilhames, ferragens, louças, armas e munições, artigos para caçadores e pescadores, armarinho e fogos de artifícios.

Depois da morte prematura de Giuseppe, em 1938, os irmãos Adami continuaram com o estabelecimento e vendendo os mesmos artigos, mudando apenas o nome da empresa que passou a se chamar “Casa Adami”, de irmãos Adami Ltda.

No final de julho de 1969, os irmãos Adami, de comum acordo, resolveram separar a sociedade. Tônico Adami montou um depósito de explosivos no bairro Boa Vista. Pedro preferiu trabalhar no sítio e Benedito ficou com a Casa Adami, localizada à Rua João de Azevedo.

Pedro ajudava o irmão Benedito na loja quando solicitado e acabou por morar com o irmão. Ele não se casou e faleceu em junho de 2000.

ADAMI BENEDITO



- **Nascimento:** 12 de outubro 1926
- **Falecimento:** 26 de novembro de 2011
- **Pai:** Giuseppe Adami
- **Mãe:** Amalia Speri Adami
- **Esposa:** Denyr Rodrigues (*29 de outubro de 1930)
- **Pais de Denyr:** Feliciano Rodrigues Simões e Margarida Paixão Simões
- **Filhos de Benedito e Denyr:** José Feliciano, Ângelo Flávio e Amaliadora

VIDA E OBRA

Benedito Adami nasceu no dia 12 de outubro de 1926, na cidade de Itajubá. Era filho dos imigrantes italianos Amalia e Giuseppe Adami, oriundos da cidade de Verona, no norte da Itália. É o terceiro filho do casal.

Quando a família Adami chegou a Itajubá, no início do Século XX, seu pai ainda trabalhava como pedreiro. Em 1929, quando seu pai conseguiu abrir um comércio, o “Armazém São Pedro”, de José Adami e filhos, Benedito tinha apenas três anos e não imaginava que seria o sucessor do pai até os dias atuais.

O Armazém era um estabelecimento que vendia uma variedade de produtos, como bijouterias, vasilhames, ferragens, louças, armas e munições, artigos para caçadores e pescadores, armarinho e fogos de artifícios. Benedito se casou com Denyr Rodrigues. O casal teve três filhos:

José Feliciano, Ângelo Flávio e Amaliadora.

Depois da morte de Giuseppe, em 1938, os irmãos Adami continuaram com o estabelecimento. Vendiam os mesmos artigos, mas mudaram o nome da empresa, que passou a se chamar Casa Adami, de irmãos Adami Ltda.

No final de julho de 1969, os irmãos Adami, de comum acordo, resolveram separar a sociedade. Tônico Adami montou a sua própria loja na esquina da Rua Maria Carneiro com a Rua Miguel Braga, no bairro Boa Vista. Pedro preferiu trabalhar no sítio e Benedito ficou com a Casa Adami, localizada na Rua João de Azevedo.

A loja ainda está em pleno funcionamento, tendo completado, em 2009, 80 anos de dedicação ao comércio e a sua clientela. É uma loja que venceu as dificuldades e os desafios de cada época, tornando-se um dos mais tradicionais comércios da história de Itajubá.

Benedito Adami, depois de muito trabalho, muito esforço e dedicação, repassou o comércio que herdou do pai para a terceira geração. Atualmente, a loja é administrada por José Feliciano, filho do casal Benedito e Denyr.



Cidade de Castelnuovo di Verona

AZZINI "ASSINI" ANTONIO



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Remedello Sopra

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** 21 de março de 1942
- **Pai:** Giovanni Azzini "Assini"
- **Mãe:** Pasqua Tosoni
- **Esposa:** Odilia Arzini "Assini"
- **Pais de Odilia:** Luigi e Angelica Cervi
- **Filhos de Antonio e Odilia:** Pasqua (* 26 de dezembro de 1883, † 19 de julho de 1959), Angelica (* 28 de março de 1886, † 31 de maio de 1961), Antonia (* 23 de maio de 1888, † 23 de outubro de 1972), Francesco (* 25 de março de 1893 † não há dados), Maria (* 07 de setembro de 1895, † 13 de janeiro de 1979), Americo (* 27 de maio de 1898, † 26 de janeiro de 1980), João (* 13 de abril de 1902, † não há dados) e Luiz (* 07 de maio de 1904, † 07 de maio de 1986).

VIDA E OBRA

Antonio, um agricultor católico, desembarcou no Porto de Santos, no vapor Assiduità, em 9 de dezembro de 1897, procedente do Porto de Genova, com a esposa Odilia, com 44 anos e os filhos: Pasqua, com 14, Angelica com 11, Antonia com 9, Francesco com 5 e Maria com 2. Nasceram, posteriormente em São Paulo, Americo, João e Luiz.

Antonio veio para o Brasil para trabalhar na fazenda de café Santa Thereza, de propriedade de Francisca S. do Val, em Ribeirão Preto, no interior do estado de São Paulo. Transferiu-se depois com a família para São Paulo, onde residiu até 1914. Presume-se que em 1915 mudou-se para Itajubá com a esposa e os filhos Francesco, Americo, João e Luiz para ficar próximo da filha Antonia e do genro Primo Cappello.

ASSINI: Oriundo da cidade de Remedello Sopra, Província de Brescia, região da Lombardia

Residiram numa chácara nos arredores da cidade onde plantavam verduras e legumes, que vendiam para o sustento da família. Odília, além de cuidar das hortaliças, era professora. Antonio, após a morte de sua esposa, ocorrida em 1924, retornou à cidade de São Paulo, onde faleceu e foi sepultado.

AZZINI "ASSINI" ANTONIA



- . **Nascimento:** 23 de maio de 1888
- . **Falecimento:** 23 de outubro de 1972
- . **Pai:** Antonio Azzini "Assini"
- . **Mãe:** Odília Arzini "Assini"
- . **Esposo:** Primo Cappello (* 01 de janeiro de 1887, † 13 de fevereiro de 1955)
- . **Pais de Primo:** Giovanni Cappello e Natalina Elisabetta Scaggion
- . **Filhos de Antonia e Primo:** Elisa (* 05 de junho de 1909, † 13 de agosto de 1991), Odília (* 26 de outubro de 1913, † 24 de novembro de 1969), Segundo "Secondo" (* 16 de março de 1915, † 02 de outubro de 1980), Fernando (* 29 de outubro de 1917, † 25 de março de 1992), Aída (* 19 de março de 1920, † 30 de julho de 1947), Joanina (* 28 de dezembro de 1921, † 25 de dezembro de 2012), Geovani (* 24 de janeiro de 1924, † 25 de junho de 1963), Yole (* 06 de novembro de 1926, † 18 de maio de 1982) e Primo Filho (* 07 de novembro de 1927, † 09 de setembro de 2008)

VIDA E OBRA

Natural da cidade de Remedello Sopra, Antonia, com 9 anos, veio para São Paulo com seus

pais, Antonio e Odilia, e os irmãos Pasqua, Angelica, Francesco e Maria. Residiu, inicialmente, em Ribeirão Preto e, depois, em São Paulo, onde trabalhou como tecelã.

Casou-se com Primo Cappello no dia 8 de agosto de 1908. Em 1913, mudou-se com a família para Itajubá. Trabalhou na fábrica de tecidos "Codorna". Era morena, de olhos azuis, muito tranquila, discreta e risonha, e sua vida voltada para a família.

Gostava de jogar escopa e de usufruir da estação de águas minerais em São Lourenço com o esposo, Primo, e de fazer suas apostas diárias no "jogo de bicho". Faleceu na cidade do Rio de Janeiro e seu corpo foi trasladado e sepultado em Itajubá.

AZZINI "ASSINI" AMERICO



- . **Nascimento:** 27 de maio de 1898
- . **Falecimento:** 26 de janeiro de 1980
- . **Pai:** Antonio Azzini "Assini"
- . **Mãe:** Odilia Arzini "Assini"
- . **Esposa:** Anna Ignacia Nunnes (*20 de novembro de 1899, † 19 de março de 1974)
- . **Pais de Anna Ignacia Nunes:** Manoel Nunes Coimbra e Maria Cândida da Soledade
- . **Filhos de Americo e Anna Ignacia:** Ildefonso (falecido), Terezinha (falecida), Geni (falecida), Celina, Nalzira (falecida), Neiva, Odilia (falecida), Elzira e Francisco (falecido)

VIDA E OBRA

Americo foi o primeiro filho de Antonio e Odilia nascido no Brasil, em São Paulo, e o seu nome foi uma homenagem à América. Em companhia dos pais, ainda jovem, mudou-se para

Itajubá para ficar próximo da irmã Antonia e do cunhado Primo Cappello e usufruir de um clima mais adequado para a sua bronquite.

Americo trabalhou na Fábrica de Armas, atual IMBEL, até a aposentadoria como fixador de coronhas de fuzil e de armas de caça. Casou-se com Anna Ignacia Nunes em 10 de janeiro de 1924 e tiveram 9 filhos.

Gostava de jogar víspera com os familiares após os almoços de domingo. Tímido, não se arriscava a mostrar sua bela voz de tenor, exceto quando animado por alguns copos de vinho. Cantava sempre desafiado para um dueto com o cunhado Primo ou com o sobrinho 'Secondo' .

Além da música, Americo gostava de pescar e de caçar rãs. No jogo de truco, Elias Izidoro, José Garibaldi e Luiz Veiga eram seus invariáveis companheiros. Andava sempre vestido de paletó, sem gravata, e com um inseparável chapéu de feltro, de cor cinza.

Americo faleceu em 26 de janeiro de 1980.



Foto: Marcello Abílio Pizzo

Museu Cívico Arqueológico de Remedello Sopra

BARBATO BERNARDINO



- **Nascimento:** Não há dados
- **Falecimento:** 1914
- **Pai:** Bernardino Barbato
- **Mãe:** Filomena Barbato
- **Esposa:** Maria Domiciana Rodrigues
- **Pais de Maria Domiciana:** Domiciano João Rodrigues e Ana Rodrigues da Conceição
- **Filhos de Bernardino e Maria Domiciana:** Cristina, Francisco, Filomena, Antônio, Brás, Orestes, José e Geraldo.

VIDA E OBRA

Fontes bibliográficas mostram que a família Barbato deixou traços de sua nobreza no tempo, tendo sua origem na região do Veneto, na Itália. Sabe-se que, do Século XV em diante não mais possuíam feudos.

Alguns elementos da família Barbato migraram para a cidade de Nápoles, na região da Campania, onde tentaram patentear sua nobreza, ocupando outros cargos e usando de outros meios para sua sobrevivência, tentando, assim, marcar na sociedade a época de esplendor vivida anteriormente.

Bernardino Barbato é filho de Bernardino Barbato e Filomena Barbato, uma família de italianos, da cidade de Nápoles. Bernardino veio com dois irmãos para o Brasil na segunda metade do Século XIX. Um foi para o Paraná; o outro, para São Paulo, e Bernardino Barbato, para Minas Gerais.

BARBATO: Oriundo da cidade de Napoli (Nápoles), região da Campania.

Por volta de 1887, chegou a Itajubá para trabalhar na expansão da construção da rede ferroviária.

Funcionário da Viação Ferroviária Sapucaí, mais tarde Rede Mineira de Viação, e morando em Itajubá, Bernardino casou-se, em 1889, com Maria Domiciana Rodrigues.

A "Rede" expandia-se em direção à cidade de Santa Rita do Sapucaí. Ao chegar à região de Olegário Maciel – na época, pertencente ao Município de Itajubá – Bernardino fixou residência e criou os filhos, até aposentar-se da Rede Mineira de Viação.

O casal teve oito filhos: Cristina Barbato, Francisco Barbato, Filomena Barbato, Antônio Barbato, Brás Barbato, Orestes Barbato, José Barbato e Geraldo Barbato.

Quase todos os filhos homens de Bernardino trabalharam na rede ferroviária, com idas constantes a Itajubá. Em 1954, José Barbato passou a trabalhar na Rede Ferroviária, e Brás Barbato, depois de aposentado, mudou-se para a mesma cidade, onde ambos criaram seus filhos.

Uma de suas netas, Maria José Barbato, filha de Francisco Barbato e Maria Luzia Minchetti, casou-se com Benedito Storino, filho do imigrante italiano Antônio Storino, passando a morar em Itajubá.

Bernardino Barbato faleceu em 1914.

BARBATO FRANCISCO



- **Nascimento:** 25 de setembro de 1890
- **Falecimento:** 24 de julho de 1977
- **Pai:** Bernardino Barbato
- **Mãe:** Maria Domiciana Rodrigues Barbato
- **Esposa:** Maria Luzia Minchetti (* 13 de dezembro de 1888, † 05 de agosto de 1969)
- **Pais de Maria Luzia:** Luigi Minchetti e Adélia Minchetti
- **Filhos de Francisco e Maria Luzia:** Maria José (* 22 de março de 1918, † 05 de fevereiro de 2003); Benedita (* 30 de setembro de 1919, † 21 de junho de 2003); José (* 27 de março de 1921, † 19 de novembro de 1999); Luiz (* 21 de janeiro de 1924, † 27 de agosto de 1977).

VIDA E OBRA

Francisco Barbato nasceu em 25 de setembro de 1890, no bairro dos Rennó, município de Santa Rita do Sapucaí. Filho de imigrante italiano de Nápoles, Bernardino Barbato e de Maria Domiciana Rodrigues Barbato. O pai veio para trabalhar na expansão da Rede Mineira de Viação, quando da sua construção na região de Itajubá.

Francisco Barbato seguiu o ofício do pai; logo moço, ingressou na Rede Mineira de Viação, em Olegário Maciel. Como funcionário da Rede, foi um dos responsáveis pela destruição de um pontilhão, impedindo, assim, a chegada do comboio de soldados paulistas até Itajubá, na Revolução de 1932,

Em 1917, Francisco e Maria Luzia Minchetti se casaram. Mariquinha, como era conhecida, era filha de Luigi Minchetti e Adélia Minchetti, imigrantes italianos da cidade de Lucca, na Toscana, que eram fazendeiros em Olegário Maciel.

Na casa do casal funcionou, durante muitos anos, o telefone público de Olegário Maciel. Mariquinha era a telefonista, além de ser a parteira da região.

Francisco aposentou-se na Rede Ferroviária, cuidando do trecho entre Itajubá e Olegário. Além de trabalhar na Rede, Francisco fabricava colchões de crina e capim, que eram fornecidos para seu genro, Benedito Storino, proprietário de uma casa de móveis, em Itajubá.

Francisco Barbato faleceu em Itajubá, aos 86 anos, em 24 de julho de 1977.

BARBATO JOSÉ



Maria José Prudêncio dos Santos - 2ª esposa

- **Nascimento:** 02 de abril de 1909
- **Falecimento:** 13 de julho de 1995
- **Pai:** Bernardino Barbato
- **Mãe:** Maria Domiciana Rodrigues Barbato
- **1ª Esposa:** Maria Esmeralda
- **Pais de Maria Esmeralda:** Não há dados

- **Filhos de José e Maria Esmeralda:** Adão Barbato, Marcos Barbato e Graça Barbato
- **2ª Esposa:** Maria José (* 30 de maio de 1910, † 25 de janeiro de 1999)
- **Pais de Maria José:** José Prudêncio Santos e Maria Augusta Prudêncio dos Santos
- **Filhos de José e Maria José Prudêncio Barbato:** Nazaré, Maria do Carmo, Lourdes, Maura, Marta, Áurea, João Batista e José Roberto.

VIDA E OBRA

José Barbato é filho de Bernardino Barbato, imigrante italiano da cidade de Nápoles, e de Maria Domiciana Rodrigues Barbato. José também seguiu a profissão do pai e, aos 15 anos, ingressou na Rede Mineira de Viação como funcionário. Cuidava do trecho entre Itajubá e Pouso Alegre.

A família Barbato foi uma das famílias que muito contribuiu para o transporte ferroviário na região sulmineira. Não só pessoas, mas também mercadorias eram transportadas pelas linhas ferroviárias até seu destino.

Seu pai trabalhou na expansão da rede ferroviária e abriu caminho para várias localidades. Os filhos, entre eles José, também contribuíram para, além de expansão, manter a rede em funcionamento nos trechos em que atuavam como funcionários.

Em 1954, José foi transferido para Itajubá, onde educou seus filhos até aposentar-se.

José casou-se com Maria Esmeralda. O casal teve três filhos. Enviuvou-se e contraiu segundas núpcias com Maria José Prudêncio, com quem teve oito filhos. Ele viveu até a sua quarta geração, deixando filhos, netos, bisnetos e trinetos.

Em Itajubá, José participava ativamente da Paróquia São José Operário, onde atuou como ministro extraordinário da comunhão eucarística e adorador noturno por muitos anos.

José faleceu, em Itajubá, em 13 de julho de 1995, aos 86 anos de idade.



Foto: Antonio C. Consoli

Vista Cidade de Napoli (Nápoles)

BERTI BERTRANO



Bertrano, Luiza Gardini com a neta Luiza Helena

- **Nascimento:** 23 de março de 1874
- **Falecimento:** 1940
- **Pai:** Carlo Berti
- **Mãe:** Celate Tereas
- **Filhos de Bertrano do 1º casamento:** Astholfo (falecido), Anthea (falecida)
- **Esposa do 2º casamento:** Luiza Gardini (* 22 de setembro de 1886, † 1945)
- **Filhos de Bertrano e Luiza:** Orlando (* 28 de julho de 1917 † 08 de outubro de 2004), Olinda (falecida), Yolanda (falecida), Geraldo (faleceu lutando na Segunda Guerra Mundial, na Itália), Reinaldo (falecido)

VIDA E OBRA

Bertrano Berti nasceu em 23 de março de 1874, em Viscopisano, distrito militar de Livorno, circundário de Pisa.

Serviu o Exército italiano de 1894 a 1897 e chegou ao Brasil em 1898, com 24 anos, tendo desembarcado no Porto de Santos - SP. Casou-se no Brasil e logo ficou viúvo, com dois filhos.

Em 1911, casou-se com Luiza Gardini, nascida em 22 de setembro de 1886 na cidade de Mantua. Ela chegou ao Brasil em 1892.

Fixaram residência em Caçapava – SP, onde se dedicaram ao comércio, com uma mercearia. Nesta cidade tiveram cinco filhos e ali faleceu em 1940, Bertrano Berti.

BERTI: Oriundo de Viscopisano, Província de Pisa, região da Toscana

BERTI ORLANDO



- **Nascimento:** 28 de julho de 1917
- **Falecimento:** 08 de outubro de 2004
- **Pai:** Bertrano Berti (* 23 de março de 1874 † não há dados)
- **Mãe:** Luisa Gardini (* 22 de setembro de 1886 † não há dados)
- **Esposa:** Sebastiana Pereira (* 16 de janeiro de 1913)
- **Filhos de Orlando e Sebastiana:** Luiza Helena (* 11 de dezembro de 1942), Linda Mara (* 23 de março de 1943), Leila Dalva (* 19 de novembro de 1944) e Marcos (* 18 de maio de 1951)

VIDA E OBRA

Orlando Berti nasceu em 28 de julho de 1917.

Casou-se com Sebastiana Pereira, nascida em 16 de janeiro de 1913. Tiveram quatro filhos: Luiza Helena Berti, Linda Mara Berti, Leila Dalva Berti e Marcos Pereira Berti.

Orlando trabalhou por mais de 40 anos na Fábrica de Armas, atual IMBEL, como instrutor de ferramentaria. Depois que se aposentou aos 60 anos, ele passou a trabalhar na Escola Federal de Engenharia de Itajubá - EFEI, atual UNIFEI, onde foi instrutor de Mecânica Prática (Oficina de Mecânica). Destacou-se pelo carinho com que tratava os alunos e pela alegria que sentia por estar trabalhando naquele local, onde se aposentou aos 75 anos. Era também relojoeiro, mecânico de motores de popa e pescador.

BOER ANGELO



Angelo Boer e esposa Sofia. Da esquerda para a direita: José Boer, no colo, Anita, Helena e Augusto

- **Nascimento:** 28 de fevereiro de 1870
- **Falecimento:** 19 de junho de 1933
- **Pai:** não temos informações
- **Mãe:** não temos informações
- **Esposa:** Sofia (* e † não há dados)
- **Pais de Sofia:** não temos informações
- **Filhos de Angelo e Sofia:** Helena (* e † não há dados), Anita (* e † não há dados), Augusto (* e † não há dados), José (* e † não há dados) e Antonio (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Angelo Boer nasceu no dia 28 de fevereiro de 1870 em Veneza, na Itália.

Era mecânico de navio e ferreiro, e imigrou para o Brasil por indicação de seu irmão, aos 22 anos de idade. Ao chegar em terras brasileiras, percebeu que o lugar era ideal para viver, constituir família e melhorar de vida, pois havia muitas oportunidades para trabalhadores como ele e outros imigrantes italianos.

No Brasil, casou-se com Sofia Boer, com quem teve cinco filhos: Helena, Anita, Augusto, José e Antonio. Em Itajubá residiu na Rua da Palha, Centro, atual Rua Coronel Francisco Braz.

Foi proprietário da Oficina Veneziana Mecânica, no Largo dos Andradas, atual Praça Getúlio Vargas, inaugurada em 1905 e especializada em obras de ferraria, serralheria e fundição de bronze.

Em sociedade com Manuel Rodrigues Pinto, fundou uma oficina de serralheria na Rua José Joaquim, sob a razão social Angelo Boer & Pinto.

BOER: Oriundo da cidade de Venezia (Veneza), região do Veneto

Entre as obras por ele produzidas, destacam-se o portão da Santa Casa de Misericórdia; as armações do antigo Mercado Municipal, no Centro da cidade, e os arcos da Ponte do Mercado, além de artefatos de bronze, como florões, estatuetas e imagens para ornamentos de portões, escadas, alpendres, jardins, túmulos etc.

Atuou como mestre de serralheria e ferraria no Instituto Dom Bosco, educandário de ensino profissionalizante, mais tarde com o nome de Escola de Horticultura, e hoje, Escola Estadual Wenceslau Braz. Um de seus alunos, o aprendiz Gutenberg, foi um dos mais conhecidos ferreiros das primeiras décadas do Século XX em Itajubá.

Angelo Boer faleceu em 19 de junho de 1933 em Itajubá.



Foto: Marco Antonio Ribeiro P. Consoli

Canal de Venezia (Veneza)

BONAFÉ GIUSEPPE



- **Nascimento:** 1869
- **Falecimento:** 09 de julho de 1936
- **Pai:** Pedro Bonafé
- **Mãe:** Carolina Bocato Bonafé
- **Esposa:** Rosa Pachiela (*1873, † 19 de novembro de 1950)
- **Pais de Rosa:** Pedro Pachiela e Maria Pachiela
- **Filhos de Giuseppe e Rosa:** Vilma (* 1888, † 1890), Pedro, Maria Bonafé, Antônio Bonafé (*1902, † 1929), Luiz Bonafé (* 1904, † 1972), Hermínia Bonafé (*1906, † 9 de novembro de 1992), José Bonafé Filho (* 1908, † abril de 1981), Sebastião Bonafé (*1910, † agosto de 1992), Henriqueta Bonafé (*1911), Victor Bonafé (*1914, † 1976) e Jandira Bonafé (* 1917, † 1960).

VIDA E OBRA

Giuseppe Bonafé, da cidade de Palermo, e Rosa Pachiela, de Rovigo, se casaram e foram morar na cidade de Pádua (Padova), onde ele exercia a profissão de construtor e marceneiro. Lá tiveram sua primeira filha, Vilma, e mais tarde um menino, Pietro “Pedro”.

A família resolveu vir para o Brasil como imigrante por volta de 1890. Giuseppe, um devoto de Santo Antônio de Pádua, esculpiu a imagem do santo com o Menino Jesus nos braços, para que ele os acompanhasse durante toda a travessia do Atlântico. Uma obra de arte que permaneceu em terras brasileiras até quando foi destruída pela enchente em Itajubá no ano de 2000.

Durante a viagem, uma epidemia se alastrou pelo navio e vários viajantes morreram, inclusive sua filha Vilma, com 2 anos de idade. Os mortos foram jogados ao mar, mas, mesmo assim, ao chegar ao porto de Santos, no Brasil, o navio não pode atracar e seus ocupantes tiveram que permanecer em quarentena.

BONAFÉ: Oriundo da cidade de Palermo, Sicília

Já no Brasil, a família foi morar em São Paulo; depois, em várias cidades de Minas Gerais, quando, em 1919, chegou a Itajubá. Instalados, Giuseppe trabalhava como construtor, chegando a erguer as casas da Vila Vicentina e outras casas no município.

Suas economias permitiram comprar um terreno na Avenida São Vicente de Paulo e, aos poucos, construiu sua própria casa e um cômodo comercial. Montou sua mercearia, onde vendia de tudo, principalmente fumo, e arriscou-se no ramo do comércio.

Como um bom italiano, tocava viola e cantava, com as filhas, nos bailinhos por toda cidade. . Ao todo, o casal teve 11 filhos, sendo seis homens e cinco mulheres, que lhes deram 46 netos, 58 bisnetos, 36 trinets e 5 tetranetos.

Giuseppe faleceu no dia 9 de julho de 1936, aos 66 anos de idade. Sua esposa viveu mais 14 anos e faleceu em 19 de novembro de 1950, aos 77 anos, em Taubaté - SP, mas foi trazida para Itajubá e seu corpo foi sepultado no Cemitério Paroquial.

BONAFÉ HENRIQUETA

Henriqueta Bonafé Gonçalves, filha de Giuseppe Bonafé e Rosa Pachiela Bonafé, nasceu em Silvianópolis em 1911. Casou-se em Itajubá com Avelino Gonçalves, com quem teve três filhos e três filhas, Hélio, Hercília, Maria Aparecida, Célia, Raimundo e Sebastião.

Henriqueta está com 103 anos, é lúcida, vive em companhia de sua filha Célia e feliz com seus filhos, 16 netos, 36 bisnetos e 20 trinets. Reside no bairro da Varginha, em Itajubá.



BONAFÉ ANTÔNIO



- **Nascimento:** 1899
- **Falecimento:** 27 de agosto de 1929
- **Pai:** Giuseppe Bonafé
- **Mãe:** Rosa Pachiela Bonafé (*1873, † 19 de novembro de 1950)
- **Esposa:** Maria Francisca Ferreira (Cotinha)
- **Filhos de Antônio e Maria Francisca:** Nércio Ferreira Bonafé (* 07 de janeiro de 1927, † 13 de janeiro de 1983) e José Ferreira Bonafé (* 11 de julho de 1928, † 26 de julho de 1985)

VIDA E OBRA

Mais conhecido como Tônico Bonafé, Antônio Bonafé era filho do casal italiano Giuseppe Bonafé e Rosa Pachiela Bonafé. Na labuta do pai como construtor, Tônico aprendeu o ofício de pintor e o auxiliava no acabamento das construções.

Conta-se que o pagamento que os dois recebiam no fim de semana era entregue nas mãos de dona Rosa (o de Giuseppe) e de Maria Francisca (o de Tônico). Elas eram as responsáveis pela economia e pelos gastos de suas famílias, e até o dinheiro para o cigarro elas lhes davam depois.

Antônio Bonafé teve dois filhos, Nércio Ferreira Bonafé e José Ferreira Bonafé.

Nércio exerceu a profissão de contador e de professor na Escola de Horticultura de Itajubá.

Bonafé: Oriundo da cidade de Palermo, Sicília

Casou-se com Cléria de Alencar e tiveram seis filhos, dois homens e quatro mulheres.

Segundo o historiador Armelino Guimarães, Nércio foi bancário e um dos fundadores, em 26 de março de 1955, da Cooperativa dos Bancários de Itajubá, inaugurada em 1º de maio do mesmo ano.

Nércio faleceu em 13 de janeiro de 1983 com 56 anos de idade.

José, o caçula de Antonio e Maria Francisca, durante 18 anos trabalhou na extinta fábrica de tecidos Codorna. Foi comerciante e teve, com o irmão, uma gráfica.

Casou-se com Maria Terezinha Teixeira e tiveram duas filhas e dois filhos. José Ferreira Bonafé faleceu aos 57 anos.

Tônico faleceu ainda jovem com trinta anos em 27 de agosto de 1929, deixando os filhos, o primeiro com 2 anos e o segundo com 1 ano de idade.

BONAFÉ SEBASTIÃO



- **Nascimento:** 1910
- **Falecimento:** agosto de 1992
- **Pai:** Giuseppe Bonafé
- **Mãe:** Rosa Pachiela Bonafé
- **Esposa:** Zaíra Pereira
- **Filhos de Sebastião e Zaíra Pereira:** Laércio (* 22 de outubro de 1939), Laíce (* 14 de setembro de 1941), Lenice (* 20 de novembro de 1943), Lailton (* 21 de abril de 1947), Eliana (* 29 de setembro de 1952) e Sebastião Bonafé Júnior (* 02 de outubro de 1954)

VIDA E OBRA

Filho dos imigrantes italianos Giuseppe e Rosa, Sebastião Bonafé casou-se com Zaíra Pereira e tiveram seis filhos. Segundo relato do historiador Armelino Guimarães, Sebastião foi um dos funcionários mais antigos e eficientes da Fábrica de Armas (atual IMBEL) pela sua alta competência como mecânico.

BONALDI EGYDIO



- **Nascimento:** 08 de novembro de 1897
- **Falecimento:** 12 de outubro de 1982
- **Pai:** Pietro Antonio Donato Bonaldi (* 1876)
- **Mãe:** Maria Bonaldi
- **1ª Esposa:** Filomena Cutolo Bonaldi (* 1903, † 02 de novembro de 1932)
- **Pais de Filomena:** Amello Cutolo
- **Mãe de Filomena:** Filomena Bardou
- **2ª Esposa:** Estácia Monti Rosa Bonaldi (* 1907, † 21 de setembro de 1980)
- **Pai de Estácia:** Joaquim Manoel da Rosa
- **Mãe de Estácia:** Ester Monti
- **Filhos de Egydio e Filomena:** Marta Bonaldi (* 28 de agosto de 1926), Giusepina Bonaldi (* 17 de outubro de 1927, † dezembro de 1974), Maria Imaculada Bonaldi, Maura Bonaldi (* 10 de setembro de 1929) e Wanda Bonaldi (* 06 de janeiro de 1931)
- **Filhos de Egydio e Estácia:** Carlos Bonaldi (* 06 de abril de 1941), Paulo Augusto Bonaldi (* 18 de março de 1944), José Bonaldi (* 26 de março de 1946) e Maria Ester Bonaldi (* 14 de fevereiro de 1951)

VIDA E OBRA

Egydio Bonaldi nasceu em Pedralva – MG, em 08 de novembro de 1897. Era filho dos imigrantes italianos Pietro Antonio Donato Bonaldi e Maria Bonaldi, que vieram para o Brasil na segunda metade do Século XIX.

Casou-se em primeiras núpcias com Filomena Cutolo, nascida em 1903 e falecida em 02 de

BONALDI: Oriundo da região da Toscana

novembro de 1932, com 29 anos. Tiveram quatro filhas:

- Marta Bonaldi, nascida em 28 de agosto de 1926, ano em que a família se mudou para Itajubá; casou-se com Vicente Brito;

- Giusepina Bonaldi, nascida em 17 de outubro de 1927, falecida solteira em dezembro de 1974;

- Maria Imaculada Bonaldi, casada com Adalberto Pinto de Carvalho;

- Maura Bonaldi, nascida em 10 de setembro de 1929, casada em 29 de julho de 1948 com José Vicente Fonseca Filho;

- Wanda Bonaldi, nascida em 06 de janeiro de 1931;

Egydio se casou em segundas núpcias com Estácia Monti Rosa Bonaldi, nascida em 1907 e falecida em 21 de setembro de 1980. Tiveram quatro filhos:

- Carlos Bonaldi, nascido em 06 de abril de 1941;

- Paulo Augusto Bonaldi, nascido em 18 de março de 1944, casado em 16 de setembro de 1972, com Fátima Colósimo, foi professor da Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI);

- José Bonaldi, nascido em 26 de março de 1946, casado em 30 de novembro de 1974, com Maria da Conceição;

- Maria Ester Bonaldi, nascida em 14 de fevereiro de 1951, casada com Dorides dos Santos.

Egydio foi um dos melhores sapateiros de Itajubá, com oficina montada, primeiramente, no Centro da cidade e, depois, no bairro da Fábrica de Armas, atual IMBEL.

Exercia com pontualidade e com o máximo de perfeição o seu ofício e tinha o prazer de ensinar a sua arte a aprendizes que o procuravam.

Era inteligente e perspicaz e sempre estava em dia com os acontecimentos do Brasil e do mundo, emitindo suas opiniões e comentários com vivacidade e notável discernimento em torno de tudo o que ocorria.

Dotado de boa memória, contava fatos curiosos da antiga Itajubá, que ele conheceu, prendendo a atenção de todos os que o ouviam.

Fez parte da Banda Invisível, que era assim denominada por só atuar em épocas de festas, solenidades, comemorações ou manifestações civis ou religiosas de importância, sendo que seus integrantes, sem número fixo e sem ensaio, se reuniam, uniformizados, para tocar. Terminada a festa, a banda se desfazia.

Egydio Bonaldi viveu em Itajubá por 56 anos e faleceu em 12 de outubro de 1982.



Casa de campo típica da região da Toscana

Foto: Antonio C. Consoli

BORTONI AFFONSO



- **Nascimento:** 04 de agosto de 1866
- **Falecimento:** 1925
- **Pai:** Rosalbo Bortoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Tereza Adário de Bortoni (* e † não há dados)
- **Esposa:** Iva Bayão (* 1878, † não há dados)
- **Pais de Iva:** não temos informações
- **Filhos de Affonso e Iva:** Rosalbo, Benedito, Emília, Gilberto, Maria, Conceição, Terezinha, Paulo, Carmélia e Izabel

VIDA E OBRA

Affonso Bortoni foi o primeiro italiano de sua família a vir para o Brasil. Ele nasceu em Camerota, na Província de Salerno, Itália, em 04 de agosto de 1866, sendo filho de Rosalbo Bortoni e Tereza Adário de Bortoni.

Ele chegou ao Brasil, ainda moço, através da Venezuela, na companhia de seus irmãos José Inocêncio e Salvador, e se instalaram em Baependi, no Sul de Minas, onde fizeram muitas amizades.

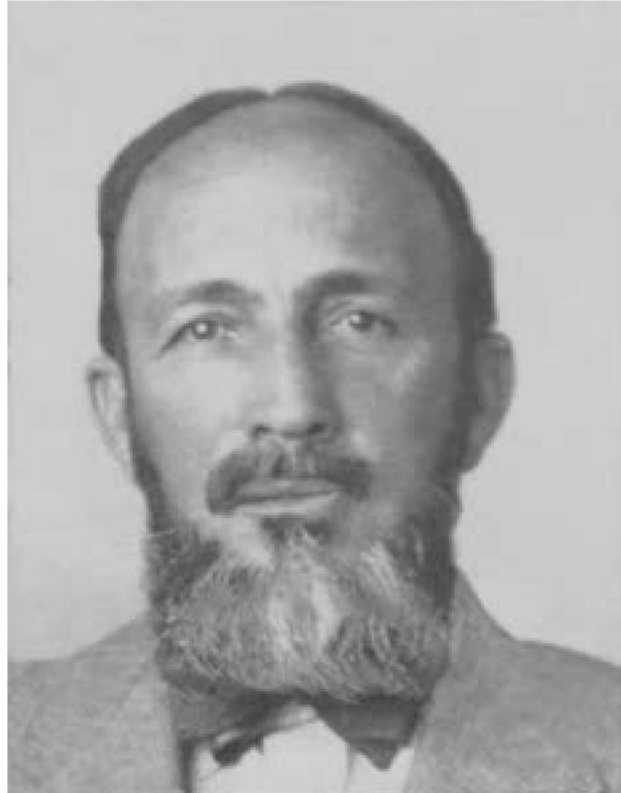
Affonso fixou residência nessa cidade e, em 24 de junho de 1891, casou-se com Iva Bayão, que tinha, então 13 anos. Ela sempre chamou o marido de "Seu Affonso". Dessa união nasceram os filhos: Rosalbo, Benedito, Emília, Gilberto, Maria, Conceição, Terezinha, Paulo, Carmélia e Izabel. Entre eles, três têm descendentes em Itajubá:

- Emília, mãe de Ismar, Cora, Antônio, Luzia, Sebastião, Maria, Helena, Augusto e Francisco;

BORTONI: Oriundo da cidade de Camerota, Província de Salerno

- Izabel, mãe de Paulo Afonso Bortoni, já falecido;
 - Rosalbo, pai de oito filhos, dos quais José Maria Bortoni e Geraldo Magella Bortoni se mudaram para Itajubá.
- Affonso foi proprietário do Hotel Bortoni em Baependi e faleceu em 1925.

BORTONI ROSALBO



- **Nascimento:** 11 de março de 1892
- **Falecimento:** 1948
- **Pai:** Affonso Bortoni (* 04 de agosto de 1866, † 1925)
- **Mãe:** Iva Bayão (* 1878, † não há dados)
- **Esposa:** Luíza Nogueira (* 1899 e † 1982)
- **Pais de Luíza:** Constâncio e Marieta Carneiro Nogueira
- **Filhos de Rosalbo e Luíza:** José Maria Bortoni (* e † não há dados), Geraldo Magella (* 1918, † 2005) e mais seis filhos

VIDA E OBRA

Rosalbo Bortoni, o filho mais velho de Affonso Bortoni e Iva Bayão, casou-se com Luíza Nogueira, natural de Caxambu - MG. Eles tiveram oito filhos e fixaram residência em São Lourenço, onde, durante muitos anos, foram proprietários do Hotel Esplanada.

Ele era considerado um homem honesto e bondoso, tendo seu nome dado a uma rua da cidade, onde foi muito estimado.

Sua esposa Luíza Nogueira, era muito caridosa e muito querida na cidade, tendo recebido o título de cidadã sãolourenciana. Era cronista de jornais locais e, quando a Academia de Letras

e Ciências de São Lourenço foi fundada, seu nome foi dado à Cadeira 86, hoje ocupada por sua neta, Maria Luiza Bortoni Ninis.

Dois dos filhos de Rosalbo se fixaram em Itajubá:

- José Maria Bortoni, pai de Edson da Costa Bortoni, escritor e professor na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI);

- Geraldo Magella Bortoni, pai de Maria Luiza, Stella Maris e Márcia Elizabeth.



A Itajubá do passado: Avenida Coronel Carneiro Júnior - Rua Nova, sob enchente

CANTELMO ANTÔNIO



- **Nascimento:** 09 de fevereiro de 1885
- **Falecimento:** 27 de abril de 1978
- **Pai:** Giuseppe “José” Cantelmo
- **Mãe:** Teresa Cavallare Cantelmo
- **1ª Esposa:** Maria de Paiva (* 1889, † 22 de novembro de 1980)
- **Filhos de Antônio e Maria de Paiva:** José Cantelmo, Dinorah Cantelmo Domingues, Paulo Cantelmo, Lucy Cantelmo da Silva, Ruth Cantelmo Silva, Antônio de Paiva Cantelmo
- **2ª Esposa:** Geralda dos Santos (* 1889, † 23 de janeiro de 1923)
- **Filhos de Antônio e Geralda:** Luiz Gonzaga Cantelmo, João Cantelmo, Sinézio Cantelmo e Ronaldo Cantelmo

VIDA E OBRA

Antônio Cantelmo nasceu na cidade de Rezende - RJ, no dia 09 de fevereiro de 1885. Filho de Giuseppe “José” Cantelmo e de uma imigrante italiana, Teresa Cavallare Cantelmo, nascida em Nápoles, ou Napoli, conforme a grafia em italiano, vinda para o Brasil com 12 anos de idade.

Antônio radicou-se em Itajubá a fim de exercer sua profissão de dentista, sendo um dos pioneiros na rua Silvestre Ferraz. Segundo o historiador Armelino Guimarães, “era um dos primeiros e mais conceituados dentistas deste Século XX nesta cidade”. Além de atender o público em geral, no gabinete dentário, em sua residência, Antônio tinha um consultório no Convento das Irmãs da Providência, para atender as religiosas.

Casou-se, em primeiras núpcias, com Maria de Paiva e tiveram seis filhos. Em segundas núpcias, casou-se com Geralda dos Santos e tiveram quatro filhos.

CANTELMO: Oriundo de: não temos informação

Com tino comercial, ele buscava sempre outras atividades lucrativas. Tornou-se industrial, sendo um dos pioneiros no processo de torrefação e moagem de café no início do Século XX. Investiu em um quiosque na Praça Cesário Alvim (atual Praça Theodomiro Santiago) onde vendia o produto em pacotes, um avanço para os padrões da época.

Ousado e em busca de novos atrativos comerciais, ele montou um bar, com salão, bilhares e outros divertimentos, onde atuou de 1910 a 1920. Aposentado, insistiu nas atividades comerciais, ampliando, ainda mais, suas inovações à frente de seu tempo. Fundou a “Bonbonnière Mirim”. O historiador Armelim Guimarães o cita entre os grandes vultos de nosso comércio e de nossa cidade: “O Dr. Antônio Cantelmo, com seus trabalhos profissionais e com seus empreendimentos comerciais, grandemente contribuiu para o bem-estar dos itajubenses e o progresso comercial da cidade.”

Dos 10 filhos que teve, apenas uma filha, Lucy Cantelmo da Silva, está viva, com 94 anos de idade.

Antônio Cantelmo faleceu, em Itajubá, no dia 27 de abril de 1978.



A Itajubá do passado: Avenida Coronel Carneiro Júnior - Rua Nova

CAPPELO PRIMO



Da esquerda para a direita: atrás: Aida, Elisa, Odília, Segundo “Secondo”, Fernando e Joanina. Na frente: Primo Filho, Primo, Geovani, Antonia e Yole.

- **Nascimento:** 01 de janeiro de 1887
- **Falecimento:** 13 de fevereiro de 1955
- **Pai:** Giovanni Cappello
- **Mãe:** Natalina Elisabetta Scaggion
- **Esposa:** Antonia Azzini “Assini” (* 23 de maio de 1888, † 23 de outubro de 1972)
- **Pais de Antonia:** Antonio Azzini “Assini” e Odília Arzini
- **Filhos de Primo e Antonia:** Elisa (* 05 de junho de 1909, † 13 de agosto de 1991), Odília (* 26 de maio de 1913, † 24 de novembro de 1969), Segundo “Secondo” (* 16 de março de 1915, † 02 de outubro de 1980), Fernando (* 29 de outubro de 1917, † 25 de março de 1992), Aida (* 19 de março de 1920, † 30 de julho de 1947), Joanina (* 28 de dezembro de 1921, † 25 de dezembro de 2012), Geovani “João” (* 24 de janeiro de 1924, † 25 de junho de 1963), Yole (* 06 de novembro de 1926, † 18 de maio de 1982), Primo Filho (* 07 de novembro de 1927, † 09 de setembro de 2008).

VIDA E OBRA

Primo, com 9 anos de idade, desembarcou no Porto do Rio de Janeiro com a família, procedente de Genova, no dia 18 de junho de 1896, transportados pelo vapor Solferino. Seu pai Giovanni Cappello, um artesão católico, tinha 39 anos; Elisa, sua mãe, 34, e os irmãos, Maria, 14, Giuseppe, 11, e Lorenza, 1 ano. A família seguiu, depois, para São Paulo, indo morar no bairro do Brás que, na época, possuía uma população de 500 mil habitantes, na sua maioria de imigrantes italianos.

Primo trabalhou na Falchi, indústria de confeitos, bombons e chocolates. Casou-se com Antonia Azzini (Assini) no dia 8 de agosto de 1908. Em 1913, com a esposa e as filhas Elisa e

CAPPELO: Oriundo de Este, Província de Padova (Pádua), região do Veneto

Odilia, mudou-se para Itajubá. Trabalhou, inicialmente, numa fábrica de chapéus e Antonia, como tecelã, na fábrica de tecidos “Codorna”. Fundou, entre 1914 e 1915, sua fábrica de balas e caramelos “A Mineira”, na então praça São Benedicto, nº 13, atual praça Luiz Dias.

Seus produtos logo ganharam mercado e se expandiram pela região. Foi premiado na Grande Exposição Industrial do Cinquentenário da Rede Mineira de Viação, realizada em 1934 na cidade de Cruzeiro, São Paulo. Durante a 2ª Guerra, devido à escassez do açúcar, Primo substituiu o mesmo pela rapadura, aumentando ainda mais o sucesso de seus produtos.

A música italiana era uma das suas grandes paixões. Além de empresário de sucesso, ele se destacava no canto pela sua voz de tenor e pelo afinado ouvido. Interpretava canções napolitanas, árias e óperas. Era, para os amigos e admiradores, o “Rouxinol de Itajubá”.

Faleceu em 13 de fevereiro de 1955, numa manhã ensolarada, de céu muito azul, num domingo de carnaval. No dia 25 de maio de 1956, através do Decreto nº 46 do Poder Executivo, teve seu nome dado à via pública que começava na praça Luiz Dias e seguia na direção da estrada do Pinheirinho, atual bairro do BPS.

CAPPELLO “SECONDO” SEGUNDO



- **Nascimento:** 16 de março de 1915
- **Falecimento:** 02 de outubro de 1980
- **Pai:** Primo Cappello
- **Mãe:** Antonia Azzini “Assini” Cappello
- **Esposa:** Maria Antônia Costa
- **Filhos de “Secondo” e Maria Antônia:** Antonieta e Tercio

VIDA E OBRA

Segundo - “Secondo” - nasceu em Itajubá e, com o pai e os irmãos, era proprietário da

fábrica de balas e caramelos “A Mineira”, onde trabalhava como vendedor e entregador dos produtos, auxiliado por ‘Mosquito’, seu inseparável e fiel ajudante.

Assim como os irmãos Geovani - “João” - e Primo - “Priminho” - tinha uma bela voz de barítono, porém, por ser tímido, não a exibia como o pai a não ser nas ocasiões quando era desafiado pelo seu tio Américo. Durante a produção das balas, cantava com seu irmão “João” canções italianas maliciosas, que faziam sorrir e corar as moças que trabalhavam na fábrica.

Gostava de comer bem e muito e de beber cerveja. Nos bares, com os amigos, tinha uma maneira peculiar de mandar “fritiar” metros de “linguicia” e dúzias de ovos como tira-gostos e de beber dúzias de cervejas. Apesar de ser um homem alto e forte, era muito calmo e pacato.

Casou-se com Maria Antonia Costa em 19 de dezembro de 1935, com quem teve dois filhos, Antonieta e Tercio. Faleceu em 02 de outubro de 1980, aos 65 anos de idade.

CAPPELO FERNANDO



Da esquerda para direita: Luiz, Leila, Fernando, Leandro (menino), Sofia, Leonardo, Liana e Luciano

- **Nascimento:** 29 de outubro de 1917
- **Falecimento:** 25 de março de 1992
- **Pai:** Primo Cappello
- **Mãe:** Antonia Azzini “Assini” Cappello
- **Esposa:** Sofia Salustiano Neta
- **Filhos de Fernando e de Sofia:** Luciano (falecido), Liana, Leila, Luiz (falecido), Leonardo e Leandro.

VIDA E OBRA

Fernando nasceu em Itajubá e aprendeu sua profissão com o pai, Primo, que fundou a fábrica de balas e caramelos “A Mineira”. Dos irmãos, ele era quem fazia os produtos da fábrica. Iniciava rotineiramente a produção das balas e caramelos nas primeiras horas do dia, trajando o inseparável avental, feito de saco de açúcar, preso à cintura, e mexendo, com uma grande colher

de pau, a massa de melado nos grandes tachos de cobre, sob o intenso calor produzido pelas chamas da lenha queimada no fogão.

Com o passar dos anos, assumiu a direção da fábrica e tornou-se o único proprietário, em agosto de 1961, ao adquirir as partes dos irmãos “João” e “Priminho”. Na mesma linha de administração do pai, manteve, durante muitos anos, o comércio de Itajubá e da região abastecidos com seus produtos caramelizados, desenvolvendo as atividades da fábrica durante um certo período nas dependências de sua residência, pois o barracão onde se situava a fábrica pioneira teve de ser expropriado pela Prefeitura para possibilitar a interligação da praça Luiz Dias e o bairro do Morro Chic.

Casou-se com Sofia Salustiano Neta no dia 4 de maio de 1942, sendo seu lar enriquecido com seis filhos. De acordo com uma de suas filhas, Liana, Fernando tinha atitudes firmes e sempre orientava os filhos para a vida: “ era um homem íntegro, trabalhador, feliz e realizado em seu casamento e na vida profissional; um excelente pai, carinhoso, fiel e amigo”.

Fernando faleceu aos 74 anos de idade, em 25 de março de 1992.

CAPPELO GEOVANI “JOÃO” NETO



- **Nascimento:** 24 de janeiro de 1924
- **Falecimento:** 25 de junho de 1963
- **Pai:** Primo Cappello
- **Mãe:** Antonia Azzini “Assini” Cappello
- **Esposa:** Maria Aparecida Salgado
- **Filhos de Geovani e de Maria Aparecida:** Odília, Elisa, Rúbia, Ângela (falecida), Silvana (falecida) e Primo (falecido).

VIDA E OBRA

Geovani - “João” - nasceu em Itajubá e, com o pai e os irmãos, era sócio proprietário da fábrica de balas e caramelos “A Mineira”. Era vendedor dos produtos fabricados e responsável pela expansão das vendas na cidade de Itajubá e região. Os produtos, inicialmente, eram entre-

gues em uma charrete e, mais tarde, por um pequeno caminhão e uma camionete, ambos da marca Chevrolet. O som da buzina da camionete era inconfundível.

Geovani circulava pelas ruas e praças de Itajubá, buzinando em cumprimento aos amigos e conhecidos ou, simplesmente, para ser notado. Tinha paixão por futebol e jogou, durante muitos anos, no Yuracan. Devido a sua maneira espetacular de jogar e aos seus cabelos louros, ganhou o apelido de “Diabo Louro”. Era torcedor fanático do Botafogo do Rio de Janeiro.

Como instrumentista, tocava gaita e fazia malabarismos com o pandeiro. Como cantor, imitava, principalmente, Nelson Gonçalves e Nat King Cole. Era um exímio jogador de bocha. Por seu espírito alegre e grande senso de humor, possuía muitos amigos e conquistava o carinho de todos. Em 1952, ganhou o 1º prêmio do concurso de fantasias de papel ao desfilarem como “dançarina de rumba” na passarela da piscina do 4º Batalhão de Engenharia de Combate de Itajubá.

Nos carnavais, sóbrio, fantasiava-se invariavelmente de mulher: como uma recatada, meiga e tímida normalista ou como uma mulher fatal, trajando vestidos justíssimos e provocantes, e produzida com maquiagens exageradas. Seus invariáveis pares nestas ocasiões eram os amigos Mauricio, Tiãozinho e Maria Gabriela (Biela), que se vestia de homem.

Antes dos desfiles públicos, apresentava-se fantasiado, primeiramente ao ex-presidente Wenceslau Braz e, depois, ao empresário Alcides Faria, seus críticos admiradores. Desfilava em carros abertos, sobre os capôs ou nas carrocerias. Foi homenageado pelo bloco de carnaval do bairro Avenida, tendo seu nome citado no samba enredo.

Com o amigo e sócio Márcio Braz, abriu uma indústria de balas ao lado do Colégio de Itajubá, após a extinção da fábrica “A Mineira”, porém o empreendimento durou apenas um ano. Casou-se com Maria Aparecida Salgado em 31 de dezembro de 1945, com quem teve seis filhos. Segundo as filhas Odília e Rúbia, o pai, além de muito amoroso e engraçado com as filhas, era também muito severo. Viveu intensamente, apesar do falecimento prematuro aos 39 anos de idade.

CAPPELO PRIMO FILHO



- **Nascimento:** 07 de novembro de 1927
- **Falecimento:** 09 de setembro de 2008
- **Pai:** Primo Cappello
- **Mãe:** Antonia Azzini “Assini” Cappello
- **Esposa:** 1ª - Circéa Tiso Cougo
2ª - Maria do Carmo Amaral
- **Filhos:** Não teve

VIDA E OBRA

Primo - “Priminho” - nasceu em Itajubá. Era vendedor e sócio proprietário, com os irmãos, da fábrica de balas e caramelos “A Mineira”, fundada pelo seu pai Primo Cappello.

Além de excelente jogador, na posição de beque central, foi também técnico de futebol. Jogou no Yuracan e no São Paulo Futebol Clube, em Itajubá, e em vários clubes do Sul de Minas: Pouso Alegre, Três Corações, Três Pontas e Varginha. Defendeu, em diversas ocasiões, a seleção da Liga Itajubense de Futebol.

Após encerrar a carreira de jogador, iniciou a de técnico no juvenil do Yuracan, onde realizou um trabalho de renovação, lançando diversos jogadores: Chuveiro, Cal, Ciro, Dorinato, Naús, Célio Henrique, Raul, Teotônio e Saméia, formando parte do elenco que se tornou, posteriormente, a base do time titular que conquistou muitos títulos.

Priminho possuía uma belíssima voz de tenor, porém, por ser muito tímido, não a exibia como seu pai. Cantava eventualmente para alguns amigos e parentes e estudou canto lírico, durante algum tempo, no Conservatório de Pouso Alegre.

Casou-se em Três Pontas, em 18 de julho de 1950, com Circéa Tiso Cougo, com quem não teve filhos, e divorciou-se em dezembro de 1988. Mudou-se para Pouso Alegre, onde viveu com Maria do Carmo Amaral, uma das primeiras namoradas da juventude. Faleceu naquela cidade, em 09 de setembro de 2008, aos 80 anos de idade.



Foto: Antonio C. Consoli

Castelo D'Este, Província de Padova (Pádua), região do Veneto

CARELLI ESTEVÃO DONATO



- **Nascimento:** 1851
- **Falecimento:** 17 de fevereiro de 1927
- **Pai:** Angelo Donato Carelli
- **Mãe:** Palma Golga
- **Esposa:** Angelina Donato (* 1861, † 18 de agosto de 1923)
- **Pais de Angelina:** Francisco Masselli e Christina Ricca
- **Filhos de Estevão e Angelina:** Antônio, Clarinda, Benedicta, Joanna, Arlinio Donato, Maria Christina, Palma Rozária e Isaura.

VIDA E OBRA

Estevão Donato Carelli nasceu em 1851, na cidade de Paola, Província de Cosenza, no Sul da Itália.

Em 1883, com o advento da Estrada de Ferro entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, muitos italianos desembarcavam nos portos brasileiros no intuito de “fazer a América”, visto que havia espaço para a mão de obra estrangeira. Alguns imigrantes se dirigiam para o Sul de Minas, para trabalharem na construção de estradas.

Provavelmente, Estevão, com 32 anos, estava em um desses navios e desembarcou no Porto do Rio de Janeiro. De lá, seguiu viagem para a cidade hidromineral de “Villa de Águas Virtuosas”, no Sul de Minas, hoje Lambari.

De 1883 em diante, depois do advento da estrada de Ferro Minas-Rio, o número de italianos que chegavam crescia cada vez mais, e os que já estavam fixados em alguma localidade antes da Proclamação da República foram naturalmente inscritos como eleitores; dentre eles, estava Estevão Donato Carelli.

Enquanto alguns dos novos moradores se estabeleceram no comércio com casa de tecidos,

CARELLI: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

e com gêneros do país, como padaria, açougue, alfaiataria e sapataria, outros passaram a trabalhar como pedreiros, carpinteiros, marceneiros, pintores, ferreiros e caldeireiros.

De 1883 a 1887, Estevão residiu em “Águas Virtuosas” e trabalhou como pedreiro e construtor. De casamento marcado, no dia 28 de abril de 1888, ano da libertação dos escravos, ele se casou com Angelina, mudando-se para a cidade de Itajubá.

Um ano depois, montou na rua Major Pereira (atual rua Dr. João de Azevedo) a “Olaria Italiana”, uma fábrica completa na produção de artefatos de barro como telhas, tijolos, ladrilhos, colunas, capitéis, balaústres, peças ornamentais, manilhas e outros. Além da olaria, ele expunha a produção em sua loja, trazendo grande avanço às construções.

Os seus primeiros cinco filhos nasceram em Itajubá e, aos 43 anos, em 1894, Estevão e família resolveram mudar novamente para a Villa de Águas Virtuosas. Por lá ficaram até o ano de 1918, quando tinha 68 anos. Foi em Águas Virtuosas que nasceram os outros três filhos do casal.

Sua esposa e filhas, para ajudarem nas despesas da casa, iniciam um comércio ambulante de flores de tecido, principalmente cravo para ser colocado na lapela dos ternos. Além de realizar trabalhos artesanais, Angelina era conhecida como “Dama da Caridade”, pela sua generosidade com os pobres, tanto na Itália quanto no Brasil, nas duas cidades em que morou.

Em 1918, toda a família retornou para a cidade de Itajubá. Como construtor, Estevão ergueu sua casa próxima à Igreja Matriz Nossa Senhora da Soledade, onde viveu com sua família até ela ser demolida para abrigar a casa paroquial, inaugurada, solenemente, pelo padre Arnaldo Geerts, em 30 de janeiro de 1937.

O jornal itajubense “A Verdade” de 30 de novembro de 1919 trazia a notícia de um engenho e fornalhas construídos por Estevão, nesse ano, em Pedra Branca (Pedralva), com notável perfeição conforme declaravam os proprietários das construções Benedito Pinto da Silva, Paulino Fernandes e Osório de Oliveira Costa.

Angelina Donato Carelli faleceu, aos 62 anos, em Itajubá, no dia 18 de agosto de 1923. Estevão Donato Carelli faleceu também em Itajubá, no dia 17 de fevereiro de 1927, aos 76 anos.



Cidade de Paola, Província de Cosenza, Calabria

CARLINI CEZARE AUGUSTO DEMETRIO



- **Nascimento:** 12 de julho de 1860
- **Falecimento:** Não há dados
- **Pai:** Bartolomei Carlini (* e † não há dados)
- **Mãe:** Facini Amabilia (* e † não há dados)
- **Esposa do 1º casamento:** não temos informações
- **Esposa do 2º casamento:** Amabile Andreta
- **Filhos do 1º casamento:** Teodoro e João
- **Filhos do 2º casamento:** Amabilia, Vitorio, Ana, Carlos, Gaspar, Lourenço, Americo, Amelio, Dante e Julia.

VIDA E OBRA

Cezare Augusto Demetrio Carlini, natural de Florença (Firenze), casado com uma alemã, veio para o Brasil com a finalidade de fabricar cerveja. Chegando ao Brasil, foram morar em Amparo – SP. Desse casamento tiveram dois filhos: Teodoro e João.

Cezare ficou viúvo e casou-se, em segundas núpcias, com a italiana Amabile Andreta, natural de Pádua (Padova), que já morava com os pais no Brasil. Desse casamento nasceram, em Amparo, os seguintes filhos: Amabilia, Vítório, Ana, Carlos, Gaspar, Lourenço, Américo, Amélio, Dante e Julia.

O filho Teodoro, do primeiro casamento, ficou em Amparo e os demais se mudaram para Itajubá, onde se casaram três filhos de Cezare: Amabilia casou-se com Antonio Rennó Pereira, com quem teve os filhos Antonio, Argeu, Benedito, Amélia, Hélio, Vitor e José Cezar; João se casou com Mariana Miranda, com quem teve dois filhos, Maria e Benedita; Carlos se casou com Alzira, mas não tiveram filhos.

De Itajubá, os demais membros da família se mudaram para São Bento do Sapucaí, onde o filho Gaspar se casou com Aurora, de Paraisópolis, tendo com ela vários filhos. Depois, mudaram-se para o Rio de Janeiro, onde os filhos se casaram e as filhas ficaram solteiras.

Uma curiosidade é que a irmã de Cezare, Assunpta Carlini, era mãe de Santa Maria Goretti.

CARLINI: Oriundo da cidade de Firenze, região da Toscana

CARUSO LUIGI



- **Nascimento:** 03 de fevereiro de 1896
- **Falecimento:** 28 de maio de 1986
- **Pai:** Domenico Caruso Lanello
- **Mãe:** Maria Santa Giulianelli
- **Esposa:** Franceschina Salmeiri Caruso (* 24 de dezembro de 1903, † 06 de fevereiro de 1982)
- **Pais de Franceschina:** Gaetano Salmeiri e Caterina Perri
- **Filhos de Luigi e Franceschina:** Ana Mary (* 09 de maio de 1935).

VIDA E OBRA

Luigi Caruso nasceu em 03 de fevereiro de 1896, na cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria. Era filho de Domenico Caruso e de Maria Santa Giulianelli.

Caruso tinha apenas oito anos quando chegou ao Brasil, em 27 de dezembro de 1904, no navio a vapor "Conde Rosso", desembarcando na cidade do Rio de Janeiro.

Trabalhou como comerciante e jornalista no Rio de Janeiro. Empreendeu-se nesse ramo em várias cidades do interior de São Paulo, como Lorena e Cruzeiro, e do Sul de Minas, como Itajubá e Caxambu.

No dia oito de maio de 1920, na cidade do Rio de Janeiro, Luigi, com 24 anos, casou-se com Franceschina Salmeiri, de 17 anos, natural da Itália. O casal teve uma filha, Ana Mary.

Em 1932, partindo da cidade de Lorena, a família Caruso chegou a Itajubá, e Luigi assumiu o comando da "Casa Del Prete", sob a razão social de Caruso & Rotella até 1949.

Em 1949, a família mudou-se para a cidade hidromineral de Caxambu – MG, onde permane-

CARUSO: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

ceu por nove anos. Em Caxambu, ele exerceu o comércio de papelaria, jornais, revistas, cigarros e das loterias Federal e Mineira. Em maio de 1958, retornou com a família para Itajubá, onde fixou residência e abriu novamente um comércio.

Por várias vezes, foi visitar seus parentes na Itália, acompanhado de sua família e de Maria Aparecida Rotella, uma sobrinha que ele criou depois da morte de seus pais. Hoje, ela vive em Caxambu, casou-se com Laurentino Fernandes e teve 4 filhas.

Sua esposa, Franceschina, por nascer na véspera de Natal era, carinhosamente, chamada de Natalina. Talentosa na arte da pintura, foi quem pintou o interior da Igreja Nossa Senhora Aparecida, na Vila Vicentina, com figuras e passagens bíblicas. E foi nesta mesma igreja que o casal, em 08 de maio de 1970, celebrou suas Bodas de Ouro. Seu talento foi expresso em vários afrescos pelas cidades do Sul de Minas, deixando inúmeras obras.

O historiador Armelim Guimarães descreveu a pessoa de Luigi Caruso como um homem educado e atencioso: “Pela sua cavalheiresca atenção para com todos, pela maneira afável e gentil com que atendia a todos os que procuravam um jornal ou revista, se tornou amigo de todos os itajubenses”.

Luigi Caruso era o filho mais velho de uma família numerosa. Vieram para o Brasil, os irmãos, Francesco Caruso com Giuseppina Caruso, para cidade de Cruzeiro, Florinda casada com Raffaele Zappa para Cruzeiro, Natale casado com Helena Trotta, também para Cruzeiro, mas a esposa ficou na Itália cuidando dos sogros. Drusiana casada com José Rotella, em Itajubá, Vicente casado com Maria Scalzo em Caxambu e Salvatore casado com Ida Perrota em Santa Rita do Sapucaí.

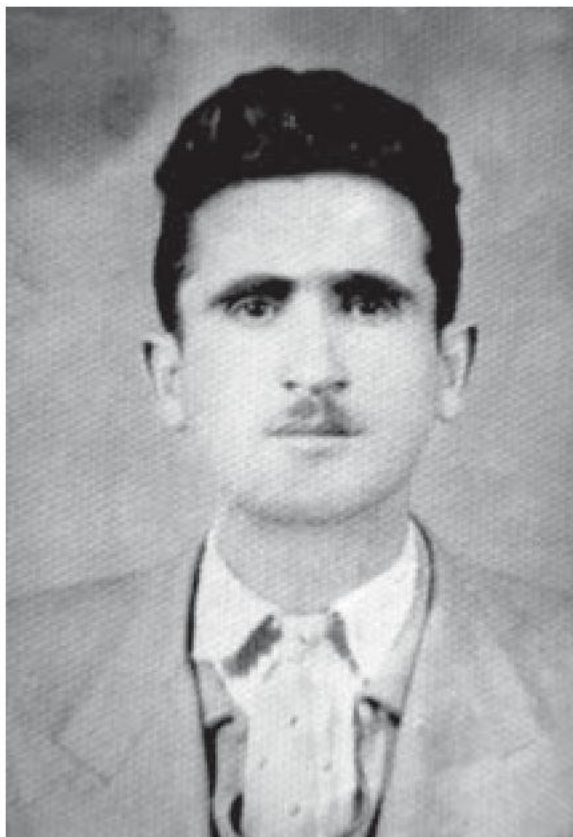
Falar de Luigi Caruso é recordar das revistas que ele comercializava, como: Para Todos, A Cena Muda, Excelsior, Revista da Semana, Fon-Fon, A Careta, Vamos Ler! A Cigarra e outras.

Natalina faleceu aos 78 anos, no dia 06 de fevereiro de 1982, e foi enterrada no Cemitério Paroquial de Itajubá. Luigi Caruso faleceu em Itajubá, no dia 28 de maio de 1986, aos 90 anos, tendo sido sepultado no mesmo cemitério.



Vista de Paola, Província de Cosenza, Calabria

CARUSO SALVATORE “SALVADOR”



- **Nascimento:** 16 de setembro de 1914
- **Falecimento:** 22 de janeiro de 1995
- **Pai:** Domenico Caruso Lanello
- **Mãe:** Maria Santa Giulianelli
- **Esposa:** Ida Perrotta (* 06 de janeiro de 1920)
- **Pais de Ida:** Carmine Perrotta e Gelsamina Caruso
- **Filhos de Salvador e Ida:** Luiz, Ana, Maria Ângela, Maria Aparecida e Francisco de Paula.

VIDA E OBRA

Salvador Caruso nasceu em 16 de setembro de 1914, na cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria. Era filho de Domenico Caruso e de Maria Santa Giulianelli e teve 4 irmãs e 4 irmãos.

Salvador tinha 23 anos quando chegou ao Brasil, em 1937, vindo de sua terra para a cidade de Cruzeiro – SP, após um mês de viagem de navio. Naquela época, a Itália ainda se recuperava da Primeira Grande Guerra e poucas eram as possibilidades de sucesso no Velho Continente.

Não veio ao Brasil por acaso, pois cinco de seus nove irmãos estavam no país, havia algum tempo, e contaram a ele sobre as grandes possibilidades da América do Sul. Quando chegou, era analfabeto e aprendeu a ler e a escrever por sua conta, nos dois anos que se seguiram.

No início, não escolhia trabalho, fazendo o que fosse preciso para sobreviver. Morando com um dos irmãos, vendia verduras, engraxava sapatos e realizava ‘bicos’ para conseguir dinheiro.

Com as economias adquiridas, decidiu voltar para a Itália, para matar as saudades dos pais. Em 1938, voltou para Paola, onde conheceu Ida Perrotta, que seria sua grande companheira. Filha de Carmine Perrotta e Gelsamina Caruso, ela tinha quatro irmãs e três irmãos.

Após o casamento com Ida, ele prometeu voltar à América para conseguir mais dinheiro e levá-la para morar com ele. Retornou ao Brasil, vindo para Itajubá, indicado pelo irmão mais velho, Luigi, para abrir um comércio de jornais e revistas em Santa Rita do Sapucaí.

Naquela cidade, havia um italiano disposto a vender uma banca de revistas para voltar para sua terra, em uma casa onde depois se localizou o Edifício Mendonça. Salvador assumiu o negócio e passou a residir na terra que o acolheu como um filho.

Ao iniciar suas atividades em Santa Rita do Sapucaí, as coisas não eram fáceis. Para receber os produtos, era preciso ir até a estação, esperar o trem chegar da capital do país e distribuir os exemplares aos assinantes. Entre uma entrega e outra, oferecia bilhetes de loteria, enviados pelo irmão, para aumentar o orçamento doméstico.

Logo no primeiro mês de trabalho, contratou um fotógrafo para que tirasse uma fotografia dele segurando bilhete de loteria e bolsa de jornais debaixo do braço. Ele a enviaria à esposa na Itália para mostrar-lhe o que fazia no Brasil. A imagem, que guardou por toda a vida, seria o símbolo de sua grande conquista.

Voltou para a Itália após onze meses para buscar a esposa e retornou ao Brasil em 1940, no início do ano. Chegando a Santa Rita, o casal alugou uma casa abandonada, morando provisoriamente nela até alugarem outra melhor. No final desse ano, nasceu o primeiro filho do casal, Luiz, e depois, Ana. Já em outra residência, vieram os outros filhos: Maria Ângela, Maria Aparecida e Francisco de Paula.

À medida que se tornava conhecido, Salvador aumentava suas vendas e prosperava. Com bilhetes e jornais a tiracolo, ele corria a cidade, gritando as manchetes dos jornais. Saía de seu estabelecimento com dez ou quinze bilhetes e logo voltava sem nenhum, pois tinha facilidade em lidar com vendas.

Isso fez com que, em pouco tempo, houvesse mais de 80 comissários espalhados por toda a região, sendo que alguns vendiam em cidades do estado de São Paulo. Adquiriu um espaço maior, sempre trabalhando com jornais e revistas, papelaria e distribuição de loterias. Por ser grande vendedor de prêmios das loterias, seu estabelecimento ficou conhecido como o “Campeão do Sul”.

Certa vez, um garoto foi conferir um bilhete de sua mãe, e Salvador pediu a ele que a chamasse, pois o bilhete estava premiado. A honestidade era uma de suas qualidades, o que fazia com que os clientes passassem a ter, cada vez mais, confiança no estabelecimento e realizassem com frequência suas apostas.

Atrás da lotérica, Salvador construiu uma casa, que tinha um grande quintal com parreiras, laranjeiras e até um peru que o Salvador estava engordando para consumir no Natal. Três homens resolveram pular a cerca da propriedade para roubar o animal e, no dia seguinte, foram à lotérica para perguntar se o italiano tinha o bilhete do peru. Ouviram, então, o italiano indignado contar a história dos desordeiros que haviam invadido seu quintal. Conta-se que naquele ano, não faltou peru de Natal nas redondezas da estação Afonso Pena. Caruso veio a saber da história verdadeira muito tempo depois.

Em 1957, voltou para morar na Itália durante um ano com a esposa e os filhos. Retornando ao Brasil, Ida e os filhos seguiram para Santa Rita e Salvador passou cerca de uma semana na alfândega para liberar os muitos presentes que trouxe. Os gastos com bagagens foram maiores do que o valor das passagens, mas a burocracia valeu a pena, pois ele queria agradar os amigos.

Nas paredes da lotérica, havia várias placas sinalizando a quantidade de apostadores que tinham sido premiados. Por ser uma pessoa bem informada e empreendedora, o comerciante conquistou conhecimentos em diversas áreas e, por perceber que os tempos futuros seriam bem diferentes da época em que veio para o Sul de Minas, fazia questão de que os filhos estudassem para que tivessem um futuro melhor. Mesmo sem ter frequentado escola, Salvador corrigia as tarefas escolares dos filhos e chegava a ensinar geografia, álgebra e outros assuntos complexos.

Grande foi sua tristeza quando perdeu o mais velho dos dez netos, Cláudio, no dia 22 de janeiro de 1993. Dois anos depois, ao ser levado ao hospital em estado grave, confidenciou à esposa que não passaria da data de falecimento do rapaz. Sua despedida foi exatamente no mesmo dia e mês: Salvador faleceu em 22 de janeiro de 1995.

CASCARDO FRANCESCO



- **Nascimento:** 12 de abril 1849
- **Falecimento:** 12 de julho de 1922
- **Pai:** Luigi Cascardo
- **Mãe:** Maria Rozaria Cascardo
- **Esposa:** Lúcia Anacleta Ribeiro Cascardo (* não há dados, † 02 de maio de 1933)
- **Pais de Lúcia Anacleta:** Feliciano José Pinto da Silva e Ana Anacleta Ribeiro da Silva
- **Filhos de Francesco e Lúcia Anacleta:** Carmo (* 16 de janeiro de 1883, † 26 de novembro de 1945), Druziana (* 30 de agosto de 1884, † 25 de janeiro de 1933), Rizzieri (* 04 de julho de 1887, † 12 de agosto de 1942), Rezólia, conhecida por Lilica (* 20 de junho de 1889, † não há dados), Guironi (* 17 de março de 1891, † não há dados), Anna (* 1893, † não há dados), Fiorello (* 1897, † 24 de março de 1944), Guerino (* 05 de abril de 1899, † 08 de outubro de 1967), Druzolina (* 04 de novembro de 1900, † 19 de junho de 1985), Francisco (* 1901, † 29 de dezembro de 1902) e Maria José (*16 de janeiro de 1906, † não há dados)

VIDA E OBRA

Poucas informações se têm deste imigrante italiano que deixou sua pátria para tentar a sorte em terras brasileiras. O que se sabe é que Francesco Cascardo nasceu na cidade de Paola, na Calabria, em 1849, no sul da Itália.

Chegando ao Brasil, Francesco se dirigiu para Itajubá, onde se casou com Lúcia Anacleta Ribeiro, em 22 de abril de 1882, com quem teve onze filhos. O seu primogênito, Carmo, tornou-se, em Itajubá, pessoa ilustre, principalmente na área da educação.

Francesco, patriarca da família Cascardo, foi comerciante no final do Século XIX e início do século XX. Em sua loja, encontravam-se 'fazendas' (tecidos), armarinho, ferragens, louças e calçados.

Francesco faleceu à 01 hora de 12 de julho de 1922, com 73 anos de idade.

CASCARDO: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

CASCARDO CARMO



- **Nascimento:** 16 de janeiro de 1883
- **Falecimento:** 26 de novembro de 1945
- **Pai:** Francesco Cascardo
- **Mãe:** Lúcia Anacleta Ribeiro Cascardo
- **Esposa:** Cândida Rennó Cascardo (* 17 de setembro de 1885, † 18 de abril de 1972)
- **Pais de Cândida:** Cândido Rennó e Sophia Umbelina Rennó
- **Filhos de Carmo e de Cândida:** Francisco (* 11 de novembro de 1907, † 05 de abril de 1989); Luzia (* 03 de julho de 1909, † agosto 2006); Maria José (* 1911, † 20 de dezembro de 1970); Antônio (* 31 de outubro de 1913, † 21 de maio de 1997); Sophia (* 16 de abril de 1915, † 25 de julho de 2003); Lúcia (* 1916, † 27 de maio de 1918); José (* 1917, † 19 de abril de 1918); Bernadette (* 11 de setembro de 1918, † 13 de junho de 2000); Sebastião (* 05 de abril de 1921, † 05 de novembro de 1989); Maria Nazareth (* 15 de abril de 1924)

VIDA E OBRA

Carmo Cascardo nasceu em Itajubá, em 16 de janeiro de 1883 e é o primeiro filho do italiano Francesco Cascardo e de Lúcia Anacleta Ribeiro Cascardo. Carmo se casou com Cândida Rennó, com quem teve dez filhos.

Ele se destacou na educação, tornando-se um dos maiores nomes do magistério de Itajubá no início do Século XX. Foi normalista e proprietário de colégio. Foi professor do antigo Ginásio de Itajubá, sob a direção de Belarmino de Menezes e, posteriormente, dirigido por Theodomiro Carneiro Santiago.

Aos 17 anos, foi fundador e diretor do Externato Itajubense, para os cursos primário e secundário, instalado na Rua Major Pereira, atual Rua Dr. João de Azevedo.

Em 1903, aos 20 anos de idade, dirigiu a escola primária mantida pela Liga Operária. Em 1925, lecionou no Colégio São Vicente de Paulo, fundado pelo Dr. Geraldino Medeiros. De 23 de junho de 1927 a 07 de julho de 1933, Carmo Cascardo dirigiu o educandário Instituto Dom Bosco, sendo o seu quarto e último diretor. O local, depois, se tornou a Escola de Horticultura e,

mais tarde, a Escola Estadual Wenceslau Braz – “Colégio Agrícola”.

Além de educador, Carmo Cascardo foi vogal do Tiro de Guerra Wenceslau Braz, fundado em 1911; delegado de Polícia e secretário da Confederação do Espírito Santo, fundada, em 1905, pelo Padre Marçal Ribeiro. Cristão fervoroso, tornou-se, em 1933, confrade e um dos fundadores da Conferência de São Vicente de Paulo.

Em 1933, aos 50 anos de idade, o professor Carmo Cascardo foi transferido para a cidade mineira de Mar de Espanha, a 60 quilômetros de Juiz de Fora - MG, onde prosseguiu sua obra de educador no Instituto Bueno Brandão, mais tarde Horto Florestal, e passou os seus últimos dias, falecendo em 26 de novembro de 1945.

Por ocasião de seu falecimento, o Dr. Antônio Rodrigues de Oliveira publicou no jornal “O Itajubá”, de 02 de dezembro de 1945, a seguinte mensagem: “O profundo sentimento causado, em Itajubá, pela morte do Prof. Carmo Cascardo – o Mestre Carmo, como o chamávamos – é bem um índice da alta estima que gozava em sua terra natal o velho e querido Mestre de infância itajubense. Alma boníssima foi o querido professor dessas crianças, que passou sua vida espalhando o bem a todos, instruindo as crianças de Itajubá e ministrando os seus sábios conselhos a todos quantos tiveram a ventura de ser seus alunos. Coração magnânimo, desprovido de vaidades, Mestre Carmo tinha sempre um sorriso e uma palavra amiga para todos os que o procuravam. Ainda há poucos meses, como que prevendo sua morte, aqui esteve o insigne professor, para despedir-se de sua terra, de seus conterrâneos, de seus ex-alunos! E com que entusiasmo reviu seu torrão natal! Com que alegria recebia os abraços de todos...”.

O governador Moysés Lupion, do Estado do Paraná, reconhecendo os méritos do professor, deu o nome de Carmo Cascardo a uma escola normal regional, na cidade de Japira.

A cidade de Itajubá também homenageou esse filho de imigrante italiano, dando a um de seus estabelecimentos de ensino o nome de “Escola Municipal Professor Carmo Cascardo”. Seu nome também foi colocado em uma rua, através de Decreto nº 5 sancionado em 07 de junho de 1948, pelo então prefeito, Dr. Sebastião Pereira Rennó.

Em 07 de março de 1966, o Lions Clube prestou uma homenagem ao professor através de uma palestra proferida pelo médico Dr. Gaspar Lisboa, retratando a vida do saudoso mestre, que tanto engrandeceu as tradições culturais de Itajubá.

Em sua lápide está escrito: “Amou a instrução e dignificou o trabalho”.

Quatro filhas do Professor Carmo Cascardo - Luzia Cascardo de Carvalho, Maria José Cascardo de Vasconcellos, Sophia Cascardo de Carvalho e Bernadette Cascardo de Gouvea - todas itajubenses, foram professoras formadas pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus, de Itajubá, e contribuíram na formação educacional de inúmeras crianças e jovens.

Elas transmitiram aos seus descendentes princípios cristãos, morais e éticos, bem como receitas culinárias italianas e o gosto pela música, inclusive as famosas canções da terra onde nasceu o patriarca da família.

A filha caçula de Carmo, Maria Nazareth Cascardo, atualmente reside em Juiz de Fora - MG, e, apesar da idade avançada, visita, com certa frequência, sua estimada terra natal, Itajubá.

O primeiro filho de Carmo, Francisco casou-se, em primeiras núpcias, com Catarina Damatto, e em segundas, com Adjanira Cordeiro. Por muitos anos, trabalhou na Companhia Industrial Sulmineira, fábrica de tecidos, em Itajubá, mudando-se, depois, para o Paraná, onde se dedicou à cultura do café, em parceria com Mário Braz Pereira Gomes, filho do Presidente da República Wenceslau Braz; foi prefeito de Japira – PR, onde faleceu em 05 de abril de 1989.

Antônio Cascardo, também filho de Carmo, casou-se em 06 de março de 1942 com Marly Gribel. Ele fez os cursos primário e secundário em Itajubá, concluindo os preparatórios no Colégio São Vicente de Paulo. Depois, trabalhou e morou fora de Itajubá.

Outro filho de Carmo, Sebastião Cascardo, casou-se com Yedda Pereira. Em 1947, tornou-se bacharel pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo, realizando-se profissionalmente também fora de Itajubá.

CASCARDO GUIRONI



- **Nascimento:** 17 de março de 1891
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** Francesco Cascardo
- **Mãe:** Lúcia Anacleta Ribeiro Cascardo
- **Esposa:** Maria Benedita Mendes Cascardo
- **Pais de Maria:** Álvaro Vicente Moreira Mendes e Maria Mendes Figueiredo
- **Filhos de Guironi e Maria:** Judite, Edméia, Guiomar, Gerson, Ofélia e Francisco

VIDA E OBRA

Guironi Cascardo nasceu em 17 de março de 1891. Casou-se em 06 de junho de 1917 com Maria Benedita Mendes, com quem teve os filhos:

- Judite, casada, em 26 de julho de 1960, com Joaquim Corrêa Cardoso;
- Edméia, casada, em 08 de dezembro de 1947, com João Carvalho Costa, sepultada em 08 de janeiro de 1960;
- Guiomar, nascida em 11 de maio de 1921, casada com o Dr. Albano de Franca Rocha, em 16 de fevereiro de 1954;
- Gerson, nascido em 06 de abril de 1925;
- Ofélia;
- Francisco, nascido em 03 de junho de 1927.

Guironi Cascardo foi o continuador da fábrica de calçados 'A Bota Mineira', fundada pelo seu cunhado Francisco Nisticó, na Avenida Coronel Carneiro Júnior, na segunda década do Século XX.

CASCARDO GUERINO



- **Nascimento:** 05 de abril de 1899
- **Falecimento:** 08 de outubro de 1967
- **Pai:** Francesco Cascardo
- **Mãe:** Lúcia Anacleta Ribeiro Cascardo
- **Esposa:** Gentileza Saldanha Cascardo
- **Filhos de Guerino e Gentileza:** Gilberto Cascardo, Josemar Raimundo Cascardo, Flávio Lúcio Cascardo e Alcyr Fernando Cascardo

VIDA E OBRA

Guerino Cascardo nasceu em 05 de abril de 1899. Casou-se em 08 de setembro de 1926 com Gentileza Saldanha, com quem teve os filhos:

- Gilberto Cascardo, casado com Tereza Alvarina Cascardo;
- Josemar Raimundo Cascardo;
- Flávio Lúcio Cascardo;
- Alcyr Fernando Cascardo, advogado em São Paulo, casado com Jane de Oliveira Cascardo, com quem teve os filhos Maria Lúcia Cascardo e Fernando Guerino Cascardo.

Irmão do professor Carmo Cascardo, Guerino era conhecido, em Itajubá, por 'Boboco'. Era estimado por sua natural afabilidade e bondade e pela sua pronta disposição em bem servir a todos no que estava em suas possibilidades.

Por mais de trinta anos foi funcionário do Posto de Saúde de Itajubá, aposentando-se em 23 de junho de 1966, pela Secretaria da Saúde e Assistência do Estado de Minas Gerais.

Na edição de 11 de setembro de 1966, o Dr. Vicente Sanches dedicou a Guerino um soneto, considerando o velho amigo de infância "colega de primeiras letras".

Guerino faleceu em 08 de outubro de 1967 e Dr. Vicente novamente o homenageou postu-

mamente com novo soneto, cuja primeira estrofe assim dizia:

“De longe vem, quando era inda menino,
Esta lembrança do amigo querido,
Chamado por tão poucos o GUERINO,
Mais por BOBOCO, tal era o apelido...”.



A Itajubá do passado: Escola de Horticultura, atual Escola Estadual Wenceslau Braz

CASTELLANI SISTO



- **Nascimento:** 1880
- **Falecimento:** 29 de abril de 1935
- **Pai:** Antonio Castellani
- **Mãe:** Santa Issandrella
- **1ª Esposa:** Josepha Marconatto (* 1884, † 1904)
- **Pais de Josepha:** Pedro Marconatto e Maria Aliciata
- **Filho de Sisto e Josepha:** Felício Primo Castellani (* 22 de abril de 1904, † 13 de setembro de 1976)
- **2ª Esposa:** Catharina Togni (* 1885, † não há dados)
- **Pais de Catharina:** Domenico Togni e Maria Locatelli
- **Filhos de Sisto e Catharina:** Mariana, Josefa (* 1905, † 22 de julho de 1959), Humberto (* 1911, † 02 de novembro de 1933), José (* 1913, † 29 de julho de 1968), Alzira (* 1924, † 28 de agosto de 1927), Fortunato (* 17 de setembro de 1925, †) e Terezinha (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Sisto Castellani é natural de Rovigo, região do Veneto, nascido no ano de 1880. Filho de Santa e Antonio Castellani. Em 1890, Sisto embarcou, com um irmão, Paulo Castellani, em um navio a vapor na Itália e desembarcou no porto de Santos – SP.

Do porto foi para São Paulo e instalou-se em Santo André. Tempos depois, Sisto foi para Espírito Santo do Pinhal, interior de São Paulo. Lá, casou-se, aos 21 anos, com Josepha Marconatto, de 18 anos, também italiana e que veio com seus pais para o Brasil na mesma época que ele. O casamento foi realizado no dia 13 de setembro de 1902. O casal teve um filho, mas Josepha faleceu no parto, em 22 de abril de 1904.

A grafia do nome Sisto varia conforme os documentos. Além da usada neste livro, encontra-se Sixto e Xisto.

No dia 06 de novembro de 1905, com 25 anos, casou-se com Catharina, de 20 anos, e filha de prováveis imigrantes italianos, Domenico Togni e Maria Locatelli. O casal teve sete filhos.

CASTELLANI: Oriundo da cidade de Rovigo, região do Veneto

A família deixou Espírito Santo do Pinhal e mudou-se para Inconfidentes, na época, distrito de Ouro Fino, no Sul de Minas, para trabalhar nas lavouras de café. Com a queda do café, mudou-se novamente e foi morar na cidade de Itajubá.

Na cidade, Sisto foi pioneiríssimo no emprego de carros de praça, primeiramente puxados a cavalo, chegando a ser o mais popular de toda a cidade. Conforme o historiador Armelino Guimarães, o italiano Sisto empreendeu no seu novo negócio, "inicialmente com uma carruagem semelhante a caleça, logo em seguida substituída por uma de seges, do tipo 'Victória', de quatro rodas, de dois bancos colocados 'vis-à-vis', muito confortável, tirados a cavalos."

Sisto Castellani faleceu de tétano, em Itajubá, no dia 29 de abril de 1935, aos 54 anos.

CASTELLANI FELÍCIO PRIMO



- **Nascimento:** 22 de abril de 1904
- **Falecimento:** 13 de setembro de 1976
- **Pai:** Sisto Castellani
- **Mãe:** Josepha Marconatto Castellani
- **Esposa:** Maria Soledade Peixoto (* 22 de fevereiro de 1914, † 16 de fevereiro de 2008)
- **Pais de Maria Soledade:** José Maria Peixoto e Maria Conceição Alves
- **Filhos de Felício e Maria Soledade:** José Maria (* 02 de setembro de 1936, † 18 de agosto de 1985), Felício Márcio (* 20 de agosto de 1937), Paulo Sisto (* 02 de julho de 1940, † 19 de novembro de 1957), Maria Helenice (* 10 de maio de 1942, † 8 de julho de 2006) e Luiz Antônio (* 05 de abril de 1949, † 27 de maio de 2000)

VIDA E OBRA

Felício Primo Castellani nasceu em Espírito Santo do Pinhal - SP, no dia 22 de abril de 1904, sendo filho de Josepha e Sisto Castellani, imigrante italiano do Veneto.

Do interior de São Paulo, Felício residiu por pouco tempo em Inconfidentes, pertencente ao

município de Ouro Fino, no Sul de Minas. Com a morte de sua mãe, em 1904, ele foi criado pela sua tia Assunta, irmã de sua mãe.

Seu pai se casou novamente e, logo, se mudaram para Itajubá onde, no início, eles trabalharam na construção da rodovia Itajubá-Lorena.

Aprendeu a profissão de motorista (*chauffeur*) com o pai e, com a sua morte, abraçou o mesmo ofício, conduzindo passageiros pelas ruas de Itajubá e região.

No dia 22 de novembro de 1935, casou-se, aos 31 anos, com a professora Maria Soledade Peixoto, com 21 anos. Ela era nascida em Itajubá em 22 de fevereiro de 1914, no bairro da Piedade, sendo a única filha de José Maria Peixoto e Maria Conceição Alves, que vieram para o Brasil de Peso da Régua, Portugal, com seis filhos. Formou-se professora no Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1931, tendo lecionado no Grupo Coronel Carneiro Júnior e em outras escolas. Mesmo aposentada, continuou a lecionar à noite para ajudar na educação dos filhos.

Primo e Maria Soledade tiveram cinco filhos:

- José Maria Castellani, nascido em 02 de setembro de 1936, formou-se economista e falecido, em 18 de agosto de 1985;

- Felício Márcio Castellani, nascido em 20 de agosto de 1937; engenheiro mecânico diplomado pela EFEI (atual UNIFEI) na turma de 1969; Casado com Sonia dos Santos;

- Paulo Sisto Castellani, nascido em 02 de julho de 1940 e falecido em 18 de novembro de 1957;

- Maria Helenice Castellani Tomé da Silva, nascida em 10 de maio de 1942; formou-se professora; casada em 22 de novembro de 1966 com o engenheiro Ornélio Tomé da Silva e falecida em 8 de julho de 2006;

- Luiz Antônio Castellani, nascido em 05 de maio de 1949; formou-se economista. Faleceu em 27 de maio de 2000.

No início, Primo trabalhava com as carruagens tiradas a cavalos. Na segunda metade do século XX, com o surgimento do automóvel, ele viu um futuro promissor. Abandonou a tração animal e investiu no carro a gasolina, inicialmente no famoso Ford 'bigode'.

Primo, com mais dois ou três amigos, inauguram o primeiro ponto de carros de aluguel de Itajubá, na praça central da cidade, em frente ao Grande Hotel. Pela sua maneira de trabalhar e de se relacionar com os clientes, era ele o motorista mais solicitado, pois enfrentava todo tipo de estrada, principalmente de terra, tão comum na época, fizesse sol ou chuva.

Segundo Armelino Guimarães, "era o motorista predileto dos médicos desta cidade, bem como dos mais ilustres conterrâneos, como o Dr. Wenceslau Braz, José Rodrigues Seabra, Aureliano Chaves, Pedro Mendes dos Santos e tantos outros que reconheciam sua honestidade, pontualidade e capacidade de trabalho".

Como motorista, Primo trabalhou durante meio século, até a idade de setenta anos. Sua atividade muito contribuiu para o progresso e desenvolvimento da cidade. O ofício aprendido com o pai deu a ele o sustento de sua família e permitiu que outras pessoas seguissem a mesma profissão até os dias de hoje.

Foi ele um expoente, um incentivador e um dos fundadores da Associação dos Motoristas de Itajubá. Felício Primo Castellani faleceu em Itajubá, no dia 13 de setembro de 1976, aos 72 anos.

CASTIGLIONI LUIGI



- **Nascimento:** 1899
- **Falecimento:** 1968
- **Pai:** Luigi Castiglioni
- **Mãe:** não temos informações
- **Esposa:** Saba Borsacchi (* 04 de abril de 1902, † 1988)
- **Pais de Saba:** Anna Micco e Arturo Borsacchi
- **Filhos de Luigi e Saba:** Anna Maria Eugenia Castiglioni (* não há dados, † 1996)

VIDA E OBRA

Luigi Castiglioni é natural da cidade de Poggio a Caiano. Na Itália do pós-guerra, a família Castiglioni sofreu muito, perdendo casa e seus pertences. A família, então, resolveu tentar a sorte no Brasil, visto que tinham parentes no Sul do Estado de Minas Gerais.

Em 1948, Luigi veio para o Brasil a bordo do navio a vapor Giulio Cesare. Ele veio acompanhado de sua esposa, Saba, nascida em Lastra a Signa e de sua filha Anna Maria Eugenia. Chegaram a Itajubá e foram acolhidos por José Borsacchi, parente de Saba. Eles trabalharam por 20 anos no Hotel Sion.

Em 1952, Olga Borsacchi, aos 53 anos, irmã de Saba, deixou a sua cidade de Lastra a Signa e veio para o Brasil para se juntar à família. Ela não se casou e viveu toda a sua vida ao lado da irmã. Olga tinha ficado na Itália para tentar reaver o patrimônio da família conforme uma procuração do 2º Tabelião e Oficial de Registro Especial, “a quem concedem todos os poderes gerais e

CASTIGLIONI: Oriundo da cidade Poggio a Caiano, Província de Firenze, região da Toscana

necessários para receber do Governo da Itália, indenizações de guerra em consequência de danificações produzidas por bombardeio aéreo na propriedade imóvel dos outorgantes e a mesma procuradora...”.

Com a experiência adquirida no Hotel Sion, a família buscou trabalhar em prol da melhoria de atendimento dos hotéis na época. Com o esforço e economias, compraram terras onde hoje é o Novo Horizonte e tinham a intenção de criar o loteamento Castiglioni. Nessas terras, a “Fazenda Marguizzerri”, viviam e plantavam, assim como criavam gados, cuidados por Luigi.

Ajudaram a criar três garotos no Brasil: Ney Geraldo Pereira, filho do ex-prefeito de Piranguinho, Geraldo Mota; José Marcos Sabino de Carvalho e Claizer Marcos Batista de Carvalho, filhos do ex-presidente da Câmara, José Sebastião de Carvalho.

Em 1968 Luigi Castiglioni faleceu na cidade de Campinas.

As mulheres faleceram em Itajubá: Olga em 1972, Saba em 1988 e Anna Maria Eugenia em 1996.



Cidade de Poggio a Caiano, Província de Firenze, região da Toscana

CATTAPAN LUIGI CESARE



- **Nascimento:** 08 de setembro de 1946
- **Pai:** Antonio Carlo Cattapan
- **Mãe:** Theodora Guidolin Cattapan
- **Esposa:** Maria Valéria de Oliveira Sant´Ana
- **Filhos de Luigi:** Carlos Eduardo (* 31 de maio de 1975), Flávio (* 18 de agosto de 1976), Leonardo (* 27 de julho de 1986) e Stefano (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Luigi Cesare Cattapan nasceu em Cittadella, Província de Padova, região do Veneto. Ele tinha 10 anos de idade quando chegou ao Brasil, no navio “Castel Bianco”, em 20 de janeiro de 1956.

Filho de Antonio Carlo e Theodora Cattapan, Luigi tem como avós paternos Cesare Luigi Cattapan e Anna Favaro e como avós maternos Francesco Gudolin e Emma Marchiori.

A família Cattapan desembarcou no porto de Santos - SP. Seu pai, Antonio Carlo, iniciou uma indústria de bebidas em São Paulo capital. Sua experiência no ramo veio da Itália, onde ele tinha uma empresa para a produção de “Grappa” de distribuição em todo território italiano, fundada em 1893.

CATTAPAN: Oriundo da cidade de Cittadella, Província de Padova (Pádua), Veneto

Luigi é técnico projetista e trabalhou em São Paulo em empresas de engenharia e materiais elétricos para a indústria de petróleo.

Mudou-se para Itajubá em 1983 para a implantação da empresa Alteco, na qual trabalhou até 1996.

Atualmente, gerencia a empresa AWL Indústria e Comércio Ltda., em Delfim Moreira, com foco em sinalização aeronáutica. Faz parte da Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Itajubá (ACIEI) e também é fundador do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Itajubá (SIMMEI).



Cittadella, Província de Padova, região do Veneto

CAZARINI DEMÉTRIO



- **Nascimento:** 14 de outubro de 1868
- **Falecimento:** 14 de junho de 1959
- **Pai:** Vicente Cazarini
- **Mãe:** Maria Salvalaio
- **1ª Esposa:** Angela Cazarini (* e † não há dados)
- **Pais de Angela:** não temos informações
- **Filhos de Demétrio e Angela:** Lázara (* e † não há dados), Gentil (* e † não há dados), Maria (* e † não há dados), Concílio (* e † não há dados), Margolfa (* e † não há dados) e Luiz (* e † não há dados)
- **2ª Esposa:** Josina Ferreira Rocha (* 1º de maio de 1876, † 1º de janeiro de 1935)
- **Pais de Josina Ferreira:** Antônio Ferreira Rocha e Maria Jezuína de Freitas Rocha
- Filhos de Demétrio e Josina:** Demétrio (* 29 de novembro de 1915, † 29 de agosto de 1999), Romualdo (* 25 de junho de 1917, † 15 de novembro de 1998) e Gema (* 30 de agosto de 1919).

VIDA E OBRA

Demétrio Cazarini nasceu na cidade de Padova, no norte da Itália. Em sua terra natal, casou-se com Angela. O casal teve seis filhos. Da Itália resolveram vir para o Brasil.

Atravessaram o Atlântico em um navio a vapor e desembarcaram no porto de Santos. Dirigiram-se para a cidade de Pouso Alegre, no Sul de Minas, indo morar no bairro Faisqueira e trabalharam em uma olaria.

CAZARINI: Oriundo da cidade de Padova (Pádua), região do Veneto

Em 1908, Angela faleceu e Demétrio ficou viúvo até 1915, quando conheceu Josina Ferreira Rocha, natural de Pouso Alegre e filha de Antônio Ferreira Rocha e Maria Jesuína de Freitas Rocha. Ela era também viúva e tinha sete filhos do seu casamento com Francisco Ignácio de Freitas.

Em 30 de março de 1915, Demétrio, com 40 anos, e Josina, com 39 anos, se casaram e tiveram três filhos. Josina, com os sete filhos do primeiro casamento, e Demétrio, também com seus seis primeiros filhos, mais os três filhos se mudaram para a cidade de Machado.

Demétrio ganhava a vida, trabalhando como lavrador e carroceiro em Machado, de onde, ele e a família, novamente se mudaram, dirigindo-se para a cidade hidromineral de Poços de Caldas.

Em 1926, a família se mudou para Itajubá. Um ano mais tarde, Demétrio abandonou a família e foi com uma nova companheira para a cidade de Varginha. Depois, foi para São Paulo, e lá abriu uma pensão na Vila Maria.

Anos depois, foi para Londrina, no Paraná. Seus três filhos do primeiro casamento o acompanharam: Luiz era marceneiro e ferreiro e casou-se com Carmem Martins; Concílio, lavrador, casou-se com Carmem Silva, e Gentil, lavrador e oleiro, como o pai, casou-se com Mariquinha Rocha. As filhas de Demétrio, Lázara, Maria e Margolfa, casaram-se respectivamente com Eugênio Dianni, Romualdo Rocha e Sílvio Silveira.

Josina e seus filhos retornaram para Pouso Alegre. Seu filho mais velho, Demétrio Cazarini Filho, tornou-se arrimo de família com 12 anos e começou a trabalhar para sustentar a mãe e seus irmãos. Josina faleceu, em Pouso Alegre, no dia 1º de maio de 1935, aos 59 anos.

Demétrio Cazarini, já com Mal de Parkinson, faleceu no dia 14 de junho de 1959, em Londrina.

CAZARINI DEMÉTRIO FILHO



- **Nascimento:** 29 de novembro de 1915
- **Falecimento:** 29 de agosto de 1999
- **Pai:** Demétrio Cazarini (* 14 de outubro de 1868 †14 de junho de 1959)
- **Mãe:** Josina Ferreira Rocha Cazarini

- **Esposa:** Maria Nazareth Muniz (* 15 de julho de 1923, † 05 de novembro de 2003)
- **Pais de Maria Nazareth:** Pedro Muniz e Maria Rodrigues Muniz
- **Filhos de Demétrio e Maria Nazareth:** Edna (* 18 de junho de 1943), Márcia (* 19 de dezembro de 1944), Denise (* 23 de março de 1949 † 05 de fevereiro de 2013), Josimar (* 07 de maio de 1954), Flávia (* 04 de março de 1960) e Demétrio (* 27 de janeiro de 1963)

VIDA E OBRA

Demétrio Cazarini Filho nasceu em Pouso Alegre, no dia 29 de novembro de 1915. Filho da viúva Josina e do viúvo Demétrio Cazarini, teve seis irmãos por parte de pai, sete irmãos por parte de mãe e dois irmãos na união do casal, num total de 15 irmãos.

Sua família mudou-se para Machado e, depois, Poços de Caldas, até que, em 1926, a família se mudou, novamente, seguindo para Itajubá.

Logo depois, seu pai abandonou a família e foi embora para a cidade de Varginha. Sua mãe, doente, foi com os filhos para Pouso Alegre. Demétrio, então, com 12 anos começou a trabalhar e a sustentar sua mãe e os irmãos. Iniciou-se como engraxate e, depois, foi aprendiz de barbeiro na barbearia de Faustino Campanella.

Em 1935, sua mãe faleceu. Demétrio com seu irmão Romualdo voltaram para Itajubá, mas sua irmã Gema permaneceu em Pouso Alegre com os irmãos por parte de pai.

Em Itajubá, Demétrio se casou com Maria Nazareth Muniz, natural de Itajubá. O casal teve seis filhos: Edna, casada com Osmar Tomé da Silva; Márcia, casada com Mauro Rocha Braga; Denise, casada com Mário Nakagami, já falecido; Josimar, casada com Antônio Guilherme Ribeiro Grillo; Flávia, casada com Antonio José dos Santos Trotta, e Demétrio, casado com Valéria Tereza Gomes.

Com sua própria barbearia, à Praça Pereira dos Santos, Demétrio conquistou seus clientes pelo seu profissionalismo e pelo seu exemplo de homem íntegro e de reputação irrefutável. Fez de sua vida familiar um porto seguro e de sua barbearia o sustento de sua casa.

Depois de muito trabalho e uma vida toda voltada à barbearia, pôde comprar alguns lotes no bairro Morro Chic e construir algumas casas, escolhendo uma delas para ser o seu lar, durante toda a sua vida. Homem simples de hábitos discretos e de uma disciplina exemplar, soube dar um destino e um futuro aos seus familiares.

Teve uma draga de areia e, por vários anos, uma barbearia no início da Rua Nova - onde existe atualmente um posto de gasolina - na qual trabalhava com o sócio, seu irmão Romualdo. Seu salão era frequentado por clientes de várias gerações. Mesmo depois de aposentado, ele continuou com o seu "Salão Demétrio", em sua casa. Trabalhou durante anos ininterruptos, dando a vários jovens a oportunidade de aprenderem a profissão, os quais, até hoje, atuam na cidade.

Demétrio Cazarini Filho faleceu, em Itajubá, no dia 29 de agosto de 1999, aos 83 anos.



Cidade de Padova (Pádua), Veneto

CERAVOLO DOMENICO FRANCESCO

- **Nascimento:** 08 de dezembro de 1847
- **Falecimento:** 28 de julho de 1898
- **Esposa:** Rosaria Ranieri (* 17 de abril de 1858, † 30 de setembro de 1924)
- **Filhos de Domingo e Rosaria:** Francesco, Vincenzo, Rosalina Irene, Domingos, Caliméria.

VIDA E OBRA

Domenico “Domingos” Ceravolo nasceu em 08 de dezembro de 1847. No dia 06 de maio de 1884, embarcou sozinho para o Brasil, deixando para trás sua família. Seu objetivo era exercer sua profissão de marceneiro em terras estrangeiras.

Trabalhou muito para, em 1886, mandar buscar sua esposa, Rosaria, e os filhos, Francesco, com 7 anos, e Vincenzo, com 4 anos de idade, para tê-los novamente consigo.

Os anos se passaram e Domingos Ceravolo ensinou o ofício de marceneiro ao filho Francesco, que, logo, se tornou um mestre na profissão do pai.

Domingos faleceu em 28 de julho de 1898.

CERAVOLO: Oriundo da cidade de Pizzo, Província de Catanzaro, região da Calabria

CERAVOLO FRANCESCO LEONARDO



- **Nascimento:** 06 de novembro de 1879
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** Domenico "Domingos" Ceravolo
- **Mãe:** Rosaria Ranieri Ceravolo
- **Esposa:** Catarina Paver
- **Filhos de Francisco e Catarina:** Domingos, Rosalina, Vicente, Jacomino, Mila, Geralda, Francisco, Inocência e Dalton.

VIDA E OBRA

Francesco "Francisco" Leonardo Ceravolo nasceu em 06 de novembro de 1879, na cidade de Pizzo, Província de Catanzaro, na Calabria, Itália. Em 1866, com sete anos de idade, veio para o Brasil com sua mãe e seu irmão Vincenzo. Seu pai, Domingos, que já estava no Brasil, havia dois anos, mandou buscar toda a família, que chegou pelo porto de Santos.

No Brasil, Francisco conheceu a turista austríaca Catarina Paver, que, com parentes, veio conhecer o Brasil. Ela passou a ser sua esposa, nunca mais voltando para a sua cidade, D´Elnice, na Áustria. Deste casamento nasceram os filhos: Domingos, Rosalina, Vicente, Jacomino, Mila, Geralda, Francisco, Inocência e Dalton.

Residiu em São José do Rio Pardo - SP, onde, como filho mais velho, foi iniciado na profissão de Domingos, seu pai. Inteligente e de espírito inovador, tornou-se um exímio mestre da marcenaria. Ele se lançou em vários empreendimentos, sendo proprietário de uma empresa que forne-

CERAVOLO: Oriundo da cidade de Pizzo, Província de Catanzaro, região da Calabria

cia água a Muzambinho e de uma fábrica de ladrilhos, telhas e tijolos.

Construiu e ampliou vários prédios naquela cidade – o Liceu Municipal, o Grupo Escolar Cesário Coimbra, a Santa Casa, o Clube Recreativo, o Jardim da Estação, o prédio da Escola Normal e a Usina da Escola Agrotécnica.

Formou-se pela Escola Livre de Engenharia do Rio de Janeiro. Era também vinicultor e recebeu honras, no Rio de Janeiro, obtendo medalha de prata como melhor vinho apresentado.

Foi agraciado com o título de Comendador da Soberana Ordem de São Paulo Apóstolo pela Associação Interamericana de Imprensa de São Paulo.

CERAVOLO GERALDA RODRIGUES



- **Nascimento:** 08 de outubro de 1911
- **Falecimento:** 03 de fevereiro de 1989
- **Pai:** Francesco Leonardo Ceravolo
- **Mãe:** Catharina Paver Ceravolo
- **Esposo:** Antônio Rodrigues da Silva (*26 de junho de 1906, † 09 de janeiro de 1987)
- **Pais de Antônio Rodrigues da Silva:** Gabriel Rodrigues da Silva e Eulália Maria de Jesus
- **Filhos de Geralda e Antônio Rodrigues:** Alberto Leonardo Rodrigues, Catarina Eulália Rodrigues, Heloisa Ceravolo Rodrigues, Sônia Maria Rodrigues, Regina Ceravolo Rodrigues, Paulo Ceravolo Rodrigues e Marialva Ceravolo Rodrigues.

VIDA E OBRA

Geralda Ceravolo Rodrigues é o que se pode chamar de mulher virtuosa. Soube ser exemplo de mãe, esposa e educadora. Com maestria, ensinou e ofereceu o seu melhor na música, na educação e na caridade. Fez da vida um serviço e deu vida aos serviços que prestou para a comunidade, a escola e a família.

Filha do imigrante italiano Francesco Ceravolo, que foi casado com a austríaca Catharina,

Geralda nasceu em 08 de outubro de 1911, em Muzambinho, Minas Gerais. Desde criança, dedicou-se aos estudos, tendo cursado o Lyceu Municipal até completar o Normal.

Especializou-se em Magistério na cidade mais próxima, que, na época, era a regional de Varginha. Começou sua carreira de educadora lecionando no Grupo Escolar Dr. Cesário Coimbra, em Muzambinho.

Na sua juventude, conheceu o itajubense Antonio Rodrigues da Silva e, aos 23 anos, em 29 de abril de 1936, em Muzambinho, eles se casaram.

Após o nascimento de seus primeiros filhos, em 1942, mudou-se com a família para Itajubá, à procura de novas oportunidades. A família passou a residir à rua Dona Maria Carneiro, no bairro Boa Vista, onde seu marido instalou seu consultório odontológico.

Ela foi nomeada para o Grupo Escolar Theodomiro Santiago, no bairro da Varginha. Em 1949, transferiu-se para o Grupo Escolar Professor Rafael Magalhães. Em 07 de agosto de 1953, foi designada para a função de auxiliar de diretoria e, em 29 de setembro de 1959, para o cargo de inspetora regional.

Tempos depois, assumiu a direção da Escola Estadual Professor Rafael Magalhães. No dia 25 de janeiro de 1966, Geralda Ceravolo se aposentou, mas continuou lecionando em sua residência para ajudar quem necessitasse de aulas de reforço e também os que prestariam exames de seleção no SENAI, de admissão ao antigo Ginásio e também para o 'Artigo 91', hoje Ensino Supletivo, além de outros cursos. Deixou o seu belo trabalho de educadora, que muito engrandeceu a população de Itajubá.

Segundo comentários encontrados no livro "Colar de Pérolas – Presença e Pioneirismo da Mulher Itajubense", Geralda Ceravolo tinha na caridade uma missão: "Insistia sempre em dizer que "um cumprimento, um sorriso e um aperto de mão bastavam para ser delicado e se praticar a caridade".

Junto de pessoas humildes e simples é que ela mais fazia sentir sua ajuda. Tinha sempre uma palavra amiga, orientadora, consoladora. Não ofendia com suas palavras e sempre procurava dialogar com paciência, elegância e delicadeza. "Ela semeava sementes da alegria, do esforço e do dever cumprido", narra o livro Colar de Pérolas.

Geralda tinha a censura no olhar e o sorriso nos lábios e se fazia respeitada e amada. Seu lema era: "Vim para servir e não para ser servida". Seus ideais eram nobres e inovadores para a época. Fazia tudo com o intuito de ajudar os outros e não visava lucros.

Além da educação e da caridade, Geralda Ceravolo abrilhantava com suas músicas tiradas no piano ou no acordeom. Com a criação de um departamento em Itajubá do Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, ela pôde ampliar seus conhecimentos e se diplomou em Canto Coral, Teoria Musical e Acordeom.

Lecionou música para muitos itajubenses que a procuravam para obter os dotes artísticos. Ainda em sua mocidade, fez fundo musical no Cine Teatro de Muzambinho, por ocasião da projeção de filmes do cinema mudo.

Pertenceu ao Apostolado da Oração, da Igreja Católica, e participava ativamente das campanhas pelas vocações sacerdotais, coletando dezenas de sócios mensalmente e recebendo as doações em suas casas. Também ajudou em quermesses e movimentos para a construção do prédio do Instituto Padre Nicolau e da Granja Escola Wenceslau Neto.

No dia 27 de agosto de 1981, em cerimônia realizada em Poços de Caldas, pela Associação dos Professores Públicos de Minas Gerais, Geralda Ceravolo foi agraciada com o Diploma de Honra ao Mérito pelos serviços prestados à educação.

Geralda colaborou na criação das escolas estaduais Jorge Tibiriçá de Boucherville, Professor Carmo Cascardo, Wenceslau Braz, Wenceslau Neto, Dr. Antônio Salomon e Coronel Casimiro Osório e também na organização do curso primário do Colégio XIX de Março, onde lecionou.

Faleceu em 03 de fevereiro de 1989 e, em 19 de março de 2002, foi inaugurado, pela Prefeitura Municipal de Itajubá, o Centro Integrado Geralda Ceravolo Rodrigues, para atendimento de alunos dos bairros Santo Antônio, Santa Luzia e adjacências.

CHEBERLE PIETRO



Antiga igreja de San Biagio



Clemente, filho de Pietro com sua esposa Ema

- **Nascimento:** 28 de dezembro de 1846
- **Falecimento:** 28 de abril de 1915
- **Esposa:** Elisa Bottacin (* 1854, † não há dados)
- **Filhos de Pietro e Elisa:** Giuseppe (* 1878, † não há dados), Maria (* 1887, † não há dados), Clemente (* 1882, † não há dados), Sarmentello (* 1883, † não há dados), Rugiero (* 1886, † não há dados) e Duilia (* 1888, † não há dados).

VIDA E OBRA

O italiano Pietro Cheberle deixou o seu país de origem com 46 anos para “tentar a sorte na América”, vindo com a família para o Brasil.

Sua esposa, Elisa, tinha na época 38 anos e eles trouxeram seis filhos: Giuseppe com 14 anos, Maria com 11, Clemente com 10, Sarmentello com 09, Rugiero com 06 e Duilia com 04 anos de idade.

A família Cheberle viajou para a América, cruzando o Atlântico no navio a vapor “Attività” e desembarcou no porto de Santos em 1º de outubro de 1892. Em seu registro de desembarque, emitido pela Secretaria de Estado da Cultura – Museu da imigração, registra-se que a família tomou o destino da cidade de São José do Rio Pardo – SP.

Descendentes de Pietro vieram para Itajubá.

CHEBERLE: Oriundo da cidade de San Biagio di Callalta, região do Veneto

CHIARADIA FAMÍLIA



INTRODUÇÃO

Proveniente de Caneva, Província de Pordenone, em Friuli-Venezia Giulia, Saverio Chiaradia possuía extensas terras na Basilicata, antiga Lucania, em San Severino Lucano, no Monte Polino, onde cultivava, entre outras coisas, frutas como pêra, maçã, pêssego e cereja.

Saverio era casado com Nicolina Millioni e tiveram seis filhos: Tomaz, José, Maria Francesca, Paolo, Giuliana e Francesco, o caçula, que morreu ainda jovem de causa desconhecida.

Tomaz, o primogênito, casou-se com Maria Francisca Gargaglione e tiveram quatro filhos: Nicolina, Miguel, Francisco e Vicente. Durante a unificação da Itália, Saverio e outros latifundiários entraram em conflito com o Rei Vitória Emanuel, que queria confiscar suas terras para o Estado.

Saverio com os filhos Tomaz e José morreram, defendendo suas terras. Perseguidos, os varões da família Chiaradia bem como de outras famílias italianas tiveram que fugir da Itália por não concordar com o Rei.

Maria Francisca, que tinha um irmão vindo para o Brasil, mandou os filhos Miguel, com 20 anos, recém-formado em Medicina na Faculdade de Medicina de Nápoles; Francisco, com 10 anos, e Vicente, com apenas 7 anos, sob os cuidados do cunhado Paulo, com 21 anos, para se estabelecerem na região da Mantiqueira, onde encontraram amigos da família, como os Ciancio, os Mittidieri, os Castagnacci, os Gargaglione e os Olivetti, entre outros, imigrados pelo mesmo motivo ou por ser esta uma região semelhante a do Monte Polino em clima e relevo.

Os imigrantes chegaram ao Brasil pelo Rio de Janeiro, de lá foram para São Bento do Sapucaí - SP e, depois, para a Vila de Piranguçu, então distrito de Itajubá.

Miguel ficou em São Bento do Sapucaí, onde se casou com Ana Vieira da Rosa Góes, tendo apenas uma filha, Felicidade Chiaradia, casada com Biaggio (Braz) Reale. Miguel exerceu a função de major médico da Guarda Nacional.

CHIARADIA PAOLO "PAULO"



Paulo Chiaradia

- **Nascimento:** 18 de maio de 1851
- **Falecimento:** 05 de outubro de 1918
- **Pai:** Saverio Chiaradia (* 29 de junho de 1811 † 30 de setembro de 1870)
- **Mãe:** Nicolina Millionini (* 18 de março de 1814 † 23 de agosto de 1877)
- **1ª Esposa:** Júlia Maria do Espírito Santo (*18 de maio de 1850 † 21 de fevereiro de 1885)
- **Pais de Júlia:** não temos informações
- **Filhos de Paulo e Júlia:** Ana e Silvério
- **2ª Esposa:** Umbelina Dias Pereira (* e † não há dados)
- **Pais de Umbelina:** não temos informações
- **Filhos de Paulo e Umbelina:** Júlia, Amadeu, Laura, Luiz, Helena, Nicolina, Petronilla, Maria, Paulo, José e Ana

VIDA E OBRA

Filho de Saverio Chiaradia e Nicolina Millionini, Paulo nasceu em 18 de maio de 1851, na cidade de San Severino Lucano, província de Potenza.

Já no Brasil, Paulo Chiaradia casou-se em primeiras núpcias com D. Julia Maria do Espírito Santo e tiveram os filhos: Ana Chiaradia, casada com Domingos Ricotta, e Silvério Chiaradia. Julia faleceu ao dar à luz Silvério Chiaradia.

CHIARADIA: Oriundo da cidade de Caneva, Província de Pordenone, Friuli – Venezia Giulia

Paulo Chiaradia foi um obreiro do progresso. Chegando em Itajubá, estabeleceu-se, primeiramente, com uma tenda de ferrador de animais e serralheiro. Prosperou e fundou uma serraria, produzindo tábuas, caibros e pranchões.

Adquiriu terras em Piranguçu, tornou-se fazendeiro agropecuarista e passou a fornecer gêneros alimentícios para o comércio de Itajubá. Montou uma mercearia, que se transformou num sortido armazém de secos e molhados.

Atuou na Câmara Municipal de Itajubá como vereador, representando a Vila de Piranguçu por três quadriênios consecutivos de 1904 a 1915.

Paulo Chiaradia faleceu em 05 de outubro de 1918, em Piranguçu, distrito de Itajubá.

CHIARADIA SILVÉRIO



Silvério Chiaradia e Carmelina Costa Machado

- **Nascimento:** 21 de fevereiro de 1885
- **Falecimento:** 08 de julho de 1972
- **Pai:** Paulo Chiaradia (*18 de maio de 1851, † 05 de outubro de 1918)
- **Mãe:** Júlia Maria do Espírito Santo (* 18 de maio de 1850, † 21 de fevereiro de 1885)
- **Esposa:** Carmelina Costa Machado (* 28 de maio de 1886 † 21 de fevereiro de 1933)
- **Pais de Carmelina:** Manoel da Costa Machado e Maria José Pinheiro
- **Filhos de Silvério e Carmelina:** Dario (* 25 de outubro de 1907, † 25 de julho de 2003), Jovino I (* e † não há dados), Júlia (* e † não há dados), Jovino II (* 15 de abril de 1913, † 28 de setembro de 1981), Yvo (* 17 de outubro de 1914, † 18 de janeiro de 1999), Maria José (* e † não há dados), Mariana (* e † não há dados), Afonsina (* e † não há dados), Diana (* e † não há dados), Vera (* e † não há dados) e Ana (* e † não há dados)

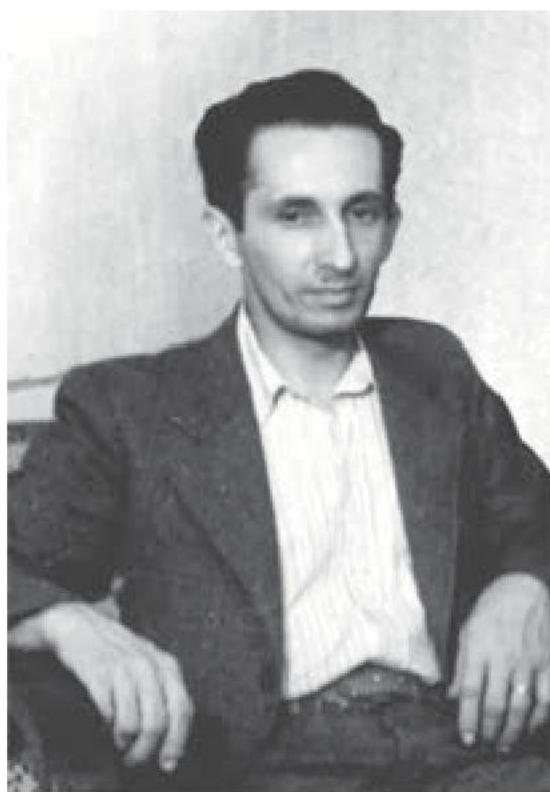
VIDA E OBRA

Silvério Chiaradia nasceu em 21 de fevereiro de 1885, em Piranguçu, então pertencente ao município de Itajubá. Sua mãe, Júlia Maria do Espírito Santo, faleceu em consequência do parto. Seu pai, Paulo Chiaradia, contraiu segundas núpcias e Silvério, já crescido, resolveu morar com seu primo Miguel Chiaradia em São Bento do Sapucaí - SP.

Silvério casou-se com Carmelina Costa Machado em 24 de janeiro de 1907, em Itajubá. O casal teve 11 filhos: Dario; Jovino, falecido criança; Júlia; Jovino, o segundo filho com este nome; Yvo; Maria José; Mariana; Afonsina, casada com Mário Ricotta; Diana; Vera, casada com José Sebastião Fernandes, e Ana (Anita), falecida com 1 ano de idade. Dentre eles, destacaram-se três: Dario, Jovino e Yvo.

Com tino para o comércio, Silvério tornou-se um empreendedor em Itajubá. No barracão ao lado de sua casa, montou uma fábrica de chapéus. Como o negócio prosperava, abriu novas frentes, uma fábrica de lenços e outra de macarrão, sempre com a ajuda de seus filhos. Mais tarde, montou uma loja no começo da Rua Nova para manutenção e aluguel de bicicletas.

CHIARADIA DARIO



Dario Chiaradia

- **Nascimento:** 25 de outubro de 1907
- **Falecimento:** 25 de julho de 2003
- **Pai:** Silvério Chiaradia (* 21 de fevereiro de 1885, † 08 de julho de 1972)
- **Mãe:** Carmelina Costa Machado (* 28 de maio de 1886 † 21 de fevereiro de 1933)
- **Esposa:** Maria Chaves (* 27 de janeiro de 1908 † 25 de março de 2000)
- **Pais de Maria:** Luiz Monteiro Chaves e Julia Rocha Chaves
- **Filhos de Dario e Maria:** Carmelina, Célia e Cyro

VIDA E OBRA

Dario nasceu em 25 de outubro de 1907. Casou-se com Maria Chaves, aos 25 anos, em 27 de dezembro de 1932 e tiveram os filhos: Carmelina, Célia e Cyro.

Ele agregou mais um serviço à loja da família em Itajubá, sendo o pioneiro no conserto de máquinas de escrever e conquistando novos clientes dos bancos e escritórios de serviço público.

Com a morte de seu pai Silvério, Dario, como filho mais velho, assumiu naturalmente as funções de guardião das finanças de seu pai, sem nenhuma objeção por parte de seus irmãos.

Dario e seus irmãos Jovino e Yvo montaram em sociedade um ateliê fotográfico e um laboratório de ótica, dedicando-se ao preparo de óculos e registrando, em fotos, várias épocas da memória de Itajubá. A Casa Chiaradia – Ótica e Fotografia, existiu por mais de 60 anos na Avenida Coronel Carneiro Júnior (Rua Nova), nº. 13.

Dario faleceu em 25 de julho de 2003, em Itajubá, aos 95 anos.

CHIARADIA JOVINO



Jovino Chiaradia

- **Nascimento:** 15 de abril de 1913
- **Falecimento:** 28 de setembro de 1981
- **Pai:** Silvério Chiaradia (* 21 de fevereiro de 1885, † 08 de julho de 1972)
- **Mãe:** Carmelina Costa Machado (* 28 de maio de 1886 † 21 de fevereiro de 1933)
- **Esposa:** Eunice Cardoso (*21 de dezembro de 1917 † 07 de setembro de 1984)
- **Pais de Eunice:** Sebastião Ribeiro Cardoso e Lucinda Figueiredo
- **Filhos de Jovino e Eunice:** Lélia, Heloisa, Fábio, Helenice, Maria Aparecida e Eliana

VIDA E OBRA

Nasceu em 15 de abril de 1913. Aos 24 anos, casou-se com Eunice Cardoso, no dia 15 de setembro de 1937. O casal teve seis filhos: Lélia, Heloisa, Fábio, Helenice, Maria Aparecida e Eliana.

Jovino também agregou à loja do pai novos serviços em fotografia e manutenção de equipamentos de escritório em geral. Foi nesse período que tiveram início os serviços de fotografia em Itajubá.

Jovino faleceu em 28 de setembro de 1981, aos 68 anos, em Itajubá.

CHIARADIA YVO



Yvo Chiaradia

- **Nascimento:** 17 de outubro de 1914
- **Falecimento:** 18 de janeiro de 1999
- **Pai:** Silvério Chiaradia (* 21 de fevereiro de 1885, † 08 de julho de 1972)
- **Mãe:** Carmelina Costa Machado (* 28 de maio de 1886 † 21 de fevereiro de 1933)
- **Esposa:** Maria Aparecida de Souza (* 27 de julho de 1922 † 08 de junho de 2002)
- **Pais de Maria:** João Mineiro de Souza e Benedita Alves dos Reis
- **Filhos de Yvo e Maria:** Iza Maria, Deyse, Eny, Silvério e Cláudia Maria

VIDA E OBRA

Yvo Chiaradia nasceu em 17 de outubro de 1914.

Casou-se com Maria Aparecida de Souza e tiveram cinco filhos: Iza Maria, Deyse, Eny, Silvério e Cláudia Maria.



Da esquerda para a direita: Luiz, Da. Umbelina, Laura, Helena, Amadeu e Ana.

CHIARADIA AMADEU



Amadeu Chiaradia

- **Nascimento:** 08 de dezembro de 1887
- **Falecimento:** 15 de junho de 1935
- **Pai:** Paulo Chiaradia (*18 de maio de 1851, † 05 de outubro de 1918)
- **Mãe:** Umbelina Dias Pereira (* e † não há dados)
- **Esposa:** Pedrina Marques (* e † não há dados)
- **Pais de Pedrina:** não temos informações
- **Filhos de Amadeu e Pedrina:** Maria de Lourdes

VIDA E OBRA

Amadeu Chiaradia nasceu em Piranguçu – MG em 08 de dezembro de 1887 e casou-se com Pedrina Marques.

Amigo dos livros, desde a adolescência, fez os preparatórios secundários para o curso superior no Ginásio Episcopal em São Paulo, revelando-se um aluno notável. Formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Advogou alguns anos no Fórum de Itajubá, onde fez memoráveis defesas. Exerceu o cargo de Delegado de Polícia e publicou vários trabalhos literários, como “Recordações” e “A Velha e a Rosa”, entre outros.

Faleceu em 15 de junho de 1935 e está sepultado em Piranguçu.

CHIARADIA FRANCESCO “FRANCISCO”



Acima do casal Francisco e Vicência: Maria, Elisaura e Henriqueta. Abaixo Petronilla, Humberto, Aurora, Henrique e José.

- **Nascimento:** 01 de fevereiro de 1861
- **Falecimento:** 06 de junho de 1915
- **Pai:** Tomaz Chiaradia (* 12 de junho de 1831 † 30 de setembro de 1870)
- **Mãe:** Maria Francisca Gargaglione (* 19 de janeiro de 1835 † 02 de fevereiro de 1893)
- **Esposa:** Vicência Ferreira Cangiani (* 06 de julho de 1870 † 22 de maio de 1931)
- **Pais de Vicência:** Cristovam Cangiani e Henriqueta Bernardina Ferreira
- **Filhos de Francisco e Vicência:** Maria, Henriqueta, Elisaura, Petronilla, Aurora, Humberto, Henrique e José

VIDA E OBRA

Veio da Itália com seu tio Paulo Chiaradia e os irmãos Miguel e Vicente para o Rio de Janeiro, de lá para São Bento do Sapucaí – SP e, depois, para Itajubá e Piranguçu.

Ao atingir a maioridade, mudou-se para São Caetano da Vargem Grande, atual Brazópolis, então distrito de Itajubá, onde se casou com Vicência Ferreira Cangeane.

O casal teve os filhos: Maria, Henriqueta, Elisaura, Petronilla, Aurora, Humberto, Henrique e José. Destes, dois mudaram-se para Itajubá: Humberto e Henrique.

Francisco adquiriu terras e foi um grande pecuarista. Mesmo avesso à política, era invariavelmente consultado e ouvido nas conjunturas mais graves pelos líderes locais da época, pois sua probidade e sua opinião pesavam na balança dos acontecimentos.

CHIARADIA HUMBERTO



Humberto Chiaradia e Leonor Ferreira Amaral

- **Nascimento:** 13 de maio de 1891
- **Falecimento:** 10 de março de 1947
- **Pai:** Francisco Chiaradia (* 01 de fevereiro de 1861 † 06 de junho de 1915)
- **Mãe:** Vicência Ferreira Cangiani (* 06 de julho de 1870 † 22 de maio de 1931)
- **Esposa:** Leonor Ferreira do Amaral (* 21 de janeiro de 1894 † 21 de junho de 1950)
- **Pais de Leonor:** José Ferreira do Amaral e Maria Bernardina Cangiani
- **Filhos de Humberto e Leonor:** Antonio, José, Benedito, Jonatha, Elza, Vicência, Auxiliadora, Jandyra, Ivone e Leonor

VIDA E OBRA

Humberto nasceu em São Bento do Sapucaí - SP, em 13 de maio de 1891. Mudou-se para Itajubá, onde foi um dos mais experientes hoteleiros da primeira metade do Século XX.

Foi proprietário do Hotel Avenida, no prédio construído pelo Dr. Braz Reale, na esquina da Avenida Coronel Carneiro Júnior com a Praça Wenceslau Braz, onde tinha sido instalada a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Itajubá em 1925, extinta em 1930.

Também foi arrendatário do Grande Hotel Itajubá e residiu no Rio de Janeiro como proprietário do Hotel Petrópolis, no Flamengo.

Humberto Chiaradia casou-se com Leonor Ferreira do Amaral, em 31 de dezembro de 1910, e tiveram os filhos Antonio, José, Benedito, Jonatha, Elza, Vicência, Auxiliadora, Jandyra, Ivone e Leonor.

Humberto faleceu em Itajubá-MG, em 10 de março de 1947, onde está sepultado.

CHIARADIA HENRIQUE



Henrique Chiaradia e D. Maria José Rebelo

- **Nascimento:** 13 de fevereiro de 1893
- **Falecimento:** 02 de maio de 1953
- **Pai:** Francisco Chiaradia (* 01 de fevereiro de 1861, † 06 de junho de 1915)
- **Mãe:** Vicência Ferreira Caangiani (* 06 de julho de 1870 † 22 de maio de 1931)
- **Esposa:** Maria José Rebello (* 17 de fevereiro de 1895 † 15 de fevereiro de 1977)
- **Pais de Maria José:** Antonio Manuel Rebello e Cândida Pereira de Castro
- **Filhos de Henrique e Maria José:** Clary, Diva, Jacy, Dirce, Maria de Lourdes, Darcy, Assumpção, Maria Aparecida, Maria Célia e José Luiz.

VIDA E OBRA

Henrique Chiaradia nasceu em 13 de fevereiro de 1893 em São Bento do Sapucaí – SP. Mudou-se para Itajubá ainda jovem e casou-se com Maria José Rebelo, com quem teve os

filhos: Clary, Diva, Jacy, Dirce, Maria de Lourdes, Darcy, Assumpção, Maria Aparecida, Maria Célia e José Luiz.

Trabalhou como contador na empresa de Maurício Kaiserman e como telegrafista dos Correios. Faleceu em Itajubá em 02 de maio de 1953.

CHIARADIA VICENZO "VICENTE"



Vicente Chiaradia e D. Rufina Ribeiro Cardoso

- **Nascimento:** 28 de fevereiro de 1863
- **Falecimento:** 30 de outubro de 1933
- **Pai:** Tomaz Chiaradia (* 12 de junho de 1831 † 30 de setembro de 1870)
- **Mãe:** Maria Francisca Gargaglione (* 19 de janeiro de 1835 † 02 de fevereiro de 1893)
- **1ª Esposa:** Rufina Ribeiro Cardoso (* 12 de outubro de 1867, † 05 de agosto de 1912)
- **Pais de Rufina:** Manoel Felisardo Ribeiro Cardoso e Inês Joaquina da Conceição
- **Filhos de Vicente e Rufina:** Angelina (* 28 de novembro de 1886 † 12 de outubro de 1928), Miguel (* 05 de junho de 1888 † 10 de fevereiro de 1944), Minervina (* 17 de setembro de 1890 † 28 de maio de 1963), Luiz (* 20 de março de 1892 † 29 de junho de 1962), Benedito (* 22 de abril de 1895 † não há dados), Francisco de Assis (* 04 de outubro de 1899 † 12 de julho de 1964), Maria Francisca(* 30 de março de 1901 † 06 de março de 1978), Laura (* 03 de agosto de 1903 † não há dados), Nicolina(* 14 de abril de 1905 † não há dados), Menotti(* 30 de abril de 1907 † 07 de setembro de 1955), João, Maria Rosário, Francisco, Tomaz, Áurea e José não sobreviveram.
- **2ª Esposa:** Elvira Alves Ferreira (* e † não há dados)
- **Pais de Elvira:** não temos informações
- **Filhos de Vicente e Elvira:** Nelson e Vicentina

VIDA E OBRA

Vicente veio de San Severino Lucano para o Brasil em 1871, com 7 anos, junto com os

irmãos Miguel, de 20 anos, e Francisco de 10 anos, sob os cuidados do seu tio Paulo Chiaradia, então com 21 anos.

Viveu sob os cuidados do tio até atingir a maioridade. Formou-se em Contabilidade e Direito e adquiriu terras em Piranguçu, onde produzia gêneros agropecuários para abastecer Itajubá e região.

Tornou-se, mais tarde, proprietário de loja de secos e molhados, em Piranguçu. Em 1897, chefiou uma comissão que projetou e financiou a construção da atual Igreja Matriz de Santo Antonio em Piranguçu. A imagem do padroeiro foi doada pelo seu tio Paulo.

Em 21 de novembro de 1907, Vicente foi eleito Juiz de Paz do distrito de Piranguçu e criou o cartório local.

Vicente foi casado, em primeiras núpcias, com Rufina Ribeiro Cardoso, filha de Manoel Felisardo Ribeiro Cardoso e Inês Joaquina da Conceição, em 06 de junho de 1895. Desse casamento nasceram os filhos Angelina, casada com José Ricotta; Miguel; Minervina, casada com Florentino Antonio Ferraz; Luiz; Benedito; Francisco de Assis; Maria Francisca, casada com Miguel Gargaglione; Laura, casada com Isaías Gomes de Pinho; Nicolina, solteira, e Menotti.

Foram registrados, ainda, os seguintes filhos do primeiro casamento, todos mortos prematuramente: João, Maria Rosário, Francisco, Tomaz, Áurea e José, de cujo parto faleceu a mãe, Rufina, em 05 de agosto de 1912, em Piranguçu.

Vicente Chiaradia casou-se em segundas núpcias com Elvira Alves Ferreira, em 15 de fevereiro de 1913, sendo testemunha Biaggio Reale. Desse casamento nasceram: Nelson, casado com Edina Chiaradia, e Vicentina, casada com Exedito Ferreira.

Em Itajubá, progressista pólo industrial e com uma colônia italiana estabelecida, ele montou uma moderna fábrica de macarrão com o nome de Pastifício Itajubense, situada à Avenida Coronel Carneiro Junior, nº. 311, pioneira na fabricação de massas industrializadas, em Itajubá.

Falecido Vicente Chiaradia, seus filhos venderam o Pastifício Itajubense.



Armazém de Secos e Molhados de Vicente Chiaradia



Vicente Chiaradia e Dr. Braz Reale na loja do Pastifício Itajubense



Folheto de propaganda do Pastifício Itajubense

CHIARADIA MIGUEL



Em pé: Jandyra, Dario, Maria e Miguel Chiaradia
Sentados: Ruth, D. Estella Lamógliã, Mario e M^a. de Lourdes.

- **Nascimento:** 05 de junho de 1888
- **Falecimento:** 10 de fevereiro de 1944
- **Pai:** Vicente Chiaradia (* 28 de fevereiro de 1863, † 30 de outubro de 1933)
- **Mãe:** Rufina Ribeiro Cardoso (* 12 de outubro 1867, † 05 de agosto de 1912)
- **1^a Esposa:** Elisaura Chiaradia (* 30 de maio de 1901 † 06 de janeiro de 1919)
- **Pais de Elisaura:** Francisco Chiaradia e Vicência Ferreira Cangiani
- **Filhos de Miguel e Elisaura:** não tiveram filhos
- **2^a Esposa:** Estella Lamoglia (* 02 de junho de 1896 † 18 de julho de 1968)
- **Pais de Estella:** Vicente Lamoglia e Maria Felicia Marotti
- **Filhos de Miguel e Estella:** Maria, Dario, Jandyra, Ruth, Mário e Maria de Lourdes

VIDA E OBRA

Nascido a 05 de junho de 1888, em Piranguçu, o humanitário Miguel Chiaradia diplomou-se em Farmácia, com distinção, pela Escola de Farmácia de Ouro Preto. Concluído o curso, estabeleceu-se com uma botica em Piranguçu.

Alguns anos depois, mudou-se para Itajubá, onde instalou a sua farmácia, tornando-se o clínico dos pobres, aos quais entregava medicamentos, mediante receita, sem exigir-lhes remuneração.

Atendia gratuitamente a Escola Normal Sagrado Coração de Jesus, mandando para lá medicamentos necessitados pelas Irmãs da Providência e alunas pobres. Após a missa aos domingos, saía com o Cônego Zequinha Salomon visitando e atendendo os necessitados, levando-lhes

remédios, como um grande benemérito da Paróquia.

Casou-se, em primeiras núpcias, com sua prima Elisaura Chiaradia, filha de Francisco Chiaradia e Vicência Ferreira Cangeane. Elisaura faleceu em 06 de janeiro de 1919, no parto de seu primeiro filho, nascido morto.

Casou-se, em segundas núpcias, em 24 de julho de 1919, com Estella Lamoglia e tiveram os filhos: Maria, casada com Dr. Adílio Guimarães Dias; Dario, casado com Rosália Cerávolo Chiaradia; Jandyra, casada com Sylvio Nogueira de Souza; Ruth; Mário, casado com Maria Augusta de Carvalho Chiaradia, e Maria de Lourdes, casada com Benedito Menicagli.

Miguel faleceu em 10 de fevereiro de 1944.

CHIARADIA MINERVINA



D. Minervina Chiaradia



Senhor Florentino Antônio Ferraz

- **Nascimento:** 17 de setembro de 1890
- **Falecimento:** 29 de maio de 1963
- **Pai:** Vicente Chiaradia (* 28 de fevereiro de 1863, † 30 de outubro de 1933)
- **Mãe:** Rufina Ribeiro Cardoso (* 12 de outubro de 1867, † 05 de agosto de 1912)
- **Esposo:** Florentino Antonio Ferraz (* 23 de novembro de 1889 † 05 de março de 1933)
- **Pais de Florentino:** não temos informações
- **Filhos de Minervina e Florentino:** Álvaro, Benedito Natal, Rosária, Floriza, Ildefonso, Alvarina e José Carlos

VIDA E OBRA

Minervina Chiaradia nasceu em Piranguçu em 17 de setembro de 1890. Desde muito moça, revelou-se exímia doceira e quitandeira, qualidades que a levaram a conquistar fama com a venda de seus doces na Loja de Secos e Molhados de propriedade de seu pai em Piranguçu.

Casou-se em 30 de janeiro de 1913 com Florentino Antônio Ferraz, de cuja união nasceram sete filhos: Álvaro – casado com Alzira Felisberto –, Benedito Natal, Rosária, Floriza – casada com José Brito, Ildefonso, Alvarina – casada com Nilo Ferreira – e José Carlos.

Passou, então, a gerenciar a loja de seu pai após a vinda dele para a cidade de Itajubá, onde inauguraria a primeira fábrica de massas manufaturadas de Minas Gerais, o Pastifício Itajubense.

Em 05 de março de 1936, seu esposo, Florentino, morreu, deixando-a com os filhos ainda pequenos, o que dificultou a sua permanência na direção da loja em Piranguçu.

Ela mudou-se, então, para Itajubá, onde continuou a produzir e a vender seus doces finos, provendo, assim, o sustento da família, com a ajuda de seu filho mais velho, Álvaro, que, em 1930, com apenas 15 anos, fora para a capital paulista para estudar e trabalhar.

Minervina sempre foi católica fervorosa e participava do Apostolado da Oração e da Irmandade de São Benedito. Dedicava um dia da semana para limpeza e colocação de flores do presbitério da Igreja de São José Operário, hoje matriz, no bairro da Boa Vista, onde residia.

Durante a construção dessa igreja e nos anos seguintes, Minervina participou com afinco das festas religiosas, tanto na organização como na produção de doces para encher os cartuchos a serem leiloados.

Seus dotes culinários e os trabalhos na Igreja proporcionaram-lhe a conquista de inúmeras amizades, dentre as quais se destacam as de duas mulheres igualmente muito participativas e engajadas na comunidade daqueles tempos: Dona Alice Mandolesi e Dona Yolanda Mandolesi Marcaccini.

A primeira era conhecida e amiga desde os tempos de infância em Piranguçu e esposa do Sr. Álvaro Mandolesi. A segunda, casada com o Sr. Domingos Marcaccini, foi por muitos anos presidente do Apostolado da Oração da então Igreja de São José Operário.

Naquele tempo, ficaram famosos os pastéis de farinha de milho produzidos sob a supervisão dessas três senhoras e vendidos nas quermesses da igreja. Juntas, foram ardorosas defensoras da construção da Casa do Albergado.

Minervina sempre foi uma lutadora, sobretudo nas muitas condições adversas por que passou. Viveu para a família, para os amigos e na constante ajuda aos menos favorecidos. Faleceu em 29 de maio de 1963, em Itajubá, com 72 anos.

CHIARADIA LUIZ



Laura Rennó e Luiz Chiaradia

- **Nascimento:** 20 de março de 1892
- **Falecimento:** 29 de junho de 1962
- **Pai:** Vicente Chiaradia (* 28 de fevereiro de 1863, † 30 de outubro de 1933)
- **Mãe:** Rufina Ribeiro Cardoso (* 12 de outubro de 1867 † 05 de agosto de 1912)
- **Esposa:** Laura Rennó (* e † não há dados)
- **Pais de Laura:** não temos informações
- **Filhos de Luiz e Laura:** Áurea, José, Benedito, Romeu, João, Maria, Carmo, Olavo, Terezinha, Benedita, Joselina e Afonso

VIDA E OBRA

Nascido em 20 de março de 1892, foi fazendeiro em sua terra natal, Piranguçu, e comerciante no Mercado Municipal de Itajubá.

Casou-se com Laura Rennó, em 30 de novembro de 1912, e tiveram 12 filhos: Áurea, solteira; José, casado com Aparecida Souza Chiaradia; Benedito, casado com Zenaide Galhardo Chiaradia; Romeu, casado com Maria Dias Chiaradia; João, casado com Maria Aparecida Dias Chiaradia; Maria, casada com Aristeu Barbosa Alves; Carmo, casado com Isaura Guimarães Chiaradia; Olavo, casado com Maria Brito Chiaradia; Terezinha, casada com Domiciano Siqueira; Benedita, falecida com dois anos de idade; Joselina, casada com Geraldo Guimarães, e Afonso, falecido com 20 anos.

Luiz Chiaradia faleceu em 29 de junho de 1962.

CHIARADIA BENEDITO

- **Nascimento:** 22 de abril de 1895
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** Vicente Chiaradia (* 28 de fevereiro de 1863, † 30 de outubro de 1933)
- **Mãe:** Rufina Ribeiro Cardoso (* 12 de outubro de 1867 † 05 de agosto de 1912)
- **Esposa:** Filomena Canineo (* 29 de novembro de 1899 † 25 de maio de 1962)
- **Pais de Filomena:** não temos informações
- **Filhos de Benedito e Filomena:** Luiz e Júlia

VIDA E OBRA

Benedito Chiaradia nasceu em 22 de abril de 1895, em Piranguçu, sendo filho de Vicente Chiaradia e Rufina Ribeiro Cardoso.

Ele se casou com Filomena Canineo em 16 de abril de 1913 e tiveram os filhos Luiz e Júlia. Foi tabelião em Brazópolis e contribuiu para o início do cultivo de maçã no Brasil.

CHIARADIA FRANCISCO DE ASSIS

- **Nascimento:** 04 de outubro de 1899
- **Falecimento:** 12 de julho de 1964
- **Pai:** Vicente Chiaradia (* 28 de fevereiro de 1863, † 30 de outubro de 1933)
- **Mãe:** Rufina Ribeiro Cardoso (* 12 de outubro de 1867 † 05 de agosto de 1912)
- **Esposa:** Ramira Valentim (* 15 de abril de 1901 † 13 de agosto de 1961)
- **Pais de Ramira:** não temos informações
- **Filhos de Francisco e Ramira:** Carmem, Carmo, Laura, Sebastião e Benedito

VIDA E OBRA

Francisco de Assis Chiaradia era filho de Vicente Chiaradia e de Rufina Ribeiro Cardoso e nasceu em 04 de outubro de 1899.

Ele foi agropecuarista em Piranguçu e fornecedor para Itajubá e região.

Casou-se com Ramira Valentim em 09 de novembro de 1918. Tiveram os filhos: Carmem, Carmo, Laura, Sebastião e Benedito.

CHIARADIA MENOTTI



Menotti Chiaradia



D. Lydia Marcaccini

- **Nascimento:** 30 de abril de 1907
- **Falecimento:** 07 de setembro de 1955
- **Pai:** Vicente Chiaradia (* 28 de fevereiro de 1863, † 30 de outubro de 1933)
- **Mãe:** Rufina Ribeiro Cardoso (* 12 de outubro de 1867, † 05 de agosto de 1912)
- **Esposa:** Lydia Marcaccini (* 03 de agosto de 1912, † 13 de fevereiro de 1966)
- **Pais de Lydia:** Pio Secondo Marcaccini e Assumpta Fantini
- **Filhos de Menotti e Lydia:** Elza, Eunice, Edméa, Eleny, Edvando, e Menotti Filho

VIDA E OBRA

Menotti Chiaradia nasceu em 30 de abril de 1907 em Piranguçu, onde trabalhou ainda menino, no estabelecimento comercial de seu pai, Vicente Chiaradia, única loja existente no local.

Aos 17 anos de idade, passou a residir em Itajubá para terminar os estudos e trabalhar na fábrica de macarrão de seu pai.

Casou-se com Lydia Marcaccini, em 14 de maio de 1930. Dessa união nasceram os filhos: Elza, casada com Geraldo José da Silva; Eunice, solteira; Edméa, casada com Geraldo Seixas de Siqueira; Eleny, casada com João Décio Berti; Edvando, falecido aos sete anos de idade, e Menotti Filho, solteiro.

Tendo falecido seu pai, seus irmãos resolveram vender o Pastifício Itajubense. Menotti passou, então, a trabalhar com autopeças, sendo pioneiro nesse tipo de comércio, montando seu próprio estabelecimento, o "Auto Acessório Menotti Chiaradia", e permanecendo nesse ramo até o seu falecimento em 07 de setembro de 1955.

Memorável empreendedor do progresso, Menotti é um vulto incluído na galeria dos visio-

nários que muito trabalharam por uma Itajubá melhor e mais adiantada. Ele forneceu grande parte do piso original da Igreja São José Operário, contribuiu para a construção do altar de Santa Terezinha e fez a doação da imagem desta santa à mesma igreja.

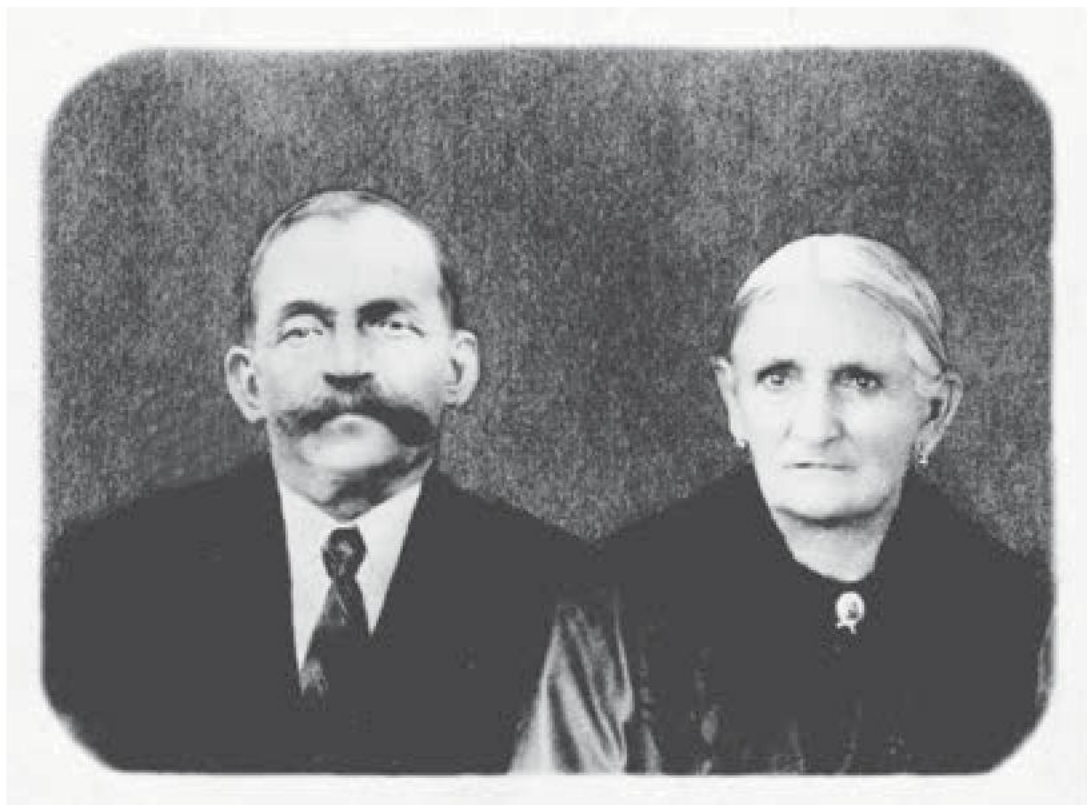
Ele está vinculado à história da aviação em Itajubá. Incentivando alguns companheiros também entusiastas da aeronáutica, fundou com eles o Aero Clube de Itajubá, aterrando a várzea do amigo Adriano Piazarolli, aterro aproveitado, hoje, pelo Distrito Industrial de Itajubá.

O sonho progressista de Menotti Chiaradia de um aeroporto intermunicipal em Itajubá ainda estava, no começo de século XXI, à espera de realizadores da mesma têmpera de Menotti para se tornar realidade.



Na frente: Jovino, Ivo e Menotti Chiaradia. Atrás: Carmo Ricotta, Afonsina Chiaradia, Mario Ricotta, Vicente Ribeiro, Carmo Curccio e Dario Chiaradia.

CHIARINI GIUSEPPE



- **Nascimento:** 1849
- **Falecimento:** 29 de junho de 1916
- **Pai:** Francesco Chiarini)
- **Mãe:** Carola Ghelli
- **Esposa:** Carola “Carolina” Renzetti (* 1857, † não há dados)
- **Pais de Carola:** Domenico Renzetti e Angela Lassoli
- **Filhas de Giuseppe e Carola “Carolina”:** Chiara (* 07 de maio de 1884, † 1º de dezembro de 1939), Antonia (* 1º de setembro de 1886, † 22 de novembro de 1970), Genoveffa (* 13 de abril de 1889, † não há dados), Eva (* 24 de outubro de 1892, † 17 de novembro de 1965) e Maria Anita (* 29 de abril de 1895, † 1897)

VIDA E OBRA

Antes de se casar com Giuseppe Chiarini, Carola Renzetti foi casada com Angelo Boscchi, com quem teve apenas um filho, Giuseppe Renzetti Boscchi. Carola ficou viúva e casou-se com Giuseppe Chiarini, tendo cinco filhas: Chiara, Antonia, Genoveffa, Eva e Maria Anita, nascidas em Soci di Bibbiena, Província de Arezzo, região de Firenze, na Toscana.

Giuseppe Chiarini e Carola Renzetti, acompanhados das filhas, deixaram sua terra-natal e imigraram para o Brasil. Ao desembarcar, a família foi encaminhada para Hospedaria Horta Barbosa, chamada de “Hospedaria de Imigrantes”, em Juiz de Fora - MG, onde chegou no dia 16 de setembro de 1897, permanecendo até o dia 24 do mesmo mês. Seguiram viagem para São José do Paraíso, pois tinham sido contratados pelo Barão da Mota Paes, para trabalharem na lavoura de café na “Fazenda Santo Inácio”.

Giuseppe e sua esposa, Carola, ao deixarem esta região, mudaram para um local próximo a

CHIARINI: Oriundo da cidade de Soci di Bibbiena, Província de Arezzo, região da Toscana

Pouso Alegre, onde trabalharam na lavoura. Mais tarde, mudaram-se para a “cidade”. Estabeleceram-se como fazendeiros de quitandas e doces, como biscoito, brevidade, suspiros e outras guloseimas.

Quanto às filhas do casal, Maria Anita faleceu ainda criança; Chiara e Antonia, depois de casadas, mudaram-se de Pouso Alegre; Genoveffa, permaneceu na cidade e Eva se tornou freira pela Congregação das Irmãs Dorotheas e foi enviada, juntamente com outras colegas, para fundarem um convento em Nova York, nos Estados Unidos, na década de 1940, onde permaneceu até falecer em 1965.

CHIARINI ANTONIA



Da esquerda para direita: Geralda, Pianelli, Iolanda, Sylvio, Durvalina, Jandyra, Antonio, Dolores, José, Filomena, Doralina, Ovidio “Chinês”, Benedito, Lourdes. Sentados: o casal Antonia e José Dino.

- **Nascimento:** 01 de setembro de 1886
- **Falecimento:** 22 de novembro de 1970
- **Pai:** Giuseppe Chiarini (* 1849, † 29 de junho de 1916)
- **Mãe:** Carola Renzetti (* 1857, † Não há dados)
- **Esposo:** José Dino Ribeiro da Costa (* 31 de janeiro de 1883, † 09 de novembro de 1968)
- **Pais de José Dino:** Joaquim Apolinario Ribeiro da Costa e Maria Joana de Jesus
- **Filhos de Antonia e José Dino:** José (* 08 de março de 1908, † 08 de julho de 1971), Sylvio (* 01 de setembro de 1909, † 06 de junho de 1988), Geralda (* 18 de novembro de 1912, † 05 de agosto de 1980), Jandira (* 19 de agosto de 1915, † 06 de maio de 2000), Iolanda (* 22 de março de 1917, † 26 de outubro de 2003), Filomena (* 07 de dezembro de 1918, † 30 de dezembro de 2002), Benedito (* 04 de fevereiro de 1921, † 31 de julho de 1996) e Doralina (* e † 1975).

VIDA E OBRA

Antonia Chiarini nasceu em Soci di Bibiena, Província de Arezzo, região de Firenze na Toscana, em 1º de setembro de 1886. Antonia é filha de Giuseppe Chiarini e Carola Renzetti. Imigrou para o Brasil, juntamente com seus pais e suas irmãs em 1897. Após passarem por Juiz de

Fora e São José do Paraíso, chegaram a Pouso Alegre, no Sul de Minas.

Em Pouso Alegre, Antonia conheceu José Dino Ribeiro da Costa, com quem se casou e teve oito filhos. José Dino trabalhou como funcionário dos Correios da Rede Ferroviária e, nesse período, a família mudou-se para Santa Rita do Sapucaí.

José foi transferido para Itajubá e a família passou a residir no bairro Avenida; depois, construíram uma casa no bairro Morro Chic, onde o casal residiu até o final de suas vidas.

Antonia reforçava o salário de seu marido fazendo deliciosos doces para vender em bares, para festas e mesmo para as pessoas que iam comprar em sua casa, tornando-se famosos e conhecidos.

José Dino, ao aposentar-se, dedicava seu tempo a uma horta, por ele cultivada no quintal de sua casa, e vendia as verduras e legumes para toda a vizinhança.

Antonia faleceu em 22 de novembro de 1970.

“CHIARINI” JOSÉ RIBEIRO DA COSTA



- **Nascimento:** 08 de março de 1908
- **Falecimento:** 08 de julho de 1971
- **Pai:** José Dino Ribeiro da Costa (* 31 de janeiro de 1883, † 09 de novembro de 1968)
- **Mãe:** Antonia Chiarini Costa (* 1º de setembro de 1886, † 22 de novembro de 1970)
- **Esposa:** Maria Dolores Leon (* 23 de fevereiro de 1914, † 22 de outubro de 2008)
- **Pais de Maria Dolores:** Manoel Leon Monfort (* 02 de novembro de 1860, † agosto de 1933) e Corina Flavia Nogueira (*, † não há dados)
- **Filhos de José Ribeiro e Maria Dolores:** Benedito (* 26 de janeiro de 1931), Terezinha (* novembro de 1933, † fevereiro de 1934), Fabiano (* 26 de abril de 1936, † 30 de dezembro de 1936), Cacilda (* 08 de junho de 1938), Claret (* 10 de fevereiro de 1940 † 24 de julho de 2012)

VIDA E OBRA

José Ribeiro da Costa é o primeiro filho de José Dino Ribeiro da Costa e Antonia Chiarini. José nasceu no dia 08 de março de 1908, em Pouso Alegre-MG. Seus pais o batizaram em 19 de março, dia de São José, na Catedral de Pouso Alegre, quando a cidade de Itajubá completava 89 anos.

Criou-se em Santa Rita do Sapucaí, onde trabalhou em tipografia desde os nove anos de idade. Lá conheceu a menina Maria Dolores Leon, com quem veio a se casar em 26 de abril de 1930, ele com 22 anos e ela com 16 anos.

Em junho de 1930, foi chamado para servir o Exército, e em janeiro de 1931, nascia seu primogênito, Benedito. O casal teve mais quatro filhos: Terezinha, que faleceu ao terceiro mês de nascimento; Fabiano, que faleceu ao nono mês de nascimento; Cacilda e Claret.

José trabalhou na Fábrica de Armas de Itajubá de 1936 a 1970, quando se aposentou. Durante os seus 34 anos dedicados ao serviço da fábrica, José ocupou posições diversas, desde auxiliar até secretário da Diretoria Fiscal.

Era um homem apaixonado pela leitura e tornou-se membro da Academia Itajubense de Letras. Escreveu diversos contos e era colaborador de jornais em Itajubá.

José Ribeiro "Chiarini" da Costa faleceu em 08 de julho de 1971, em Itajubá.

"CHIARINI" SYLVIO COSTA



- **Nascimento:** 1º de setembro de 1909
- **Falecimento:** 06 de junho de 1988
- **Pai:** José Dino Ribeiro da Costa (* 31 de janeiro de 1883, † 09 de novembro de 1968)
- **Mãe:** Antonia Chiarini Costa (* 1º de setembro de 1886, † 22 de novembro de 1970)
- **Esposa:** Durvalina Martins Silva (* 05 de março de 1921, † 20 de maio de 2009)
- **Pais de Durvalina:** João Martins da Silva e Maria de Mello Braga (* não há dados, † 1962)
- **Filhos de Sylvio e Durvalina:** Silvia Antônia (* 15 de maio de 1940, † 06 de junho de 2005), Francisco Paulo Victor (* 02 de abril de 1943, † 07 de agosto de 2013), Rita Maria (* 22 de dezembro de 1947) e Silvio Tadeu (* 16 de agosto de 1950).

VIDA E OBRA

Sylvio Costa nasceu em 1º de setembro de 1909, na cidade de Pouso Alegre-MG, sendo filho de Antonia Chiarini Costa e de José Dino Ribeiro da Costa.

Quando criança, ajudava sua mãe a vender salgados, feitos por ela, na estação ferroviária. Ainda jovem, saiu de casa para trabalhar. Foi “motorista de praça” em Santa Rita do Sapucaí.

Dedicou-se ao esporte e passou a ser titular do Santa-Ritense Futebol Clube, como centroavante, considerado na época como o melhor na sua posição.

Em 1939, casou-se com Durvalina Martins Silva. O casal teve quatro filhos: Silvia Antônia Costa, Francisco Paulo Victor Costa, Rita Maria Costa e Sylvio Tadeu Costa.

Em 1940, foi trabalhar como motorista de caminhão nas obras da estrada Itajubá-Piquete e, em 1941, ingressou como funcionário da Fábrica de Armas de Itajubá, hoje IMBEL, até se aposentar.

Em 1978, foi chamado para trabalhar novamente na mesma empresa, onde permaneceu por mais dez anos.

No dia 6 de junho de 1988, ao sair pela manhã para o trabalho, sentiu-se mal e veio a falecer vítima de um infarto agudo do miocárdio, aos 78 anos.

“CHIARINI” GERALDA RIBEIRO DA COSTA



Da esquerda para a direita: Reynaldo “Bimbo”, Geralda, Jandyra, Rodolpho e Lucrécia “Didi”

- **Nascimento:** 18 de novembro de 1912
- **Falecimento:** 05 de agosto de 1980
- **Pai:** José Dino Ribeiro da Costa (* 31 de janeiro de 1883, † 09 de novembro de 1968)
- **Mãe:** Antonia Chiarini Costa (* 1º de setembro de 1886, † 22 de novembro de 1970)
- **Esposo:** Rodolpho Guerino Adami (* 31 de janeiro de 1902, † 18 de junho de 1948)
- **Pais de Rodolpho:** Antônio Rodolpho Adami (* 02 de fevereiro de 1866, † não há dados) e Maria Lucrécia Siécola (* e † não há dados)
- **Filhos de Geralda e Rodolpho:** Lucrécia do Carmo Adami - Didi (* 16 de março de 1930, † 1º dezembro 1997), Reynaldo Adami – Bimbo (* 22 de abril de 1932 † outubro de 2011) e Jandyra Adami (* 4 de novembro de 1937)

VIDA E OBRA

Geralda Ribeiro da Costa nasceu em 18 de novembro de 1912, na cidade de Pouso Alegre. Logo, mudou-se para a cidade de Santa Rita do Sapucaí e lá viveu por seis anos.

Casou-se com Rodolpho Guerino Adami, aos 16 anos, em 8 de junho de 1929. O casal teve três filhos, Lucrecia do Carmo, Reynaldo e Jandyra.

Geralda completava o orçamento doméstico trabalhando como costureira e ensinando este ofício.

Por volta de 1930, seu pai que trabalhava na Rede Ferroviária, foi transferido para Itajubá e toda a família mudou-se para o bairro do Morro Chic, onde a matriarca e seu esposo residiram até o final de suas vidas.

Em 1940, Geralda transferiu domicílio para Taubaté – SP; em seguida, para Lambari; depois, Nepomuceno e, finalmente, residiu em Belo Horizonte.

Rodolpho, seu marido, faleceu em 18 de junho de 1948.

Geralda faleceu em 5 de agosto de 1980, aos 67 anos.

“CHIARINI” JANDYRA DA COSTA



- **Nascimento:** 19 de agosto de 1915
- **Falecimento:** 06 de maio de 2000
- **Pai:** José Dino Ribeiro da Costa (* 31 de janeiro de 1883, † 09 de novembro de 1968)
- **Mãe:** Antonia Chiarini Ribeiro da Costa (* 1º de setembro de 1886, † 22 de novembro de 1970)
- **Esposo:** Antonio Alves Filho - “Quito” (* 27 de agosto de 1914, † 06 de setembro de 1963)
- **Pais de Antonio:** Antonio Alves (* não há dados, † 1923) e Emília Maria das Dores (* não há dados, † 05 de outubro de 1952)
- **Filhos de Jandyra e Antonio:** José Benedito (* 28 de abril de 1937), Therezinha (* 19 de março de 1939), Maria Bernadete Alves (* 31 de dezembro de 1940), Antonio Fernando (* 28 de janeiro de 1944, † 13 de julho de 2004), Pedro Tadeu (* 29 de junho de 1947), João Tarcísio (* 03 de abril de 1950), Maria Gorete (* 16 de janeiro de 1953, † 05 de março de 2010) e Maria Aparecida (* 30 de agosto de 1956)

VIDA E OBRA

Jandyra da Costa nasceu em Pouso Alegre-MG, em 19 de agosto de 1915. Era filha de Antonia Chiarini Ribeiro da Costa e José Dino Ribeiro da Costa e casou-se em Itajubá, em 02 de julho de 1936, com Antonio Alves Filho.

O casal teve oito filhos: José Benedito, Terezinha, Maria Bernadete, Antonio Fernando (já falecido), Pedro Tadeu, João Tarcisio, Maria Gorete (já falecida) e Maria Aparecida.

Segundo a filha Bernadete, Jandyra ajudou muito a mãe, Antonia Chiarini, juntamente com os irmãos, Sylvio e Filomena, que acordavam de madrugada e iam para a estação ferroviária, para vender os doces e quitandas de Dona Antonia.

Conheceu seu esposo em Itajubá, em um passeio na praça. Na época, Antonio era cabo da Cavalaria do Exército. Após o casamento, mudaram-se para o Rio de Janeiro. Jandyra veio dar à luz seu primeiro filho em Itajubá.

Após ter dado baixa do Exército, Antonio, com muito esforço, passou em um concurso público na Fábrica de Armas, em Itajubá, e ali permaneceu até aposentar-se.

Moravam primeiramente na Vila E, na Fábrica de Armas, depois se mudaram para a Vila C e, em seguida, para a Vila Nova. Após a morte de Antonio, Jandyra foi morar com os filhos no bairro Nossa Senhora de Fátima, onde permaneceu a maior parte de sua vida.

Segundo relato de uma neta, Jandyra foi uma mulher forte e doce, que tinha traços rudes e delicados e que ensinou muitas coisas, dentre elas, o temor a Deus.

Sua última frase para a filha Bernadete foi: "Minha filha, eu vou conhecer Aquele que eu tanto amei e que me ama: Jesus!".

Jandyra faleceu em 06 de maio de 2000, aos 84 anos.

"CHIARINI" IOLANDA COSTA



- **Nascimento:** 22 de março de 1917
- **Falecimento:** 26 de outubro de 2003
- **Pai:** José Dino Ribeiro da Costa (* 31 de janeiro de 1883, † 09 de novembro de 1968)

- **Mãe:** Antonia Chiarini Costa (* 1º de setembro de 1886, † 22 de novembro de 1970)
- **Esposo:** Francisco Pianelli (* 06 de fevereiro de 1912, † 02 de abril de 1986)
- **Pais de Francisco:** Salvador Pianelli e Benedita Maria de Jesus
- **Filhos de Iolanda e Francisco:** Guiomar (*20 de junho de 1936).

VIDA E OBRA

Iolanda Costa nasceu no dia 22 de março de 1917, na cidade de Pouso Alegre-MG, sendo a quinta filha do casal Antonia Chiarini da Costa e José Dino Ribeiro da Costa. Alguns anos depois, sua família mudou-se para Santa Rita do Sapucaí e, finalmente, para Itajubá.

Aos dezesseis anos, conheceu Francisco Pianelli, também descendente de italianos e um dos primeiros motoristas de “carro de praça” da cidade. Pianelli foi um dos fundadores da “Associação dos Motoristas de Itajubá”.

Iolanda e Francisco casaram-se a 2 de julho de 1934. Depois de alguns anos, nasceu Guiomar Pianelli.

Iolanda, senhora de raras virtudes de coração, se destacou nos círculos sociais em que conviveu. Pelo seu espírito aberto às melhores iniciativas comunitárias, esteve sempre à frente de movimentos destinados a promover o bem do próximo.

Foi uma pessoa culta e tinha como hábito a leitura. Como era dedicada a cultivar histórias da família, procurava passar para os mais jovens essas lembranças, sempre dando ênfase no que concerne à moral, à dedicação ao trabalho e à união da família, praticadas pelos mais velhos, como forma de exemplo a ser seguido.

Iolanda faleceu no dia 26 de outubro de 2003, aos 86 anos.

“CHIARINI” FILOMENA RIBEIRO DA COSTA



- **Nascimento:** 07 de dezembro de 1918
- **Falecimento:** 30 de dezembro de 2002
- **Pai:** José Dino Ribeiro da Costa (* 31 de janeiro de 1883, † 09 de novembro de 1968)
- **Mãe:** Antonia Chiarini Ribeiro da Costa (* 01 de setembro de 1886, † 22 de novembro de 1970)

- **Esposo:** Joaquim Ovídio - Chinês (* 01 de setembro de 1906, † 1º de agosto de 1961)
- **Pais de Joaquim Ovídio:** Francisco Ovídio e Maria Emilia das Dores Ovídio
- **Filhos de Filomena e Joaquim:** Maria Dorothea (* 1937, † 1939), José Maria (* 16 de novembro de 1938), Maria Dorothea (* 24 de abril de 1941), Vera Lucia (* 10 de novembro de 1944, † 07 de maio de 1998), Elizabeth (* 30 de novembro de 1950), Fátima (* 01 de setembro de 1953) e Francisco de Assis (* 21 de novembro de 1957).

VIDA E OBRA

Filomena Ribeiro da Costa nasceu em 07 de dezembro de 1918, na cidade de Santa Rita do Sapucaí. Desde criança, ajudava nos afazeres da casa.

Por volta de 1930, seu pai trabalhava na Rede Mineira de Viação e foi transferido para Itajubá. Na cidade, Filomena conheceu Joaquim Ovídio, que era apelidado de “Chinês”. Eles se casaram em julho de 1936 e tiveram sete filhos: Maria Dorothea, falecida antes de completar 2 anos; José Maria; Maria Dorothea, que recebeu o mesmo nome da primeira filha; Vera Lucia; Elizabeth, Fátima e Francisco de Assis.

Em casa, Filomena dedicava-se à educação dos filhos e procurava sempre manter a tradição religiosa. Mantinha alguns hábitos italianos, de modo especial na cozinha.

Joaquim Ovídio trabalhava na Rede Ferroviária, onde exercia a profissão de maquinista, sendo considerado por muitos como um hábil profissional.

“Mena”, como era chamada carinhosamente, era portadora de uma alegria contagiante, tendo sempre uma palavra amiga e de incentivo para aqueles que com ela conviviam.

Após a morte de seu marido em 1º de agosto de 1961, continuou conduzindo a família com coragem e dedicação. Faleceu em 30 de dezembro de 2002.

“CHIARINI” BENEDITO RIBEIRO COSTA



- **Nascimento:** 04 de fevereiro de 1921
- **Falecimento:** 31 de julho de 1996
- **Pai:** José Dino Ribeiro da Costa (* 31 de janeiro de 1883, † 09 de novembro de 1968)
- **Mãe:** Antonia Chiarini da Costa (* 01 de setembro de 1886, † 22 de novembro de 1970)
- **Esposa:** Maria de Lourdes Souza (* 09 de maio de 1929)
- **Pais de Maria de Lourdes:** Otávio dos Santos Souza (* 01 de novembro de 1907, † 07 de novembro de 1956) e Maria José dos Santos Souza (* 04 de dezembro de 1906, † 31 de outubro de 2002)
- **Filhos de Benedito e Maria de Lourdes:** Flavio Antônio (* 27 de maio de 1946, † 05 de julho de 1946), Luiz Rodolfo (* 03 de julho de 1948, † 15 de abril de 1994), Maria Aparecida (* 02 de julho de 1951), Otávia Regina (* 23 de dezembro de 1956), Lucy Rosana (* 17 de agosto de 1958) e Terezinha Maria (* 04 de julho de 1962)

VIDA E OBRA

Benedito Ribeiro da Costa é filho de José Dino Ribeiro da Costa e Antonia Chiarini da Costa. Ele nasceu em Santa Rita do Sapucaí, em 04 de fevereiro de 1921.

Foi um filho muito dedicado, trabalhador e altruísta. Quando menino, ajudava os pais, vendendo frutas, e já adulto, não negava ajuda financeira à família e a qualquer pessoa que precisasse.

Casou-se com Maria de Lourdes Souza, filha de Otávio dos Santos Souza e Maria José dos Santos Souza, em 14 de fevereiro de 1946. Tiveram seis filhos: Flavio Antônio, Luiz Rodolfo, Maria Aparecida, Otávia Regina, Lucy Rosana e Terezinha Maria.

“Dito” tocava violão e cantava muito bem. Fazia dupla, em várias ocasiões, com sua irmã Filomena, “Mena”.

Fez caricaturas para o jornal “Sentinela”, da Fábrica de Armas de Itajubá, de 1939 a 1941, e jogou futebol no time desta empresa. Começou sua carreira militar em 1940 em Itajubá. Foi designado para ministrar aulas de educação física para alunos da escola profissional da Fábrica de Armas.

Benedito foi transferido para o Rio de Janeiro em 1949 e lá permaneceu até 1976, quando entrou para a reserva com patente de Major. Teve uma carreira militar impecável, merecendo, por bons serviços prestados, várias condecorações como diplomas de honra ao mérito e medalhas de bronze, prata e ouro concedidas pelo Presidente da República Jânio Quadros, em 1961.

Residiu alguns anos em Lorena-SP, após passar para a reserva e voltou para Itajubá, em julho de 1981.

Deu aulas de artesanato para os meninos da Granja Wenceslau Neto. Fez oratórios de madeira e couro que estão em casas de familiares e em muitos lares itajubenses.

Benedito faleceu em 31 de julho de 1996, aos 75 anos.



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Soci di Bibbiena, Província de Arezzo, Toscana

CONSOLI ANGELO SANTE GIORGIO MARIA



Foto: Marcello Abilio Pizzo

Igreja de Quarantoli, Província de Modena, região da Emilia Romagna

- **Nascimento:** 31 de outubro de 1837
- **Falecimento:** 1897
- **Pai:** Francesco Consoli (*29 de janeiro de 1815 † Não há dados)
- **Mãe:** Maria Magri (*24 de setembro de 1816 † Não há dados)
- **Esposa:** Maria Angela Soave (* 30 de outubro de 1851, † 22 de outubro de 1915)
- **Pais de Maria Angela:** Giobatta Soave e Luigia Bottacini
- **Filhos de Angelo e Maria Angela:** Virginia (* 18 de março de 1880 † não há dados), Giovanni (* 05 de março de 1875, † 04 de setembro de 1936), Eugenio (* 09 de fevereiro de 1883, † 05 de setembro de 1965), Tereza (* 16 de junho de 1888, † 09 de fevereiro de 1968), Luigia - "Luiza" (* 24 de maio de 1892, † 10 de dezembro de 1948)

VIDA E OBRA

Angelo Consoli nasceu em Quarantoli, Província de Modena no dia 31 de outubro de 1837. Ele viveu e morreu na Itália. A história de seu sobrenome se relaciona com o Brasil através de sua família, sua esposa e seus cinco filhos, que, vindo para "América", ajudaram a escrever a história deste País e de Itajubá.

Angelo e Maria Angela se casaram no dia 23 de novembro de 1870, em Vigasio, Província de Verona, ele com 33 anos e ela com 19 anos. Maria Angela Soave nasceu no dia 30 de outubro de 1851, em Vigasio, na Itália. O casal teve cinco filhos – Virginia, Giovanni, Eugenio, Tereza e Luigia - "Luiza".

O filho mais velho do casal, Giovanni servia o Exército italiano como *Carabinière a Cavallo*, em 1897. Com a morte de seu pai, Angelo Consoli, nesse ano, o jovem soldado teve que pedir

CONSOLI: Oriundo da cidade de Quarantoli, Província de Modena, região da Emilia Romagna

baixa, pois como arrimo de família precisava encontrar novas alternativas para sua mãe e seus irmãos.

Maria Angela, então, decidiu vir para o Brasil juntamente com os seus filhos. Tomaram o navio Assuità, no Porto de Genova, e deram entrada na Hospedaria Horta Barbosa, conhecida como Hospedaria de Imigrantes, em Juiz de Fora - MG, em 19 de setembro de 1897. Seis dias depois, seguiram para Poça, no município de Caeté - MG, e ali iniciaram uma nova vida, sem o patriarca.

Após o período inicial em Caeté, os irmãos Giovanni e Eugenio trabalharam na Mina de Morro Velho, em Nova Lima - MG e, pouco tempo depois, a família se mudou para Pouso Alegre.

Maria Angela, chamada pelos familiares e amigos de "Marietta", mudou-se para Itajubá com seu filho Eugenio e sua filha Luigia - "Luiza", em março de 1911, enquanto que seu outro filho, Giovanni, mudou-se para a mesma cidade, com sua esposa Chiara, por volta de 1930.

Maria Angela exercia a profissão de parteira e, logo ao chegar, foi trabalhar com Dr. Xavier Lisboa, pai de Dr. Gaspar, contribuindo para o desenvolvimento da cidade e região. Ela faleceu em 22 de outubro de 1915.

CONSOLI GIOVANNI BATTISTA



- **Nascimento:** 05 de março de 1875
- **Falecimento:** 04 de setembro de 1936
- **Pai:** Angelo Sante Giorgio Maria Consoli (* 31 de outubro de 1837 † 1897)
- **Mãe:** Maria Angela Soave - "Marietta" (* 30 de outubro de 1851, † 22 de outubro de 1915)
- **Esposa:** Chiara Chiarini (* 07 de maio de 1884, † 1º de dezembro de 1939)
- **Pais de Chiara Chiarini:** Giuseppe Chiarini (* 1849 † Não há dados) e Carola Renzetti (* 1857 † Não há dados)
- **Filhos de Giovanni e Chiara:** Helena (* 28 de janeiro de 1904, † 21 de maio de 1979), Angelo (* 06 de março de 1905, † 29 de dezembro de 1989), Italo (* 28 de julho de 1907, † 25 de junho de 1978), Maria (* 20 de abril de 1910, † 01 de julho de 2005), Orlando (* 20 de abril de 1912,

† 14 de fevereiro de 1974), Humberto Primo (* 06 de dezembro de 1913, † 23 de junho de 1985) e Giuglieta, falecida logo após o nascimento (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Giovanni Battista Consoli nasceu em Isola Della Scala, Província de Verona no dia 05 de março de 1875. Seu pai, Angelo Sante Giorgio Maria Consoli, nasceu em Quarantoli, Província de Modena no dia 31 de outubro de 1837 e sua mãe Maria Angela Soave “Marietta” nasceu em Vigasio, Província de Verona, no dia 30 de outubro de 1851.

Angelo, com 33 anos, e Maria Angela, com 19 anos, se casaram no dia 23 de novembro de 1870, em Vigasio. O casal teve cinco filhos: Virginia, Giovanni, Eugenio, Tereza e Luigia - “Luiza”.

Giovanni servia o Exército Italiano como *Carabiniere a Cavallo* e tinha feito parte do Corpo de Cavalaria na cerimônia de casamento de Vittorio Emanuele III e Elena de Montenegro em 1896. Vittorio Emanuele foi rei de 29 de julho de 1900 até 29 de maio de 1946.

O jovem soldado precisou pedir baixa do Exército, pois, com a morte de seu pai, tornou-se arrimo de família. Sua mãe Maria Angela, então, decidiu vir para o Brasil com seus filhos. Chegou com a família na Hospedaria Horta Barbosa em Juiz de Fora - MG, no dia 19 de setembro de 1897.

Seis dias após a chegada, seguiram todos para Poça, no município de Caeté – MG, e ali iniciaram uma nova vida, sem o patriarca. Após o período inicial em Caeté, Giovanni e seu irmão Eugenio trabalharam na Mina de Morro Velho, em Nova Lima – MG, e, pouco tempo depois, a família se mudou para Pouso Alegre, no Sul de Minas.

Em 02 de fevereiro de 1903, Giovanni, com 28 anos, casou-se com Chiara, com 19 anos, na Catedral de Pouso Alegre. O casal teve sete filhos, Helena, Angelo, Italo, Maria, Orlando, Humberto Primo e Giuglieta, que faleceu no dia de seu batizado.

A mãe de Giovanni se mudou para Itajubá com seu filho Eugenio e sua filha Luigia - “Luiza”, em março de 1911, enquanto Giovanni e Chiara se mudaram por volta de 1930.

Ele passou a trabalhar com uma “bagageira” fazendo carretos, principalmente das cargas que chegavam pela Rede Ferroviária.

Chiara, sua esposa, montou uma pensão onde servia refeições. O macarrão de Dona “Clara” se tornou famoso, chegando ela mesma a inventar um tempero, colocando o nome de “macarronada toscana”, em homenagem a sua terra-natal.

Como o negócio foi crescendo e o número de clientes aumentando, Giovanni passou a administrar a pensão junto com sua esposa. Ele, porém, nunca deixou de trabalhar com sua “bagageira”.

Giovanni adoeceu e, em 4 de dezembro de 1936, veio a falecer, aos 61 anos. Chiara, após viver por um período com sua filha Maria, na cidade de Maria da Fé, retornou para Itajubá, onde residiu até a sua morte, em 1º de setembro de 1939.

Giovanni e Chiara estão enterrados no cemitério da Paróquia de Nossa Senhora da Soledade, em Itajubá.

CONSOLI EUGENIO BATTISTA FRANCESCO



O casal Eugenio e Herminia; ao centro, Humberto Consoli.

- **Nascimento:** 09 de fevereiro de 1883
- **Falecimento:** 05 de setembro de 1965
- **Pai:** Angelo Sante Giorgio Maria Consoli (*31 de outubro de 1837 † 1897)
- **Mãe:** Maria Angela Soave (* 30 de outubro de 1851, † 22 de outubro de 1915)
- **Esposa:** “Hermínia” Teresa Maria Cinquetti (* 2 de junho de 1887, † 2 de abril de 1972)
- **Pais de “Hermínia” Teresa Maria:** Constante Cinquetti - “Constantino” - e Giuseppa Franzini
- **Filhos de Eugenio e “Hermínia” Teresa Maria:** Humberto (* 05 de outubro de 1906, † 25 de fevereiro de 1993); Iolanda (* 14 de novembro de 1914, † 18 de março de 2004)

VIDA E OBRA

Eugenio Battista Francesco Consoli nasceu em Vigasio, Província de Verona. Seus pais eram Angelo Consoli, nascido em Quarantoli, Província de Modena, no dia 31 de outubro de 1837, e Maria Angela Soave, nascida em Vigasio, Província de Verona no dia 30 de outubro de 1851.

Chegou com a família na Hospedaria Horta Barbosa, em Juiz de Fora - MG, no dia 19 de setembro de 1897 e, seis dias após a chegada, seguiram todos para Poça, no município de Caeté – MG, onde iniciaram uma nova vida, sem o patriarca.

Após o período inicial em Caeté, os irmãos Giovanni e Eugenio trabalharam na Mina de Morro Velho, em Nova Lima, MG e pouco tempo depois a família se mudou para Pouso Alegre, no Sul de Minas.

Eugenio se casou com “Hermínia” Teresa Maria Cinquetti em Santa Rita do Sapucaí, em 16 de dezembro de 1905, ele com 22 anos e ela com 18 anos.

Em março de 1911, Eugenio, Hermínia e seu filho Humberto, mudaram-se para Itajubá. Pouco tempo depois nasceu Iolanda. Acompanharam Eugenio, sua mãe e sua irmã Luígia.

Em Itajubá, Eugenio iniciou-se no ramo comercial e em seguida, paralelo às suas atividades,

dedicou-se também ao ramo de hotelaria. Foi proprietário do Hotel Paris, segundo o historiador Armelino Guimarães. Depois, comprou uma propriedade, transformando-a no “Hotel da Estação” e outra que se transformou no Hotel Boa Vista.

Comprou duas propriedades no bairro Morro Chic, uma chácara no Bairro da Boa Vista, uma casa no Bairro da Avenida, onde fixou residência e ali montou um armazém de “secos e molhados”. Ao longo do tempo, adquiriu outras casas próximas a antiga Fábrica de Tecidos Cordona.

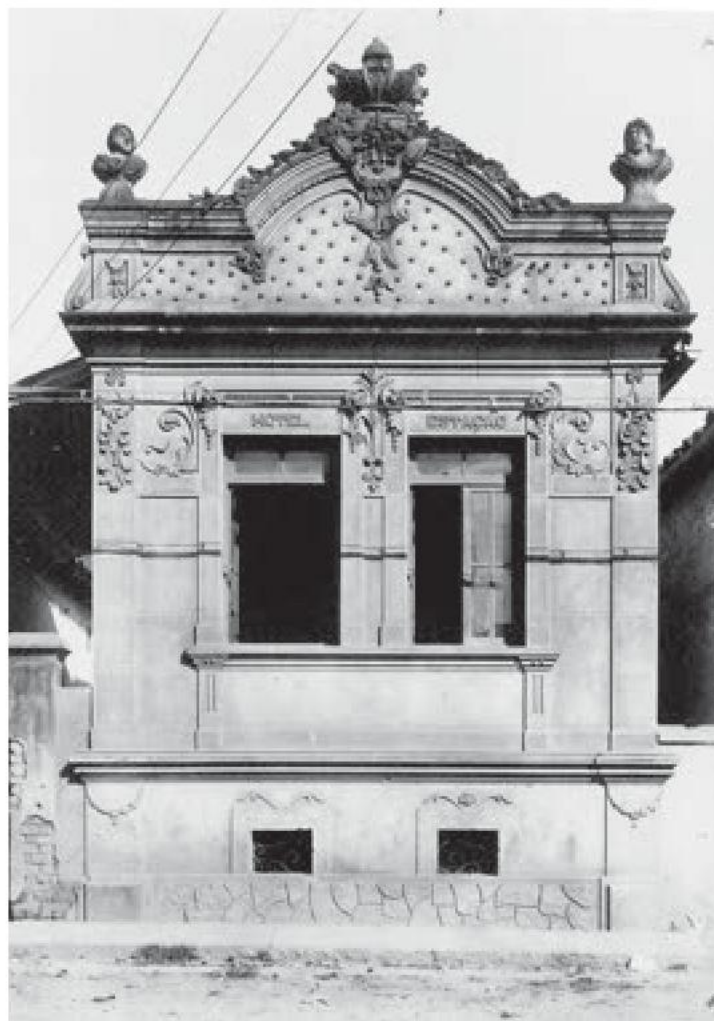
Sempre com os olhos no futuro, Eugenio foi a São Paulo e comprou uma charrete, que se tornou uma atração, pois era a primeira com rodas de borracha circulando pela cidade.

No bairro Avenida montou um posto de gasolina: Anglo Mexicam Petroleum Company Ltda.

Em 1921, Eugenio foi rever sua pátria, os parentes e amigos de infância, saborear seus vinhos, azeites e queijos preferidos. Após três meses de estadia na Itália, na véspera da partida de volta, a despedida foi tão intensa que o vinho fez com que perdesse o embarque e, por obra do destino, este navio afundou sem que houvesse sobreviventes.

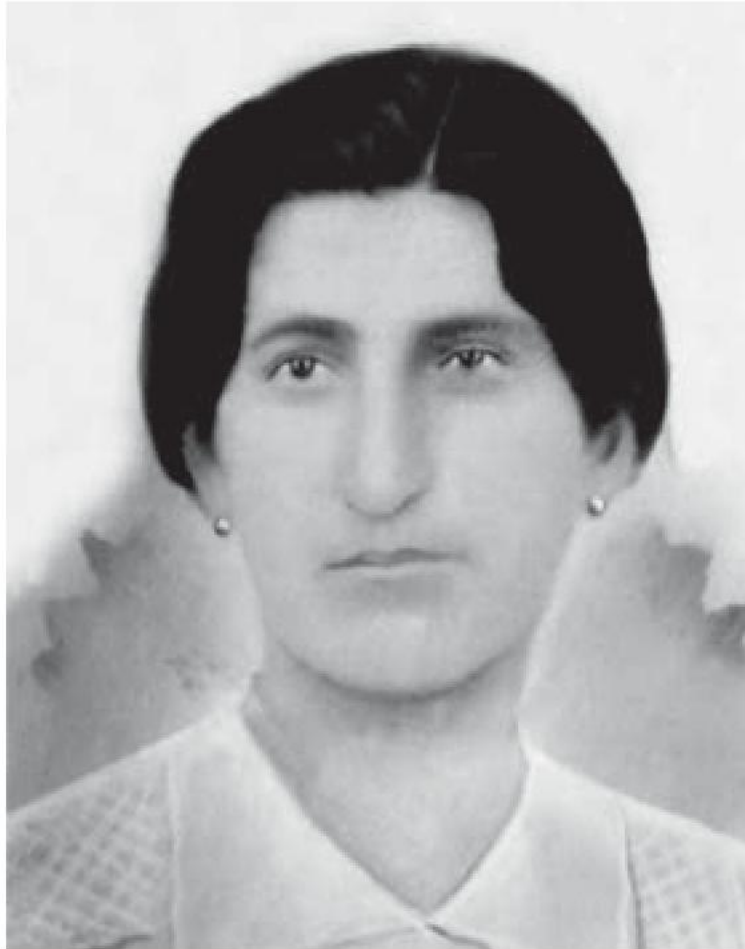
Eugenio contribuiu muito para a economia da cidade, através dos inúmeros empregos que proporcionou, com árduo trabalho de 1911 a 1965. Faleceu após ter participado da Missa na Igreja de São José, como fazia todos os domingos.

Em vida sempre dizia: “Aqui cheguei jovem, passei minha mocidade e agora que estou velho, espero, que nesta cidade que tanto amei, termine meus dias com a graça de Deus”.



Hotel da Estação, propriedade de Eugenio Consoli

CONSOLI LUIGIA VITTORIA DOSOLINA - "LUIZA"



- **Nascimento:** 24 de maio de 1890
- **Falecimento:** 10 de dezembro de 1948
- **Pai:** Angelo Sante Giorgio Maria Consoli (* 31 de outubro de 1837, † 1897)
- **Mãe:** Maria Angela Soave (* 30 de outubro de 1851, † 22 de outubro de 1915)
- **Esposo:** Alípio Pinto Bonifácio (* 31 de outubro de 1889, † 09 de março de 1964)
- **Pais de Alípio Pinto Bonifácio:** Luiz Pinto Bonifácio e Florida de Almeida
- **Filhos de Luigia - "Luiza" - e Alípio:** Danil (* 1917, † 21 de março de 1921), Maria (* 31 de outubro de 1919, † 13 de outubro de 1994), José Bonifácio (* 19 de janeiro de 1922, † 03 de julho de 2008), Olindo (* 20 de março de 1921, † 26 de março de 1993), Flora (* 11 de outubro de 1923, † 16 de janeiro de 2011), Maria Nazareth (* 29 de junho de 1930, † 07 de julho de 1986)

VIDA E OBRA

Luigia Vittoria Dosolina Consoli, ou Luiza, como era chamada, nasceu em Vigasio, Província de Verona no dia 24 de maio de 1890. Seu pai, Angelo Consoli, nasceu em Quarantoli, Província de Modena, no dia 31 de outubro de 1837, e sua mãe, Maria Angela Soave, nasceu em Vigasio, Província de Verona, no dia 30 de outubro de 1851.

Com a morte de seu pai, a família Consoli veio para o Brasil, chegando à "Hospedaria de Imigrantes", em Juiz de Fora – MG, no dia 19 de setembro de 1897. Seis dias após a chegada, seguiram todos para Poça, no município de Caeté - MG e ali iniciaram uma nova vida, sem o patriarca. Após o período inicial em Caeté, a família se mudou para Pouso Alegre, no Sul de Minas.

Em março de 1911, Luigia “Luiza”, sua mãe e seu irmão Eugenio, com sua esposa e filho, deixaram Pouso Alegre, mudando-se para Itajubá. Como sua mãe, Maria Angela, exercia a profissão de parteira, logo ao chegar, foi trabalhar com Dr. Xavier Lisboa, pai de Dr. Gaspar.

Luiza passou a ajudar seu irmão Eugenio, em um hotel, que este adquiriu algum tempo depois que chegou a Itajubá.

Luiza conheceu Alípio Pinto Bonifácio, que trabalhava como “Camarada de Cometa”, termo antigo dos profissionais que viajavam e vendiam os mais diversos tipos de mercadorias, cujas cargas eram transportadas por cavalos e burros.

Em 1916, aos 24 anos de idade, Luiza se casou com Alípio, na época com 27 anos. O casal teve cinco filhos: Danil, falecido aos 3 anos de idade; Maria, José, Olindo, Flora e Maria Nazareth. Os filhos Olindo, José e Nazareth se mudaram para Piquete - SP. Flora e Maria permaneceram em Itajubá e constituíram famílias.

Luiza faleceu em 10 de dezembro de 1948, aos 56 anos de idade. Alípio ainda viveu vários anos, vindo a falecer em 1965, quando iria completar 75 anos.



A Itajubá do passado: Rua Dr. Xavier Lisboa - Rua dos Remédios

CONSOLI HUMBERTO



- **Nascimento:** 05 de outubro de 1906
- **Falecimento:** 25 de fevereiro de 1993
- **Pai:** Eugenio Battista Francesco Consoli (* 09 de fevereiro de 1883 † 05 de setembro de 1965)
- **Mãe:** “Hermínia” Teresa Maria Cinquetti (* 2 de junho de 1887, † 2 de abril de 1972)
- **Esposa:** Maria Antonieta “Chiarini” Consoli (* 20 de abril de 1910, † 1º de julho de 2005)
- **Pais de Maria Antonieta:** Giovanni Battista Consoli (* 05 de março de 1875, † 04 de setembro de 1936) e Chiara Chiarini (* 07 de maio de 1884, † 1º de dezembro de 1939)
- **Filhos de Humberto e Maria Antonieta:** José Dirceu (* 06 de agosto de 1933, † 1º de outubro de 1961), Eugenio (* 31 de janeiro de 1935, † 21 de agosto de 2005), Paola Frassinetti (* 19 de junho de 1936), Maria Clara (* 17 de fevereiro de 1939), Maria Stella (* 08 de agosto de 1940), Antonio Claret (* 14 de maio de 1943) e Regina (* 21 de julho de 1945)

VIDA E OBRA

Humberto Consoli nasceu em Pouso Alegre, em 05 de outubro de 1906. Em março de 1911, mudou-se com seus pais Eugenio e “Hermínia” Teresa Maria, para Itajubá.

Na juventude, tornou-se condutor de passageiros para as cidades vizinhas, como Piranguinho, Brazópolis e Piranguçu, alternando seu trabalho com a charrete, o hotel e o armazém de seu pai. Mais tarde, assumiu a direção do armazém e, em 1924, comprou um Ford “Bigode”, que substituiu a charrete.

No dia 8 de dezembro de 1931, Humberto se casou com sua prima Maria Antonieta “Chiarini” Consoli, na Capela de Nossa Senhora da Conceição, no Palácio Episcopal, em cerimônia celebrada pelo Bispo Dom Otávio Chagas de Miranda, em Pouso Alegre.

Em 1933, mudou-se para Maria da Fé e se estabeleceu como comerciante, montando um armazém. Sua esposa deu continuidade a sua profissão como professora, lecionando no Grupo Escolar Arlindo Zaroni. Ali permaneceram por 13 anos.

Em 1945, voltaram para Itajubá. Maria continuou seu trabalho como professora e Humberto se estabeleceu com um hotel e um bar: o Hotel da Estação e o Bar Rubi. Ao lado do bar, construiu

um galpão, duas pistas de jogo de bocha e uma cave abaixo do nível do solo, onde alojava vinhos engarrafados cuidadosamente pela sua família.

O galpão, a cave, a pista de jogo e as árvores ao redor formavam um lugar propício para reuniões. Esse local foi palco de grandes acontecimentos da colônia italiana da época. Guardadas as devidas proporções, Humberto foi o precursor de um *circolo* de italianos que proporcionou a amizade entre seus descendentes.

Ao lado de seu bar, montou a Casa do Lavrador. Ao longo dos anos, comprou e vendeu várias propriedades, contribuindo economicamente para a cidade e, com suas atividades comerciais, proporcionou emprego a muitas pessoas. Com seu temperamento alegre conquistou muitas amizades. Ajudou muitas famílias, na formação escolar de seus filhos.

Quando Padre Generoso chegou a Itajubá, para ser pároco da Igreja Matriz São José Operário, Humberto convidou-o para fazer as refeições em sua casa. Assim, o Padre se alimentou em sua casa durante todos os anos em que permaneceu como pároco.

Depois que se afastou do comércio, Humberto se dedicou ao que mais gostava: brincar com os netos, ler, conversar, fazer amigos e, como um bom *"gourmand"*, saborear um apetitoso almoço, sempre acompanhado de um bom vinho.

Humberto faleceu no dia 25 de fevereiro de 1993, quando completaria 87 anos, e sua esposa faleceu aos 95 anos de idade, perfeitamente lúcida, no dia 1º de julho de 2005.

Um cachecol para Sua Santidade

Maria Antonieta Consoli nasceu em Pouso Alegre no ano de 1910 e, ao chegar a Itajubá, lecionou no Grupo Escolar Theodomiro Santiago. Depois, foi nomeada para a Escola de Horticultura, hoje Escola Estadual Wenceslau Braz.

Sua dedicação ao ensino chamava a atenção dos diretores e colegas de trabalho. Ela tinha o maior respeito pelo Pavilhão Nacional e orgulhava-se de nunca ter deixado de cantar o Hino Nacional, junto com seus alunos, antes das aulas.

Ao aposentar-se, dedicou-se mais aos filhos e netos e a trabalhos filantrópicos e religiosos, tendo sido Ministra Extraordinária da Comunhão Eucarística. Mesmo com mais de 80 anos, levava a Sagrada Comunhão aos doentes e pessoas incapacitadas de irem à igreja.

Em novembro de 2004, Antonio Consoli, seu filho, residente em outra cidade, veio a Itajubá para se despedir, pois estava de partida para a França – iria participar do casamento de seu filho Luciano. Maria, então, lhe pediu que fizesse chegar às mãos do Papa um cachecol que ela havia feito com esmero. Mesmo sabendo da provável impossibilidade de realizar a tarefa, Antonio pegou o cachecol e prometeu à mãe que o seu pedido seria realizado.

Após o casamento de Luciano e Charlotte, Antonio e vários parentes viajaram para Roma. Por insistência de seu outro filho, Marco Antonio e de Renata, sua nora, Consoli entregou o cachecol e uma carta de Maria a um dos secretários de João Paulo II.

Em janeiro de 2005, Dona Maria recebeu uma resposta de Sua Santidade - através de uma carta, reproduzida a seguir -, agradecendo o cachecol e enviando uma benção especial para toda a família, o que ela considerou ser o maior presente que recebeu na vida.

Maria Consoli faleceu no dia 1º de julho de 2005, aos 95 anos de idade, perfeitamente lúcida, exatamente três meses após a morte do Papa João Paulo II.

Texto baseado em artigo do professor Paulo Roberto Labegalini, veiculado no jornal O SUL DE MINAS de 11 de dezembro de 2010



SECRETARIA DE ESTADO

PRIMEIRA SEÇÃO - ASSUNTOS GERAIS

Vaticano, 30 de dezembro de 2004

Prezada Senhora

Venho, por meio desta, significar os agradecimentos do Santo Padre, por Lhe ter querido enviar, a par de sentimentos de veneração de V.Sa. e de sua distinta família, um cachecol feito pela senhora, tendo merecido o Seu melhor apreço.

Tenho o prazer de ser intérprete da gratidão do Papa, além dos Seus melhores votos de felicidades, e de que a sua existência seja sempre iluminada pelo amor e pela esperança na prática generosa do bem, com os olhos fixos em Jesus Cristo nossa Páscoa, autor e consumador da fé. Sua Santidade o Papa, com o ensejo, envia-lhe uma especial Bênção Apostólica, extensiva a toda a sua família.

Com as mais cordiais saudações em Cristo!

Mons. Gabriele Caccia

Assessor

Exma. Sra.D^a Maria Consoli

ITAJUBÁ (MG)

CONSOLI HUMBERTO PRIMO



- **Nascimento:** 6 de dezembro de 1913
- **Falecimento:** 23 de junho de 1985
- **Pai:** Giovanni Battista Consoli (* 05 de março de 1875, † 04 de setembro de 1936)
- **Mãe:** Chiara Chiarini (* 07 de maio de 1884, † 01 de dezembro de 1939)
- **Esposa:** Lolanda Consoli (* 14 de dezembro de 1914, † 18 de março de 2004)
- **Pais de Lolanda Consoli:** Eugenio Consoli: (* 09 de fevereiro de 1883, † 05 de setembro de 1965) e "Hermínia" Teresa Maria Cinquetti (* 02 de junho de 1887, † 02 de abril de 1972)
- **Filhos de Humberto e Lolanda:** João (* 17 de março de 1937), Paulo (* 03 de março de 1939), José Amaury (* 26 de março de 1941), Bernadete (* 19 de abril de 1943), Celina (* 02 de fevereiro de 1948, † 25 de fevereiro de 1995), Terezinha (* 25 de janeiro de 1950, † 05 de outubro de 1983) e Carlos Antonio (*08 de novembro de 1952)

VIDA E OBRA

Em 6 de dezembro de 1913, nascia Humberto Consoli Primo, em Pouso Alegre. Filho dos imigrantes italianos Giovanni Consoli e Chiara Chiarini.

Humberto se casou com sua prima Lolanda Consoli, com quem teve sete filhos. Ele morou em Itajubá durante 50 anos e trabalhou como mecânico na Fábrica de Armas de Itajubá, hoje, IMBEL.

Com a necessidade de formar operador metalúrgico ou mestre de oficina seriada, criou-se, então, uma Escola Profissional do 2º Grau, sob a direção do Coronel Bello Lisboa, para aperfeiçoar funcionários já em atividades nas oficinas. Eram vários descendentes de italianos que fizeram o curso, entre os quais Humberto Consoli Primo.

Ele se destacou de tal forma na profissão de torneiro mecânico que se tornou chefe da

oficina. Humberto foi um habilidoso profissional e muito contribuiu para o bom desempenho desta indústria, que gerou tantos benefícios para a cidade de Itajubá e para o Brasil.

Exerceu também a profissão de motorista. Depois, trabalhou na Recauchutadora Taurus, propriedade de Dr. Lourenço de Oliveira. Após algum tempo, tornou-se o seu proprietário, ampliou os negócios e mudou o nome jurídico para Super Recap Itajubá, mais tarde J.C. Pneus.

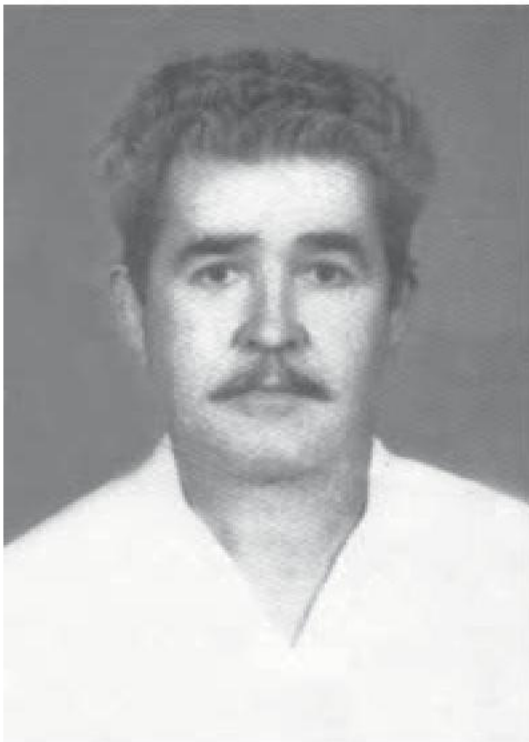
Em 1954, Humberto Primo foi um dos fundadores da Sociedade dos Motoristas do Sul de Minas, junto com Francisco Pianelli, outro italiano que participou ativamente desta sociedade. Humberto foi presidente da Sociedade.

De operário a empresário de sucesso, Humberto gerou empregos, tanto em sua empresa, como na construção de várias propriedades.

Aos domingos seus amigos, quase todos descendentes de italianos, frequentavam sua residência e saboreavam o almoço que Iolanda carinhosamente preparava como a macarronada, ora um cabrito ou um carneiro, sempre acompanhado de um vinho.

Humberto e Iolanda faleceram em Itajubá. Ele, em 23 de junho de 1985 e ela, em 18 de março de 2004.

CONSOLI MARIA PINTO BONIFÁCIO



- **Nascimento:** 31 de outubro de 1919
- **Falecimento:** 13 de outubro de 1994
- **Pai:** Alípio Pinto Bonifácio (* 31 de outubro de 1889, † 09 de março de 1964)
- **Mãe:** Luígia Vitoria Dosolina Consoli - "Luiza" (* 24 de maio de 1890, † 10 de dezembro de 1948)
- **Esposo:** Antonio José de Oliveira (* 05 de setembro de 1918, † 17 de janeiro de 1967)
- **Pais de Antonio José de Oliveira:** José Antonio de Oliveira e Ana Rosa de Oliveira
- **Filhos de Maria e Antonio José de Oliveira:** José de Oliveira (* 22 de janeiro de 1939, † 22 de

junho de 2010), Maria Aparecida (* 28 de maio de 1945, † 02 de agosto de 1996), Ana Luiza (* 18 de abril de 1949), Antonio José de Oliveira Filho (* 29 de março de 1951), Paulo Raimundo (* 24 de agosto de 1954, † 14 de dezembro de 1996) e Luiz Antonio (* 30 de outubro de 1959)

VIDA E OBRA

Maria “Consoli” Pinto Bonifácio nasceu, em 31 de outubro de 1919, em Itajubá. Filha e neta de italianos tendo como avós maternos, Angelo Sante Giorgio Maria Consoli e Maria Angela Soave e como avós paternos, Luiz Pinto Bonifacio e Florida de Almeida.

Na sua infância, Maria residia com seus pais, Alípio Pinto Bonifácio e Luígia - “Luiza” - Consoli, no bairro da Varginha. Estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus – Colégio das Irmãs – onde cursou o Primário. Quando jovem, foi trabalhar na Fábrica de Tecidos Codorna.

Conheceu Antonio José de Oliveira em 1938 e se casaram, passando a assinar Maria Pinto de Oliveira. O casal teve seis filhos: José de Oliveira, Maria Aparecida, Ana Luiza, Antonio José, Paulo Raimundo e Luiz Antonio.

Maria aprendeu com sua mãe os costumes italianos e procurou mantê-los no seio da família, como o gosto pela culinária e o interesse pelas origens e histórias da Itália, preservadas até nos dias de hoje, nas gerações mais novas.

Sempre alegre e corajosa, procurava auxiliar a todos que a ela viessem solicitar sua ajuda e colaboração. Com humildade e simpatia, ao longo da vida conquistou muitas amizades, deixando um legado de ensinamentos para aqueles que, de uma forma ou de outra, com ela conviveram.

Maria faleceu aos 74 anos de idade, em Itajubá, no dia 13 de outubro de 1994, poucos dias antes de completar 75 anos de idade.

CONSOLI FLORA PINTO BONIFÁCIO



- **Nascimento:** 11 de outubro de 1923
- **Falecimento:** 16 de janeiro de 2011
- **Pai:** Alípio Pinto Bonifácio (* 31 de outubro de 1889, † 09 de março de 1964)
- **Mãe:** Luigia Vittoria Dosolina Consoli - "Luiza" (* 24 de maio de 1890, † 10 de dezembro de 1948)
- **1º Esposo:** Benedito Rodrigues (* 18 de janeiro de 1918, † 07 de dezembro de 1944)
- **Pais de Benedito:** Benedito Rodrigues Monteiro e Aurélia de Araújo
- **Filhos de Flora e Benedito:** Raimundo (* 02 de agosto de 1939, † 07 de dezembro de 1998), Aureluiza (* 10 de outubro de 1940, † 22 de outubro de 1978), Edson (* 14 de agosto 1942, † 10 de dezembro de 1993) e Benedita (* 17 de dezembro de 1944).
- **2º Esposo:** Hermínio Rodrigues Toledo: (* 31 de agosto de 1916, † 17 de julho de 2001)
- **Pais de Hermínio:** Leopoldino Rodrigues de Toledo e Filomena R. de Toledo
- **Filhos de Flora e Hermínio:** Célia Maria (* 09 de junho de 1949), Dulcinéia (* 09 de agosto de 1950), Eunice (* 13 de março de 1952), Elizabete (* 19 de junho de 1953), Valdinéia (* 17 de abril de 1955), Paulo (* 15 de agosto de 1956), Marco (* 09 de dezembro de 1957), Márcia (* 04 de fevereiro de 1960) e Elmize (* 04 de julho de 1962)

VIDA E OBRA

Flora "Consoli" Pinto Bonifácio nasceu, em 11 de outubro de 1923, na cidade de Itajubá. Filha e neta de italianos tendo como avós maternos Angelo Sante Giorgio Maria Consoli e Maria Angela Soave e como avós paternos Luiz Pinto Bonifacio e Florida de Almeida.

Estudou no Grupo Escolar Coronel Carneiro Junior. Recordava com carinho de suas mestras e de ter sido levada à escola, nos primeiros dias, por seu primo, já moço nesta época, Ricieri Navi.

Flora se casou com Benedito Rodrigues em 1939, e desta união nasceram quatro filhos: Raimundo, Aureluiza, Edson e Benedita.

Em 1944, Benedito Rodrigues faleceu. Flora, então, foi trabalhar na área de enfermagem no Hospital Presidente Vargas em Piquete - SP, onde permaneceu por um ano e meio.

De volta para Itajubá, conheceu Hermínio Rodrigues Toledo, um funcionário da Fábrica de Armas, hoje, IMBEL. Eles se casaram em 1º de julho de 1948.

O casal teve nove filhos: Célia Maria, Dulcinéia, Eunice, Elizabete, Valdinéia, Paulo, Marco, Marcia e Elmize. Três dos filhos residem em Itajubá, os demais se mudaram para São Paulo.

Ao longo de toda a sua vida, Flora se dedicou aos trabalhos religiosos em sua Igreja, auxiliando os pastores e coordenadores. Em seu trabalho voluntário levou muitos jovens a se dedicarem também aos serviços religiosos, com seus exemplos e orações, trabalhou incansavelmente para que outras pessoas caminhassem pelas sendas do bem.

Em 2001, Hermínio Toledo faleceu. Flora continuou reunindo os familiares em um ambiente agradável, onde a religiosidade se tornou uma marca no seio desta família. Todos procuraram seguir os exemplos bíblicos de amor e crença em Deus, plantados em cada coração.

Flora faleceu do dia 16 de janeiro de 2011, ano em que completaria 88 anos.



Foto: Luciano Ribeiro P. Consoli

Cidade de Vigasio, Província de Verona, região do Veneto, última cidade onde os Consoli moraram antes de imigrarem para a América

DASTRE ANTONIO DELIAMI



- **Nascimento:** 01 de novembro de 1891
- **Falecimento:** 30 de maio de 1958
- **Pai:** Filipe Deliami Dastre - "Fillipo Deleoni"
- **Mãe:** Marianna Sottile Dastre
- **Esposa:** Celica Bugian (* 1896, † 1975)
- **Pais de Celica Bugian:** Umberto e Domitila Bugian
- **Filhos de Antônio e Celica Bugian:** Felipe (*10 de abril de 1915, † 24 de junho de 1983), Mafalda (* 10 de junho de 1917, † 22 de julho de 1968), Hilário (* 06 de fevereiro de 1920, † 13 de junho de 1987), Alderico (* 24 de maio de 1922, † 12 de maio de 1997), Walderez (* 16 de junho de 1926), Gauthier (* 26 de fevereiro de 1929, † 2005) e Waldir (* 06 de setembro de 1933, † 1990)

VIDA E OBRA

No dia 22 de janeiro de 1895, desembarcou no porto de Santos, no Brasil, do Vapor "Attività", a família Deleoni, vinda da cidade de Catania, na Sicília, Itália, na mesma onda de imigração de italianos do final do Século XIX em busca de uma vida melhor, apoiados pelo próprio governo italiano, que via na saída de seus cidadãos uma forma de aliviar os problemas econômicos enfrentados na ocasião naquele país.

A pequena família era composta pelo pai, Filipe - "Fillipo"- Deleoni, de 33 anos; a mãe, Marianna Sotille Deleoni, de 25 anos, e um menino de 3 anos, Antonio Deleoni, filho adotivo do casal. Os registros de imigração registraram "Delleoni", mas algo, de que não se tem registro,

DASTRE: Oriundo da cidade de Catania, região da Sicília

aconteceu para que o sobrenome virasse “Deliami”.

O casal de agricultores e Antonio estabeleceram-se na cidade de Pindamonhangaba - SP, numa fazenda de café, onde nasceram os primeiros filhos naturais de Filipe e Marianna: Rosa e Plácido. Mas, logo, desencantados com o trabalho na fazenda cafeeira e em busca de uma vida melhor, deslocaram-se para a capital de São Paulo, onde nasceram os outros filhos, Benedito e Vitória.

Pela necessidade de ajudar na casa ainda cedo, Antonio começou a trabalhar no ofício de pedreiro, na capital. No dia 09 de maio de 1914, com 23 anos de idade, no bairro de Bom Retiro, daquela cidade, casou-se com Celica Bugian. Na certidão de casamento, o sobrenome de Antonio aparece como “Deliane”, e por um erro do escrivão, ele foi identificado como “padeiro” e não como pedreiro. O casal teve os filhos Felipe, em 1915; Mafalda, em 1917; Hilário, em 1920, e Alderico, em 1922.

Antonio trabalhou em muitas obras na cidade de São Paulo, mas foi na empresa White Martins, mesmo como pedreiro, que ele teve a oportunidade de tomar os primeiros contatos com a fundição, ofício que, mais tarde, assumiria definitivamente.

Através do cunhado Joany, Antonio conheceu Itajubá e teve a idéia de mudar-se para uma cidade menor, onde seriam maiores as oportunidades para um jovem chefe de família.

Em 1924, Antonio Deleoni chegou a Itajubá com a família e pôs em prática seu trabalho de construtor. Na cidade, nasceram seus outros filhos, Walderez, em 1926; Gauthier, em 1929, e Waldir, em 1933.

Da década de 30 em diante, Antonio trabalhou nas seguintes obras: construção do Instituto Padre Nicolau, primeira reforma da sede social do Clube Itajubense, piscina e um dos pavilhões do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, Igreja São José, Maternidade Xavier Lisboa, Cine Auditorium da Fábrica de Armas, residências de Edson Mauad, Luiz Mauad e Dr. Geraldino e no imóvel onde funcionou a Fundação Dastre, na rua Major Belo Lisboa.

Como Itajubá passava, então, por uma fase de paralisação de edificações de maior importância, Antonio abandonou a profissão de construtor e passou a trabalhar com seus filhos em obras de fundição. Aprendeu, por conta própria, a técnica da fundição de ferro através de manuais e passou a se dedicar ao ofício.

No dia 23 de janeiro de 1948, quando havia também adotado o sobrenome da sua família de sangue, Dastre – uma alteração do original “D’Astri” -, fundou, juntamente com os seus filhos Filipe e Alderico, a Fundação Dastre Ltda., primeira indústria de fundição de ferro gusa da cidade e da região.

Antonio Dastre era homem de hábitos caseiros e familiares. Gostava de jogar truco e bocha, na companhia de amigos como Manuel Osório, Antonio Mauad, Álvaro e Ítalo Mandolesi, Abílio Pizzo, Carlos Borsachi e o Sr. Esteves.

Uma de suas predileções era a boa comida servida em mesa farta ao lado da família, dos filhos, dos netos e dos amigos. Apreciava as massas e os molhos preparados pela esposa, Celica: o macarrão feito em casa, o caneloni, o ravióli, o capeleti e, principalmente, a “sopa grossa”, feita com carne cozida lentamente e legumes, e servida com queijo e pão italiano.

Antonio Dastre era um visionário e sonhador, porém tinha os pés firmes no chão para conduzir seu trabalho e gerenciar seus projetos com segurança. Um dia, ele resolveu instalar uma pequena oficina siderúrgica na cidade, a primeira na região a dominar a técnica de fundição de ferro gusa, e, com isso ajudou a forjar o progresso de Itajubá.

No dia 30 de maio de 1958, após um período de três meses acamado, Antonio Dastre faleceu, vítima de um derrame cerebral.

Além de Felipe, Hilário e Alderico, que têm suas biografias apresentadas neste livro, os demais filhos de Antonio Dastre e Celica, desenvolveram as seguintes atividades:

- Mafalda Deliami Dastre, casada em 1937 com Mário Almeida, com quem teve os filhos Inês Virgínia (*1938), Dárcio (*1940), Marcos (*1942), José Roberto (* 1952, † 1980) e Maria Cristina (* 1956); Mafalda era exímia costureira e doceira e faleceu em 1968;

- Walderez Deliami Dastre – “Dere” – casada em 1960 com Ismael Barbosa, com quem teve

dois filhos: Ismael (* 1961) e Wagner (* 1963); vive em São Paulo, há muitos anos, cercada do carinho dos filhos, netos e dos seus cães de estimação;

- Gauthier Deliami Dastre – “Neno” – mudou-se para São Paulo em meados da década de 1950; casou-se com a professora Elen Oliveira, tendo as filhas Rosana (* 1958) e Ellen (* 1960); ele faleceu de infarto em 2005;

- Waldir Deliami Dastre, viveu e trabalhou em São Paulo até o ano de 1990; casou-se em 1961 com a professora itajubense Dinah Silva e teve os filhos Maria Aparecida (* 1962) e Antônio (* 1965, † 2010); Waldir faleceu em 1990.

A Fundação Dastre Ltda.

Segundo seu contrato social, a Fundação Dastre Ltda., sediada em Itajubá, objetivava a exploração comercial de uma oficina mecânica, podendo se dedicar a atividades correlatas. Pelos critérios atuais, ela poderia ser caracterizada como uma empresa de pequeno porte, considerando-se o capital e o número de empregados.

A história da empresa transcorreu de maneira harmoniosa, especialmente em relação aos empregados. Embora fossem comuns casos de faltas ao trabalho, principalmente às segundas-feiras, por motivos de alcoolismo, em três décadas de existência foram registrados menos de 1% de demissões por justa causa.

As relações entre os empregados e o “Sr. Nino”, como Antonio Dastre era conhecido, eram muito cordiais devido às próprias características da empresa. Assim, os problemas particulares e familiares dos funcionários eram de conhecimento do proprietário. Além disso, os filhos dos empregados seguiam a profissão dos pais, começando a trabalhar na empresa por volta dos 15 anos de idade.

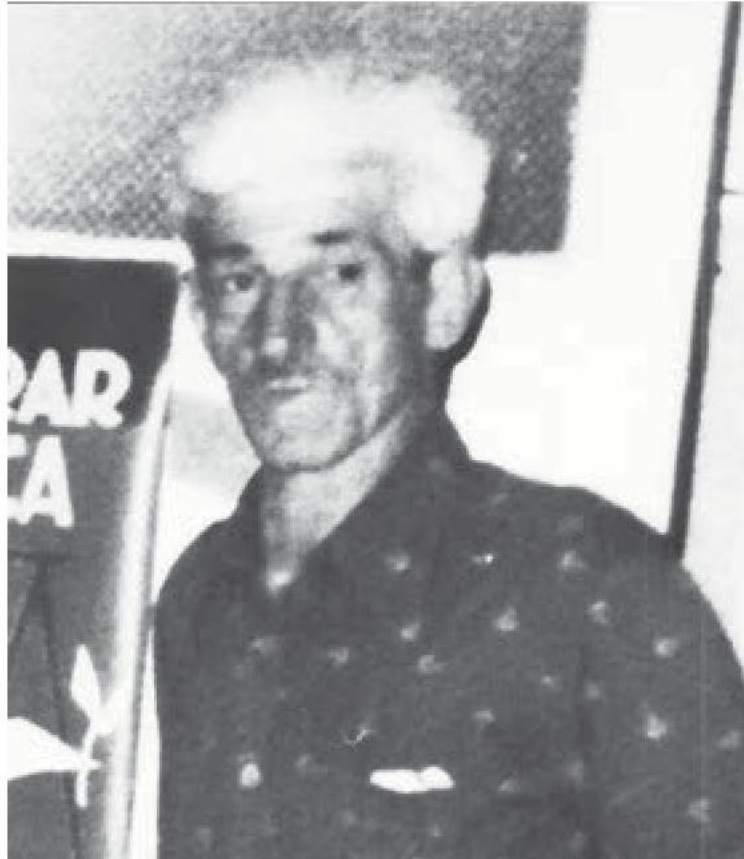
O cotidiano da Fundação só era alterado pela “corrida de fundição”, que não tinha data certa, mas dependia do volume de encomendas do mercado, podendo ser realizada uma ou duas vezes por mês. Havia os meses de pico: entre março e agosto, quando se realizava a moagem de cana-de-açúcar, ou entre outubro e dezembro, quando se colhiam marmelo e goiaba. Nesses meses havia um aumento de encomendas porque era quando se reformavam os engenhos e as máquinas de bater marmelo.

Contando também com uma mecânica, a Fundação realizava serviços de usinagem e de reparos de maquinário. Ao longo de sua história, a empresa utilizou a mesma tecnologia para a obtenção de ferro fundido. Embora fosse moderna para a época, a capacidade produtiva se tornou pequena para atender a demanda de Itajubá e da região.

Após a morte de Antonio Dastre em 1958, a Fundação continuou tendo como proprietários seus filhos, Felipe e Alderico. Após 29 anos de fundição, em 1977, a indústria encerrou suas atividades, pela aposentadoria dos seus proprietários e também porque o ecletismo que a caracterizava deixou de existir, pois o mercado exigia outras demandas específicas.

Até os dias atuais, encontram-se, em Itajubá, peças feitas de ferro fundido com a marca da fundição, bem como a calçada em frente a antiga empresa é feita com ladrilhos de ferro com a marca Fundação Dastre Ltda.

DASTRE FELIPE DELIAMI



- **Nascimento:** 10 abril de 1915
- **Falecimento:** 24 de junho de 1983
- **Pai:** Antônio Deliami Dastre
- **Mãe:** Celica Bugian Dastre
- **Esposa:** Griselda Vasques Deliami Dastre
- **Pais de Griselda:** Jacó Vasques e Ormindia Vasques
- **Filhos de Felipe e Griselda:** Sérgio Antônio (*1942), Laércio (* 1943), Eliana Maria (* 1946), Rubens (* 1949, † 1963), Roberto (* 1952), Rogério (* 1954), Maria Luíza (* 1956), Maurício (* 1959) e Marcelo (* 1963)

VIDA E OBRA

Filho primogênito do italiano Antonio Deliami Dastre e Celica Bugian, Felipe Deliami Dastre tinha o mesmo nome de seu avô paterno e nasceu em 10 de abril de 1915, na cidade de São Paulo.

Na capital, Felipe aprendeu a técnica de fundidor, o conhecimento da areia e da terra própria para moldagem e a feitura de moldes de madeira, bem como a técnica de fundição em moldes de cera.

Quando se mudou para Itajubá junto com os irmãos e o pai, fundaram a Fundição Dastre, uma indústria pioneira na cidade e na região, que alcançou grande êxito na produção de peças e artefatos pela perfeição de moldagem e pela consistência do metal fundido. Com o pai e os irmãos, Felipe passou a produzir peças fundidas para Itajubá e diversas localidades da região.

Ele se casou com Griselda Vasques, em 1941, com quem teve os filhos:

- Sérgio Antônio, engenheiro, casado com Emilze Ferreira;

- Laércio, engenheiro, casado com Célia Rocha Andrade;
- Eliana Maria, professora, casada com Antônio Manuel Correa Villas Boas;
- Rubens Roberto, falecido;
- Rogério, economista;
- Maria Luísa, professora, casada com Nelson Manzanares Filho;
- Maurício, engenheiro;
- Marcelo, médico.

Felipe foi eleito, pelo então MDB, vereador para o quadriênio 1973-1976 da Câmara Municipal de Itajubá, tendo sido seu vice-presidente em 1976 e, durante a administração do prefeito Pedro Mendes, desempenhou o cargo de avaliador municipal.

Muito ligado ao esporte, quando jovem, era jogador do Yuracan Futebol Clube, tendo sido artilheiro campeão.

Fez parte de um dos clubes de serviço de Itajubá, pois tinha como lema principal “ajudar a todos”, e também gostava de pescaria, principalmente em canoas, nos ranchos da região.

Felipe faleceu no dia 24 de junho de 1983, após alguns meses de enfermidade, para tristeza da esposa, filhos, genros, noras, netos e de todos os que o apreciavam.

DASTRE HILÁRIO



- **Nascimento:** 06 de fevereiro de 1920
- **Falecimento:** 13 de junho de 1987
- **Pai:** Antonio Deliami Dastre
- **Mãe:** Celica Bugian Dastre
- **Esposa:** Yeda Ferreira
- **Filhos de Hilário e Yeda:** Jean (* 1959), Nino (* 1960), Bruno (* 1962) e Jeanine (* 1980)

VIDA E OBRA

Terceiro filho de Antonio Deliami Dastre e Celica Bugian, Hilário Dastre nasceu na cidade de São Paulo e aprendeu o ofício de construtor, com o pai, com quem trabalhou em várias obras.

Segundo pesquisa realizada por seu filho Nino, em fevereiro de 1920, na Barra Funda, em São Paulo, nasceu Hilário, vindo se juntar aos dois irmãos mais velhos, Felipe e Mafalda, e o texto da certidão de nascimento traz o seguinte: “Aos nove de fevereiro de mil, novecentos e vinte, compareceu Antonio Deliane, e disse que, no dia seis do corrente, às cinco horas, na rua Javaés, no número trinta e oito, nasceu uma criança do sexo masculino, de cor branca, que chama-se Hilário, filho do declarante e de Celica Deliane...”.

De acordo com sua própria certidão de nascimento, Hilário deveria chamar-se apenas “Hilário Deliane”, sendo que o original “Deleoni” passou pela segunda alteração em sua forma gráfica. Pode-se concluir que não havia uma preocupação muito grande com a maneira como os nomes eram grafados.

Hilário foi um dos integrantes da primeira diretoria da Sociedade dos Motoristas do Sul de Minas, como membro do conselho deliberativo. Também foi proprietário da Auto-Escola Primor, uma das primeiras do ramo na cidade.

Tinha duas paixões: o tango e a aviação. Exímio dançarino, era fã e conhecedor da grande obra do cantor Carlos Gardel, mas não gostava quando as letras das músicas eram traduzidas para o Português.

Parava bailes no Clube Itajubense para ser admirado pelo seu desempenho ao dançar tango com a esposa Yeda, com quem teve os filhos: Jean, técnico em Segurança do Trabalho; Nino, publicitário; Bruno, administrador, e Jeanine, estudante.

Hilário era um homem muito alegre e gostava de carnaval, como também de cozinhar, para deleite de seus familiares, que eram convidados para provar os seus dons culinários.

Ainda jovem, tirou o “brevet” e tornou-se piloto de pequenas aeronaves. Participou de esquadrões de reconhecimento da Força Aérea Brasileira (FAB), durante a 2ª Guerra Mundial. Por muitos anos, Hilário foi presidente do Aeroclube de Itajubá, denominado, por sua sugestão, “Ninho dos Pardais”, e ajudou a fundar, em 1986, o aeroclube de Brazópolis, denominado também de Ninho dos Pardais.

Decolando da cidade de Brazópolis com destino à Varginha, a aeronave pilotada por Hilário, ao se chocar com uma montanha, caiu nas proximidades do município de Santa Rita do Sapucaí e ele morreu no acidente, ocorrido em 13 de junho de 1987.

DASTRE ALDERICO DELIAMI (DECO)



- **Nascimento:** 24 de maio de 1922
- **Falecimento:** 11 de maio de 1997
- **Pai:** Antonio Deliami Dastre
- **Mãe:** Celica Bugian Dastre
- **Esposa:** Irene Deliami Dastre (* 27 de janeiro de 1932)
- **Pais de Irene Deliami Dastre:** Plácido Deliamme e Adriana da Ressurreição Monteiro
- **Filhos de Alderico e Irene:** João Plácido (* 25 de setembro de 1954), Jorge Luiz (* 27 de março de 1957), Celiana Maria (* 03 de maio de 1958)

VIDA E OBRA

Nascido no dia 24 de maio de 1922, na cidade de São Paulo, Alderico – “Deco” - foi o quarto filho de Antonio Deliami Dastre e Celica Bugian.

Estudou o primário no Grupo Escolar Coronel Carneiro Júnior e o científico no Colégio de Itajubá. Quando jovem, ainda fez parte do movimento de escoteiros que havia em Itajubá.

Ao cumprir seu tempo de serviço militar, em 1943, foi surpreendido pela declaração de Guerra do Brasil ao Eixo e permaneceu no Exército Brasileiro até 1945. Estava já em Juiz de Fora, para se dirigir ao Rio de Janeiro e, posteriormente, para a Itália, quando a 2ª Guerra Mundial acabou em maio de 1945.

Em seguida, começou a trabalhar com o pai, Antonio Dastre, na Fundação Dastre Ltda., quando esta foi fundada, em 23 de janeiro de 1948. Embora conhecesse todo o processo de fundição, a sua especialidade era a mecânica pesada, sendo responsável pela “parte fina” das peças que eram fundidas.

Nos finais de semana gostava de praticar futebol, tendo jogado muito tempo como titular pelo então São Paulo Futebol Clube, que existia na cidade. Outra paixão era a pescaria, especialmente de lambaris, além de gostar de decifrar palavras cruzadas.

Em 19 de setembro de 1953, casou-se em São Paulo, com Irene Deliamme, filha de Plácido Deliamme, irmão de criação de seu pai. Com ela teve os filhos: João Plácido, professor universitário; Jorge Luiz, engenheiro civil, e Celiana Maria, engenheira civil e professora universitária.

Em novembro de 1976, Alderico se aposentou e em 1977, a Fundação Dastre encerrou suas atividades. Desfrutou sua aposentadoria ao lado da família, pescando, vendo jogos de futebol, especialmente do Corinthians e do São Cristóvão do Rio, do qual era torcedor de honra. Também colaborou como secretário da Liga Itajubense de Futebol (LIF).

Em 11 de maio de 1997, um acidente vascular cerebral o levou em poucas horas, deixando consternados familiares e amigos que foram privados da companhia de um grande patriota, marido, pai, irmão, amigo e “cidadão itajubense, acima de tudo”, como ele gostava de se definir.



Cidade de Catania, Sicília

DEL DUCCA DOMENICO



- **Nascimento:** 08 de janeiro de 1866
- **Falecimento:** 29 de junho de 1937
- **Pai:** Genaro Del Ducca
- **Mãe:** Ana Maria Falce Del Ducca
- **Esposa:** Giacomina Storino (* 07 de agosto de 1867, † 20 de abril de 1943)
- **Pais de Giacomina:** Domenico Storino e Elizabetta Tedesco Storino
- **Filhos de Domenico e Giacomina:** Ana Maria (* 03 de janeiro de 1890, † 24 de abril de 1952), Genarino (* 18 de maio de 1891, † 27 de agosto de 1953), Isabel (* 04 de novembro de 1893, † 14 de julho de 1958), Maria (* 1894, † 1894), Maria Assumpta (* 08 de agosto de 1896, † 26 de janeiro de 1951), Rosalina (* 06 de abril de 1897, † 08 de outubro de 1983), Carmélia (* 04 de maio de 1899, † 24 de agosto de 1979), Lauretta (* setembro de 1900, † 03 de outubro de 1901), Francisco (* 13 de dezembro de 1901, † 08 de setembro de 1973), Benedita (* 1905, † 09 de janeiro de 1978) e José (* 14 de novembro de 1909, † 27 de outubro de 1998).

VIDA E OBRA

Domenico Del Ducca nasceu, na *Comune* de Sapri, província de Salerno, na Itália, no dia 08 de janeiro de 1866. Filho de Ana Maria Falce e Genaro Del Ducca.

Por volta de 1884, Domenico desembarcou no porto do Rio de Janeiro, com destino a Minas Gerais, para uma cidade que completava 65 anos de sua fundação, de nome Itajubá. Veio por uma indicação de um amigo italiano que já residia na cidade.

Ao se instalar na cidade, Domenico empreendeu em várias áreas comerciais. Abriu loja de

DEL DUCCA: Oriundo da cidade de Sapri, Província de Salerno

tecidos, de chapéus, de calçados, de armarinhos e de cereais.

Quatro anos depois de sua chegada, casou-se com Giacomina Storino, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Soledade, no dia 28 de dezembro de 1888.

Giacomina era natural da cidade de Paola, província de Cosenza, na Itália. Filha de Elizabetta e Domenico Storino. Desembarcou no porto do Rio de Janeiro. Ela chegou a Itajubá em 1884, na mesma época que Domenico. Giacomina veio morar com o seu irmão Antonio Storino, que já residia na cidade. Ela se tornou uma excelente cozinheira, doceira e quitandeira de primeira linha.

O casal, que não se naturalizou, teve 11 filhos. Maria, uma das filhas, faleceu logo após seu nascimento em 1894, e Laretta, outra filha, nasceu em setembro de 1900 e foi sepultada em 03 de outubro de 1901, com um ano e um mês.

Depois de muito trabalho, Domenico comprou um terreno, onde, hoje, está a praça Dr. Pereira dos Santos, na esquina com a Rua Eugênio Sales. Ele construiu sua residência para abrigar sua família e, ao lado de sua casa, levantou um armazém, onde instalou seu comércio de 1888 a 1930. Na época, seu filho Francisco também o auxiliava nos negócios.

Numa empreitada ousada, em 1930, atrás de seu armazém, Domenico, em sociedade com seu filho Genarino e Vicente Chiaradia, abriu uma indústria de macarrão.

Domenico Del Ducca faleceu no dia 29 de junho de 1937, aos 71 anos e Giacomina no dia 20 de abril de 1943, aos 75 anos, ambos em Itajubá.

Todos os filhos, filhas, noras e genros do casal também são falecidos. Eles geraram 16 netos, 22 netas, 56 bisnetos e 59 bisnetas.

DEL DUCCA ANNA MARIA



- **Nascimento:** 03 de janeiro de 1890
- **Falecimento:** 24 de abril de 1952
- **Pai:** Domenico Del Ducca

- **Mãe:** Giacomina Storino Del Ducca
- **Esposo:** Domingos Lamoglia (* 11 de junho de 1882, † 12 de dezembro de 1948)
- **Pais de Domingos:** Vicente Lamoglia e Maria Felicia Marotti Lamoglia
- **Filhos de Anna Maria e Domingos:** Felicia (* 22 de setembro de 1905, † 03 de janeiro de 1984), Vicente (* 05 de maio de 1908, † 30 de junho de 1997), Angelina (* 04 de novembro de 1909, † 06 de junho de 1981), Vitalina (* , † não há dados), Maria do Carmo (* 21 de janeiro de 1915, † 13 de setembro de 1997), Dulce (* 28 de junho de 1916, † 09 de agosto de 2007), José (* 24 de junho de 1918, † 03 de junho de 2004), Regina (* 20 de março de 1921, † 16 de abril de 1996), Hélio (* 23 de outubro de 1923, † 16 de junho de 2009), Geraldo (* , † não há dados), Terezinha (* 01 de junho de 1925, † 18 de maio de 1980) e Domingos (* 03 de outubro de 1930, † 16 de dezembro de 1973)

VIDA E OBRA

Anna Maria Del Ducca nasceu na cidade de Itajubá, no dia 03 de janeiro de 1890. Filha de Domenico Del Ducca, da cidade de Sapri, província de Salerno, na Itália, e, de Giacomina Storino, natural da cidade de Paola, sul da Itália.

Os pais de Anna Maria eram também naturais da Itália, mas se conheceram e se casaram em Itajubá, no dia 28 de dezembro de 1888. Tanto seu pai como sua mãe chegaram ao Brasil por volta de 1884, no porto do Rio de Janeiro. Eles tiveram 11 filhos, dos quais Anna Maria é a filha mais velha.

Assim como a mãe, ela se tornou uma exímia cozinheira, produzia e vendia quitandas, em especial as brevidades admiradas pelos seus clientes.

Anna Maria era afilhada de Vicente Lamoglia, pai de Domingos, com quem ela se casou, no dia 24 de setembro de 1904.

Domingos, veio da cidade de Sapri, Província de Salerno, para o Brasil, aos 14 anos e, como Anna, era o primogênito de sua família. Ele tinha 22 anos quando se casou e ela, 14 anos. Os dois tiveram 12 filhos:

- Felicia Lamoglia, casada com Ítalo Mandolesi, proprietário da agência de carros Chevrolet e de posto de gasolina, com quem teve os filhos: Ulderico, diretor da Escola federal de Engenharia de Itajubá (EFEI); Alcyr; Ítalo, médico ortopedista; Marildes; Walter e Lizia.

- Vicente Lamoglia, funileiro, casado com Geralda Vilas Boas, com quem teve as filhas: Maria Aparecida, Maria Edyr e Maria Terezinha.

- Angelina Lamoglia, costureira, casada com Temístocles Carvalho, militar, com quem teve o filho Roberto Lamoglia Carvalho.

- Vitalina Lamoglia, professora e primeira diretora da Granja Escola Wenceslau Neto, casada com Antônio Fortunato Peixoto, fazendeiro, com quem teve os filhos: Maria Aparecida, Dulce, Adilson, Paulo, Fortunato e Ronaldo.

- Maria do Carmo Lamoglia, casada com o Dr. José Portugal Braga, com quem teve duas filhas: Elizabete e Edna.

- Dulce Lamoglia, professora do Grupo Escolar Coronel Carneiro Júnior, casada com o Dr. Francisco de Salles Dias, com quem teve os filhos: Leda, Inês, Luiz Domingos, Francisco, Lúcio e Luciano.

- José Lamoglia (Zito), operário chefe da Fábrica de Armas de Itajubá, casado com Edméa Galvão, com quem teve os filhos: Vilma, Luiz e José Maria.

- Regina Lamoglia, que não se casou e gostava de serviços domésticos, como fazer macarrão caseiro, que vendia para famílias de Itajubá e de cidade vizinhas.

- Hélio Lamoglia, funileiro, casado com Mariana Vilas Boas, com quem teve os filhos: Valdir, Antonio Carlos, Neyde, Nadir, Domingos, Hélio, Isaias, Ana Maria, José Roberto, Paulo Marcos e Maria de Lourdes.

- Geraldo Lamoglia, funileiro, casado com Cléa Macedo, com quem teve os filhos: Andréa,

José Augusto, Luiz e Fernando.

- Terezinha Lamoglia, vendedora de apólices de seguro, que também não se casou e morava com a irmã Regina.

- Domingos Lamoglia Filho, lanterneiro de carro, casado com Maria Aparecida Siqueira, com quem teve os filhos: Maria Cecília, Luiz Eugênio, Beatriz, Marilúcia e José Domingos.

Domenico "Domingos" era artesão e fundou em Itajubá uma oficina de caldeiraria e funilaria. Faleceu no dia 12 de dezembro de 1948 e Anna Maria, no dia 24 de abril de 1952, na cidade de Itajubá.

DEL DUCCA GENARINO



- **Nascimento:** 18 de março de 1891
- **Falecimento:** 28 de agosto de 1953
- **Pai:** Domenico Del Ducca
- **Mãe:** Giacomina Storino Del Ducca
- **Esposa:** Angelina de Franco (* 22 de abril de 1889, † 21 de março de 1924)
- **Pais de Angelina:**
- **Filhos de Genarino e Angelina:** Domingos Neto (* 28 de março de 1912, † 18 de agosto de 1965), Maria da Glória (* 04 de abril de 1915, † 30 de abril de 1996), José Garibaldi (* não há dados, † 14 de setembro de 1999) e Maria Aparecida (* 22 de março de 1921, † 16 de maio de 1999)

VIDA E OBRA

Genarino Del Ducca nasceu no dia 18 de março de 1891, na véspera da comemoração dos 72 anos de fundação de Itajubá. É o segundo filho dos imigrantes italianos Domenico Del Ducca, da cidade de Sapri, Província de Salerno, e Giacomina Storino, natural da cidade de Paola.

Mudou-se para a cidade de Santa Rita do Sapucaí e adquiriu uma padaria. Lá conheceu Angelina de Franco, casaram-se e tiveram quatro filhos, dois homens e duas mulheres:

- Domingos Del Ducca Neto, casado com Olívia Riêra.
- Maria da Glória Del Ducca, casada com Benedito Gusmão.
- José Garibaldi Del Ducca, tenente, casado com Maria Francisca.
- Maria Aparecida Del Ducca, tricotava várias peças de roupa e cuidou de sua avó Giacomina Storino Del Ducca; após a morte da avó, casou-se com Cezar Augusto Loureiro.

Angelina faleceu muito jovem e Genarino, então, preferiu criar os filhos junto da família e voltou para Itajubá.

Assim, aos 39 anos, ele, seu pai e Vicente Chiaradia, em sociedade, abriram uma indústria de macarrão, nos fundos do armazém administrado por seu pai e seu irmão Francisco.

Anos depois, Genarino montou uma frota de 15 carroças que serviam à comunidade. Ajudou na construção da rodovia de Itajubá a Piquete. Depois, montou um bar perto da Igreja São José Operário, no bairro Boa Vista.

Genarino Del Ducca faleceu, na cidade de Itajubá, e foi sepultado no dia 28 de agosto de 1953, aos 62 anos.

DEL DUCCA ISABEL



- **Nascimento:** 04 de novembro de 1893
- **Falecimento:** 14 de julho de 1958
- **Pai:** Domenico Del Ducca
- **Mãe:** Giacomina Storino Del Ducca
- **Esposo:** Antonio Victorino de Lima (* 15 de novembro de 1889, † 30 de novembro de 1918)
- **Pais de Antonio Victorino:**
- **Filhos de Isabel e Antonio:** Esmeralda (* 14 de julho de 1914, † 30 de abril de 2003) e José Ozias (* não há dados, † 14 de março de 1991).

VIDA E OBRA

Isabel Del Ducca nasceu no dia 04 de novembro de 1893. Filha de Domenico Del Ducca, imigrante italiano, natural da *Comune* de Sapri, Província de Salerno, e de Giacomina, da cidade de Paola, Província de Cosenza, na Itália.

Isabel se casou com Antonio Victorino de Lima, natural de Brazópolis. O casal teve dois filhos: Esmeralda e José Ozias.

Tempos depois, Antônio Vitorino faleceu, e Isabel se viu sozinha para criar os filhos. Ela, então, resolveu “arregaçar as mangas” e partir para o trabalho. Conhecida como dona Bebê, ela foi à luta e buscou uma atividade que conciliasse a vida familiar e seu talento culinário.

Isabel abriu a pensão Dona Bebê e passa a ter como pensionistas várias famílias e estudantes do Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI - atual UNIFEI). Alguns estudantes moravam na própria pensão, em quartos que ela alugava. Ela era uma pessoa admirada pelos seus clientes e, assim, conseguia “ganhar a vida” e educar seus filhos, Esmeralda e José Ozias.

Sua filha Esmeralda estudou e concluiu o curso de “normalista” e tornou-se professora e, depois, diretora do Colégio de Itajubá. Segundo comentários da própria família, Esmeralda era uma das jovens mais bonitas de sua época.

O outro filho de Isabel, José Ozias, conhecido como Jujú, gostava de futebol e foi técnico de times de Itajubá.

Isabel Del Ducca de Lima faleceu em Belo Horizonte, onde estava morando ultimamente com sua filha, mas foi sepultada na cidade de Itajubá, no dia 14 de julho de 1958, aos 64 anos.

DEL DUCCA MARIA ASSUMPTA



- **Nascimento:** 08 de agosto de 1896
- **Falecimento:** 26 de janeiro de 1951
- **Pai:** Domenico Del Ducca
- **Mãe:** Giacomina Storino Del Ducca
- **Esposo:** José Minervino de Salles (* 13 de junho de 1886, † 25 de julho de 1952)
- **Filhos de Maria Assumpta e José:** Maria de Lourdes, José, Mozart (* 08 de dezembro de 1916, † 17 de junho de 1999), Mário Minervino, Olavo, Eny e Zilah

VIDA E OBRA

Maria Assumpta Del Ducca nasceu no dia 08 de agosto de 1896. Filha de Domenico Del Ducca, imigrante italiano, natural da *Comune* de Sapri, província de Salerno e de Giacomina, da cidade de Paola, Província de Cosenza, na Itália.

Ela se casou com José Minervino de Salles. O casal teve sete filhos:

- Maria de Lourdes Salles Rennó, casada com Dr. José Pinto Rennó, advogado.
- José Sales, fiscal do então INPS, casado com Dalva.
- Mozart Salles, conhecido como "Monge", solteiro, funcionário da Companhia de Seguros Minas Brasil; poeta, que deixou músicas e poesias; morou fora de Itajubá e depois retornou à cidade, onde veio a falecer no Lar da Providência, já cego.
- Mário Minervino de Salles, também fiscal do então do INPS, casado com Berenice.
- Olavo Salles, casado com Alice Oliveira Alves.
- Eny Salles, casada com João Bráulio Wagner, engenheiro formado pela Escola Federal de Itajubá (EFEI – atual UNIFEI).
- Zilah Salles, solteira.

Maria Assumpta Del Ducca foi sepultada no dia 26 de janeiro de 1951, aos 54 anos. Seu marido José era comerciante e faleceu em 25 de julho de 1952.

DEL DUCCA ROSALINA



- **Nascimento:** 06 de abril de 1897
- **Falecimento:** 08 de outubro de 1983
- **Pai:** Domenico Del Ducca
- **Mãe:** Giacomina Storino Del Ducca
- **Esposo:** José Augusto Loureiro
- **Filhos de Rosalina e José Augusto:** não tiveram filhos

VIDA E OBRA

Rosalina Del Ducca nasceu no dia 06 de abril de 1897. Filha de Domenico Del Ducca, imigrante italiano, natural da *Comune* de Sapri, província de Salerno e de Giacomina, da cidade de Paola, província de Cosenza, na Itália.

Bordadeira de primeira linha, Rosalina deu aulas de bordados, uma exigência do currículo escolar da época. Suas aulas eram ministradas no Grupo Escolar Coronel Carneiro Júnior, nas quais ela pôde ensinar às mulheres de Itajubá e região.

Ela se casou aos 45 anos com o português José Augusto Loureiro, mas não teve filhos. Ele era dono de uma borracharia, era viúvo e tinha dois filhos, Cezar Augusto e Diniz, com os quais Rosalina teve boa convivência.

Rosalina Del Ducca Loureiro faleceu na cidade de São Paulo e foi sepultada em Itajubá, no dia 08 de outubro de 1983, aos 86 anos.

DEL DUCCA CARMÉLIA



- **Nascimento:** 04 de maio de 1899
- **Falecimento:** 24 de agosto de 1979
- **Pai:** Domenico Del Ducca
- **Mãe:** Giacomina Storino Del Ducca
- **Esposo:** Joaquim Luiz da Silva (* , † não há dados)
- **Pais de Joaquim:** José Luiz da Silva (* 1834, †28 de outubro de 1916) e Josuína Maria de Jesus (* , † não há dados)
- **Filhos de Carmélia e Joaquim:** Maria Nazaré (* , † não há dados); Nair (* , † não há dados); Rolando (* 14 de maio de 1916, † 24 de julho de 2005); Joaquim Luiz da Silva (* , † não há dados)

VIDA E OBRA

Carmélia Del Ducca nasceu no dia 04 de maio de 1899. Filha de Domenico Del Ducca, imigrante italiano, natural da *Comune* de Sapri, província de Salerno, e de Giacomina, da cidade de Paola, província de Cosenza, na Itália.

Ela se casou com Joaquim Luiz da Silva, com quem teve quatro filhos:

- Maria Nazaré Silva, falecida aos sete anos de idade;
- Nair Silva Pessoa, considerada uma das itajubenses mais bonitas de sua época, casada com Luiz Octaviano Figueiredo Pessoa, militar;
- Rolando Silva, casado com Maria de Lourdes Noronha;
- Joaquim Luiz da Silva Filho, era solteiro, foi caminhoneiro e ex-pracinha.

O esposo de Carmélia, Joaquim, era agricultor e atuava como relojoeiro na oficina que tinha em sua própria casa.

Carmélia Del Ducca Silva foi sepultada em 24 de agosto de 1979, aos 80 anos.



A Itajubá do passado: Barbearia Itajubense

DEL DUCCA FRANCISCO



- **Nascimento:** 13 de dezembro de 1901
- **Falecimento:** 08 de setembro de 1973
- **Pai:** Domenico Del Ducca
- **Mãe:** Giacomina Storino Del Ducca
- **Esposa:** Hermínia Bonafé (* 1906, † 09 de novembro de 1992)
- **Pais de Hermínia:** José Bonafé e Rosa Pachiela Bonafé
- **Filhos de Francisco e Hermínia:** Dirce (* 14 de novembro de 1933), Leny (* 17 de março de 1935), Marly (* 12 de março de 1937, † 25 de março de 2007) e Myrthes (* 06 de março de 1940).

VIDA E OBRA

Francisco Del Ducca nasceu no dia 13 de dezembro de 1901. Filho do imigrante italiano, Domenico Del Ducca, natural da *Comune* de Sapri, Província de Salerno, e de Giacomina, da cidade de Paola, província de Cosenza, na Itália.

Junto com seus pais trabalhou na fábrica de macarrão. Era comerciante e teve uma fábrica de chapéu. Participou da construção da Rodovia Itajubá a Piquete. Francisco gostava de política e

tornou-se amigo inseparável do Dr. João de Azevedo.

Em 1931, no dia 05 de novembro, casou-se com Hermínia Bonafé, filha dos italianos José Bonafé e Rosa Pachiela Bonafé. Na primeira gravidez, Hermínia perdeu o bebê. Depois, o casal teve quatro filhas:

- Dirce Del Ducca, aposentada como técnica da Receita Federal, casada com José Marques, agente administrativo aposentado do então INPS.

- Leny Del Ducca, professora de diversos estabelecimentos de ensino de Itajubá. Deixou as salas de aula para assumir em 1983 o cargo de Delegada Regional de Ensino de Itajubá. Em 1992 ocupou o cargo de secretária Municipal de Educação;

- Marly Del Ducca, professora em vários estabelecimentos de Itajubá, faleceu em 25 de março de 2007;

- Myrthes Del Ducca, artista de bordados; casada com Célio Alfredo Braz Chaves, engenheiro da EFEI.

Hermínia era uma exímia costureira; além de vestidos, fazia camisas para homens e pôde, assim, vestir muitos itajubenses com suas belas costuras. Francisco Del Ducca faleceu, na cidade de Itajubá, no dia 08 de setembro de 1973, aos 71 anos e Hermínia faleceu no dia 09 de novembro de 1992, aos 86 anos.

DEL DUCCA BENEDITA



- **Nascimento:** 1905
- **Falecimento:** 09 de janeiro de 1978
- **Pai:** Domenico Del Ducca
- **Mãe:** Giacomina Storino Del Ducca

- **Esposo:** Jorge Tibiriçá de Boucherville Filho (*, † não há dados)
- **Pais de Jorge Tibiriçá:** Tibiriçá de Boucherville e Adelaide Dalle Aflalo
- **Filhos de Benedita e Jorge Tibiriçá:** Nilza, Célio Fernando, Maria Nadir, Maria Yone e Liliane Maria

VIDA E OBRA

Benedita Del Ducca nasceu no ano de 1905. Filha do imigrante italiano, Domenico Del Ducca, natural da *Comune* de Sapri, Província de Salerno, e de Giacomina, da cidade de Paola, Província de Cosenza, na Itália.

Benedita se casou com Jorge Tibiriçá de Boucherville Filho, com quem teve cinco filhos:

- Nilza Boucherville, casada com William Braga Furness;
- Célio Fernando de Boucherville, comerciante, casado com Tereza Nascimento;
- Maria Nadir de Boucherville Carvalho, casada como Dr. José Caetano de Carvalho, advogado, dono de cartório;
- Maria Yone de Boucherville Ferreira, casada com José Carlos Afonso Gomes, funcionário da CODESPE;
- Liliane Maria, casada com Domingos Sávio Dias Ferreira, aposentado da USIMINAS.

Jorge, conhecido como Jorgito, era engenheiro da Rede Ferroviária Federal. Eles moraram em Itajubá, Araxá e São João Del Rei.

Benedita Del Ducca Boucherville faleceu no dia 09 de janeiro de 1978, aos 73 anos.

DEL DUCCA JOSÉ



- **Nascimento:** 14 de novembro de 1909
- **Falecimento:** 27 de outubro de 1998
- **Pai:** Domenico Del Ducca
- **Mãe:** Giacomina Storino Del Ducca

VIDA E OBRA

José Del Ducca nasceu no dia 14 de novembro de 1909. Filho de Domenico Del Ducca, imigrante italiano, natural da *Comune* de Sapri, Província de Salerno, e de Giacomina, da cidade de Paola, Província de Cosenza, na Itália.

José não casou, vivendo solteiro. Trabalhou como comerciante, ajudou seu pai e seus irmãos. Aos 34 anos, com o falecimento de sua mãe, em 20 de abril de 1943, foi morar com seu irmão Francisco; depois, morou com a sua irmã Isabel (Dona Bebé); mais tarde, mudou-se e foi morar com sua irmã Rosalina (Dona Lili) e, finalmente, morou com uma sobrinha, Esmeralda.

Depois de aposentado, ficou cego de um olho. Logo foi para o Lar da Providência.

José Del Ducca foi sepultado no dia 27 de outubro de 1998, aos 88 anos.



Cidade de Sapri, Província de Salerno

DEL DUCCA SABATTO



- **Nascimento:** 03 de junho de 1867
- **Falecimento:** 12 de fevereiro de 1930
- **Pai:** Giovanni Del Ducca
- **Mãe:** Rosalina Delgavio
- **Esposa:** Ana Maria Rocco Del Ducca (* 20 de fevereiro de 1878, † 18 de junho de 1961)
- **Pais de Ana Maria:** João Rocco e Filomena Brantes Spine
- **Filhos de Sabbatto e Ana Maria:** João (* 10 de julho de 1899, † 13 de abril de 1970), Filomena (* 1903, † 15 de outubro de 1977), Benedito (* 27 de fevereiro de 1909 † 07 de janeiro de 1989), Victor (* 1907, † 02 de março de 1965), José (* 09 de abril de 1914, † não há dados), Pedro (* 1919, † não há dados), Dulçulina (* não há dados, † março de 1978) e Rosalina (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Sabatto Del Ducca, nascido em 03 de junho de 1867, era filho de Giovanni e Rosalina; este imigrante italiano chegou ao Brasil no ano de 1890, atravessando o Atlântico em um navio a vapor e desembarcando em um dos portos brasileiros, com a intenção de encontrar o irmão mais velho.

Constatando que a vida no Brasil era muito promissora, regressou à Itália e casou-se com Ana Maria Rocco, filha de João Rocco e Filomena Brantes Spine. Sabatto embarcou novamente para o Brasil em 28 de julho de 1898, com suas irmãs e esposa para a cidade de Santos – SP.

No início de sua chegada, residiu alguns anos na cidade de São Paulo; depois, estabeleceu-se em Itajubá.

Referindo-se a Sabatto, o historiador Armelim Guimarães, disse que Itajubá conheceu um homem de espírito empreendedor que alavancou o progresso da cidade. “Um dos mais memoráveis imigrantes italianos, aos quais Itajubá ficou devendo uma elevada soma de seu progresso...”.

Adquiriu um terreno de Domingos Lamoglia, situado na atual Rua Dr. João de Azevedo. No

final do século XIX, Sabatto fundou, nas proximidades desta rua, sua oficina de serralheria, funilaria e caldeiraria. Homem de trabalho árduo e empreendedor industrial, estabeleceu-se com uma loja de artefatos de folhas-de-flandres, vasilhames, ralos, regadores, calhas, baús, lampiões, lamparinas e obras de cobre, tais como tachos, bacias, suportes, conchas, todos os produtos fabricados por ele.

Em sua oficina, ele produzia, do ferro, verdadeiras obras de arte e fabricava também alguns alambiques para produtores de aguardente. Era um homem à frente de seu tempo.

Na edição do jornal "O Clarim" de 14 de março de 1904, Sabatto era reconhecido pelas suas iniciativas e investimentos. O jornal elogiava o hábil Sabatto por um "engenhoso aparelho" para descascar café, por ele fabricado, e testado com grande êxito na fazenda de João da Costa Manso.

Com Ana Maria, Sabatto teve oito filhos, todos nascidos no Brasil. Além dos filhos João, Victor, Benedito, José e Pedro, o casal teve as filhas:

- Dulçulina Del Ducca, nascida em 03 de outubro de 1901 e falecida em 07 de março de 1978; casou-se, em 29 de junho de 1926, com Francisco Pereira da Silva, nascido em 28 de março de 1863, em Vila Cachoeira, e funcionário da Rede Ferroviária Sul Mineira, com quem teve os filhos: Terezinha Pereira da Silva, nascida em 1927; Regina Del Ducca Pereira da Silva, nascida em 07 de setembro de 1928; Vitor Pereira da Silva, nascido em 15 de junho de 1930; Maria Izabel Pereira da Silva, nascida em 1932, e Célio Pereira da Silva, nascido em 24 de agosto de 1939;

- Filomena Del Ducca, nascida em 27 de outubro de 1904, solteira, foi servente no então Grupo Escolar Theodomiro Santiago; era muito dinâmica e participava da missa todos os dias; morreu repentinamente, vítima de acidente vascular cerebral, em 15 de outubro de 1977;

- Rosalina Maria Del Ducca, nascida em 21 de abril de 1911 e falecida em 13 de março de 2007; de saúde frágil, foi sempre tratada com cuidado pelos irmãos e sobrinhos; aprendeu, desde cedo, a arte de bordar com máquina, fazendo belos trabalhos em toalhas e outros tecidos; numa queda ao atravessar a rua, fraturou a cabeça do fêmur, ficando impedida de continuar bordando; era bondosa e nunca se esquecia dos aniversários dos membros da família e amigos, sempre com presentes e seu famoso licor de anis; casada com José Ítalo Veggi, e não teve filhos.

Ana faleceu em 18 de junho de 1961, com 83 anos, e Sabatto Del Ducca faleceu no dia 12 de fevereiro de 1930.



A Itajubá do passado: vista parcial da cidade, onde se vê o Rio Sapucaí

DEL DUCCA JOÃO



- **Nascimento:** 10 de julho de 1899
- **Falecimento:** 13 de abril de 1970
- **Pai:** Sabbatto Del Ducca
- **Mãe:** Ana Maria Rocco Del Ducca
- **Esposa:** Florípedes Villas Boas (* não há dados, † 09 de novembro de 1986)
- **Filhos de João e Florípedes Villas Boas:** José Ranulpho Del Ducca (* 27 de maio de 1929) e Maria Aparecida Del Ducca

VIDA E OBRA

João Del Ducca nasceu no dia 10 de julho de 1899, em Itajubá. Filho do empreendedor italiano Sabbatto e de Ana Maria Rocco Del Ducca.

João continuou na profissão de seu pai, que fabricava artefatos de folhas de flandres, na oficina anexa à casa da família, na atual Rua Dr. João de Azevedo, nº 244.

Em 09 de dezembro de 1906, casou-se com Florípedes Villas Boas, em Ijaci - MG. O casal teve dois filhos: José Ranulpho Del Ducca, nascido em 27 de maio de 1929, e que trabalhou no então INPS, e Maria Aparecida Del Ducca.

João faleceu no dia 13 de abril de 1970, em Itajubá.

DEL DUCCA BENEDITO



- **Nascimento:** 27 de fevereiro de 1909
- **Falecimento:** 07 de janeiro de 1989
- **Pai:** Sabbatto Del Ducca
- **Mãe:** Ana Maria Rocco Del Ducca
- **Esposa:** Maria Monteiro
- **Filhos de Benedito e Maria Monteiro:** Jairo e João Batista

VIDA E OBRA

Benedito Del Ducca nasceu no dia 27 de fevereiro de 1909, em Itajubá. Filho do empreendedor italiano Sabbatto e de Ana Maria Rocco Del Ducca.

Sempre com espírito empreendedor, logo se deu bem no comércio. Instalou na cidade uma torrefação de café, o antigo Café Brasil, que, depois, se tornou Café Del Ducca. A torrefação foi instalada no antigo endereço da Família Del Ducca na atual Rua Dr. João de Azevedo, nº 244, e posteriormente, na Rua Américo de Oliveira ao lado do Armazém Bom Gosto em frente ao atual edifício Zeca Faria, onde funcionava também o comércio.

Quando a exigência mercadológica inviabilizou a produção de pó de café “tipo artesanal”, ele desativou a produção, mudando de ramo de comércio. Adquiriu do sr. Cantelmo a bomboniere anexa ao extinto Cine Apollo na Praça Theodomiro Santiago. Ali trabalhou incansavelmente até sua morte, em 07 de janeiro de 1989.

Dotado de uma bondade ímpar fazia sempre a alegria de todos da família e amigos.

Era casado com Maria Monteiro, natural de Piranguçu - MG. O casal teve dois filhos: Jairo Del Ducca, engenheiro eletricista, e João Batista Del Ducca, técnico químico industrial.

DEL DUCCA JOSÉ



- **Nascimento:** 09 de abril de 1914
- **Falecimento:** 10 de julho de 1990
- **Pai:** Sabbatto Del Ducca
- **Mãe:** Ana Maria Rocco Del Ducca

VIDA E OBRA

José Del Ducca, conhecido entre os amigos como “José Bigode” nasceu no dia 09 de abril de 1914, em Itajubá. Filho do empreendedor italiano Sabbatto e de Ana Maria Rocco Del Ducca.

Iniciou sua carreira profissional como sapateiro. Depois, foi trabalhar com o irmão Benedito na torrefação e venda do Café Brasil.

Continuou trabalhando com o irmão na bomboniere até o final de sua vida. José faleceu em 10 de julho de 1990.

DEL DUCCA PEDRO



- **Nascimento:** 27 de junho de 1919
- **Falecimento:** 10 de abril de 1995
- **Pai:** Sabbatto Del Ducca
- **Mãe:** Ana Maria Rocco Del Ducca
- **Esposa:** Maria Jardim
- **Filhos de Pedro e Maria Jardim:** Antônio Fernando, Maria Amélia, Paulo, Maria Estela, Maria José, Aluízio, Márcio José, Carlos Augusto, e Luiz Guilherme

VIDA E OBRA

Pedro Del Ducca nasceu no dia 27 de junho de 1919, em Itajubá. Filho do empreendedor italiano Sabbatto e de Ana Maria Rocco Del Ducca.

Foi comerciário, tendo trabalhado nas empresas Casa Correa Ltda., Casa Ferreira Lopes e Casa Reinaldo e também no Clube Itajubense.

Após ter se aposentado no comércio, iniciou em 1975, em sua residência, a confecção de pães artesanais com venda direta ao consumidor. Alguns dos seus produtos, como pão de alho e o pão de batata, ficaram eternizados e ainda hoje são comercializados na Casa do Pão, pelo seu filho Márcio.

Casou-se, em 10 de setembro de 1945 com Maria Jardim, nascida em Cruzeiro – SP, em 22 de abril de 1923. O casal teve nove filhos:

- Antônio Fernando (Kidd), engenheiro eletricitista formado pela EFEI;
- Maria Amélia, professora formada no Colégio XIX de Março;
- Paulo, eletrotécnico formado em Itajubá;
- Maria Estela, técnica em enfermagem, formada pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus;
- Maria José, professora formada pelo Colégio Estadual Major João Pereira;
- Aluízio, engenheiro químico formado pela FAENQUIL, de Lorena - SP;
- Márcio José, matemático formado pela FEPI e proprietário da Casa do Pão;
- Carlos Augusto, engenheiro agrônomo formado pela ESAL, de Lavras - MG
- Luiz Guilherme, licenciado em História pela FEPI.

Pedro Del Ducca faleceu em Itajubá no dia 10 de abril de 1995.

DOTTA GIUSEPPE



- **Nascimento:** 1863
- **Falecimento:** 30 de outubro de 1926
- **Pai:** Giacomo Perissinotto
- **Mãe:** Angela Coppo Perissinotto
- **Esposa:** Maria Italia Perissinotto (* 1863, † 23 de abril de 1922)
- **Pais de Maria Italia Perissinotto:** não há dados
- **Filhos de Giuseppe e Maria:** Ernesto, Romoaldo, Luigi, Ângelo, José, André, Pedro Antônio (* 01 de junho de 1900, † 09 de janeiro de 1983) e Helena (* 08 de maio de 1902, † 24 de fevereiro de 1984).

VIDA E OBRA

Em 10 de setembro de 1897, a bordo do navio Agordat, chegou ao Brasil, pelo Porto de Santos - SP, a família de Giuseppe Dotta e Maria Italia Perissinotto, ambos com 34 anos de idade. Segundo consta no Memorial do Imigrante, o casal trouxe os filhos Ernesto, de 9 anos; Romoaldo, de 8 anos; Luigi, de 5 anos, e Andrea (André), de 3 anos.

Mesmo tendo os seus pais morando na cidade de Brotas – SP, Maria Italia e a família Dotta seguiram destino para Mogi Mirim, no interior de São Paulo. Nessa cidade, o casal ainda teve mais dois filhos, Pedro Antônio e Helena. Giuseppe era sapateiro.

Em 1910, mudaram-se para São Paulo, capital, no bairro da Barra Funda. No mesmo ano, Ernesto se casou e, no ano seguinte, Romoaldo também se casou. O casal e os outros filhos se

DOTTA: Oriundo da cidade de San Donà di Piave, Província de Venezia (Veneza), Veneto

mudaram, por volta de 1915, para Itajubá. Giuseppe começou a trabalhar na Rede Ferroviária Sul Mineira.

Com a 1ª Guerra Mundial, Angelo, o quarto filho do casal foi convocado para lutar na Itália. Depois de um longo tempo, ele retornou e, já em São Paulo, se casou em 1920. Seus irmãos José e André também se casaram em São Paulo e por lá fixaram residência. Luigi e Helena permaneceram em Itajubá, onde se casaram.

Maria Italia Perissinotto faleceu em Itajubá, em 23 de abril de 1922, e Giuseppe Dotta, se mudou para Araraquara – SP, para a casa do filho mais velho, Ernesto. Aos 62 anos, no dia 30 de outubro de 1926, Giuseppe faleceu e foi sepultado em Araraquara.

Em 1933, seu filho Pedro Antônio se casou em Brazópolis, Sul de Minas, onde residiu e faleceu.

DOTTA PEDRO ANTÔNIO



- **Nascimento:** 01 de junho de 1900
- **Falecimento:** 09 de setembro de 1983
- **Pai:** Giuseppe Dotta
- **Mãe:** Maria Italia Perissinotto
- **Esposa:** Dorvinda da Silva
- **Pais de Dorvinda:** não há dados
- **Filhos de Pedro e Dorvinda da Silva:** Romualdo Dotta (* 1934, † 1997), Cléa Dotta (* 1935), Maria Itália Dotta (* 1936) e Antônio Carlos Dotta (* 1951).

VIDA E OBRA

Pedro Antônio Dotta, filho de casal de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil em 1897, é natural de Mogi Mirim - SP. Lá viveu com a família até 1915, quando mudou-se com os pais para a cidade de Itajubá.

Com a morte da mãe em 1922, o pai passou a morar com o filho mais velho em Araraquara – SP, e Pedro Antônio passou a morar com a sua irmã Helena, na cidade de Brazópolis - MG. Aos 33 anos de idade, casou-se com Dorvinda da Silva, no dia 29 de junho de 1933.

Do matrimônio nasceram quatro filhos, dois homens e duas mulheres.

Pedro faleceu no dia 09 de setembro de 1983, com 83 anos.



Cidade de San Donà di Piave, Veneto

DOTTO ATILIO ROMANO

- **Nascimento:** 16 de abril de 1878
- **Falecimento:** 08 de maio de 1970
- **Esposa:** Celeste Guido Rizzi Dotto
- **Filho de Atilio e Celeste:** Ítalo Rinaldo (* 07 de janeiro de 1902, † 1º de maio de 1999)

VIDA E OBRA

Apesar de Atilio Romano Dotto não ter morado em Itajubá, seus descendentes viveram na cidade e nela constituíram famílias e desenvolveram suas profissões, engrandecendo, ainda mais, a cidade. Atilio visitava sua família sempre que podia.

Ele nasceu em Paglia Luigia, na Itália, em 15 de abril de 1878. Aos 12 anos de idade, veio para o Brasil, certamente acompanhado de sua família. Atravessou o Atlântico no navio Civita, que desembarcou no porto de Santos – SP, em maio de 1890.

Atilio foi morar em Araras – SP, onde se casou com Celeste Guido Rizzi, uma brasileira, com quem teve nove filhos. Um deles, Ítalo Rinaldo Dotto, nascido em Araras, foi quem se mudou para a cidade de Itajubá para seguir sua carreira de dentista.

DOTTO: Oriundo da cidade de Poiana di Maggiore, Província de Vicenza

DOTTO ÍTALO RINALDO



- **Nascimento:** 07 de janeiro de 1902
- **Falecimento:** 1º de maio de 1999
- **Pai:** Atilio Romano Dotto
- **Mãe:** Celeste Guido Rizzi Dotto
- **Esposa:** Amneris Paiva
- **Filhos de Ítalo com Amneris:** Aloísio, Hilda, Flávio Paiva Dotto (* 04 de janeiro de 1932), Leila, Celeste, Márcia, Rinaldo, Hebe e Laiz.

VIDA E OBRA

Ítalo Rinaldo Dotto era paulista de Araras - SP, porém deixou seus familiares e transferiu-se muito jovem para Itajubá. Trabalhava como cirurgião dentista, mas dedicou-se também ao curso de engenharia, diplomando-se na turma de 1938, pelo Instituto Eletrotécnico de Itajubá - IEI, hoje, Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI.

Como era um conceituado cirurgião, preferiu seguir a carreira de dentista. Segundo o historiador Armelino Guimarães, "Dr. Ítalo foi um dos mais estimados e admirados vultos de nossa cidade, pelo seu admirável trato para com todos os seus incontáveis amigos e conhecidos".

Ítalo se casou com Amneris Paiva, filha do Dr. João Baptista Randolpho Paiva, engenheiro que construiu o prédio do Fórum (hoje, Câmara Municipal) e também a ponte de arcos, hoje pertencente a nossa história.

Ítalo fixou residência na rua Coronel Francisco Braz, uma das mais antigas casas de Itajubá e que ainda resiste ao tempo e à modernidade.

Dr. Ítalo Rinaldo Dotto faleceu no dia 1º de maio de 1999, aos 97 anos.

FERRINI POMPILIO



Em pé da esquerda para direita: Orlando, Temístocles, Natalina e Marcílio. Sentados: Maria Correa, Pompilio, Rosa e Gloria. Crianças: Paulo, Edna, Airton, Márcia e José Márcio

- **Nascimento:** 04 de outubro de 1878
- **Falecimento:** 09 de fevereiro de 1966
- **Esposa:** Rosa Marchesi Ferrini (* 28 de agosto de 1878, † 14 de agosto de 1961)
- **Pais de Rosa:** Santo Marchesi e Olívia Marchesi
- **Filhos de Pompilio:** Basilino, Domingos e Américo
- **Filhos de Rosa:** Solidéa e Regina
- **Filhos de Pompilio e Rosa:** Marcílio Ferrini (* 09 de outubro de 1914, † 27 de junho de 2001), Orlando Ferrini (* 09 de setembro de 1916, † 21 de setembro de 1988), Natalina (* 25 de dezembro de 1915, † 04 de novembro de 2001) e Edméa (* , † não há dados).

VIDA E OBRA

Pompilio Ferrini nasceu em 04 de outubro de 1878 na Itália.

Os ancestrais da Família Ferrini saíram de lá pelos idos de 1908, juntando filhos, canastras e sonhos e partindo em busca de uma vida melhor. Chegando ao Brasil, contribuíram para o enriquecimento da terra que os acolheu e fizeram uma história de cultura familiar e religiosa, valores morais e uma grande dedicação ao trabalho que implantaram no País.

Pompilio Ferrini saiu de Pisa, viúvo com três filhos, Basilino, Domingos e Americo. Aportou em Santos, onde permaneceu um tempo, em seguida fixou residência na região de Ribeirão Preto, onde se dedicou a trabalhar na cultura da cana.

Rosa Marchesi também saiu de Pisa viúva com duas filhas, Solidéa e Regina, em direção ao Brasil. Ela era irmã do proprietário da fazenda onde Pompilio foi trabalhar. Eles se conheceram e se casaram, gerando quatro filhos brasileiros: Marcílio, Orlando, Natalina e Edméa. Natalina se casou com Temístocles Ferlin, com quem teve o filho Airton. Edméa se casou com José Ferreira,

FERRINI: Oriundo da cidade de Pisa, região da Toscana

tendo cinco filhos: Sônia, Sandra, Roberto, Rogério e Ricardo.

Em 1915, Pompilio, lendo um artigo de jornal que oferecia serviços para macarroneiro, interessou-se e, com esposa e cinco filhos, partiram do Estado de São Paulo para Itajubá. O patriarca foi trabalhar na Fábrica de Macarrão Itajubá, que tinha como proprietário José Teotônio.

Posteriormente, o patriarca da Família Ferrini resolveu montar seu próprio negócio. Adquiriu algumas máquinas especializadas, do setor, de Genarino Del Ducca, iniciando e ampliando nova frente de especialidade com a firma Pompilio Ferrini e Filhos.

Por serem italianos, em 1940, durante a Guerra com a Alemanha e o ditador Mussolini da Itália, o Governo do Brasil confiscou os bens da firma. Logo após, com a situação mais tranquila, nova firma foi instalada com o nome de Irmãos Ferrini e Cia. Ltda., tendo os filhos Marcílio e Orlando como sócios. A empresa teve suas atividades iniciadas em 20 de dezembro de 1943, num lugar estratégico do bairro Boa Vista, por ser próximo à estrada de ferro. A família trabalhou ali, investindo e ampliando a fábrica, e progrediu.

Marcílio e Orlando dividiam as funções na fábrica, um na manutenção e outro na parte de negócios. Assim conseguiram o respeito e admiração da sociedade itajubense e de toda a região do Sul de Minas. A fabricação de macarrão atingiu a casa de mais de 500 quilos por dia. Na década de 1950, houve ampliação da firma, com máquinas novas e especializadas, adquiridas na Itália.

Dois incêndios marcaram a Firma Irmãos Ferrini, destruindo, no primeiro, em 1959, todo o maquinário importado e este foi substituído por máquinas usadas brasileiras. Em 1979, um outro incêndio destruiu a fábrica por completo. Após a reconstrução da estrutura geral, em 1980 a firma reiniciou a produção.

Pompilio faleceu em 09 de fevereiro de 1966.

A Fábrica de Macarrão Ferrini na história de Itajubá

A empresa Massas Ferrini Ltda., fabricante do macarrão Ferrini, inscrita no CNPJ sob o nº. 02.133.162/0001-04 e com a Inscrição Estadual 324.036.106-0023, estava localizada à Rua Miguel Braga, nº. 644, no bairro Boa Vista, em Itajubá – MG.

Desde 1915, participou do desenvolvimento da cidade, como pode ser acompanhado através de um breve histórico sobre suas atividades:

- 1915: chegou a Itajubá o Sr. Pompilio Ferrini com sua esposa e cinco filhos, vindos de São Paulo, para pôr em funcionamento a indústria de macarrão montada pelo Sr. José Teotônio, industrial residente em Itajubá.

- Alguns anos depois: com a aquisição de máquinas de fabricar macarrão do Sr. Genarino Del Ducca, deu-se início à firma Pompilio Ferrini e Filhos.

- 1940: com a 2ª Guerra Mundial, o governo federal determinou o confisco dos bens de estrangeiros residentes no Brasil e, assim, nasceu a firma Irmãos Ferrini Ltda., tendo como sócios os irmãos Marcílio e Orlando Ferrini.

- 1943: teve início a fabricação de macarrão pela firma Irmãos Ferrini Ltda. em 20 de dezembro. A produção se resumia no desmanche de 10 sacos de farinha por dia. A secagem do macarrão era feita ao sol. Em dias de chuva, o produto era colocado em varas de bambu, dentro de um quarto, sendo aquecidas pelo calor de brasas dispostas em latas. O produto era transportado em carroças de tração animal e em minicarroças puxadas manualmente.

- Após a 2ª Guerra Mundial: houve dificuldades na fabricação do macarrão, pois o trigo, até então recebido dos Estados Unidos, passou a ser enviado aos países arrasados pela guerra.

- 1950: a fábrica adquiriu duas máquinas extrusoras Pavan, com capacidade para produção de 200 quilos de massa por hora. Havia 10 empregados. A secagem do macarrão era feita em estufas estáticas aquecidas por água quente. O recebimento da matéria prima e o escoamento eram feitos mediante o transporte ferroviário.

- 1959: um incêndio destruiu todas as máquinas importadas, que foram substituídas por um maquinário já usado adquirido no Brasil.
- 1966: faleceu Pompilio Ferrini em 09 de fevereiro, pai de Marcílio e Orlando.
- 1979: outro incêndio destruiu completamente o maquinário da fábrica.
- 1980: foi reiniciada a produção de macarrão através de equipamentos já usados. A secagem continuou sendo feita através de estufas estáticas e produção chegou a 8.000 quilos por dia.
- 1988: faleceu o sócio Orlando Ferrini em 21 de setembro. Seu lugar foi ocupado por Silsonmar da Rocha Costa, que, posteriormente, adquiriu as cotas dos demais herdeiros. A firma passou a denominar-se Irmãos Ferrini e Cia. Ltda.
- 1989: A fábrica começou a ser remodelada, através de alteração de layout; manutenção da frota; padronização de embalagens; reforma de maquinários; plano de manutenção de equipamentos; atualização da política de comercialização; implantação de programa de controle estatístico de vendas; informatização das atividades contábeis, de pessoal, de despesas, de faturamento e de custos.
- 1994: Foram adquiridas novas máquinas, que possibilitaram aumentar a produção de 8.000 para 18.000 quilos de massas diariamente. O tempo de secagem foi reduzido de 30 para 6 horas.
- 2001: faleceu o sócio Marcílio Ferrini em 27 de maio.

Mais tarde denominada Massas Ferrini Ltda., a empresa possuiu cerca de 60 funcionários treinados e entrosados com os novos equipamentos. Sua frota era própria e seus produtos comercializados em, aproximadamente, 2400 pontos de vendas em mais de 170 cidades – mais de cem somente em Itajubá – nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

A empresa chegou a operar 24 horas por dia. Eram fabricados mais de 40 tipos de massas alimentícias e as vendas atingiram 20 toneladas por mês. O macarrão do tipo caseiro era um produto tradicional da empresa e continuou sendo produzido artesanalmente, pois a sua fabricação só era possível através do processo manual para que não houvesse alteração de temperatura da massa.

O macarrão produzido era colocado em sacaria a granel, armazenado e, depois, embalado através de processo semi-automatizado. Foram informatizadas as atividades administrativas e de controle de custo, contabilidade, emissão de notas fiscais, cobrança, controle de contas a pagar e a receber, folha de pagamento e interligação bancária.

Mais do que citar dados técnicos ou apenas apresentar acontecimentos históricos, o objetivo deste breve relato foi enaltecer a importância de uma empresa que, por cerca de 90 anos, contribuiu para o engrandecimento de Itajubá e região, gerando empregos e renda a várias famílias.



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Pisa, região da Toscana

FERRINI MARCÍLIO



- **Nascimento:** 09 de outubro de 1914
- **Falecimento:** 27 de maio de 2001
- **Pai:** Pompilio Ferrini
- **Mãe:** Rosa Marchesi Ferrini
- **Esposa:** Maria da Glória Miranda Ferrini (* 23 de junho de 1914, † 21 de junho de 2003)
- **Filhos de Marcílio e Maria:** José Márcio (* 16 de março de 1941), Márcia Maria (* 18 de agosto de 1943) e Marcílio Ferrini Júnior (* 15 de maio de 1952)

VIDA E OBRA

Marcílio Ferrini nasceu em 09 de outubro de 1914, em Pitangueira - SP. Em 15 de maio de 1940, casou-se com Maria da Glória Miranda, com quem teve os filhos:

- José Márcio Ferrini, nascido em 16 de março de 1941, empresário estabelecido com a firma Ferrini Veículos, revendedora de carros Ford e, posteriormente, Fiat; casado em 02 de setembro de 1968 com Maria Neide da Silva;

- Márcia Maria Ferrini Fernandes, nascida em 18 de agosto de 1943, economista, casada em 16 de junho de 1973 com Luiz Alves Rosa Fernandes;

- Marcílio Ferrini Júnior, nascido em 15 de maio de 1952, empresário, casado em 17 de janeiro de 1981 com Márcia Zono Angelini.

Coube a Marcílio dirigir os negócios da firma Irmãos Ferrini e Cia. Ltda., na qual era sócio do seu irmão Orlando. Ele sempre procurou atualizá-la, importando máquinas mais modernas, para o

melhor desenvolvimento dos negócios, que se expandiam pela região e se empenhando para o melhor atendimento ao consumidor, que confiava no seu produto.

Paralelamente ao seu trabalho na fábrica, Marcílio muito colaborou com a sociedade itajubense, quando ocupava o cargo de presidente da Associação Comercial de Itajubá, empenhando-se para a construção de sua sede.

Com seu dinamismo empreendedor e fácil convívio social, ocupou o cargo de diretor do Clube Itajubense, na década de 1960, e foi um dos fundadores do Itajubá Country Club. Marcílio também foi presidente do Yuracan Futebol Clube.

Ele faleceu em 27 de maio de 2001.

FERRINI ORLANDO



- **Nascimento:** 09 de setembro de 1916
- **Falecimento:** 21 de setembro de 1988
- **Pai:** Pompilio Ferrini
- **Mãe:** Rosa Marchesi Ferrini
- **Esposa:** Maria Correa Ferrini (* 18 de novembro de 1918, † não há dados)
- **Filhos de Orlando e Maria:** Paulo Raimundo (* 03 de março de 1942), Edna Márcia (* 10 de março de 1944), Célio Manuel (* 27 de setembro de 1945), Corina Céli (* 13 de junho de 1952)

VIDA E OBRA

Orlando Ferrini nasceu em 1916, em Pitangueira - SP. Casou-se com Maria Correa, em 1941, com quem teve os filhos:

- Paulo Raimundo, nascido em 03 de março de 1942, casado em 08 de novembro de 1969 com Josélia Leonel da Silva;

- Edna Márcia, nascida em 10 de março de 1944, casada em 07 de julho de 1962 com Márcio Carneiro Costa;

- Célio Manuel, nascido em 27 de setembro de 1945, casado em 19 de abril de 1969 com Benedita do Carmo Silva;

- Corina Céli, nascida em 13 de junho de 1952, casada em 10 de julho de 1971 com Silsonmar da Rocha Costa.

Coube a Orlando a parte de fabricação e manutenção da fábrica de macarrão Irmãos Ferrini e Cia. Ltda., na qual era sócio do seu irmão Marcílio.

Orlando faleceu em 21 de setembro de 1988.



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Pisa, região da Toscana

FITTIPALDI CARMENUTO

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** não há dados
- **Mãe:** não há dados
- **Esposa:** Sabina Nogueira (* e † não há dados)
- **Pais de Sabina:** não há dados
- **Filhos de Carmenuto e Sabina:** Vicente (* 1900; † não há dados), Carmelina (* 01 de maio de 1901; † 09 de maio de 1901) e Constança (* 1906; † não há dados)

VIDA E OBRA

Carmenuto Fittipaldi era alfaiate no início do Século XX, mas também se dedicava a outras atividades. Foi comerciante e o primeiro em Itajubá a possuir automóvel de aluguel.

Foi também proprietário de uma bicicletaria, então uma novidade em Itajubá. Pela revista acadêmica Século XX, fazia o seguinte anúncio: “Casa de Bicicletas Carmenuto Fittipaldi aluga bicicletas e motocicletas por preços módicos. Encarrega-se de consertos de máquinas de qualquer fabricante. Praça Cesário Alvim”.

FITTIPALDI CARMINI

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** não há dados
- **Mãe:** não há dados
- **Esposa:** Constança Vemtimiglia Fittipaldi (* não há dados; † 1912)
- **Pais de Constança:** não há dados
- **Filhos de Carmine e Constança:** Ana (* e † não há dados), Sylvia (* e † não há dados), Carmine Fittipaldi Filho (* e † não há dados), Mariangela (* e †)

VIDA E OBRA

Carmine Fittipaldi era casado com Constança Vemtimiglia Fittipaldi, falecida em 1912, e com quem teve os filhos:

- Ana, casada em 03 de setembro de 1914 com Adriano Piazzarolli;
 - Sylvia, casada em 30 de outubro de 1919 com Juvenal Amâncio de Oliveira;
 - Carmine Fittipaldi Filho, casado com Silvina; comerciante, foi o primeiro revendedor de bicicletas de Itajubá, no início do Século XX; também alugava bicicletas e tinha uma oficina de consertos, na década de 1910. Foi para São Paulo.
 - Mariangela, casada com Antonio Picorelli
- Carmine Fittipaldi era comerciante estabelecido, no início do Século XX, com armazém e

loja de bijouterias, denominada Casa Fittipaldi, primeiramente na Rua Francisco Braz, depois na Praça Adolfo Olinto.

Nos primeiros anos do Século XX, Carmine adquiriu o antigo prédio da Câmara Municipal e cadeia, que existia na esquina das ruas Coronel Francisco Braz e Américo de Oliveira, na Praça Adolfo Olinto.

Depois de comprado, ele foi demolido, e no local foi construído um novo e moderno prédio de um só pavimento, que se estendia desde a antiga Praça Cesário Alvim (Atual Praça Theodomiro Santiago) até a Rua Coronel Francisco Braz.

No lado da Praça, ele instalou a Alfaiataria La Bella Itália e Brasil, e do lado da rua, na outra extremidade do prédio, construiu um cômodo onde sua esposa, Constança, vendia quitandas e outras miudezas. Entre as duas lojas ficavam as instalações da família.

À página 4 da edição da Gazeta de Itajubá de 03 de abril de 1903 havia o seguinte anúncio:

**ALFAIATARIA
ITÁLIA – BRASIL
de
Carmini Fittipaldi
CORTE ESPECIAL – PREÇOS COMMODOS E PROMPTIDÃO**

Acaba de receber um bem escolhido sortimento de fazendas finas para roupas, camisas finas para homens, senhoras e crianças, collarinhos e punhos de linho puro, gravatas modernas e de gosto apurado, meias de superior qualidade, ceroulas de linho (portuguez), lenços de seda, brancos, pretos e de cores, luvas de pellica branca e de cor, chapéus modernos para homens e senhoras, bengalas, suspensórios, guarnições para camisas, calçados finíssimos para homens e senhoras, - que tudo vende por preços reduzidos, devido às vantagens obtidas nas compras effectuadas a dinheiro.

Neste bem montado estabelecimento pode entrar um homem nu e sair completamente vestido no ultimo rigor da moda.

Praça Cesário Alvim
ITAJUBÁ

GALLO CANDIDO



- **Nascimento:** 03 de fevereiro de 1881
- **Falecimento:** 14 de junho de 1944
- **Pai:** Martino Gallo
- **Mãe:** Lúcia Simioni
- **Esposa:** Luigia Felicita Frasseto
- **Filhos de Cândido e Luigia:** Giulio, Carlota, Silvano, Achilles, Luzia, Carlos e Iolanda

VIDA E OBRA

Candido nasceu no dia 03 de fevereiro de 1881, na cidade de Santa Maria di Sala, Província de Veneza, região do Veneto, na Itália, sendo filho de Martino Gallo e Lúcia Simioni.

Casou-se em 18 de agosto de 1908 com Luigia Felicita Frasseto, na cidade de Santa Giustina in Colle, Província de Padova, na Itália.

Imigrou para o Brasil no início do século passado por volta de 1910, desembarcando no Porto de Santos com a esposa e dois filhos: Giulio e Carlota.

A família fixou residência na cidade de Piracicaba, no estado de São Paulo, onde o casal teve mais cinco filhos: Silvano, Achilles, Luzia, Carlos e Iolanda. Durante quase duas décadas, a família viveu nessa cidade, na qual Candido possuiu uma ferraria.

Por volta de 1929, o casal se separou, e Luigia, que adotou no Brasil o nome de Amélia, passou a residir com os filhos em Varginha, no Sul de Minas, onde a filha mais velha, Carlota, trabalhou como telefonista na Companhia Telefônica Brasileira (CTB).

Candido permaneceu em Piracicaba, como funcionário da Escola Agrícola de Piracicaba, até a sua morte em 14 de junho de 1944.

GALLO: Oriundo de Santa Maria di Sala, Província de Venezia (Veneza), região do Veneto

GALLO CARLOS



- **Nascimento:** 12 de junho de 1922
- **Falecimento:** 18 de julho de 2001
- **Pai:** Candido Gallo
- **Mãe:** Luigia Felicita Frasseto
- **Esposa:** Aparecida Lourenço
- **Filhos de Carlos e Aparecida:** Carlos, Cândido, Amélia, Hildebrando e Magali.

VIDA E OBRA

Carlos Gallo nasceu em Piracicaba – SP, no dia 12 de junho de 1922, sendo filho de Candido Gallo e Luigia Felicita Frasseto, imigrantes italianos chegados ao Brasil em 1910.

Carlos chegou à cidade de Itajubá por volta de 1940, acompanhando a família, que para cá se transferira, vindo da cidade de Varginha, em razão de a irmã Carlota ter sido promovida a telefonista-chefe da Companhia Telefônica Brasileira (CTB), em Itajubá.

Já na cidade, com 18 anos, ele serviu o Exército Brasileiro, no contingente da Rede Elétrica Piquete-Itajubá – REPI, no atual município de Wenceslau Braz.

Após esse período, trabalhou como mecânico de automóveis nas agências Ford e Chevrolet, estabelecendo-se como autônomo, por volta de 1944, no bairro Porto Velho.

Casou-se em 06 de agosto de 1946 com Aparecida Lourenço, com quem teve cinco filhos: Carlos, Cândido, Amélia, Hildebrando e Magali.

Estabelecido comercialmente à Rua Antonio Salomon, nº 171, desde 1948, desenvolveu, por mais de 50 anos, atividade ligada ao ramo automobilístico: oficina mecânica, autopeças e serviço de socorro (guincho), além de ferro velho, sendo esta última continuada por seu filho Hildebrando.

Carlos faleceu em 18 de julho de 2001.

GARGAGLIONE FAMÍLIA



Cidade de San Severino Lucano, Província de Basilicata

INTRODUÇÃO

Antonio Gargaglione, filho de Henrique Gargaglione, conheceu Maria Francisca Chiaradia, filha de Tomaz Chiaradia, em San Severino Lucano onde suas famílias possuíam terras.

Casaram-se e viviam da produção de azeitonas para a extração de óleo e da criação de ovelhas. Tiveram os filhos: José, Alípio, Nicolina, Henriqueta, Vicência e Francisco. José veio para o Brasil em 1859 tentar a sorte como artesão moveleiro, fixando residência em São Bento do Sapucaí – SP.

Quando o Rei Vittorio Emanuele requisitou as terras para unificação da Itália em 1865, poupou o recém-nascido Francisco. Maria Francisca criou as filhas e o filho na casa da avó Nicolina Millione, viúva de Saverio Chiaradia.

Na adolescência, com receio de retaliações, Francisco se aventurou pelo Brasil em busca de parentes.

GARGAGLIONE FRANCESCO “FRANCISCO” SAVERIO



- **Nascimento:** 14 de novembro de 1866
- **Falecimento:** 30 de junho de 1948
- **Pai:** Antonio Gargaglione (* 01 de abril de 1846 † 16 de agosto de 1870)
- **Mãe:** Maria Francisca Chiaradia (* 04 de dezembro de 1848 † 10 de dezembro de 1892)
- **1ª Esposa:** Ana Geciaca Cangiani (* e † não há dados)
- **Pais de Ana:** não temos informações
- **Filhos de Francisco e Ana:** Antonio, Miguel, Henriqueta, Maria Francisca, José, Vicente e Geraldo
- **2ª Esposa:** Rosalina Marcondes de Carvalho (* e † não há dados)
- **Pais de Rosalina:** não temos informações
- **Filhos de Francisco e Rosalina:** Afonso, Alípio, João, Jacyra, Francisco, Nicolina e Izanito.

VIDA E OBRA

Francisco Saverio Gargaglione nasceu em 1865, na cidade de San Severino Lucano, Província de Basilicata, sendo filho de Antonio Gargaglione e Maria Francisca Chiaradia.

Seu pai Antonio Gargaglione, filho de Henrique Gargaglione, conheceu Maria Francisca Chiaradia, filha de Tomaz Chiaradia, em San Severino Lucano onde suas famílias possuíam terras. Casaram-se e viviam da produção de azeitonas para a extração de óleo e da criação de ovelhas. Além de Francisco, tiveram os filhos: José, Alípio, Nicolina, Henriqueta e Vicência.

José, irmão de Francisco, veio para o Brasil em 1859 tentar a sorte como artesão moveleiro, fixando residência em São Bento do Sapucaí – SP.

Quando o Rei Vittorio Emanuele requisitou as terras para unificação da Itália em 1865, poupou o recém-nascido Francisco. Maria Francisca criou as filhas e o filho na casa da avó Nicolina Millione, viúva de Saverio Chiaradia.

Na adolescência, com receio de retaliações, Francisco se aventurou pelo Brasil em busca de parentes. Aos 16 anos, em 11 de agosto de 1881, ele aportou na cidade do Rio de Janeiro.

Mais tarde, transferiu-se para o interior de Minas e fixou residência em São Bento do Sapucaí, onde se casou em primeiras núpcias com a italiana Ana Geciaca Cangeane e tiveram os seguintes filhos: Antonio, Miguel, Henriqueta, Maria Francisca, José, Vicente e Geraldo.

Casou-se em segundas núpcias com Rosalina Marcondes de Carvalho, com quem teve os filhos Afonso, Alípio, João, Jacyra, Francisco, Nicolina e Izanito.

Francisco Gargaglione faleceu no dia 03 de junho de 1948, aos 83 anos, em Piranguçu - MG.

GARGAGLIONE MICHELE “MIGUEL”



- **Nascimento:** 23 de outubro de 1891
- **Falecimento:** 21 de fevereiro de 1970
- **Pai:** Francisco Saverio Gargaglione (*14 de novembro de 1866 † 30 de junho de 1948)
- **Mãe:** Ana Geciaca Cangiani (* e † não há dados)
- **Esposa:** Maria Francisca Chiaradia (* 30 de março de 1901, † 06 de março de 1978)
- **Pais de Maria Francisca:** Vicente Chiaradia e Rufina Ribeiro Cardoso
- **Filhos de Miguel e Maria Francisca:** Nair, Waldemar e Dário, além de cinco falecidos

VIDA E OBRA

Miguel Gargaglione nasceu em 23 de novembro de 1891 em São Bento do Sapucaí - SP. Por volta de 1905, ainda garoto, Miguel mudou-se para Piranguçu – MG para trabalhar no armazém de José Ricotta, que, mais tarde, viria a ser seu cunhado.

Em 1917, com 26 anos, casou-se com Maria Francisca Chiaradia, filha de Vicente Chiaradia e Rufina Ribeiro Cardoso Chiaradia. O casal teve oito filhos, dos quais somente três sobreviveram:

Nair, casada com José Coutinho dos Santos; Waldemar e Dário, sendo os dois primeiros nascidos em Piranguçu e o último, em Itajubá.

Em Piranguçu, Miguel foi lavrador e fiscal de barreira. Mudou-se para Itajubá, por volta de 1930 e sua atividade inicial foi como comerciante no Mercado Municipal, com uma banca onde comercializava mercadorias trazidas de Piranguçu. Em 1946, deixou tal atividade e passou a trabalhar na Cerealista Itajubá até se aposentar por volta de 1960, aos 69 anos.

Sua esposa, Maria Francisca, faleceu em março de 1978, aos 77 anos. Miguel Gargaglione faleceu no dia 23 de fevereiro de 1970, aos 78 anos.



Cidade de San Severino Lucano Província da Basilicata

GAUDINO GIUSEPPE – “JOSÉ”



- **Nascimento:** 1º de janeiro de 1887
- **Falecimento:** 28 de dezembro de 1938
- **Pai:** Antonio Gaudino
- **Mãe:** Madalena Gaudino
- **Esposa:** Braselina Palmira Mandolesi (* 08 de julho de 1894, † 07 de agosto de 1978)
- **Pais de Braselina:** Ulderico Mandolesi e Palmira Mandolesi
- **Filhos de e Giuseppe e Braselina:** Madalena, Jandyra, Antônio, Cléber (* 1923, † 18 de janeiro de 1931), Homero (* 23 fevereiro de 1918, † 18 de fevereiro de 2001), Vênus, Ero (* 26 de abril de 1927) e Ocirema

VIDA E OBRA

Giuseppe - “José” - Gaudino nasceu em Napoli (Nápoles), Província de Caserta, na Itália. Veio para o Brasil com o pai, Antonio Gaudino, e com a mãe, Madalena Gaudino, e mais três irmãos, Domingos, Miguel e Alexandre. Ao desembarcar, a família seguiu até a cidade de Cotia - SP, onde se estabeleceu.

Notável artista, José Gaudino formou-se pela Escola Federal de Arquitetura e Engenharia do Rio de Janeiro. Era um profissional de intensa prática: foi construtor, arquiteto e também genial escultor.

Ao mudar-se para Itajubá, José conheceu a filha mais velha de Ulderico Mandolesi e Palmira, a jovem Braselina. Com ela casou-se e tiveram oito filhos.

GAUDINO: Oriundo da cidade de Caserta, Província de Napoli (Nápoles)

No trabalho, José Gaudino tornou-se um profissional de sucesso e talento, pois deixou obras exuberantes em Itajubá, Brazópolis, Pouso Alegre, São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Em Itajubá, foi o construtor do Cine Teatro Apollo, do Clube Itajubense e do palacete do major João Antônio Pereira - onde, hoje, se encontra o Hotel Centenário -, entre outros.

Foi ele o grande artista que projetou, no Cemitério Paroquial de Itajubá, a capela da 'Mulher de Bronze', a capela da família Mandolesi e a escultura de seus anjos, além do túmulo da família Gaudino, com a imagem de Santa Terezinha. Foram inúmeras as obras sacras desenvolvidas por ele e espalhadas por Itajubá e região.

Em Brazópolis, reformou a Igreja Matriz de São Caetano, construiu a estação ferroviária, a residência de Francisco Pereira Rosa e a Escola Doméstica, com seu Cristo Redentor e os seus dragões.

Em Pouso Alegre esculpiu várias imagens sacras espalhadas pelas igrejas da cidade e a imagem da fundadora do Colégio das 'Dorotéias', esculpida em tamanho natural.

José Gaudino era um homem talentoso e contribuiu com sua arte para o desenvolvimento de Itajubá e região. Deixou sua marca nas imagens e nas construções que ainda resistem ao tempo e aos homens. Pelo seu trabalho e reconhecimento, a cidade de Itajubá o homenageou, dando o seu nome a uma de suas ruas.

Seu filho Ero Gaudino sintetiza o talento e as realizações de seu pai com a seguinte frase: "Realmente, o nome de José Gaudino deverá sempre ser lembrado pela posteridade".

José Gaudino faleceu em 28 de dezembro de 1938, em Belo Horizonte, em desastre de motocicleta, mas foi sepultado no Cemitério Paroquial de Itajubá. Sua esposa, Braselina, faleceu em 07 de agosto de 1978, aos 84 anos.

GAUDINO HOMERO



- **Nascimento:** 23 de fevereiro de 1918
- **Falecimento:** 18 de fevereiro de 2001
- **Pai:** Giuseppe Gaudino
- **Mãe:** Braselina Mandolesi Gaudino
- **Esposa:** Maria Auxiliadora Rennó Chaves (* 21 de agosto de 1924, † 21 de janeiro de 2008)
- **Pais de Maria Auxiliadora:** José Mendonça Chaves e Olindina Rennó Chaves
- **Filhos de Homero e Maria Auxiliadora:** Cláudia Chaves, Andréia Chaves Gaudino e Márcia Chaves Gaudino (* não há dados, † 1960).

VIDA E OBRA

Homero Gaudino era filho de imigrante italiano Giuseppe – “José” – Gaudino e de Braselina Mandolesi Gaudino. Quando criança, acompanhando os pais, residiu em Belo Horizonte, Pouso Alegre, Brazópolis e Itajubá, onde passou grande parte de sua vida.

Homero iniciou seus estudos no Colégio Nossa Senhora da Glória, estabelecimento de ensino primário da professora Isaura Pereira dos Santos. Completou seus estudos no Colégio de Itajubá. Depois, seguiu para a cidade de Bauru – SP, onde se diplomou em Advocacia, profissão que exerceu até os 70 anos.

Era generoso e sempre atendia os menos favorecidos. Voltou para Itajubá e se dedicou, por algum tempo, à administração municipal. Foi o primeiro tesoureiro da Associação da Mocidade Itajubense (AMI), fundada em 12 de junho de 1948.

Foi vereador em substituição a José Rocha Faria, com posse em 21 de junho de 1952. Em outra legislatura, substituiu o professor Estácio Tavares de Mello, que havia renunciado.

Em 12 de julho de 1956, ele se casou com Maria Auxiliadora Rennó Chaves, com quem teve três filhas: Cláudia, Andréia e Márcia.

Participou da diretoria executiva da Associação das Antigas Alunas da Providência (AAP) como secretário, de 1975 a 1978.

Era um incentivador do esporte e apreciador do futebol. Durante 30 anos, foi secretário do Smart Futebol Clube, do qual foi também presidente. Atuou ainda no Itajubá Country Clube e no Itajubá Tênis Clube, lugares onde praticava o voleibol.

Foi fundador do Lions Clube Itajubá – Centro, em abril de 1963, atuando durante quase 38 anos e ocupando vários cargos da diretoria, como o de presidente da instituição.

Homero contribuiu e participou com grande entusiasmo das demandas de sua época. Faleceu em 18 de fevereiro de 2001, com quase 83 anos de idade, sendo sepultado em Itajubá.

O historiador Armelim Guimarães, em um de seus textos, se despede de Homero com as seguintes palavras: “Itajubá, neste alvorecer do século XXI e do 3º milênio, perdeu esse nobre filho seu, estimado por toda a nossa sociedade. Leal e prestativo amigo de todos os seus conterrâneos, culto e incentivador de iniciativas plausíveis em benefício da cidade, do povo e do bom nome de sua terra natal”.

GAUDINO ERO MANDOLESI



- **Nascimento:** 26 de abril de 1927
- **Pai:** Giuseppe Gaudino
- **Mãe:** Braselina Mandolesi Gaudino
- **Esposa:** Ceomara Lamoglia
- **Filhos de Ero e Ceomara:** Vitor José Gaudino e Dayse Mara Gaudino Capistrano

VIDA E OBRA

Ero Gaudino era filho de imigrante italiano Giuseppe – “José” – Gaudino e de Braselina Mandolesi Gaudino. Sua infância e juventude foram vividas em Itajubá, Pouso Alegre e Belo Horizonte.

Fixou residência em Itajubá, onde adquiriu conhecimentos que permitiram a ele ser instrutor e, depois, professor em unidades do Serviço de Aprendizagem Industrial, primeiramente em Belo Horizonte – onde também exerceu os cargos de chefe do Setor Automotivo da Escola Renne Gianete – e, depois, em Itajubá.

Seu conhecimento do ensino profissionalizante se deu na Escola Técnica e Industrial da Fábrica de Itajubá (F.I.) e os demais conhecimentos no Colégio de Itajubá e no Colégio Estadual Major João Pereira e cursos de didática especial realizados na cidade do Rio de Janeiro, Brasília e Nova Friburgo.

Organizou o setor de mecânica de automóveis, montagem da oficina, preparou e aplicou provas para admissão de instrutor em Juiz de Fora.

Transferiu-se de Belo Horizonte para Itajubá para exercer cargos de instrutor de ajustagem mecânica, chefe da mecânica geral, professor de matemática, de desenho técnico, de cálculo técnico e tecnologia, terminando como professor de ciências aplicadas.

Depois de aposentado, exerceu ainda por cinco anos, o cargo de agente de formação profissional em indústrias de Itajubá, Pouso Alegre, São Lourenço, Passa Quatro e Itanhandu, onde ministrou cursos de TWI, desenho técnico, métodos e tempos, direção defensiva, brigada de incêndio e aprendizagem no próprio local de trabalho (A.M.P.E.), entre outros.

Realizou os seguintes cursos de aperfeiçoamento: Didática Especial para Ensino de Ciências – “Método de Redescoberta”, com duração de nove meses, no Rio de Janeiro; Aplicação de RH – Recursos Humanos nas Indústrias, com duração de 90 dias, em Brasília; Didática Especial para Ensino de Desenho Ortogonal, com duração de 60 dias, em Nova Friburgo.

Aposentado, adquiriu o Colégio 7 de Setembro, tradicional no ensino técnico de contabilidade, em sociedade com a professora de História Palmyr-Rose Mandolesi, que foi sua diretora técnica, enquanto ele exercia o cargo de diretor administrativo.

Quando se afastou do ensino profissionalizante, no SENAI e nas indústrias das cidades citadas, passou a exercer o cargo de segundo tesoureiro, no Lar da Providência, em Itajubá.

Casado com Ceomara Lamoglia, Ero tem dois filhos: Vitor José Gaudino - casado com Beatriz Machado Maduro e Dayse Mara Gaudino - casada com Gilberto Capistrano Júnior.

GESUALDI VICENTE



- **Nascimento:** 11 de junho de 1883
- **Falecimento:** 05 de novembro de 1955
- **Pai:** Egidio Di Vincenzo Gesualdi (* 20 de outubro de 1857, † 11 de fevereiro de 1897)
- **Mãe:** Felícia di Nunziato Mileo (* 09 de maio de 1867, † 15 de fevereiro de 1932)
- **Esposa:** Noêmia Gorgulho Nogueira (* e † não há dados)
- **Pais de Noêmia:** João Gomes Nogueira Freire e Mariana Gorgulho Nogueira
- **Filhos de Vicente e Noêmia:** Mariana - Nina (* não há dados, † 1941) João, Felício (* 21 de setembro de 1912, † 09 de fevereiro de 2001), Paulo, José Egidio (* 06 de março de 1917, † 2000), Vera (* 1919, † 22 de junho de 1954), Walter (* 3 de abril de 1921), Maria Vera (* 07 de março de 1924), Terezinha (faleceu com, aproximadamente, 2 anos de idade) e Teresinha do Menino Jesus (* 15 de abril de 1925)

VIDA E OBRA

Vicente Gesualdi nasceu em 11 de junho 1883, na Itália, na cidade de Latronico. Era filho de Egidio Gesualdi e Felícia Mileo Gesualdi e teve como irmãos Maria Elizabetta (* 4 de julho de 1887, † 4 de março de 1967), Annunciato (* 5 de outubro de 1893, † 7 de março de 1975), Egidia (* 28 de abril de 1897, † 27 de agosto de 1980) e Isabel (* 31 de julho de 1895, † 25 de agosto de 1966).

Com apenas 10 anos, veio com a família para o Brasil. Seu avô materno, Annunciato Mileo, pagou passagem para que eles viessem em um camarote com o mínimo de conforto da época. Na despedida, quando do embarque na Itália, consta que Annunciato, em profunda tristeza,

GESUALDI: Oriundo da cidade de Latronico, região da Basilicata

beijou os pés de sua filha Felícia, mãe de Vicente, pois sabia que nunca mais iria vê-la.

Para que ela não viesse só, deixou sua irmã Paschoalina acompanhá-la na viagem. Paschoalina casaria, mais tarde, no Brasil, em Lambari – MG, com Francisco de Biaso, também italiano.

Durante a viagem ao Brasil, houve no navio uma praga de varíola e as pessoas contaminadas eram jogadas ao mar. Sua mãe, Felícia, ficou durante toda a travessia, no camarote cuidando dele, que teve a doença, e só o tirou daí para desembarcar no Brasil.

Ao desembarcar a família foi direto para o Sul de Minas e morou em Águas Virtuosas, hoje Lambari, uma cidade hidromineral e, conseqüentemente turística. Por lá, Vicente viveu muitos anos e casou-se com Noêmia, uma mineira de Carmo de Minas.

Aos 31 anos, em 1914, mudou-se para Itajubá com a esposa e três filhos, dos quais dois faleceram ainda crianças. Nessa cidade, o casal teve outros filhos. Noêmia era zeladora do Colégio Sagrado Coração de Jesus e, de acordo com Lia Rennó Ribeiro Costa, “os filhos do Senhor Vicente eram trabalhadores educados, e alguns seguiram a profissão do pai”, que possuía na cidade um salão de cabeleireiro.

Segundo relato de sua filha, Maria Vera Gesualdi Mourão, seu pai Vicente, “trabalhou primeiro com o senhor João Turco, como era conhecido na terra. Depois, incentivado pelo senhor Thiago Carneiro, filho do Coronel João Carneiro e de dona Lucinda Carneiro Santiago, alugou o prédio de propriedade da família Carneiro Santiago, à rua Major Francisco Pereira, onde teve o salão de cabeleireiro por muitos anos”.

O historiador Armelino Guimarães acrescenta o seguinte: “Vicente Gesualdi, o cabeleireiro que maior salão montou em Itajubá, ainda não superado, com seis cadeiras e profissionais competentes, alguns dos quais eram seus próprios filhos”.

De fato, Egydio e Felício, seus filhos, tiveram um salão de cabeleireiro no Rio de Janeiro, Salão Gesualdi, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, e depois se mudaram para Nova York, nos Estados Unidos, onde também seguiram na profissão. Felício ainda trabalhou, depois de aposentado, no Banco Real de lá. A família de Felício mora em Nova York até os dias de hoje, onde se estabeleceram.

Como tinha família em Lambari, cidade hidromineral, inclusive irmãos, Vicente se tornou representante de vendas das “Águas Lambari” em Itajubá e as distribuía para toda a cidade e região. Além do salão, a família montou no comércio local a “Casa São Jorge”.

Aposentado, e aos 71 anos, Vicente deixou Itajubá em 1954 e foi morar no Rio de Janeiro. Um ano depois, ele faleceu naquela cidade, no dia 5 de novembro de 1955, aos 72 anos. Seus irmãos, Annunciato, Isabel e Egídia, viveram e faleceram em Lambari, enquanto Maria Isabel, viveu e faleceu em São Lourenço.



A Itajubá do passado: vista parcial da cidade - em primeiro plano, vê-se o antigo Estádio

GESUALDI ANNUNCIATO



Em pé, atrás: Alayde, Ismael, Thereza, Annunciato e Hélio. Crianças: Marcello, Alda, Jorge, Max, Icléa e Edson

- **Nascimento:** 05 de outubro de 1893
- **Falecimento:** 07 de março de 1975
- **Pai:** Egidio Di Vincenzo Gesualdi (* 20 de outubro de 1857, † 11 de fevereiro de 1897)
- **Mãe:** Felícia di Nunziato Mileo (* 09 de maio de 1867, † 15 de fevereiro de 1932)
- **Esposa:** Thereza de Biaso (* 27 de junho de 1907, † 16 de fevereiro de 1991)
- **Pais de Thereza:** Francisco de Biaso e Paschoalina Di Nunziato Mileo
- **Filhos de Annunciato e Thereza:** Alayde (* 18 de agosto de 1926), Ismael (* 08 de setembro de 1927, † 21 de janeiro de 2003), Hélio (* 03 de março de 1929), Marcello (* 15 de janeiro de 1935, † 20 de junho de 1976), Alda (* 31 de agosto de 1936, † 27 de março de 1985), Jorge (* 05 de outubro de 1937, † 08 de julho de 1983), Max (* 27 de julho de 1939), Icléa (* 20 de agosto de 1941) e Edson (* 2 de junho de 1943)

VIDA E OBRA

Egidio Gesualdi e Felícia Mileo Gesualdi vieram para o Brasil em 1883 acompanhados de seus filhos Vicente e Maria Elizabetta. Felícia estava grávida de seu terceiro filho, Annunciato, chegando assim à cidade de Lambari - MG, onde o menino nasceu. O casal teve mais dois filhos: Egídia e Isabel.

Destes, Vicente morou em Itajubá e foi cabeleireiro; Maria Elizabetta, em São Lourenço, onde se casou com Vicente de Lorenzo; Egídia e Isabel, em Lambari, e Annunciato morou toda sua vida em Lambari, onde constituiu família.

Dentre as várias profissões, Annunciato foi engraxate, cabeleireiro e gerente do Parque das Águas de Lambari. Também foi responsável pelo Cassino de Lambari, justamente numa época em que a preservação do patrimônio era responsabilidade da Hidrominas e o Cassino era mantido

com toda sua pompa e beleza. Durante alguns anos foi também responsável pelo Parque das Águas de Cambuquira, cidade vizinha a Lambari.

Pelos seus mais de 50 anos de serviços prestados à Hidrominas, Annunciato recebeu uma justa homenagem, e hoje, o parque das águas de Lambari é denominado “Parque das Águas Annunciato Gesualdi”.

Ele se casou com Thereza de Biaso, sua prima legítima, filha de Francisco de Biaso e de Paschoalina Di Nunzianto Mileo, que era irmã de Felícia, mãe de Annunciato. Do casamento foram gerados nove filhos: Alayde, Ismael, Hélio, Marcello, Alda, Jorge, Max, Icléa e Edson.

Em Lambari, Annunciato teve uma conduta exemplar como cidadão e profissional, constituindo uma das famílias italianas das mais conceituadas da cidade e região. Annunciato faleceu em sua cidade natal em 07 de março de 1975, com 82 anos.

O segundo filho de Annunciato e Thereza, o médico Ismael Gesualdi, nascido em 08 de setembro de 1927, formou-se em Medicina em 1951, no Rio de Janeiro, na Universidade do Brasil, e exerceu sua profissão em Lambari, falecendo em 21 de janeiro de 2003.

Ismael casou-se com Lêda Maria Martins, nascida em 1937, e teve um único filho, André Luiz Martins Gesualdi, nascido em 1955, que trouxe o sobrenome Gesualdi de volta a Itajubá 17 anos depois da partida de Vicente Gesualdi ao Rio de Janeiro.

André Gesualdi chegou a Itajubá em março de 1971, para estudar no então denominado curso científico do Colégio João XXIII. Ingressou na Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI) em 1974 e se formou em 1977, como engenheiro eletricitista.

André nunca deixou Itajubá. Logo, ao se formar, começou a trabalhar na empresa Balteau e pôde, assim, desenvolver toda sua carreira nessa cidade. Casou-se com Déborah Maura Gorgulho Valério.



Cidade de Latronico, Região da Basilicata

André Gesualdi

GIACOMELLI ARLINDO PADRE



- **Nascimento:** 22 de outubro de 1919
- **Falecimento:** 28 de julho de 2011
- **Pai:** Victorio Giacomelli
- **Mãe:** Ursulina Someira

VIDA E OBRA

Filho de italianos da região do Veneto. Seu pai, Victorio, nasceu na cidade de Maniago e sua mãe, Ursulina, em Treviso.

Arlindo nasceu em Descalvado – SP, no dia 22 de outubro de 1919. Filho de Victorio Giacomelli e de Ursulina Someira, ele era o sexto dos treze filhos do casal. Dos pais cristãos, Arlindo aprendeu, desde cedo, a amar a Deus e a cumprir seus deveres religiosos.

Certo dia, o então adolescente Arlindo foi descoberto pelo padre Antonio Van Es, que era o recrutador vocacional do seminário de Pirassununga – SP. Ele tinha quinze anos de idade quando entrou para a Escola Apostólica de Pirassununga, e lá fez seus estudos de Humanidades.

Professou os votos de religioso na Congregação dos Missionários do Sagrado Coração (MSC), no dia 02 de fevereiro de 1942. Foi ordenado sacerdote no dia 20 de dezembro de 1947.

Após sua ordenação, foi nomeado coadjutor em Vila Formosa, na capital paulista. Em 20 de janeiro de 1949, padre Arlindo foi designado para atuar como coadjutor em Itajubá e encarregado de Piranguçu. Em 22 de maio de 1955, tornou-se pároco em Delfim Moreira e Conselheiro da Casa de Itajubá.

Em 25 de junho de 1955, foi transferido para Delfim Moreira, sua “Terra Definitiva”, onde

GIACOMELLI: Oriundo da cidade de Maniago, Província de Pordenone, Veneto

viveu por 56 anos, celebrando os grandes momentos de sua vida sacerdotal, os jubileus de prata (20 de dezembro de 1972), de ouro (20 de dezembro de 1997) e de diamante (20 de dezembro de 2007).

O “Missionário da Serra da Mantiqueira”, com sua piedade, obediência, caridade e vigor na fé, deixou aos delfinenses o lema “É assim que se ama”, inscrito junto à cruz da Igreja Matriz Nossa Senhora da Soledade, de Delfim Moreira.

Padre Arlindo faleceu no dia 28 de julho de 2011, aos 91 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério dos MSC em Pirassununga – SP. Em mensagem veiculada nos sites da congregação dos MSC e da Paróquia Nossa Senhora da Soledade, de Itajubá, o padre José Roberto Bertasi fez uma homenagem ao padre Arlindo por ocasião de seu falecimento: “Fiel às suas origens de homem do campo, percorreu, montado num lombo de cavalo, no assento duro de um jipe ou na sua inseparável Toyota, milhares de quilômetros pelas vias tortuosas de Piranguçu, Marmelópolis e de sua amada Delfim Moreira”.

No texto, padre Bertasi lembrou que, mesmo com “chuva, poeira, distâncias, sendo noite ou dia, cansado ou não, [padre Arlindo] jamais deixou de cumprir um só de seus compromissos”.

Vá com Deus, Padre Arlindo

O canto do galo ensaiado na madrugada calou a aurora delfinense. O menino grande de 91 anos presentiu o rosário estendido para ele. Preferia a solidão do silêncio. Devia desculpas à dedicação da Margarida e do sacristão Afonso. Desculpas por lhes proporcionar lágrimas de ausência. A fidelidade do Zezão. O companheirismo do João Olarico, do Joãozinho Bertolino, dos Peres Joaquim e Zezinho. E a Heloiza Helena, tão abnegada! Com eles vivenciou que é assim que se ama. Talvez ainda balbuciasse na voz comida pelo tempo o canto solene das capelas de sua infância, no ninar do berço que o acalentava: no céu, no céu, com minha Mãe estarei...

A aflição, vizinha da dor, cala sua essência humana.

O ritmo da vida capenga no corpo vencido,

A bengala, ao canto, aguarda serventia.

O olhar vaga no solo delfinense e afaga amigos em torno.

No mais, a grandeza da alma espaiada num peito largo.

A anestesia da fé a sussurrar: é assim que se vive.

Quem ensinou ao sino a repicar soluço?

Quem ensinou às almas o gemido da prece?

Quem nos penetrou com sua ausência?

Quem nos ensinou que é assim que se ama?

- VÁ COM DEUS, PADRE ARLINDO!

Parte da homenagem de Benedicto Silvério – Pitiola – à memória do Padre Arlindo Giacomelli.

GIFFONI JOSUÉ



- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** aos 56 anos de idade
- **Pai:** Biasi Giffoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Margarita Guariglia (* e † não há dados)
- **Esposa:** Maria Ferreira (* e † não há dados)
- **Pais de Maria:** Manuel Ferreira Gomes e (não há dados)
- **Filhos de Josué e Maria:** Luiz, Domingos, Carmine, Pedro, Abel, Célio, David, Rita, Maria, Rosalie, Aníbal, Josué, Geraldo, Antônio, Ângela, Maria Salomé

VIDA E OBRA

Josué Giffoni, filho de Biasi Giffoni e de Margarita Guariglia, veio para o Brasil, em 1886, juntamente com cinco irmãos, dispostos a iniciar uma nova vida, porque necessitavam sobreviver, já que em sua terra natal só viam dificuldades para o futuro, e queriam um futuro melhor para seus descendentes.

Eles desembarcaram no Porto do Rio de Janeiro, cidade em que permaneceram por algum tempo. Depois, cada um tomou um rumo:

- David, que seguiu, com Josué, para Livramentos – MG, atual Liberdade, na divisa com o Estado do Rio de Janeiro; foi para Valença – RJ e, depois, para Aiuruoca - MG;
- Antônio Giffoni, que seguiu para Baependi - MG;
- Pedro Giffoni, que foi para Carvalhos - MG;
- Vicente Giffoni, que faleceu em Aracaju em 17 de março de 1913;
- Luiz Giffoni, que morreu de febre amarela em 1925 e não se sabe se teve descendência;

GIFFONI: Oriundo da cidade de Giffoni, Condado de Giffoni, Província de Salerno

Josué foi tenente da Guarda Nacional, comerciante e fazendeiro.

Entre 1892 e 1893, casou-se com Maria Ferreira, conhecida como Dona Mariquinha, com quem teve 16 filhos:

- Luiz, conhecido como Lulu; foi tenente da Guarda Nacional, trabalhava no Rio de Janeiro e faleceu em virtude de um acidente de trem;

- Domingos (conferir biografia neste livro);

- Carmine (conferir biografia neste livro);

- Pedro (conferir biografia neste livro);

- Abel, pertenceu à Guarda Nacional e foi construtor de estradas pavimentadas, casou-se com Amélia e teve muitos filhos; faleceu aos 89 anos de idade;

- Célio, trabalhou na alfândega como tradutor de línguas e, nos últimos anos de sua vida, estava internado para tratamento especializado;

- David (conferir biografia neste livro);

- Rita (conferir biografia neste livro);

- Maria, casou-se com um fazendeiro e teve cinco ou seis filhos;

- Rosalie, conhecida como Santinha (conferir biografia neste livro);

- Aníbal (conferir biografia neste livro);

- Josué, conhecido como Juca; cursou o ginásio e trabalhou em serviços burocráticos, como o de fiscal do estado em Juiz de Fora, casou-se com Estéfane Benfica e teve seis filhos: Maria, Ivone, Edigon, Edgar, Lucila, José e Lúcio; faleceu aos 80 anos de idade;

- Geraldo, casou-se com Ana, com quem teve sete filhos: Luiz, César, Luciano, Olga, Ângela, Isa e Eliana; trabalhou na Fábrica Presidente Vargas, em Piquete - SP; faleceu em consequência de diabetes;

- Antônio, conhecido como Bebê, foi motorista, teve três filhas, mas não era casado; viveu na obscuridade, porém era inteligente e bem humorado; faleceu por volta de 1982;

- Ângela, conhecida como Nenê;

- Maria Salomé, conhecida como Tita (conferir biografia neste livro);

Josué era muito sério, honesto e trabalhador; falava pouco, mas impunha respeito. Administrava a fazenda, comprava e vendia no armazém.

Era padeiro e excelente cozinheiro. Fazia pão no estilo italiano, usando, muitas vezes, como fermento, um pedacinho de bucho de porco ou tatu, previamente preparado e seco, para levedar a massa. Era também muito religioso e participava com a família da missa aos domingos.

Sua esposa Maria Ferreira Giffoni também era honesta e trabalhadora, cuidava dos filhos, administrava a casa e costurava. Também era excelente cozinheira e fazia doces, broas e biscoitos.

Josué faleceu aos 56 anos de idade. Após sua morte, Maria montou uma pensão, onde ganhava o dinheiro para o sustento da casa.

A fazenda da família foi abandonada pelos filhos e, anos depois, Juca tentou recuperá-la judicialmente, pois alguém havia se apoderado da propriedade pela lei de usucapião.

GIFFONI DOMINGOS



Cidade de Giffoni, Condado de Giffoni, Província de Salerno

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** Josué Giffoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Maria Ferreira Giffoni (* e † não há dados)
- **Esposa:** Augusta Iba (* e † não há dados)
- **Pais de Augusta:** Manuel Ferreira Gomes e (não há dados)
- **Filhos de Domingos e Augusta:** Sérgio, Wilma, Clélia, Diva, Enéas, Jairo e Maria Mazarelo

VIDA E OBRA

Domingos Giffoni era filho de Josué Giffoni e de Maria Ferreira.

Foi sempre muito amigo do seu irmão Pedro, pois, em Itajubá, trabalharam juntos em padaria e como pintores de paredes. Na usina de Bicas, atuaram com pintura, e no Rio Claro, bairro rural de Delfim Moreira, fizeram bueiros de pedra para conduzir água ao rio.

Casou-se com Augusta Iba, com quem teve sete filhos: Sérgio, Wilma, Clélia, Diva, Enéas, Jairo e Maria Mazarelo.

Domingos trabalhou na Fábrica de Pólvora “Presidente Vargas”, em Piquete – SP, até aposentar-se.

Sua esposa Augusta faleceu com 70 anos e Domingos, embora fizesse tratamento de problema cardíaco, morreu repentinamente, aos 86 anos de idade, em sua própria casa.

GIFFONI RITA

- **Nascimento:** por volta de 1903
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** Josué Giffoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Maria Ferreira Giffoni (* e † não há dados)
- **Esposo:** Vivalde Gil
- **Pais de Vivalde:** João Gil e (não há dados)
- **Filhos de Rita e Vivalde:** Paulo, Benedito e Hélio

VIDA E OBRA

Rita Giffoni nasceu por volta de 1903, sendo filha de Josué Giffoni e de Maria Ferreira. Sempre trabalhou em casa, ajudando a mãe nos afazeres domésticos e na criação dos irmãos menores.

Depois da morte de seu pai, mudou-se com a família para Itajubá, onde trabalhou numa fábrica de chinelos, juntamente com suas irmãs Rosalie e Ângela.

Ainda muito jovem, casou-se com Vivalde Gil, filho de João Gil, fazendeiro do bairro Água Limpa. Eles viveram pouco tempo juntos, pois o marido faleceu repentinamente, deixando-a com três filhos:

- Paulo, Benedito e Hélio.

GIFFONI CARMINE

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** final da década de 1980
- **Pai:** Josué Giffoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Maria Ferreira Giffoni (* e † não há dados)
- **Esposa:** Maria Rosária Giffoni (* e † não há dados)
- **Pais de Maria:** Manuel Ferreira Gomes e não há dados
- **Filhos de Carmine e Maria:** Victor Raimundo (* 09 de janeiro de 1939), Dailton Flávio (* 30 de março de 1943), Benedito (22 de outubro de 1944), Nilza Maria (09 de julho de 1949) e Ulisses David (04 de maio de 1955)

VIDA E OBRA

Carmine Giffoni era filho de Josué Giffoni e de Maria Ferreira.

Tinha o apelido de Carminho e era gêmeo de Pedro, porém mais baixo na estatura. Estudou pouco e não se interessava por leitura. Na juventude, gostava de caçar passarinhos, passear em casa de parentes e amigos e de tocar violino, acordeom e gaita, que sempre carregava no bolso.

Ficava horas com livros sacros nas mãos, cantando hinos religiosos. Por algum tempo, cantou e tocou violino em coro de igreja, em Itajubá.

Casou-se com Maria, com quem teve os filhos:

- Victor Raimundo, nascido em 09 de janeiro de 1939 e casado em 14 de fevereiro de 1961 com Adilce de Oliveira;

- Dailton Flávio, nascido em 30 de março de 1943 e casado em 30 de janeiro de 1971 com Maria Benedita Siqueira;

- Benedito, nascido em 22 de outubro de 1944 e casado em 25 de maio de 1968 com Maria

das Graças Gonçalves;

- Nilza Maria, nascida em 09 de julho de 1949;
- Ulisses David, nascido em 04 de maio de 1955.

Carmine foi operário da Fábrica Presidente Vargas, de Piquete – SP, mas não completou o tempo necessário para se aposentar integralmente.

Comprou casa em Itajubá, para onde se mudou. Seus filhos estudaram e logo começaram a trabalhar para ajudar nas despesas domésticas. Carmine comprou, então, uma chácara.

Por volta de 1980, um filho seu, operário da Fábrica de Armas, jogador de futebol, aparentemente sadio, manifestou problemas cardíacos. Carmine o levou para Campinas – SP em busca de tratamento. Lá o filho faleceu e, desgostoso, o pai não quis voltar para Itajubá. Só retornou à cidade por volta de 1984, porém não se encontrava em bom estado de saúde.

Carmine faleceu no final da década de 1980.

GIFFONI PEDRO



- **Nascimento:** 29 de junho de 1905
- **Falecimento:** 10 de março de 1998
- **Pai:** Josué Giffoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Maria Ferreira Giffoni (* e † não há dados)
- **Esposa:** Beatriz de Almeida (* e † não há dados)
- **Pais de Beatriz:** Silvério Marques de Almeida e Maria Custodia de Jesus Almeida
- **Filhas de Pedro e Beatriz:** Vera, Terezinha e Antonio

VIDA E OBRA

Pedro Giffoni era filho de Josué Giffoni e de Maria Ferreira. Nasceu no dia 29 de junho de 1905, Dia de São Pedro, em Livramentos – MG, atual Liberdade, na divisa entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Era gêmeo de Carmine Giffoni.

Desde muito pequeno, trabalhou para ajudar a família, mexendo com gado e ajudando no armazém de seu pai. Aos 12 anos de idade, foi para Baependi, onde empregou-se numa padaria. Fazia pão, saía vendendo à freguesia e enviava ao pai a maior parte do dinheiro que ganhava.

Era ainda muito jovem, mas responsável e havia adquirido grande prática neste ramo. Mais tarde, mudou-se para Itajubá, onde trabalhou muito tempo na Padaria Mandolesi, que tinha um grande movimento.

Na cidade, antes de atuar em padaria, Pedro trabalhou em tinturaria. De manhã, percorria os hotéis, recolhendo roupas de hóspedes para lavar, passar e tingir, serviço que fazia com perfeição.

Algum tempo depois, Pedro deixou a panificação, ingressando na pintura de paredes, juntamente com seus irmãos Carmine, Domingos e Geraldo. Eles pintaram muitas igrejas, casas de luxo, cinemas, quartéis etc.

Foi sempre muito amigo do seu irmão Domingos, pois, em Itajubá, trabalharam juntos em padaria e em pinturas. Na usina de Bicas, atuaram com pintura, e no Rio Claro, bairro rural de Delfim Moreira, fizeram bueiros de pedra para conduzir água ao rio.

Na pensão de sua tia Luiza, irmã de sua mãe, ele conheceu Beatriz de Almeida, hóspede que cursava a Faculdade de Odontologia e que se formou em 30 de janeiro de 1931. Com ela Pedro se casou em 22 de junho de 1932 e teve duas filhas: Vera e Terezinha.

Após o casamento, Pedro conseguiu emprego na Fábrica Presidente Vargas, em Piquete – SP, para onde se mudou com a família, permanecendo por alguns anos. Influenciado por Beatriz, recebeu prática de dentista com Francisco Rangel. Passou a exercer essa profissão, tendo o gabinete em nome da esposa.

Mudou-se, então, para um bairro de Guaratinguetá, onde residia uma colônia de italianos. Lá montou o gabinete e trabalhava muito, enquanto Beatriz lecionava às crianças. A família se adaptou ao local, mas teve de deixá-lo devido à pressão de um fiscal de saúde pública, que não concordava que Pedro atuasse como dentista. O casal e as filhas mudaram-se, então, para Delfim Moreira e Pedro percorreu muitos bairros desse município com um gabinete portátil.

Por volta de 1951, a pedido de alguns clientes, também prestou atendimento em Marmelópolis, onde extraía dentes, fazia obturações, pivôs, dentaduras, pontes e todo serviço de clínica e prótese. Pedro atuou na profissão de dentista por sessenta anos, aproximadamente.

Fez apenas o curso primário, mas era muito inteligente, tendo aprendido muita coisa em sua vida. Conversava qualquer assunto, dando opiniões oportunas. Fazia de tudo e ensinava aos outros aquilo que sabia, como serviços de eletricitista, encanador, carpinteiro e pedreiro, entre outros.

Possuía excelente memória e era grande estudioso. Lia muito sobre a História do Brasil, era grande conhecedor de Geografia e tinha muito interesse pelas ciências. Falava e escrevia bem o Português, tendo caligrafia bonita e legível. Também conhecia um pouco de Latim, Espanhol e falava o Italiano.

Seu lazer preferido era a caçada de aves e, por isso, possuía espingarda, cinturão de cartuchos, botas de cano longo, boné, culote, blusão de couro, barraca de lona e um fogão, feito por ele mesmo com ferro e lata. Gostava também de pesca e de nadar e possuiu vários carros, como uma caminhonete Chevrolet 28, um Chevrolet preto e um Jeep verde.

Era muito religioso. Participava da Missa todos os domingos e de várias cerimônias do ano, como as da Semana Santa. Também era grande apreciador de músicas tradicionais e clássicas e sempre tocou bandolim e violão. Gostava de reunir amigos músicos para tocarem juntos e incentivava quando percebia que alguém estava se dedicando à música.

Quando ainda era pequeno, observava a mãe e as irmãs cozinharem e aprendeu a arte da culinária, graças a sua curiosidade. Quando trabalhou na pensão do Sr. Izidro, cozinheiro e confeitiro, ajudou a fazer doces e bolos confeitados. Gostava de preparar pratos sem seguir receitas, sendo sua comida muito elogiada.

Também gostava muito de lavoura. Mesmo tendo prejuízos com plantações, plantou, por diversas vezes, roças de milho, ervilha, feijão e hortaliças, como tomate, cenoura, repolho etc.

Por ser pessoa respeitada, Pedro foi nomeado Delegado de Polícia pelo então Prefeito Municipal de Delfim Moreira, Alcides Pinto Macahiba, por volta de 1955, permanecendo no cargo cerca de três anos. Não tinha vencimentos nesta função e, no tempo em que atuou, não havia desocupados e menores perambulando pela cidade e o policiamento estava constantemente na rua, mantendo a ordem.

Por volta de 1943, manifestou problemas de coração, com dilatação da aorta. Fez tratamento com o Dr. João de Azevedo, tendo que parar de fumar e de consumir carne vermelha, o que lhe garantiu a restituição da saúde. Porém em 1968 e em 1978, apresentou novamente problemas cardíacos, recebendo medicação necessária.

Nos seus últimos anos de vida, Pedro Giffoni apresentou vários problemas de saúde que inspiravam muitos cuidados, vindo a falecer na manhã de 10 de março de 1998, aos 92 anos de idade.

GIFFONI DAVID

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** antes de completar dezoito anos de idade, solteiro
- **Pai:** Josué Giffoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Maria Ferreira Giffoni (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

David Giffoni Sobrinho era filho de Josué Giffoni e de Maria Ferreira.

Trabalhava na Usina de Bicas, em Wenceslau Braz. Realizava um serviço de soldar tubos muito grossos, de ferro, pelo lado de dentro e, para clarear dentro do tubo, usava luz de carbureto e, com o cheiro deste material, ficou intoxicado.

Em consequência disso, teve complicações no fígado, perdeu o apetite e o uso da razão. Faleceu muito jovem, antes de completar dezoito anos de idade.

GIFFONI ROSALIE



- **Nascimento:** por volta de 1903
- **Falecimento:** com pouco mais de 80 anos de idade
- **Pai:** Josué Giffoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Maria Ferreira Giffoni (* e † não há dados)
- **Esposo:** Manoel Rodrigues Pinto
- **Pais de Manoel:** não há dados
- **Filhas de Rosalie e Manoel:** Estela, Celeste, Benedito, Guido, José e Luiz

VIDA E OBRA

Apelidada de Santinha, Rosalie Giffoni nasceu por volta de 1903, sendo filha de Josué Giffoni e de Maria Ferreira.

Casou-se com o viúvo Manoel Pinto, que já tinha oito filhos, sendo cinco mulheres, todas elas irmãs de caridade.

Rosalie teve duas filhas e quatro filhos:

- Estela, falecida na juventude por problemas cardíacos;
- Celeste, casada e mãe de vários filhos, falecida, aproximadamente, aos 58 anos de idade;
- Benedito, já falecido;
- Guido;
- José;
- Luiz.

Rosalie ficou viúva com os filhos ainda muito pequenos. Passou muitos anos em um hospital para tratamento especializado, e quando teve alta, seus filhos já estavam formados e casados.

Rosalie faleceu repentinamente com pouco mais de 80 anos.



A Itajubá do passado: Praça Dr. José Braz - Praça da Estação



Documento em que Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Presidente do Estado de Minas Gerais – cargo que hoje equivale a Governador – concede a Manoel Rodrigues Pinto, o direito vitalício do Cartório de Registro de Títulos e Documentos.

GIFFONI ANÍBAL

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** Josué Giffoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Maria Ferreira Giffoni (* e † não há dados)
- **Esposa:** Etelvina Simões
- **Filhos de Aníbal e Etelvina:** José e Walter

VIDA E OBRA

Aníbal Giffoni Sobrinho era filho de Josué Giffoni e de Maria Ferreira.

Estudou mais que os seus irmãos e trabalhou em escritórios. Também foi empreiteiro de estradas pavimentadas, mas deixou logo esse serviço.

Casou-se com Etelvina Simões e com ela teve dois filhos, José e Walter. Separou-se de sua esposa e mudou-se para São Paulo, passando a viver com outra mulher.

Etelvina faleceu em Itajubá e Aníbal, em São Paulo.

GIFFONI MARIA SALOMÉ

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** por volta dos 26 anos de idade
- **Pai:** Josué Giffoni (* e † não há dados)
- **Mãe:** Maria Ferreira Giffoni (* e † não há dados)
- **Esposo:** Antonio Faria (* e † não há dados)
- **Pais de Antonio:** não há dados
- **Filho de Maria Salomé e Antonio:** um filho, falecido poucos dias após o nascimento

VIDA E OBRA

Apelidada de Tita, Maria Salomé Giffoni era filha de Josué Giffoni e de Maria Ferreira.

Era muito clara e loura e de pequena estatura.

A passeio na casa de seu irmão Pedro, conheceu Antonio Faria, viúvo, com quem, depois, se casou. Teve um filho, falecido poucos dias após o nascimento.

Maria Salomé faleceu, por volta dos 26 anos de idade.

GIUNTINI JÚLIO



- **Nascimento:** 11 de janeiro de 1916
- **Falecimento:** 29 de outubro de 1993
- **Pai:** Domenico Giuntini (* e † não há dados)
- **Mãe:** Josephina Pizani (* e † não há dados)
- **Esposa:** Maria Aparecida Faria (* 10 de janeiro de 1923)
- **Pais de Maria Aparecida:** João de Faria (* 21 de novembro de 1893, † 11 de janeiro de 1971) e Ethelvina Pereira de Faria (* 06 de abril de 1895 † 27 de julho de 1972)
- **Filhos de Júlio e Maria:** Maria Efigênia (* 23 de abril de 1943, † 11 de março de 1962), Julimar (* 01 de setembro de 1944, † 19 de dezembro de 2006), Carlos Artur (* 23 de abril de 1951), Maria Ângela (* 26 de julho de 1954) e Fabíola (* 20 de janeiro de 1961)

VIDA E OBRA

Domenico Giuntini casou-se com Josephina Pizani em Mococa - SP, no dia 05 de dezembro de 1896, ele com 29 anos e ela com 15 anos.

Júlio Giuntini nasceu em 11 de janeiro de 1916, na cidade de Mococa – SP, sendo filho de Domenico Giuntini e Josephina Pizani, imigrantes italianos nascidos em Lucca, Itália.

Ele se mudou para Itajubá em 1938, para estudar no então Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI), depois Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI) e, atualmente, Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).

Júlio se formou em Engenharia Elétrica, Civil e Mecânica em 1940 e se casou, em 1942, com Maria Aparecida de Faria, com quem teve cinco filhos: Maria Efigênia, Julimar, Carlos Artur, Maria Ângela e Fabíola.

Trabalhou em Macaé – RJ de 1940 a 1944, quando retornou ao Sul de Minas, tendo ingressado na Rede Elétrica Piquete-Itajubá (REPI), na atual cidade de Wenceslau Braz, onde permaneceu até sua aposentadoria.

Júlio Giuntini faleceu em 29 de outubro de 1993 em Itajubá, onde está sepultado.

GIUNTINI: Oriundo da cidade de Lucca, região da Toscana

LAMOGLIA VICENTE



Em pé, da esquerda para direita: Ana Maria, Francisco, Brás, Rosina, Estella, João e Vito. Sentados: Domingos, Felícia, Vicente e Angelina.

- **Nascimento:** 1852
- **Falecimento:** 28 de maio de 1926
- **Pai:** Domenico "Domingos" Lamoglia (* e † não há dados)
- **Mãe:** Angela Lamoglia (* e † não há dados)
- **Esposa:** Maria Felícia Marotti (* e † não há dados)
- **Pais de Maria Felícia:** Giuseppe Marotti e Auristela Fazani
- **Filhos de Vicente e Maria Felícia:** Domingos Lamoglia (* 11 de junho de 1882, † 12 de dezembro de 1948), José Lamoglia (* 1886, † 1926), Angelina Lamoglia (* 1887, † 1946), Auristela Lamoglia (* 1889, † 1920), Bras Lamoglia (* 1890, † 1933), Francisco Lamoglia Sobrinho (* 1893, † 1943), Rosina Lamoglia (* 1894, † 1968), Estella Lamoglia (* 1896, † 1968), Anna Maria Lamoglia (* 1897, † não há dados), Vito Lamoglia (* 1900, † 1972) e João Lamoglia (* 1902, † 1925)

VIDA E OBRA

Vicente Lamoglia nasceu na Itália no ano de 1852, sendo filho de Domingos Lamoglia e Angela Lamoglia.

Vicente Lamoglia chegou ao Brasil em 1896, com 44 anos de idade. Era casado com Maria Felícia Marotti. Sete dos seus filhos nasceram na Itália e os demais em Itajubá:

- Domingos Lamoglia, nascido em 11 de junho de 1882; casado com Anna Maria Del Ducca;

LAMOGLIA: Oriundo da cidade de Sapri, Província de Salerno

falecido em 12 de dezembro de 1948;

- José Lamoglia, nascido em 1886 e falecido em 1926, solteiro;
- Angelina Lamoglia, nascida em 1887; casada com Francisco Ricca; falecida em 1946;
- Auristela Lamoglia, nascida em 1889 e falecida em 1920, solteira;
- Bras Lamoglia, nascido em 1890 e falecido em 1933, solteiro;
- Francisco Lamoglia Sobrinho, nascido em 1893; casado com Aurora Ribeiro; falecido em

1943;

- Rosina Lamoglia, nascida em 1894 e falecida em 1968, solteira;
- Stella Lamoglia, nascida em 1896; casada com Miguel Chiaradia; falecida em 1968;
- Anna Maria Lamoglia, nascida em 1897; casada com Vicente Biaggini; falecida;
- Vito Lamoglia, nascido em 1900; casado com Carmem Teixeira; falecido em 1972;
- João Lamoglia, nascido em 1902 e falecido em 1925, solteiro.

Vicente Lamoglia foi pioneiro nos negócios de fundição em Itajubá. Com seu irmão Bras Antonio Lamoglia, fundou a primeira oficina de funilaria e serralheria da cidade. Iniciava-se, no final do século XIX, a firma "Vicente Lamoglia, Irmão & Cia".

Junto à firma, os irmãos Lamoglia investiam em um empório que vendia calçados, chapéus, gêneros alimentícios e os produtos fabricados na oficina, como lampiões, canecas de flandres, alambiques, tacho de cobre e regadores.

Vicente Lamoglia faleceu em 28 de maio de 1926, em Itajubá.

LAMOGLIA DOMENICO "DOMINGOS"



- **Nascimento:** 11 de junho de 1882
- **Falecimento:** 12 de dezembro de 1948

- **Pai:** Vicente Lamoglia (* 1852, † 28 de maio de 1926)
- **Mãe:** Maria Felícia Marotti Lamoglia (* e † não há dados)
- **Esposa:** Anna Maria Del Ducca Lamoglia (* 03 de janeiro de 1889, † 24 de abril de 1952)
- **Pais de Anna Maria:** Domingos Del Ducca e Giacomina Storino Del-Ducca
- **Filhos de Domingos e Anna Maria:** Felícia (* 22 de setembro de 1905, † 03 de janeiro de 1984), Vicente (* 05 de maio de 1908, † 30 de junho de 1997), Angelina (* 04 de novembro de 1909, † 06 de junho de 1981), Vitalina (* 14 de junho de 1913 † 24 de janeiro de 1981), Maria do Carmo (* 21 de janeiro de 1915, † 13 de setembro de 1997), Dulce (* 28 de junho de 1916, † 09 de agosto de 2007), José (* 24 de junho de 1918, † 03 de junho de 2004), Regina (* 20 de março de 1921, † 16 de abril de 1996), Hélio (* 23 de outubro de 1923, † 16 de junho de 2009), Geraldo (* 25 de maio de 1927 † 28 de novembro de 2004), Terezinha (* 01 de junho de 1925, † 18 de maio de 1980) e Domingos (* 03 de outubro de 1930, † 16 de dezembro de 1973)

VIDA E OBRA

Domingos Lamoglia tinha 14 anos quando chegou ao Brasil. Seus pais, Vicente e Maria Felícia Lamoglia, e seus irmãos vieram tentar a sorte na “América”. A família deixou o velho continente, saindo da cidade de Sapri, Província de Salerno, na Itália, e chegando ao Brasil por volta do ano de 1896.

Conhecido por “Domingão”, Domingos Lamoglia veio para Itajubá, anos depois, e na cidade fundou uma oficina de caldeiraria e funilaria, na Avenida Coronel Carneiro Júnior (Rua Nova).

Em 24 de setembro de 1904, aos 22 anos, casou-se com Anna Maria Del Ducca, que tinha 15 anos e 7 meses, e com quem teve vários filhos, cujos dados podem ser conferidos na biografia de sua mãe constante neste livro.

Um fato curioso é que Vicente Lamoglia, pai de Domingos, é citado na certidão de nascimento de Anna Del Ducca como seu padrinho. Talvez, ele não imaginara que sua afilhada seria, anos depois, esposa de seu primeiro filho e, conseqüentemente, sua nora. Os pais de Anna Maria Del-Ducca eram também naturais da Itália, mas tinham se casado em Itajubá.

Domingos faleceu no dia 12 de dezembro de 1948, aos 66 anos, e sua esposa, Anna Maria, no dia 24 de abril de 1952, aos 63 anos.



A Itajubá do passado: Mercado Municipal - Praça Adolpho Olinto

LAURITO MAURO



- **Nascimento:** 26 de julho de 1918
- **Falecimento:** 05 de janeiro de 1999
- **Pai:** Amábile Laurito
- **Mãe:** Maria Capizzo
- **Esposa:** Maria Antonia D'Amore (* 18 de novembro de 1920, † 23 de fevereiro de 2001)
- **Pais de Maria Antonia:** Umberto D'Amore e Orsola Scianni
- **Filhos de Mauro e Maria Antonia:** Maria (* julho de 1946), Albertina (* outubro de 1947), Arnaldo (* agosto de 1952), Maria Giuseppina (* março de 1954, † março de 1954), Brasília (* junho de 1957) e Mauro Amábile (* janeiro de 1961).

VIDA E OBRA

Mauro Laurito e Maria Antonia D'Amore se conheceram em plena 2ª Guerra Mundial, em janeiro de 1942, sendo ela da cidade de Foria, Comune di Centola, Província de Salerno. Apaixonados, casaram-se no ano seguinte, em 10 de abril de 1943.

Mauro estava servindo a Pátria, pelo Eixo, e tinha sido dispensado alguns dias para se casar. A permissão acabou por ser negada. Por procuração, Mauro encarregou o seu irmão Angelo Laurito de resolver a situação, e o casamento aconteceu no civil. A preocupação de Mauro era que, em combate, poderia perder a vida, não deixando Maria Antonia amparada com sua pensão.

Somente depois da guerra é que Mauro Laurito voltou para sua cidade e casou-se no religioso com Maria Antonia D'Amore. Fora do exército, trabalhou na lavoura e como carvoeiro em terras de terceiros.

LAURITO: Oriundo da cidade de San Nazario, Comune di Centola, Província de Salerno.

Em 1952, a convite de um tio de Maria Antonia, Laurito embarcou para o Brasil para “fazer a América”. Veio só, pois sua esposa estava grávida de dois meses, e estabeleceu-se na cidade sulmineira de Passo Quatro.

Apenas em 1953, depois de seu filho Arnaldo Laurito completar 9 meses, é que a família viria para o Brasil. Em 1954, nasceu sua primeira filha brasileira, Maria Giuseppina, que faleceu 10 dias depois, de tétano.

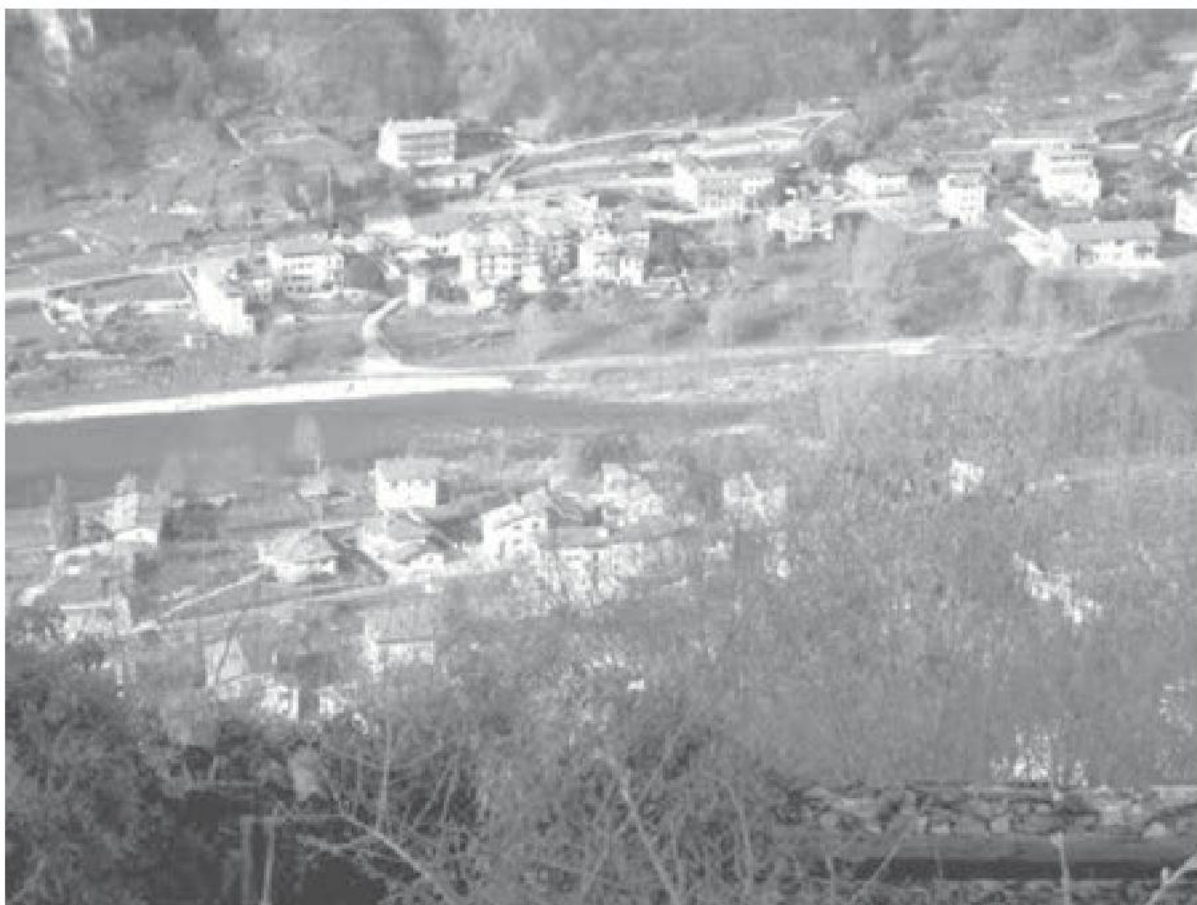
No Brasil, na cidade de Passa Quatro, Mauro iniciou-se no comércio de fumo em corda e viajava por todo o Mato Grosso, São Paulo, Paraná e outras cidades até o Paraguai. Eram viagens longas que duravam em média de 15 a 30 dias.

Em 1956, durante uma de suas viagens, acidentou-se numa estação de trem, quebrando a perna em dois lugares. Restabeleceu-se em Aquidauana, no Mato Grosso, e retornou a Passa Quatro.

Em março de 1963, a família mudou-se para a cidade de Itajubá para que os filhos pudessem estudar.

Mauro e Maria Antonia voltaram à Itália, pela primeira vez, em maio de 1968, para rever a terra natal e a família.

Eles completaram 56 anos de casados. Mauro faleceu com 80 anos, em 5 de janeiro de 1999, e Maria Antonia faleceu em 23 de fevereiro de 2001, também com 80 anos de idade.



Cidade de San Nazario, Comune di Centola, Província de Salerno.

LAURITO ANTONIO

- **Nascimento:** 12 de junho de 1941
- **Falecimento:** 30 de maio de 2012
- **Pai:** Angelo Laurito
- **Mãe:** Maria Rosaria Fluri
- **Esposa:** Márcia Helena dos Santos
- **Filhos de Antonio e Márcia Helena:** Maria Ângela, Antônio Márcio e Ana Maria

VIDA E OBRA

Antonio Laurito nasceu na cidade de San Mauro La Bruca, no dia 12 de junho de 1941, sendo filho de Angelo Laurito e Maria Rosaria Fluri.

Aos 19 anos de idade, Antonio deixou a Itália em busca de trabalho. Chegou ao Brasil em janeiro de 1960, desembarcando do navio Giulio Cesare no porto do Rio de Janeiro.

Inicialmente, Antonio se instalou na cidade sulmineira de Passa Quatro. Tanto nessa cidade como em Itajubá, Antonio trabalhou com fumo de corda, negociando e distribuindo tal mercadoria para vários Estados do Brasil.

Casou-se com uma brasileira, Márcia Helena dos Santos. O casal teve três filhos: Maria Ângela, Antônio Márcio e Ana Maria.

LAURITO: Oriundo da cidade San Mauro La Bruca, Província de Salerno

LENCIONE NATALE GIULIO



Da esquerda para a direita: Florindo Antonio, Natale Giulio, Giulia e Lineu

- **Nascimento:** 25 de dezembro de 1899
- **Falecimento:** 24 de fevereiro de 1977
- **Pai:** Florindo Lencioni
- **Mãe:** Amabile Lencioni
- **Esposa:** Giulia Farabulini (* 28 de setembro de 1905, † 15 de julho de 1998)
- **Pais de Julia:** Antonio Farabulini e Maria Pirazoli
- **Filhos de Julio e Julia:** Lineu (* 25 de agosto de 1929), Florindo Antônio (* 23 de novembro de 1932)

VIDA E OBRA

Natale Giulio Lencioni nasceu no Brasil, sendo filho de Florindo Lencioni e Amabile Lencioni, que vieram da Itália para se fixarem na capital paulista.

Ele se casou com Giulia Farabulini, também brasileira, filha de Antonio Farabulini e de Maria Pirazoli, nascidos, respectivamente, em Ravena e Imola, Província de Bologna. Esses imigrantes se estabeleceram também na capital paulista e, depois, em Taubaté, onde Giulio se destacou como jogador de futebol e recebeu a alcunha de “faísca”, devido sua grande velocidade no campo.

Giulio residiu em Itajubá, quando solteiro, e trabalhava na marmoraria de João Puliti. Neste período foi morar no hotel de Eugenio Consoli. Em 1933, Giulio, a esposa e seus dois filhos, Lineu e Florindo Antônio, mudaram-se definitivamente para Itajubá.

Giulio jogou no Itajubense Futebol Club.

Ele e sua esposa estão sepultados no Cemitério Paroquial de Itajubá.

Seu filho Lineu Lencioni se formou em Engenharia Elétrica e Mecânica pelo Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI), no ano de 1954, e o outro, Florindo Antônio Lencioni, se tornou um dos proprietários da Marmoraria Itajubá Ltda.

LENCIONI: Oriundo de: não temos informação

MAGLIONI ULISSES



- **Nascimento:** 1875
- **Falecimento:** 1927
- **Pai:** Domingos Maglioni
- **Mãe:** Maria Decalvo
- **Esposa:** Maria Monti (* 27 de março de 1890, † 28 de abril de 1955)
- **Pais de Maria:** Pedro Monti e Joaquina Monti
- **Filhos de Ulisses e Maria:** Perina (* 10 de outubro de 1908, † 07 de agosto de 1995), Geny (* 06 de dezembro de 1909, † 08 de outubro de 1991), Nayr (* 12 de dezembro de 1911, † não há dados), Anita (* 29 de janeiro de 1914, † não há dados), Telêmaco (* 04 de janeiro de 1916, † não há dados), Alice (* 04 de outubro de 1917, † não há dados) e Antonio (* 04 de janeiro de 1920, † 11 de setembro de 1990), Marieta (* 11 de novembro de 1921, † não há dados), Pedro (* 14 de dezembro de 1923, † 30 de janeiro de 2000) e Ulisses José (* 20 de agosto de 1925, † não há dados)

VIDA E OBRA

Ulisses nasceu em 1875, na Itália, sendo filho de Domingos Maglioni e Maria Decalvo.

Não se sabe quando ele veio para o Brasil. Aos 32 anos, em 06 de dezembro de 1907, ele se casou com Maria Monti (Mariquinha), natural de Pedralva, sendo testemunha da união Gaspar José de Paiva – Coronel Pazito.

Ulisses era um verdadeiro artista na fabricação de imagens, exímio escultor e pintor. É citado no livro “Pedralva - Terra Amada” como possuidor de uma fábrica de vinho, uma cerâmica e um laticínio.

MAGLIONI: Oriundo de: não temos informação

Seus sete primeiros filhos, nascidos em Pedralva, são:

- Perina Maglioni, nascida em 10 de outubro de 1908; casada em 28 de julho de 1928, com José Sant'Anna Rodrigues, nascido em 19 de outubro de 1906, em Itajubá, filho de José Maria Rodrigues e Minervina Sant'Anna Rodrigues e falecido em 12 de agosto de 1958; ela faleceu em 07 de agosto de 1995;

- Geny Maglioni, nascido em 06 de dezembro de 1909; casado em primeiras núpcias com "Tuta" e segundas núpcias com Glenda Maria Prado, em 31 de julho de 1964, em Aparecida do Norte – SP; ela nasceu em 23 de novembro de 1935, sendo filha de João Leite do Prado e de Olga Guaraciaba Prado, naturais de Paraguaçu – MG; Geny faleceu em 08 de agosto de 1991.

- Nair Maglioni, nascida em 12 de dezembro de 1911; casada com Antônio Emílio Salomon, em 24 de julho de 1930, em Santa Rita do Sapucaí.

- Anita Maglioni, nascida em 29 de janeiro de 1914; casada, em 27 de setembro de 1930, em Santa Rita do Sapucaí.

- Telêmaco Maglioni, nascido em 04 de janeiro de 1916; casado, em 05 de maio de 1940, com Maria José Monti, nascida em 29 de julho de 1913, em Pedralva, filha de Antonio Monti e Ana Flora de Faria, e falecida em 13 de dezembro de 1985.

- Alice Maglioni, nascida em 04 de outubro de 1917; casada, em 10 de julho de 1938, com Antonio Monti, nascido em 21 de março de 1915, em Pedralva, filho de Antonio Monti e Maria Flora e falecido em 11 de agosto de 1964.

- Antonio Maglioni, nascido em 04 de janeiro de 1920; casado em 11 de dezembro de 1944 com Nadir Faria, nascida em 24 de agosto de 1920, em Ouro Fino, filha de José de Faria e Cecília de Faria.

Com os sete filhos, Ulisses mudou-se para Itajubá, no início da década de 1920. Nessa cidade nasceram mais três filhos:

- Marieta Maglioni, nascida em 11 de novembro de 1921; casada em 23 de dezembro de 1944, com José Malaquias Primo, nascido em 15 de agosto de 1922, em Pedralva, filho de José Bráulio Garcia e Maria José Leite, e falecido em 08 de junho de 2008.

- Pedro Maglioni, nascido em 14 de dezembro de 1923; casado, em 12 de julho de 1951, com Maria Icléa de Paiva Magalhães, nascida em 06 de outubro de 1929, em Pedralva, filha de Oscar Pereira de Magalhães e Maria Aparecida de Paiva Magalhães; ele faleceu em 30 de janeiro de 2000;

- Ulisses José Maglioni, casado em 02 de abril de 1945, com Irene Capistrano Ferreira, nascida em 04 de agosto de 1924, em Pedralva, filha de João Capistrano Ferreira e Tereza Monti Ferreira, falecida em 19 de novembro de 1993; ele foi prefeito de Pedralva para o período de 1983 a 1986, mas faleceu durante o mandato.

A família de Ulisses morava à rua Dona Maria Carneiro, nº 2, no bairro Boa Vista, onde se realizou a cerimônia de casamento de sua primeira filha, Perina.

Ulisses faleceu no Rio de Janeiro em 1927, aos 52 anos de idade.

MANDOLESI ULDERICO



Da esquerda para a direita, em pé: Clara, Bruno, Iolanda, Antonieta, Braselina, Nicolina e Ítalo; sentados: Gioconda, Américo, Palmira, Ulderico e Álvaro.

- **Nascimento:** 16 de junho de 1862
- **Falecimento:** 10 de junho de 1931
- **Pai:** Giovanni Mandolesi
- **Mãe:** Nicolina Marchetti
- **Esposa:** Palmira Baldoni (* 23 de fevereiro de 1875, † 16 de maio de 1949)
- **Pais de Palmira:** Pedro Baldoni e Thereza Baldoni
- **Filhos de Ulderico e Palmira:** Braselina (* 08 de julho de 1894, † 07 de agosto de 1978), Antonieta (* 02 de maio de 1896, † 21 de novembro de 1974), Américo (* 19 de maio de 1898, † 07 de maio de 1968), Ítalo (* 22 de fevereiro de 1900, † 22 de junho de 1974), Álvaro (* 07 de dezembro de 1901, † 14 de abril de 1991), Iolanda (* 07 de novembro de 1903, † 15 de julho de 1994), Nicolina (* 26 de março de 1908, † 01 de agosto de 1992), Bruno (* 06 de fevereiro de 1906, † 21 de julho de 1966), Gioconda (* 30 de abril de 1912, † 28 de agosto de 2006) e Clara (* 09 de março de 1916, † 06 de janeiro de 1999)

VIDA E OBRA

Ulderico Mandolesi nasceu em Ancona, cidade portuária da região de Marche, Itália, aos 16 de junho de 1862, sendo filho de Giovanni Mandolesi e Nicolina Marchetti. Chegou ao Brasil, no porto de Santos, em 1880, fixando residência em São Paulo, onde exerceu a profissão de padeiro, no bairro do Bom Retiro, que na época era reduto dos italianos.

Conheceu e mais tarde contraiu matrimônio com Palmira Baldoni, também nascida em Ancona, aos 23 de fevereiro de 1875. Ela era filha de Thereza Baldoni e Pedro Baldoni. O casamento se realizou na capital paulista, aos 7 de fevereiro de 1891; ele, então, estava com 28

MANDOLESI: Oriundo da cidade de Ancona, Província de Ancona, região de Marche

anos e ela, com 16 anos. Fixaram residência no bairro do Bom Retiro, onde os dez filhos cresceram.

No ano de 1901, quando em visita à Itália, nasceu seu quinto filho - Álvaro, o único italiano nato dentre os demais.

Por influência amigável de Nino Dastre, a família mudou-se para Itajubá, em 1914, onde, como proprietário, inaugurou a Padaria Mandolesi, na, então, Rua da Fábrica, atual Rua D^a. Maria Carneiro.

Nessa época, seus filhos exerciam atividades diversas: Antonieta trabalhava na fábrica de chapéus; Braselina, em sua sorveteria; Nicolina e Iolanda trabalhavam na Padaria Mandolesi; Américo exercia a profissão de marceneiro; Bruno e Ítalo, de mecânicos, e Álvaro, de padeiro, o qual, mais tarde, veio a adquirir a parte dos irmãos, ficando como único proprietário da padaria, na qual trabalhou por mais de 50 anos.

Ulderico faleceu, em Itajubá, em 10 de junho de 1931, seis dias antes de completar 69 anos de idade. Palmira faleceu em 16 de maio de 1945.

DESCENDENTES DIRETOS:

Da união de Ulderico e Palmira nasceram 10 (dez) filhos:

Braselina Mandolesi – brasileira,
 Antonieta Mandolesi – brasileira,
 Américo Mandolesi – brasileiro,
 Ítalo Mandolesi – brasileiro,
 Álvaro Mandolesi – **italiano**,
 Iolanda Mandolesi – brasileira,
 Nicolina Mandolesi – brasileira,
 Bruno Mandolesi – brasileiro,
 Gioconda Mandolesi – brasileira,
 Clara Mandolesi – brasileira.

MANDOLESI AMÉRICO



O casal Américo e Regina com o neto Carlos Eduardo

- **Nascimento:** 19 de maio de 1898
- **Falecimento:** 07 de maio de 1968

- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni Mandolesi
- **Esposa:** Regina Danesi
- **Filhos de Américo e Regina:** Ulderico Luiz, Palmyr Rose, Marlene, Ocirema, Claudiomir e Hedwiges

VIDA E OBRA

Nascido no Brasil, em 19 de maio de 1898 e falecido em 07 de maio de 1968, Américo era marceneiro. Foi proprietário de uma moderna marcenaria e exerceu também função comercial em padarias nas cidades de Cristina e São Lourenço. Casou-se com Regina Danesi e desta união nasceram os filhos: Ulderico Luiz, Palmyr Rose, Marlene, Ocirema, Claudiomir e Hedwiges.

MANDOLESI ÍTALO



Da esquerda para a direita, atrás, em pé, Marildes, Valter, Ítalo Filho, Alcyr e Ulderico; à frente, sentados, Ítalo e Felícia, e em pé, Lízia Martha.

- **Nascimento:** 22 de fevereiro 1900
- **Falecimento:** 22 de junho de 1974
- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni Mandolesi
- **Esposa:** Felícia Lamoglia
- **Filhos de Ítalo e Felícia:** Ulderico (* 23 de junho de 1923, † 05 de maio de 1998), Alcyr, Ítalo Filho, Marildes, Walter e Lízia Marta

VIDA E OBRA

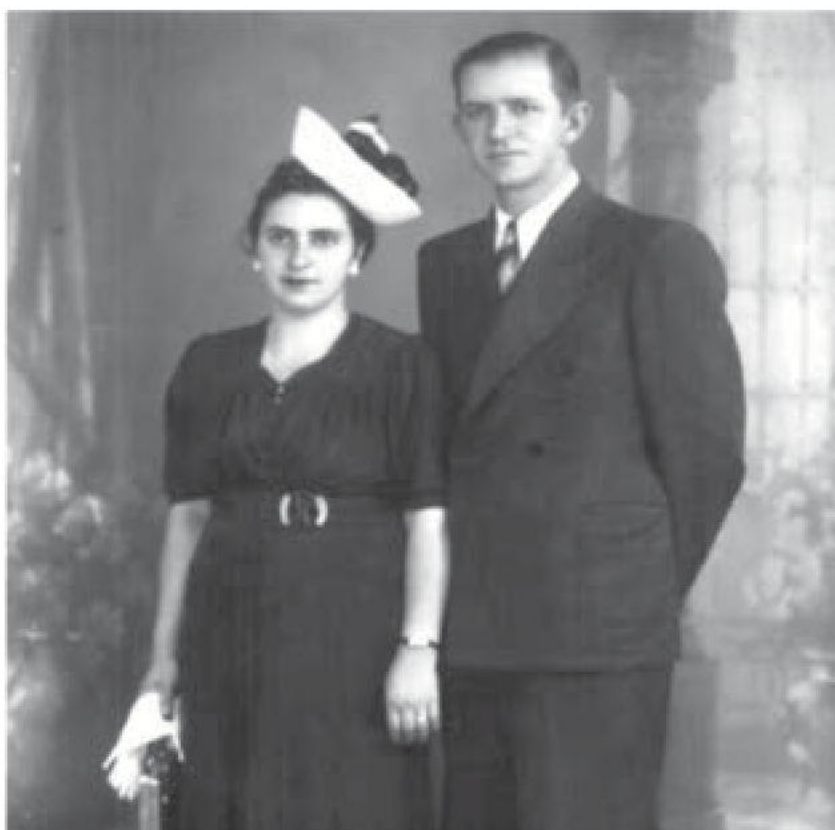
Nasceu em São Paulo, em 22 de fevereiro de 1900. Mudou-se para Itajubá com os pais, por volta de 1920. Casou-se com Felícia Lamoglia, em 1931. O casal teve seis filhos: Ulderico, Alcyr, Ítalo Filho, Marildes, Walter e Lízia Marta.

Em São Paulo, em 1929, fez o curso de mecânica de automóveis, na Ford Company. Voltando a Itajubá, ficou sócio da Concessionária Ford. Em 1936, inaugurou a Concessionária Chevrolet, onde negociava autos e caminhões. Paralelamente, agregou novos investimentos, como: fabricação de veículos de tração animal, artefatos de ferro (serralheria), criação de uma linha de ônibus unindo a Fábrica de Armas à Boa Vista, que logo foi vendida a outrem.

Em 1950, reformou a ponte metálica da Rua D^a. Maria Carneiro, sobre o Rio Sapucaí. Ainda nessa década, iniciou uma granja de galinha poedeira, fornecendo, entre outros, pintos de “um dia” e ovos para o Rio de Janeiro e Itajubá. Com o sócio Max Ycerren, inaugurou uma linha de ônibus ligando Itajubá a São Paulo, a qual foi vendida, mais tarde, para a empresa Pássaro Marrom.

Ítalo contribuiu na construção das portas e janelas do Instituto Padre Nicolau, na Década de 1960. Com seu prestígio social e financeiro, apoiou as construções do Hospital Escola e da Faculdade de Medicina de Itajubá.

MANDOLESI ÁLVARO



Álvaro Mandolesi e Alice Bras Mandolesi

- **Nascimento:** 07 de dezembro de 1901
- **Falecimento:** 14 de abril de 1991
- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni
- **Esposa:** Alice Bras Mandolesi (* 06 de agosto de 1910, † 15 de julho de 1986)
- **Pais de Alice:** Alfredo Bras e Júlia Bras
- **Filhos de Álvaro e Alice:** Edna Mércia (* 25 de setembro de 1944), Álvaro Rubens (* 1º de junho de 1946) e Giselle Miriam (* 20 de dezembro de 1948)

VIDA E OBRA

Álvaro nasceu em Ancona, na Itália, em 1901. Aos 13 anos de idade, mudou-se de São Paulo para Itajubá, onde seus pais montaram a Padaria Mandolesi, na rua da Fábrica Codorna, atual rua Dona Maria Carneiro. Ele aprendeu a profissão de padeiro com seu pai e, mais tarde, tornou-se proprietário do empreendimento da família – que era a padaria mais antiga da cidade, adquirindo a parte dos irmãos, após a morte dos seus pais.

Na época do cinema mudo, tocava bandolim juntamente com o maestro Tite Nisticó. Dentre os negócios e feitos mais importantes de sua vida, destacam-se alguns, dos quais foi fundador: Cine Teatro Edna, em 1951, em homenagem a sua primeira filha; Itajubá Tênis Clube (ITC), conhecido como Praça de Esportes, onde atuou como presidente, e Smart Futebol Clube, de cuja diretoria foi membro.

Casou-se com Alice Bras, viúva e mãe de três filhos: José Pereira de Almeida (Zezinho), Maria de Lourdes (Maninha) e Neusa. Desta união nasceram os filhos: Edna Mércia, Álvaro Rubens e Giselle Miriam. Alice nasceu em 06 de agosto de 1910 e faleceu em 15 de julho de 1986 e Álvaro faleceu em 14 de abril de 1991.

MANDOLESI EDNA MÉRCIA



Da esquerda para a direita: Antonelle, Aldine, Aylor, Edna, Valéria e Aylor Júnior.

- **Nascimento:** 25 de setembro de 1944
- **Pai:** Álvaro Mandolesi
- **Mãe:** Alice Bras Mandolesi
- **Esposo:** Aylor Koenigkam de Oliveira
- **Filhos de Edna e Aylor:** Aylor Júnior, Antonelle e Aldine

VIDA E OBRA

Nascida aos 25 de setembro 1944, em Itajubá, Edna estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, formando-se professora. Frequentou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Itajubá.

Casou-se com Aylor Koenigkam de Oliveira, engenheiro eletricitista formado pela Escola Federal de Engenharia de Itajubá, atual UNIFEI. Dessa união nasceram os filhos: Aylor Júnior, Antonelle e Aldine.

Viveu com sua família em São Paulo por cerca de trinta anos e na Alemanha, para onde se mudou no início de 1975, permanecendo por lá três anos. Voltou a Itajubá quando da aposentadoria de seu marido.

MANDOLESI ÁLVARO RUBENS



Da esquerda para a direita: Kelly, Prescila, Álvaro e Denys.

- **Nascimento:** 1º de junho de 1946
- **Pai:** Álvaro Mandolesi
- **Mãe:** Alice Bras Mandolesi
- **Esposa:** Prescila Lourdes Carvalho Leite
- **Filhos de Álvaro e Prescila:** Kelly e Denys

VIDA E OBRA

Nascido em 1º de junho de 1946, em Itajubá, Álvaro Rubens iniciou seus estudos no Colégio de Itajubá, continuando-os, posteriormente, no Colégio São Joaquim, em Lorena - SP e concluindo o 2º Grau, em Guaratinguetá - SP. Diplomou em Economia, na então Faculdade de Ciências Econômicas do Sul de Minas (FACESM).

Em São Paulo, trabalhou nas empresas Spig S.A., Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA) e Two Hard Ltda. Também atuou na Universidade Presidente Antonio Carlos (UNIPAC) e na Prefeitura de Itajubá, onde se aposentou e atualmente vive.

Casou-se com Prescila Lourdes Carvalho Leite, com quem teve os filhos Kelly e Denys.

MANDOLESI GISELLE MIRIAM



Da esquerda para a direita, em pé: Fernanda, Giselle, Eduardo e Flávia; sentados: Francine e Fabiano.

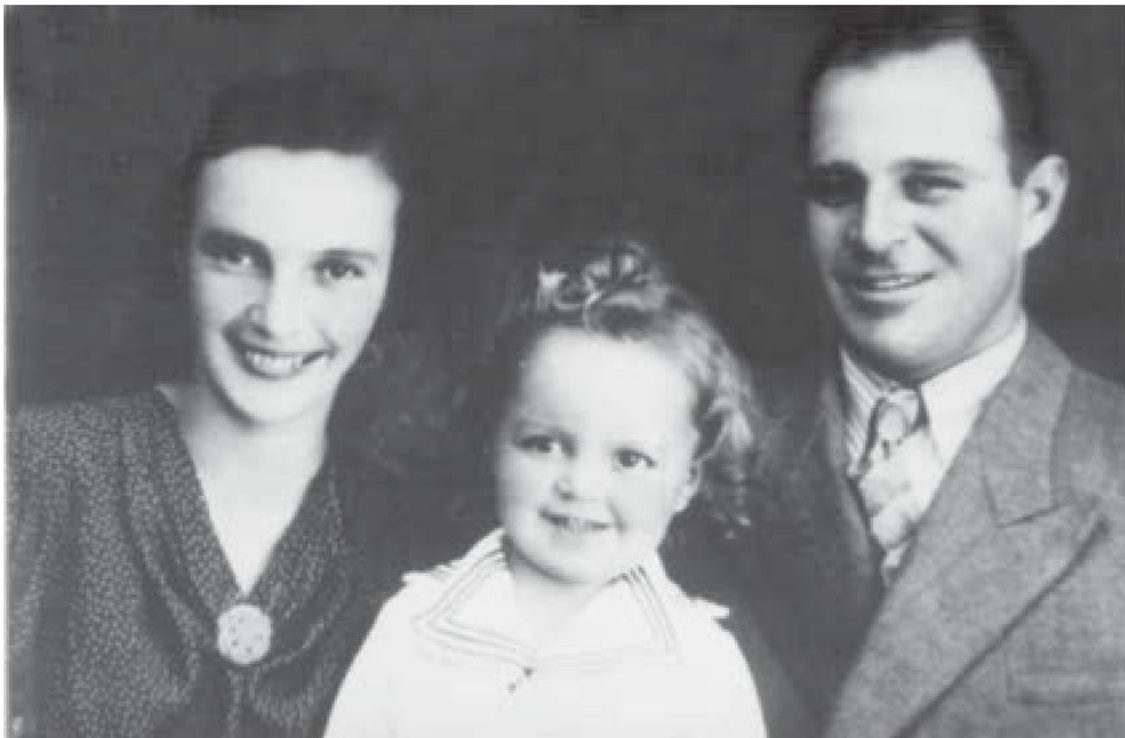
- **Nascimento:** 20 de dezembro de 1948
- **Pai:** Álvaro Mandolesi
- **Mãe:** Alice Bras Mandolesi
- **Esposo:** Eduardo Pereira de Melo
- **Filhos de Giselle e Eduardo:** Fabiano, Flávia, Francine e Fernanda

VIDA E OBRA

Nascida aos 20 de dezembro de 1948, em Itajubá, Giselle estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, formando-se professora. Diplomou-se em Letras, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Itajubá.

Casou-se com Eduardo Pereira de Melo, engenheiro civil. Dessa união nasceram os filhos: Fabiano, Flávia, Francine e Fernanda. Moraram em Passos, Teófilo Otoni e Pouso Alegre. Finalmente, fixaram residência em Itajubá, onde vivem atualmente.

MANDOLESI BRUNO



O casal Bruno e Rosaura e o filho Uldélio

- **Nascimento:** 1906
- **Falecimento:** 21 de julho de 1966
- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni
- **Esposa:** Rosaura Carneiro
- **Filho de Bruno e Rosaura:** Uldélio

VIDA E OBRA

Nascido no Brasil, em 1906 e falecido em 21 de julho de 1966, Bruno foi hábil serralheiro e músico por paixão. Casou-se com Rosaura Carneiro e desta união nasceu o único filho, Uldélio, já falecido.

MANDOLESI BRASELINA

- **Nascimento:** 08 de julho de 1894
- **Falecimento:** 07 de agosto de 1978
- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni Mandolesi
- **Esposo:** Giuseppe Gaudino
- **Filhos de Braselina e Giuseppe:** Madalena, Antonio, Vênus, Homero, Kleber, Jandira, Ero e Ocirema

VIDA E OBRA

Braselina nasceu em 08 de julho de 1894, em São Paulo. Casou-se, em 1914, com Giuseppe Gaudino, engenheiro civil, construtor e escultor, e dessa união tiveram nove filhos: Madalena, Antonio, Vênus, Homero, Kleber, Jandira, Ero e Ocirema.

Foi proprietária de uma sorveteria localizada na Rua D^a. Maria Carneiro e faleceu em 1978.

MANDOLESI ANTONIETA



- **Nascimento:** 02 de maio de 1896
- **Falecimento:** 21 de novembro de 1974
- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni Mandolesi
- **Esposo:** Eusébio Monti Rosa
- **Filhos de Antonieta e Eusébio:** Moacir, Maria Aparecida e Maria Ester

VIDA E OBRA

Antonietta nasceu em 02 de maio de 1896, em São Paulo. Casou-se com Eusébio Monti Rosa e tiveram três filhos: Moacir, falecido; Maria Aparecida, que se casou com Alcheste Marotti, e Maria Ester, que se casou com Edy César, engenheiro de telecomunicações, formado pelo Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL).

Ela foi costureira e contramestre na fábrica de chapéus e faleceu em 21 de novembro de 1974.

MANDOLESI IOLANDA



- **Nascimento:** 07 de novembro de 1903
- **Falecimento:** 15 de julho de 1994
- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni Mandolesi
- **Esposo:** Domingos Marcaccini

VIDA E OBRA

Iolanda nasceu em 07 de novembro de 1903, em São Paulo. Em Itajubá, casou-se, em 1923, com Domingos Marcaccini, que era comerciante e tinha um Posto de Gasolina, na Rua D^a. Maria Carneiro. O casal não teve filhos.

Ela era uma excelente costureira e faleceu em Campinas - SP, em 1993.

MANDOLESI NICOLINA

- **Nascimento:** 26 de março de 1908
- **Falecimento:** 1º de agosto de 1992
- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni Mandolesi
- **Esposo:** José Lemos
- **Filhos de Nicolina e José:** Reginaldo, Otília, Ulderico, Justino Lairton e Amilcar

VIDA E OBRA

Nicolina nasceu em 26 de março de 1908, na cidade de São Paulo. Ainda jovem mudou-se, com os pais, para a cidade de Itajubá. Trabalhou na Padaria Mandolesi toda a sua juventude.

Em 16 de janeiro de 1926, casou-se, aos 17 anos, com José Lemos, nascido em Conselho de Sernancelle – Portugal. Tiveram cinco filhos: Reginaldo, Otília, Ulderico, Justino Lairton e Amilcar. Ficou viúva aos 35 anos.

Ela trabalhou no comércio de sua propriedade, Bar & Restaurante Sport, à Rua D^a. Maria Carneiro, com seus quatro filhos, pois a filha já havia falecido. Nicolina faleceu em 1º de agosto de 1992.

MANDOLESI GIOCONDA



- **Nascimento:** 30 de abril de 1912
- **Falecimento:** 28 de agosto de 2006
- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni Mandolesi

VIDA E OBRA

Gioconda nasceu em São Paulo, em 30 de abril de 1912. Não se casou, entretanto viveu com sua irmã Clara, dedicando toda sua vida aos sobrinhos.

Na juventude, trabalhou na farmácia da Fábrica de Armas, atualmente IMBEL. Posteriormente, trabalhou com o irmão Ítalo na Chemarex.

Faleceu em Itajubá aos 28 de agosto de 2006.

MANDOLESI CLARA

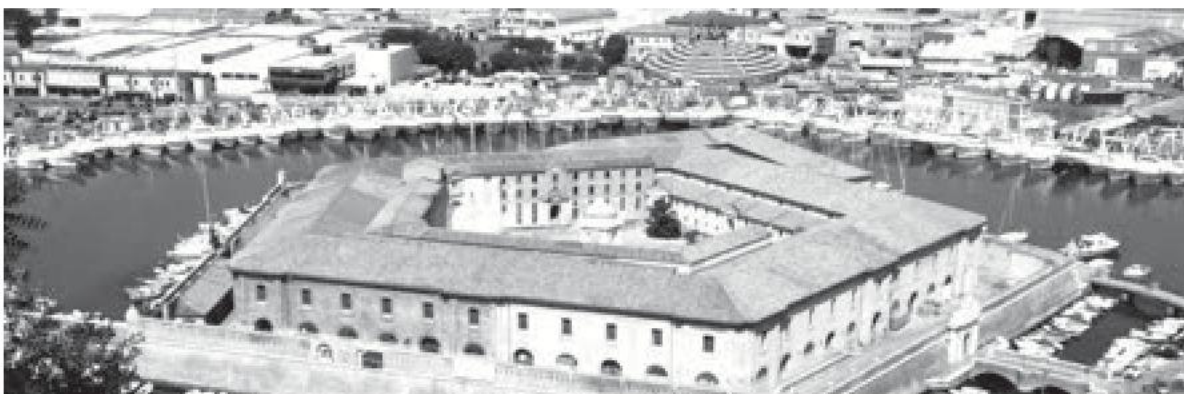


- **Nascimento:** 09 de março de 1916
- **Falecimento:** 06 de janeiro de 1999
- **Pai:** Ulderico Mandolesi
- **Mãe:** Palmira Baldoni Mandolesi
- **Esposo:** Prudente Reis
- **Filhos de Clara e Prudente:** Prudente Roberto, Dalmo, Vilma Cléia e Omar

VIDA E OBRA

Clara nasceu em Itajubá, em 09 de março de 1916. Casou-se com o militar Prudente Reis, em 25 de março de 1935, e tiveram 04 (quatro) filhos: Prudente Roberto, Dalmo, Vilma Cléia e Omar, falecido.

Viveram em Lages - SC por vários anos, mudando-se para Itajubá após a reforma de Prudente. Ela faleceu em Mococa – SP aos 06 de janeiro de 1999.



Cidade de Ancona, região de Marche

MARCACCINI FAMÍLIA



Cidade de Bologna “Bolonha”, região da Emilia Romagna

INTRODUÇÃO

Pio Marcaccini, nascido em Rimini, professor de Mecânica na Universidade de Bolonha, casado com Anunciatta Farnese, teve os filhos: Pio Secondo, Giuseppe, Marghereta, Maria e Ângelo. Marcaccini possuía terras em Forli onde cultivava, entre vários itens, azeitona e cereja.

Pio Secondo, o filho mais velho, formado em Engenharia Agrônômica pela Universidade de Bolonha, conheceu Assumpta Fantini, nascida em Forli e casaram-se. Em 04 de março de 1896, veio ao Brasil com Assumpta, já grávida de dois meses, a convite do senhor Júlio Brandão, influente político mineiro na época.

Decidiu comprar terras em Ouro Fino, no Sul de Minas, para o cultivo de frutas e café. Ali nasceram os filhos: Domingos, Margarida, Antonio, Sebastião, Ângelo, Anunciata, Anselmo, Lydia e Maria. Pio Secondo tornou-se uma pessoa influente na cidade, opinando e convivendo com pessoas importantes da região.

Em 11 de dezembro de 1916, Assumpta faleceu, vítima da gripe espanhola e, tragicamente, quase um mês após sua morte, em 05 de janeiro de 1917, Pio Secondo foi assassinado por engano, confundido com um político regional. Assim sendo, os filhos do casal, exceto Domingos, foram criados pelos padrinhos, que, por coincidência, eram todos da família Brandão.

Domingos, o primogênito, então com 20 anos incompletos, mudou-se para Itajubá, cidade promissora pelo desenvolvimento e pela colônia italiana já consolidada na época.

MARCACCINI DOMINGOS



Domingos Marcaccini

- **Nascimento:** 06 de novembro de 1896
- **Falecimento:** 29 de junho de 1973
- **Pai:** Pio Secondo Marcaccini (* 12 de junho de 1872, † 06 de janeiro de 1917)
- **Mãe:** Assumpta Fantini (* 03 de agosto de 1878, † 11 de dezembro de 1916)
- **Esposa:** Yolanda Mandolesi (* 07 de novembro de 1903, † 15 de julho de 1994)
- **Pais de Yolanda:** Ulderico Mandolesi e Palmira Baldoni Mandolesi
- **Filhos de Domingos e Yolanda:** não tiveram filhos

VIDA E OBRA

Domingos nasceu em Ouro Fino – MG em 06 de novembro de 1896. Chegou a Itajubá em maio de 1919, com vinte anos incompletos. Logo montou uma ferraria com os recursos herdados. Progrediu e passou a fabricar ferraduras. Empreendedor que era, comprou uma olaria e, assim, começou a fazer fortuna e a adquirir imóveis.

Casou-se com Yolanda Mandolesi em 10 de maio de 1923, de cuja união não teve descendentes. Convidou seu irmão Antonio para gerenciar a fábrica de ferraduras e montou um posto de serviços para autos com abastecimento e oficina à Rua Dona Maria Carneiro, nº. 306, empregando várias pessoas.

Em 1927, suas irmãs Lydia e Maria também se mudaram para Itajubá, onde, mais tarde, se casaram, respectivamente, com Menotti Chiaradia, comerciante, e Geraldo de Sales Dias, tenente dentista do Exército.

Domingos foi presidente do Smart Futebol Clube de 1938 a 1947 e usou um de seus galpões

no bairro Boa Vista - onde atualmente está instalada a D'Paschoal - como sede social do clube, realizando festas e bailes muito animados e concorridos.

Tornou-se vereador em 1947, atuando até 1951. Durante seu mandato, apresentou estudos para o saneamento do bairro Boa Vista, foi decisivo na elaboração e homologação do Código de Posturas Municipal, conduziu o projeto da estrada de Maria da Fé e foi fiscal da implantação do tratamento para o abastecimento de água no então distrito de Piranguçu.

Em 1954, um grande incêndio destruiu seu posto de serviços. O sinistro comoveu a população pela sua dimensão, porém não houve vítimas fatais. Reconstruiu a oficina e no lugar do posto de abastecimento montou uma fábrica de charretes.

Por não ter filhos, Domingos Marcaccini teve uma vida dedicada aos seus sobrinhos e aos de sua esposa. Faleceu em 29 de junho de 1973, com 76 anos de idade, em Itajubá, 28 dias após a comemoração de suas Bodas de Ouro.

MARCACCINI MARIA



Foto do casamento de Maria Marcaccini e Geraldo de Salles Dias. Daminhas de honra: Rosa Cirolli, Elza Chiaradia e Martha Martins.

- **Nascimento:** 16 de maio de 1916
- **Falecimento:** 06 de janeiro de 1979
- **Pai:** Pio Secondo Marcaccini (* 12 de junho de 1872, † 06 de janeiro de 1917)
- **Mãe:** Assumpta Fantini (* 03 de agosto de 1878, † 11 de dezembro de 1916)
- **Esposo:** Geraldo de Salles Dias (* 16 de janeiro de 1910 † 17 de outubro de 1978)
- **Pais de Geraldo:** Vicente de Salles Dias e Francisca Pereira Dias
- **Filhos de Maria e Geraldo:** Marizia Marcaccini Salles Dias e Vicente Marcaccini Salles Dias

VIDA E OBRA

Maria Marcaccini nasceu em Ouro Fino - MG, em 16 de maio de 1916. Com sete meses de idade, ela perdeu sua mãe e foi criada pelos padrinhos como filha, tendo uma educação esmerada e com muito carinho, quando recebeu o apelido de Mariinha, sendo assim chamada ao longo de sua vida. Em março de 1927, veio para Itajubá com sua irmã Lydia Marcaccini, trazidas pelo irmão mais velho Domingos Marcaccini.

Logo que chegou a Itajubá, começou a costurar com sua irmã Lydia e desenvolveram o corte de alta costura, tornando-se muito disputadas pelas senhoras da sociedade itajubense daquela época.

Maria casou-se com o tenente dentista Geraldo de Salles Dias, que servia no 4º Batalhão de Engenharia de Itajubá, em 08 de maio de 1935, com o qual teve um casal de filhos: Marizia Marcaccini de Sales Dias – casada com o engenheiro Celso Braga – e Vicente Marcaccini de Salles Dias, que seguiu a profissão do pai e casou-se com Lucília Oliveira.

Mulher de rara beleza, Maria passou a ter uma vida social intensa, trabalhando em equipe nas diversas obras sociais, como na ajuda à angariação de fundos para a construção do Lar da Providência, junto com D. Maria José Pereira, dinâmica e entusiasta amiga no desempenho de várias missões, e promovendo eventos e recepções nos salões do Clube Itajubense, onde sempre foi acatada, ouvida e respeitada.

Em 1961, quando Geraldo reformou-se na patente de coronel, mudaram-se para Volta Redonda - RJ, onde Maria faleceu em 06 de janeiro de 1979, com 62 anos.



Sentadas: D. Mariinha Marcaccini de Salles Dias, D. Noêmia Paiva Goulart e D. Dalila Janotti. Em pé: D. Lia Rennó Costa, D. Ivone Coelho, D. Conceição de Oliveira e D. Glória Miranda Ferrini

MAROTTI GIUSEPPE “JOSÉ”



Cidade de Maratea, Província de Potenza, região da Basilicata

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** 14 de fevereiro de 1894
- **Esposa:** Auristela Fazani
- **Filhos de Giuseppe “José” e Auristela:** Felícia (* não há dados, † 04 de abril de 1924) e Braz (1865, † 17 de julho de 1930)

VIDA E OBRA

Giuseppe “José” Marotti foi um dos primeiros imigrantes italianos a se estabelecer em Itajubá. É o que afirma o historiador Armelino Guimarães em sua coluna Colméia Itajubense. Essa informação valiosa demonstra um ciclo iniciado em meados do Século XIX e que se estendeu até metade de Século XX. Como todo italiano que se chamava Giuseppe, ao chegar no Brasil passava a ser chamado de José.

Além de um dos pioneiros em Itajubá, José Marotti foi, provavelmente, um precursor para que outros italianos arriscassem a sorte na mesma travessia do Atlântico em busca de uma vida nova.

José nasceu na Itália e se casou com Auristela Fazani. O casal teve dois filhos, Felícia e Braz Marotti.

No Brasil, quando permaneceu em Itajubá, José exerceu a profissão de serralheiro e funileiro.

Sua firma, denominada José Marotti & Cia, vendia em sua loja roupas feitas, ferragens, louças e cristais, permanecendo até o final do Século XIX. Seu empreendedorismo abriu espaço para que outros o sucedessem nesse ramo, como se observa na história de Itajubá e da imigração italiana.

Seu filho Braz Marotti se tornou um dos mais hábeis caldeireiros e funileiros das primeiras décadas do Século XX.

José voltou para sua terra natal e lá faleceu no dia 14 de fevereiro de 1894.

MAROTTI: Oriundo da cidade de Maratea, Província de Potenza, região da Basilicata

MAROTTI BRAZ



Cidade de Maratea, Província de Potenza, região da Basilicata

- **Nascimento:** 1865
- **Falecimento:** 17 de julho de 1930
- **Pai:** Giuseppe “José” Marotti
- **Mãe:** Auristela Fazani Marotti
- **Esposa:** Ana Albertina Bretanha de Jesus (* 21 de janeiro de 1898, † não há dados)
- **Pais de Ana Albertina:** Francisco José Romão e Alexandrina Bretanha de Jesus
- **Filhos de Braz e Ana Albertina:** José (* 01 de outubro de 1899, † 02 de setembro de 1960), Vicente (* 1904, † 13 de novembro de 1919), João (* 1906, † 08 de outubro de 1975), Victor (* 15 de fevereiro de 1918, † 28 de maio de 1964), Humberto (* 12 de setembro de 1921) e Francisco (* 1902, † 30 de março de 1975).

VIDA E OBRA

Braz Marotti é filho de Giuseppe “José” Marotti, um dos primeiros imigrantes italianos a se estabelecer em Itajubá nos meados do Século XIX. Na profissão de serralheiro e funileiro, seu pai muito contribuiu para o desenvolvimento da cidade.

Nascido na Itália, Braz veio para o Brasil ainda menino e aprendeu com o pai a arte de trabalhar o ferro. Seu pai voltou para a Itália e lá faleceu; Braz, então, em 1894, com 29 anos, tinha ficado em Itajubá e aqui permaneceu até o seu último dia.

Com 33 anos de idade, casou-se com Ana Albertina Bretanha de Jesus, em 22 de janeiro de 1898 e, segundo o arquivo paroquial, tiveram seis filhos.

Hábil na sua oficina de caldeiraria e funilaria ganhou notoriedade nas primeiras décadas do Século XX.

Em 13 de novembro de 1919, Braz perdeu o seu filho Vicente, de apenas 15 anos.

Braz faleceu, em 17 de julho de 1930, aos 65 anos; quinze dias depois do nascimento do seu neto Alcheste.

MAROTTI JOSÉ



- **Nascimento:** 07 de outubro de 1899
- **Falecimento:** 02 de setembro de 1960
- **Pai:** Braz Marotti
- **Mãe:** Ana Albertina Bretanha de Jesus
- **Esposa:** Adélia Citti Marotti (* 04 de outubro de 1896, † 1º de setembro de 1989)
- **Filhos de José e Adélia:** Irene (*03 de outubro de 1921), Alcheste (* 02 de julho de 1930) e Enio (* 27 de janeiro de 1933)

VIDA E OBRA

José Marotti nasceu em Itajubá e, no início do Século XX, José já era a terceira geração da família Marotti em Itajubá. Ele era neto de Giuseppe “José” Marotti um dos pioneiros imigrantes italianos que chegaram a Itajubá, por volta de 1870 e que se especializou em funilaria e caldeiraria.

Filho de Braz Marotti e Ana Albertina Bretanha de Jesus, José que nasceu em 1899, tomou outra direção no que se refere ao trabalho. Não seguiu a profissão do avô e do pai, mas se aperfeiçoou na construção civil.

Casou-se com Adélia e tiveram os filhos:

- Irene, nascida em 03 de setembro de 1921, em Itajubá, casada com João Inácio Fernandes, em 20 de dezembro de 1937;

- Alcheste, nascido em 02 de julho de 1930, em Itajubá, e casado, em 08 de maio de 1956, com Maria Aparecida Mandolesi Rosa.

- Ênio, nascido em 27 de janeiro de 1933, em Itajubá, casado com Elza Galvão.

José tirou o máximo da profissão, oferecendo a Itajubá suas habilidades e pôde contribuir para o desenvolvimento da cidade. Como afirma o historiador Armelino Guimarães, “José Marotti pertence à falange dos construtores do Itajubá deste século”, referindo-se ao Século XX.

No dia 02 de setembro de 1960, José Marotti faleceu.

MAROTTI JOÃO

- **Nascimento:** 1906
- **Falecimento:** 08 de outubro de 1975
- **Pai:** Braz Marotti
- **Mãe:** Ana Albertina Bretanha de Jesus
- **Esposa:** Maria do Carmo Filipe (* não há dados, † 16 de outubro de 1982)
- **Pais de Maria do Carmo:** Antônio Filipe dos Santos e Lucinda Ribeiro dos Santos
- **Filhos de João e Maria do Carmo:** Benedito (* 04 de outubro de 1928, † 20 de agosto de 1971), Maria José Moura (* 17 de abril de 1930), Braz Marotti (* 18 de janeiro de 1932), Lucinda Marotti de Oliveira (* 27 de janeiro de 1934), Eunice Marotti Ribeiro (* 28 de março de 1936), José Mauro Marotti (* 20 de dezembro de 1938), Regina Inês Marotti Moraes (* 10 de novembro de 1941), Ana Heloisa Fabri (* 30 de setembro de 1944) e Márcia Maria Marotti (* 17 de julho de 1949)

VIDA E OBRA

João Marotti nasceu em 1906. Filho de Braz e Ana Albertina, João dedicou sua vida à construção civil, seguindo a profissão do irmão José Marotti.

João se casou com Maria do Carmo Filipe, em 22 de dezembro de 1927, e tiveram nove filhos, três homens e seis mulheres:

- Benedito Marotti: nascido em 04 de outubro de 1928 e falecido em 20 de agosto de 1971, aos 42 anos; casou-se em 14 de outubro de 1952, em Aparecida – SP, com Maria Aparecida ;
 - Maria José Marotti: nascida em 17 de abril de 1930, casada em 14 de setembro de 1950 com Samuel Moura Sobrinho;
 - Braz Marotti: nascido em 18 de janeiro de 1932, casado em 27 de fevereiro de 1954;
 - Lucinda Marotti: nascida em 27 de janeiro de 1934, casada em 07 de junho de 1951 com José de Oliveira;
 - Eunice Marotti: nascida em 28 de março de 1936, casada com Benedito Vital Ribeiro;
 - José Mauro Marotti: nascido em 20 de dezembro de 1938, casado com Sheila Ferreira;
 - Regina Inês Marotti: nascida em 10 de novembro de 1941, casada em 30 de janeiro de 1960 com Antônio Moraes;
 - Ana Heloisa Marotti: nascida em 30 de setembro de 1944, casada em 21 de dezembro de 1963 com Vitor Souza Fabri;
 - Márcia Maria Marotti: nascida em 17 de julho de 1949.
- João faleceu aos 69 anos, no dia 08 de outubro de 1975.

MARZULLO ANGELO



Cidade de Bari, região da Puglia

- **Nascimento:** 19 de abril de 1855
- **Falecimento:** 28 de dezembro de 1928
- **Pai:** não temos informações
- **Mãe:** não temos informações
- **Esposa:** Catarina Morea Marzullo (* 1855, † 03 de julho de 1926)
- **Pais de Catarina:** José Morea e Dora Giulia Eulina
- **Filho de Angelo e Catarina:** Victor Marzullo (*, † 19 de junho de 1963)

VIDA E OBRA

Angelo Marzullo nasceu em Bari, região da Puglia Itália. Casou-se com Catarina Morea, nascida em Bari.

Angelo veio para Itajubá em 23 de janeiro de 1913. Nesse ano, fundou, na cidade, uma fábrica de camas de ferro.

Foi industrial e dono da primeira oficina mecânica movida a eletricidade em Itajubá, onde fabricava canos de ferro. Instalou também a Oficina Eletro-Mecânica Modelo em conjunto com a firma Paulo Freitas Wood e Cia.

Numa das edições do jornal "A Verdade", ele anunciava, em 1918, sua moderna oficina de serralheria e caldeiraria de cobre e ferro batido, em que fabricava carros, carroças, ferraduras, grades e outras obras e fazia reparos em máquinas a vapor e engenho de cana de qualquer sistema.

MARZULLO: Oriundo da cidade de Bari, região da Puglia

Foi ainda proprietário da Fábrica de Massas Alimentícias adquirida, em 1915, de Francisco Nisticó, localizada na Praça Adolfo Olinto e, posteriormente, na Avenida Coronel Carneiro Júnior, especializada em massas brancas e amarelas, como macarrão, aletria, lasanha e massas cortadas.

Angelo motivou Pompilio Ferrini na fabricação de massas alimentícias de todas as qualidades.

Angelo Marzullo faleceu em 28 de dezembro de 1928 e sua esposa, em 03 de julho de 1926, com 71 anos.

MARZULLO VICTOR



Cidade de Bari, região da Puglia

- **Nascimento:** 1890
- **Falecimento:** 19 de junho de 1963
- **Pai:** Angelo Marzullo (* 19 de abril de 1855, † 28 de dezembro de 1928)
- **Mãe:** Catarina Morea Marzullo (* 1855, † 03 de julho de 1926)
- **Esposa:** Sebastiana Caldas (* 1896, † 07 de novembro de 1966)
- **Pais de Sebastiana:** Tiago Caldas e Elisa Caldas
- **Filho de Victor e Sebastiana:** Ângelo Marzullo (* 04 de outubro de 1913, † 01 de outubro de 1985), Atílio Marzullo (* 16 de julho de 1917, † 07 de agosto de 1966), Tiago Marzullo (* 1919, † 23 de novembro de 1968), Maria Marzullo (* 1922, † não há dados), Alayde Marzullo (* 22 de dezembro de 1924, † não há dados), Victor Marzullo (* 09 de junho de 1927, † não há dados), Sebastião Marzullo (* 27 de setembro de 1932, † não há dados),

VIDA E OBRA

Victor Marzullo nasceu na Itália, sendo filho de Angelo Marzullo e de Catarina Morea Marzullo. Casou-se com Sebastiana Caldas, nascida em Pouso Alegre e com ela teve os filhos:

- Ângelo Marzullo, nascido em 04 de outubro de 1913, engenheiro;

- Atílio Marzullo, nascido em 16 de julho de 1917, desenhista, falecido em 07 de agosto de 1966;

- Tiago Marzullo, nascido em 1919, sapateiro, falecido, solteiro, em 23 de novembro de 1968;
- Maria Marzullo, nascida em 1922;
- Alayde Marzullo, nascida em 22 de dezembro de 1924;
- Victor Marzullo (filho), nascido em 09 de junho de 1927, casado em 12 de setembro de 1957, em Paraisópolis, com Alaíde Domiciano Pereira;
- Sebastião Marzullo, nascido em 27 de setembro de 1932, casado em 10 de julho de 1963 com Zilka Ferreira de Souza.

Victor era estabelecido com oficina de sapataria, de cujas atividades foi um dos mais competentes e tradicionais profissionais da primeira metade do Século XX.

Victor Marzullo foi sepultado em 19 de junho de 1963, com 73 anos de idade, e sua esposa, Sebastiana, em 07 de novembro de 1966, com 70 anos.

MARZULLO GUILHERME



Cidade de Bari, região da Puglia

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** abril de 1982
- **Pai:** não há dados
- **Mãe:** não há dados
- **Esposa:** Antonieta Silva (* 1914, † 23 de janeiro de 1976)
- **Pais de Antonieta:** Antonio Silva e Henriqueta Silva
- **Filhos de Guilherme e Antonieta:** Milton Marzullo (* 23 de março de 1938, † não há dados), Mirtes Marzullo (* 18 de junho de 1939, † não há dados), Ailton Marzullo (* 25 de agosto de 1944, † não há dados)

VIDA E OBRA

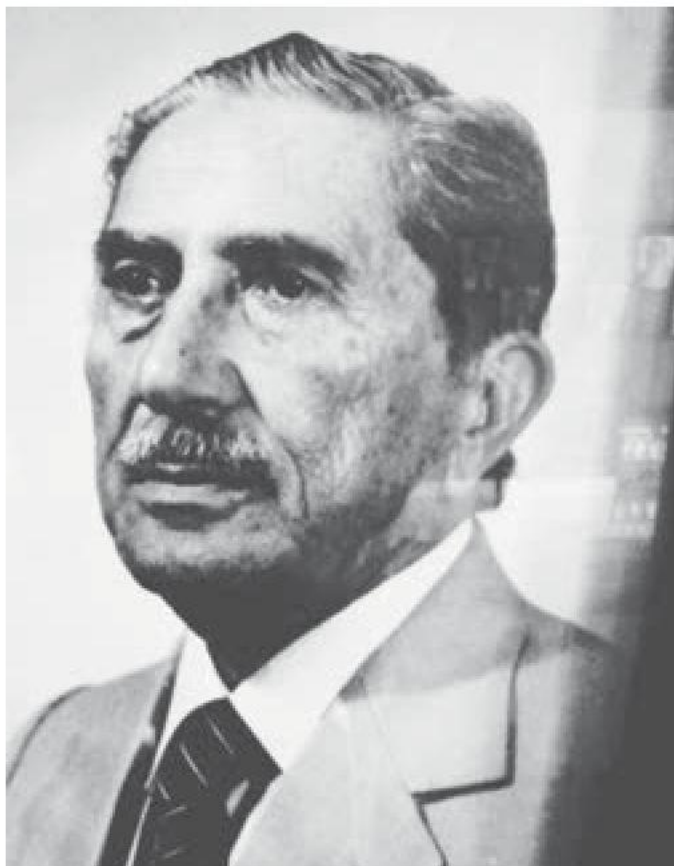
Guilherme Marzullo casou-se com Antonieta Silva, nascida em Santa Rita do Sapucaí, e com ela teve os filhos:

- Milton Marzullo, nascido em 23 de março de 1938, casado em 21 de novembro de 1970 com Maria d´Arc Rennó Villela;
- Mirtes Marzullo, nascida em 18 de junho de 1939, casada em 24 de dezembro de 1960, com Mauro Sidney Storino;
- Ailton Marzullo, nascido em 25 de agosto de 1944.

Guilherme Marzullo foi um dos mais competentes mecânicos da Fábrica de Armas, atual IMBEL, exercendo suas atividades na oficina de ferramental.

Sua esposa, Antonieta, foi sepultada em 23 de janeiro de 1976, com 62 anos, e Guilherme Marzullo faleceu em abril de 1982.

MARZULLO ÂNGELO



- **Nascimento:** 04 de outubro de 1913
- **Falecimento:** 01 de outubro de 1985
- **Pai:** Victor Marzullo (* 1890, † 19 de junho de 1963)
- **Mãe:** Sebastiana Caldas Marzullo (* 1896, † 07 de novembro de 1966)
- **Esposa:** Zilda de Lourdes Carvalho Marzullo
- **Pais de Zilda:** não há dados
- **Filho de Ângelo e Zilda:** Maria Solange Marzullo (* e † não há dados), Selma Marzullo (* 13 de setembro de 1954) e Marcos d'Ângelo Marzullo (* 03 de março de 1958, † não há dados)

VIDA E OBRA

Ângelo Marzullo nasceu em Pouso Alegre, sendo filho de Victor Marzullo e de Sebastiana Caldas Marzullo.

Casou-se com Zilda de Lourdes Carvalho, com quem teve os filhos:

- Maria Solange Marzullo Mendes, casada com Wolney Mendes;

- Selma Marzullo, nascida em 13 de setembro de 1954, casada, em 30 de julho de 1977, com Luiz Fernando Zaroni;

- Marcos d'Ângelo Marzullo, nascido em 03 de março de 1958, engenheiro formado na Escola Federal de Engenharia de Itajubá - EFEI, atualmente, UNIFEI, já falecido.

Ângelo formou-se engenheiro na turma de 1934 pelo então Instituto Eletrotécnico de Itajubá - IEI, atualmente, UNIFEI. Na mesma instituição, foi professor entre os anos de 1958 e 1982.

Era conhecedor e mestre de Topografia, matéria em que muito se aprofundou e, como engenheiro e professor, prestou relevantes serviços a Itajubá.

Ângelo Marzullo foi sepultado em 01 de outubro de 1985.



A Itajubá do passado: em primeiro plano, à esquerda, o casarão onde teve início a Escola de Engenharia de Itajubá

MASSELLI JACOB



Ponte metálica em Itajubá, à Rua Dona Maria Carneiro, construída pelos imigrantes italianos Jacob e Francesco Masselli

- **Nascimento:** 16 de abril de 1848
- **Falecimento:** 26 de setembro de 1897
- **Pai:** Nicolau Masselli
- **Mãe:** Maria Rosária
- **Esposa:** Maria Tereza Masselli (* 07 de maio de 1867, † 05 de junho de 1947)
- **Pais de Maria Tereza:** Francisco Masselli e Cristina Ricca
- **Filhos de Jacob e Maria Tereza:** José (* 23 de março de 1885, † 01 de março de 1886), José (*segundo com este nome:* * 29 de outubro de 1887, † não há dados), Francisco (17 de março de 1888, † não há dados), Alfredo (* 1890, † não há dados), João (* 1890, † 06 de fevereiro de 1891), Antenor (* 1891, † 07 de dezembro de 1894), Olívia (* 1894, † 28 de dezembro de 1894) e João (*segundo com este nome:* * e † não há dados)

VIDA E OBRA

Jacob Masselli nasceu, em 16 de abril de 1848, na cidade de Paola, Província de Cosenza, na Calabria, sul da Itália.

A saga dos membros da família Masselli começa com sua saída na Itália. Chegando aos Estados Unidos, onde desembarcaram, não conseguiram trabalho, pois necessitavam falar o Inglês fluentemente e tiveram que tomar novos rumos. Seguiram, então, para a Argentina, um país com mais evidência, na época. Naquele país tiveram problemas intestinais pela falta de água potável do local e não se adaptaram.

A família resolveu vir para o Brasil, desembarcando no porto do Rio de Janeiro, em 1875. Assim que chegaram, houve alguns problemas graves: um dos primos foi assassinado. Amedrontada, a família, então, mais uma vez resolveu mudar-se do Rio e foi para as fazendas trabalhar na

MASSELLI: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria.

agricultura. Tiveram dificuldades, pois tinham uma profissão definida e não se adaptaram ao trabalho no campo.

Em busca de alternativa, dirigiram-se para Itajubá, onde se adaptaram, pois logo Jacob e seu irmão Francesco (Francisco) puderam oferecer os seus conhecimentos e seu ofício à população. Como eram funileiros, ferreiros, serralheiros e armeiros, começaram um bom e lucrativo negócio na cidade.

Nove anos depois que estavam em terras brasileiras, Jacob e Maria Tereza, filha de seu irmão Francisco, se casaram no dia 28 de junho de 1884, ele com 36 anos e ela com 17 anos. O casal teve os seguintes filhos:

1 - José, nascido em 23 de março de 1885 e falecido em 1º de março de 1886;

2 - José, o segundo com este nome, nascido em 29 de outubro de 1887 e falecido solteiro;

3 - Francisco, nascido em 17 de março de 1888; casado com Maria Biotri Masselli, com quem teve quatro filhos: Manuel, solteiro; Waldemar, com um filho e dois netos; Luiz, com dois filhos e cinco netos; Olívia, com seis filhos e 12 netos;

4 - Alfredo, nascido em 1890; casado com Mariquita, com quem teve quatro filhos: Enoch, com dois filhos e quatro netos; Alfredo, com seis filhos e nove netos; Maria Rita, com quatro filhos e três netos, e Yolanda, com um filho;

5 - João, nascido em 1890 e falecido em 06 de fevereiro de 1891;

6 - Antenor, nascido em 1891 e falecido em 07 de dezembro de 1894;

7 - Olívia, nascida em 1894 e falecida em 28 de dezembro do mesmo ano;

8 - João, o segundo com este nome, também falecido solteiro.

Os negócios com o irmão Francisco iam de vento em popa e, em 15 de setembro de 1883, firmaram contrato para fabricar lâmpões a querosene para a iluminação pública, algo inédito na cidade.

Segundo o Ibitira, informativo da Academia Itajubense de História (AIH), de nº. 101, “em janeiro de 1884, inaugurou-se a iluminação pública, por meio de 61 lâmpões a querosene, distribuídos pelas ruas e esquinas: no ano seguinte, o número de lâmpões – que foram construídos e instalados por Jacob Masseli – se elevou para 80 unidades”.

Jacob foi um dos mais hábeis profissionais do século em que viveu. Na edição de 30 de abril de 1886 do jornal itajubense “A Verdade” encontrava-se este anúncio:

“OFICINAS de ferreiro, serralheiro, mecânico e caldeireiro de Jacob Masselli & Irmão, Rua Major Pereira e Largo dos Andradas. Fazem todas as obras concernentes a estas artes, bem como grades de ferro para sacadas, jardins, cemitérios, catacumbas e para portões de ferro, de todos os modelos e gosto do freguês. Também se fazem lâmpões para iluminação pública e, finalmente, consertam-se máquinas de costura e caixas de música, tudo por preços reduzidos, cumprindo advertir que as foices fabricadas nesta oficina serão marcadas com FM, sendo tudo afeiçoado pelos signatários – Itajubá, 26 de abril de 1886”.

A Rua Major Pereira e o Largo dos Andradas, constantes no anúncio, correspondem hoje, respectivamente, à Rua João de Azevedo e à Praça Getúlio Vargas.

Jacob acabou por montar uma loja de artigos de flandres, cobre, obras de caldeiraria e serralheria, com sortimento de canecas, regadores, lamparinas, tachos, alambiques, espetos, suportes para lavatório, foices, ferraduras e ancinhos por ele fabricados.

Jacob progrediu muito e teve várias propriedades, além de uma boa situação financeira. Sua esposa era uma mulher muito bonita e frequentava as casas das pessoas de destaque da sociedade itajubense, como a do prefeito da época.

Jacob faleceu, em Itajubá, no dia 26 de setembro de 1897, aos 49 anos, deixando Maria Tereza com 30 anos. Com a morte do marido, a fonte de renda da família ficou comprometida, o que a obrigou a vender os seus bens.

Ela se casou, pela segunda vez, com Eleutério Ciccattelli, com quem teve um filho, de nome Ernesto, mas já não tinha a mesma disponibilidade financeira de antes, uma vez que estava acostumada a uma vida de luxo. Então, Maria Tereza e Eleutério resolveram vender o restante dos bens e mudaram-se para São Paulo, onde já residia e trabalhava seu filho Alfredo.

FILHOS DE JACOB



Maria Tereza ficou viúva de Jacob aos 30 anos



Waldemar, um dos netos de Jacob Masselli

MASSELLI FRANCESCO



Francesco Masselli e sua esposa, Cristina Ricca

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** 08 de outubro de 1901
- **Pai:** Nicolau Masselli
- **Mãe:** Maria Rosária
- **Esposa:** Cristina Ricca (* 1838, † 11 de julho de 1905)
- **Filhos de Francisco e Cristina:** Miguel (* e † não há dados), Angelina (* 1857, † 18 de agosto de 1923), Ana Maria (* e † não há dados), Maria Tereza (* 07 de maio de 1867, † 05 de junho de 1947), Nicolau (* 25 de dezembro de 1868, † 02 de agosto de 1940), e Maria Rosária (* 08 de dezembro de 1873, † 09 de janeiro de 1959)

VIDA E OBRA

Francesco (Francisco) Masselli nasceu na cidade de Paola, Província de Cosenza, na Calabria, sul da Itália.

Em Paola conheceu e casou-se com Cristina Ricca. Em 1875, desembarcaram no Brasil na intenção de “ganhar a América” com seus seis filhos: Miguel, Nicolau, Angelina, Ana Maria (Mariucha), Maria Tereza e Maria Rosária. Sua esposa tinha 37 anos quando chegou ao Brasil.

Os imigrantes italianos de sua família chegaram ao Brasil pelo porto do Rio de Janeiro, em 1875. Dirigiram-se para Itajubá, onde se adaptaram, pois, logo, Francisco e seu irmão Jacob puderam oferecer os seus conhecimentos e seu ofício à população. Como eram funileiros, ferreiros, serralheiros e armeiros começaram um bom e lucrativo negócio na cidade.

Logo assumiram vários trabalhos; entre eles, por determinação da Justiça, colocavam pegas de ferros nos escravos condenados. Foram da oficina da família Masselli as calhas fabricadas para serem colocadas em toda extensão do Mercado Municipal, quando localizado à Praça Adolpho Olinto.

Na edição de 08 de julho de 1893 do jornal da época “A verdade”, eles anunciavam suas atividades para seus clientes: *“ATENÇÃO - Francisco Masselli comunica ao público que faz em sua oficina trancas de ferro para portas por um sistema moderno, com segredo, para livrar dos gatunos”*.

Um ano depois, em 1894, conhecedores da arte de trabalhar o ferro, empreendiam e expandiam os seus negócios, oferecendo novos produtos, conforme o jornal “A verdade” voltava a informar suas vendas de ferro sueco, aço de Milão legítimo e outros para ferrar cavalos, para eixos de engenhos ou de veículos e para outros fins.

Os trabalhos desenvolvidos na oficina desses imigrantes italianos, principalmente o de serralheria artística, tornaram-se conhecidos em várias cidades do Sul de Minas e do norte de São Paulo. Os irmãos fabricavam portões de cemitérios, grades de residências, balaustradas e grades de cadeia, chegando a produzir uma armação metálica para um teatro na cidade de Campinas - SP.

Uma importante obra dos irmãos Masselli em Itajubá foi a construção da ponte metálica à rua Dona Maria Carneiro, ligando os bairros Boa Vista e Avenida, na qual foi utilizado grande quantidade de material importado.

Francisco doou para a municipalidade uma faixa de terra que possibilitou a abertura da rua Eugênio Sales, no Centro da cidade.

Quanto aos filhos de Francisco Masselli:

- Miguel foi comerciante nas décadas de 1880 e 1890, tendo se estabelecido com um armazém de secos e molhados à rua Major Pereira (atual rua Dr. João de Azevedo), e com Francisco e Silvério Sanches integrou a firma Masselli & Sanches em 1889; sua casa comercial foi continuada pela firma Garcia & Gomes, em 1891; na mesma época, estabeleceu-se com um hotel; Miguel faleceu solteiro;

- Nicolau se casou com Ana Trocolli;

- Angelina se casou com Estevão Donato Carelli;

- Ana Maria se casou com Fortunato Sciamarella;

- Maria Tereza, então com 17 anos, se casou com seu tio Jacob, em 1884;

- Maria Rosária se casou com Silvério Sanches.

Francisco Masselli faleceu, em Itajubá, no dia 08 de outubro de 1901. Seu nome foi dado a uma das principais ruas do Centro da cidade de Itajubá que cruza a Avenida Coronel Carneiro Júnior. Sua esposa, Cristina, faleceu depois de 30 anos vivendo em solo itajubense, no dia 11 de julho de 1905, aos 67 anos.



A Itajubá do passado: Praça Cesário Alvim, atual Praça Theodomiro Santiago

MASSELLI NICOLAU



Nicolau Masselli e sua esposa, Anna Troccoli, à esquerda

- **Nascimento:** 25 de dezembro de 1868
- **Falecimento:** 02 de agosto de 1940
- **Pai:** Francisco Masselli (* não há dados, † 08 de outubro de 1901)
- **Mãe:** Cristina Ricca Masselli (* 1838, † 11 de julho de 1905)
- **Esposa:** Anna Troccoli (* 10 de junho de 1870, † 08 de março de 1946)
- **Pais de Anna:** José Troccoli e Antonietta Passarelli Troccoli
- **Filhos de Nicolau e Anna:** Maria do Carmo (* 09 de junho de 1898, † 12 de setembro de 1956), Maria (* 05 de julho de 1899, † não há dados), Francisco (* 1900, † 16 de abril de 1901), Cristina (* 1901, † 27 de maio de 1901), Alzira (* 1º de fevereiro de 1902, † 23 de agosto de 1983), Francisco (*segundo com este nome:* * 28 de outubro de 1903, † 24 de outubro de 1985), Yolanda (* 07 de junho de 1905, † 03 de julho de 1993), José (* 03 de dezembro de 1907, † 18 de agosto de 1986), Antonietta (* 31 de outubro de 1909, † 08 de dezembro de 1983), Carmen (* 06 de maio de 1911, † 26 de março de 1997) e Alayde (* 25 de maio de 1919, † 20 de junho de 1990).

VIDA E OBRA

Filho de Francisco Masselli e Cristina Ricca Masselli, Nicolau Masselli nasceu no dia 25 de dezembro de 1868, na cidade de Paola, Província de Cosenza, na região da Calabria, no sul da Itália.

Já no Brasil, onde desembarcou com seus familiares em 1875, Nicolau deu continuidade às obras da oficina de seu pai, Francisco, e de seu tio, Jacob, pois ele soube trabalhar a arte do ferro, atuando em sua oficina própria, também como serralheiro, ferreiro e funileiro.

Além de todos os serviços que já eram executados pela oficina de seu pai, ele deu grande ênfase a portões residenciais artísticos, como o de sua casa, que ficava na antiga rua Major Pereira, nº 55, hoje, rua Dr. João de Azevedo, nº 370, onde ainda residem seus descendentes.

Nicolau se casou com Ana Troccoli, nascida em 10 de junho de 1870, em Campanha – MG, e filha dos também italianos José Troccoli e Antonietta Passarelli Troccoli. O casal teve os seguintes filhos:

1 - Maria do Carmo (Lili), nascida em 09 de junho de 1898 e falecida em 12 de setembro de 1956; ela possuía dons artísticos, tocando bandolim e piano; foi casada com o engenheiro João Duarte Sobrinho, formado, em 1936, pelo Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI), e que iniciou sua vida profissional na Fábrica de Armas de Itajubá, transferindo-se, posteriormente, para Bebedouro - SP e tendo trabalhado, por último, na prefeitura de Belo Horizonte; o casal teve quatro filhos que cursaram até o 2º grau em Itajubá:

- João Duarte, nascido em 26 de maio de 1925; representante de produtos farmacêuticos; fundador e jogador do São Paulo Futebol Clube, de Itajubá; falecido em 28 de agosto de 1985;

- Milton, nascido em 03 de novembro de 1926, militar reformado como coronel em Brasília, onde vive;

- Aluizio, nascido em 14 de junho de 1930, empresário aposentado, residente em Divinópolis - MG;

- Ana Maria, nascida em 18 de outubro de 1933, professora formada pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus, vive em Congonhas - MG;

2 - Maria, a segunda com este nome, nascida em 05 de julho de 1899;

3 - Francisco, nascido em 1900 e falecido em 16 de abril de 1901;

4 - Cristina, nascida em 1901 e falecida em 27 de maio de 1901;

5 - Alzira, nascida em 1º de fevereiro de 1902 e falecida em 23 de agosto de 1983; era costureira; foi casada com Albano Barbosa, viajante e representante de várias firmas especialmente de calçados e/ou tecidos; em Itajubá, ele teve uma loja comercial e foi vice-presidente, por duas gestões, do Clube Itajubense, local em que todas as noites comparecia para o café com os amigos que cultivava; o casal teve apenas um filho:

- Joaquim Carlos Masselli Barbosa, nascido em 02 de maio de 1933 e formado pelo Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI) em 1957; casado com Maria Lúcia Costa Barbosa; trabalhou na Ligth, no Rio de Janeiro, onde galgou todos os cargos e chegou a Diretor Adjunto; sempre foi ligado ao esporte e ainda hoje pratica o *volleyball*; é pai de três filhos.

6 - Francisco, nascido em 28 de outubro de 1903; era o segundo filho de Nicolau Masselli e de Ana Troccoli Masselli com este nome; trabalhou como caixeiro viajante em Itajubá; em determinada época, saiu pela região sulmineira comercializando tecidos e chegou a Cataguases, na Zona da Mata mineira, onde se fixou; lá, casou-se com Eduviges Duarte, mas não teve filhos; montou uma loja de sedas, sendo reconhecido como 'Chiquinho das Sedas', e, posteriormente, teve uma grande loja de móveis na mesma cidade, onde sempre foi muito querido e considerado; faleceu em 24 de outubro de 1985.

7 - Yolanda, nascida em 07 de junho de 1905; sempre foi dedicada à culinária, e faleceu, solteira, em 03 de julho de 1993;

8 - José, nascido em 03 de dezembro de 1907; casou-se em Aparecida - SP, em 09 de novembro de 1937, com Lúcia Pinto Masselli, natural de Passa Quatro - MG, com quem teve os filhos:

- Ana Lúcia, nascida em 07 de setembro de 1938; professora, falecida em 29 de janeiro de 1968.

- José Nicolau, nascido em 05 de março de 1942; desembargador; casado com Vitória Maria Sena;

- Yolanda Maria, nascida em 20 de setembro de 1943; professora; casada com Antônio Carlos Rodrigues; teve três filhos: Daniele, Juliane e Cristiane;

- Márcio, nascido em Belo Horizonte - MG, em 25 de setembro de 1948; economista; casado com Célia Teixeira;

- Grácia Mônica, nascida em 18 de maio de 1951; psicóloga e professora de Filosofia; casada com José Pedro Hartman Viana;

- Sérgio Donus, nascido em 26 de janeiro de 1953; médico; casado com Cristiane Rodrigues.

Além de outros serviços prestados a Itajubá, José foi o primeiro secretário da filial da Sociedade Mineira de Proteção aos Lázaros, fundada na cidade, em 1931, pelo Dr. Gualter Gonçalves.

Depois de ter trabalhado na ferraria de seu pai, decidiu cursar a Escola de Farmácia existente em Itajubá na época. Após sua graduação, através de um concurso, foi admitido na Rede Mineira de Viação Sul, por volta de 1940, tendo chegado a chefe de serviço de farmácia, em Belo Horizon-

te, onde aposentou-se.

José Trocolli Masselli foi um esportista de grande constituição física, tendo atuado como goleiro no Itajubense Futebol Clube. Ele faleceu no dia 18 de agosto de 1986, no Rio de Janeiro.

9 - Antonieta, nascida em 31 de outubro de 1909; dedicava-se aos serviços diários de arrumação da casa; foi para Belo Horizonte, onde aprendeu corte e costura pelo método centesimal, recém lançado na época; retornando a Itajubá, passou a ensinar o que tinha aprendido; faleceu em 08 de dezembro de 1983.

10 - Carmen, nascida em 06 de maio de 1911; formou-se professora pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus e se aposentou na profissão; também se dedicava à casa, como boa descendente de italianos; faleceu, solteira, em 26 de março de 1997;

11 - Alayde, nascida em 25 de maio de 1919; formada pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus; trabalhou, cerca de nove anos, no Banco Itajubá; foi casada com o engenheiro José Jairo de Proença, formado pelo IEI em 1947; não tiveram filhos e viveram grande parte de suas vidas em Curitiba – PR, retornando a Itajubá em 1983, onde ela permaneceu até sua morte em 20 de junho de 1990.

Nicolau e Don'Ana, como Ana Trocolli era chamada, tiveram uma pensão que oferecia estadia completa ou apenas alimentação, principalmente para os alunos das primeiras turmas do Instituto Eletrotécnico e Mecânico de Itajubá (IEMI), atual UNIFEI, sendo que muitos destes se tornaram amigos dos Masselli.

A família também doou um terreno na esquina da atual rua Francisco Masselli com a avenida Coronel Carneiro Júnior para a construção da cadeia pública de Itajubá, que perdurou durante décadas. No mesmo local, foi construído, depois, o prédio da Caixa Econômica Estadual (Minas Caixa), onde, atualmente, funciona uma loja comercial.

Nicolau Masselli faleceu, em Itajubá, no dia 02 de agosto de 1940, aos 71 anos e sua esposa Ana Trocolli, em 08 de março de 1946.

OS FILHOS DE NICOLAU MASSELLI



Maria do Carmo (Lili) - Primeira filha do casal Nicolau e Anna



Francisco Masselli



José Masselli



Da esquerda para a direita: Yolanda, Carmem e Antonieta; Albano, sua esposa Alzira e seu filho Joaquim Carlos



Alayde - A caçula do casal Nicolau e Anna

MASSELLI SALVADOR



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria.

- **Nascimento:** 1849
- **Falecimento:** 25 de junho de 1926
- **Pai:** Antonio Masselli Di Francesco
- **Mãe:** Carmela Fiorino Masselli (* não há dados, † 09 de março de 1894)
- **1ª Esposa:** Clarinda Storino (* não há dados, † 22 de maio de 1891)
- **Filhos de Salvador e Clarinda:** Maria (* 1885, † 07 de dezembro de 1885), João (* 01 de dezembro de 1886, † 08 de março de 1887), João (segundo com este nome - * 09 de dezembro de 1887, † não há dados), Carmela (* 27 de dezembro de 1888, † não há dados), Romana (* 1890, † não há dados) e Francisca (* 1890, † não há dados)
- **2ª Esposa:** Luiza Ribeiro da Luz (* 1875, † 17 de novembro de 1905)
- **Filhos de Salvador e Luiza:** Waldemar Masselli (* 10 de maio de 1893, † 20 de fevereiro de 1967), Brás Masselli (* 03 de fevereiro de 1895, † 12 de fevereiro de 1960), Francisco (* 1895, † não há dados), Ana (* 1896, † 10 de março de 1971), José (* 1897, † não há dados), Maria Luiza (* 1º de novembro de 1898, † não há dados), João Braz (* 04 de dezembro de 1901, † 13 de janeiro de 1971), Carmela (segunda com este nome - * 1903, † 24 de abril de 1923), Benedito (* 1904, † não há dados), Maria (terceira com este nome - * 1905, † não há dados)

VIDA E OBRA

Salvador nasceu em 1849, na cidade de Paola, Província de Cosenza, na Itália. Casou-se em primeiras núpcias, em 17 de maio de 1884, com Clarinda Storino, com quem se mudou para o Brasil, vindo morar em Itajubá.

Era irmão de Raffaello, Hercules e Agostinho. Dos irmãos, Raffaello morou e teve oficina de sapatos em Itajubá e Hercules ficou morando no Rio de Janeiro, onde se casou e era sapateiro dos artistas do Teatro Municipal. O outro, Agostinho Masselli, veio casado da Itália e foi morar em Brazópolis, mas sua família não se adaptou no Brasil, retornando para a Itália.

Salvador exerceu em Itajubá a profissão de ferreiro e faleceu em 23 de junho de 1926.

Com Clarinda, Salvador teve os seguintes filhos: Maria, falecida recém-nascida; João, falecido com três meses de idade; João, o segundo com este nome; Carmela, falecida ainda criança;

Romana, também falecida criança, e Francisca, que se casou, em 30 de outubro de 1919 com Armando de Oliveira Costa.

Salvador se casou pela segunda vez em Itajubá com Luiza Ribeiro da Luz, em 07 de janeiro de 1892, com quem teve os filhos:

1 - Waldemar Masselli, nascido em 10 de maio de 1893; casou-se, em 28 de setembro de 1915, com Julieta Fonseca de Oliveira Masselli, filha de Eduardo Fernandes da Fonseca e de Maria de Oliveira da Fonseca. Com ela teve os filhos:

- Antônio, nascido em 1916 e falecido em 21 de março de 1917;
- Maria, nascida em 1918 e casada em 21 de janeiro de 1939 com Genuíno Vieira Cortez, funcionário da Fábrica de Armas de Itajubá, depois IMBEL;

- Maria José, falecida com apenas cinco meses de idade em 10 de maio de 1920;
- Severo Masselli, nascido em 06 de dezembro de 1923, foi mecânico de precisão e chefe da Oficina de Tornos da Fábrica de Armas de Itajubá, mais tarde Indústria de Material Bélico (IMBEL). Casou-se em Aparecida – SP, no dia 28 de junho de 1947, com Luci de Melo Silva;

- Waldemar, nascido em 10 de janeiro de 1926 e falecido em 11 de agosto de 1928;
- Maria Auxiliadora, nascida em 20 de setembro de 1928 e sepultada em 06 de fevereiro de 1937;

- Mário Masselli, nascido em 10 de agosto de 1930 e casado em 20 de dezembro de 1952, em Espírito Santo do Pinhal, com Maria do Rosário Peres, sendo o mesmo proprietário da Serralheria São José, um dos mais conceituados estabelecimentos do gênero em todo o Sul de Minas;

- Nair, nascida em 11 de maio de 1932, casada em 14 de junho de 1952, com José Geraldo Júnior;

- Benedita, nascida em 10 de abril de 1935, casada em 15 de janeiro de 1957 com Afonso da Silveira Campos.

2 - Bras Masselli, casado, em 25 de julho de 1928, com Celestina Rodrigues;

3 - Francisco, que residiu em Lorena – SP;

4 - Ana Masselli Pereira (Dona Cotinha), casada, em 30 de dezembro de 1914, com Sebastião Rennó Pereira, falecido em 24 de outubro de 1954;

5 - José;

6 - Maria Luiza, casada em 25 de julho de 1917, com José Pereira Braga;

7 - João Braz, um dos destacados obreiros da cidade de Itajubá da primeira metade do Século XX, casado com Zelinda da Silva Masselli, nascida em 15 de dezembro de 1897 e falecida em 29 de junho de 1975, com quem teve os filhos:

- Jacó, nascido em 1924 e casado, em 28 de dezembro de 1946, com Terezinha Fernandes;
- Jonas, nascido em 12 de janeiro de 1927 e falecido em 24 de março de 1927;
- Sebastiana, gêmea de Jonas, nascida em 12 de janeiro de 1927 e falecida em 11 de fevereiro de 1927;

- Terezinha, nascida em 17 de junho de 1928, casada com Joaquim Borges, em 20 de julho de 1948, e falecida em 31 de janeiro de 1978;

- José, nascido em 25 de janeiro de 1930, casado em 28 de maio de 1953 com Benedita Pinto;

- Débora, nascida em 24 de junho de 1933, casada em 12 de junho de 1951, com Onofre Alves Ferreira;

- Jair, nascido em 13 de março de 1932, casado em 16 de fevereiro de 1954, com Vicentina Silva;

- Carmela, nascida em 20 de novembro de 1935 e falecida em 25 de janeiro de 1936;

- Cirinéa, nascida em 23 de agosto de 1939, e Luzia, de quem não há dados sobre seu nascimento e falecida em 29 de janeiro de 1945.

MASELLI RAFFAELLO



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

- **Nascimento:** 25 de dezembro de 1859
- **Falecimento:** 19 de agosto de 1931
- **Pai:** Antonio Masselli Di Francesco
- **Mãe:** Carmela Fiorino Masselli (* não há dados, † 09 de março de 1894)
- **Esposa:** Amélia Vieira (* 13 de maio de 1875, † 05 de julho de 1953)
- **Pais de Amélia:** Antonio Vieira de Souza Primo e Maria Cândida do Espírito Santo
- **Filhos de Raffaello e Amélia:** Raphael Masselli Filho (* 02 de agosto de 1906, † 14 de março de 1947)

VIDA E OBRA

Raffaello nasceu em 25 de dezembro de 1859, na cidade de Paola, região da Calabria, no sul da Itália. Era filho de Antonio Masselli Di Francesco e Carmela Fiorino Masselli, falecida no Rio de Janeiro em 09 de março de 1894, e irmão de Salvador, Hercules e Agostinho.

Dos irmãos, Salvador era ferreiro e viveu em Itajubá. Hercules ficou morando no Rio de Janeiro, onde se casou e era sapateiro dos artistas do Teatro Municipal. O outro, Agostinho Masselli, veio casado da Itália e foi morar em Brazópolis, mas sua família não se adaptou no Brasil, retornando para a Itália.

Ele se casou, em 12 de setembro de 1896, com Amélia Vieira, nascida em 13 de maio de 1875 e falecida em 05 de julho de 1953. Com ela teve um filho, Raphael Masselli Filho, batizado com dois meses de idade em 15 de setembro de 1906 e que, mais tarde, casou-se com Aurélia Costa.

Raffaello teve oficina de sapataria em Itajubá, no início do século XX, à rua Major Pereira, atual rua Dr. João de Azevedo. Ele fabricava calçados sob medida e seu estabelecimento figura à página 146 do livro "Município de Itajubá", do professor Pedro Bernardo Guimarães, editado em 1915.

Uma propaganda sobre seu estabelecimento informava com a grafia da época: *"Sapataria Raphael Masseli com officina de sapateiro nesta cidade, a rua Major Pereira (taboleta R. M), participa ao publico que em sua officina aprompta-se qualquer encomenda em 24 horas, por preço os mais rasoaveis possíveis. ITAJUBÁ – RUA MAJOR PEREIRA – RAPHAEL MASELLI"*.

Raffaello faleceu em Itajubá em 19 de agosto de 1931.

MASSELLI RAPHAELE FILHO



- **Nascimento:** 02 de agosto de 1906
- **Falecimento:** 14 de março de 1947
- **Pai:** Raffaello Masselli (* 25 de dezembro de 1859, † 19 de agosto de 1931)
- **Mãe:** Amélia Vieira Masselli (* 13 de maio de 1875, † 05 de julho de 1953)
- **Esposa:** Aurélia Alvarenga Costa (* 16 de agosto de 1914, † 12 de dezembro de 1991)
- **Pais de Aurélia:** Lucas de Oliveira Costa e Cândida Alvarenga Costa
- **Filhos de Raphaelle e Aurélia:** Benedito (* 29 de março de 1940), Rosamélia (* 30 de março de 1941), Hércules (* 31 de agosto de 1942, † 1981), Antônio (* 23 de maio de 1943) e Adailton (* 19 de agosto de 1944).

VIDA E OBRA

Raphaelle Masselli Filho nasceu em 02 de agosto de 1906, na cidade de Itajubá. Era filho de Raffaello Masselli e Amélia Vieira Masselli.

Ele se casou, em 12 de janeiro de 1938, com Aurélia Alvarenga Costa, nascida em 16 de agosto de 1914 e falecida em 12 de dezembro de 1991, filha de Lucas de Oliveira Costa e Cândida Alvarenga Costa.

Com Aurélia, Raphaelle teve os seguintes filhos:

- Benedito, nascido em 29 de março de 1940, que se tornou engenheiro elétrico e se casou com Dircinéia Masselli Felix, falecida;
- Rosamélia, nascida em 30 de março de 1941, que se casou com Manoel Bernardo Neto, falecido;
- Hércules, nascido em 31 de agosto de 1942 e falecido em 1981, e que se casou com Iza Chiaradia;
- Antônio, nascido em 23 de maio de 1943, que se tornou advogado e se casou com Silvia;
- Adailton, nascido em 19 de agosto de 1944, que se formou economista e se casou com Maria Piedade.

Raphaelle foi sapateiro, como seu pai, Raffaello, que teve oficina de sapatos em Itajubá, no

início do século XX, à rua Major Pereira, atual rua Dr. João de Azevedo e onde fabricava calçados sob medida.

Raphaele faleceu em Itajubá em 14 de março de 1947.



Cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

MEGALE GENNARO



Cidade de Rivello, Província de Potenza

- **Nascimento:** 02 de maio de 1850
- **Falecimento:** 15 de abril de 1936
- **Pai:** Giovanni Megale
- **Mãe:** Mileo Teresa
- **Esposa:** Isaura Maria da Conceição
- **Filhos de Gennaro com Isaura:** João (*17 de setembro de 1880, † 04 de agosto de 1949) e mais 11 irmãos: Pedro, Teresa, José Antonio, Maria, Deolinda, Carmem, Guilhermina, Antonio, Maria José, Vicente e Marianna.

VIDA E OBRA

Filho de Giovanni e Mileo Teresa, Gennaro Megale nasceu na Comuna de Rivello, Província de Potenza, em 02 de maio de 1850.

Por volta de 1874, Gennaro saiu da Itália e imigrou para o Brasil com seus irmãos Nicola, Giuseppe, Salvatore, Pietro e Braz.

Pietro e Nicola eram casados e foram para o Rio de Janeiro. Giuseppe, Gennaro e Braz fixaram-se em Borda da Mata, no Sul de Minas.

Gennaro continuou em Borda da Mata e adquiriu todo o lado do “campo”, onde atualmente encontra-se a Praça Antonio Megale. Era um modesto mascate que comprava no Rio de Janeiro os tecidos para comercializar no Sul de Minas.

Em suas andanças, conheceu Isaura Maria da Conceição, em Santa Quitéria (atual Ipuina), onde seus pais possuíam fazenda. Casaram-se no dia 08 de novembro de 1879 e tiveram 12 filhos.

Gennaro faleceu no dia 15 de abril de 1936, na cidade de Borda da Mata. Os Megale chegaram a representar a maior parte da população bordamatense.

MEGALE: Oriundo da Comuna de Rivello, Província de Potenza

MEGALE JOÃO



1- Luiz; 2 - José; 3 - José Lauro; 4 - Lauro; 5 - Wilson; 6 - Edmundo; 7 - Olivo; 8 - Augusto Cobra; 9 - Lauro; 10 - Abdon; 11- João; 12 - Francisco; 13 - Januario Megale Neto; 14 - Filomena; 15 - Francisca; 16 - Darcy; 17 - Marina; 18 - Carmem; 19 - Olivo Wilson; 20 - Isaura; 21 - Afonsina Reis; 22 - Maria Antonieta; 23 - Abdon; 24 - Maria Dorotéia; 25 - Maria Costa; 26 - Adélia de Castro; 27 - Maria Dorotéia; 28 - Natércia; 29 - Maria Imaculada; 30 - Olivia Maria; 31- Rosa Maria; 32 - Olivia Oscarlina Guimarães; 33 - João Megale; 34 - Ana Maria; 35 - Maria Aparecida; 36 - Maria Antonieta; 37 - Francisco; 38 - João Carlos; 39 - Francisco; 40 - João Olivo; 41 - João Megale Neto; 42 - Januario Megale Filho; 43 - Alexandre e 44 - Heitor

- **Nascimento:** 17 de setembro de 1880
- **Falecimento:** 04 de agosto de 1949
- **Pai:** Gennaro Megale
- **Mãe:** Isaura Maria da Conceição
- **Esposa:** Olívia Oscarlina Guimarães
- **Filhos de João com Olívia:** Januário (* 05 de novembro de 1899, † 29 de junho de 1975) e mais 7 irmãos: Francisco, João, Abdon, Lauro, Isaura, Olivo, Wilson (faleceu logo após o nascimento).

VIDA E OBRA

João Megale é o filho mais velho de Gennaro Megale e Isaura Maria da Conceição, tendo nascido em 17 de setembro de 1880.

Ele foi comerciante de secos e molhados e, em sua juventude, conheceu Olívia Oscarlina Guimarães, com quem se casou no dia 11 de fevereiro de 1899.

O casal teve 14 filhos, entre os quais, Januário Megale, o mais velho, nascido em Borda da Mata em 05 de novembro de 1899.

João Megale faleceu no dia 04 de agosto de 1949 em Borda da Mata.

MEGALE JANUÁRIO



- **Nascimento:** 05 de novembro de 1899
- **Falecimento:** 29 de junho de 1975
- **Pai:** João Megale
- **Mãe:** Olívia Oscarlina Guimarães
- **Esposa:** Adélia de Barros Castro
- **Filhos de Januário com Adélia:** João Megale Neto (* 09 de novembro de 1939), Januário Megale Filho (* 23 de fevereiro de 1941), Maria Aparecida de Castro Megale (* 05 de janeiro de 1944), Adélia Olívia de Castro Megale (primeira - * 1944, † 1944), Adélia Olívia de Castro Megale (segunda - * 07 de fevereiro de 1948) e Ofênia de Lourdes de Castro Megale (* 15 de março de 1951)

VIDA E OBRA

Januário Megale é o filho mais velho de João Megale e Olívia Oscarlina Guimarães e nasceu do dia 05 de novembro de 1899.

Em sua juventude, Januário foi viajante de tropa de cavalos e negociante de tecidos, como seu avô Gennaro. Em uma de suas viagens, conheceu, em Ouro Fino, Adélia de Barros Castro, com quem se casou, em Maria da Fé, no dia 17 de fevereiro de 1939.

No dia 09 de novembro do mesmo ano, nasceu o primeiro filho, João Megale Neto, que, mais tarde, se tornou comerciante e se casou com Maria Bernadete Souza, com quem teve três filhos e seis netos.

Pouco mais de um ano depois, em 23 de fevereiro de 1941, nasceu na mesma cidade, o segundo filho, Januário Megale Filho, que se tornou engenheiro e se casou com Nadja Kátia Calixto Pinto, tendo três filhos.

Entre 1942 e 1943, Januário Megale, Adélia e os dois filhos mudaram-se para Itajubá, adqui-

rindo uma casa no bairro Morro Chic, à Rua Francisco Pereira, mais tarde Rua João de Azevedo.

Em Itajubá, foi representante comercial do Moinho Barra-Mansa e do Moinho Fluminense, ambos do Rio de Janeiro, vendendo farinha de trigo para mais de 80% das padarias, fábricas de massa e demais comércios da cidade, além de cidades vizinhas e outras do Sul de Minas. Na cidade também foi presidente do Rotary Club e membro do Lions Club.

Em 1944, mudou-se com a família para a cidade de Varginha, onde continuou atuando como comerciante e representante dos moinhos do Rio. Foi ainda presidente da Casa do Viajante Comercial do Brasil (CVCB), recebendo homenagens e tendo seu trabalho reconhecido por quase todo o Estado de Minas Gerais.

Januário permaneceu em Varginha até pouco depois do nascimento de sua terceira filha, Maria Aparecida de Castro Megale, ocorrido em 05 de janeiro de 1944. Ela, mais tarde, se tornou professora e se casou com o engenheiro Mauro Francisco Pizzo, tendo quatro filhos e um neto.

Ainda em 1944, Januário e a família voltaram para Itajubá, dando sequência ao seu trabalho como comerciante. Em 1947, nasceu a quarta filha, Adélia Olívia de Castro Megale, que faleceu no mesmo ano, vítima de meningite.

Em 07 de fevereiro de 1948, nasceu sua quinta filha, que recebeu o mesmo nome da irmã falecida, como uma forma de homenagem. Adélia se tornou professora, casou-se com o engenheiro Manoel Machado de Moraes e teve três filhos.

A última filha de Januário e Adélia, Ofênia de Lourdes de Castro Megale, também nasceu em Itajubá, no dia 15 de março de 1951. Ela se tornou professora, casou-se com Joaquim Lopes, teve dois filhos e, mais tarde, ficou viúva.

Januário Megale faleceu em 29 de junho de 1975.



Cidade de Rivello, Província de Potenza

MELONI – ‘MELON’ PIETRO EMANUELLE



Da esquerda para a direita: 1º não identificado, Joana, Guido e Pedro. Na frente: Attilio e Olga.

- **Nascimento:** 1867
- **Falecimento:** 10 de setembro de 1950
- **Pai:** Romoaldo Melon
- **Mãe:** Giuseppa Dacome Melon
- **1ª Esposa:** Joana Guidi (* 1876, † 1º de setembro de 1906)
- **Pai de Joana:** José Guidi
- **Filhos de Pietro e Joana:** Olga, Guido, Attilio (* 7 de março de 1901, † 19 de abril de 1993)
- **2ª Esposa:** Maria da Conceição Fagundes (* não há dados, † 09 de setembro de 1948)
- **Filhos de Pietro e Maria da Conceição:** Antonina, Alberto, Josefina e José

VIDA E OBRA

Pietro Emanuelle Melon nasceu em 1867 em Castebaldo, Província de Pádua, ao norte da Itália, sendo filho de Romoaldo e Giuseppa.

Aos 29 anos, Pietro desembarcou no porto de Santos - SP, no ano de 1896. Ao fazer o registro em terras brasileiras, seu nome foi modificado: acrescentou-se a letra "i" ao final do sobrenome; o nome do meio foi extinguido e seu nome, traduzido para Pedro.

Assim, ele passou a se chamar Pedro Meloni. Esta mudança ocorreu com vários sobrenomes estrangeiros quando eram registrados no Brasil, principalmente durante as imigrações de várias partes do mundo.

Durante a viagem de navio, na travessia do Atlântico, Pedro conheceu uma jovem, de 20 anos, Joana Guidi, que também vinha "fazer a América".

MELONI (MELON): Oriundo da cidade de Castebaldo, Província de Padova (Pádua)

Do porto, Pedro seguiu o seu destino, dirigindo-se para a cidade de Jacutinga, no Sul de Minas, onde residiu e exerceu a profissão de sapateiro, trabalhando muito e economizando o suficiente para poder investir em outros negócios, mais tarde, como empresário no ramo de hotelaria.

Casou-se com a jovem que conhecera no navio e com ela teve três filhos: Olga, Atílio e Guido. Conviveu com a esposa por dez anos, até que, no dia 1º de setembro de 1906, Joana faleceu, aos 30 anos de idade.

Com os filhos pequenos, ainda por criar, Pedro se casou novamente e teve mais quatro filhos com a brasileira Maria da Conceição Fagundes: Antonina, Alberto, Josefina e José.

Pedro Meloni faleceu, na cidade de Jacutinga, no dia 10 de setembro de 1950, aos 83 anos.

MELONI – 'MELON' ATTÍLIO



- **Nascimento:** 07 de março de 1901
- **Falecimento:** 19 de abril de 1993
- **Pai:** Pedro Meloni (Pietro Emanuelle Melon)
- **Mãe:** Joana Guidi Meloni
- **Esposa:** Leonor Campos Caridade (* 31 de outubro de 1903, † 08 de junho de 1993)
- **Pais de Leonor:** José Salustiano de Moraes Caridade e Maria do Carmo Campos Caridade
- **Filhos de Atílio e Leonor:** Pedro (* 17 de abril de 1929), José (* 04 de maio de 1930), Antonio (* 11 de maio de 1931), Vicente (* 20 de agosto de 1932), Paulo (* 10 de novembro de 1933), Joana (* 24 de abril de 1935), Olga (* 13 de maio de 1940), Maria Assunção (* 18 de dezembro de 1942, † 29 de novembro de 2007), Célia (* 20 de maio de 1943) e João Batista

VIDA E OBRA

Attílio Meloni nasceu na cidade de Jacutinga, no Sul de Minas, no dia 07 de março de 1901. Era filho caçula dos imigrantes italianos Joana e Pedro.

Ele perdeu sua mãe muito cedo, quando tinha apenas cinco anos de idade. Seu pai, Pedro, então, casou-se novamente.

Attílio frequentou o Ateneu Santo Antônio em sua terra. Ainda muito jovem, aprendeu o ofício de sapateiro com o pai. Dedicou-se também à música e fez parte da banda Lira Santo Antônio, tocando trombone de vara.

Quando garoto, Attílio foi coroinha em Jacutinga e desejou ser padre. Em sua juventude, participava de atividades esportivas, principalmente na área futebolística, atuando sempre como bandeirinha. Embora fosse filho de italianos, não torcia pelo Palestra Itália, hoje Palmeiras, mas, sim, pelo São Paulo Futebol Clube.

Em 1925, aos 24 anos, passou a trabalhar em um cartório; logo depois, foi nomeado Escrivão da Coletoria Federal, órgão do Ministério da Fazenda.

Attílio trabalhou como funcionário público federal em sua cidade natal por muitos anos. Depois foi transferido, ainda como escrivão, para a cidade de Passos - MG, onde permaneceu por seis anos.

Casou-se, aos 26 anos, em Brazópolis, com Leonor Campos Caridade, nascida em Maria da Fé. O casal teve 13 filhos, sendo que o primeiro morreu no parto e dois outros morreram ainda pequenos.

Em 1944, Attílio foi transferido de Passos para a cidade de Itajubá, na qual chegou com os dez filhos, estando o mais velho com 15 anos:

- Pedro Meloni, nascido em Jacutinga, padre secular, vigário da Paróquia de Paraguaçu - MG;

- José Caridade Meloni, nascido em Jacutinga, casado com Vilma Dolores Bevilaqua. José é aposentado do Banco do Brasil;

- Antonio Meloni, nascido em Jacutinga, casado com Maria Aparecida Mendes, falecida em 25 de agosto de 1984, é aposentado do Banco do Brasil e casou-se em segundas núpcias com Neide Oliveira Barros;

- Vicente Meloni, nascido em Jacutinga, casado com Nilta Monteiro; Vicente é aposentado das Centrais Elétricas de São Paulo (CESP);

- Paulo Meloni, nascido em Jacutinga, casado com Maria de Lourdes Rosa; Paulo é professor aposentado;

- Joana Meloni Leite, nascida em Jacutinga, casada com Benedito Carlos Leite;

- Olga Meloni Guimarães, nascida em Passos, casada com Luiz Carlos Guimarães, Olga é professora aposentada;

- Maria Assunção Meloni Costa, nascida em Passos, casada com Laerte Costa, Maria se aposentou como professora e faleceu em 29 de novembro de 2007;

- Célia Meloni, nascida em Passos, casada com Jean Pierre;

- João Batista Meloni, casado com Antoniete Assad, João se aposentou como engenheiro na empresa Furnas Centrais Elétricas.

Attílio chegou a Itajubá aos 43 anos, como escrivão, e depois, foi promovido ao cargo de Coletor Federal, vindo a aposentar-se como Auditor da Receita Federal, com 32 anos de serviços prestados.

Em toda a sua vida, sempre foi um homem religioso. Nas três cidades do Sul de Minas em que residiu, participou de Conselhos Particulares Vicentinos, nos quais atuou como tesoureiro e presidente.

Por três vezes, viajou em peregrinação à Europa. A primeira vez, em 1950, em Roma, na festa jubilar do Ano Santo; a segunda, no centenário de Nossa Senhora de Lourdes, na França; e a terceira, em 1988, a caminho de Jerusalém.

Na volta desta última, passou em Roma e participou de uma missa em língua portuguesa,

presidida pelo Papa João Paulo II, a quem foi apresentado pelo então bispo de Aparecida – SP e de quem recebeu um abraço, registrado em foto da família.

Attílio comemorou bodas de prata, de ouro e de diamante e chegou a conhecer todas as capitais dos estados brasileiros nos quais foram realizados congressos eucarísticos nacionais, dos quais participava.

Segundo o historiador Armelino Guimarães, “Attílio Meloni sempre manteve uma vida metódica e de honradez, dedicado ao trabalho, à família, a Deus e aos carentes”.

Attílio faleceu no dia 19 de abril de 1993, em Itajubá, aos 92 anos.



Cidade de Castebaldo, Província de Padova (Pádua)

MENICALLI LORENZO



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Pisa, Região da Toscana

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** não temos informações (*, † não há dados)
- **Mãe:** não temos informações (*, † não há dados)
- **Esposa:** Oringa Ciabattini (*, † não há dados).
- **Pais de Oringa:** não temos informações (*, † não há dados)
- **Filhos de Lorenzo e Oringa:** uma filha nascida na Itália (*, † não há dados), Brasilino Menicali (* 25 de setembro de 1903, † 24 de novembro de 1982), Emma Menicali (*, † não há dados), Elvira Menicali (*, † não há dados), João Menicali (*, † não há dados) e Joana Menicali (*, † não há dados).

VIDA E OBRA

Lorenzo Menicalli de família oriunda da Província de Pisa, Região da Toscana, Itália. Veio, com esposa e filhos, para o Brasil a fim de conquistarem melhores condições de vida.

Era casado com Oringa Ciabattini, com quem teve cinco filhos: Brasilino, Emma, Elvira, João e Joana. A família morou em Pindamonhangaba - SP, durante alguns anos, e, depois, mudou-se para Itajubá.

MENICALI: Oriundo da Província de Pisa, região da Toscana

MENICALLI BRASILINO



- **Nascimento:** 25 de setembro de 1903
- **Falecimento:** 24 de novembro de 1982
- **Pai:** Lourenço Menicalli (*, † não há dados)
- **Mãe:** Oringa Ciabattini (*, † não há dados)
- **1ª esposa:** Dagmar Faria Ribeiro (* 12 de novembro de 1907 † não há dados)
- **Pais de Dagmar:** Bernardo José Ribeiro e Francisca Ribeiro Faria (*, † não há dados)
- **Filhos de Brasilino e Dagmar:** Francisca Menicali (*, † não há dados), Carlos Rubens Menicali (*26 de abril de 1935, † 15 de março de 1997) e Vilma Menicali (* 28 de janeiro de 1941)
- **2ª esposa:** Clarissa de Faria (* 02 de novembro de 1937)
- **Pais de Clarissa:** Joaquim Custódio de Faria e Ana dos Santos Faria (*, † não há dados)
- **Filhos de Brasilino e Clarissa:** Ana Maria Faria Menicali (* 06 de outubro de 1960), Ana Paula Faria Menicali (* 06 de setembro de 1976), e Douglas Lourenço Faria Menicali (* 15 de maio de 1978)

VIDA E OBRA

Brasilino Menicalli nasceu em 25 de setembro de 1903 em Espírito Santo do Pinhal - SP. Era filho dos imigrantes italianos Lourenço Menicalli e Oringa Ciabattini, da Província de Pisa, Região da Toscana, que vieram para o Brasil para conquistarem melhores condições de vida.

Tinha quatro irmãos, Emma, Elvira, João e Joana. Morou em Pindamonhangaba - SP, durante alguns anos e, depois, mudou-se para Itajubá. Foi funcionário público, tendo trabalhado na Fábrica de Armas, atual IMBEL. Foi também proprietário do curtume, que era da família.

Foi casado primeiramente com Dagmar, com quem teve três filhos, Francisca, Carlos Rubens e Vilma. Após o falecimento da primeira esposa, casou-se com Clarisse de Faria, tendo com ela também três filhos, Ana Maria, Ana Paula e Douglas Lourenço.

Em Itajubá, Brasilino destacou-se no futebol, tendo jogado com Dondinho, pai de Pelé, e participado de alguns campeonatos e partidas importantes como o jogo Club Internacional x Itajubense, cujo placar foi 1x1.

Brasilino faleceu em 24 de novembro de 1982, vítima de trombose pneumonia.

MINCHETTI LUIGI



Em pé, da esquerda para a direita: José (Zequinha), Maria Luzia (Mariquinha) e Maria Ida (Anunciata). Sentados: Adelia e Luigi.

- **Nascimento:** 1860
- **Falecimento:** segunda década do Século XX
- **Pai:** Horacio Minchetti
- **Mãe:** Carmelia Minchetti
- **Esposa:** Adelia Marconchi Minchetti (*1864, † segunda década do Século XX)
- **Pais de Adélia:** Salustiano Marconchi e Maria Marconchi
- **Filhos de Luigi e Adélia:** Maria Luzia (* 13 de dezembro de 1888, + 06 de agosto de 1969), Maria Ida (25 de março de 1891, + não há dados), Josefina (* 1893, † não há dados) e José (* 12 de dezembro de 1895, + 1963)

VIDA E OBRA

Luigi Minchetti nasceu em Lucca, Toscana, na Itália em 1860, sendo filho de Horacio Minchetti e Carmélia Minchetti.

Casou-se com Adelia Marconchi Minchetti, também de Lucca, Itália, nascida em 1864, filha de Salustiano Marconchi e Maria Marconchi.

MINCHETTI: Oriundo da cidade de Lucca, região da Toscana

Por volta de 1885, Luigi e seu irmão Fidelis imigraram para o Brasil. Fidelis foi para a região de Cristina e Maria da Fé e Luigi foi para São José do Alegre, onde adquiriu terras e comercializava fumo.

No começo de 1888, sua esposa Adelia veio também para o Brasil ao encontro de seu marido e o encontrou após muita dificuldade. Ela não falava o Português e se perdeu na cidade do Rio de Janeiro. Com muito custo, conseguiu chegar até a cidade de Cristina, onde foi ajudada pelo chefe da estação, que ficou condoído pela sua situação, dando-lhe hospedagem em sua própria casa até localizar seu marido em São José do Alegre.

Já em São José do Alegre, o casal teve quatro filhos: Maria Luzia, Maria Ida, Josefina e José.

Em 1892, a estrada de ferro chegou em Olegário Maciel, um pequeno vilarejo distante uns 5 quilômetros, e, com ela, também o progresso do lugarejo.

Em 1896, Luigi adquiriu terras em Olegário Maciel, pois tinha a facilidade de escoar seus produtos pela estrada de ferro. Para lá se mudou com a família, onde acabou de criar seus filhos.

Dos filhos, Maria Luzia se casou, em primeiras núpcias com Eugênio Tenório, com quem teve os filhos: Santa, Alice, Milton, Irene, Ênio e Zenaide. Em segundas núpcias, ela se casou com Francisco Barbatto, filho do imigrante italiano Benardino Barbatto, e teve os filhos: Maria, Benedita, José e Luiz. Sua filha Maria se casou com Benedito Storino, filho do imigrante italiano Antonio Storino, e passou a morar em Itajubá.

Maria Ida se casou com José Araújo Guimarães e teve os filhos: Maria José e Mário.

Josefina se casou e foi morar em Paraisópolis.

José não se casou.

Luigi e Adélia faleceram na segunda década do Século XX em Olegário Maciel.



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Lucca, região da Toscana

MOISES LUIZI “LUIGI”



- **Nascimento:** 1878
- **Falecimento:** 13 de dezembro de 1941
- **Pai:** Giuseppe Luiz “Luigi”
- **Mãe:** Maria Rosa Maliteoni
- **Esposa:** Maria José Sciammarella
- **Pais de Maria José Sciammarella:** Fortunato Sciammarella e Ana Maria Masselli Sciammarella
- **Filhos de Moisés e Maria José:** Antônio, Maria, José e Benedito

VIDA E OBRA

Natural de Nápoles, ou Napoli, como é a grafia em italiano, onde nasceu em 1878, Luiz Moisés radicou-se em Itajubá, onde constituiu sua família.

Filho de Giuseppe Luiz “Luigi” e Maria Rosa Maliteoni, casou-se com Maria José Sciammarella, tendo quatro filhos: Antônio, Maria, José e Benedito.

Emprestou a Itajubá sua genial capacidade de arquiteto e construtor, legando aos posteriores verdadeiras obras primas, como a casa onde residiu Wenceslau Braz, o palacete de Dona Amélia Braga (ora inexistente), o palacete de Isaltino Ribeiro (hoje Secretaria Municipal de Defesa Social), o Forum (hoje Câmara de Vereadores), a torre da Igreja Matriz Nossa Senhora da Soledade, a residência do Dr. João Sebastião de Azevedo (ora inexistente), a Santa Casa de Misericórdia e o portão principal do 4º Batalhão de Engenharia de Combate, Igreja de Nossa Senhora de Lourdes em Maria da Fé, na década de 30, entre tantos outros.

Seu filho Antonio casou-se com Carlina Ribeiro da Luz. Quanto aos demais filhos, não temos informações de seus casamentos.

Vítima de colapso, faleceu com 63 anos em 13 de dezembro de 1941.

MOISES: Oriundo da cidade de Napoli (Nápoles), região da Campania.

MONTI PIETRO “PEDRO”



- **Nascimento:** 07 de março de 1855
- **Falecimento:** 08 de dezembro de 1932
- **Pai:** Antônio Monti
- **Mãe:** Paolina Bonaldi
- **Esposa:** Joaquina Siqueira Lopes
- **Filhos de Pedro e Joaquina:** Antônio (* 21 de julho de 1893, † não há dados), Hilário, José (* 22 de fevereiro de 1898, † não há dados), Pedro (* 08 de novembro de 1903, † não há dados), José Belmiro (* 08 de novembro de 1903, † 25 de janeiro de 1973), Sebastião (* 17 de maio de 1912, † 31 de dezembro de 1983), Maria, Terezinha, Aurora, Geralda e Irineu (* não há dados, † 18 de dezembro de 1928)

VIDA E OBRA

Pedro Monti nasceu na cidade de Castel Nuovo di Garfagnana, Província di Lucca, no dia 07 de março de 1855. Filho dos italianos, Paolina e Antônio Monti.

Ignora-se quando desembarcou no Brasil, mas sua primeira cidade no País foi Itajubá. Para ganhar a vida, iniciou-se como vendedor ambulante, vendia roupas e utensílios domésticos. Pedro (Pietro) viajava pela região vendendo seus produtos, principalmente na zona rural. Tinha boa freguesia no município de Pedralva.

No início de sua vida de ambulante, carregava os produtos em uma mala e com ela visitava a pé as famílias para oferecer as novidades e necessidades domésticas. Depois, conseguiu comprar um burro e pôde transportar o material e, assim, aumentar suas ofertas e agilizar as vendas.

Com muitas vendas no município de Pedralva, achou por bem residir na cidade e levar até as fazendas seus utensílios e roupas. Sempre ativo e trabalhador, sabia acolher e negociar com os interessados em seus produtos.

MONTI: Oriundo da cidade de Castel Nuovo di Garfagnana, Província de Lucca, região da Toscana

Depois de muita dedicação e esforço, conseguiu montar o seu próprio negócio, onde vendia as mesmas coisas para as pessoas da zona rural, que, agora, vinham até sua loja para suprir as suas necessidades.

Em 26 de maio de 1888, Pedro se casou com Joaquina Siqueira Lopes. O casal teve onze filhos. Joaquina era uma mulher de temperamento forte e muito ciumenta, não permitindo que o marido conversasse em sua língua natural nem com os próprios filhos.

Foi morar no sítio do sogro, acabando mais tarde por comprar o seu próprio sítio e, logo, agregou mais terras a sua propriedade. Trabalhava nas terras e no comércio. Acabou por formar com os filhos uma sociedade, cultivando café e aguardente. A sociedade aumentou ainda mais o patrimônio da família e mais terras foram adquiridas.

A família se destacava na vida social, política e administrativa de Pedralva. Na década de 40, a firma Monti & Irmãos se dissolveu e alguns filhos de Pedro constituíram a firma Iram, sendo proprietários de Usina de Açúcar. Seu filho José Belmiro Monti teve um filho que se tornou dentista, Elcio Rezende Monti, e outro que se tornou médico, José Sebastião Rezende Monti. José e Elcio vieram morar em Itajubá, onde trabalharam e criaram seus filhos.

Pedro Monti faleceu, no dia 08 de dezembro de 1932, aos 77 anos.



Cidade de Castel Nuovo di Garfagnana, Província de Lucca, Toscana

MONTONE RAFFAELE



- **Nascimento:** 03 de janeiro de 1929
- **Pai:** Salvatore Montone
- **Mãe:** Concetta Caruso Montone
- **Esposa:** Leodora Rotella Montone (* 21 de março de 1931)
- **Pais de Leodora:** Ernesto Rotella e Teresina Caruso Rotella
- **Filhos de Raffaele e Leodora:** Teresinha, Salvatore, Concetta, Francisco, Ana Lucia, Benito Bugliaro e Raffaele Filho (falecido)

VIDA E OBRA

Raffaele Montone nasceu, a 03 de janeiro de 1929, em Paola, uma comuna italiana da Província de Cosenza, na região da Calabria.

Em 1950, atravessou o oceano Atlântico no navio a vapor Lauriga e, em 30 de agosto, chegou ao porto do Rio de Janeiro, onde já moravam seus pais, Salvatore Montone e Concetta Caruso Montone. Na então capital do Brasil, ele trabalhou como vendedor de frutas e foi sócio de uma banca de jornais, quando adquiriu o gosto pelo comércio.

Certa vez, andando pelas ruas do Rio de Janeiro, um letreiro luminoso de um estabelecimento que tinha o nome de 'Itajubá' chamou sua atenção. Raffaele, então, descobriu que aquele era o nome de uma cidade do Sul do Estado de Minas Gerais.

Na ocasião de suas férias, em 1952, ele embarcou na Central do Brasil rumo a essa cidade

MONTONE: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria.

do Sul de Minas. Ao chegar, ficou hospedado na residência de um antigo amigo de sua família, Ernesto Rotella, esposo de Teresina Caruso Rotella, que, futuramente, se tornariam seu sogros.

Raffaele casou-se com Leodora Rotella, em 21 de setembro de 1955, e continuou morando no Rio de Janeiro. Mas, atraído pelo relevo montanhoso do Sul de Minas, semelhante ao da região da Itália onde nasceu e foi criado, mudou-se para a cidade de Itajubá, em 1958, após vender sua parte na sociedade da banca de jornais no Rio de Janeiro.

Ao fixar-se em Itajubá, Raffaele comprou um bar-restaurante, que funcionava na antiga Estação Ferroviária de Itajubá e o vendeu três anos depois. Com o apoio da esposa, abriu um restaurante na Rua Nova. Atraído por uma boa oportunidade de venda, passou o ponto, e no começo de 1961, comprou um bar na Avenida Paulo Chiaradia, localizado em frente a uma das laterais do mercado municipal.

O frequentado “Bar do Raffaele” funciona há 52 anos e continua sendo administrado por ele e pelos filhos. É um dos estabelecimentos mais tradicionais da cidade, que se destaca pela sua limpeza e organização de seus produtos nas prateleiras e balcões. Seu estoque comporta grande quantidade de bebidas que são separadas pelas datas de validade, otimizando o bom atendimento aos clientes.

Com seu jeito alegre e expansivo, próprio dos italianos, Raffaele conquistou clientes ao longo dos anos em seu estabelecimento, tornando-o um ponto de encontro de apreciadores de boas bebidas.

Raffaele e Leodora têm sete filhos: Teresinha, economista e funcionária pública; Salvatore Neto, engenheiro eletrotécnico; Concetta, professora; Francisco, comerciante; Ana Lucia, professora; e Benito Bugliaro, engenheiro civil, e Raffaele Filho, falecido. O casal também tem 11 netos: Gustavo, Raffaella, Paola, Caroline, Ney, Giovanna, Priscila, Francesca, Victor, Carla e Bruno.

Por quatro vezes, Raffaele voltou à Itália para rever a família e os amigos e para matar a saudade de sua terra natal. Em 2012, Raffaele foi homenageado pela Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Itajubá por ter se destacado como comerciante em seu ramo de negócio.



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Paola, Província de Cosenza, Calabria

NISTICÓ NICOLA FRANCESCO



- **Nascimento:** 02 de setembro de 1879 ou 02 de dezembro de 1879 (Segundo Armelino Guimarães)
- **Falecimento:** 15 de setembro de 1963
- **Pai:** Vito Nisticó
- **Mãe:** Maria Tereza Trecozzi
- **Esposa:** Druziana Cascardo (* 30 de agosto de 1885; † 25 de janeiro de 1933)
- **Pais de Maria Tereza:** Francisco Cascardo e Lúcia Anacleto Ribeiro Cascardo
- **Filhos de Francesco e Druziana:** Maria Tereza (* ; † 29 de maio 1989), Vito (* 1902; † 1º de maio 1983), Amélia/Antônia (* 1905; † 10 de dezembro de 1905), José (* 1907; † 02 de março de 1908), Lúcia (* 12 de janeiro de 1912; † 17 de janeiro de 1912), Ana (* 29 de maio de 1915; † não há dados), João Baptista (* 21 de junho de 1916; † 15 de agosto de 1991), Roberto (* 12 de abril de 1922; † 9 de maio de 2007), Mariano (* ; † não há dados) e Benedita (* 02 de dezembro de 1919; † não há dados).

VIDA E OBRA

Nascido em 1879, na Itália, Nicola Francesco Nisticó, aos cinco anos de idade, já revelava seu talento artístico e seu pai, Vito Nisticó, matriculou-o na Escola Municipal de Música de Catanzaro, onde aprendeu execução de flauta e teoria de música com mestres calabreses.

Com a idade de 11 anos, como exímio flautista, integrou uma orquestra sinfônica de 47 figuras, executando fantasias e trechos de óperas de Rossini, Donizetti, Bellini, Verdi, Carlos Go-

NISTICÓ: Oriundo da cidade de Cardinalli, Província da Calabria Ulterior, nas proximidades de Catanzaro.

mes e outros clássicos consagrados, iniciando sua carreira artística.

Aos 16 anos de idade, Francesco e mais seis companheiros decidiram embarcar com destino ao Brasil, desembarcando, em 20 de abril de 1896, no Porto de Santos - SP. Instalou-se primeiro em São Carlos do Pinhal – SP, onde fixou residência, ingressando na Banda São Carlense.

Por essa época, o maestro Eduardo Froxela percorria o interior paulista, contratando músicos para a companhia circense de Afonso Legran Spinelli, que percorria várias cidades do Brasil. Em janeiro de 1898, o circo esteve em Itajubá e ele conheceu Druziana Cascardo, que lhe prendeu o coração.

O maestro Nisticó retornou a Itajubá no dia 11 de novembro de 1898, onde fixou residência e progrediu como admirável compositor e regente de orquestra.

No dia 18 de maio de 1901, com 22 anos, Nisticó se casou com a itajubense Druziana Cascardo, de 16 anos, irmã do professor Carmo Cascardo. O casal teve dez filhos:

- Vito (*conferir biografia neste livro*);
- Amélia, nascida em 1905; sepultada em 10 de dezembro de 1905, com sete meses de idade; em seu atestado de óbito consta o nome Antônia;
- José, nascido em 1907 e sepultado com oito meses de idade, em 02 de março de 1908;
- Lúcia, sepultada com apenas cinco dias de idade em 12 de janeiro de 1912;
- Ana, nascida em 29 de maio de 1915; casada em Aparecida – SP, em 12 de abril de 1945, com o General de Divisão Aristeu de Assis;
- João Baptista, nascido em 21 de junho de 1916; residiu em Passos – MG; falecido em 15 de agosto de 1991, em Belo Horizonte;
- Benedita, nascida em 02 de dezembro de 1919.
- Roberto (*conferir biografia neste livro*);
- Maria Tereza, casada com o Dr. André Martins de Andrade, ex-prefeito de Itajubá; falecida em 29 de maio 1989.
- Mariano.

Conhecido como Francisco Nisticó ou “Titi”, ele foi um dos mais destacados beneméritos da música em Itajubá, pois educou toda uma geração de itajubenses em sua arte, e foi o organizador de cinco bandas em Itajubá, duas das quais de adolescentes. Compôs 150 dobrados, muitas valsas e peças sacras. Realizou inúmeros recitais de flauta no Teatro Santa Cecília e no Clube Itajubense.

Francisco se destacou tanto na cultura como em atividades comerciais e industriais. Ele se valeu de seus conhecimentos de indústria de calçados, adquiridos na Itália e montou uma pequena fábrica de sapatos, “A Bota Mineira”. Fundado o Instituto Dom Bosco em 1910, Nisticó nele ingressou como professor de música e sapataria, ensinando os educandos a fabricar calçados, habilitando-os a ingressar em grande fábricas do Brasil.

Além da indústria de calçados, foi o primeiro a estabelecer em Itajubá uma fábrica de macarrão, que, anos depois, foi vendida aos irmãos Maurício e José Acácio Pereira dos Santos. Depois, ele fundou uma segunda fábrica, que foi vendida a Ângelo Marzulo.

Professor de música, Francisco exerceu o magistério durante 37 anos. Lecionou no Ginásio de Itajubá e no Antigo Instituto Dom Bosco. Formou bandas de músicas, orquestras e coros de igreja.

Atuou não só em Itajubá, mas também em Santa Rita do Sapucaí, com a Banda de Música Giuseppe Verdi, que alcançou grandes méritos, e em São Lourenço, com a banda paroquial do frei João Bosco, composta por meninos de 8 a 14 anos, que teve consagrada homenagem tanto na Rádio e TV Tupi, como na Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Em São Paulo, como flautista, Francisco acompanhou o tenor italiano Enrico Caruso em visita ao Brasil.

Pelos seus altos méritos e o engrandecimento que propiciou à cultura itajubense, a Câmara Municipal concedeu a ele o título de Cidadão Itajubense, em 17 de fevereiro de 1961.

Nicola Francesco Nisticó faleceu, em Itajubá, no dia 15 de setembro de 1963, aos 83 anos, e da cidade “desaparecia seu grande músico, seu querido maestro, seu inesquecível compositor”.

NISTICÓ VITO



Cidade de Cardinalli, Província da Calabria

- **Nascimento:** 1902
- **Falecimento:** 1º de maio de 1983
- **Pai:** Nicola Francesco Nisticó (*1879; † 15 de setembro de 1963)
- **Mãe:** Druziana Cascardo (* 30 de agosto de 1885; † 25 de janeiro de 1933)
- **Esposa:** Diana Barbieri (* e † não há dados)
- **Pais de Diana:** não há dados
- **Filhos de Vito e Diana:** não há dados

VIDA E OBRA

Nascido em 1902, Vito Nisticó herdou o talento artístico de seu pai, Nicola Francesco Nisticó. Foi grande músico e compositor, deixando belas páginas de sua genial inspiração.

Quando servia o 4º Batalhão de Engenharia de Combate, como soldado, reorganizou a banda iniciada por seu pai nessa unidade militar.

No dia 23 de novembro de 1939, com 37 anos, Vito se casou com a Diana Barbieri, em Copacabana, no Rio de Janeiro.

Residindo na capital fluminense, foi regente de uma apreciada orquestra. Entre as suas composições, destaca-se a sinfonia "Tiradentes", executada pela primeira vez em Itajubá, em 08 de dezembro de 1931, no Cine Teatro Apollo, por uma orquestra regida por seu pai.

Vito Nisticó faleceu em 1º de maio de 1983.

NISTICÓ ROBERTO



- **Nascimento:** 12 de abril de 1922
- **Falecimento:** 19 de maio de 2007
- **Pai:** Nicola Francesco Nisticó (*1879; † 15 de setembro de 1963)
- **Mãe:** Druziana Cascardo (* 30 de agosto de 1885; † 25 de janeiro de 1933)
- **Esposa:** Maria Isabel Carneiro (*e † não há dados)
- **Pais de Maria:** não há dados
- **Filhos de Roberto e Maria:** Carlos Roberto Carneiro Nisticó (* 25 de maio de 1952), Paulo Henrique Carneiro Nisticó (* 09 de abril de 1955) e Rubens Carneiro Nisticó (* 12 de agosto de 1957)

VIDA E OBRA

Nascido em 12 de abril de 1922, Roberto Nisticó era filho de Nicola Francesco Nisticó e de Druziana Cascardo.

Diplomou-se engenheiro pela então Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI), na turma de 1948.

No dia 12 de julho de 1951, com 29 anos, Roberto se casou com Maria Isabel Carneiro, com quem teve os filhos: Carlos Roberto Carneiro Nisticó, nascido em 25 de maio de 1952; Paulo Henrique Carneiro Nisticó, nascido em 09 de abril de 1955, e Rubens Carneiro Nisticó, nascido em 12 de agosto de 1957.

Roberto Nisticó faleceu em 19 de maio de 2007.

OTTOBONI ANGELO



- **Nascimento:** 15 de maio de 1858
- **Falecimento:** 10 de agosto de 1936
- **Pai:** Pietro Ottoboni
- **Mãe:** Roja Zulian
- **Esposa:** Rosa Ghizellini (* 1858, † 21 de outubro de 1933)
- **Pais de Rosa:** Vincenzo Ghizellini e Valentina Maglini
- **Filhos de Angelo e Rosa:** Elide (* e † não há dados), Carolina (* e † não há dados), Lúcia (* e † não há dados), Palmira (* e † não há dados), Letícia (* e † não há dados), Nerina (* e † não há dados), Attílio (* 01 de janeiro de 1887, † março de 1971) e Pedro (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Angelo Ottoboni nasceu em Salvaterra, na Itália, em 15 de maio de 1858, sendo filho de Pietro Ottoboni e Roja Zulian. Viveu em Bagnoli di Pó, Província de Rovigo.

Aos 33 anos de idade, Angelo Ottoboni, sua esposa Rosa Ghizellini e seus quatro filhos, Elide, Carolina, Lúcia e Palmira, embarcaram no porto de Gênova, em 1891, no navio Las Palmas, e desembarcaram no Brasil no porto de Santos – SP.

De Santos foram de trem para a região de Campinas. Depois, seguiram em carro de boi para a região de fronteira entre os municípios de Itapira – SP e Jacutinga - MG, próximo à Serra da Forquilha, para a propriedade de Francisco Rennó. O trabalho desenvolvido pela família foi a plantação, o trato e a colheita do café.

Já instalados e no trabalho com a lavoura, Angelo e Rosa tiveram mais quatro filhos: Letícia, Nerina, Attílio e Pedro. Dos oitos filhos do casal, o único que se mudou para Itajubá foi Attílio Antônio Ottoboni, que trocou o trabalho nos cafezais para se dedicar à marcenaria e à carpintaria.

Angelo Ottoboni faleceu em 10 de agosto de 1936, na cidade de Jacutinga - MG.

OTTOBONI: Oriundo da cidade de Salvaterra, região de Rovigo

Curiosidades sobre a Família Ottoboni

Ottoboni: O nome OTTOBONI sofreu muitas alterações até chegar à sua forma atual. É um nome composto de OTTO-BONI. Otto origina-se do Germânico e é derivado da palavra Andha que significa poder, riqueza, força. Boni vem do Latim, bônus, o mesmo que bom. Em italiano, Otto significa oito e boni, bom.

Um Papa Ottoboni: O fato mais importante e curioso está na eleição do cardeal Pedro Ottoboni Sobrinho, em 1689, para dirigir a Igreja Católica Apostólica Romana. Ele nasceu em 22 de abril de 1610, em Dalmazia (Veneto), mas estudou em Pádua. Ordenado padre aos 22 anos, ele chegou ao cardinalato. Seu prestígio era devido a seus vastos conhecimentos, a sua bondade e a seu natural desembaraço no trato de qualquer assunto.

Em 06 de outubro de 1689, foi eleito Papa e decidiu adotar o nome de **Alexandre VIII**. Seu pontificado foi breve, porém profícuo. Gravemente enfermo, encerrou sua carreira em 1º de fevereiro de 1691, aos 81 anos de idade.

(Fonte: OTTOBONI, M. **O Pontificado de Alexandre VIII**, 2ª. edição, 1984).

OTTOBONI ATTÍLIO



- **Nascimento:** 01 de janeiro de 1887
- **Falecimento:** março de 1971
- **Pai:** Angelo Ottoboni (* 15 de maio de 1858, † 10 de agosto de 1936)
- **Mãe:** Rosa Ghizellini (* 1858, † 21 de outubro de 1933)
- **Esposa:** Maria Stecca (* 23 de novembro de 1892, † 13 de dezembro de 1978)

- **Pais de Maria:** Antonio Stecca (* 1853, † 22 de julho de 1933) e Maria Pavani (* 1858, † 20 de dezembro de 1943)
- **Filhos de Attílio e Maria:** José (* 01 de setembro de 1917 e † 24 de setembro de 1978), Jorge (* 29 de maio de 1921 e † 07 de agosto de 1986), Adelaide (* 13 de abril de 1923), Margarida (* 05 de agosto de 1925 e † 25 de fevereiro de 1977), Marina (* 27 de novembro de 1927 e † 03 de julho de 2010) e Basílio (* 24 de março de 1931 e † 01 de dezembro de 2009)

VIDA E OBRA

Attílio Ottoboni é filho de Angelo e Rosa, imigrantes italianos que desembarcaram no Brasil em 1891. Attílio nasceu em Jacutinga – MG e viveu nas fazendas de café na região desse município e do de Itapira - SP.

De tanto ouvir falar da cidade de Itajubá, de suas fábricas e das oportunidades de bons empregos, resolveu se mudar e buscar novos ofícios. Attílio foi o único filho de Angelo Ottoboni que se mudou para Itajubá. Ele trocou o trabalho nos cafezais para se dedicar à marcenaria e à carpintaria.

Casou-se com Maria Stecca, natural de Itapira, e teve seis filhos, três homens e três mulheres. Attílio faleceu em março de 1971, aos 84 anos, e foi sepultado no Cemitério Paroquial de Itajubá.



Cidade de Salvaterra, região de Rovigo

PACIULLI GIUSEPPE



Cidade de San Giovanni in Fiori, Província de Cosenza, região da Calabria

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** não há dados
- **Esposa:** Maria Christina Brunetti (*1884, † não há dados)
- **Filhos de Giuseppe e Maria Christina:** Nicola, Domingos, Conchetta e Teresa

VIDA E OBRA

Giuseppe Paciulli nasceu em San Giovanni in Fiori, na Calabria.

Ele e sua esposa Maria Christina Brunetti viviam tranquilamente em um pequeno sítio perto de sua cidade natal. O casal teve quatro filhos, Nicola, Domenico, Conchetta e Teresa.

Ele era cozinheiro de um conde. Maria Christina era uma mulher forte, com quase dois metros de altura e cuidava de seu pequeno pedaço de terra, da casa e dos filhos.

Uma desavença com um vizinho por causa de uma água que passava em um pequeno riacho nos fundos de sua propriedade fez com que uma discussão provocasse a morte do vizinho.

A família, com a ajuda do conde, teve que deixar a Itália e procurar um outro canto do mundo para viver. Da Calabria a família foi para Nápoles, onde embarcou no navio em direção ao Novo Mundo.

Maria Christina Paciulli Trezzi, bisneta de Giuseppe, em seu livro intitulado "O Encanto do Passado", quando narra a história de vida de seus antepassados, expressa o sentimento de muitos imigrantes na travessia do Atlântico. "Muitos dias de travessia, lembranças, expectativas, medo do futuro, esperanças, eram sentimentos que cruzavam as mentes daquela gente que havia deixado

PACIULLO: Oriundo da cidade de San Giovanni in Fiori, Província de Cosenza, região da Calabria

a pátria em busca de uma vida melhor.”

Giuseppe e sua família desembarcaram no porto de Santos, e a possibilidade de trabalho estava nas regiões dos cafezais, no interior de São Paulo.

Ao passarem pelo sistema de imigração em Santos, o nome da família foi modificado de “Paciullo” para “Paciulli” e abasileirado o nome do filho “Domenico”, para “Domingos”.

A família seguiu viagem para as fazendas de café de Cravinhos, para o trabalho duro, de sol a sol, com muito esforço e pouca recompensa; depois, mudou-se para a cidade, habitada por muitos imigrantes italianos.

Os dois filhos do casal, Nicola e Domingos, aprenderam o ofício de barbeiro. As filhas Conchetta e Teresa ajudavam a mãe nos afazeres domésticos e cuidavam da horta e dos animais.

PACIULLI DOMENICO “DOMINGOS”



Cidade de San Giovanni in Fiori, Província de Cosenza, região da Calabria

- **Nascimento:** 26 de agosto de 1876
- **Falecimento:** 1918
- **Pai:** Giuseppe Paciulli
- **Mãe:** Maria Christina Paciulli
- **Esposa:** Filomena Caruso
- **Pais de Filomena:** Antonio Caruso e Maria Caruso
- **Filhos de Domingos e Filomena:** José, Maria Christina, Ângelo, Afonso, Alberto, Júlio, Nicolau e Arlindo

VIDA E OBRA

Domingos Paciulli nasceu na cidade de San Giovanni in Fiori, no dia 26 de agosto de 1876. Era filho dos imigrantes italianos Maria Christina e Giuseppe Paciulli.

Domingos chegou ao Brasil, ainda jovem. Desembarcou com a família no porto de Santos e

foram trabalhar nas fazendas de café de Cravinhos. No sistema de imigração em Santos, o nome da família foi modificado de "Paciullo" para "Paciulli" e abrigado o seu nome de "Domenico", para "Domingos".

Seguiram viagem para as fazendas de café para trabalharem e ganharem o sustento, mas era muito esforço para pouco "soldo". Depois, deixaram a fazenda e foram morar na pequena cidade de Cravinhos, onde a maioria de seus habitantes era de italianos. Na cidade e já crescidos, Domingos e seu irmão Nicola aprenderam o ofício de barbeiro.

Em Cravinhos, a colônia italiana era muito unida e amiga e muitas vezes promoviam festas tipicamente italianas para lembrar a "velha Itália". Foi em uma dessas festas que Domingos conheceu Filomena Caruso e o namoro se iniciou.

Antes de vir para o Brasil, a família de Filomena era camponesa e morava nas proximidades da Província de Cosenza, na Calabria, região onde morava a família Paciulli.

Mas a família de Filomena não estava se adaptando em Cravinhos e decidiu mudar-se para a cidade de Franca - SP. Apaixonado, Domingos arrumou as malas e também foi para essa cidade.

Depois de alguns meses, os dois decidiram se casar. De lá, mudaram-se para a cidade de Uberaba - MG e tiveram o seu primeiro filho, José. Depois, nasceu a filha Maria Christina e o casal resolveu retornar a Cravinhos; finalmente, foram viver em Batatais. Tiveram duas meninas, que não sobreviveram. Depois nasceram os outros seis filhos.

Com tantos filhos, nunca havia fartura e facilidades. Domingos trabalhava de barbeiro e Filomena costurava para fora e fazia crochê, para ajudar nas despesas da casa.

E assim esse casal de imigrantes italianos que se encontraram no Brasil tornou-se uma família, sustentando seus filhos com os trabalhos realizados em terras brasileiras.

Domingos faleceu em 1918.

PACIULLI ARLINDO



- **Nascimento:** 08 de março de 1917
- **Falecimento:** 23 de novembro de 1985
- **Pai:** Domenico "Domingos" Paciulli

- **Mãe:** Filomena Paciulli
- **Esposa:** Maria Ofélia Schwaiger (* 25 de julho de 1933, † 25 de julho de 1996)
- **Pais de Maria Ofélia:** Carlos Schwaiger e Ana Venina Chaves
- **Filhos de Arlindo e Maria Ofélia:** Ana Venina (* 04 de março de 1963) e Alberto (* 16 de julho de 1966)

VIDA E OBRA

Arlindo Paciulli nasceu na cidade paulista de Batatais - SP, no dia 08 março de 1917. Era filho dos imigrantes italianos Filomena e Domingos Paciulli e o caçula de oito irmãos.

O primeiro da família Paciulli a vir para Itajubá foi o seu irmão mais velho, José, nascido em Uberaba – MG, que servia no Batalhão de Engenharia de Itajubá. Foi José quem convidou Arlindo a trabalhar na antiga Fábrica de Armas Itajubá.

Arlindo aceitou o convite, mas não se adaptou ao trabalho. Tendo gostado de Itajubá, resolveu atuar na profissão de alfaiate, ofício que tinha aprendido com seus irmãos Ângelo, Afonso e Alberto. Logo, ele montou seu próprio negócio nesse ramo de atividade.

Arlindo se casou com Maria Ofélia Schwaiger em 20 de janeiro de 1962, às 16 horas, na Igreja Matriz Nossa Senhora da Soledade, em Itajubá. O casal teve dois filhos: Ana Venina e Alberto.

Arlindo Paciulli faleceu, em Itajubá, no dia 23 de novembro de 1985, aos 68 anos.



Cidade de San Giovanni in Fiori, Província de Cosenza, região da Calabria

PERICO SALVATORE ALESSANDRO



Da esquerda para a direita: Salvatore Alessandro, Maria Aparecida, Sergio, Iolanda Balducci, Alfredo, Alessandro Tadeu, Stella Pelosi, Maria Cecília

- **Nome do pai:** Alfredo Perico (* 1907)
- **Nome da mãe:** Stella Pelosi (* 1895)
- **Nascimento:** 11 de dezembro de 1936
- **Esposa:** Iolanda Balducci (* 25 de agosto de 1931 † 01 de junho de 2012)
- **Filhos de Salvatore e Iolanda:** Maria Aparecida Perico (* 10 de setembro de 1957), Alessandro Tadeu Perico (* 24 de outubro de 1962), Sérgio Perico (* 09 de outubro de 1964)

VIDA E OBRA

Salvatore nasceu em 11 de dezembro de 1936, na cidade de Casteluccio Inferiore, Província de Potenza, região da Basilicata, na Itália. Chegou ao Brasil em 13 de julho de 1953, com 17 anos de idade, com seus pais e uma irmã três anos mais nova, a bordo do navio Paolo Toscanelli. Desembarcando em Santos - SP, a família seguiu para São Paulo para morar em uma vila no centro da cidade.

Seu pai exercia a profissão de marceneiro, embora estivesse doente; assim, a principal fonte de sustento para a família era o trabalho de sua mãe, que lavava roupas, desde as quatro horas da madrugada. Ambos já cansados e com idade avançada voltaram com a irmã de Salvatore para a Itália.

Em princípio, aos 17 anos, Salvatore trabalhou em diversos lugares sem registro profissional. Aos 18 anos, arranhou um emprego em uma firma de cobrança, o que o levou para o Sul de Minas, onde ele conheceu sua futura esposa, que também era filha de mãe italiana proveniente da

PERICO: Oriundo da cidade de Casteluccio Inferiore, Província de Potenza, região da Basilicata

região do Veneto e por parte de pai era neta de italianos da região Puglia.

Salvatore se casou em 07 de dezembro de 1956 em Olegário Maciel e voltou para São Paulo, onde trabalhava no Banco Ítalo-Brasileiro, na rua Boa Vista. Mais tarde, tornou-se mecânico em montagens industriais.

Em 1975, mudou-se para Itajubá, onde fixou residência e continuou trabalhando fora em firmas de montagem.

Entre sua chegada ao Brasil até o ano de 2000, Salvatore foi à Itália duas vezes para morar, mas não ficou, e mais três vezes a passeio.



Cidade de Castelluccio Inferiore, Província de Potenza

PERRONI DOMENICO “DOMINGOS” PADRE



Foto: Antonio C. Consoli

Imagem de São Francisco, na cidade de Paola, região da Calabria

- **Nascimento:** 1824
- **Falecimento:** 25 de dezembro de 1899
- **Pai:** Pascoal Perroni
- **Mãe:** Margarida Perroni

VIDA E OBRA

Domingos Perroni, nasceu no ano de 1824, na Itália, sendo filho de Pascoal e Margarida Perroni.

Tornou-se padre e foi designado, em 1890, como autoridade eclesiástica para a cidade de Piranguçu – MG. Ele veio de Paola, na região da Calabria, no sul da Itália, com seu sobrinho, José Perroni Catanzariti.

Em julho do mesmo ano, tomou posse na função e também atuou como coadjutor da Paróquia Nossa Senhora da Soledade, em Itajubá.

Em documento da época consta que, no dia 26 de setembro de 1898, o Padre Domingos Perroni concedeu uma bênção durante ato de inauguração do encanamento da água potável e chafarizes, em número de dez, em Piranguçu.

Padre Domingos Perroni faleceu, aos 75 anos de idade, no dia 25 de dezembro de 1899, durante celebração de Natal, tendo sido sepultado no dia seguinte em Piranguçu. Seu memorial no cemitério daquela cidade foi oferecido pelo seu sobrinho Giuseppe “José” Perroni Catanzariti.

PERRONI: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região de Calabria

PERRONI GIUSEPPE “JOSÉ”



- **Nascimento:** 02 de julho de 1879
- **Falecimento:** 1942
- **Pai:** Samuel Perroni
- **Mãe:** Não há dados
- **Esposa:** Mariana Etelvina de São José (* e † não há dados)
- **Pais de Mariana:** Não há dados
- **Filhos de José e Mariana:** Cícero (* 1901, † 30 de novembro de 1969), Wilson (* e † não há dados), Nelson (* e † não há dados), Domingos (* 1911, † 23 de novembro de 1979), Ruth (* e † não há dados), Elvira (* e † não há dados) e Maria José (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Giuseppe “José” Perroni Catanzariti, nasceu em 02 de julho de 1879, na Itália.

Ele veio de Paola, na região da Calabria, no sul da Itália, com seu tio, Padre Domenico “Domingos” Perroni, que foi designado em 1890 como autoridade eclesiástica para a cidade de Piranguçu – MG.

Em 25 de junho de 1901, com o ordenado de 300 mil réis por ano, José Perroni foi nomeado como professor na mesma cidade.

Casado com Mariana Etelvina de São José, no ano de 1902, ele constituiu em Piranguçu a sua família, mudando-se, depois, para Itajubá, onde residiu por muito tempo na Vila Presidente Wenceslau Braz.

José teve sete filhos:

- Cícero, casado com Adélia Cintra Tribst, de origem alemã; foi por muito tempo taxista e, depois, trabalhou como caminhoneiro; foi hábil artífice e pintor; foi sepultado em 30 de novembro de 1969, com 68 anos, e deixou vários filhos: Celso Tribst Perroni, nascido em 10 de julho de

1940, contador e advogado; Vera, nascida em 16 de dezembro de 1941; José, nascido em 12 de agosto de 1943 e falecido em 28 de novembro de 1943; Maria Isaura, nascida em 09 de julho de 1945; Adolfo, nascido em 20 de julho de 1946; Mariana, nascida em 27 de julho de 1947; Carlos, nascido em 10 de março de 1949; Hugo, nascido em 19 de abril de 1950; Fernando, nascido em 26 de maio de 1951; Adélia, sepultada com dois meses de vida em 05 de novembro de 1953; Maristela, também sepultada com dois meses de vida em 15 de janeiro de 1956;

- Wilson, especializou-se na pintura; era ótimo letrista e deixou vários quadros; casou-se e teve uma filha, que se tornou médica;

- Nelson, ex-funcionário da Fábrica de Armas, atual IMBEL, na qual se aposentou como um de seus mais competentes mecânicos; foi casado com Maria Geralda, filha de Joaquina Gaspar, e teve vários filhos: Roberto, nascido em 30 de julho de 1936; Renato, nascido em 08 de setembro de 1937 e casado, em 03 de outubro de 1959, com Maria Dedite; Regina, nascida em 31 de dezembro de 1938 e falecida em 04 de novembro de 1939, com onze meses incompletos; Rubens, nascido em 08 de dezembro de 1940 e casado, em 27 de abril de 1968, com Maria Eurides; Reni, nascido em 29 de março de 1942; Yvone, nascida em 08 de janeiro de 1944 e casada, em 21 de dezembro de 1968, com Benedito Bonifácio da Costa; Suedem José, nascido em 30 de janeiro de 1946; Silnéia, nascido em 14 de dezembro de 1947; Luzia, nascida em 03 de abril de 1949; Regina, nascida em 11 de dezembro de 1951; Yolanda, nascida em 23 de abril de 1954 e casada, em 12 de julho de 1975, com Celso de Souza;

- Domingos Perroni Sobrinho, ex-funcionário da empresa Codorna; foi artífice de muita habilidade e pintor; casado com a portuguesa Guilhermina Rosa Pereira, teve vários filhos: Nair, nascida em Santa Rita do Sapucaí em 03 de fevereiro de 1926, falecida em 12 de abril de 1939; Dante, nascido em 07 de janeiro de 1928; Helena, nascida em 05 de julho de 1929, falecida em 11 de dezembro de 1929, com quatro meses de idade; José, nascido em 10 de janeiro de 1931; Nadir, nascida em 08 de junho de 1935; Nalzira, nascida em 12 de maio de 1938; Sílvio, nascido em 05 de outubro de 1941 e Leonides, nascido em 05 de outubro de 1942;

- Ruth, ex-funcionária da empresa Codorna; permaneceu solteira;

- Elvira, casada, teve vários filhos;

- Maria José, conhecida como "Tia Zezé Perroni", foi costureira; casada com o ex-vereador Sebastião Marciano de Farias, tiveram vários filhos. Sebastião foi presidente da Liga Itajubense de Futebol e teve seu nome dado a uma das ruas de Itajubá, como homenagem da Câmara Municipal de Itajubá.

José Perroni faleceu no ano de 1942.



A Itajubá do passado: Avenida Cel. Carneiro Júnior - Rua Nova

PIAZZA MICHELE “MIGUEL”



- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** 1937
- **Pai:** não há dados
- **Mãe:** não há dados
- **Esposa:** Maria Catharina Cellario (* e † não há dados)
- **Pais de Maria:** não há dados
- **Filhos de Miguel e Maria:** Júlia (* e † não há dados), **Gêmeo 1** (* e † não há dados), **Gêmeo 2** (* e † não há dados), Miguel (* e † não há dados) Jerônimo (* e † não há dados) e Benedita (* e † não há dados).

VIDA E OBRA

O patriarca da família Piazza, Miguel Piazza e sua esposa, Maria Catharina Cellario, vieram da Itália. Ele era natural de Milão e ela, da região do Piemonte.

Miguel chegou a Pedra Branca, atual Pedralva, por volta de 1889, com a filha Júlia de 6 anos de idade, deixando para trás dois filhos gêmeos aos cuidados da ama porque não era permitido, na época, crianças com menos de 6 anos viajarem de navio, atravessando o Atlântico. No Brasil, Miguel e Maria Catharina tiveram mais três filhos: Miguelzinho, Jerônimo e Benedita.

No mesmo navio em que Miguel veio para o Brasil estavam seus amigos Aldo (Eduardo) e Orestes Brandani, naturais de Modena. Aldo se casou com Dorvalina Tenório, do bairro do Rennó, em Santa Rita do Sapucaí, com quem teve a filha Elisa Brandani, futura esposa do Miguelzinho Piazza.

PIAZZA: Oriundo da cidade de Milano (Milão), região da Lombardia

Até estabelecer-se como marceneiro, Miguel trabalhou como porteiro no cinema recém fundado por Antônio José Macedo, onde é hoje a residência de Terezinha Maglioni.

Marceneiro de mão cheia, Miguel trouxe consigo um baú com suas ferramentas. Ele construiu sua residência e um galpão com tijolos de adobe, onde instalou sua marcenaria, que até hoje continua sendo administrada pelo neto Raimundo Carlos Piazza, que ali reside.

Nessa marcenaria, Miguel sempre era visto, fumando um grande cachimbo em forma de S, do tipo Sherlock Holmes. Na entrada da marcenaria, entalhado em um quadro de madeira, havia um galo chantecler com a frase: “Quando este galo cantar, ferramenta emprestará”. Era uma maneira de evitar que pessoas pedissem ferramentas emprestadas.

PIAZZA MIGUEL FILHO



- **Nascimento:** 12 de fevereiro de 1909
- **Falecimento:** 22 de setembro de 1986
- **Pai:** Miguel Piazza (* não há dados † 1937)
- **Mãe:** Maria Catharina Cellario (* e † não há dados)
- **Esposa:** Elisa Brandani (* e † não há dados)
- **Pais de Elisa:** Aldo (Eduardo) e não há dados
- **Filhos de Miguel e Elisa:** Alvarina (* e † não há dados), Benedito (* e † não há dados), Maria José (* e † não há dados), Vítor (* e † não há dados), Raimundo (* e † não há dados), Eduardo (* e † não há dados), Sérgio (* e † não há dados), Renato (* e † não há dados), Clarisse (* e † não há dados), Norival (* e † não há dados), Falecido 1 (* e † não há dados), Falecido 2 (* e † não há dados), Falecido 3 (* e † não há dados), Falecido 4 (* e † não há dados), Falecido 5 (* e † não há dados), Falecido 6 (* e † não há dados).

VIDA E OBRA

Miguel Piazza Filho (Miguelzinho), após o falecimento do seu pai, Miguel Piazza, em 1937, sucedeu-o na marcenaria de sua propriedade.

Em 1929, casou-se, em Brazópolis, com Elisa Brandani, filha do amigo de seu pai, Aldo (Eduardo), com a qual teve 16 filhos, dos quais 6 faleceram ainda crianças. Com muito esforço e dedicação, criou os demais: Alvarina, Benedito, Maria José, Vítor, Raimundo, Eduardo, Sérgio, Renato, Clarisse e Norival.

Para trabalhar, Miguelzinho fabricou algumas máquinas para a oficina e, em maio de 1943, comprou, por Cr\$ 1.900,00 (mil e novecentos cruzeiros), as máquinas da oficina do Sr. Antônio Luiz Pinheiro, ampliando o galpão oficina e denominando-a “Marcenaria e Carpintaria São José”.

Ali, além de excelentes móveis, Miguelzinho fabricou os arcabouços dos caixões funerários, que eram cobertos por tecidos na Casa Carvalho, e os engradamentos da Igreja Matriz de Pedralva e São José do Alegre, da Casa Paroquial, do Fórum, da Cadeia, do Colégio, da IRAM, das capelas dos bairros Furnas, Pitangueiras e Pedrão, como também portas e janelas de várias residências.

Fato interessante ocorreu durante a 2ª Guerra Mundial, em abril de 1943: precisando viajar até Pouso Alegre, teve que obter um salvo conduto expedido pela Delegacia de Polícia, com foto 3x4, dados pessoais e impressão digital assinado pelo então delegado José Belmiro Monti, com os dizeres: “Nenhum impedimento existe a respeito do portador, pelo que as autoridades que deste tiverem conhecimento não deverão opor-lhe embaraços”.

Miguelzinho faleceu no dia 22 de setembro de 1986, sendo sucedido na marcenaria por seu filho Raimundo Carlos Piazza. Seus netos estão dando continuidade ao ofício herdado do bisavô e avô.



Raimundo C. Piazza, na marcenaria da família

PIAZZAROLI PIETRO "PEDRO"



- **Nascimento:** 25 de março de 1866
- **Falecimento:** 25 de outubro de 1950
- **Pai:** Antonio Piazzaroli (* e † não há dados)
- **Mãe:** Carmine Cecchini (* e † não há dados)
- **1ª Esposa:** Leonina Gonçalves de Oliveira (* 08 de dezembro de 1877, † 23 de julho de 1920)
- **Pais de Leonina:** Vicente Gonçalves da Silva e Idalina Custódia de Oliveira
- **Filhos de Pedro e Leonina:** Adriano (* 19 de dezembro de 1892, † 19 de junho de 1988), José (* 18 de junho de 1895, † 11 de agosto de 1981), Maria Izabel (* 05 de dezembro de 1897, † não há dados), Maria Annunciata (* 21 de dezembro de 1900, † 05 de fevereiro de 1985), Pedro (* 22 de novembro de 1901, † 18 de janeiro de 1985), Amélia (* 01 de janeiro de 1904, † 10 de setembro de 1939), Mansueto (* 09 de abril de 1906, † 26 de setembro de 1994) e Geraldo (* 22 de julho de 1908, † 23 de dezembro de 1974).
- **2ª Esposa:** Anacleta Chiquini (* e † não há dados)
- **Pais de Anacleta:** não há dados
- **Filho de Pedro e Anacleta:** Amyres Chiquini (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Pedro Piazzaroli nasceu em Castelnuovo de Garfagnana, na Itália em 25 de março de 1866, sendo filho de Antonio Piazzaroli e de Carmine Cecchini.

Chegou ao Brasil, aos 15 anos de idade, pelo Porto de Santos – SP, a bordo do Vapor Iscrivía,

PIAZZAROLI: Oriundo da cidade de Castelnuovo de Garfagnana, região da Toscana

em 10 de janeiro de 1881. Não veio como imigrante custeado pelos governos da Itália e do Brasil, mas com recursos próprios.

Morou, primeiramente, em Itanhandu e, depois, fixou-se em São José do Alegre, onde se casou com Leonina Gonçalves de Oliveira, em 03 de fevereiro de 1891, e com quem teve os filhos:

- Adriano, nascido em 19 de dezembro de 1892; casado com Ana Fittipaldi; falecido em 19 de junho de 1988 (*conferir biografia neste livro*);

- José, nascido em 18 de junho de 1895 e falecido em 11 de agosto de 1981 (*conferir biografia neste livro*);

- Maria Izabel, nascida em 05 de dezembro de 1897; casada com o italiano Leoni Fazani, gerente da fábrica de meias Lupo, em Araraquara-SP, com o qual teve os filhos Carleto, Pedro e José;

- Maria Anunciata, nascida em 21 de dezembro de 1900; casada com Odorico Albuquerque, com quem teve os filhos Roberto, engenheiro civil, e Renato, administrador de empresas, que atuaram em grandes empreendimentos imobiliários; falecida em 05 de fevereiro de 1985;

- Pedro, nascido em 22 de novembro de 1901; casado com Eulália Faria; falecido em 18 de janeiro de 1985 (*conferir biografia neste livro*);

- Amélia, nascida em 01 de janeiro de 1904; casada em 12 de junho de 1919, com Lyrio D´Onofrio, com quem teve o filho Pedro D´Onofrio, casado com Amélia, filha de Pedro Piazzaroli Filho e Eulália Faria; Amélia faleceu em 10 de setembro de 1939;

- Mansueto, nascido em 09 de abril de 1906; casado com Maria Rennó Pereira; falecido em 26 de setembro de 1994 (*conferir biografia neste livro*);

- Geraldo, nascido em 22 de julho de 1908 e falecido em 23 de dezembro de 1974 (*conferir biografia neste livro*).

Ao fim do Século XIX, São José do Alegre era um pequeno aglomerado urbano próximo a Itajubá. Naquela cidade, Pedro chegou a ser abastado comerciante com base nos recursos que tinha trazido da Itália. Foi proprietário de armazéns e outros comércios e construiu muitas casas, impulsionando o crescimento da localidade.

Já com seis filhos nascidos em São José do Alegre, Pedro optou por morar em Itajubá, um centro maior para desenvolver suas atividades e cuidar da instrução e educação dos filhos, onde nasceram dois dos filhos da primeira esposa.

Em Itajubá, não teve dificuldades para continuar suas atividades empreendedoras. Pedro atuou nas áreas de indústria, comércio, pecuária, hotelaria e fundou uma fábrica de cerveja na década de 1910. Também foi proprietário de uma fábrica de bombons, caramelos e bolos.

Nos primeiros anos do Século XX, era um dos mais prósperos comerciantes da cidade, estabelecido com grande armazém e loja no largo da antiga estação ferroviária, atual Praça Pereira dos Santos.

Adquiriu grande área para urbanizar na região em que está atualmente o bairro Boa Vista e, atendendo necessidade da prefeitura, fez-lhe doação do que hoje constitui a Rua Dona Maria Carneiro.

Com a cooperação de José Rennó Pereira – Zequinha Pereira -, em 02 de janeiro de 1918, Pedro instalou na Rua Santa Rita de Cássia (Beco da Fábrica), no bairro Boa Vista, uma torneira de água potável para a população.

Em 23 de julho de 1920, sua esposa Leonina faleceu, aos 43 anos de idade, e ele, então, contraiu novo casamento com Anacleto Chiquini, com quem teve o filho Amyres Chiquini (Roberto).

Pedro Piazzaroli faleceu em outubro de 1950, em Itajubá, aos 84 anos de idade.

PIAZZAROLI ADRIANO



- **Nascimento:** 19 de dezembro de 1892
- **Falecimento:** 19 de junho de 1988
- **Pai:** Pietro “Pedro” Piazzaroli (* 25 de março de 1866, † 25 de outubro de 1950)
- **Mãe:** Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli (* 08 de dezembro 1877, † 23 de julho de 1920)
- **Esposa:** Ana Fittipaldi (* 1898, † 30 de dezembro de 1968)
- **Pais de Ana:** Carmine Fittipaldi e Constança Ventimiglia Fittipaldi
- **Filhos de Adriano e Ana:** não tiveram filhos

VIDA E OBRA

Adriano Piazzaroli nasceu, em São José do Alegre, em 19 de dezembro de 1892, sendo filho de Pedro Piazzaroli e de Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli.

Casou-se com Ana Fittipaldi, de nacionalidade italiana, em 03 de setembro de 1914, mas não tiveram filhos.

No início do Século XX, Adriano montou uma oficina mecânica onde fabricava paralamas de chapa galvanizada ou preta, tanto para carros de tração como para automóveis, e diversos artefatos e peças para bicicletas, charretes, carroças e troles; reformava carros, automóveis, bicicletas e vendia alguns acessórios para estes e outros veículos.

Em sua oficina, muitos jovens e adolescentes aprenderam o ofício de mecânico. O sucesso de seu estabelecimento motivou, em 1925, a visita do Governador do Estado, Fernando Mello Vianna.

Adriano adquiriu um dos primeiros veículos Ford em Itajubá, tornando-se representante da marca na cidade. Foi também agricultor e adquiriu terras, como a fazenda paiol, nos caminhos de

Campos de Jordão-SP, vendida, depois, a Amador Aguiar, fundador do Banco Bradesco.

Também adquiriu a Granja Anita, onde criava gado da raça Jersey, tornando-se um dos maiores premiados com o seu plantel. Esta sua propriedade foi destinada para a construção do campo de aviação que, posteriormente, foi transformado em Distrito Industrial I, onde se encontram atualmente várias fábricas, como Helibras e Mahle, e também a concessionária de água, Copasa.

Outro fato marcante da personalidade de Adriano foi a doação de um pedaço de terra, localizado na Rua Santa Rita de Cássia, no bairro Boa Vista, onde havia uma nascente, para a população ter água suficiente.

Em junho de 1933, Adriano foi premiado na 2ª Exposição de Citricultura realizada no salão da então Associação Comercial de Itajubá. Ele também recebeu prêmio e medalha de ouro da Grande Exposição Industrial do Cinquentenário da Rede Mineira de Viação, inaugurada em 14 de junho de 1934, em Cruzeiro-SP.

Adriano Piazzaroli foi um dos grandes empreendedores e cooperadores do progresso de Itajubá e faleceu em 19 de junho de 1988, aos 95 anos de idade.

PIAZZAROLI JOSÉ



- **Nascimento:** 18 de junho de 1895
- **Falecimento:** 11 de agosto de 1981
- **Pai:** Pietro "Pedro" Piazzaroli (* 25 de março de 1866, † 25 de outubro de 1950)
- **Mãe:** Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli (* 08 de dezembro 1877, † 23 de julho de 1920)
- **Esposa:** Gabriela Gama (* não há dados † 11 de agosto de 1991)
- **Pais de Gabriela:** não há dados
- **Filhos de José e Gabriela:** não tiveram filhos

VIDA E OBRA

José Piazzaroli nasceu em São José do Alegre, em 18 de junho de 1895, sendo filho de Pedro Piazzaroli e de Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli.

Após terminar o curso ginasial, optou por atividades comerciais. Adquiriu de seu irmão Pedro o Pastifício Marina, que, mais tarde, tornou-se a Fábrica de Macarrão Ferrini.

Casou-se com Gabriela Gama, mas não teve filhos. Criou a sobrinha Juna Gama, que, depois, se casou com o engenheiro Nilo Faria.

Sua esposa, Gabriela, foi a segunda secretária do Centro de Estudos Evangélicos Allan Kardec. Era notável como artista, hábil pintora de obras de estilo clássico e autora de primorosas telas. Alguns de seus trabalhos figuraram na 20ª edição da Exposição de Luiz Teixeira, inaugurada em 20 de novembro de 1932, e na 23ª edição, inaugurada em 15 de junho de 1940, na qual ela participou com os quadros “Flores”, “Arredores de Itajubá”, “Paisagem”, “Casa de Caboclo” e “Frutas”. Ela se destacou, ainda, como professora.

José construiu o Cine Para Todos, à Rua Dona Maria Carneiro, no bairro Boa Vista, mais tarde cedido a Joaquim Rodrigues Pinto. Foi vereador entre os anos de 1947 e 1950 e, nesta função, trabalhou, em 1948, para a criação do Museu Municipal.

Como seu irmão Adriano, José também foi premiado na Grande Exposição Industrial do Cinquentenário da Rede Mineira de Viação, inaugurada em 14 de junho de 1934, em Cruzeiro-SP.

Foi aclamado membro da diretoria da Guarda Noturna de Itajubá, quando esta foi instituída em 27 de janeiro de 1949, em reunião da então Associação Comercial de Itajubá.

José Piazzaroli faleceu em 11 de agosto de 1981.

PIAZZAROLI PEDRO



- **Nascimento:** 22 de novembro de 1901
- **Falecimento:** 18 de janeiro de 1985

- **Pai:** Pietro “Pedro” Piazzaroli (* 25 de março de 1866, † 25 de outubro de 1950)
- **Mãe:** Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli (* 08 de dezembro 1877, † 23 de julho de 1920)
- **Esposa:** Eulália Faria Piazzaroli (* 12 de fevereiro de 1903, † 14 de janeiro de 1980)
- **Pais de Eulália:** Francisco Antônio Faria e Ana Teodora de Faria
- **Filhos de Pedro e Eulália:** Pedro (* 02 de julho de 1923 † 01/10/2011), Leonina (* 04 de janeiro de 1925, † 11 de novembro de 1927), Marina (* 03 de junho de 1927) Hélio (* 22 de abril de 1929 † 16 de outubro de 2000), Rubens (* 05 de agosto de 1931 † 18/04/1990), Leonina (* 21 de março de 1934 † 17/03/2001), Paulo (* 06 de dezembro de 1935), Getúlio (* 14 de agosto de 1937), Amélia (* 22 de maio de 1939 † 25/03/2013), José Sobrinho (* 15 de setembro de 1940), Márcia (* 04 de abril de 1942).

VIDA E OBRA

Pedro Piazzaroli Filho nasceu em São José do Alegre, em 22 de novembro de 1901, sendo filho de Pietro “Pedro” Piazzaroli e de Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli.

Casou-se com Eulália Faria, com quem teve os filhos:

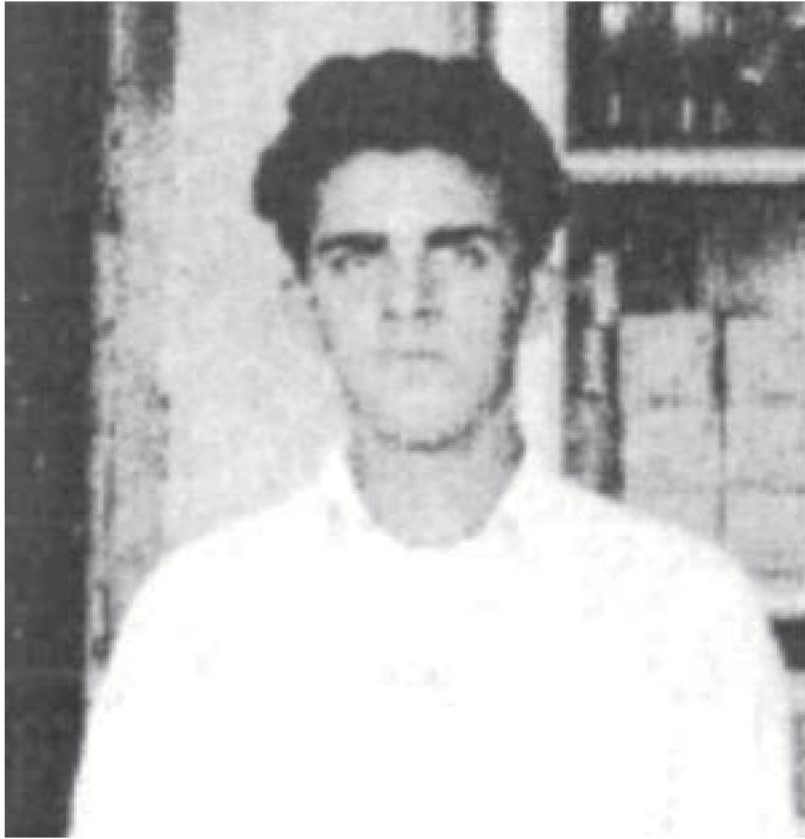
- Pedro, nascido em 02 de junho de 1923;
- Leonina, nascida em 04 de janeiro de 1925 e sepultada em 11 de novembro de 1926;
- Paulo, nascido em 02 de fevereiro de 1926 e sepultado em 09 de julho de 1927;
- Marina, nascida em 03 de julho de 1927; casada, em 05 de março de 1951, em Aparecida – SP, com Miguel Mercante;
- Hélio, nascido em 22 de abril de 1929; casado, em 05 de fevereiro de 1958, em Florianópolis – SC, com Dirce Maria Bortoluzzi;
- Rubens, nascido em 05 de agosto de 1931, casado, em 15 de outubro de 1960, em Tubarão -SC, com Talita Jannete Caporal;
- Leonina, segunda filha com este nome, nascida em 21 de março de 1934; casada, em 26 de abril de 1954, com Newton Garcia Rocha;
- Paulo, segundo filho com este nome, nascido em 06 de dezembro de 1935;
- Getúlio, nascido em 14 de agosto de 1937;
- Amélia, nascida em 22 de maio de 1939;
- José Piazzaroli Sobrinho, nascido em 15 de setembro de 1940; casado, em 23 de junho de 1973, com Vera Maria Faria; proprietário, na década de 1970, da Papelaria Itajubá, que vendia artigos escolares e brinquedos, à Rua Miguel Braga, no bairro Boa Vista;
- Márcia, nascida em 04 de abril de 1942; casada, em 08 de maio de 1965, com o engenheiro Antônio Augusto Álvares Santos Cardoso.

Pedro Piazzaroli Filho foi ativo comerciante, estabelecendo-se, inicialmente, com armazéns de secos e molhados.

Progredindo, construiu o prédio que abrigou o Café Hélio, antigo estabelecimento comercial do bairro Boa Vista e modelo de bar por muitos anos, na esquina entre as ruas Dona Maria Carneiro e Miguel Braga.

Ele também criou o loteamento da área que denominou Vila Rubens.

Pedro Piazzaroli Filho faleceu em 18 de janeiro de 1985.

PIAZZAROLI MANSUETO

- **Nascimento:** 09 de abril de 1906
- **Falecimento:** 26 de setembro de 1994
- **Pai:** Pietro "Pedro" Piazzaroli (* 25 de março de 1866, † 25 de outubro de 1950)
- **Mãe:** Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli (* 08 de dezembro 1877, † 23 de julho de 1920)
- **Esposa:** Maria Pereira Rennó (* não há dados, † maio de 1991)
- **Pais de Maria:** José Rennó Pereira e Luiza Rennó Pereira
- **Filhos de Mansueto e Maria:** não há dados

VIDA E OBRA

Mansueto Piazzaroli nasceu em Itajubá em 09 de abril de 1906, sendo filho de Pedro Piazzaroli e de Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli.

Também não quis prosseguir nos estudos, optando por atividades comerciais. Foi proprietário rural e dono da vila residencial da Rua Barão do Rio Branco, no bairro Boa Vista.

Mansueto Piazzaroli se casou com Maria Pereira Rennó.

Faleceu em Itajubá, em 26 de setembro de 1994.

PIAZZAROLI GERALDO

- **Nascimento:** 22 de julho de 1908
- **Falecimento:** 23 de dezembro de 1974
- **Pai:** Pietro "Pedro" Piazzaroli (* 25 de março de 1866, † 25 de outubro de 1950)
- **Mãe:** Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli (* 08 de dezembro 1877, † 23 de julho de 1920)
- **Esposa:** Maria Gonçalves de Oliveira (* e † não há dados)
- **Pais de Maria:** Horácio Gonçalves de Oliveira e Amélia Sciammarella de Oliveira
- **Filhos de Geraldo e Maria:** não tiveram filhos

VIDA E OBRA

Geraldo Piazzaroli nasceu em Itajubá em 22 de julho de 1908, sendo filho de Pedro Piazzaroli e de Leonina Gonçalves de Oliveira Piazzaroli.

Completo o curso ginasial e, como os irmãos, optou por atividades comerciais. Foi proprietário do Café Caipira e vereador entre os anos de 1951 e 1954, exercendo a vice-presidência da Câmara Municipal de Itajubá em 1951.

Geraldo faleceu em São Paulo, em 23 de dezembro de 1974.

PICORELLI PASQUALE



- **Nascimento:** 29 de abril de 1904
- **Falecimento:** 24 de fevereiro de 1980
- **Pai:** Giuseppe Picorelli (* e † não há dados)
- **Mãe:** Carmina Ricardi (* e † não há dados)
- **Esposa:** Vicentina Sales Dias (* 1906, † 11 de outubro de 1976)
- **Pais de Vicentina:** Vicente de Salles Dias (* 5 de junho de 1880 † 8 de maio de 1957) e Francisca Pereira Dias (* 1881 † 21 de setembro de 1957)
- **Filhos de Pasquale e Vicentina:** não há dados

VIDA E OBRA

Pasquale Picorelli nasceu em 29 de abril de 1904 em Rivello, Província de Potenza, Itália, sendo filho de Giuseppe Picorelli e de Carmina Ricardi.

Ele era relojoeiro e joalheiro. Transferiu-se para Itajubá em 1927 a chamado de seu irmão Antonio Picorelli, também italiano, que já estava na cidade desde 1910 e que muito amava o torrão itajubense.

Foi casado com Vicentina de Salles Dias, natural de Pouso Alegre, filha de Vicente de Salles Dias e de Francisca Pereira Dias.

Vicentina foi sepultada em 11 de outubro de 1976, com 70 anos e Pasquale faleceu no Rio de Janeiro em 24 de fevereiro de 1980.

PICORELLI: Oriundo de Rivello, Província de Potenza, região da Basilicata

PIZZO ABILIO



- **Nascimento:** 22 de setembro de 1908
- **Falecimento:** 23 de setembro de 1973
- **Pai:** Marco Pizzo
- **Mãe:** Erminia Itala Fusetti
- **Esposa:** Odilia Cappello (* 26 de maio de 1913, † 24 de novembro de 1969)
- **Pais de Odilia:** Primo Cappello e Antonia Azzini "Assini"
- **Filhos de Abilio Pizzo e Odilia Cappello:** Marcos Primo (* 30 de agosto de 1933, † 10 de maio de 1970), Mary Ignez (* 11 de janeiro de 1936, † 12 de junho de 1979), Marcello Guido (* 13 de fevereiro de 1941, † 07 de setembro de 1941), Mauro Francisco (* 14 de setembro de 1942), Marcello Abilio (* 25 de fevereiro de 1946) e Aida Elide (* 17 de agosto de 1948)

VIDA E OBRA

Abilio nasceu na pequena cidade de Elói Mendes, no sul das Minas Gerais. Desde criança, demonstrava habilidade em manusear a agulha e a linha, herança genética talvez de seu avô materno, Domenico, que era alfaiate na Itália. Era ele, quando criança, quem produzia as roupas das bonecas de suas irmãs. Iniciou o aprendizado do ofício com o alfaiate Vicente Biagini, amigo de seu pai Marco. Vicente tinha um concunhado em Itajubá, também alfaiate e sem filhos. O concunhado era Francisco Ricca. Com a anuência do pai Marco, Abilio mudou-se para Itajubá, em 1920 a fim de continuar o aprendizado do ofício com o mestre Chico Ricca que, além de

PIZZO: Oriundo da cidade de Porto Tolle, Província de Rovigo, região do Veneto

ensinar, o criou como se fora um próprio filho. Abilio retribuía aos seus pais adotivos com o afeto de verdadeiro filho. Compartilhou durante quarenta e cinco anos com o mestre o privilégio de vestir os homens elegantes das sociedades das cidades de Itajubá e da região. De temperamento alegre, sociável e comunicativo era ainda muito elegante devido a exigência da sua profissão. Casou-se com Odilia Cappello em 28 de novembro de 1932 com quem teve 6 filhos. Foi por dois períodos consecutivos eleito Juiz de Paz da cidade de Itajubá. A primeira vez, no período de 1963 a 66, na gestão do prefeito José Maria Campos e, na segunda, no período de 1967 a 70, na gestão do saudoso prefeito Luiz Carlos Tigre Maia. Era apaixonado por cinema. Frequentava praticamente as sessões todos os dias da semana. Gostava de jogar truco com os amigos. Tinha o hábito de acompanhar, sempre vestido de paletó, os enterros mesmo os de pessoas desconhecidas que passavam diante da sua alfaiataria. Era doador habitual de sangue.



Cidade de Porto Tolle, Província de Rovigo

PIZZUTO LUIGI FELIPE



- **Nascimento:** 24 de dezembro de 1884
- **Falecimento:** 27 de dezembro de 1963
- **Pai:** Lorenzo Pizzuto
- **Mãe:** Liboria Cucinffo
- **1ª Esposa:** Dolores Marinelli (* 31 de julho de 1893, † 16 de outubro de 1953)
- **Pais de Dolores:** Jorge Marinelli e Francisca Maria da Conceição
- **Filhos de Felipe Pizzuto com Dolores:** Lorenzo Pizzuto Neto (* 1912, † 10 de outubro de 1916)
- **2ª Esposa:** Mariana Maria – “Francisca” – de Jesus (* e † não há dados) - não tiveram filhos

VIDA E OBRA

Segundo o historiador Armelim Guimarães, o imigrante Felipe Pizzuto foi “um dos mais lembrados italianos do Itajubá da primeira metade do século XX.”

Felipe trabalhava nos serviços de transportes na cidade. Tinha uma frota de carroças. Na década de 1920, também possuía carros de praça tirados por cavalos, eram os táxis da época e transportavam passageiros, antes do advento do automóvel.

Depois, tornou-se empreiteiro de obras e, como tal, esse italiano de estatura mediana abriu estradas, ligando o município de Itajubá a outras regiões. Felipe trabalhou na construção da estrada de ferro, ramal da Vila Braz, em Brazópolis – MG, onde teve sua parcela de contribuição para o desenvolvimento local.

Sua primeira esposa, Dolores Marinelli, nasceu em 31 de julho de 1893. Consta nos arquivos

PIZZUTO: Oriundo de: não conseguimos informação

da paróquia que Felipe Pizzuto e Dolores tiveram um filho nascido em 1912, Lorenzo Pizzuto, que faleceu com apenas 4 anos de idade, em 10 de outubro de 1916.

O casal criou também um sobrinho de Dolores, Casimiro, que trabalhou no comércio de areia, explorado em terreno às margens do rio Sapucaí, conhecido como Prainha do Felipe. Casimiro faleceu muito jovem.

Dolores faleceu, aos 60 anos, em consequência de um derrame cerebral, em 16 de outubro de 1953.

Felipe Pizzuto se casou novamente com Mariana Maria (Francisca) de Jesus, mas não tiveram filhos.

Felipe morreu em 27 de dezembro de 1963, aos 79 anos. Pelos serviços prestados à comunidade itajubense, a rua do lado esquerdo da Igreja Matriz São José Operário, no bairro da Boa Vista, recebeu o nome de Felipe Pizzuto. O terreno adjacente à igreja era de propriedade de Felipe. Essa área era conhecida como Vila Marinelli.

O terreno onde se encontra a Igreja Matriz de São José Operário, foi doado por Luigi Felipe.

A Academia Itajubense de História prestou uma homenagem a Felipe Pizzuto, tendo proférido seu panegírico a conferencista Maria de Lourdes Silva Paz.

LEMBRANÇAS DE INFÂNCIA

Todos os domingos, meu pai me levava à Missa na Igreja de São José, no bairro da Boa Vista. Após a cerimônia, quase que “religiosamente”, meu pai ia fazer uma visita rápida ao seu caro amigo Felipe Pizzuto.

Lembro-me bem de que chegávamos a sua casa e éramos recebidos por sua esposa, que, de forma muito carinhosa, nos conduzia ao quintal, e ali estava Felipe, como sempre, pescando no Rio Sapucaí, que passava bem aos fundos de sua casa, antes da retificação ocorrida no final dos Anos Cinquenta. Impressionavam-me seu longo bigode e sua forma de falar com forte sotaque. Embora não tenhamos conseguido descobrir o local de sua origem na Itália, meu pai se referia a ele como um *vero calabrés*.

Por inúmeras vezes, ouvi Felipe nos convidar para o almoço, com os peixes que ele havia pescado; no entanto, lembro-me de ter almoçado em sua casa apenas uma ou duas vezes e da garrafa de vinho, sem rótulo, sobre a mesa. Numa das vezes, eu o ouvi dizer que era um vinho de “fabricação caseira, de um amigo”. Hoje, eu entendo por que não havia rótulo na garrafa.

Dentre minhas lembranças de criança, recordo, como se fosse hoje, o sorriso e o carinho daquele senhor que me dava atenção quando eu dirigia a ele qualquer pergunta de criança.

Quando havia leilão, o que acontecia com frequência depois da Missa, meu pai sempre arrematava alguma oferta para levar para o seu amigo Felipe Pizzuto.

Felipe viveu até os Anos Sessenta, quando eu já era jovem; no entanto, nessa época, raras vezes voltei a sua casa junto com meu pai, o que me dá uma dor no peito por não ter aproveitado mais a sua companhia e por não ter feito tantas perguntas, cujas respostas, certamente, hoje, poderiam alinhar a sua história com muito mais propriedade, ilustrando, sobremaneira, esta biografia.

É lamentável que quase todos nós começemos a nos interessar pela nossa história depois que muitos dos nossos antepassados já tenham partido, deixando um vazio em nosso coração e na história não contada.

Antonio C. Consoli

PODDIS GIUSEPPE THOMAZ



Localização da Sardegn (Sardenha), situada no Mar Tirreno, e o mapa da ilha com suas províncias

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** não temos informações
- **Mãe:** não temos informações
- **Esposa:** Vicenza Cocco (* 1859, † 26 de junho de 1937)
- **Pais de Vicenza:** Lourenço Cocco e Florência Senna
- **Filhos de Giuseppe e Vicenza:** Antiogo (* 1880, † 14 de dezembro de 1970), Jerônimo (* 1884, † 11 de dezembro de 1955), José Luiz (* 1893, † 21 de agosto de 1967) e Laura (* 1900, † 03 de outubro de 1945)

VIDA E OBRA

Giuseppe Thomaz Poddis era um imigrante italiano que chegou ao Brasil em meados do século XIX. Casou-se ainda no velho mundo, em seu país de origem, com Vicenza Cocco e tiveram quatro filhos: Antiogo, Jerônimo, José Luiz e Laura.

A família Poddis contribuiu muito com agricultura da cidade de Itajubá. Sendo o patriarca da família, Giuseppe Thomaz Poddis teve filhos dedicados à lavoura e ao comércio, que deram uma grande contribuição à região.

Segundo o historiador Armelím Guimarães, “a família Poddis foi, de início, quase toda constituída de imigrantes dedicados a trabalhos agrícolas e ao comércio. Foram primeiramente estabe-

PODDIS: Oriundo da cidade de Gaspari, região da Sardegn (Sardenha)

lecidos no bairro urbano, que hoje tem o nome dessa tradicional família de operosos lidadores da prosperidade de Itajubá – a Vila Poddis”.

Com grande experiência na área da pomicultura e plantações, a família destacou-se com o seu trabalho no campo. Armelim ainda descreveu: “Em nossos antigos jornais e em velhas atas, encontramos várias referências a integrantes dessa honrosa família que, desde o século XIX, aqui está para dedicar-se ao trabalho, desempenhando com probidade e perseverança, integrando afanosamente a comunidade itajubense”.

PODDIS ANTIOGO



- **Nascimento:** 1880
- **Falecimento:** 14 de dezembro de 1970
- **Pai:** Giuseppe Thomaz Poddis
- **Mãe:** Vicenza Cocco
- **Esposa:** Maria Del Rosário San Lino (* 1888, † 09 de outubro de 1968)
- **Pais de Maria:** João Astorga de Latorre e Felícia Gimenes Royera
- **Filhos de Antiogo e Maria:** Benedito (* 1906, † 10 de março de 1923), Antônio (* 19 de agosto de 1910, † não há dados), Etelvina (* e † não há dados), Maria (* 1913, † 31 de janeiro de 1970) e Maria do Carmo (* 1916, † 24 de abril de 1971)

VIDA E OBRA

Antiogo Poddis nasceu em Gaspari, na ilha de Sardenha, na Itália, em 1880, sendo filho de Giuseppe Thomaz Poddis e Vicenza Cocco.

Casou-se com Maria Del Rosário San Lino, uma espanhola, da cidade de Málaga. O casal

teve cinco filhos:

- Benedito, o primeiro filho, nasceu em 1906 e faleceu com apenas 17 anos, no dia 10 de março de 1923;
- Antônio, nascido em 19 de agosto de 1910, casado com Palmira Silva;
- Etelvina, casada com Antônio Amâncio e mãe de Jose Amâncio;
- Maria, nascida em 1913 e falecida em 31 de janeiro de 1970; casada com Vanderliro e mãe de Tereza Maria Poddis Ribeiro;
- Maria do Carmo, nascida em 1916 e falecida em 24 de abril de 1971; casada com Marcos Reno Grilo e mãe de Maria Aparecida Poddis.

Segundo relato do historiador Armelino Guimarães, o italiano Antiogo Poddis foi uma das grandes contribuições para o desenvolvimento de Itajubá: “Um dos mais laboriosos imigrantes italianos em Itajubá, que muito cooperou com o progresso do município, com sua experiência, seu dinamismo e sua honradez. Dedicou-se a empreendimentos agrícolas e muito desenvolveu a pomicultura”.

Antiogo foi um homem premiado pelas suas iniciativas e empreendimentos no setor agrícola. Em 1933 e 1934 consecutivamente, recebeu prêmio na Exposição de Citricultura, realizada no salão da Associação Comercial de Itajubá. Em 09 de agosto de 1936, foi premiado na Exposição de Produtos Agrícolas, através do Programa Semana da Semente.

Sua esposa, Maria Del Rosário faleceu em 09 de outubro de 1968, aos 80 anos, e Antiogo Poddis faleceu na cidade de Itajubá, no dia 14 de dezembro de 1970, aos 90 anos.

PODDIS JERÔNIMO



Mar Tirreno na Sardenha

- **Nascimento:** 1884
- **Falecimento:** 11 de dezembro de 1955
- **Pai:** Giuseppe Thomaz Poddis

- **Mãe:** Vicenza Cocco
- **Esposa:** Dolores Astorga (* 1890, † 24 de setembro de 1963)
- **Pais de Dolores:** João Astorga Delatorre e Felícia Gimenes Royera Astorga
- **Filhos de Jerônimo e Dolores:** Emmanuel (* 1916, † 15 de fevereiro de 1973), Carmo (* 1918, †), Isaac (* 1920, † 30 de março de 1979), Loly (* 12 de janeiro de 1924, †), Maria (* 17 de março de 1927, †), Teresinha (* 25 de janeiro de 1930, † 29 de agosto de 1977), Generosa (* 1906, † 27 de setembro de 1976), Armando (* 1908, † 10 de fevereiro de 1910); José (* 1911, † 20 de fevereiro de 1913).

VIDA E OBRA

Jerônimo Poddis nasceu na Itália, provavelmente em Gaspari, na ilha de Sardenha, assim como outros filhos de Giuseppe.

Casou-se com a espanhola Dolores Astorga, irmã de Maria Del Rosário que se casou com seu irmão Antiogo Poddis. O casal teve nove filhos:

- Emmanuel, nascido em 1916, casado em 29 de junho de 1938, em Brazópolis, em primeiras núpcias, com Urbana de Paiva Branco, falecida em 17 de maio de 1951, e em segundas núpcias, em 06 de julho de 1953, com Maria Ivone de Almeida Poddis; ele faleceu em 15 de fevereiro de 1973;

- Carmo, nascido em 1918, casado em 30 de julho de 1945, com Sebastiana Ferreira, com quem teve os filhos: Benedita, nascida em 13 de maio de 1946 e casada, em 06 de novembro de 1968, com Pedro Silva; Felícia, nascida em 14 de outubro de 1947 e casada, em 30 de setembro de 1967, com Jair Alves Gonçalves; Maria do Carmo, nascida em 16 de fevereiro de 1951 e casada, em 21 de setembro de 1974, com Luiz Barbosa Braga; Benedito, nascido em 29 de janeiro de 1957;

- Isaac, nascido em 1920 e sepultado em 30 de março de 1979, casou-se, em 23 de fevereiro de 1946, com Benedita Rosa de Lima, com quem teve os filhos: Maria das Graças, nascida em 06 de agosto de 1948 e falecida com 23 dias em 29 de agosto de 1948; João Batista, nascido em 24 de junho de 1951, casado, em 09 de dezembro de 1972, com Maria Aparecida Delfino; José Tomás, nascido em 16 de novembro de 1953; Maria Dolores, nascida em 15 de maio de 1955, casada, em 26 de outubro de 1974, com Nilo Nunes Ferreira;

- Loly, nascido em 12 de janeiro de 1924 e, casado com Therezinha Vilas Boas, com quem não teve filhos;

- Maria, nascida em 17 de março de 1927, casada em 27 de janeiro de 1945 com José de Paiva;

- Teresinha, nascida em 25 de janeiro de 1930, casada em 31 de julho de 1947 com José Ferreira Maduro e sepultada em 29 de agosto de 1977;

- Generosa, nascida em 1906, casada com Francisco Cândido de Carvalho e sepultada em 27 de setembro de 1976;

- Armando, nascido em 1908 e sepultado em 10 de fevereiro de 1910, com dezenove meses de vida;

- José, nascido em 1911 e sepultado em 20 de fevereiro de 1913, com dois anos de idade.

Jerônimo foi um dos integrantes da Colônia italiana da cidade de Itajubá que mais contribuíram para o desenvolvimento da agricultura do município. Trabalhou junto ao seu pai e seus irmãos, gerando emprego e alimento para Itajubá e região.

Jerônimo Poddis faleceu, em Itajubá, no dia 11 de dezembro de 1955, aos 71 anos. Dolores faleceu oito anos depois de seu marido, no dia 24 de setembro de 1963, aos 73 anos.

PODDIS JOSÉ LUIZ

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** 21 de agosto de 1967
- **Pai:** Giuseppe Thomaz Poddis
- **Mãe:** Vicenza Cocco
- **Esposa:** Maria Jacinta (*, †)
- **Pais de Maria Jacinta:** não há dados
- **Filhos de José Luiz e Maria Jacinta:** Antônio Jacinto (* 08 de outubro de 1951) e Benedito Jacinto (* 06 de março de 1953, † 30 de novembro de 1953)

VIDA E OBRA

José Luiz nasceu na Itália, provavelmente na cidade de Gaspari, região da Sardenha. Filho de Giuseppe Thomaz Poddis e Vicenza Cocco.

Casou-se com Maria Jacinta e tiveram dois filhos: Antônio Jacinto e Benedito, que faleceu com apenas oito meses.

Diferentemente dos irmãos que trabalhavam na agricultura, José preferiu o ofício de construtor.

José Luiz Poddis faleceu, em Itajubá, no dia 21 de agosto de 1967.

PODDIS LAURA

- **Nascimento:** 1900
- **Falecimento:** 03 de outubro de 1945
- **Pai:** Giuseppe Poddis
- **Mãe:** Vicenza Cocco
- **Esposo:** Otávio Cadeu (* e † não há dados)
- **Pais de Otávio Cadeu:** não temos informações
- **Filhos de Laura e Otávio:** não temos informações

VIDA E OBRA

Filha de Giuseppe Poddis e Vicenza Cocco, Laura Poddis, provavelmente, nasceu na Itália, assim como seus irmãos.

Laura Poddis faleceu no dia 03 de outubro de 1945.

PODDIS ANTÔNIO



Atrás, à esquerda: Professor Eurípedes Pamplona; à frente, à esquerda: Antonio Poddis; e à direita, Palmira

- **Nascimento:** 15 de agosto de 1910
- **Falecimento:** 29 de janeiro de 2000
- **Pai:** Antiogo Poddis (* 1880, †14 de dezembro de 1970)
- **Mãe:** Maria Del Rosário San Lino (* 1888, † 09 de outubro de 1968)
- **Esposa:** Palmira Silva (* 1º de agosto de 1917)
- **Pais de Palmira:** não temos informações (não há dados)
- **Filhos de Antônio e Palmira:** não temos informações (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Antônio Poddis nasceu em 15 de agosto de 1910, sendo filho de Antiogo Poddis e Maria Del Rosário San Lino. Casou-se com Palmira Silva.

Iniciou no comércio com o Armazém Santo Antônio, localizado na Vila Poddis, em Itajubá, tendo aberto a firma Poddis e Ribeiro Cia. Ltda., anos mais tarde.

Antônio foi um dos sócios fundadores do Rotary Club de Itajubá, em 1957, entidade que presidiu em 1971. Destacou-se como rotariano no biênio 72-73 no Distrito 456 do Rotary Internacional, o que lhe rendeu uma medalha de Honra ao Mérito.

Foi também um dos fundadores da Casa da Criança bem como da associação de moradores do bairro Avenida, inaugurada em agosto de 1964. Em 1968, foi eleito personagem do mês de setembro do jornal Correio Popular.

Antônio Poddis foi vereador no quadriênio 1973-1976 e provedor da Santa Casa de Misericórdia, por nove anos. Também atuou no Lar da Providência (asiló), no então Clube de Diretores Lojistas - atualmente Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) – e na diretoria do Clube Itajubense.

Ele doou à Associação das Antigas Alunas da Providência (AAAP) um terreno de 200 metros quadrados no bairro Nossa Senhora de Lourdes para a construção de um centro comunitário, que foi inaugurado em 1979.

Antônio Poddis faleceu em 29 de janeiro de 2000.

PODDIS EMMANUEL

- **Nascimento:** 1916
- **Falecimento:** 15 de fevereiro de 1973
- **Pai:** Jerônimo Poddis
- **Mãe:** Dolores Astorga
- **1ª Esposa:** Urbana de Paiva Brandão (* 1929, † 17 de maio de 1951)
- **Pais de Urbana:** Cristino de Paiva Branco e Laura Arantes Cardoso
- **Filhos de Emmanuel e Urbana:** José (* 24 de março de 1941), Geraldo (* 06 de abril de 1943), Maria (* 27 de outubro de 1944), Benedito (* 25 de julho de 1946), Natanael (* 24 de setembro de 1947), Catarina (* 11 de abril de 1949), Francisca Gabriela (* 03 de abril de 1951)
- **2ª Esposa:** Maria Ivone de Almeida (* e † não há dados)
- **Pais de Maria Ivone:** não há dados
- **Filhos de Emmanuel e Urbana:** Maria de Fátima (sepultada com dois dias de vida)

VIDA E OBRA

Emmanuel Poddis nasceu em 1916, sendo filho de Jerônimo Poddis e de Dolores Astorga.

Casou-se em primeiras núpcias com Urbana de Paiva Branco, nascida em 1929 e filha de Cristino de Paiva Branco e Laura Arantes Cardoso. Com ela teve os filhos:

- José Poddis, nascido em 24 de março de 1941, casado em 09 de fevereiro de 1963 com Regina Claret de Paiva;

- Geraldo Poddis, nascido em 06 de abril de 1943, casado em 25 de maio de 1968 com Maria Bernadete dos Santos;

- Maria, nascida em 27 de outubro de 1944, casada em 10 de março de 1972, com Ironnian Victor Garrido;

- Benedito Poddis, nascido em 25 de julho de 1946, casado em 26 de julho de 1960, com Maria Aparecida Bernardo;

- Natanael Poddis, nascido em 24 de setembro de 1947, casado em 26 de setembro de 1970, com Maria Celina Dias;

- Catarina Maria, nascida em 11 de abril de 1949;

- Francisca Gabriela, nascida em 03 de abril de 1951, casada com Milton Offimann dos Santos.

Sua primeira esposa faleceu em 17 de maio de 1951. Então, Emmanuel se casou, em segundas núpcias, em 06 de julho de 1953, com Maria Ivone de Almeida, .

Emmanuel Poddis foi um continuador de seus ancestrais nos trabalhos agrícolas e no comércio, muito cooperando para o progresso do município de Itajubá.

Emmanuel foi sepultado em 15 de fevereiro de 1973, com 57 anos de idade.

PULITI GONIPPO



- **Nascimento:** 19 de novembro de 1866
- **Falecimento:** 25 de março de 1928
- **Pai:** Giovanni Puliti
- **Mãe:** Carolina Casse Puliti
- **1ª Esposa:** Palmyra Martinelli
- **2ª Esposa:** Mariana Pinto da Silva (* não há dados, † 13 de outubro de 1932)
- **Pais de Mariana:** Feliciano José Pinto da Silva e Ana Anacleto Ribeiro da Silva
- **Filhos de Gonippo e Mariana:** João Puliti (* 1902, † 06 de junho de 1954), José Puliti (* 1906, † 22 de outubro de 1980), Mariana Puliti Pires de Oliveira

VIDA E OBRA

Natural de Pietrasanta, Província de Lucca-Carrara, Gonippo Puliti era um gênio na arte de esculpir. Seu talento tem origem em sua terra natal. Gonippo pertencia a uma tradicional família de marmoristas. Dos sete irmãos, cinco desenvolveram a arte de trabalhar o mármore.

Das pedreiras de sua cidade, Pietrasanta, na Itália, eram extraídos os mais belos mármore para serem transformados nas mais célebres estátuas que se encontram nos mais famosos monumentos, igrejas, túmulos, palácios, jardins e museus da Europa e do mundo.

O escultor, recém casado, veio com a primeira esposa, Palmyra Martinelli, para o Brasil, por

PULITI: Oriundo da cidade de Pietrasanta, Província de Lucca-Carrara, região da Toscana

volta de 1895, e mostrou o seu talento em terras brasileiras. Ele fôra contratado pelo Governo do Estado de São Paulo para reformar uns murais de uma igreja na cidade de Itapira.

Já viúvo e tendo terminado seu contrato, não retornou à Itália, mas saiu em busca de italianos na região, passando por Ouro Fino, Pouso Alegre, Ponte Alta (atual Monsenhor Paulo) e Santa Rita do Sapucaí. Residiu por alguns anos em Espírito Santo do Pinhal – SP, onde trabalhou, cerca de quatro anos, numa marmoraria montada com seus cunhados.

Depois, mudou-se para Itajubá, onde conheceu Mariana, que seria sua segunda esposa. Em 26 de outubro de 1899, inaugurava a “Marmoraria Itajubense”, na Praça Wenceslau Braz, transferida, mais tarde, para um edifício próprio na esquina das ruas Francisco Masselli e João de Azevedo, onde funcionou até o falecimento de João Puliti, o continuador do negócio do pai.

Gonippo, além de trabalhar as pedras planas, fazia esculturas, verdadeiras obras de arte: imagens, anjos, relevos, florões, ornatos, gregas e tantos trabalhos *sui generis*, que ainda estão expostos em cemitérios, templos e monumentos do Sul de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro. É indicado pelo pintor itajubense Luiz Teixeira para recomposição de medalhões do novo altar de uma igreja do mesmo Estado.

Sua arte era admirada e reconhecida, chegando mesmo a receber uma Medalha de Ouro, em 22 de julho de 1927, pelo Instituto Agrícola Brasileiro. Em 1º de dezembro de 1928, o Instituto Industrial e Agrícola Latino-Americano concedeu à Marmoraria de Gonippo Puliti, já falecido, uma Medalha e um Diploma de Honra pelos trabalhos esculpidos.

Segundo Armelino Guimarães, em sua coluna “Colméia Itajubense” (374), publicada no Jornal “O Sul de Minas”, a arte de Gonippo era singela, perfeita, graciosa e permanente: “O nome de Gonippo Puliti fica indelevelmente incrustado à história de nossa cidade como um dos mais legítimos expoentes das tradições artístico-culturais de nossa terra”.

O genial escultor em obras de mármore faleceu com 61 anos, em 25 de março de 1928.

PULITI JOÃO



- **Nascimento:** 22 de abril de 1902
- **Falecimento:** 06 de junho de 1964
- **Pai:** Gonippo Puliti (* 19 de novembro de 1866, † 25 de março de 1928)
- **Mãe:** Mariana Pinto da Silva Puliti (* não há dados, † 13 de outubro de 1932)
- **Esposa:** Julieta Ribeiro de Carvalho (* 10 de janeiro de 1900, † 28 de maio de 1993)
- **Pais de Julieta:** Lydia Carneiro Santiago e Vitor Ribeiro de Carvalho
- **Filhos de João e Julieta:** Lívio Márcio Puliti (* 04 de maio de 1930) e João Roberto Puliti (* 03 de agosto de 1933)

VIDA E OBRA

Gonippo Puliti, o maior imigrante escultor em mármore do Sul de Minas repassou ao seu filho, João Puliti, o ofício que aprendera na Itália com sua família, na Província de Lucca-Carrara. Com o mesmo espírito e ardor artístico herdado do pai, João deu sequência às obras de mármore em Itajubá e região.

João nasceu em Itajubá em 22 de abril de 1902. Fez seus estudos primários em Itajubá, tendo como um de seus educadores o professor Carmo Cascardo, também imigrante italiano. Depois estudou em São Paulo no Liceu Salesiano de Artes e Ofícios.

De volta a Itajubá, mudou de local a firma da família e continuou o ofício. Além da marmoraria, João foi funcionário da CSM Eletricidade, de propriedade de Durval Dias, e teve como companheiro o Dr. Antonio Rodrigues de Oliveira. Seu trabalho era desenvolvido no período da noite para reforçar o orçamento, pois estava de casamento marcado.

João se casou com Julieta Ribeiro de Carvalho, com quem teve dois filhos:

- Lívio Márcio Puliti, nascido em 04 de maio de 1930, engenheiro diplomado pela Escola Federal de Engenharia de Itajubá (FEI) e casado em 12 de outubro de 1957, com Beatriz Teixeira de Sales Dias, falecida em 27 de setembro de 2012.

- João Roberto Puliti, nascido em 03 de agosto de 1933, advogado, casado com Dayse Junqueira; como presidente da Camig, recebeu, em maio de 1978, no Clube Itajubense, uma homenagem da Prefeitura Municipal e do Sindicato Rural.

Das inúmeras obras de João Puliti destacam-se os belos altares das igrejas Matriz Nossa Senhora da Soledade e de Santa Terezinha, na IMBEL, em Itajubá, e de igrejas de outras cidades. Além de túmulos artísticos de mármore e granito.

Com a morte de seu pai em 1928, a Marmoraria Itajubense mudou sua razão social, passando a se chamar Marmoraria Puliti até 1964, quando, logo, mudou de dono e, novamente, de nome, sendo, então, denominada Marmoraria Itajubá, que ainda funciona na rua Flamínio Miranda, no bairro Porto Velho.

Em 1934, João Puliti foi agraciado com o Diploma de Honra conferido na Grande Exposição Industrial promovida pela Rede Mineira de Viação, em comemoração ao seu cinquentenário, em Cruzeiro - SP.

João Puliti faleceu em São José do Rio Preto - SP, em 06 de junho de 1964, mas foi sepultado em Itajubá, onde repousa no mausoléu da família no cemitério local. Tinha, então, 62 anos de idade, 36 anos de casado e um histórico artístico exposto em vários estados do Brasil.

Em homenagem a João Puliti, uma das ruas do bairro Morro Chic, em Itajubá, leva o seu nome.

PULITI JOSÉ



- **Nascimento:** 29 de janeiro de 1906
- **Falecimento:** 22 de outubro de 1980
- **Pai:** Gonippo Puliti (* 19 de novembro de 1866, † 25 de março de 1928)
- **Mãe:** Mariana Pinto da Silva Puliti (* não há dados, † 13 de outubro de 1932)
- **Esposa:** Maria do Carmo da Silva (* 15 de maio de 1911, † 22 de outubro de 1981)
- **Filhos de José e Maria do Carmo:** José Arlindo (* 28 de maio de 1933, † 15 de maio de 2005), Cláudia Maria (* 31 de dezembro de 1939) e Consuelo Maria (* 16 de março de 1949)

VIDA E OBRA

José Puliti é o segundo filho de Gonippo Puliti e de Mariana Pinto da Silva Puliti. José nasceu em Itajubá, em 29 de janeiro de 1906, mas não seguiu a profissão do pai e do irmão, João Puliti, na arte dos mármore.

Estudou Contabilidade em São Paulo, no Liceu Salesiano e, por isso, buscou seu próprio caminho em outras atividades profissionais, desenvolvendo seu trabalho no próprio Liceu, em indústrias e em entidade educacional de Itajubá. Atuou como funcionário na Fábrica de Armas, atual IMBEL, e, depois, passou para a Escola Federal de Engenharia de Itajubá - EFEI, atualmente UNIFEI.

Ele se casou com Maria do Carmo da Silva e teve três filhos:

- José Arlindo, nascido em 28 de maio de 1933, dentista, casado em São Paulo, em 16 de dezembro de 1960, com Celina Generosa;
- Cláudia Maria, nascida em 31 de dezembro de 1939 e casada em 14 de julho de 1962 com

Jordão Motta de Castilho;

- Consuelo Maria, nascida em 16 de março de 1949, casada com Uilson Domingos Simioli.

Sobre José Puliti, sua filha Consuelo diz: “meu pai foi um grande homem, um pai maravilhoso, amigo, companheiro e, acima de tudo, um lindo exemplo. Ele e minha mãe se amaram e viveram felizes, um se dedicando ao outro. Foi um homem cheio de fé. Amigo dos amigos e sempre pronto a ajudar ao próximo”.

José foi um dos fundadores dos Cooperadores Salesianos e faleceu em 1980, aos 74 anos de idade.



Cidade de Pietrasanta, região da Toscana, Província de Lucca-Carrara

REALE BIAGGIO "BRAZ"



- **Nascimento:** 13 de dezembro de 1865
- **Falecimento:** 26 de julho de 1952
- **Pai:** não temos informações
- **Mãe:** não temos informações
- **Esposa:** Felicidade Chiaradia (* 18 de junho de 1873 † 04 de janeiro de 1931)
- **Pais de Felicidade:** Miguel Chiaradia (* 22 de outubro de 1851 † 09 de agosto de 1913) e Ana Vieira da Rosa Góes (* e † não há dados)
- **Filhos de Braz e Felicidade:** Afonso (* e † não há dados), Regina (* e † não há dados), Anita (* e † não há dados), Miguel (* 06 de novembro de 1910, † 14 de abril de 2006), Ivanoi (* e † não há dados) e Ida (* e † não há dados).

VIDA E OBRA

Braz Reale nasceu em San Severino Lucano, Itália, em 13 de dezembro de 1865. Seu verdadeiro nome era Biaggio, que no Brasil ficou sendo Braz.

Ele doutorou-se pela Faculdade de Medicina de Nápoles, veio ainda jovem para o Brasil e se casou em 27 de março de 1901, em São Bento do Sapucaí - SP com a professora Felicidade Chiaradia, filha única de Miguel Chiaradia, médico daquela cidade, filho de Tomaz Chiaradia e Maria Francesca Gargaglione e sobrinho de Paulo Chiaradia, comerciante em Itajubá e Piranguçu - MG. Foi testemunha Vicente Chiaradia irmão de Miguel.

O casamento de Dr. Braz foi arranjado pelo seu irmão, então pároco de São Bento do Sapucaí, Padre Francisco Reale, muito querido pela comunidade e íntimo dos Chiaradia, cuja filha única era alvo especial de sua predileção.

Apesar de ser um casamento ajustado à distância, bem poucos casais souberam viver com tanta harmonia e compreensão. Dessa união vieram os filhos: Afonso, Regina, Anita, Miguel,

REALE: Oriundo da San Severino Lucano, Província de Potenza, Basilicata

Ivanoí e Ida.

Com sólida formação científica e experiência adquirida no serviço militar, como tenente médico do Exército Italiano, Braz era um homem tranquilo e educado no culto da política fraternal, com certa tendência a um socialismo humanitário. Sua fama de hábil cirurgião clínico se espalhou pelo Sul de Minas.

O espírito empreendedor e a dedicação aos valores culturais eram características de Braz Reale e do major Miguel Chiaradia. Sua obra mais relevante foi a construção e implantação de uma Santa Casa de Misericórdia, com a colaboração do seu sogro e do seu irmão padre.

Incentivado por D. Pedro II, o sogro, Miguel Chiaradia, plantou macieiras importadas da Itália, mas seus esforços criadores estavam destinados ao fracasso por falta de assistência técnica adequada. As macieiras definharam e se transformaram em plantas silvestres.

Miguel Chiaradia faleceu relativamente jovem devido a uma queda de seu cavalo. Somando a isso a pequenez política de São Bento do Sapucaí e a morte de seu filho Afonso, por difteria, Dr. Braz resolveu procurar centro maior, mudando-se para o Rio de Janeiro, então capital do Brasil.

Lá instalou, à beira mar, na praia do Flamengo, uma farmácia e um consultório. Tudo ia muito bem até que numa noite de ressaca marinha o mar adentrou a farmácia reduzindo tudo a escombros e destruindo todos os bens e a esperança investidos ali.

Dr. Braz, então, resolveu transferir-se para Itajubá, cidade em evidência devido a Wenceslau Braz, com um nascente pólo industrial e com energia elétrica proveniente de uma pequena usina instalada em Piranguçu.

Outra razão determinante na escolha de Itajubá era a existência de uma colônia italiana empreendedora e consolidada como os Chiaradia, os Ciancio, os Picorelli e os Gargaglione, entre outros, além da estrada de ferro Sul Mineira.

Nessa ocasião, a primeira fábrica de massas industrializadas e movida a energia elétrica era o Pastifício Itajubense de propriedade de Vicente Chiaradia, situada na Avenida Coronel Carneiro Júnior, nº. 311.

Dr. Braz, mais uma vez, lançando mão da herança do sogro, construiu um belo palacete na esquina da avenida principal, então reduto dos italianos já estabelecidos e em frente à residência de Wenceslau Braz.

Nomeado médico da Rede Ferroviária, Dr. Braz perdeu seu filho Ivanoí, também vítima de difteria. Em seguida, voltando de uma visita clínica a um ferroviário doente, passou, inadvertidamente, entre dois vagões que faziam manobra manual, o que resultou em um acidente, fraturando a bacia e acabando com a vida de médico de interior que não podia se limitar apenas a uma clientela urbana.

Foi então que recebeu um convite do Dr. Messiutti, médico amigo que voltava para a Itália e lhe oferecia o seu consultório e toda clientela. Dr. Braz resolveu, então, mudar-se com a família para São Paulo, onde se estabeleceu até o fim de sua vida, em 26 de julho de 1952.

Em São Paulo, a vida transcorreu entre altos e baixos e os bens herdados acabaram por terminar, restando apenas um sítio perto de Campos do Jordão, hoje propriedade de seu neto Miguel Reale Júnior, filho de Miguel Reale.

REALE MIGUEL



- **Nascimento:** 06 de novembro de 1910
- **Falecimento:** 14 de abril de 2006
- **Pai:** Braz Reale (* 13 de dezembro de 1865, † 26 de julho de 1952)
- **Mãe:** Felicidade Chiaradia (* 18 de junho de 1873 † 04 de janeiro de 1931)
- **Esposa:** Nuce Lombardi Pucci
- **Pais da esposa:** José Pucci e Rachel Lombardi
- **Filho de Miguel e Nuce:** Ebe, Livia Maria, Miguel Júnior

VIDA E OBRA

Dos filhos de Braz Reale e Felicidade Chiaradia, Miguel foi o que mais se destacou. Nasceu em São Bento do Sapucaí - SP em 06 de novembro de 1910.

Na adolescência, devido às peraltices cometidas em Itajubá, Miguel foi internado no Instituto Dante Alighieri. Mais tarde, formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo.

Tornou-se um grande jurista, destacando-se também na política conturbada da mudança da República Velha para o Estado Novo. Lecionou no Largo São Francisco, foi Reitor da Universidade de São Paulo (USP), envolveu-se com o Movimento Integralista Brasileiro e foi secretário na Administração de Ademar de Barros. Ocupou a cadeira de número 14 da Academia Brasileira de Letras.

Miguel Reale foi filósofo, jurista, educador e poeta. Como membro do Conselho Administrativo do Estado de São Paulo, indicou São Bento do Sapucaí como sede do Posto de Fruticultura do Estado. Na ocasião, um agrônomo de nome Shisuto Murayama retomou os estudos sobre a

aclimação de macieiras partindo de mudas oriundas da Califórnia.

Benedito Chiaradia, filho de Vicente Chiaradia e tabelião em Brazópolis, sempre de espírito vigilante e prático, se lembrou do pomar de macieiras de seu tio Miguel Chiaradia, avô de Miguel Reale, na antiga fazenda Coimbra, na Serra da Mantiqueira.

As antigas macieiras, perdidas no mato, haviam se identificado com a terra e se aclimatado à região. Dessa experiência resultaram as plantações de Valinhos, Roseira e outras regiões. Hoje a produção de maçãs no Brasil se deve a essa experiência agrônômica em que as macieiras do major Miguel Chiaradia tiveram fundamental importância.

Miguel Reale faleceu em São Paulo – SP em 14 de abril de 2006, aos 95 anos.



A Itajubá do passado: Residência de Biaggio Reale, na Praça Dr. Wenceslau Braz, esquina com a Avenida Coronel Carneiro Junior.

RESTANI CANDIDO



Foto: Ricardo Danilo Restani de Andrade

Cidade Novi di Modena, região da Emilia-Romagna

- **Nascimento:** 1844
- **Falecimento:** 1918
- **Pai:** Pietro Restani (* 06 de abril de 1817, † não há dados)
- **Mãe:** Trevisi Luigia (* 03 de março de 1817, † não há dados)
- **Esposa:** Domenica Zanotti (* 1846, † 1917)
- **Pais de Domenica:** Francesco Zanotti e Guiseppa Compagurci
- **Filhos de Candido e Domenica:** Cezira (* 1870, † não há dados), Aristodemo (* 1872, † não há dados), Graciano (* 07 de fevereiro de 1875, † 24 de julho de 1950), Pia (1878, † não há dados), Vitalina (* 1886, † não há dados)

VIDA E OBRA

Candido Restani nasceu em Novi di Modena, em 1844. Era filho de Pietro e Trevisi Luigia e teve um irmão, Giovanni Restani. Seus avós paternos eram Francesco Restani e Giovanna Gelmini.

Em 1869, aos 25 anos, Candido casou-se com Domenica Zanotti, nascida em 1846, com 23 anos de idade. Um ano depois, em 1870, nasceu sua primeira filha, Cezira. Depois nasceram Aristodemo, Graciano, Pia e Vitalina.

Em 1888, Candido, Domenica e seus cinco filhos imigraram para o Brasil. Na travessia do Atlântico, veio também, no Navio Bretanha, seu irmão Giovanni. Toda a família desembarcou no porto de Santos - SP, no dia 6 de outubro de 1888. Do porto foram para a cidade de Amparo - SP e se puseram a trabalhar na agricultura, em uma fazenda de nome Esperança.

Domenica Zanotti faleceu em Santo Antonio da Posse – SP em 1917 e Candido Restani, na mesma cidade, em 1918, aos 74 anos.

Restani: Oriundo da cidade de Novi di Modena, região da Emilia Romagna

RESTANI GRACIANO



- **Nascimento:** 07 de fevereiro de 1875
- **Falecimento:** 24 de julho de 1950
- **Pai:** Cândido Restani (* 1844, † 1918)
- **Mãe:** Domenica Zanotti (* 1846, † 1917)
- **Esposa:** Giuglia Boaretto (* 06 de janeiro de 1874, † 18 de outubro de 1955)
- **Pais de Giuglia:** Antonio Boaretto e Luiza Dentello Boaretto
- **Filhos de Graciano e Giuglia:** Artur (* 02 de outubro de 1893, † 05 de julho de 1956), Francisco (* 21 de abril de 1895, † 1962), Roberto (* 16 de março de 1896, † 25 de janeiro de 1974), Guilherme (* 25 de julho de 1902, † 09 de agosto de 1976), Honorina (* 23 de setembro de 1904, † 13 de julho de 1993), Georgina (* 04 de junho de 1908, † 28 de agosto de 1994), Leontina (* 16 de outubro de 1913, † 15 de junho de 2003)

VIDA E OBRA

Graciano Restani nasceu em 07 de fevereiro de 1875, na cidade de Novi di Modena, região da Emília Romana. Filho de Cândido Restani.

Graciano tinha treze anos quando veio com os pais para o Brasil. Atravessou o Atlântico com saída da Itália no dia 14 de setembro de 1888, no navio Bretanha. A viagem durou 23 dias e a família desembarcou no porto de Santos - SP, no dia 06 de outubro do mesmo ano.

Na mesma época em que a família Restani chegava ao Brasil, um pouco mais de um mês também chegava ao País aquela que seria, mais tarde, a sua esposa, Giuglia Boaretto acompanhada de sua mãe Luíza. Ela também chegou pelo porto de Santos, no dia 11 de novembro de 1888, no navio a vapor Borgonha.

Assim que desembarcou, a família Restani seguiu viagem até o município de Amparo - SP para trabalhar na agricultura, em uma fazenda com o nome de Esperança.

Depois de trabalhar na agricultura, a família mudou-se para Posse de Ressaca - SP, hoje Santo

Antonio da Posse, e depois para outras cidades paulistas, como Jundiaí, Itapira, Campinas e, finalmente, São Paulo, indo morar no bairro do Bexiga. Lá montou um negócio familiar no ramo da alimentação.

Em 1893, Graciano Restani se casou com Giuglia Boaretto, filha de Antonio e de Luiza Dentelli Boaretto. O casal teve sete filhos, sendo quatro homens e três mulheres.

Em 1918, quando todo o País foi assolado pela gripe espanhola, Graciano optou por mudar com sua família para a cidade de Itajubá, no Sul de Minas, por volta de 1919.

Ao estabelecer-se na cidade, Graciano arrendou o Hotel Avenida. Sua esposa assumiu a cozinha do Hotel e, nos finais de semana, grande parte da sociedade prestigiava a culinária vinda da região italiana do Veneto. Mais tarde, Graciano arrendou o Grande Hotel Itajubá e o administrou até por volta de 1944. Nesta época, as recepções festivas ficaram famosas no Grande Hotel pela culinária de Giulia Restani, que preparava os banquetes à sociedade itajubense, nos quais sempre estava presente o Exmo. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, então Presidente do Brasil.

Sua esposa, Giuglia, além de boa cozinheira, desempenhava o ofício de parteira. Durante muitos anos, prestou relevantes serviços à sociedade itajubense, na época em que a Maternidade Xavier Lisboa ainda não existia.

Segundo o historiador Armelino Guimarães, ela atendia as parturientes mais ilustres da comunidade, sempre solícita, eficiente e prestimosa. Até mesmo médicos confiavam suas pacientes nos partos à competente parteira. E, assim, muitos de nossos conterrâneos nasceram nas mãos de Giuglia Restani.

Graciano Restani faleceu no dia 24 de julho de 1950, aos 75 anos, e Giuglia em 18 de outubro de 1955, aos 81 anos.

RESTANI ARTUR



- **Nascimento:** 02 de outubro de 1893
- **Falecimento:** 05 de julho de 1956
- **Pai:** Graciano Restani (* 07 de fevereiro de 1875, † 24 de julho de 1950)
- **Mãe:** Giuglia Boaretto Restani (*06 de janeiro de 1874, † 18 de outubro de 1955)
- **Esposa:** Zulmira Albierre (* 14 de outubro de 1899, † 21 de novembro de 1958)
- **Pais de Zulmira:** Mostolo Albierre e Santa Zani

· **Filhos de Artur:** Zilda Maria (* 29 de setembro de 1927, † 26 de abril de 2010) e Alcides Restani (* 02 de fevereiro de 1924, † 03 de julho de 2001)

VIDA E OBRA

Artur Restani nasceu na cidade de Itapira – SP em 02 de outubro de 1893, sendo filho de Graciano Restani e Giuglia Boaretto Restani. Tinha como avós paternos os italianos Cândido e Domenica Restani, que vieram para o Brasil da Cidade de Novi di Modena, região de Emilia Romana, ao norte da Itália.

Artur chegou com seus pais em Itajubá quando tinha por volta de 26 anos, refugiando-se da gripe espanhola que assolava, em 1918, todo o Brasil.

Assim que se estabeleceu na cidade, seu pai arrendou o Hotel Avenida. Sua mãe assumiu a cozinha e, nos finais de semana, grande parte da sociedade prestigiava a culinária vinda da região Italiana do Veneto, região de origem de Giuglia. Mais tarde, seu pai arrendou o Grande Hotel Itajubá e o administrou até por volta de 1944.

Artur Restani mudou-se para São Paulo, por volta de 1941, ingressando na Companhia Industrial de Conservas Alimentícias - CICA, empresa fundada em 1941 em Jundiá – SP pelos amigos italianos Alberto Bonfiglioli, dono do Banco Auxiliar, e membros das famílias Messina, Guernazzi e Guzzo, sendo considerada a maior fábrica multiprodutora agrícola brasileira reconhecida pela marca de atomatados Elefante.

Artur trilhou uma carreira exemplar, ocupando o cargo de Inspetor Geral Comercial de toda a área do grupo CICA.

Artur faleceu em 05 de julho de 1956.

RESTANI FRANCISCO



· **Nascimento:** 21 de abril de 1895

· **Falecimento:** em 1962

- **Pai:** Graciano Restani
- **Mãe:** Giuglia Boaretto Restani
- **Esposa:** Maria Alves da Silva (* não há dados, † 1960)
- **Pais de Maria:** Antonio Manoel Alves da Silva e Rita Maria Alves
- **Filhos de Francisco e Maria:** Alita da Conceição (* 13 de abril de 1929, † não há dados), Nilton (* 22 de março de 1930), Nilson Magno (* 08 de junho de 1931, † 1995), Newton Graciano (* 06 de outubro de 1933), Iara da Conceição (* 05 de setembro de 1935), Alaira (* 22 de março de 1937, † não há dados), Cândido (* 23 de agosto de 1941) e Maria Martha (* 10 de fevereiro de 1943, † não há dados)

VIDA E OBRA

Francisco Restani nasceu na cidade de Itapira - SP, em 21 de abril de 1895, tendo como avós paternos os imigrantes italianos Cândido e Domenica Restani. Filho de Graciano e Giuglia Restani, Francisco chegou com seus pais em Itajubá, quando tinha por volta de 24 anos. Sua família mudou-se para a cidade a fim de se refugiar da gripe espanhola que assolava, em 1918, todo o Brasil.

Assim que se estabeleceu em Itajubá, seu pai arrendou o Hotel Avenida. Sua mãe assumiu a cozinha do hotel e, nos finais de semana, grande parte da sociedade prestigiava a culinária vinda da região Italiana do Veneto, região de origem de Giuglia. Mais tarde, seu pai arrendou o Grande Hotel Itajubá e o administrou até por volta de 1944.

Francisco foi, primeiramente, proprietário de um hotel na cidade de Brazópolis. Em Itajubá, estabeleceu-se com um salão de cabeleireiro. Em seguida, mudou-se para Belo Horizonte, onde montou seu salão de barbeiro e teve muito sucesso.

Casado com Maria Alves da Silva, sua primeira filha, Alita da Conceição, nasceu em Itajubá, em 13 de abril de 1929 e já é falecida. Dois filhos nasceram em Brazópolis: Nilton, em 22 de março de 1930, e Nilson Magno, em 08 de junho de 1931 e falecido em 1995. Os demais filhos nasceram em Belo Horizonte: Newton Graciano, em 06 de outubro de 1933; Iara da Conceição, em 05 de setembro de 1935; Alaira, em 22 de março de 1937 e já falecida; Cândido, em 23 de agosto de 1941, e Maria Martha, em 10 de fevereiro de 1943, também falecida.

Francisco faleceu em 1962.



Novi di Modena - Prefeitura

RESTANI ROBERTO



- **Nascimento:** 16 de março de 1896
 - **Falecimento:** 25 de janeiro de 1974
 - **Pai:** Graciano Restani (* 07 de fevereiro de 1875, † 24 de julho de 1950)
 - **Mãe:** Giuglia Boaretto Restani (*06 de janeiro de 1874, † 18 de outubro de 1955)
 - **Esposa:** Eliza Maia (* 13 de outubro de 1899, † 29 de agosto de 1992)
- Filhos de Roberto e Eliza:** Neusa Lourdes (*10 de dezembro de 1930, † 05 de maio de 2005), Fábio Roberly (* 28 de janeiro de 1932, † 11/07/2012), Ivo Roberto (* 19 de maio de 1940) e Claudete Antonieta (* 06 de janeiro de 1943)

VIDA E OBRA

Roberto Restani nasceu no dia 16 de março de 1896. Filho de Giuglia e Graciano Restani, ele é neto de Domenica e Cândido Restani. Chegou com seus pais em Itajubá, quando tinha por volta de 23 anos, refugiando-se da gripe espanhola que assolava, em 1918, todo o Brasil.

Casou-se com Eliza Maia, com quem teve quatro filhos: Neusa, Fábio, Ivo Roberto e Claudete Antonieta.

Roberto foi comerciante e proprietário de um bar. Trabalhou na Fábrica de Armas. Eliza tinha uma escola de corte e costura em Itajubá.

Seguiu para Jacareí – SP, onde construiu negócio próprio. Faleceu em 25 de janeiro de 1974 e sua esposa, em 29 de agosto de 1992.



Alunas de Corte, diplomadas pela professora Eliza Maia Restani, em 02 de maio de 1939

Foto feita no Clube Itajubense em 02 de maio de 1939, onde a professora Eliza Maia Restani, casada com Roberto Restani, ministrou o Curso de Corte e Costura às senhoras da sociedade Itajubense e região por vários anos.

Encontram-se nesta foto as senhoras Ighes Versuri Restani, casada com Guilherme Restani, e Georgina Restani, casada com Célio Rangel Andrade.



BODAS DE OURO
Graciano & Giuglia
1893 - 1943
Itajubá/MG

Adultos em pé (atrás):

Leontina Restani, Francisco Vieira, Guilherme Restani, Roberto Restani, Francisco Restani, Glicério Andrade, Arthur Restani, Célio Rangel Andrade, Ricardo Danilo Restani (no colo), Alcides Restani, Zulmira Albieri Restani e Igenes Versuri Restani.

Em pé (no centro):

Julio Restani, Maria de Lourdes Restani, Nelson Restani, Graciano Restani, (sentado), Zilda Restani (sentada), Giuglia Restani (sentada), Georgina Restani (sentada), Nelcy Restani, Neusa Restani.

3ª fila:

Celio Henrique Restani, Nilce Restani, Nilton Restani.

RESTANI GUILHERME



- **Nascimento:** 26 de julho de 1902
- **Falecimento:** 19 de julho de 1986
- **Pai:** Graciano Restani (* 07 de fevereiro de 1875, † 24 de julho de 1950)
- **Mãe:** Giuglia Boaretto Restani (*06 de janeiro de 1874, † 18 de outubro de 1955)
- **Esposa:** Inês Versuri (* 25 de dezembro de 1911 † 15 de maio de 1989)
- **Pais de Inês:** Antonio Versuri e Ariede Ranucci
- **Filhos de Guilherme e Inês:** Oswaldo (* 17 de agosto de 1931, † 05 de agosto de 1933), Nelson Luiz (* 25 de agosto de 1933, † 09 de junho de 2004), Nelcy Irece (* 25 de março de 1935), Nilce Dorotéia (* 06 de fevereiro de 1938), Nilton Graciano (* 18 de abril de 1941), Nivaldo Artur (* 11 de dezembro de 1944), Nilo Antonio (* 04 de janeiro de 1948) e Ney José (* 28 de março de 1950)

VIDA E OBRA

Guilherme Restani nasceu no dia 26 de julho de 1902. Filho de Giuglia e Graciano Restani, ele é neto de Domenica e Candido Restani. Chegou com seus pais em Itajubá, quando tinha por volta de 17 anos. Sua família refugiava-se da gripe espanhola que assolava, em 1918, todo o Brasil.

Casou-se com Inês Versuri, tendo com ela oito filhos: Oswaldo, Nelson, Nelcy, Nilce, Dorotéia, Nilton Graciano, Nivaldo Artur, Nilo Antonio e Ney José.

Guilherme foi funcionário da Fábrica de Armas (atual IMBEL) até se aposentar. Segundo o escritor Armelino Guimarães, em sua coluna "Fatos e Perfis do Sul de Minas, número 425, página 7", Guilherme "foi uma pessoa admirável, prestativo e estimado por todos os colegas de trabalho. Herdeiro da veia artística de seus antepassados, era músico e bom instrumentista, hábil executor de violão, violino e bandolim".

RESTANI HONORINA



- **Nascimento:** 23 de setembro de 1904
- **Falecimento:** 13 de julho de 1993
- **Pai:** Graciano Restani (* 07 de fevereiro de 1875, † 24 de julho de 1950)
- **Mãe:** Giuglia Boaretto Restani (*06 de janeiro de 1874, † 18 de outubro de 1955)
- **Esposo:** Jucundino Andrade (* 27 de fevereiro de 1899, † 02 de janeiro de 1963)
- **Pais de Jucundino:** não há dados
- **Filhos de Honorina e Jucundino:** Dermeval Restani (* 30 de março de 1934 † 25 de junho de 2011) e Gil Restani (* 21 de junho de 1942, † 30 de novembro de 2006)

VIDA E OBRA

Honorina Restani nasceu em 23 de setembro de 1904. Casou-se com Jucundino Andrade, nascido em 27 de fevereiro de 1899, na cidade de Estância – SE.

Após seu casamento, Honorina fixou residência na cidade de Estância, no Estado de Sergipe, por 18 anos, onde aprendeu a arte de bordar com máquina.

Após esse período, mudou-se para Belo Horizonte, onde atendia a sociedade mineira com seus trabalhos em bordado que eram muito apreciados pela sua perfeição.

Seu marido possuía uma padaria no bairro da Floresta, em Belo Horizonte, e também uma distribuidora de artesanatos de Sergipe para a capital mineira.

Honorina teve dois filhos: Dermeval Restani nascido em 30 de março de 1934 e Gil Restani, nascido em 21 de junho de 1942 e falecido em 30 de novembro de 2006.

Seu marido Jucundino faleceu em 02 de janeiro de 1963 e Honorina em 13 de julho de 1996.

RESTANI GEORGINA



- **Nascimento:** 04 de junho de 1908
- **Falecimento:** 28 de agosto de 1994
- **Pai:** Graciano Restani (* 07 de fevereiro de 1875, † 24 de julho de 1950)
- **Mãe:** Giuglia Boaretto Restani (* 06 de janeiro de 1874, † 18 de outubro de 1955)
- **Esposo:** Célio Rangel de Andrade (* 25 de agosto de 1910, † 07 de fevereiro de 1997)
- **Pais de Célio:** Glicério Pinto de Andrade e Irene Aimoré de Moura Rangel
- **Filhos de Georgina e Célio:** Célio Henrique Restani de Andrade (* 15 de julho de 1937, † 23 de abril de 2003), Ricardo Danilo Restani de Andrade (* 17 de janeiro de 1940), Rubia Coeli Restani Andrade (* 13 de junho de 1943) e Sílvio Roberto Restani de Andrade (* 16 de dezembro de 1950)

VIDA E OBRA

Filha de Graciano Restani e Giuglia Boaretto Restani, imigrantes italianos que chegaram ao Brasil em 1888. Após passarem por Amparo, Posse de Ressaca (hoje Santo Antonio da Posse) e Jundiaí, seus pais se fixaram em Campinas, onde nasceu Georgina em 04 de junho de 1908. Em 1916, toda a família mudou-se para São Paulo e, em 1919, para Itajubá.

Fez seus estudos no Colégio Sagrado Coração de Jesus, até a conclusão do Curso de Normalista em 17 de dezembro de 1928. Após sua formatura, lecionou no Grupo Escolar Rafael Magalhães, no bairro Boa Vista, por seis meses, a fim de se tornar apta a continuar seus estudos.

Mudou-se para Belo Horizonte, indo morar em uma pensão feminina para jovens e fez um curso de aperfeiçoamento ministrado na Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais por uma professora suíça, concluindo seu curso em 05 de dezembro de 1931.

Retornando a Itajubá, prestou serviços por um curto período no Grupo Escolar Coronel

Carneiro Junior, à Praça Getúlio Vargas, aguardando a conclusão da construção do Grupo Escolar que viria a chamar-se Theodomiro Santiago, onde assumiu a direção em 02 de junho de 1937, trabalhando até se aposentar em 28 de março de 1957.

Nesse período, não havia a definição do nome do Grupo Escolar. Georgina e suas colaboradoras fizeram uma campanha junto à Secretaria de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais para que fosse dado à escola o nome do Dr. Theodomiro Carneiro Santiago, uma vez que fora ele o idealizador do seu projeto.

Por ocasião da inauguração da Fábrica de Armas de Itajubá, na presença do Estado Maior do Exército Brasileiro e de várias autoridades, como o Dr. Theodomiro Carneiro Santiago, Georgina foi convidada a içar a Bandeira Nacional.

Casou-se em 1936 com Célio Rangel de Andrade, natural de Silvestre Ferraz, hoje Carmo de Minas, nascido em 25 de agosto de 1910 e falecido em 07 de fevereiro de 1997. Ele fez o Curso de Contador e em sua vida profissional atuou como bancário, iniciando no Banco Ribeiro Junqueira, em Silvestre Ferraz. Em Itajubá, trabalhou no Banco Hipotecário, que era um empreendimento francês, passando para o Banco Itajubá e aposentou-se no Banco da Lavoura.

O casal teve quatro filhos: Célio Henrique Restani de Andrade, nascido em 15 de julho de 1937, casado com Terezinha Gonçalves Andrade e falecido em 23 de abril de 2003; Ricardo Danilo Restani de Andrade, casado com Elizabeth Aparecida Braga Andrade, nascido em 17 de janeiro de 1940; Rubia Coeli Restani Andrade, casada com Mário José Cabral Mendonça, nascida em 13 de junho de 1943, e Sílvio Roberto Restani de Andrade, solteiro, nascido em 16 de dezembro de 1950.

Georgina faleceu em 28 de agosto de 1994 e seu esposo, Célio, em 07 de fevereiro de 1997.



No dia 16 de julho de 1935, com grande emoção e alegria e com as honras que merece, a Bandeira Nacional foi hasteada ao mastro no bairro do Pacatito por Dona Georgina Restani, dedicada mestra itajubense, no ato inicial da inauguração da Oficina de Canos da Fábrica de Canos e Sabres para Armas Portáteis.

Foto fornecida pela hoje IMBEL e texto escrito por Armelino Guimarães

RESTANI LEONTINA



- **Nascimento:** 16 de outubro de 1913
- **Falecimento:** 15 de junho de 2003
- **Pai:** Graciano Restani (* 07 de fevereiro de 1875, † 24 de julho de 1950)
- **Mãe:** Giuglia Boaretto Restani (* 06 de janeiro de 1874, † 18 de outubro de 1955)
- **Esposo:** Francisco Pinheiro Vieira (* 09 de junho de 1909, † 30 de setembro de 1984)
- **Pais de Francisco:** não há dados
- **Filhos de Leontina e Francisco:** Maria de Lourdes (* 07 de novembro de 1936), Júlio Lélío (* 15 de maio de 1939, † 18 de setembro de 2001), João Gualberto (* 13 de julho de 1940, † Não há dados) e Francisco José (* 30 de dezembro de 1945, † 25 de fevereiro de 2006)

VIDA E OBRA

Leontina nasceu em 16 de outubro de 1913 em Posse de Ressaca – SP. Casou-se com Francisco Pinheiro Vieira, natural de Mocajuba - PA, nascido em 09 de junho de 1909.

Leontina formou-se Normalista no Colégio Sagrado Coração de Jesus, em Itajubá, e fez um Curso de Graduação em Educação Física, lecionando em Itajubá e Belo Horizonte. Também morou em Aquidauana, no Estado de Mato Grosso.

Em 1950, fixou-se em Belo Horizonte. Seu marido trabalhava com vendas e montou uma pequena indústria de artigos para bicicletas na capital mineira.

O casal teve quatro filhos: Maria de Lourdes, nascida em 07 de novembro de 1936; Julio Lélío, nascido em 15 de maio de 1939 e falecido em 18 de setembro de 2001; João Gualberto, nascido em 13 de julho de 1940 e já falecido, e Francisco José, nascido em 30 de dezembro de 1945 e falecido em 25 de fevereiro de 2006.

Seu esposo faleceu em 30 de setembro de 1984 e Leontina em 15 de junho de 2003, em Belo Horizonte.

RICCA FRANCESCO “FRANCISCO”



RICCA FRANCESCO com sua primeira esposa Angelina Lamoglia



RICCA FRANCESCO com sua segunda esposa Argentina Pereira Ribeiro

- **Nascimento:** 8 de março de 1878
- **Falecimento:** 11 de setembro de 1952
- **Pai:** Francesco Santo Salvatore Ricca
- **Mãe:** Carolina Maselli “Masselli”
- **1ª Esposa:** Angelina Lamoglia (* 29 de junho de 1887, † 19 de outubro de 1946)
- **Pais de Angelina Lamoglia:** Vicente Lamoglia e Maria Felícia Marotti Lamoglia
- **2ª Esposa:** Argentina Pereira Ribeiro (* 09 de abril de 1912, † 07 de março de 2005).
- **Pais de Argentina Pereira Ribeiro:** José Alves Ribeiro e Maria Gabriela Ribeiro.
- **Filhos de Francisco e Angelina Lamoglia:** não tiveram filhos.
- **Filhos de Francisco e Argentina Pereira Ribeiro:** não tiveram filhos.

VIDA E OBRA

Nascido em 08 de março de 1878, Francisco Ricca desembarcou no Porto do Rio de Janeiro em 18 de outubro de 1898, procedente de Nápoles, no navio francês Bearn.

Francisco Ricca, ou “Chico” Ricca, como era mais conhecido, era proprietário da Alfaiataria Ricca inicialmente estabelecida na então Rua Major Pereira, atual Dr. João de Azevedo e, depois, na Av. Cel. Carneiro Junior, 61. Foi, durante mais de quarenta anos, um notável alfaiate das famílias tradicionais de Itajubá e da região, inclusive do ex-presidente Wenceslau Braz e de seus filhos.

Casou-se duas vezes e, em ambos os casamentos, não teve filhos. Ensinou o ofício de alfaiate a um jovem de Eloi Mendes, chamado Abilio Pizzo, filho de um amigo de seu concunhado Vicente Biagini, também alfaiate em Eloi Mendes.

“Chico” Ricca ensinou o ofício e criou Abilio como se fora um próprio filho. Apaixonado por caça, tinha como companheiro inseparável nas caçadas nos arredores de Itajubá, seu cunhado Domingos Lamoglia. Francisco foi um membro muito ativo da Loja Maçônica de Itajubá, tendo se iniciado em 1904. Era sobrinho de Francisco Maselli “Masselli” e de Cristina Ricca Maselli “Masselli”. Faleceu em 11 de setembro de 1952.

RICCA: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

RICCI JOÃO BAPTISTA



- **Nascimento:** 14 de agosto de 1914
- **Falecimento:** 23 de agosto de 1999
- **Pai:** Abel Ricci (* e † não há dados)
- **Mãe:** Laura Riccetti Ricci (* e † não há dados)
- **Esposa:** Yvone de Freitas Rios (* 29 de maio de 1919, † 02 de janeiro de 1986)
- **Pais de Yvone:** não há dados
- **Filhos:** José Eugênio, Bernardo, Laura, Luiza, Yvone Inez, Maria Beatriz

VIDA E OBRA

João Baptista Ricci nasceu em 14 de agosto de 1914, em Ponta Grossa – PR, sendo o primeiro dos oito filhos do casal Abel Ricci e de Laura Riccetti Ricci.

João ou Joãozinho, como era chamado, demonstrou, desde cedo, interesse pela mecânica e pelo conhecimento técnico, pois seu pai e alguns de seus tios trabalhavam nas oficinas da Estrada de Ferro Paraná – Santa Catarina, executando trabalhos de recuperação e manutenção das máquinas e equipamentos deste complexo ferroviário.

Observando os adultos, João foi captando suas primeiras lições sobre mecânica, e a paixão pelas grandes máquinas o acompanhou por toda a sua vida. Relembrando sua infância, ele contava: “Era fascinante para um menino ver aquelas peças enormes funcionando, o barulho e a força de uma locomotiva”.

Sua inteligência fez com que os adultos permitissem a ele frequentar as poucas oficinas mecânicas em Ponta Grossa, onde aprendeu a dirigir automóveis e caminhões. Começou a traba-

RICCI: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

lhar aos 10 anos de idade para colaborar na manutenção da família.

Aos 15 anos, já consertava carros e veículos maiores e, aos 17, obteve sua primeira carteira de habilitação. Ainda adolescente, foi trabalhar com seus familiares na Rede Ferroviária Paraná – Santa Catarina, ao mesmo tempo em que prosseguia seus estudos, pois queria progredir mais nos conhecimentos.

Sua curiosidade científica ia além dos compromissos escolares e adquiriu seus primeiros conhecimentos em eletricidade, chegando a construir o segundo rádio existente em Ponta Grossa, sem caixa ou gabinete, mas que captava as ondas de rádios difusoras de outras cidades.

Nas oficinas da estrada de ferro, no intervalo do almoço, ensinava matemática para outros colegas de trabalho voluntariamente para auxiliá-los a obterem o certificado escolar que permitiria ascensão na empresa.

Informado por um de seus colegas-alunos sobre um concurso de ingresso na Aeronáutica e estimulado pelos amigos, João se inscreveu e se apresentou em Curitiba – PR para exames. Foi um dos dois aprovados em toda a Região Sul do País. Então, seguiu de navio de Paranaguá ao Rio de Janeiro, juntamente com o outro aprovado, no final dos anos 30.

No Rio, permaneceu por dois anos no Campo dos Afonsos como aspirante da Aeronáutica, que, na época, não era uma das Forças Armadas, mas uma das armas do Exército. Nesse local deu início a sua vida acadêmica, entrando em contato com professores pesquisadores. Recebeu ensinamentos científicos e treinamento militar, tornando-se piloto do Exército Brasileiro e mecânico de aeronaves.

Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, a Aeronáutica teve que se adaptar ao novo cenário, e a ordem era formar oficiais para uma possível inserção do Brasil no conflito. João, então, decidiu deixar a Aeronáutica e procurar um curso de engenharia, chegando, em 1941, ao Sul de Minas, para prestar vestibular no Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI).

Desembarcando na estação ferroviária da cidade, dirigiu-se ao prédio mais suntuoso da cidade, a Santa Casa de Misericórdia, pensando ser ali o IEI. Retornando ao centro da cidade, encontrou um aluno do Instituto que o levou a sua sede e o apresentou ao diretor, engenheiro José Rodrigues Seabra. Tendo prestado o vestibular, João Baptista ingressou no IEI, no primeiro ano do curso de engenharia.

Desde sua fundação em 1913, o instituto contava em seu quadro docente com a presença de professores estrangeiros, especialmente germânicos. Com a situação de guerra, tais professores ficaram afastados de suas atividades. Pelo fato de ter estudado no Campo dos Afonsos, João Baptista logo foi convidado pelo diretor da instituição a ministrar aulas de uma das disciplinas do segundo, mesmo sendo aluno do primeiro ano. Começava, assim, sua carreira como docente.

Ele assumiu a cadeira de Oficinas, mudou seu nome, seu conteúdo e programa e transformou-a na cadeira de Tecnologia Mecânica, além de atuar em outras cadeiras, tendo sempre como preocupação aliar a teoria à prática.

Como o IEI era uma instituição particular, para financiar seus estudos, Ricci trabalhava no estabelecimento como docente e também como técnico de laboratório, tendo, inclusive, residido no prédio da escola durante certa fase.

Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o jovem Ricci, ingressou, em 1944, no Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva (NPOR) do 4ª Batalhão de Engenharia de Combate, visando conciliar seu desejo de servir à pátria e de manter seu trabalho junto ao IEI, que já sofria com a evasão de docentes.

Em janeiro de 1945, João Baptista se casou com Yvone de Freitas Rios, que foi sua companheira por mais de quatro décadas. O casal teve seis filhos: José Eugênio, Bernardo, Laura, Luiza, Yvone Inez e Maria Beatriz.

João Baptista concluiu o curso de engenharia em 14 de dezembro de 1945 e foi contratado pela Companhia Sul Mineira de Força e Luz (CSMFL). Entre muitos de seus feitos, destacam-se as seguintes atividades:

- construção da Usina São Bernardo, quando João Baptista morou no canteiro de obras com sua esposa e seu primogênito José Eugênio; a usina foi concluída em 1948 e houve sua posterior reforma e ampliação na década de 1950;

- construção da usina de Poço Fundo, concluída em 1949;
- gerenciamento da CSMFL em todo o Sul de Minas;
- direção do Departamento de Viação e Obras Públicas do Estado do Paraná, em Curitiba, em 1952;
- viagens internacionais de estudos, acompanhando alunos do IEI em visitas a usinas e instalações hidrelétricas de países da Europa, especialmente, as da França;
- estudos para solucionar as enchentes em Itajubá, propondo a construção de barragens nos córregos do Paiol e Serrote e no Ribeirão Marmelo e nas cabeceiras dos ribeirões Jacuí, São Bernardo e Itererê;
- duplicação da captação de água na Serra dos Toledos, solicitada pelo prefeito da época Vicente Vilela Viana;
- estudos para instalação de antena repetidora de sinal de televisão na Serra de Maria da Fé, para mais opções de canais para os itajubenses, em 1957, a pedido dos irmãos Mohallem;
- ingresso no Rotary Club de Itajubá, no final dos anos 50, tornando-se seu presidente em 1961 e ocupando também a presidência no Rio de Janeiro e a governadoria em Belo Horizonte, além de atuar em diversos conselhos da entidade, à qual permaneceu vinculado até 1998;
- participação na comissão que trabalhou pela federalização do IEI, tendo em vista as dificuldades pelas quais passava a instituição;
- participação em obras significativas da engenharia no Brasil, como: túnel Rebouças, no Rio de Janeiro; esferas de armazenamento de gases liquefeitos de petróleo das refinarias Duque de Caxias (RJ) e Gabriel Passos, em Betim (MG); sistema adutor e sistema de extravasamento da Usina do Funil (RJ);
- aposentadoria em 1968 e recontração como professor pelo IEI, onde lecionou até 1981;
- Participação em diversos conselhos consultivos e deliberativos, entre os quais o Conselho Nacional de Petróleo, na década de 1970;
- criação de sua empresa de engenharia em 1973, aprimorando no planejamento, cálculo e fabricação de turbinas hidráulicas e atuando no projeto, construção, reforma e modernização de diversas usinas hidrelétricas;
- defesa da tese Efeito Atenuador das Represas em 1974, com a obtenção dos títulos de Doutor e Livre Docente;
- fundação da Escola Técnica Industrial de Eletrotécnica de Itajubá, na qual atuou como diretor por algum tempo e à qual doou parte de sua biblioteca técnica;
- coordenação de atividades de criação do mausoléu de Theodomiro Carneiro Santiago no prédio central da EFEI, responsabilizando-se pelo traslado dos restos mortais do fundador do IEI do Rio de Janeiro para Itajubá;
- recebimento da comenda da Ordem do Mérito Tiradentes, em 1996, maior condecoração conferida pelo Governo de Minas Gerais;
- gravação em fita cassete do relato de várias de suas obras de engenharia, para valorização da ação dos ex-alunos da EFEI.

Em 1986, sua esposa, Yvone, faleceu, vítima de um acidente de carro nas proximidades de São José dos Campos – SP. João Baptista Ricci faleceu em 23 de agosto de 1999, em Belo Horizonte.

Como havia pedido a seus filhos, foi velado na capela da EFEI e sepultado no cemitério de Itajubá, cidade onde realizou seu sonho de ser engenheiro e onde nasceram seus filhos, netos e bisnetos, terra que tanto amou e pela qual foi muito amado.

RICOTTA GIUSEPPE DOMENICO ANTONIO CONSTANTE “DOMINGOS”



Da esquerda para a direita em pé: Carlos Alberto, Kid Déa, Magda Lucia, três crianças não identificadas e Júlia Ricotta. Da esquerda para a direita sentados: Fernando Domingos e ao centro, o patriarca Giuseppe Domenico.

- **Nascimento:** 15 de fevereiro de 1879
- **Falecimento:** 20 de junho de 1962
- **Pai:** Carmine Ricotta
- **Mãe:** Angela Philomena Finamore
- **1ª Esposa:** Anna Chiaradia (* 16 de abril de 1885, † não há dados)
- **Pais de Anna:** Paulo Chiaradia e Júlia Maria do Espírito Santo
- **Filhos de Domingos e Anna:** Paulo Ricotta (* 10 de junho de 1905, † não há dados), Maria Ângela Ricotta (* 27 de abril de 1906, † não há dados), Carmo Ricotta (* 17 de novembro de 1908, † 13 de julho de 1971), Júlia Ricotta (* 02 de maio de 1916).
- **2ª Esposa:** Iolanda de Marchi (* 31 de agosto de 1911, † não há dados)
- **Pais de Iolanda:** Rômulo de Marchi e Ludovina de Marchi
- **Filhos de Domingos e Iolanda:** não tiveram filhos

VIDA E OBRA

Giuseppe Domenico Antonio Constante Ricotta, ou Domingos Ricotta, como era chamado, nasceu em Sapri, Província de Salerno, na Itália em 15 de fevereiro de 1879, sendo filho de Carmine Ricotta e de Angela Philomena Finamore.

Chegou ao Brasil em 1893 a bordo do navio “Conte Grande”. Após desembarcar no Rio de Janeiro, morou, primeiramente, em Poços de Caldas e, depois, em Piranguçu, atuando, inicial-

RICOTTA: Oriundo da cidade de Sapri, Província de Salerno

mente, como tropeiro (mascate).

Logo em seguida, tornou-se proprietário de uma fazenda no bairro Serrano, no Município de São Bento do Sapucaí – SP, onde explorava madeira.

Transportava sobre lombo de burro e carro de boi, as madeiras serradas para serem comercializadas na região, inclusive em Itajubá. Foi proprietário de um armazém de secos e molhados na cidade de Piranguçu, além de comprador e vendedor de fumo no atacado.

Domingos se casou, em primeiras núpcias, com Anna Chiaradia, com quem teve os filhos:

- Paulo Ricotta;
- Maria Ângela Ricotta, nascida em 27 de abril de 1906 e casada com Carmo Curcio, com quem não teve filhos;
- Carmo Ricotta;
- Júlia Ricotta, nascida em 02 de maio de 1916, casada com Antonio Rennó Pereira Filho, tendo como filha Ana Marta Pereira, casada com José de Araújo Leite.

Depois, Domingos se casou, em segundas núpcias, com Iolanda de Marchi. Não tiveram filhos.

Em Itajubá, foi dono da Fábrica de Chapéus Julinha, que também produzia meias, localizada no bairro Avenida, e do Pastifício Nana, um fábrica de macarrão, que ficava na Travessa Santos Pereira.

Além das fábricas, possuía uma propriedade rural no Município de Piranguçu, onde produzia café, arroz e leite e criava porco e gado de corte. Nesse local, ele morava durante a semana; nos sábados e domingos ficava em sua residência na Praça Wenceslau Braz, em Itajubá.

Era membro da Sociedade São Vicente de Paulo e doou o terreno para a edificação da Vila Vicentina em Itajubá. Não satisfeito, doou uma grande importância em dinheiro, em maio de 1923, para essa construção.

Domingos Ricotta faleceu em 1962, aos 83 anos de idade, em sua propriedade no município de Piranguçu.

RICOTTA PAULO



- **Nascimento:** 10 de junho de 1905
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** Domenico “Domingos” Ricotta (* 15 de fevereiro de 1879, † 20 de junho de 1962)
- **Mãe:** Anna Chiaradia Ricotta (* 16 de abril de 1885, † não há dados)
- **Esposa:** Maria Rosa Mendonça
- **Pais de Maria Rosa:** não há dados
- **Filhos de Paulo e Maria Rosa:** José Mauro Ricotta (* 15 de setembro de 1931), Terezinha Ricotta (* 12 de novembro de 1932), Maria Aparecida Ricotta (* 1º de outubro de 1934), Ana de Lurdes Ricotta (* 14 de agosto de 1936), Paulo Victor Ricotta (* 03 de maio de 1939), Maria Helena Ricotta (* 26 de agosto de 1943), Luiz Carlos Ricotta (* 14 de agosto de 1945) e Roberto Sebastião Ricotta (* 30 de julho de 1949)

VIDA E OBRA

Paulo Ricotta, nasceu em 10 de junho de 1905, sendo filho de Domingos Ricotta e Anna Chiaradia Ricotta.

Casou-se com Maria Rosa Mendonça, com quem teve os filhos:

- José Mauro Ricotta, nascido em 15 de setembro de 1931 casado com Lurdes Bueno Ricotta;
- Terezinha Ricotta, nascida em 12 de novembro de 1932, casada com Caetano Lopes da Silva;
- Maria Aparecida Ricotta, nascida em 1º de outubro de 1934, casada com Benedito Antunes Silva;
- Ana de Lurdes Ricotta, nascida em 14 de agosto de 1936, casada com Mário Gonçalves;
- Paulo Victor Ricotta, nascido em 03 de maio de 1939, casado com Rute Rennó Ricotta;
- Maria Helena Ricotta, nascida em 26 de agosto de 1943, solteira. Faleceu em 25 de agosto de 2002;
- Luiz Carlos Ricotta, nascido em 14 de agosto de 1945, casado com Ana Maria das Graças Silva;
- Roberto Sebastião Ricotta, nascido em 30 de julho de 1949, casado com Maria Luiza de Souza.

Após servir o 4º Batalhão de Engenharia de Combate, em Itajubá, Paulo passou a ser funcionário do Pastifício Nana, uma fábrica de macarrão de propriedade de sua família.

Também foi proprietário de açougue no Mercado Municipal de Itajubá e, depois, proprietário de armazém de secos e molhados na cidade de Piranguçu.

Paulo possuía uma grande várzea, onde produzia grande quantidade de arroz. Faleceu em Itajubá em sua residência e foi sepultado em Piranguçu.

RICOTTA CARMO



- **Nascimento:** 17 de novembro de 1908
- **Falecimento:** 13 de julho de 1971
- **Pai:** Domenico “Domingos” Ricotta (* 15 de fevereiro de 1879, † 20 de junho de 1962)
- **Mãe:** Anna Chiaradia Ricotta (* 16 de abril de 1885, † não há dados)
- **Esposa:** Nicolina Goulart de Azevedo Ricotta
- **Pais de Nicolina:** Benedito Goulart e Lucia Costa de Azevedo
- **Filhos de Carmo e Nicolina:** Kid Déa Goulart Ricotta (* 23 de fevereiro de 1938), Carlos Alberto de Azevedo Ricotta (* 14 de agosto de 1939), Carmo Benedito de Azevedo Ricotta (* 03 de março de 1941), Magda Lúcia de Azevedo Ricotta (* 10 de julho de 1942), José Roberto de Azevedo Ricotta (* 29 de outubro de 1943, † não há dados), Fernando Domingos de Azevedo Ricotta (* 26 de março de 1945), Maria Aparecida de Azevedo Ricotta (* 19 de julho de 1946), Célia Regina de Azevedo Ricotta (* 19 de novembro de 1947), José Rubens de Azevedo Ricotta (* 19 de junho de 1951), Domingos Ricotta Neto (* 17 de maio de 1953), Marisa Helena de Azevedo Ricotta (* 03 de dezembro de 1955, † não há dados), Luiz Eduardo de Azevedo Ricotta (* 09 de janeiro de 1958), Sônia Mara de Azevedo Ricotta (* 12 de outubro de 1960), Luiza Cristina de Azevedo Ricotta (* 09 de julho de 1962).

VIDA E OBRA

Carmo Ricotta, nasceu em 17 de novembro de 1908, sendo filho de Domingos Ricotta e Anna Chiaradia Ricotta.

Casou-se com Nicolina Goulart de Azevedo, com quem teve catorze filhos:

- Kid Déa Goulart Ricotta, nascida em 23 de fevereiro de 1938, casada com Carlos Eugênio Teles Soares;

- Carlos Alberto de Azevedo Ricotta, nascido em 14 de agosto de 1939, casado com Vânia

Gusmão Ricotta;

- Carmo Benedito de Azevedo Ricotta, nascido em 03 de março de 1941, casado com Mariette de Azevedo Ricotta - Falecida;

- Magda Lúcia Ricotta, nascida em 10 de julho de 1942, casada com José Eduardo Torres Costa - Falecido. Magda atualmente é casada com Coaraci Irajá Ribeiro.

- José Roberto de Azevedo Ricotta, nascido em 29 de outubro de 1943, falecido;

- Fernando Domingos de Azevedo Ricotta, nascido em 26 de março de 1945, casado com Roneide Ruth Caetano - Falecida;

- Maria Aparecida de Azevedo Ricotta, nascida em 19 de julho de 1946, casada com Alexandre José Vilela Pinto;

- Célia Regina de Azevedo Ricotta, nascida em 19 de novembro de 1947, casada com Luiz da Silveira - Falecido;

- José Rubens de Azevedo Ricotta, nascido em 19 de junho de 1951, casado com Solange de Faria;

- Domingos Ricotta Neto, nascido em 17 de maio de 1953, casado com Maria de Fátima Carvalho Mota - Falecida;

- Marisa Helena de Azevedo Ricotta, nascida em 03 de dezembro de 1955, falecida;

- Luiz Eduardo de Azevedo Ricotta, nascido em 09 de janeiro de 1958, casado com Denise Gama Faria Ricotta;

- Sônia Mara de Azevedo Ricotta, nascida em 12 de outubro de 1960, casada com João Vitor Pereira Pinto;

- Luiza Cristina de Azevedo Ricotta, nascida em 09 de julho de 1962, casada com Mauro Brasil Lambert dos Santos;

Carmo foi proprietário de atacado de fumo em Itajubá. Sempre viveu dos produtos extraídos da fazenda de sua propriedade no município de São Bento do Sapucaí – SP, como corte e reflorestamento para manutenção de uma serraria, onde desdobrava madeira para comercializar em toda a região. Produzia, também, carvão e “toretas”, que fornecia para as fábricas de papel.

Faleceu em 13 de julho de 1971 e foi sepultado em Itajubá.



Cidade de Sapri, Província de Salerno, origem da família Ricotta.



A Itajubá do passado: Vista aérea

RIGOTTI GREGÓRIO

- **Nascimento:** 26 de abril de 1898
- **Falecimento:** 15 de fevereiro de 1952
- **Pai:** não obtivemos dados
- **Mãe:** não obtivemos dados
- **Esposa:** Maria Rita (não obtivemos o sobrenome de solteira e os dados de nascimento e morte)
- **Pais de Maria Rita:** não obtivemos dados
- **Filhos de Gregório e Maria Rita:** Marlene Aparecida Rigotti (não obtivemos informações sobre os demais filhos)

VIDA E OBRA

Gregório Rigotti nasceu na cidade de Socorro – SP em 26 de abril de 1898.

Casou-se com Maria Rita com quem teve nove filhos porém, além de Marlene Aparecida, não conseguimos outras informações.

Gregório Rigotti mudou-se para Itajubá e viveu até os 53 anos, falecendo em 15 de fevereiro de 1952.

Família Rigotti no Brasil e em Minas Gerais

Segundo pesquisa realizada em 12 de março de 2012, no site <http://lastnames.genoom.com/pt/sobrenome/Rigotti/Brasil>:

Rigotti no Brasil: 42 nascidos e 40 morando no País.

· Há representantes da família Rigotti nas seguintes cidades brasileiras: Barbacena – MG, Blumenau – SC, Concórdia, Florianópolis – SC, Garopaba, Girua - RS, Machadinho D'Oeste, Pirassununga – SP, Porto Alegre – RS, Pouso Alegre – MG, Ribeirão Preto – SP, Rio de Janeiro – RJ, São Sebastião do Paraíso – MG, Salvador – BA, Santa Lúcia do Piauí, Termas do Gravatá, Tubarão – SC.

· A mesma pesquisa revelou que em Minas Gerais há:

- 8 Rigotti em Barbacena: 8 nascidos e 6 morando na cidade;

- 4 Rigotti em Pouso Alegre: 4 nascidos e 4 morando na cidade;

- 1 Rigotti em São Sebastião do Paraíso: 1 nascido e 1 morando na cidade.

RIVIECCIO LUIGI DONATO PADRE



- **Nascimento:** 14 de outubro de 1829
- **Falecimento:** 1918
- **Pai:** Domenico Riviuccio
- **Mãe:** Carmina Ciliberto

VIDA E OBRA

Filho de Domenico e Carmina, Luigi Donato Riviuccio nasceu em Torre del Greco, em 14 de outubro de 1829, e imigrou para o Brasil no início do Século XX.

Padre Luigi era chamado “zi prevete”, em dialeto napolitano, que quer dizer “tio padre”. A expressão não era usada para indicar parentesco, mas como uma forma carinhosa de tratamento a pessoas mais experientes. No Brasil, ele era chamado de “Luiz”, razão pela qual documentos a ele referentes trazem o nome com a grafia modificada.

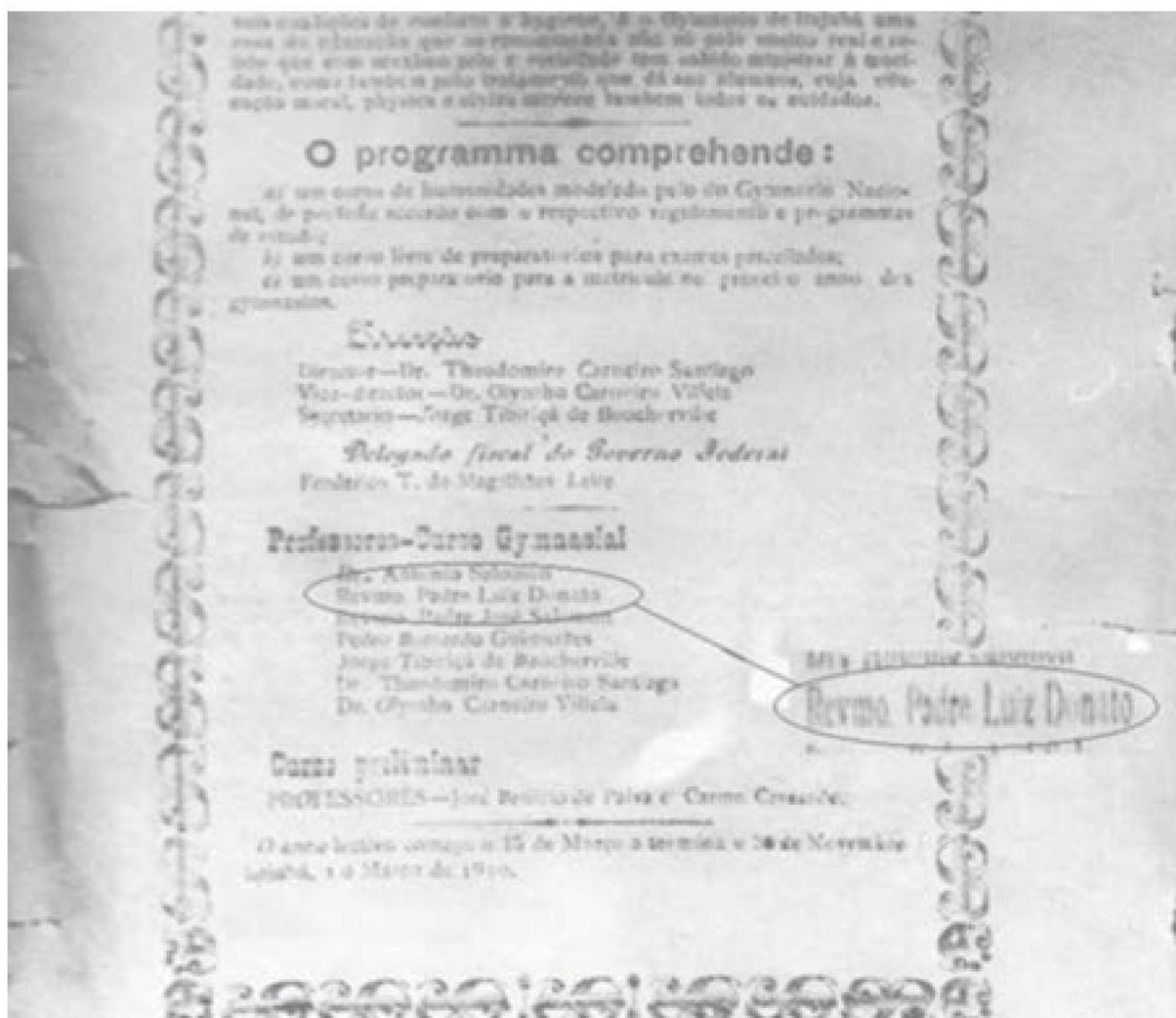
Há notícias de que ele fundou uma escola para os índios Puri-Coroados e de que serviu ao governo brasileiro como intérprete da língua inglesa, tendo elaborado a mensagem de congratulação pela ascensão ao trono britânico do Rei George V, sucessor de Eduardo VII, falecido em 6 de maio de 1910, e que foi coroado na Abadia de Westminster no dia 22 de junho de 1911.

Pesquisa realizada no arquivo da Paróquia Sagrada Família, em Três Corações – MG, revelou que, no final do Século XIX, a paróquia tinha passado a pertencer à Diocese de Pouso Alegre, e que o padre Luigi “Luiz” Donato Riviuccio, assumiu o vicariato, nele permanecendo até 1905.

Presume-se que o Padre Luigi tenha se mudado para Itajubá depois dessa sua missão. Ele é

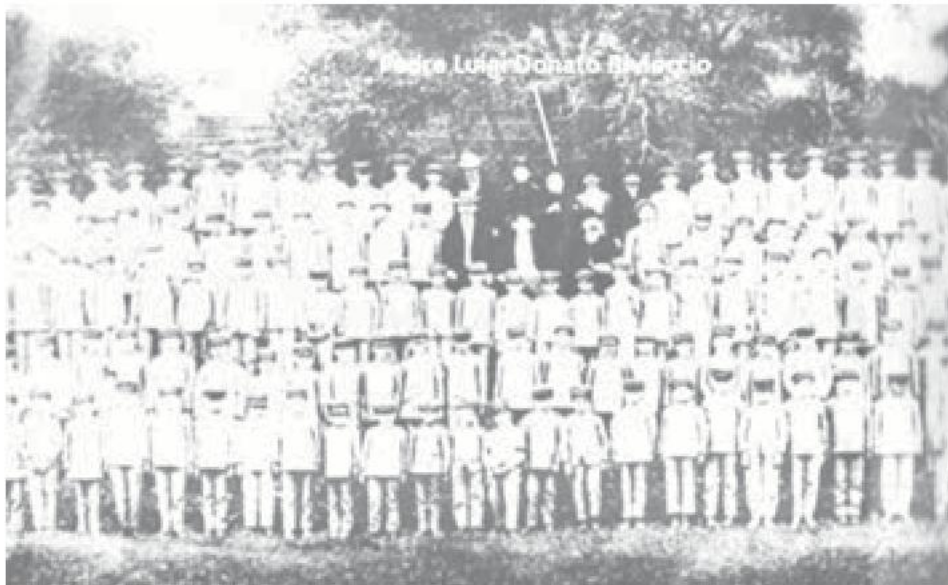
RIVIECCIO: Oriundo da cidade de Torre del Greco, região da Campania

citado no livro Efemérides Itajubenses, do Professor Armelino Guimarães, que notifica sua morte no ano de 1918, ocorrida em Belo Horizonte - MG, depois de ter sido professor em Itajubá.



Vê-se, neste folheto do antigo “GYMNASIO DE ITAJUBA”, o nome do Padre Luigi entre outras personagens marcantes ligadas ao ensino em nossa terra.

Dr. Antonio Salomon
 Revmo. Padre “Luiz” Donato
 Revmo. Padre José Salomon
 Pedro Bernardo Guimarães
 Professor Jorge Tibiriçá de Boucherville
 Dr. Theodomiro Carneiro Santiago.
 Dr. Olyntho Carneiro Vilela



Grupo de alunos e professores do "Gymnásio de Itajubá" em passeio pela zona rural, posando para esta foto de João Douat, em 1912. Esta foto mais tarde seria publicada na Gazeta de Itajubá, em matéria noticiando o regresso de Theodomiro Carneiro Santiago de sua viagem à Europa e aos Estados Unidos.

No grupo de professores identificam-se, da esquerda para a direita, de cima para baixo: Antonio Salomon, aspirante Alberto Masson Jacques, padre Luiz Donato, Pedro Bernardo Guimarães e Carmo Cascardo; Olyntbo Carneiro Villela, Theodomiro Carneiro Santiago e Jorge Tibiriçá de Boucherville.

A descoberta deste personagem foi assim

Em novembro de 2009, Antonio Consoli, membro da comissão responsável pela elaboração deste livro, recebeu uma mensagem da senhora Fábica Cristina Izidoro, então Secretária Municipal de Cultura e Turismo de Itajubá.

Ela repassou-lhe um e-mail recebido pela sua Secretaria, que tinha sido enviado por Lina de Luca, uma historiadora de Torre del Greco, Itália. Na correspondência, a pesquisadora italiana dizia que procurava informações sobre um padre, que teria imigrado da Itália para o Brasil entre o final do Século XIX e o início do Século XX.

Lina de Luca e Dom Francesco Riviaccio, pároco da catedral de Torre del Greco, uma cidade próxima a Napoli, decidiram traçar a árvore genealógica da família Riviaccio, bem como de outras famílias do local.

Em suas pesquisas, descobriram uma foto do Padre Luigi Donato Riviaccio, que trazia, abaixo, o nome do profissional e da cidade onde havia sido feita a fotografia, "João Douat Phot. - Itajubá - Sul de Minas".

O e-mail enviado pela historiadora, informava que o padre havia atuado em uma escola de línguas em Itajubá e que ele tinha se tornado intérprete do governo brasileiro, como já descrito na biografia acima.

Em vários contatos de Antonio Consoli com a professora Lina, esta fez referências a este trabalho desenvolvido pelo Circolo Italo-Brasileiro D'Itajubá como uma bela e digna iniciativa, e que se dizia feliz em poder ajudar.

Como base para iniciar a pesquisa sobre este personagem, a Senhora Lina e Dom Francesco tomaram a fotografia feita pelo conhecido fotógrafo de Itajubá, no começo do Século XX, João Douat, e através de vários contatos com Antonio Consoli, foi possível traçar a biografia, descrita acima, de mais um Padre italiano que veio enriquecer o nosso livro.

RIZZI ANGELO GIUSEPPE “JOSÉ”



Angelo Rizzi e Maria Ferrari Rizzi, ao centro, com os filhos: da esquerda para a direita, Benevutto, Rosa, Egildo, Ernesto e Zelinda (em pé), Salardo e Evelina (sentados)

- **Nascimento:** 1846
- **Falecimento:** 24 de fevereiro de 1909
- **Pai:** não temos informações
- **Mãe:** não temos informações
- **Esposa:** Maria Paschoa Ferrari (* 1849, † 1930)
- **Pais de Maria:** Anselmo Ferrari (* e † não há dados) e Rosa Sorregoti (* e † não há dados)
- **Filhos de Ângelo e Maria:** Zelinda Rizzi (* 1878, † não há dados), Evelina Rizzi (* 1881 † não há dados), Ernesto Guilherme Rizzi (* 1887, † não há dados), Benevuto Rizzi (* e † não há dados), Rosa Rizzi (* e † não há dados), Egildo Rizzi (* 1890, † não há dados) e Salardo Luiz Rizzi (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Angelo Rizzi nasceu na Comune de Virgilio, Província de Mantova, Região de Lombardia, Itália, em 1846.

Chegou ao Brasil no navio “Carlo R” em 05 de fevereiro de 1888, desembarcando em Santos – SP e indo residir em Piracicaba – SP.

Casou-se com Maria Paschoa Ferrari, com quem teve sete filhos, três nascidos na Itália – Zelinda, Evelina e Ernesto – e quatro no Brasil – Benevutto, Rosa, Egildo e Salardo.

Netos de Angelo Rizzi mudaram-se para Itajubá para estudar, como Álvaro Pereira Rizzi - filho de Egildo Rizzi - que estudou e lecionou no Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI), mais tarde Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI) e atualmente Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).

Angelo Rizzi faleceu em 24 de fevereiro de 1909.

RIZZI: Oriundo de Comune de Virgilio, Província de Mantova, região de Lombardia

RIZZI ÁLVARO PEREIRA



- **Nascimento:** 18 de setembro de 1925
- **Falecimento:** 26 de maio de 2010
- **Pai:** Egildo Rizzi (* 04 de agosto de 1891 † 20 de setembro de 1975)
- **Mãe:** Rita Leite Pereira (* 30 de setembro de 1901 † 08 de março de 1970)
- **Esposa:** Eleny Lisboa (* 07 de abril de 1930, † 13 de agosto de 2010)
- **Pais da esposa:** Dr. Gaspar Lisboa (* 2 de maio de 1900 † 12 de julho de 1996) Nair Libanio (* 11 de abril de 1904 † 25 de abril de 1988)
- **Filhos de Álvaro e Eleni:** Lícia (* 25 de junho de 1951), Lúcia Helena (* 27 de fevereiro de 1953), Leda Maria (* 28 de maio de 1955, † 28 de fevereiro de 1995), Lélia Regina (* 27 de janeiro de 1957) e Laís (* 02 de junho de 1961)

VIDA E OBRA

Álvaro Pereira Rizzi nasceu no dia 18 de setembro de 1925. Ele era um dos netos do imigrante Angelo Rizzi que se dirigiram a Itajubá para estudar, tendo sido aluno e lecionado no Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI), mais tarde EFEI e, atualmente, UNIFEI.

Paulista de Piracicaba, o então jovem Álvaro Rizzi teria prosseguido seus estudos de Matemática e Física pela Faculdade de Filosofia de Campinas, não fosse seu irmão Reginaldo, que cursava o IEI, e cujo entusiasmo acabou por contagiá-lo.

Ele nunca se arrependeu de ter mudado o rumo de sua trajetória profissional e, conseqüentemente, pessoal. Afinal, em Itajubá conheceu e se casou com a professora Eleny, em 20 de dezembro de 1949. Ela era exemplo de dedicação como esposa e mãe, e, certamente, propiciou ao marido a tranquilidade e apoio necessários à sua bem sucedida carreira de engenheiro e mestre. O casal teve cinco filhas: Lícia Lisbôa Rizzi, psicóloga; Lúcia Helena Lisbôa Rizzi, engenheira; Leda Maria Lisbôa Rizzi, engenheira, falecida; Lélia Regina Lisbôa Rizzi, médica, e Laís Lisbôa Rizzi, engenheira.

Após se formar em 1949, o engenheiro Álvaro Rizzi ingressou na Companhia Sul Mineira de Eletricidade, que chegou a ser a maior empresa de energia elétrica do País. Foi trabalhar com o professor João Baptista Ricci, que, na época, dirigia a montagem de duas usinas.

Sua atuação na Companhia Sul Mineira só não agradou os alunos do IEI porque, conhecedor dos “gatos” instalados nas repúblicas, logo deu o seu “pulo do gato”, acabando com todas as suas ligações clandestinas, e ainda, transferindo os medidores de energia das repúblicas para o alto dos postes de distribuição de energia.

Dois anos depois, convidado pelo professor Antonio Rodrigues d’Oliveira, passou a integrar o corpo de professores do IEI, sem deixar suas atividades na Companhia Sul Mineira. Esta decisão mereceu o apoio de Vidal Dias, que era, ao mesmo tempo, diretor técnico daquela empresa e vice-presidente da Fundação IEI, entidade mantenedora da escola, de 1944 a 1956, ano em que foi federalizada.

Contratado inicialmente para ministrar aulas de Descritiva, sofreu um acidente do trabalho, que o fez se afastar de suas atividades durante quase dois meses. Ao reassumir, o professor Antonio lhe propôs ficar ele próprio com a cadeira de Descritiva, enquanto Álvaro Rizzi passaria a dar aulas de Termodinâmica.

Mas foi com a saída do professor Schmith, para assumir sua cadeira de Máquinas Elétricas, que Álvaro deu início à consolidação definitiva de sua carreira de professor nessa área, passando, posteriormente, a também ministrar as aulas de Medidas Elétricas e Magnéticas.

Em 1962, Álvaro já substituía o professor João Luiz, que se aposentara, quando o professor Romeu Rennó foi para a Europa, onde permaneceria por dois anos. Assim, passou a ministrar as três cadeiras de corrente alternada da Escola: Eletrotécnica, no 3º. ano; Medidas, no 4º e Aplicações Industriais, no 5º. ano.

Quando o professor Romeu retornou da Europa, mesmo considerado um ótimo professor, os alunos fizeram um abaixo assinado para que Álvaro Rizzi permanecesse como titular das disciplinas daquele professor. O pedido não foi atendido, por dois motivos: o professor Romeu deveria reassumir sua função e Rizzi se achava muito sobrecarregado.

Durante os anos em que foi professor no IEI e na EFEI, o professor Rizzi não poupou esforços para dotar os laboratórios de instalações necessárias às aulas práticas que ministrava a seus alunos, seja por meio de recursos do Governo Federal ou através de doações da própria Companhia Sul Mineira, *General Electric* (GE) e outras empresas fabricantes de equipamentos elétricos.

Mesmo em circunstâncias de sobrecarga de trabalho, assim como durante os dois anos que antecederam a federalização do IEI - período em que a Escola não teve condições de pagar seus professores - o professor Rizzi sempre se desdobrou e atuou com a mesma competência e dedicação, quer no IEI ou na Companhia Sul Mineira, empresa que só deixou em 1968, quando de sua encampação pela então empresa Centrais Elétricas de Minas Gerais, hoje Companhia Energética de Minas Gerais (CEMIG).

Depois de 37 anos e sete meses como professor da Escola, o professor Rizzi se aposentou em 1984, sem nunca ter perdido sua paixão pela arte de ensinar. Tanto assim, que mesmo aposentado, continuou ministrando aulas no Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL), em Santa Rita do Sapucaí.

Segundo suas próprias declarações, diante de uma classe de atentos alunos, chegava a lastimar ao se ver obrigado a encerrar sua aula. Por ele, teria disposição suficiente para prolongá-la por mais umas 5 horas, sem qualquer cansaço.

O professor Rizzi sempre foi um grande admirador de Theodomiro Santiago e Vidal Dias e neles se espelhou. Mesmo afastado profissionalmente da Escola, o professor Rizzi sempre esteve presente em todos os eventos que a envolviam, assim como nas muitas comemorações de aniversário de formatura que se realizaram em Itajubá e nas inúmeras e merecidas homenagens que recebeu de seus ex-alunos.

O professor Álvaro Pereira Rizzi faleceu em 26 de maio de 2010. O reitor da UNIFEI declarou luto oficial na Instituição, por dois dias pelo falecimento do professor, determinando que a bandeira da Universidade fosse hasteada a meia verga no Campus Universitário, bem como no Prédio Central, em sinal de consternação e de respeito pela memória do docente por parte de toda a comunidade acadêmica.

ROMANO ERCOLE



- **Nascimento:** 21 de abril de 1913
- **Falecimento:** 24 de setembro de 1967
- **Pai:** Vincenzo Romano
- **Mãe:** Madalena Sciammarella
- **Esposa:** Anna Maria Rotella (* 09 de novembro de 1913, † 22 de maio de 1984)
- **Pais de Anna:** Pasquale Rotella e Angela Maria Mantuano
- **Filhos de Ercole e Anna Maria:** Irene (*14 de outubro de de 1936), Luisa (*13 de outubro de 1939), Salvatore (*23 de dezembro de 1947), Romolo (*20 de setembro de 1955) e Itália (*3 de agosto de 1960)

VIDA E OBRA

Ercole Romano nasceu em Paola, na província de Cosenza, na Itália, em 21 de abril de 1913, sendo filho de Vincenzo Romano e de Madalena Sciammarella.

Ele passou por momentos difíceis durante seu serviço militar sob o domínio fascista. Era combatente nas tropas dos *camicie nere* (Camisas Negras) das hostes fascistas de Benito Mussolini. Como soldado, lutou, em 1935, na Campanha da Etiópia.

Na Segunda Guerra Mundial, combateu nos desertos do norte da África, na Líbia, no Congo Belga, no Kenia e na Abissínia, tendo sido aprisionado pelos ingleses na Batalha de Tobruk, em 1941. Enviado a um campo de concentração, só foi liberado no final do ano de 1946, quase dois anos após o final do conflito. Durante seu tempo de prisioneiro, Ercole foi escalado para ser o cozinheiro do campo, fato que influenciaria sua vida no futuro.

ROMANO: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

A família já o tinha dado como morto em combate, pois passara quase quatro anos sem nenhuma comunicação. Em 1945, sua família recebeu a notícia de que Ercole estava vivo, mas prisioneiro dos ingleses.

No dia 8 de dezembro de 1946, num domingo de forte nevasca, chegou à cidade de Paola um trem repleto de soldados famintos e maltrapilhos. Um desses soldados libertados era Ercole Romano.

Em sua cidade natal, Ercole não permaneceu por muito tempo. Diante das ruínas em que estava a cidade e a cruel situação de miséria pela qual passava o país, Ercole buscou sua sorte em terras estrangeiras.

Chegou ao Brasil em 15 de maio de 1947, no porto do Rio de Janeiro, pelo navio Santarém. Uma nova saga o aguardava. Do Rio viajou direto para Itajubá, onde já tinha parentes que também tinham vindo em busca de uma nova chance no pós-guerra.

Em Itajubá, sua principal atividade foi de jornalista ambulante. Trabalhou arduamente e era comum vê-lo por toda cidade vendendo jornais e revistas a tiracolo, presos por uma larga correia de couro apoiada ao ombro.

Suas economias permitiram que ele buscasse, na Itália, sua esposa, Anna Maria, e seus três primeiros filhos lá nascidos. Já no Brasil, nasceram seus dois últimos filhos, em Itajubá. Seus cinco filhos são:

- Irene Romano, casada com José Marinho, já falecido;
- Luisa Romano, casada com José Bernardes, já falecido;
- Salvatore Romano, casado com Maria Aparecida Rennó;
- Romolo Romano, casado com Maria de Fátima Moraes;
- Itália Romano, casada com Jânio Paulo Bidone.

Com a família reunida, Ercole abriu um restaurante à Praça Pereira dos Santos, dando-lhe o nome de “Brasil-Itália”.

Com o tempo, o ex-soldado de Mussolini desenvolveu-se no ramo da gastronomia e abriu outros restaurantes na cidade. Também chegou a ser sócio da Casa Del Prete, que vendia jornais, revistas e loterias.

Apesar de todo sofrimento na guerra e a distância da família, Ercole esbanjava alegria. Em um de seus artigos, o historiador Armelim Guimarães afirmou: “Está vivo em nossa lembrança esse moço alegre e comunicativo que foi Ercole Romano, nosso distinto amigo e amigo de toda Itajubá. Honesto, humanitário que foi, leal, sabendo a todos tratar com cavalheirismo e respeito”.

Ercole faleceu, em Itajubá, em 1967, com 54 anos, e sua esposa, em 1984, aos 71 anos.



Prédio, na esquina à esquerda, onde funcionou o Bar Brasil Itália, de propriedade de Ercole Romano

ROMANO IRENE



- **Nascimento:** 14 de outubro de 1936
- **Pai:** Ercole Romano
- **Mãe:** Anna Maria Romano
- **Esposo:** José Augusto Marinho (* 11 de junho de 1936, † 28 de junho de 1994).
- **Pais de José Augusto:** Arlindo Marinho Cruz e Maria Nunes Ferreira
- **Filhos de Irene e José Augusto:** Romeio Arlindo (*15 de junho de 1959 † 21 de janeiro de 2013), Francisco Paulo (*21 de abril de 1961), Marcos Cesar (*28 de outubro de 1962), Rosanéia Romano (*18 fevereiro de 1963), Bruno (*05 de janeiro de 1964), Rogerio (*13 novembro de 1965), Patrícia (*11 de junho de 1967).

VIDA E OBRA

A minha biografia e a de minha irmã são muito parecidas, visto que, devido a pouca diferença de idade entre nós, as histórias vividas, os sofrimentos durante a guerra que se abateu sobre a cidade onde morávamos e as dificuldades encontradas pela nossa família, distante do pai feito prisioneiro de guerra, fazem com que nossos depoimentos sejam muito semelhantes.

Não estendi muito este texto, pois muitos dos acontecimentos de minha vida são descritos no depoimento de minha irmã.

Nasci no dia 14 de outubro de 1936 em Paola, Província de Cosenza, na região da Calabria. Completei quatro anos de idade poucos meses depois de a Itália declarar guerra à Inglaterra e à França, em junho de 1940.

Nos anos subsequentes, o conflito bélico foi tão marcante que deixou lembranças indeléveis na minha memória. Não somente vivi aqueles dias difíceis bem como ouvi muitas histórias de meus pais e avós.

Minha irmã Luisa, embora tenha nascido três anos depois de mim, em 1939, também se

lembra de muitos fatos ocorridos durante e depois da guerra.

A cidade de Paola foi muito visada com intensos bombardeios. Lembro-me de que, com frequência, minha família tinha que se esconder fora da cidade e, muitas vezes, ficávamos dentro d'água, cobertos pela vegetação, de forma que não fôssemos vistos.

Nessas fugas da cidade, havia grandes dificuldades para conduzir as crianças e idosos. Uma vez, minha *bisnonna*, Madalena Mantuano, foi colocada em um moinho desativado, pois a idade e a dificuldade em caminhar naquele dia não lhe permitiam a longa caminhada. Quando a família voltou, no outro dia, a *Signora* Madalena disse que tinha visto muitos trovões e raios. Eram os ataques aéreos, mas ela não tinha consciência do que estava ocorrendo.

Ainda me lembro, muito bem, da destruição de parte do convento de San Francesco, padroeiro da cidade, quando um avião jogou uma bomba sobre ele. Depois do ocorrido, o padre chamava a atenção das pessoas para a estátua de São Francisco, que suava e que ele enxugava, mostrando para todos ali presentes o lenço molhado de suor. Todos os habitantes de Paola viram esse acontecimento como um milagre.

Desejo relatar um fato também que já foi descrito por minha irmã, mas tal é a sua importância, que volto a descrevê-lo. Em um desses bombardeios sobre Paola, a igreja do Convento estava repleta de pessoas e uma bomba foi lançada naquele local, mas não explodiu, o que também foi considerado um milagre pela população. Esta bomba foi preservada até os dias de hoje, como pode ser vista na foto abaixo desta biografia.

Durante os dias em que tínhamos que ficar escondidos, utilizávamos uma planta do mato, chamada *porchiana*, para nos alimentarmos. Levávamos alguns poucos alimentos, azeite e sal, e uma salada era feita com esta planta.

As famílias dos militares que tinham sido presos pelos Aliados recebiam a *tessera*, uma carteirinha que dava direito a alguns alimentos. A família Romano tinha direito visto que, Ercole, meu pai, tinha sido feito prisioneiro na Abissínia, hoje Etiópia. Ele regressou a Paola, no dia 8 de dezembro de 1946, numa noite fria de inverno, quando uma forte nevasca caía sobre toda aquela região.

O espaço da pequena estação ferroviária era insuficiente para acolher o grande número de pessoas que se reuniram para esperar mais um comboio com militares que retornavam dos campos de prisioneiros no exterior.

No ano seguinte, em 1947, meu pai partiu para o Brasil, deixando a esposa grávida. Ele buscava novas oportunidades de vida, visto que a Itália encontrava-se em grandes dificuldades. Minha mãe, comigo e meus irmãos, mudamos para o Brasil vários anos depois. Embarcamos em Genova e desembarcamos no Porto do Rio de Janeiro em 29 de junho de 1953, dia de São Pedro, e trazendo conosco meu irmão Salvatore, do qual minha mãe estava grávida quando meu pai deixou a Itália.

Juntamente com minha irmã, trabalhamos muito nos vários negócios de nosso pai. O primeiro bar-restaurant recebeu o nome de "Bar Brasil Itália", na Praça Dr. Pereira dos Santos, na esquina que faz confluência com a Rua Eugênio Sales.

Depois, ele comprou o "Bar da Estação", onde nós, ainda meninas, iniciávamos nosso trabalho às 4 horas, para atendermos os passageiros que tomavam o primeiro trem do dia. Ao longo dos anos subsequentes, outros bares foram abertos pela nossa família.

Casei-me com José Augusto Marinho em 22 de setembro de 1958 e tivemos sete filhos. Hoje, vivo rodeada pelos filhos e netos, colhendo os frutos de muito trabalho e dedicação à família.

Os depoimentos dessas duas irmãs preenchem lacunas não contadas pelos livros, enaltecem o povo italiano e enriquecem nosso livro. Todos que convivem com Irene e Luisa, italianas simpáticas e falantes, se deleitam com as histórias que elas relatam com muita precisão e capacidade de narração. Por isso, deixamos que tais biografias fossem contadas pelas próprias personagens.



Foto: Antonio C. Consoli

Bomba que “milagrosamente” não explodiu quando caiu sobre o Convento de São Francisco de Paola, durante a Segunda Guerra Mundial

La Bomba

Al termine degli archi che collegano l’antica costruzione conventuale con quella più ardimentosa e moderna della nuova Aula Liturgica, in un piccolo incavo del muro, si trova il bossolo di una “Bomba” caduta nel letto del torrente Isca durante i bombardamenti del 1943 e è rimasta miracolosamente inesplosa.

A Bomba

Ao final dos arcos que ligam a antiga construção do convento com aquela mais arrojada e moderna da nova Aula Litúrgica, em um pequeno nicho do muro, se encontra o invólucro de uma “Bomba” caída no leito do riacho Isca durante o bombardeamento em 1943 e permaneceu milagrosamente sem explodir.

ROMANO LUISA



Foto: Sueli Romano Bernardes

Luisa Romano no Ádrio do Convento de S. Francesco, na cidade de Paola. Ela se emociona ao voltar, cinquenta anos depois, no mesmo lugar em que estava no dia do anúncio do Armistício.

- **Nascimento:** 13 de outubro de 1939
- **Pai:** Ercole Romano (* 21 de abril de 1913, † 24 de setembro de 1967)
- **Mãe:** Anna Maria Rotella Romano (* 09 de novembro de 1913, † 22 de maio de 1984)
- **Esposo:** José Bernardes (* 30 de abril de 1929, † 08 de agosto de 1993)
- **Pais de José Bernardes:** Manoel Bernardes e Aristidia da Costa Faria Bernardes
- **Filhos de Luisa e José:** Roberto (* 24 de março de 1959), Sueli (* 06 de abril de 1958), Dinah (* 30 de setembro de 1961), José Luiz (* 16 de novembro de 1962), Denise (* 04 de novembro de 1963), Sonia Cristina (* 12 de março de 1964), Ricardo (* 11 de maio de 1965), Flavio (* 10 de setembro de 1972), Mario Henrique (* 04 de setembro de 1981) e Mariana (* 31 de março de 1983)

VIDA E OBRA

No Brasil, meu nome é Luisa Romano Bernardes. No meu país de origem, a Itália, eu seria conhecida por Romano Luisa, filha de Romano Ercole e de Rotella Anna Maria, posto que lá se escreve primeiramente o sobrenome do pai e não assinamos o sobrenome da mãe.

Nasci em 1939, em Paola, Província de Cosenza, região da Calabria. No exato ano de meu nascimento, estourou a 2ª Guerra Mundial. Desta forma, durante a totalidade da minha primeira infância, eu conheci o que é a tragédia, a fome, a dor e o sofrimento do que se embute no significado de uma guerra.

Meu pai partiu como combatente pela Itália, lutando na Abissínia, hoje, Etiópia, no continente africano, quando, então, minha mãe ainda estava grávida de mim. Lutando contra os ingleses, ele foi capturado e feito prisioneiro num campo de concentração naquele país e só conseguiu ser libertado em 1946.

Assim, foi aos sete anos de idade a primeira vez em que eu vi o meu pai: um ex-combatente

magro, traumatizado pela guerra e extremamente fumante - vício que adquiriu durante os anos de campo de concentração e que o iria levar à morte anos depois, quando ele então já estava vivendo no Brasil.

Paola, minha cidade, sofreu intenso bombardeio inimigo, pois, sendo uma cidade litorânea, divulgou-se um boato de que ali se encontravam ocultados alguns submarinos da esquadra italiana.

Isso jamais foi verdade, pois formávamos uma pequena comunidade de camponeses, e nem resquício de submarino ou qualquer tecnologia havia por ali. No entanto, aquilo fez com que Paola sofresse intenso bombardeamento e quase desaparecesse do mapa pois pouco sobrou em pé de suas construções. Aliás, acho que seu desaparecimento realmente teria acontecido não fosse a milagrosa proteção de nosso santo protetor, São Francisco de Paola, padroeiro de toda a Itália e nascido nessa cidade no Século XV.

Jamais me esquecerei dos pequenos aviões de reconhecimento de terreno que precedem aos grandes aviões bombardeiros. Esses pequenos aviões eram conhecidos como "*Ricogniziore*", ardeavam um ruído característico e sobrevoavam em baixa altura.

Ao nos depararmos com os *Ricogniziore* despontando no horizonte, desesperávamo-nos, pois todos sabíamos que, logo depois, se seguiriam os bombardeios sobre a cidade. Desta forma, imediatamente toda a população saía correndo, deixando para trás casas abertas, roupas no varal, afazeres iniciados e o que quer que fosse de sua rotina. Cuidavam apenas de, na medida do possível, pegar suas crianças e seus velhos, na tentativa de se salvarem e de salvá-los juntos.

Naquela correria desesperada, todos rumavam exatamente para o mesmo lugar: para o Sagrado Convento de San Francesco de Paola. Ali, não se pode explicar por que, salvo por absoluta misericórdia divina, jamais houve bomba que explodisse. Os bombardeiros miravam sobre o convento, pois sabiam (e mesmo eram alertados pelos *Ricogniziore*) que lá se encontrava grande parte da população.

Mas as bombas lançadas sobre o convento desviavam-se milagrosamente e explodiam em outro local. Em certa ocasião, uma daquelas bombas caiu no convento e não explodiu. Hoje esta mesma bomba, já desativada, encontra-se como um monumento à paz na entrada do Convento de San Francesco.

Outra lembrança que se perpetuou em minha memória ocorreu também numa dessas fugas após a passagem de um *Ricogniziore*. Eu devia ter por volta de três anos de idade. Ouvindo o zumbido do pequeno avião, minha mãe, de imediato, se juntou à multidão que corria desesperada rumo ao convento, levando-me ao braço enquanto puxava minha irmã pouco mais velha, Irene, pela mão.

Nisso, meu cabelo enroscou-se em um espinheiro que se encontrava pelo caminho. Apavorada, sem tempo para desenroscar meus cabelos presos aos espinhos e não querendo jamais abandonar-me ali, minha mãe puxou-me com força e naquele brusco movimento um pedaço do meu couro cabeludo foi arrancado junto, ficando pendurado no espinheiro... Infelizmente a guerra é isto: uma soma de eventos tristes que se forjam na memória à base de ferro e fogo.

Em 1953, viemos todos para o Brasil. Eu estava com 14 anos de idade. Um ano depois, conheci aquele que viria a ser meu futuro marido e pai dos meus filhos, José Bernardes, já falecido, com quem me casei aos 17 anos de idade e tivemos 10 filhos, hoje todos já adultos. Tenho 13 netos.

Vivo em Itajubá desde que cheguei da Itália. Adotei como minha esta cidade que tão bem me acolheu, assim como o Brasil, minha segunda Pátria. Penso que, talvez por ter chegado aqui adolescente, tinha a mente aberta e propícia a aceitar de bom grado todas aquelas novidades de uma terra então estranha.

Assim, não tive grandes dificuldades de me adaptar ao que se me oferecia o estrangeiro. Não demorei a aprender a falar o Português e rapidamente perdi até mesmo o sotaque. Adaptei-me também facilmente ao clima daqui, pois, sequer, gosto de dias frios, nublados ou do inverno terrível a que se submete na Itália.

Porém, inevitavelmente, todo estrangeiro que habita longe de seu país tem dentro de si uma dualidade: convive com as lembranças e costumes de sua terra natal, mas não mais se sente parte real daquele universo deixado para trás pelas circunstâncias da vida.

Para mim, essa dualidade se revelou em toda a sua forma quando, após 50 anos, tive a oportunidade de retornar, pela primeira vez, ao meu país natal, levada por dois de meus filhos. Durante aquelas semanas em minha terra natal, senti enormes saudades do Brasil, de Itajubá, do arroz, do feijão, das frutas maravilhosas que temos aqui, como mamão, banana e manga, mesmo havendo ali as frutas típicas de minha lembrança de criança, como a cereja, a nespola e também as oliveiras carregadas de azeitonas. Rever aquela natureza fez-me chorar de emoção, mas, ao mesmo tempo, chorei de saudades do Brasil.

Este é um resumo da minha vida, e aproveitei a oportunidade para, sobretudo, dar graças a Deus por ter tido a oportunidade de construir a minha própria história e constituir minha família num país encantador como o Brasil, abençoado por este clima tropical maravilhoso e também por ser livre de terremotos e portador de um povo alegre e receptivo, que não tem temperamento propício a guerras.

Pois que Deus, na Sua infinita bondade, encaminhou a mim e a minha família para essa terra gigantesca, tanto em extensão quanto em bênçãos. E aqui pudemos, eu e meus irmãos, gerar e criar nossos filhos, legítimos brasileiros, pessoas de bem.

Posso dizer, então, que hoje, aos 72 anos de idade, sou uma pessoa feliz e realizada, e grande parte disso foi construída sobre o chão verde-e-amarelo deste belo País que me acolheu e para o qual dedico o mesmo amor e respeito como se aqui tivesse eu nascido.

ROMANO SALVATORE



Casal Salvatore e Maria Aparecida com os filhos. Da esquerda para a direita: Leonardo, Lilian e Hercoles

- **Nascimento:** 23 de dezembro de 1947
- **Pai:** Ercole Romano (* 21 de abril de 1913, † 24 de setembro de 1967)
- **Mãe:** Anna Maria Rotella (* 09 de novembro de 1913, † 22 de maio de 1984)
- **Esposa:** Maria Aparecida Rennó (* 04 de outubro de 1947)
- **Pais de Maria Aparecida:** não há dados
- **Filhos de Salvatore e Maria:** Hercoles Romano (* 21 de dezembro de 1981), Leonardo Romano (* 21 de janeiro de 1983) e Lílian Romano (* 28 de novembro de 1987)

VIDA E OBRA

Salvatore Romano nasceu em Paola, na Província de Cosenza, na Itália, em 23 de dezembro de 1947, sendo filho de Ercole Romano e de Anna Maria Rotella.

Chegou ao Brasil em 29 de junho de 1953. Trabalhou, durante sua juventude, no bar e restaurante de sua família e, com a morte do pai, em 24 de setembro de 1967, assumiu os negócios.

Administrou por mais cinco anos o comércio e, depois, o vendeu. Montou, então, uma *bombonière* no antigo prédio do Cine Apollo, na praça central de Itajubá.

Após a venda deste estabelecimento, passou a trabalhar no ramo de corretagem de imóveis, conseguindo sucesso devido a sua facilidade de comunicação no relacionamento com as pessoas.

Salvatore se casou com Maria Aparecida Rennó em 28 de março de 1981 e com ela teve três filhos: Hercoles, nascido em 21 de dezembro de 1981, veterinário formado e cursando medicina; Leonardo, nascido em 21 de janeiro de 1983, médico e ex-oficial do Exército, e Lílian, nascida em 28 de novembro de 1987, que também seguiu o ramo da medicina, formando-se em 2012.



ROMANO ROSEMBURGO



- **Nascimento:** 19 de janeiro de 1931
- **Pai:** Waldemar Romano (* 16 de março de 1897, † não há dados)
- **Mãe:** Maria Adelaide Mendonça Romano (* 16 de dezembro de 1896, † não há dados)
- **Esposa:** Leyde Carvalho Romano (* 01 de agosto de 1942)
- **Filhos de Rosemburgo e Leyde:** Adelaide (* 29 de maio de 1967), Mônica (* 03 de maio de 1968), Marcela (* 02 de dezembro de 1969) e Rosemburgo Júnior (* 16 de junho de 1975)

VIDA E OBRA

Rosemburgo Romano nasceu em Ubá – MG em 19 de janeiro de 1931, sendo filho de Waldemar Romano e de Maria Adelaide Mendonça Romano, ambos da mesma cidade.

Seus avós paternos eram os italianos Antonio Romano, nascido em Napoli, e Giovanna Annibelli Romano, nascida em Cucaro Vetri. Seus avós maternos eram Antero Furtado de Mendonça e Leonora de Araújo Porto.

Ele se formou pela Faculdade de Medicina de Uberaba, pertencente à Universidade Federal do Triângulo Mineiro, tendo sido aluno do Dr. Adib Jatene, de quem ele incorporou o seguinte ensinamento: “Norteio minha vida por uma filosofia oriental: ‘Poderei ser vítima de calúnia ou difamação, mas jamais autor de indignidade’”.

Rosemburgo se casou em 02 de julho de 1966 com Leyde Carvalho, filha de Vital Eufrásio de Carvalho e Natalina Gallo de Carvalho. O casal teve quatro filhos: Adelaide, Mônica, Marcela e Rosemburgo Júnior.

ROMANO: Oriundo da cidade de Napoli (Nápoles), região da Campania

Ele se mudou para Itajubá em 06 de junho de 1960 e atuou como médico sanitário do Ministério da Saúde. Uma de suas grandes obras nesta cidade, que adotou como sua, foi a fundação do Hospital das Clínicas de Itajubá S.A. (Hospital Escola), do qual foi seu primeiro diretor. Sua atuação foi também muito importante na fundação da Faculdade de Medicina em 05 de fevereiro de 1968, juntamente com o prefeito da época Luiz Carlos Tigre Maia, e com Sebastião Osvaldo da Silva.

No período de 31 de janeiro de 1973 a 31 de janeiro de 1977, exerceu o cargo de prefeito municipal de Itajubá, quando inaugurou o Distrito Industrial da cidade, no qual foram implantadas várias empresas nacionais e internacionais, gerando um número significativo de empregos.

Em sua administração foram implantados os loteamentos Alterosa, Santa Luzia, Rebourgeon e do Country Club, totalizando 2.200 lotes. Também durante essa gestão, doou à Associação das Antigas Alunas da Providência (AAAP) o terreno para a construção do Centro Comunitário Santa Luzia, inaugurado em 1983.

Depois, atuou como deputado federal por dois mandatos, de 1º de janeiro de 1979 a 31 de janeiro de 1987, e durante o governo de Newton Cardoso, em Minas Gerais, foi secretário adjunto de Saúde, de 1987 a 1988, e secretário adjunto de Transportes em 1988.

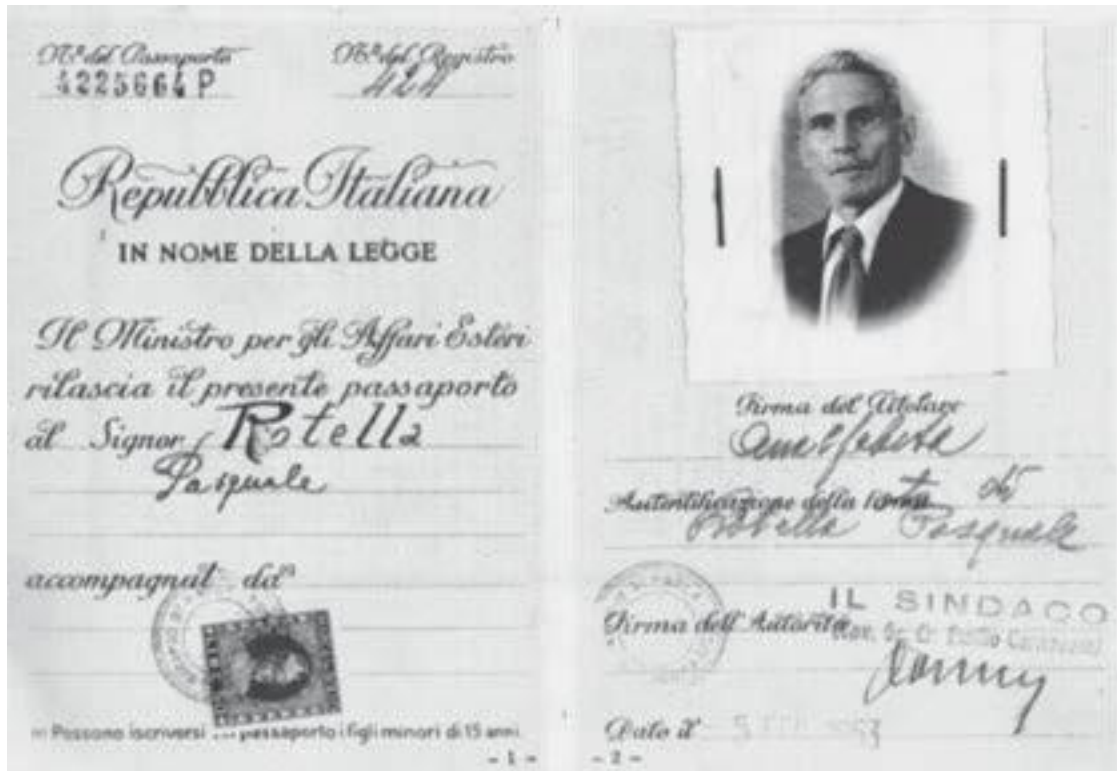
Apoiado pela coligação PDC-PFL-PSC-PMB, Roseburgo foi reeleito prefeito de Itajubá em 15 de novembro de 1988 para o período de 1º de janeiro de 1989 a 1º de janeiro de 1993. Durante este mandato, em 20 de julho de 1989, foi eleito presidente da Associação Mineira de Municípios (AMM), entidade que congregava, na época, 723 cidades.



Cidade de Napoli (Nápoles), região da Campania

Foto: Antonio C. Consoli

ROTELLA PASQUALE



Rotella: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

ROTELLA ERNESTO

- **Nascimento:** 08 de janeiro de 1909
- **Falecimento:** 22 de maio 1982
- **Pai:** Pasquale Rotella
- **Mãe:** Angela Mantuano Rotella
- **Esposa:** Teresina Caruso (* 03 de novembro de 1911, † 27 de agosto de 1991)
- **Pais de Teresina:** Giuseppe Caruso e Luisa Carelli
- **Filha de Ernesto e Tereza:** Leodora Rotella (*21 de março de 1931)

VIDA E OBRA

Ernesto Rotella nasceu no dia 08 de janeiro de 1909, na cidade do Rio de Janeiro. Era filho dos imigrantes italianos Pasquale Rotella e Angela Mantuano Rotella, oriundos da cidade de Paola, no sul da Itália.

Por volta de 1930, casou-se com Teresina Caruso. O casal teve apenas uma filha, Leodora, nascida em 21 de março de 1931.

Ele foi o fundador do primeiro moinho de farinha de milho de Itajubá e do primeiro bar na 'Rua do Esgoto', hoje Rua Dr. João de Azevedo.

Ernesto mudou-se ainda jovem para Itajubá e foi um dos fundadores da Casa Del Prete, onde trabalhou no ramo de vendas de jornais, revistas e bilhetes de loterias.

Provavelmente, tenha sido ele quem deu o nome a essa agência lotérica e revendedora de jornais e revistas, em 1928, em homenagem ao aviador italiano Carlo Del Prete, que, em 15 de agosto do mesmo ano, chegou ao Rio de Janeiro e, desejando conhecer melhor a então capital do Brasil, quis sobrevoar a "Cidade Maravilhosa". O famoso recordista de vôos, porém, foi infeliz na

tentativa, pois seu avião caiu, matando aquele que havia sobrevoado todo o Atlântico, de Roma ao Rio, sem ter acontecido nada de grave.

Ernesto também fundou em Itajubá a Agência Lotérica Guarani, localizada na Rua Major Belo Lisboa, onde também vendia hortaliças e frutas.

Era, talvez, o mais velho dos filhos de Paschoale Rotella.

Sua esposa, Teresina Caruso, era uma exímia especialista em macarronadas italianas. Ela faleceu no dia 27 de agosto de 1991, aos 80 anos.

Ernesto Rotella faleceu em Itajubá, no dia 22 de maio de 1982, aos 73 anos.

ROTELLA FRANCESCO



- **Nascimento:** 1923
- **Falecimento:** 20 de setembro de 1956
- **Pai:** Pasquale Rotella
- **Mãe:** Angela Mantuano Rotella
- **Esposa:** Gilda Fucetola
- **Pais de Gilda:** não há dados
- **Filhos de Francisco e Gilda:** José (* 1947), Walter (* não há dados), Lino (* não há dados), Francisco (* não há dados), Júlio (* não há dados), Paulo (* não há dados) e Silvana (* 1956)

VIDA E OBRA

Francesco Rotella é natural de Paola, nasceu no ano de 1923. Veio para Itajubá em 1947 e, durante os nove anos em que residiu na cidade, foi um dos proprietários da Casa Del Prete, agência lotérica e revendedora de jornais e revistas, primeiramente instalada no térreo do Grande Hotel e, mais tarde, transferida para outro prédio da mesma praça central.

Dedicado ao trabalho e correto no cumprimento de seus deveres, levava uma vida de paz e toda entregue às atividades de sua profissão, as quais exercia com zelo e probidade.

Homem inteligente e esforçado, gostava também de escrever para jornais e, por várias vezes, colaborou com trabalhos literários para o jornal O Sul de Minas, empregando grande tenacidade para compreender e manejar a língua portuguesa.

Admirava o Brasil e sua gente, devotando grande estima ao País e a Itajubá, que considerava como se fosse sua terra natal. Humilde e despido de toda e qualquer vaidade, soube sempre tratar as pessoas com atenção e respeito.

Antes de falecer, esteve, durante longo período, recolhido ao leito. Conseguindo vencer a doença, voltou aos trabalhos na Agência Lotérica Itajubá, antiga Casa Del Prete. Depois, foi novamente atingido pela mesma enfermidade e, dentro de pouco mais de um mês, faleceu em sua residência.

Francesco Rotella faleceu no dia 20 de setembro de 1956 e foi sepultado no dia 21 de setembro, no cemitério local, às 9 horas, aos 33 anos.



Cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

SANCHES FRANCESCO



Cidade de San Severino Lucano, Província de Potenza, região da Basilicata

- **Nascimento:** 1831
- **Falecimento:** 19 de agosto de 1900
- **Pai:** Saverio (Silverio) Ciancio (* não há dados, † 09 de agosto de 1886)
- **Mãe:** *Maria Rosa Ciancio - madrastra* (* não há dados, † 15 de agosto de 1886)
- **1ª Esposa:** Maria Francisca Fitipaldi (* não há dados, † 28 de maio de 1893)
- **Pais de Maria Francisca:** não há dados
- **Filhos de Francisco e Maria Francisca:** não há dados
- **2ª Esposa:** Luppia Adelene Ciancio (* e † não há dados)
- **Pais de Luppia Adelina:** não há dados
- **Filhos de Francisco e Luppia:** não há dados

VIDA E OBRA

Francisco Sanches, originalmente Francesco Ciancio, nasceu no ano de 1831, na cidade de San Severino Lucano, na Itália. O sobrenome italiano “Ciancio” ou “Sciancio”, devido a dificuldades de pronúncia do “c” português (“tche” em italiano), foi adaptado à Língua Portuguesa, transformando-se em “Sanches”.

Ele se casou na Itália com Maria Francesca Fitipaldi e veio para o Brasil, deixando sua esposa na Itália. Já residia na cidade de Itajubá quando ela faleceu em San Severino Lucano, no dia 28 de maio de 1893. Sua segunda esposa foi Luppia Adelene Ciancio, conhecida como Luppia Adelina Sanches.

Devido ao fato de usar brincos – uso comum por homens na região italiana da Calabria, mas inteiramente desconhecido no Brasil daquela época, ainda mais por aqueles de idade avançada – em Itajubá, Francisco era conhecido como “Chico Brinquinho”, “Chico do Brinquinho” ou, simplesmente, “Brinquinho”. Até em jornais da época, em registros da Câmara Municipal e do arqui-

SANCHES (CIANCIO): Oriundo de San Severino Lucano, Província de Potenza, região da Basilicata

vo paroquial figurava “Francisco Brinquinho” como seu nome verdadeiro.

Segundo o historiador Armelino Guimarães, Francisco usava “vistosos brincos, ricas arrecadas com argolas de prata às quais pendiam delicados camafeus com guarnições de marfim, que um cronista de ‘O Clarim’, no início do Século XX, por serem grandes brincos, ajuizava que a alcunha de Brinquinho lhe era imprópria, e devia ser Chico do Brincão... Tal uso inteiramente desconhecido entre nós naqueles tempos, e que então escandalizava nossos conterrâneos, talvez se devesse à influência dos zíngaros violinistas que, nos meados do Século XIX, andavam pela Península Itálica, e que eram admirados pelo nosso Francesco Ciancio”.

Em Itajubá, Francisco se estabeleceu com uma mercearia nas proximidades do Porto Novo, no início da Rua Coronel Francisco Braz, local onde se encontra atualmente a Farmácia Cruzeiro.

Mais tarde, fundou uma das maiores casas comerciais das décadas de 1870 a 1890, com a designação de “Grande Empório”, que ficava na Rua do Sapucaí – hoje Avenida Padre Marçal Ribeiro, onde fica a Casa Marcelo – estabelecimento no qual vendia cereais, queijos, doces, materiais de construção, fazendas, roupas feitas, chapéus, cobertores, calçados, louças, cristais, ferragens, armas de caça, pólvora, agulhas e máquinas de costura, bebidas finas nacionais e importadas, como legítimos vinhos italianos, e até remédios.

Francisco construiu canoas e uma larga jangada, com as quais transportava pessoas, cargas e animais de uma para outra margem do Sapucaí, um rio muito volumoso naquela época. Não havia pontes, e ele estabeleceu preços para esses serviços: pela travessia de um boi ou cavalo, pagava-se um vintém (20 réis) e o mesmo valor para cada arroba de carga. Para animais menores e pessoas, o preço variava de 5 a 10 réis, podendo o pagamento ser feito em espécie.

Possuía escravos, mas os libertou espontaneamente em 1887, antes da Abolição da Escravatura em 1888, pela Princesa Isabel.

Em 1889, Francisco se associou a Miguel Masselli, sob a razão de Masselli & Sanches, com o qual montou um armazém na então Rua Major Pereira, hoje Rua Dr. João de Azevedo. No mesmo ano, passou sua parte na firma para Antônio Cândido Rennó, Sebastião Sátiro Pereira Cabral, Mário Olinto e Horácio Lopes, que constituíram a firma Antônio Cândido Rennó & Cia.

Em material com sua biografia consta que, em 18 de novembro de 1889, três dias depois da Proclamação da República no Brasil, falecia, no Rio de Janeiro, seu irmão, Giuseppe Ciancio.

Francisco também possuía uma “frota” de tropas e de carroças para transportar mercadoria a seu armazém e para aluguel. Depois da inauguração da estrada de ferro em 1891, ele colocou à disposição dos comerciantes suas carroças de aluguel para levar mercadorias à estação ou de lá levá-las aos armazéns e lojas da cidade, a um vintém, por arroba.

Com Miguel Masselli, ficou estabelecido com outro armazém, até que, em 1º de janeiro de 1892, com José de Oliveira Cardoso, constituiu nova firma, a Sanches & Cardoso, sendo proprietários de grande casa comercial na Rua Duque de Caxias, atual Rua Coronel Francisco Braz.

Francisco foi também grande atacadista de sal e o responsável pela vinda de seus familiares da Itália para o Brasil. Ele mandou buscar na Itália o seu sobrinho Silvério e o ajudou a se estabelecer em Itajubá. Mais tarde, Silvério, trouxe o irmão Próspero, que também se tornou um grande empreendedor na cidade.

Francisco faleceu em 19 de agosto de 1900, e o jornal “Cidade de Itajubá”, de 23 de setembro do mesmo ano, assim noticiava o ocorrido, além de apresentar outras informações sobre ele: “Faleceu repentinamente nesta cidade o Sr. Francisco Sanches, importante comerciante aqui estabelecido. Natural da Itália, cidadão brasileiro naturalizado, residiu no Brasil por mais de 30 anos e mais de 20 nesta cidade, onde deixou sulcos luminosos de sua grande alma e de seu coração bem formado. Seu enterro teve lugar às 8 e meia da manhã de 20, sendo grande o número de pessoas que acompanharam à última morada. À beira de seu túmulo orou o Sr. Justino de Olivas”.

SANCHES SILVÉRIO



Da esquerda para a direita, em pé: Vicente, José “Juca” e o garoto Amadeu. Sentados: Silverio, Francisco e Humberto

- **Nascimento:** 29 de agosto de 1867
- **Falecimento:** 03 de abril de 1951
- **Pai:** Vincenzo Ciancio (* e † não há dados)
- **Mãe:** Domenica Marino Ciancio (* não há dados, † 1911)
- **Esposa:** Maria Rosária Masseli (* 08 de dezembro de 1873, † 09 de janeiro de 1959)
- **Pais de Maria Rosária:** Francisco Masselli e Cristina Ricca Masselli
- **Filhos de Silverio e Maria Rosária:** Amélia (* 27 de setembro de 1889, † 07 de março de 1890), Amadeu (* 22 de janeiro de 1891, † 28 de maio de 1901), Humberto (* 03 de maio de 1892, † 20 de abril de 1958), Amélia (* 1893, † 10 de fevereiro de 1894), Emília (* 25 de novembro de 1895, † 16 de julho de 1983), Elisabeth (* 12 de agosto de 1896, † 08 de setembro de 1953), Francisco (* 1897, † 1966), Vicente (* 16 de dezembro de 1898, † 27 de fevereiro de 1976), José (* 29 de abril de 1900, † 24 de abril de 1945), Ana (* 20 de setembro de 1901, † 28 de setembro de 1983), Laurita (* 14 de abril de 1905, † 20 de abril de 1987) e Amadeu (* 1916, † 11 de outubro de 1944)

VIDA E OBRA

Tendo como nome de registro Francesco Saverio Ciancio, em San Severino Lucano, Silvério Sanches nasceu, no dia 29 de agosto de 1867, na cidade de San Severino Lucano, sendo filho de Vincenzo Ciancio e Domenica Marino Ciancio.

Fez seus estudos na cidade natal, chegando a completar os preparatórios e ingressar no seminário maior. Em virtude do falecimento do bispo que o acompanhava, deixou os estudos eclesiásticos, decidido, desde então, a enfrentar o trabalho.

Silvério atravessou o Atlântico e veio para o Brasil, em 1882, desembarcando no porto de

Santos-SP, com apenas 15 anos de idade. Pela estrada de ferro, seguiu até Lorena-SP e, como seu destino era Itajubá, localizada no Sul de Minas, que não possuía estrada de ferro, ele teve que subir a pé a Serra da Mantiqueira com a mala às costas até chegar à cidade, segundo o testemunho de José Vianna, antigo escravo e, depois, empregado do Sr. Luiz José de Souza Vianna.

E foi em Itajubá que Silvério se estabeleceu, a convite do tio Francisco Sanches (Francesco Ciancio), conhecido como “Chico Brinquinho”, “Chico do Brinquinho” ou, simplesmente “Brinquinho”, (por usar brincos, uso comum na região italiana da Calabria), que já residia na cidade mineira, havia muitos anos, e, aos 51 anos, chamou o sobrinho para ajudá-lo nos negócios.

Homem de talentos múltiplos, Silvério aprendeu muito com o tio e logo realizou várias atividades que o acompanharam a vida toda. Teve casa de comércio, pois já se mostrara um excelente comerciante.

Perseverante e trabalhador, em breve tempo, logo depois de casado, encontrou recursos para se estabelecer a fim de, por conta própria, montar, em prédio então existente no local onde se encontrava o Centro Telefônico, um dos mais famosos estabelecimentos de Itajubá, em princípio como único proprietário.

Depois de seis anos de sua chegada ao Brasil, Silvério convidou seu irmão, Prospero, para ajudá-lo em seus negócios na “América”, e com ele se associou, fundando a firma Silvério Sanches e Cia.

Tendo desempenhado por muito tempo, com muita abnegação e critério, o cargo de inspetor escolar, pessoas relacionadas com o ensino pleitearam, por essa razão, com muita justiça, dar o seu nome a um grupo escolar da cidade.

Silvério julgava uma das maiores glórias de sua vida a cidadania brasileira, conseguida por intermédio da “Grande Naturalização”. Considerando-se assim, de coração brasileiro, procurou fazer muito pelo Brasil, chegando mesmo a exercer, em Itajubá, atividades públicas.

Foi presidente de mesas eleitorais e membro do Conselho Distrital Municipal no triênio 1895-1897. Tornou-se vereador para o triênio 1898-1900. Em 31 de março de 1912, tomou posse do cargo de Juiz de Paz, para o qual foi eleito.

Silvério era influente membro do Diretório Político do Partido Progressista, organizado em 1937, e atuou como membro do Núcleo Legionário de Itajubá, da Legião de Outubro, fundada em 1931.

Foi secretário da Comissão de Arregimentação Eleitoral e vereador em várias legislaturas, penhor da estima, da confiança conquistada e da reputação firmada na integridade de seu caráter, de seus propósitos, de sua probidade e de seu amor à terra adotiva.

Por sua cordialidade, lisura em seus atos, espírito permanentemente jovem e disposição de se colocar ao lado das belas causas e iniciativas para o engrandecimento de Itajubá e do Brasil, impôs-se à admiração e estima de todo o povo sulmineiro, chegando a pertencer a várias instituições sociais da cidade.

Foi um dos sócios pioneiros do Clube Itajubense e um dos fundadores, em 25 de abril de 1925, da Associação Comercial de Itajubá, atual Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Itajubá (ACIEI), instituição que contou sempre com seus esforços e seu entusiasmo e da qual foi vice-presidente durante muitos anos.

Foi, igualmente, um dos pioneiros da Santa Casa de Misericórdia e da Maternidade Xavier Lisboa. Generoso, fez também doação de terrenos onde foram construídas a Cadeia de Itajubá e a antiga sede do clube Nova Aurora.

Reconhecendo suas qualidades morais e intelectuais, as autoridades do País confiaram-lhe elevadas funções. Nos primórdios da República, exerceu, por muitos anos, o honroso e respeitado cargo de Juiz Federal Seccional, por nomeação direta do Presidente da República.

Silvério também esteve associado a Miguel Masselli num estabelecimento comercial, sob a razão de Masselli e Sanches. Em seu armazém da Rua Duque de Caxias, atual Rua Coronel Francisco Braz, incluiu uma seção de medicamentos homeopáticos e ficou, por isso, famoso em todo o município pelos acertados remédios que indicava, e as famílias, sobretudo as da zona rural, iam à procura do “Seu Silverinho” para expor seus incômodos e comprar o remédio certo,

sempre contando com seu tratamento humanitário.

Por ser fervoroso cristão, Silvério ofertou o altar de São Sebastião à Matriz de Nossa Senhora da Soledade, inaugurado solenemente em 20 de fevereiro de 1932.

Na família, foi o avô querido dos netos. No aniversário de cada um, era o primeiro que chegava para dar os parabéns, com uma nota de dez mil réis. Se nas casas dos filhos havia necessidade de algum pequeno conserto, como troca de fechadura ou de lâmpada queimada, lá estava ele com as ferramentas à mão e tudo saía a contento.

Dedicado e generoso, acolheu na sua casa, uma figura daquelas que são conhecidas de todo mundo, o Chico Mata-Sapo, um homem pobre, conhecido de muita gente por suas paixões: tocar matraca na Procissão do Enterro, dançar no Carnaval e soltar foguetes de vara.

O lar de Silvério e Maria Rosária estava sempre aberto e o jogo de víspera, à noite, reunia os familiares para bons momentos de alegre convívio e distração.

Após vida exemplar e proveitosa, toda dedicada à família e à sociedade, aos 83 anos de idade, faleceu Silvério Sanches, em 3 de abril de 1951, tendo recebido as mais expressivas homenagens fúnebres do povo de Itajubá e de diversas outras pessoas de seu vasto círculo de amizades e relações.

Silvério Sanches e seus filhos

Silvério se casou, em 22 de setembro de 1888, com Maria Rosária Masseli, italiana, natural da cidade de Paola, na região da Calabria. O casal teve doze filhos, dos quais três faleceram prematuramente, sendo o primeiro chamado Amadeu e duas com o nome de Amélia; além dos filhos **Humberto, Francisco, Vicente e José Sanches**, cujas biografias podem ser conferidas neste livro, os demais são:

- Amélia Sanches, nascida em 27 de setembro de 1889 e falecida em 07 de março de 1890;

- Amadeu Sanches, nascido em 22 de janeiro de 1891 e falecido em 28 de maio de 1901;

- Amélia Sanches, nascida em 1893, foi a segunda filha com esse nome; faleceu em 10 de fevereiro de 1894;

- Emília Sanches Coelho (Miloca), nascida em 25 de novembro de 1895 e falecida em 16 de julho de 1983; casou-se em 22 de abril de 1922 com José Ernesto Coelho, com quem teve os filhos: Maria Aparecida (Irmã Emiliana), Maria de Lourdes, Maria Stella (também Irmã), Maria Emília, Maria Rosária (Rosarita), Hélia Maria, João Silvério (falecido), Maria José, Paulo Ernesto, Francisco Ernesto (falecido), Luiz Ernesto e Antônio Ernesto.

- Elisabeth Sanches Pereira (Betina), nascida em 12 de agosto de 1896 e falecida em 08 de setembro de 1953, casou-se em 21 de setembro de 1924, com Fortunato Pereira, do qual foi a primeira esposa e com quem teve os filhos: Natércio, Maria Cordélia, Noguchi e Nívio.

- Ana Sanches Hausner, nascida em 20 de setembro de 1901 e falecida em 28 de setembro de 1983; casou-se com Hans Hausner, com quem teve o filho José Silvério;

- *Laurita Sanches Belo Lisboa, nascida em 14 de abril de 1905 e falecida em 20 de abril de 1987; casou-se, em 21 de março de 1925, com Antonio Carlos Belo Lisboa, oficial do Exército, tendo como filhos: Maria Aparecida, Antônio Carlos e Silvério.*

- Amadeu Sanches, nascido em 1916, foi o segundo filho com esse nome; era advogado e faleceu solteiro em 11 de outubro de 1944, com 28 anos de idade.

SANCHES HUMBERTO



- **Nascimento:** 03 de maio de 1892
- **Falecimento:** 20 de abril de 1958
- **Pai:** Silvério Sanches (* 29 de agosto de 1868, † 03 de abril de 1951)
- **Mãe:** Maria Rosária Masseli (* 08 de dezembro de 1873, † 09 de janeiro de 1959)
- **1ª Esposa:** Guiomar Schimith (* não há dados, † 15 de julho de 1930)
- **Pais de Guiomar:** Carlos Schimith e Minervina Alves Schimith
- **Filhos de Humberto e Guiomar:** Silvério Sanches Neto (* 18 de abril de 1918, † não há dados), Carlos Sanches (* 1º de novembro de 1919, † não há dados), Maria Rosária Sanches (* 17 de outubro de 1921, † não há dados), Maria Aparecida Sanches (* 17 de outubro de 1921, † 23 de agosto de 1922), José Cláudio Sanches (* 26 de janeiro de 1924, † não há dados), Marília Sanches (* 02 de dezembro de 1926), Minervina Sanches (* 08 de agosto de 1929, † 11 de outubro de 2002)
- **2ª Esposa:** Ambrósia Maria de Jesus (* 07 de dezembro de 1910 † 22 de abril de 2010)
- **Pais de Ambrósia:** não há dados
- **Filhos de Humberto e Ambrósia:** Lourenço Gonçalves Sanches, Raimundo Gonçalves Sanches, Benedito Gonçalves Sanches, Benedita Antônia Sanches

VIDA E OBRA

Humberto Sanches nasceu em 03 de maio de 1892, sendo filho de Silvério Sanches e de Maria Rosária Masselli.

Estudou na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, formando-se advogado. Quando ainda

jovem, foi vogal do Tiro de Guerra Wenceslau Braz, criado em 1911. Também atuou como professor no Colégio São Vicente de Paulo, fundado e dirigido pelo Dr. Geraldino Medeiros, em 1925.

Humberto exerceu o cargo de Delegado Regional de Polícia do Estado de Minas Gerais, entre os anos de 1920 e 1930. Em 26 de outubro de 1930, foi alvo de grande manifestação popular, em reconhecimento a sua eficiente, destemida e enérgica ação, graças à qual foi mantida a ordem em Itajubá e região durante o movimento de tropas armadas da “Revolução de 03 de Outubro”, quando a população viveu horas de intranquilidade e de pânico.

Como delegado, prestou serviços a outras localidades mineiras, como Belo Horizonte e Uberaba, em cargos extras que exerceu sem abandonar sua residência em São Lourenço.

Nessa estância hidromineral, Humberto foi prefeito, durante o Governo de Getúlio Vargas, realizando diversos melhoramentos, como a fundação de um ginásio e a modernização no sistema de abastecimento de água potável.

Humberto Sanches faleceu em 20 de abril de 1958.

Humberto Sanches e seus filhos

Humberto, se casou, em primeiras núpcias, no dia 20 de junho de 1917, na Basílica de Aparecida – SP, com Guiomar Schimith, com quem teve os filhos, todos nascidos em Itajubá:

- Silvério Sanches Neto, nascido em 18 de abril de 1918, casado com Celeste Canaverde (Lelé);
- Carlos Sanches, nascido em 1º de novembro de 1919, casado com Mariana Luíza;
- Maria Rosária Sanches (Rosarinha), nascida em 17 de outubro de 1921 e batizada em 26 de janeiro de 1922, solteira;
- Maria Aparecida Sanches, gêmea de Maria Rosária, nascida em 17 de outubro de 1921 e batizada em 25 de fevereiro de 1922; falecida em 23 de agosto de 1922;
- José Cláudio Sanches (Colô), nascido em 26 de janeiro de 1924; casado em Pouso Alegre, em 22 de dezembro de 1947, com Magda Maria Salomon e Silva;
- Marília Sanches, nascida em 02 de dezembro de 1926 e batizada em 08 de dezembro de 1927; casada em 25 de janeiro de 1950, com Álvaro Marinho Martinez;
- Minervina Sanches (Vivi), nascida em 08 de agosto de 1929, casada com Antônio Aureliano Chaves de Mendonça e falecida em 11 de outubro de 2002.

Humberto se casou, em segundas núpcias, com Ambrósia Maria de Jesus, viúva de Antônio Leite Queirós, e com ela teve os filhos:

- Lourenço Gonçalves Sanches, nascido em 14 de abril de 1934, em Itajubá; casado com Shirley Scarpa;
- Raimundo Gonçalves Sanches, nascido em 27 de maio de 1935, em Itajubá; casado com Ieda Barros;
- Benedito Gonçalves Sanches, nascido em 08 de agosto de 1936, em São Lourenço; casado, em primeiras núpcias, com Luíza Helena Rodrigues Alves, falecida em 1980, e, em segundas núpcias, com Edna Garcia;
- Benedita Antônia Sanches (Beny), nascida em 13 de junho de 1943, em São Lourenço, divorciada.

SANCHES EMÍLIA COELHO (MILOCA)

Nascida em 25 de novembro de 1895 e falecida em 16 de julho de 1983), casou-se em 22 de abril de 1922 com José Ernesto Coelho, com quem teve os filhos: Maria Aparecida (Irmã Emiliana), Maria de Lourdes (falecida), Maria Stella (também Irmã), Maria Emília, Maria Rosária (Rosarita), Hélia Maria, João Silvério (falecido), Maria José, Paulo Ernesto, Francisco Ernesto (falecido), Luiz Ernesto e Antônio Ernesto.

SANCHES ELISABETH PEREIRA (BETINA)

Nascida em 12 de agosto de 1896 e falecida em 08 de setembro de 1953), casou-se em 21 de setembro de 1924, com Fortunato Pereira, do qual foi a primeira esposa e com quem teve os filhos: Natércio, Maria Cordélia, Noguchi e Núvio.

SANCHES FRANCISCO



- **Nascimento:** 1897
- **Falecimento:** 1966
- **Pai:** Silvério Sanches (* 29 de agosto de 1868, † 03 de abril de 1951)
- **Mãe:** Maria Rosária Masseli (* 08 de dezembro de 1873, † 09 de janeiro de 1959)
- **Esposa:** Carmosina de Lima Vianna (* não há dados, † 1980)
- **Pais de Carmosina:** Miguel Arcanjo de Souza Vianna e Maria Guilhermina de Lima Vianna
- **Filhos de Francisco e Carmosina:** Gilberto Sanches, Altair Sanches, Lysia Sanches e Nathália

VIDA E OBRA

Francisco Sanches nasceu em 1897.

Formou-se em Engenharia Civil e Arquitetura pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Aprofundou-se no estudo da Matemática, disciplina que lecionava, além de Ciências Físico-Naturais, em colégios do Rio de Janeiro, cidade em que projetou e dirigiu a construção de importantes edifícios e outras obras arquitetônicas.

Retornando a Itajubá, foi professor no Colégio São Vicente de Paulo, de Itajubá, fundado pelo Dr. Geraldino Medeiros em 1925, em prédio depois transformado no convento da Irmãs da Providência de Gap.

Exerceu o cargo de engenheiro-chefe da estrada de ferro da Rede Mineira de Viação e foi consultor da comissão encarregada da construção da nova Igreja Matriz Nossa Senhora da Soledade, projetada pelo engenheiro europeu Conrado Zepff entre 1926 e 1927.

Casou-se em 24 de fevereiro de 1922 com Carmosina de Lima Vianna, com quem teve os filhos: Gilberto, Altair, Lysia e Nathália. Carmosina e sua irmã Edméia Vianna Gomes faleceram tragicamente em um acidente de automóvel em 1980, em Belo Horizonte.

Francisco foi um dos maiores vultos da comunidade itajubense da primeira metade do Século XX. Cidadão culto e estimado pelos seus conterrâneos, ele faleceu em 1966, em Belo Horizonte.

SANCHES VICENTE



- **Nascimento:** 16 de dezembro de 1898
- **Falecimento:** 27 de fevereiro de 1976
- **Pai:** Silvério Sanches (* 29 de agosto de 1868, † 03 de abril de 1951)
- **Mãe:** Maria Rosária Masseli (* 08 de dezembro de 1873, † 09 de janeiro de 1959)
- **Esposa:** Ana Lisboa Sanches (* 1902, † 29 de abril de 1986)
- **Pais de Ana:** Antônio Maximiano Xavier Lisboa e Maria Cândida de Paiva Lisboa
- **Filhos de Vicente e Ana:** Gil Vicente Sanches (* 21 de dezembro de 1922, † 25 abril de 1995), Laércio (* 05 de agosto de 1926, † 18 de outubro de 2000), Dayla (* 05 de novembro de 1927 † 02 de junho de 2011) e Cláudio (* 01 de junho de 1929 † 21 de março de 1975)

VIDA E OBRA

Vicente Sanches nasceu em 16 de dezembro de 1898, em Itajubá. Fez todos os seus estudos em sua cidade e tornou-se engenheiro, em 1918, pelo então Instituto Eletrotécnico e Mecânico de Itajubá (IEMI), mais tarde Escola Federal de Engenharia de Itajubá (EFEI) e atualmente Universidade Federal de Engenharia de Itajubá (UNIFEI).

Ingressou na Kelvin Engineering Co. Inc. Of Brazil, firma americana estabelecida no Rio de Janeiro e especializada em projetos de instalações elétricas de Usinas de Açúcar, na qual permaneceu até 1921. Depois trabalhou como técnico da Sociedade Comercial e Industrial, firma suíça especializada em usinas hidrelétricas também instalada no Rio de Janeiro.

Em Itajubá, fundou seu Escritório Técnico-Comercial de Construção e Instalações em Geral e, convidado por Theodomiro Carneiro Santiago, passou a lecionar no IEMI, de 1925 a 1958, as

disciplinas de Construção Civil, Resistência dos Materiais, Grafostática e Hidráulica. Foi também professor na Faculdade de Farmácia e odontologia de Itajubá, que funcionou de 1925 a 1930.

Em 1937, foi convidado por seu cunhado Coronel Antônio Carlos Bello Lisboa, diretor da então Fábrica de Canos e Sabres para Armas Portáteis, depois Fábrica de Itajubá e, atualmente, IMBEL, a ingressar como engenheiro. Nela permaneceu até 1941, sendo o organizador e primeiro diretor do Serviço de Estudos, seção de desenhos da empresa.

Foi vereador nos quadriênios 1927-1930 e 1955-1958, quando exerceu os cargos de vice-presidente, em 1955, e de presidente, em 1956, da Câmara Municipal de Itajubá. Em 08 de julho de 1958, apresentou o projeto da "Taxa da Mendicância", que previa que 10% da arrecadação municipal fossem destinados a socorrer os pedintes da cidade.

Além de técnico, educador e político, Vicente era grande admirador da literatura e fazia poemas, sonetos e trovas, sendo um dos fundadores da Academia Itajubense de Letras. Também era membro da Academia de Letras da Fronteira Sudoeste do Rio Grande do Sul, sediada em Uruguaiana.

Vicente se sobressaiu no campo das Letras, sendo agraciado com a Medalha de Ouro e Diploma no 2º Concurso Nacional de Trovadores e Violeiros de São Paulo, e o Diploma de Delegado do Grêmio Brasileiro de Trovadores de Salvador, na Bahia.

Como engenheiro, pertenceu à Sociedade Mineira de Engenharia e foi membro do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura de Minas Gerais (CREA-MG). Foi diretor da revista técnica de eletricidade e mecânica denominada "Eletrotécnica", editada pelo Diretório Acadêmico da EFEI, e também colaborou em jornais e na revista "F.I.", de 1939 a 1941.

Vicente Sanches faleceu em 27 de fevereiro de 1976 e sua casa, na ladeira de início da Rua Xavier Lisboa, próxima à Igreja Matriz Nossa Senhora da Soledade, foi mais tarde adquirida para sediar a Fundação de Pesquisa e Assessoramento à Indústria (FUPAI).

Vicente Sanches e seus filhos

Vicente Sanches se casou, em 19 de março de 1922, com Ana Lisboa (Anília), que era formada pela Escola Normal Sagrado Coração de Jesus e que foi piedosa cooperadora de instituições religiosas e de sociedades filantrópicas e membro do Conselho Deliberativo da Associação das Antigas Alunas da Providência (AAAP). Com Ana, ele teve os filhos:

- Gil Vicente Sanches, nascido em 21 de dezembro de 1922; casado em São Paulo, no dia 11 de outubro de 1950, com Cely Monteiro Andrade Ribeiro, falecido em 25 de abril de 1995;

- Laércio Sanches, nascido em 05 de agosto de 1926; graduado engenheiro pelo IEMI, na turma de 1957; casado na Basílica de Aparecida – SP, no dia 30 de dezembro de 1955, com Maria Aparecida Teixeira.

- Dayla Isabel Sanches, nascida em 05 de novembro de 1927 e casada em 11 de abril de 1950, com Mário Goulart de Azevedo.

- Cláudio Silvério Sanches, engenheiro, nascido em 1º de junho de 1929; foi professor, de 1958 a 1975, na EFEI; atuou como vice-presidente do Itajubá Tênis Clube, quando de sua fundação em 1959.

SANCHES JOSÉ



- **Nascimento:** 29 de abril de 1900
- **Falecimento:** 24 de abril de 1945
- **Pai:** Silvério Sanches (* 29 de agosto de 1868, † 03 de abril de 1951)
- **Mãe:** Maria Rosária Masseli Sanches (* 08 de dezembro de 1873, † 09 de janeiro de 1959)
- **Esposa:** Mercedes Barbosa (* 2 de maio de 1911, † 17 de fevereiro de 1993)
- **Pais de Mercedes:** José Francisco Barbosa e Laura de Araújo Barbosa
- **Filhos de José e Mercedes:** não tiveram filhos

VIDA E OBRA

José Sanches nasceu em 29 de abril de 1900. Na intimidade era conhecido como Juca Sanches.

Diplomou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, exercendo sua profissão com competência, o que o tornou muito estimado em todas as classes sociais de Itajubá.

Exerceu o cargo de diretor do Dispensário Escolar e foi professor na Escola de Farmácia e Odontologia de Itajubá, que funcionou de 1925 a 1930. Atendeu também os ferroviários da então Rede Mineira de Viação.

Também lecionou no Colégio São Vicente de Paulo, fundado e dirigido pelo Dr. Geraldino Medeiros.

José Sanches se casou, em 22 de maio de 1925, com Mercedes Barbosa (Dona Mercedinha), mulher dedicada a obras humanitárias e assistenciais, como a Associação das Antigas Alunas da Providência (AAAP), da qual fez parte do Conselho Deliberativo, em 1985, e para a qual muito trabalhou. O casal não teve filhos.

José dirigiu o Núcleo Integralista de Itajubá, pois era adepto do Integralismo, doutrina política defendida por Plínio Salgado, do qual ele foi um dos 40 assessores diretos.

José faleceu em 24 de abril de 1945. Sua morte súbita consternou a sociedade itajubense, que lhe devotava grande admiração.

SANCHES ANA HAUSNER



Nascida em 20 de setembro de 1901 e falecida em 28 de setembro de 1983, casou-se com Hans Hausner, com quem teve o filho José Silvério.

SANCHES LAURITA BELO LISBOA



Nascida em 14 de abril de 1905 e falecida em 20 de abril de 1987, casou-se, em 21 de março de 1925, com Antonio Carlos Belo Lisboa, oficial do Exército, tendo como filhos: Maria Aparecida, Antônio Carlos e Silvério.

SANCHES AMADEU



Nascido em 1916, foi o segundo filho com esse nome; era advogado e faleceu solteiro em 11 de outubro de 1944, com 28 anos de idade.



Filhos e netos de Silvério Sanches - Festa de Família em 1933

SANCHES PRÓSPERO



- **Nascimento:** 25 de novembro de 1875
- **Falecimento:** 16 de janeiro de 1955
- **Pai:** Vincenzo Ciancio (* e † não há dados)
- **Mãe:** Domenica Marino Ciancio (* não há dados, † 1911)
- **Esposa:** Júlia Chiaradia (* 30 de maio - não se sabe o ano, † 16 de setembro de 1978)
- **Pais de Júlia:** Paulo Chiaradia e Umbelina Dias Pereira Chiaradia
- **Filhos de Próspero e Júlia:** José (* 26 de outubro de 1905, † 26 de outubro de 1974), Nicolina (* 05 de setembro de 1917, † 10 de agosto de 1997), Manfredo (* 1º de dezembro de 1909, † 04 de março de 1977), Orlando (* 06 de outubro de 1912, † 06 de outubro de 1996), Yolanda (* 06 de setembro de 1914, † 14 de agosto de 2010), Gioconda (* 10 de julho de 1916, † 21 de março de 1989), Itália Aparecida (* 03 de junho de 1918 † 25 de maio de 2009) e Vicente Paulino (* 04 de novembro de 1921, † 11 de outubro de 1995).

VIDA E OBRA

Próspero Sanches nasceu no dia 25 de novembro de 1875, na cidade de San Severino Lucano. Veio para o Brasil como imigrante italiano, chegando ao porto de Santos-SP, em 1888, com 13 anos de idade.

Seguiu direto para a cidade de Itajubá, pois tinha recebido um convite de seu irmão Silvério Sanches para ajudá-lo em seus negócios no Brasil.

Próspero cresceu e aprendeu a lidar no comércio e na vida social, participando de vários momentos históricos de Itajubá. Logo, tornou-se comerciante de um armazém de secos e molhados, que ficava no início da Rua Coronel Francisco Braz.

Sobre este estabelecimento, assim escreveu Fernando Brandão, em sua coluna no Jornal O Sul de Minas: “A alma do armazém era o Próspero, bom ouvinte e bom conselheiro, italiano de olhos claros, magrinho e de fala mansa, respeitado pelos itajubenses”.

Aos 26 anos, Próspero se tornou vereador para o mandato de 1901 a 1903; anos depois, se reelegeu para os períodos de 1916 a 1918, de 1919 a 1922 e de 1923 a 1926, cumprindo quatro mandatos.

Foi agente de uma companhia de seguros no começo do Século XX e fundou, em 1912, uma grande Fábrica de Massas Alimentícias, sob a razão social de Chiaradia & Sanches, em

sociedade com seu cunhado Silvério Chiaradia. A empresa era localizada na Rua Santos Pereira e seu maquinário foi adquirido dos afamados fabricantes Fratelli Ragnone, de Milão – Itália.

Atuou como 1º secretário do Centro Operário Dom João Nery, fundado em 1903, e foi membro da diretoria da Associação Comercial de Itajubá, hoje Associação Comercial, Industrial e Empresarial de Itajubá (ACIEI). Homem relacionado e de sucesso nos negócios, Próspero se tornou agente consular da Itália.

Ele muito contribuiu para o desenvolvimento de Itajubá, sendo o doador dos terrenos nos quais foram construídos o Mercado Municipal, o Posto de Saúde, o Diretório Acadêmico da Escola Federal de Engenharia de Itajubá (DA-EFEI, atualmente DA-UNIFEI) e a parte do terreno da Escola Estadual São Sebastião.

Assim, depois de uma vida íntegra e entregue a causas nobres, veio a falecer em Itajubá, no dia 16 de janeiro de 1955.

Próspero e seus filhos

Próspero Sanches se casou com Júlia Chiaradia, em 26 de janeiro de 1905, tendo com ela os filhos:

- José Chiaradia Sanches, nascido em Piranguçu, em 26 de outubro de 1905, comerciante; casado com Maria da Glória Pereira Sanches; teve os filhos: Paulo Sérgio, Inês, Mariza e Jorge Luiz; faleceu em 26 de outubro de 1974.

- Nicolina Sanches Silva, nascida em 05 de setembro de 1917; formou-se professora e foi diretora da Escola Estadual Mário Casassanta, em Piranguçu; casou-se com Joaquim Antônio da Silva. Teve como filhas: Maria Aparecida e Gilda.

- Manfredo Sanches, nascido em 1º de dezembro de 1909, corretor, casado com Vera Bhering Sanches, teve os filhos: Maria José, Lourdes, Vera, Olga, Edna e Manfredo; faleceu em 04 de março de 1977.

- Paulo, sepultado em Piranguçu, com apenas dois meses de idade, em 06 de dezembro de 1911.

- Orlando Sanches, nascido em 06 de outubro de 1912, médico, casado com Dinorah Wood Sanches, teve os filhos: Frederico, Aléxis, Orlando, Eliana e Rúbia; falecido em 06 de outubro de 1996.

- Yolanda Sanches, nascida em 06 de setembro de 1914; formou-se professora e foi diretora da Escola Estadual Wenceslau Neto; faleceu, solteira, em 14 de agosto de 2010.

- Gioconda Sanches, nascida em 10 de julho de 1916, professora, pintora, solteira, falecida em 21 de março de 1989.

- Itália Aparecida Sanches, nascida em 03 de junho de 1918, do lar; faleceu, solteira, em 25 de maio de 2009..

- Vicente Paulino Sanches (Dorly), nascido em 04 de novembro de 1921, comerciante, solteiro; falecido em 11 de outubro de 1995.



Da esquerda para a direita: Yolanda, Nicolina, Itália, Gioconda, Dorly, José, Manfredo e Orlando.

SANCHES JOSÉ CHIARADIA



- **Nascimento:** 26 de outubro de 1905
- **Falecimento:** 26 de outubro de 1974
- **Pai:** Próspero Sanches (* 25 de novembro de 1875, † 16 de janeiro de 1955)
- **Mãe:** Júlia Chiaradia (* 30 de maio de xxxx, † 1978)
- **Esposa:** Maria da Glória Pereira (* e † não há dados)
- **Pais de Maria:** não há dados
- **Filhos de José e Maria da Glória:** Paulo Sérgio, Inês Marisa, Jorge Luiz, José Sanches e Lúcia Helena

VIDA E OBRA

José Chiaradia Sanches nasceu, em Piranguçu, no dia 26 de outubro de 1905.

Fez os estudos preparatórios e cursou até o 2º ano do então Instituto Eletrotécnico de Itajubá (IEI), desistindo do curso superior para se dedicar ao comércio.

Trabalhou para a Companhia Sul América, em Maringá-PR. Em 1969, mudou-se para São Paulo, passando a atuar como autônomo.

José se casou com Maria da Glória Pereira, em 08 de dezembro de 1943, tendo os seguintes filhos:

Paulo Sérgio, Inês Marisa, Jorge Luiz, José Sanches, Lúcia Helena.

José Chiaradia Sanches faleceu em 26 de outubro de 1974, no Instituto do Coração, em São Paulo.

SANCHES MANFREDO



- **Nascimento:** 1º de dezembro de 1909
- **Falecimento:** 04 de março de 1977
- **Pai:** Próspero Sanches (* 25 de novembro de 1875, † 16 de janeiro de 1955)
- **Mãe:** Júlia Chiaradia (* Não há dados, † 16 de setembro de 1978)
- **Esposa:** Vera Bhering Sanches (* 26 de outubro de 1923)
- **Pais de Vera:** Victor Bhering e Olga do Amaral Bhering
- **Filhos de Manfredo e Vera:** Maria José, Lourdes, Vera, Olga, Edna e Manfredo

VIDA E OBRA

Manfredo Sanches nasceu no ano de 1909, sendo filho de Próspero Sanches e de Júlia Chiaradia.

Dedicou-se ao comércio e foi bancário. Casou-se, em 1944, com Vera Bhering Sanches, com quem teve os filhos:

- Maria José;
- Lourdes;
- Vera, casada, em 07 de julho de 1973, com Tomio Koide;
- Olga;
- Edna, casada em 09 de outubro de 1976, com Carlos Agenor Magalhães Trindade;
- Manfredo, casado com Lara Cristina de Castro Gouvêa.

Manfredo faleceu em 04 de março de 1977.

SANCHES ORLANDO



- **Nascimento:** 06 de outubro de 1912
- **Falecimento:** 06 de outubro de 1996
- **Pai:** Próspero Sanches (*25 de novembro de 1875, † 16 de janeiro de 1955)
- **Mãe:** Júlia Chiaradia (* 30 de maio de xxxx, † 16 de setembro de 1978)
- **Esposa:** Dinorah Wood (* e † não há dados)
- **Pais de Dinorah:** não há dados
- **Filhos de Orlando e Dinorah:** Frederico Wood Sanches, Aléxis Wood Sanches, Orlando Wood Sanches, Eliane Sanches, Rúbia Sanches

VIDA E OBRA

Orlando Sanches nasceu no dia 06 de outubro de 1912, sendo filho de Próspero Sanches e de Júlia Chiaradia.

Diplomou-se em 1937 pela Faculdade Fluminense de Medicina e foi um dos mais competentes médicos de Itajubá, prestando relevantes serviços à comunidade nas áreas de Clínica Geral e de Pediatria. Caridoso, prestava seus serviços gratuitamente aos que não podiam pagar.

Foi médico militar, prestando atendimento clínico ao 4º Batalhão de Engenharia de Combate, à Fábrica de Armas (atual IMBEL) e à Rede Elétrica Piquete-Itajubá (REPI), em Wenceslau Braz. Também atuou como professor na escola de Enfermagem Wenceslau Braz.

Orlando se casou com Dinorah Wood, com quem teve os filhos:

- Frederico Wood Sanches, nascido em 07 de agosto de 1950;
- Aléxis Wood Sanches, nascido em 27 de junho de 1952 e casou, em 28 de junho de 1980, com Sidnéia Framil Sanches;
- Orlando Wood Sanches, nascido em 11 de outubro de 1953 e casou, em 26 de julho de 1980, com Isabel Virgínia de Souza. Atua como médico especializado em Cardiologia;
- Eliane Sanches, médica;
- Rúbia Sanches.

Orlando Sanches faleceu em 06 de outubro de 1996.

SANCHES VICENTE PAULINO (DORLY)

- **Nascimento:** 04 de novembro de 1921
- **Falecimento:** 11 de outubro de 1995
- **Pai:** Próspero Sanches (*25 de novembro de 1875, † 16 de janeiro de 1955)
- **Mãe:** Júlia Chiaradia (* 30 de maio de xxxx, † 16 de setembro de 1978)

VIDA E OBRA

Vicente Paulino Sanches nasceu no dia 04 de novembro de 1921, sendo filho de Próspero Sanches e de Júlia Chiaradia.

Era conhecido como “Dorly” e atuou como balconista do armazém de secos e molhados de seu pai.

Nas horas de folga do trabalho, dedicava-se ao esporte, tendo sido um dos grandes goleiros de Itajubá, no Fortaleza Futebol Club e, depois, no Yuracan, time que, em meados do Século XX, conseguiu memoráveis vitórias, graças às geniais defesas do jovem Dorly.

Vicente faleceu, solteiro, em 11 de outubro de 1995.

SCALZO ERCOLE



- **Nascimento:** 1905
- **Falecimento:** 31 de outubro de 1957
- **Pai:** Luigi Scalzo
- **Mãe:** Luisa Scalzo
- **Esposa:** Giulia Rotella (* 1909, † 17 de novembro de 2003)
- **Pais de Giulia:** Pascoal Rotella e Angela Mantuano Rotella
- **Filhos de Ercole e Giulia:** Gino Scalzo (* 14 de novembro de 1930) e Italia Scalzo (* 1950)

VIDA E OBRA

Ercole Scalzo nasceu na cidade de Paola, no ano de 1905, sendo filho do casal italiano Luigia "Luisa" e Luigi Scalzo.

Aos 25 anos de idade, Ercole, em 1930, veio para o Brasil, instalando-se inicialmente no Rio de Janeiro. Em 1933, mudou-se para Itajubá, onde viveu mais da metade de sua existência e se tornou muito popular e estimado. Muitos o chamavam por "Ercolino".

Era um homem simples, bom, amigo de todos. Sabia tratar e lidar com as pessoas, não se tendo notícia de uma só pessoa que com ele tivesse uma desavença por menor que fosse.

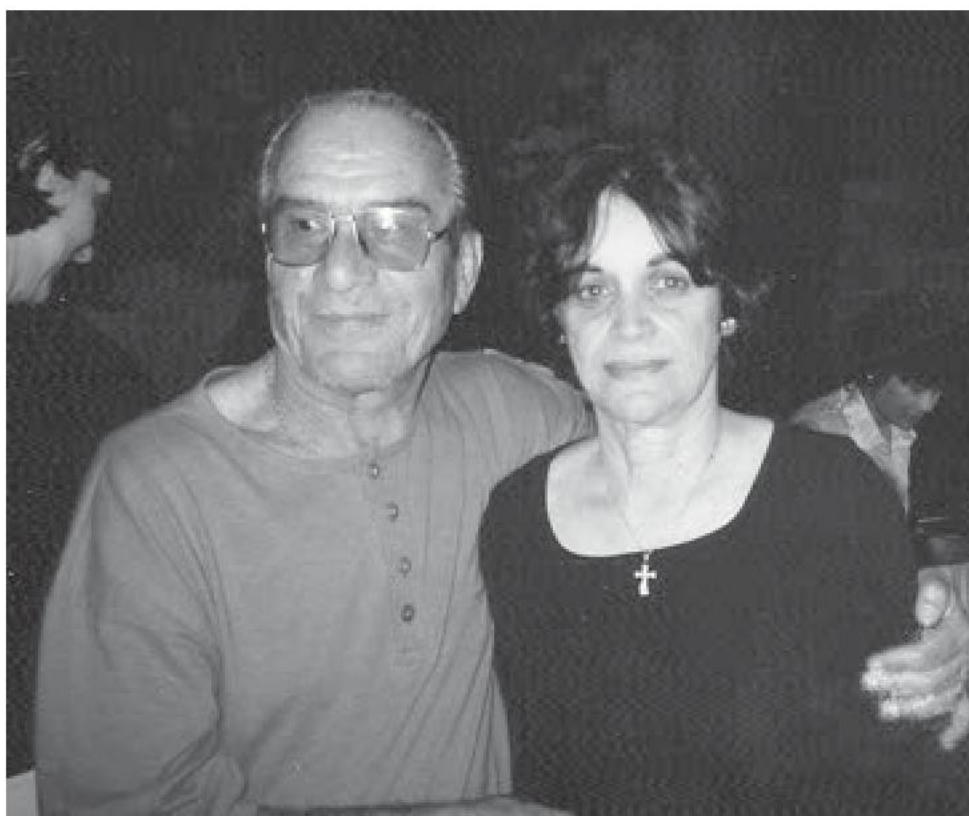
Por muitos anos, foi distribuidor de jornais e revistas pelas ruas da cidade. Possuindo uma voz de timbre forte, de longe se ouvia o seu aviso pronunciado com o sotaque italiano misturado com um português que só ele compreendia.

Scalzo: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria.

Depois, por longos anos, foi balconista do Bar do Ernesto, de propriedade de seu cunhado Ernesto Rotella. Por último, dedicou-se à venda de bilhetes de loteria, ajudando o seu filho na direção da Agência Lotérica Scalzo, à Praça Dr. Wenceslau Braz.

Ercole esteve doente apenas por um dia e faleceu, às 5 horas da manhã do dia 31 de outubro de 1957, aos 52 anos de idade, em sua residência. A notícia de sua inesperada morte causou profundo pesar a todos os que o conheciam. Ao seu enterro, realizado às 17 horas, estiveram presentes numerosos amigos, conhecidos e familiares.

SCALZO LUIGI



- **Nascimento:** 14 de novembro de 1930
- **Pai:** Ercole Scalzo (* 1905, † 31 de outubro de 1957)
- **Mãe:** Giulia Rotella (* 1909, † 17 de novembro de 2003)
- **Esposa:** Aparecida Gatto Junho Scalzo (*20 de junho de 1942)
- **Filhos de Luigi e Aparecida:** Stefânia, Paola, Cássia, Patrícia, Alessandra e Juliana

VIDA E OBRA

Luigi Scalzo nasceu na Itália, no dia 14 de novembro de 1930, na cidade de Paola. Em setembro de 1948, a bordo do navio Raul Soares, desembarcou no Rio de Janeiro, de onde se transferiu para Itajubá.

Iniciou como mecânico na firma Mandolesi, por seis meses aproximadamente. Em seguida, passou a vender bilhetes das loterias Federal e Mineira, em princípio na agência de jornais que havia no prédio do Grande Hotel. Dois anos depois, abriu sua própria agência de loteria no local onde, mais tarde, foi construído o Cine Presidente.

Em 1957, com a decadência da agência principal de jornais e revistas, fundada em 1929 e instalada na parte baixa no Grande Hotel Itajubá, assumiu a direção da empresa e também das dívidas existentes, através de um acordo com a viúva de Francisco Rotella, tio de Luigi.

Ele fez o registro da agência como Casa Del Prete, homenageando o famoso Piloto italiano Carlo Del Prete. O estabelecimento funcionou até 2001, sempre na Praça Theodomiro Santiago, e desde 1978, ao lado do Café do Vadinho.

Gino foi representante consular por quase 46 anos, colocando seus conterrâneos em contato com o Consulado Italiano de Belo Horizonte.

Na década de 60, Luigi fundou o jornal "O Noturno", que circulou durante um ano e teve grande aceitação por parte dos leitores da época. Em 1962, fundou também um time de futebol, o Azzurra E.C., que, em 1963, disputou a 2ª divisão, passou para a 1ª divisão e foi campeão invicto. Em 1965, o time foi campeão da Liga Itajubense de Futebol (LIF) e, em 1967, trouxe a Itajubá o Fluminense FC, do Rio, com todos os titulares.

Em entrevista ao jornal O Sul de Minas, na seção "Sou Itajubense", revelou: "Fui amigo de Wenceslau Braz e tive o privilégio de fazer amizade com Juscelino Kubitschek".

Aposentou-se em 1986, mas continuou trabalhando até 2003, quando encerrou definitivamente sua atividade comercial.

Atualmente, Luigi se dedica à culinária, produzindo molho italiano em sua casa para restaurantes, bares e para quem gosta da macarronada e do espaguete tipicamente italianos. Familiares de Luigi ainda são responsáveis pela entrega de revistas e jornais na cidade.



Cidade de Paola, Província de Cosensa, região da Calabria

SCHIAVONI GIOVANNI

- **Nascimento:** não há dados
- **Pai:** não há dados
- **Mãe:** não há dados
- **Esposa:** Ana Mengoli (* e † não há dados)
- **Pais de Ana:** não há dados
- **Filhos de Giovanni e Ana:** Alfredo (* 1911, † não há dados), Júlia (* 1914, † não há dados), Liege (* 17 de outubro de 1914 ; † não há dados) e Weltrudes (* 1916 ; † não há dados)

VIDA E OBRA

Giovanni, ou João, nasceu na Itália. Dizia ter trabalhado em Milano (Milão), Genova, Torino (Turim) e Verona e convidado para ir para Roma, decidiu seguir para o Brasil.

Ele esteve em Itajubá na segunda década do Século XX, vindo de São Paulo, segundo alguns itajubenses da época, ou do Rio de Janeiro, segundo outra versão.

Giovanni montou na cidade um salão de cabeleireiro no local onde, mais tarde, seria instalada a Casa Vera Cruz, na então Rua Major Pereira, atual Rua Dr. João de Azevedo. Em seu estabelecimento, ele vendia perfumes, loções, sabonete finos importados, cosméticos e pó de arroz.

Era alegre, cavalheiro, expansivo e brincalhão e, com poucos anos de residência em Itajubá, fez um grande número de amigos e admiradores. Foi um bom conhecedor de música, destacando-se no violão, no qual solava, até com variações que ele improvisava, peças ou trechos de óperas de seu país de origem.

Enquanto esperava os fregueses em seu salão, dedilhava seu instrumento musical predileto e com Menino Miranda, Nenê Brito, Benedito Santos, João Maldonado, Romeu Venturelli, Protógenes de Almeida e outros organizou um conjunto de seresteiros, fazendo serenatas na Ponte de Zinco, nas noites enluaradas.

Em 1911, juntamente com Francisco Nisticó, na flauta, e Luiz Teixeira, no bandolim, Giovanni, com seu violão, animou a inauguração de um bar num quiosque no jardim da então Praça Cesário Alvim, atual Praça Theodomiro Santiago.

Era casado com Ana Mengoli, conhecida como Anita, com quem teve os filhos: Alfredo, nascido em 1911; Júlia, nascida em 1914; Liege, nascida em 17 de outubro de 1914, e Weltrudes, nascida em 1916.

Não encontrando a freguesia que esperava em Itajubá, Giovanni se mudou para Santa Rita do Sapucaí, onde faleceu.

SCIAMMARELLA FORTUNATO



- **Nascimento:** Não há dados
- **Falecimento:** Não há dados
- **Pai:** Não temos informações
- **Mãe:** Não temos informações
- **Esposa:** Ana Maria Masselli
- **Pais de Ana Maria:** Francisco Masselli e Maria Cristina Ricca
- **Filhos de Fortunato e Ana Maria Masselli:** Vicente, Maria José, Francesco Agostino (* 02 de agosto de 1885, † 13 de agosto de 1957), Salvador (não há dados), Florinda (* 1892, † 1974), Amélia (* 27 de novembro de 1895 † 08 de julho de 1979), Helena (* 20 de setembro de 1898 † 15 de maio de 1987), Annunziata (* 21 de abril de 1906 † 09 de abril 1986) e João (* 1898 † 1952)

VIDA E OBRA

Fortunato Sciammarella, sua esposa Ana Maria Masselli Sciammarella e os filhos, Vicente, Maria José, Francesco, Salvador e Florinda vieram para o Brasil em 1897.

Sua esposa, Ana Maria, era filha de Francisco Masselli e Maria Cristina Ricca. Além dos cinco filhos, ela deixou o velho continente grávida e no Brasil deu à luz a pequena Amélia, que nasceu na cidade de Itajubá. Depois, o casal teve Helena, Annunziata e João.

SCIAMMARELLA: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

SCIAMMARELLA FRANCESCO AGOSTINO



- **Nascimento:** 02 de agosto de 1885
- **Falecimento:** 13 de agosto de 1957
- **Pai:** Fortunato Sciammarella
- **Mãe:** Anna Maria Masselli
- **Esposa:** Aurora Monti (* 11 de julho de 1901, † 02 de dezembro de 1971)
- **Pais de Aurora Monti:** Pedro Monti e Joaquina Siqueira Lopes
- **Filhos de Francesco e Aurora Monti:** Fortunato, Ruth, Noêmia, Dulce, Pedro e Maria Helena

VIDA E OBRA

Francesco Agostino Sciammarella nasceu na cidade de Paola, na Província de Cosenza, na Calabria, Sul da Itália, em 1885, sendo filho de Fortunato Sciammarella e Anna Maria Masselli Sciammarella. A família chegou ao Brasil em 1897. Francesco tinha apenas 12 anos, estava acompanhado de mais quatro irmãos, de seu pai e de sua mãe, que estava grávida.

No Brasil, Francesco aprendeu a profissão de sapateiro; fabricava artesanalmente, sob medida, os sapatos que vendia. Sua oficina ficava no térreo de sua residência, sendo ele o primeiro em Itajubá a expor seus calçados em vitrine.

Com o crescimento das fábricas de calçados no Estado de São Paulo, a produção artesanal foi perdendo espaço. Francesco, então, mudou o seu foco de negócios e, ao invés de produzir sapatos, passou a produzir solas, couros, vaquetas ao cromo e matéria prima para a fabricação de sapatos. Fornecia esse material para as novas fábricas de calçados, através de seu novo empreendimento, o curtume.

Além de um homem de visão para o negócio, Francesco gostava da música e, nas horas vagas, tocava violino. Francesco expandiu os seus negócios e era o proprietário da Vila Riera e da Vila Sciammarella, escrito na placa erroneamente como "Schiamareli".

Ele foi um dos fundadores da Igreja Presbiteriana de Itajubá, apesar de toda sua família pertencer à Igreja Católica.

Casou-se com Aurora Monti, filha de Pedro Monti e de Joaquina Siqueira Lopes, residentes na cidade de Pedralva. Francesco e Aurora tiveram seis filhos, dois homens e quatro mulheres.

Fortunato, nasceu em Itajubá em 5 de março de 1919. Trabalhou com o pai no cortume. Casou-se com Ana Custódio de Oliveira e faleceu em 3 de julho de 1977, em São José dos Campos, onde residiam.

Ruth, nasceu em 23 de agosto de 1929. Casou-se com o engenheiro Domingos Gonçalves Mandim, de quem é viúva. Reside no Rio de Janeiro.

Noemia, nascida em 30 de março de 1932. Foi casada com o engenheiro Oswaldo Braz Rosas, de quem é viúva. Reside na Zona Rural, no município de Delfim Moreira.

Dulce, nasceu em 22 de setembro de 1935, foi casada com Francisco de Oliveira Salles, de quem é viúva. Vive no Estado do Rio de Janeiro.

Pedro, nasceu em 15 de março de 1937, era engenheiro. Casou-se com Inês Farini. Faleceu em São Paulo em 19 de junho de 1989.

Maria Helena, nasceu em 10 de agosto de 1940. É casada com o Professor Darcio Pereira, residentes em Itajubá.



Cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria.

SINISCALCHI SAUL GERARDO BERGAMINI



- **Nascimento:** 27 de fevereiro de 1875
- **Falecimento:** 14 de maio de 1957
- **Pai:** Antonio Siniscalchi
- **Mãe:** Angela Samparelli
- **Esposa:** Maria Noronha (* 16 de abril de 1881, † 28 de fevereiro de 1960)
- **Pais de Maria:** Ismael Pinto de Noronha e Evarista da Silva Noronha
- **Filhos de Saul e Maria:** Ernani (* e † não há dados), Hugo (* 26 de setembro de 1913, † 09 de dezembro de 1983) e Gerardo (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Natural de Buono Albergo, Saul Gerardo Bergamini Siniscalchi, conhecido como Esaú Siniscalchi. Saiu da Itália, aos nove anos de idade, com destino aos Estados Unidos da América, mas tomou um navio errado e foi para a Argentina.

Na passagem pelo Brasil, rumo à Argentina, houve algo estranho no navio em que ele se encontrava e a intenção da tripulação era jogar ao mar o garoto, mas, por interferência de um casal, que se comoveu e protegeu o menino, ele chegou e desembarcou na Argentina.

Lá entrou para um circo, onde trabalhava como serviçal e, posteriormente, como exímio contorcionista, como demonstram fotos da época, tornando-se famoso por isso.

O circo no qual atuava esteve em excursão pelo Brasil, por volta do ano de 1894, começando suas apresentações no Rio Grande do Sul e, depois, em outras regiões, chegando ao Sul de Minas.

Siniscalchi: Oriundo da cidade de Buono Albergo, Província de Verona, região do Veneto.

O experiente acrobata, cansando-se do viver de artista, desfez-se do circo, do qual era o empresário, para morar em Itajubá, tornando-se professor de música.

Em Itajubá, conheceu a jovem Maria Noronha, com a qual se casou em 03 de maio de 1900 e teve três filhos: Ernani, falecido jovem; Hugo e Gerardo, também falecido jovem.

Sua esposa era itajubense, filha de Ismael Pinto de Noronha e de Evarista Maria Silva de Noronha. Dedicou-se à balística, à técnica da pontaria com armas de fogo, tornando-se habilíssima atiradora. Ela faleceu em 28 de fevereiro de 1960, ao 79 anos.

Saul faleceu em 14 de maio de 1957, às 23 horas, no Hospital Nossa Senhora da Conceição, em São Paulo, aos 83 anos de idade, sendo sepultado no Cemitério da Consolação.

A família Siniscalchi era muito abastada na cidade de São Paulo, onde parte dela permaneceu. A matéria de Ebe Reale, "Cemitérios paulistanos, ricos em história e arte", no jornal O Estado de S. Paulo, de 2 de novembro de 1985, ao referir-se ao Cemitério da Consolação, daquela cidade, informa que: "Os imigrantes enriquecidos, no intuito de demonstrar suas fortunas, nos deixaram túmulos de grande riqueza. Dentre eles destacam-se o da família Siniscalchi*, miniatura de um templo gótico, inteiramente em mármore de Carrara, que se eleva a 15 metros de altura, e o do conde Francisco Matarazzo. É o maior mausoléu familiar brasileiro, tendo sido feito na Itália, pela oficina de Arte Brizzolara, em granito preto, com ornamentação de estatuária de bronze".

(* O texto original grafa o nome da família com a letra "g".)

SINISCALCHI HUGO JOSÉ



- **Nascimento:** 26 de setembro de 1913
- **Falecimento:** 09 de dezembro de 1983
- **Pai:** Saul Gerardo Bergamini Siniscalchi (* 27 de fevereiro de 1875, †14 de maio de 1957)
- **Mãe:** Maria Noronha Siniscalchi (* 16 de abril de 1881, † 28 de fevereiro de 1960)
- **Esposa:** Noêmia Rezende (* 02 de agosto de 1916, †19 de junho de 2005)

- **Pais de Noêmia:** José de Souza Rezende e Adelina Gonçalves Dias Rezende
- **Filhos de Hugo e Noêmia:** Luiz José Rezende Siniscalchi (* 02 de agosto de 1941), Roberto Rezende Siniscalchi (* 23 de junho de 1943 † 19 de junho de 2010), Maria Aparecida Siniscalchi (* 02 de fevereiro de 1945), Cláudio Rezende Siniscalchi (* 09 de maio de 1947), Rosa Maria Rezende Siniscalchi (* 04 de novembro de 1950), Lúcia Maria Siniscalchi (* 08 de outubro de 1953), Márcio Rezende Siniscalchi (* 13 de abril de 1956)

VIDA E OBRA

Hugo José Siniscalchi nasceu em 26 de setembro de 1913, no bairro da Consolação, em São Paulo, mas, desde a mocidade, morou em Itajubá.

Trabalhou na Fábrica de Itajubá, hoje IMBEL, onde prestou grandes serviços. Orientava como dar mais eficiência a alguns dispositivos de usinagem seriada, sabia regular e utilizar máquinas de usinagem universal e era um seguro orientador de operários em muitos trabalhos de diversas oficinas.

Participou e lutou na Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, quando perdeu uma vista, o que lhe garantiu o apelido de “Galo Cego”, como ficou conhecido em toda a cidade. Tal deficiência não afetou seu comportamento de brincalhão nato.

Pela sua participação na citada revolução, foi despedido da Fábrica de Itajubá. Posteriormente, trabalhou na Companhia Sul Mineira de Eletricidade, durante 10 anos e, em seguida, fez o curso de Radiotécnica.

Montou uma oficina em casa, onde fazia consertos de filmadoras, projetor cinematográfico de 8 e de 16 milímetros e outros aparelhos. Ali atendia muitos amigos e clientes e desse trabalho tirava o sustento de sua numerosa família.

Hugo se casou em 31 de janeiro de 1940 com Noêmia Rezende, filha de Adelina Gonçalves Dias Rezende e de José de Souza Rezende, um famoso fabricante de móveis de Itajubá. Dessa união nasceram os seguintes filhos:

- Luiz José Rezende Siniscalchi, nascido em 2 de agosto de 1941 economista, diretor da CAMIG, casado em 13 de julho de 1963 com Diná Alves e pai de quatro filhos;

- Roberto Rezende Siniscalchi, nascido em 23 de junho de 1943, desenhista da então EFEI, atual UNIFEI, casado com a professora Leda Isabel Teixeira, pai de seis filhos. Faleceu em 19 de junho de 2010;

- Maria Aparecida Rezende Siniscalchi, nascida em 2 de fevereiro de 1945, casada em 4 de julho de 1967 com o engenheiro Raimundo Antônio Martins, mãe de três filhos e, mais tarde, divorciada;

- Cláudio Antônio Rezende Siniscalchi, nascido em 9 de maio de 1947, engenheiro, casado em 27 de janeiro de 1973 com a professora Mariângela Carvalho Rennó, pai de três filhos e, mais tarde, divorciado;

- Rosa Maria Rezende Siniscalchi, nascida em 4 de novembro de 1950, advogada, casada com o engenheiro Luiz Guedes Pacheco, mãe de três filhos;

- Lúcia Maria Rezende Siniscalchi, nascida em 8 de outubro de 1953, enfermeira, casada em 7 de agosto de 1975 com o engenheiro Telmo Luiz Antônio Faria, mãe de dois filhos;

- Márcio Rezende Siniscalchi, nascido em 13 de abril de 1956, engenheiro, casado em 16 de fevereiro de 1980 com a professora Silvana Avelar de Oliveira, pai de três filhos.

Hugo Siniscalchi faleceu em 9 de dezembro de 1983, aos 70 anos de idade.

SPAGNUOLO ENNIO



- **Nascimento:** 28 de fevereiro de 1950
- **Pai:** Domenico Spagnuolo
- **Mãe:** Antonia Spagnuolo
- **Esposa:** Rosana Barbosa (* 20 de setembro de 1960)
- **Pais de Rosana:** Celso Barbosa e Henriqueta Barbosa
- **Filhos de Ennio e Rosana:** Domenico Spagnuolo (* 06 de setembro de 1984), Antonella Spagnuolo (* 09 de junho de 1986) e Bianca Spagnuolo (* 06 de julho de 1989)

VIDA E OBRA

Ennio Spagnuolo nasceu em Sarta, Montefusco, Província de Avellino, na Itália, em 28 de fevereiro de 1950, sendo filho de Domenico Spagnuolo e Antonia Spagnuolo.

Chegou ao Brasil em 1953, permanecendo em São Paulo até 1970, onde se formou designer de calçados. Nesse ano, imigrou para o Canadá, e lá permaneceu até 1977, quando foi transferido para trabalhar na Verlon do Brasil em Itajubá, onde ficou até 1981. Em 14 de novembro de 1981, casou-se com Rosana, brasileira.

Em seguida, foi transferido para os Estados Unidos, ficando por lá até 1986. Voltou depois para Itajubá, onde fundou uma fábrica de prestação de serviço de costura de tênis, situada na Vila Poddis, próxima à unidade do Corpo de Bombeiros, de 1986 a 2002, prestando serviço para as empresas Verlon, Alpargatas, Penalty, Adidas etc.

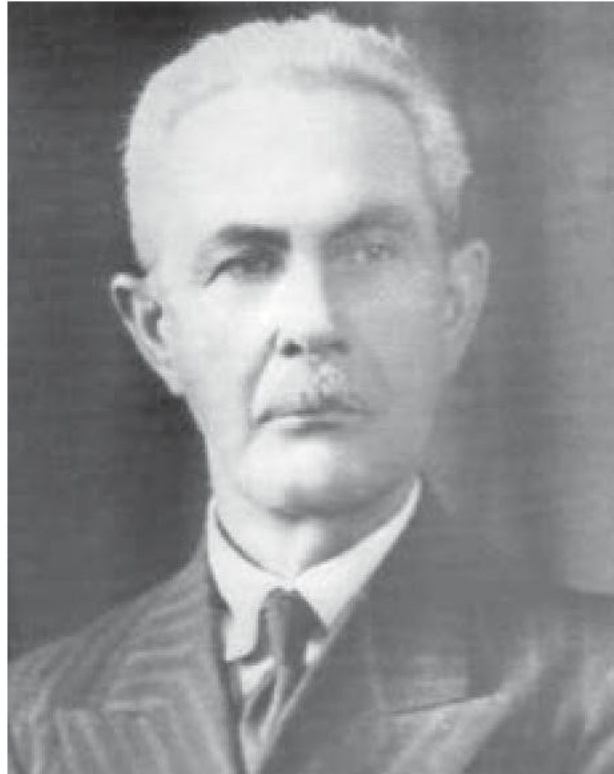
Em 2005, com sua família, regressou ao Canadá, onde residiu até 2010. Mantém lá uma empresa dirigida pela filha, e retorna ao Brasil, de seis em seis meses, às vezes com toda a família.

O filho de Ennio, Domenico Spagnuolo, é casado com Shelsea, nascida em 16 de abril de 1986, tem dois filhos, Domenico e Francisco.

Embora mantenha residência em Itajubá, a família Spagnuolo possui propriedade em Toronto, no Canadá.

SPAGNUOLO: Oriundo de Sarta, Montefusco, Província de Avellino

SPOLZINO CYRILLO



- **Nascimento:** 09 de agosto de 1867
- **Falecimento:** 22 de dezembro de 1937
- **Pai:** Rosario Spolzino (* e † não há dados)
- **Mãe:** Antonia Bufano (* e † não há dados)
- **Esposa:** Amélia Amâncio de Oliveira
- **Pais da esposa:** Joaquim Amâncio de Oliveira e Maria Bernarda de Oliveira
- **Filhos de Cyrillo e de Amélia:** Antonia (* e † não há dados), Rosário, Adelina, Miguel (*29 de agosto de 1899; † 13 de março de 1961), Carmelino (* e † não há dados), Germano (* e † não há dados), Caetano (* 25 de março de 1901; † 08 de abril de 1968), Otávio (* e † não há dados), Sebastiana Rosa (* 27 de fevereiro de 1912; † 07 de outubro de 1999), e Maria (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Cyrillo foi o primeiro imigrante italiano da família Spolzino a vir para o Brasil. Nascido em 09 de agosto de 1867, em Atena Lucana, Província de Salerno, era filho de Rosario Spolzino e de Antonia Bufano. Seu avô paterno era Michele Spolzino e seu avô materno, Francesco Bufano.

Seu pai, Rosario, faleceu quando ele tinha quinze anos de idade. Logo após, sua mãe o enviou para o Brasil, onde já se encontrava seu tio paterno, Padre Carmelo Spolzino, em Rio das Pedras - SP.

Cyrillo se casou, em Estiva – MG, com Amélia Amâncio de Oliveira, em cerimônia religiosa abençoada pelo seu tio, o Padre Carmelo, mas somente em 09 de maio de 1900 veio a acontecer

SPOLZINO: Oriundo da cidade de Atena Lucana, Província de Salerno

o casamento civil. O casal teve dez filhos:

- Antonia (Antoninha), solteira;
- Rosário, casado em primeiras núpcias com Maria Benedita, com quem teve dois filhos: Maria Aparecida e José; e em segundas núpcias com Aurelina, com quem teve quatro filhos: Terezinha, Celina, Luiz e Cyrillo;
- Adelina (Zica), solteira;
- Miguel, casado com Maria Gomes, com quem teve três filhos: Hugo, nascido em 26 de fevereiro de 1923; Haydée, nascida em 21 de junho de 1929, e Mário, nascido em 08 de julho de 1935;
- Carmelino, solteiro;
- Germano, solteiro;
- Caetano, casado com Ocarlina de Oliveira, com quem teve cinco filhas: Eneida Spolzino *24/09/1930, Maria Aparecida Spolzino *07/09/1931 †Não há dados, *Enéa Spolzino *06/07/1933 †Não há dados, Ailema Spolzino *26/05/1935 †14/06/2010 e Jocysare Spolzino *14/07/1936 †31/10/1983;
- Otávio, casado com Vera, sem filhos;
- Sebastiana Rosa, casada com Armando dos Santos, com quem teve dois filhos: Márcia e Mauro;
- Maria Joana (Pequetita), casada com Ernesto Spósito, com quem teve dois filhos: Daniel e Agnelo.

Cyrillo Spolzino viajava muito, pois era representante comercial no interior de Minas Gerais e São Paulo.

Com sua esposa, Amélia, ele foi proprietário do primeiro hotel em Itajubá, situado à Praça Cesário Alvim, atual Praça Theodomiro Santiago, onde ficaram hospedados os primeiros professores belgas que lecionavam no então Instituto Eletrotécnico e Mecânico de Itajubá (IEMI), atual UNIFEI.

No hotel, funcionava também o Bar Acadêmico, onde os hóspedes faziam suas refeições. O estabelecimento ficava aberto até a uma hora da madrugada, vendendo produtos de confeitaria e gêneros estrangeiros, bebidas finas, doces e frutas, bem como sorvetes, às quintas-feiras e domingos.

Cyrillo Spolzino faleceu em São Paulo, 22 de dezembro de 1937. Seus restos mortais se encontram no Cemitério Paroquial de Itajubá, onde também foi sepultada sua esposa, Amélia, em 08 de maio de 1926.

Segundo informações de Gláucia Spolzino de Lima, bisneta de Cyrillo, e residente em São Paulo, atualmente muitos dos atuais Spolzino moram na capital paulista, em Itajubá e Brazópolis.



STORINO FRANCESCO



Foto: Antônio Francisco Storino

Chafariz na cidade de Paola, retratando seu mais ilustre filho, São Francisco de Paola

- **Nascimento:** 1833
- **Falecimento:** 27 de outubro de 1912
- **Pai:** Antonio Storino
- **Mãe:** Maria Rosaria Aldana
- **1ª Esposa:** Carmela Tedesco (* 1849, † 30 de novembro de 1903)
- **Pais de Carmela:** José Tedesco e Congeta de Assis
- **Filhos de Francesco e Carmela:** não tiveram filhos
- **2ª Esposa:** Luiza Estevão (* não há dados, † 1931)

VIDA E OBRA

Francesco Storino nasceu, em 1833, em Paola, província de Cosenza, na Calabria. Casou-se com uma paolana, Carmela Tedesco. Carmela nascida em 1849.

Um irmão de Francisco, Domenico Storino casou-se com uma irmã de Carmela, Elizabetta Tedesco, portanto, eram dois irmãos casados com duas irmãs.

Francesco e Carmela atravessaram o Atlântico por volta de 1865 e 1870 e chegaram a Itajubá, em “lombo de burro”.

Francesco tinha várias habilidades: era marceneiro, comerciante e torneiro. Depois de muito trabalho, eles adquiriram uma marcenaria e uma loja de comércio. O casal comprou uma grande área no bairro Morro Chic. Segundo informações, a antiga “Chácara da Moças” foi de sua propriedade.

Francesco demonstrava ser um habilidoso empreendedor. Em 1º de Janeiro de 1899, ele montou uma firma que explorava o comércio de gêneros nacionais e estrangeiros. Foi proprietário

STORINO: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria

da “Padaria Familiar” e possuiu veículos de frete, a motor e de tropas.

Francesco e Carmela não tiveram filhos.

Em 1874, seu irmão Domenico veio para a América do Sul, em companhia de seu filho Antonio, e o seu destino era Buenos Aires. Quando o navio fez escala na cidade do Rio de Janeiro, Domenico foi acometido de febre amarela e faleceu.

Francesco Storino e seu amigo Francesco Cascardo foram até o Rio de Janeiro e trouxeram Antonio, então com 15 anos de idade para Itajubá, onde Francisco e Carmela acabaram de criar o sobrinho.

Em 1884, Francesco Storino e Carmela Tedesco Storino, acolheram as três sobrinhas, irmãs de Antônio, que vieram da Itália, Clarinda, Ana Maria e Jacomina. Eles cuidaram dos quatro sobrinhos até eles se casarem.

Carmela Tedesco Storino faleceu aos 54 anos, em Itajubá, em 30 de novembro de 1903.

Em 26 de maio de 1904, Francisco casou-se com Luiza Estevão, natural da Itália.

Francisco Storino faleceu em Itajubá, em 27 de outubro de 1912, aos 79 anos, e Luiza faleceu em 11 de outubro de 1931.

STORINO ANTONIO



Antonio Storino e sua primeira esposa Maria Emília

- **Nascimento:** 1º de março de 1859
- **Falecimento:** 25 de junho de 1937
- **Pai:** Domenico Storino
- **Mãe:** Elizabetta Tedesco Storino
- **1ª Esposa:** Maria Emília Ferreira Lopes (*1869, † 1899)
- **Filho de Antonio e Maria Emília:** Francisco Lopes Storino (*01 de abril de 1887, † 10 de julho de 1969)
- **2ª Esposa:** Cornélia (* setembro de 1883, † 18 de maio de 1962)
- **Pais de Cornélia:** Joaquim Pinto de Noronha Junior e Constância de Noronha
- **Filhos de Antonio e Cornélia de Noronha:** Maria José Storino (* 1906, † 1990), Eduardo José (* 1907, † 1984), Benedito (* 1909, † 1982), Geraldo (* 1911, † 1971), Maria do Carmo (* 1913, † 2008), José Storino (* e †1915) e Isabel Storino (* 1917, † 2002)



Antonio Storino com sua segunda esposa Cornélia e os filhos deste casamento

VIDA E OBRA

Antonio Storino nasceu em 1º de março de 1859, em Paola, Província de Cosenza, Calabria. Filho de Domenico Storino e Elizabetta Tedesco Storino. Neto de avós paternos, Antonio Storino e Maria Rosária Aldana e avós maternos, José Tedesco e Congeta de Assis.

Por volta de 1874, já com 15 anos, imigrou para a América do Sul em companhia de seu pai. O destino final era a Argentina, onde morava um tio paterno. Quando o navio fez escala no Rio de Janeiro, seu pai, Domenico, foi acometido de febre amarela e veio a falecer.

Por este motivo, seu tio paterno, Francesco, que já morava em Itajubá, foi para o Rio de Janeiro juntamente com seu amigo Francesco Cascardo e trouxe Antonio para morar em Itajubá, onde Francesco e sua esposa Carmela acabaram de educá-lo. Morou com os tios até se casar, desenvolvendo a profissão de marceneiro e comerciante. Antonio fixou residência nas proximidades do antigo largo das cavalhadas, hoje Praça Getúlio Vargas. Sua casa fazia fundos onde mais tarde teríamos a principal avenida da cidade: Avenida Coronel Carneiro Junior.

No começo de 1884 vieram as suas três irmãs da Itália. Clarinda, Ana Maria e Jacomina. Em 17 de maio de 1884, casaram-se, Clarinda com Salvador Masselli e Ana Maria com Luigi Siecola. Em 28 de dezembro de 1888 Jacomina casou-se com Domingos Del-Ducca. Ana Maria e Luigi fixaram residência em Santa Rita do Sapucaí.

Em 25 de abril de 1885, Antônio Storino casou-se, em primeiras núpcias, com Maria Emília Ferreira Lopes na presença do Padre Martinho de Oliveira Pinto Dias e os padrinhos capitão Antonio José Rennó e Olímpio Augusto de Magalhães. Em 1887 o casal teve um filho, Francisco Lopes Storino. Maria Emília Ferreira Lopes Storino faleceu em 1899.

Em 28 de setembro de 1905, Antonio Storino casou-se, em segundas núpcias, com Cornélia de Noronha, na presença dos padrinhos no civil, Narciso José Brasil, Júlio Alves de Noronha, José Antonio Vono e Francisco Nisticó. Na presença do Padre Marçal Ribeiro e dos padrinhos Narciso José Brasil e Gonippo Pulitti. O casal teve sete filhos.

Antonio Storino, Totó como era conhecido faleceu no dia 25 de junho de 1937, aos 78 anos de idade.

STORINO FRANCISCO LOPES



- **Nascimento:** 01 de abril de 1887
- **Falecimento:** 10 de julho de 1969
- **Pai:** Antonio Storino
- **Mãe:** Maria Emilia Ferreira Lopes Storino
- **Esposa:** Maria Barbosa (* 1890, † 23 de outubro de 1966)
- **Pais de Maria:** Sebastião Barbosa e Ursulina dos Santos Barbosa
- **Filhos de Francisco e Maria:** Lourdes, José Geraldo, Hélio, Omar e Benedito

VIDA E OBRA

Francisco Lopes Storino nasceu em 01 de abril de 1887, em Itajubá. Filho do imigrante italiano, Antonio Storino e de Maria Emília Ferreira Lopes Storino.

Chiquinho, como era conhecido, foi o único filho do primeiro casamento de seu pai, Antonio Storino. Sua mãe morreu, em 1899, doze anos depois do nascimento do filho.

Francisco não seguiu a profissão de seu pai, que era marceneiro. Logo jovem, ingressou nos Correios; depois, na Rede Mineira de Viação, onde trabalhou como artífice até se aposentar.

Em 12 de agosto de 1911, casou-se com Maria Barbosa, conhecida como dona Mariquinha. Maria era filha de Sebastião Barbosa e Ursulina dos Santos Barbosa.

Para ajudar nas despesas de casa, dona Mariquinha fazia famosos doces e deliciosas macarronadas que os filhos do casal ajudavam a vender. Eles moravam na Rua Eugênio Sales, esquina com a Praça Luiz Dias, ao lado da antiga Igreja de São Benedito. Depois, mudaram-se para a Avenida Coronel Carneiro Júnior.

Chiquinho e dona Mariquinha tiveram cinco filhos:

- Lourdes;
- José Geraldo Storino, funcionário da Secretaria de Segurança Pública, como detetive;
- Hélio Storino, funcionário público estadual da CEMIG, casado com Benedita Santos;
- Omar Storino, funcionário do Instituto Nacional de Pesos e Medidas (IPEM), casado com a

professora Gessy Ferri. Jogador de futebol, sendo um grande beque do Yuracan Futebol Clube na década de 40;

- Benedito Storino, também funcionário da CEMIG, casado com Maria.

Depois de adultos, os filhos foram morar na capital do Estado, Belo Horizonte. Francisco e dona Mariquinha se mudaram também para lá, por volta de 1952.

Dona Mariquinha faleceu em 23 de outubro de 1966, aos 76 anos de idade. Francisco Storino faleceu três anos depois, em 10 de outubro de 1969, aos 82 anos de idade. Todos os filhos são falecidos.

STORINO NASCIMENTO MARIA JOSÉ



- **Nascimento:** 19 de setembro de 1906
- **Falecimento:** 13 de outubro de 1990
- **Pai:** Antônio Storino
- **Mãe:** Cornélia de Noronha Storino
- **Esposo:** José Antônio do Nascimento (* 29 de setembro de 1902, † 30 de junho de 1982)
- **Pais de José Antônio:** João Antônio do Nascimento e Antonietta Magalhães do Nascimento
- **Filhos de Maria José e José Antônio do Nascimento:** José Antônio (* 16 de agosto de 1923, † 05 de outubro de 1997), Maria Aparecida (* 21 de novembro de 1924), Heloísa (* 26 de dezembro de 1925) e Olavo (* 19 de abril de 1927)

VIDA E OBRA

Maria José Storino do Nascimento, Zezé, nasceu em 19 de setembro de 1906, em Itajubá.

Filha de Antônio Storino, imigrante italiano de Paola e de Cornélia de Noronha Storino. Neta dos avós maternos Joaquim Pinto de Noronha Júnior e de Constância de Noronha, família radicada em Itajubá havia muito tempo, e dos avós paternos Domenico Storino e Elizabetta Tedesco Storino, italianos da cidade de Paola, província de Cosenza, na Calabria.

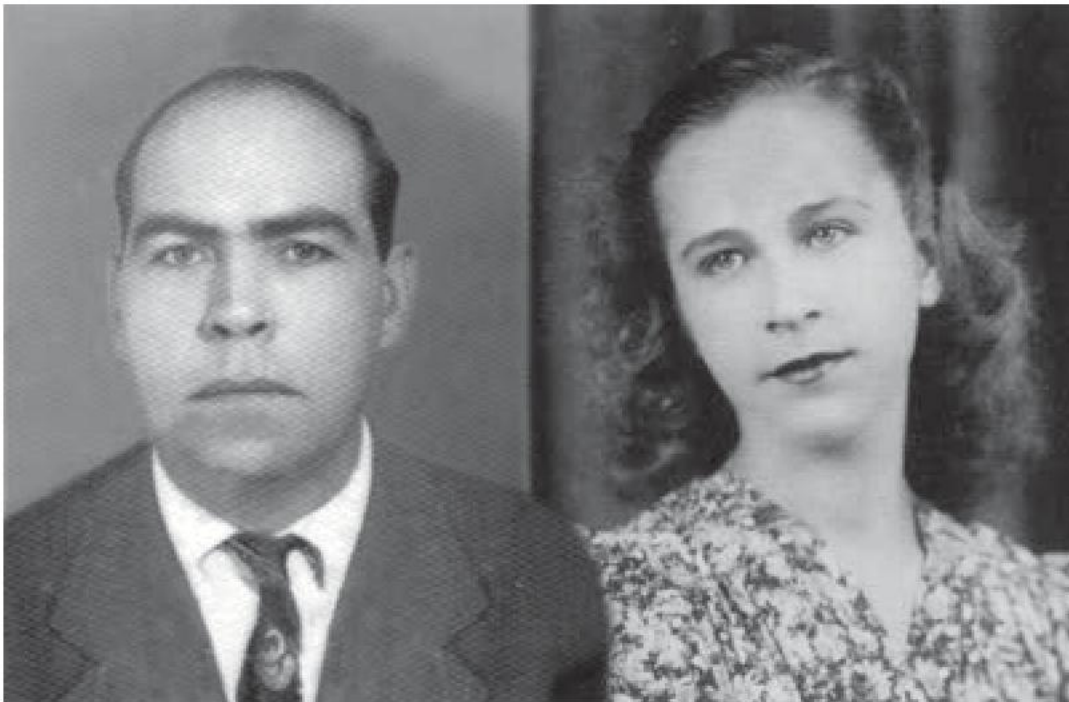
Conhecida como "Zezé", casou-se com José Antônio do Nascimento, farmacêutico e funcio-

nário da Empresa de Correios e Telégrafos. O casal teve quatro filhos:

- José Antônio do Nascimento Júnior, advogado;
- Maria Aparecida Storino Nascimento Oliveira, funcionária pública federal dos Correios e depois do IAPAS, casada com o engenheiro agrônomo Ney Borges de Oliveira;
- Heloísa do Nascimento Araújo, fundadora e provedora por muitos anos do Instituto Nossa Senhora de Lourdes para surdos e mudos no Rio de Janeiro, casada com o militar e engenheiro nuclear Renato Araújo;
- Olavo Nascimento, funcionário público federal dos Correios e, depois, do IAPAS.

José Antônio do Nascimento faleceu em 31 de junho de 1981, e Maria José Storino do Nascimento faleceu em 13 de outubro de 1990, aos 84 anos de idade, no Rio de Janeiro, onde residiam.

STORINO EDUARDO JOSÉ



- **Nascimento:** 13 de outubro de 1907
- **Falecimento:** 23 de junho de 1984
- **Pai:** Antonio Storino
- **Mãe:** Cornelia Noronha Storino
- **Esposa:** Venina de Oliveira (* 17 de dezembro de 1923)
- **Pais de Venina:** Benedito Norberto de Oliveira e Maria Lídia Pereira de Oliveira
- Filhos de Eduardo e Venina de Oliveira:** Ana Maria (* 18 de outubro de 1948), Maria Cristina (* 17 de novembro de 1949), Francisca (* 20 de junho de 1951), Maria Gorete (* 08 de setembro de 1953), Eduardo José (* 28 de maio de 1956), José Ricardo (* 16 de março de 1959), João Bosco (* 31 de janeiro de 1961) e Marina Andréa (* 09 de julho de 1965).

VIDA E OBRA

Eduardo José Storino nasceu em 13 de outubro de 1907, em Itajubá.

Filho de Antônio Storino, imigrante italiano de Paola, e de Cornélia Noronha Storino. Neto dos avós maternos Joaquim Pinto de Noronha Junior e Constância de Noronha, família radicada em Itajubá havia muito tempo, e dos avós paternos Domenico Storino e Elizabetta Tedesco Storino,

italianos da cidade de Paola, província de Cosenza, na Calabria.

Como seu pai, aprendeu a arte de trabalhar a madeira e se tornou marceneiro. Em 1924, montou uma fábrica de roda de carroça.

De uma família de empreendedores e homens de negócios, Eduardo teve outros empreendimentos, uma casa de material de construção, uma casa de conserto de rádios, uma firma de terraplenagem, um comércio de roupas e um comércio de fogão a gás.

Com os acessos para outras cidades vizinhas a Itajubá, Eduardo investiu em uma linha de ônibus, ligando Itajubá a cidade hidromineral de São Lourenço.

Além de seus investimentos, ele sempre teve um espírito filantrópico e doou a capela do Vito, no cemitério paroquial, e foi colaborador constante da Granja Escola Wenceslau Neto.

De um relacionamento anterior ao seu casamento, teve o filho Benedito Victor Storino, nascido em 13 de agosto de 1936. Victor faleceu em 12 de março de 2003.

Eduardo se casou, em Itajubá, em 30 de setembro de 1947, com Venina de Oliveira com a qual teve oito filhos:

- Ana Maria Storino Almeida, pedagoga, casada com Antonio Carlos de Almeida, também pedagogo;

- Maria Cristina Storino de Abreu e Lima, casada com o engenheiro José Pedro M. Abreu e Lima;

- Francisca Storino Méier, casada com o engenheiro Urs Méier;

- Maria Gorete Storino Brittis, casada com o empresário Olinto Brittis;

- Eduardo José Storino, empresário, casado com Maria de Lourdes;

- José Ricardo Storino, comerciante;

- João Bosco Storino, casado com Regina Aparecida Miranda Storino, ambos funcionários públicos federais;

- Marina Andréa Storino, analista de sistemas.

Eduardo Storino faleceu, em Itajubá, no dia 23 de junho de 1984, aos 76 anos.

STORINO BENEDITO



Em pé atrás, da esquerda para direita: Benito, Zélia, Márcia, Antônio, Rubens e Dorotéia. Em pé, à frente, da esquerda para a direita: Ronaldo, Renato, Roberto, Maria de Fátima e Rúbia e, sentada ao chão, Maria Cristina. Sentados, ao centro, o casal Benedito e Maria.

- **Nascimento:** 24 de agosto de 1909
- **Falecimento:** 15 de outubro de 1982
- **Pai:** Antonio Storino
- **Mãe:** Cornélia de Noronha Storino
- **Esposa:** Maria José Barbato (* 22 de março de 1918, † 05 de fevereiro de 2003)
- **Pais de Maria José Barbato:** Maria Luzia Minchetti Barbato e Francisco Barbato
- **Filhos de Benedito e Maria Barbato:** Zélia Maria (* 16 de outubro de 1939 † 14 de setembro de 2013), Benito Duílio (* 18 de maio de 1941 † 24 de janeiro de 2014), Márcia (* 03 de maio de 1943), Antônio Francisco (* 25 de agosto de 1945), Dorotéia (* 06 de fevereiro de 1947, † 25 de maio de 2004), Renato (* 09 de agosto de 1948), Ronaldo (* 06 de janeiro de 1950), Rubens (* 09 de junho de 1951), Roberto (* 25 de outubro de 1952, † 27 de agosto de 1978), Rúbia Maria (* 19 de janeiro de 1955), Maria de Fátima (* 13 de maio de 1956) e Maria Cristina (* 05 de dezembro de 1960)

VIDA E OBRA

Benedito Storino nasceu em Itajubá. Filho de Antônio Storino, imigrante italiano de Paola, e de Cornélia de Noronha Storino. Neto dos avós maternos, Joaquim Pinto de Noronha Júnior e Constância de Noronha, família radicada em Itajubá havia muito tempo, e dos avós paternos Domenico Storino e Elizabetta Tedesco Storino, italianos da cidade de Paola.

Benedito participou como voluntário na Revolução de 1932. Em 1934, trabalhou como marceneiro na carpintaria do 4º Batalhão de Engenharia de Combate. Por volta de 1938, trabalhou na área de marcenaria na Fábrica de Armas.

Casou-se, em 13 de novembro de 1938, com Maria Barbato, filha de Maria Luzia Minchetti Barbato e Francisco Barbato, família de italianos residentes em Olegário Maciel. O casal teve doze filhos:

- Zélia Maria Storino Guimarães, casada com o engenheiro eletricitista Dr. Márcio Benedito Guimarães;
- Benito Duílio Storino, funcionário do Instituto Nacional de Pesos e Medidas (IPEM), casado com Célia Luz Storino;
- Márcia Storino, professora e ex-funcionária da UNIFEI;
- Antônio Francisco Storino, cirurgião dentista;
- Dorotéia Storino, ex-funcionária da TELEMIG;
- Renato Storino, também funcionário do IPEM, casado com Márcia Pereira Storino;
- Ronaldo Storino, engenheiro eletricitista, casado com a professora Dulce Helena Vieira Pinto Storino;
- Rubens Storino, funcionário do Hospital Sociedade Portuguesa de Beneficência, em Rio Grande – RS, casado com a professora Magda Pereira Garcia Storino;
- Roberto Storino;
- Rúbia Maria Storino, professora e ex-funcionária da UNIFEI;
- Maria de Fátima Storino, professora;
- Maria Cristina Storino Corrêa, professora, casada com o engenheiro eletricitista Dr. Rui Jovita Godinho Corrêa da Silva.

Em 1942, Benedito e seu irmão Geraldo, em sociedade com João Faria Sobrinho, montaram uma marcenaria na fazenda do Charco, onde fabricavam cepos de pinho que eram vendidos para o Rio de Janeiro para a confecção de tamancos.

Em Itajubá, Benedito montou, em 1944, a fábrica de tamancos e, mais tarde, uma fábrica de bolsas escolares e móveis, que funcionava em frente ao antigo portão da Santa Casa de Misericórdia e, depois, na Rua Vicente Salles Dias, em frente à Chácara do Dr. Luiz Viana.

Na década de 50, em sociedade com seu irmão Geraldo, fundou a Mobiliadora Itajubense, que vendia móveis e eletrodomésticos e uma fábrica de móveis que abastecia sua mobiliadora.

Em sociedade com Auzelino de Castro Gama, fundaram, em 1960, a mobiliadora “Móveis Novo Lar”. Seu empreendedorismo os levou a ter filiais em Piquete, Pouso Alegre, São Gonçalo e Belo Horizonte.

Em 1962, os dois irmãos fundaram o Cine Alvorada. Na década de 70, Benedito foi proprietário de uma sauna finlandesa.

Benedito Storino faleceu, no dia 15 de outubro de 1982, aos 72 anos de idade, em Itajubá. Sua esposa Maria Barbato Storino faleceu, em Itajubá, no dia 05 de fevereiro de 2003, aos 84 anos de idade.

STORINO GERALDO



- **Nascimento:** 02 de janeiro de 1911
- **Falecimento:** 07 de abril de 1971
- **Pai:** Antonio Storino
- **Mãe:** Cornélia de Noronha Storino
- **1ª Esposa:** Cleria Teixeira
- **Pais de Cleria:** Luiz Teixeira e Maria Teixeira
- **Filhos de Geraldo e Cleria:** Magda
- **2ª Esposa:** Anita Moreira Borges
- **Pais de Anita:** Antonio Moreira Borges e Maria Alves Moreira
- **Filhos de Geraldo e Anita:** Mauro (*13 de novembro de 1947, † novembro 2012), Magaly (* 13 de dezembro de 1949), André Luiz (* 30 de junho de 1951, † 10 de fevereiro de 1987), Nilza (* 19 de setembro de 1952, † 07 de abril de 1999), Márcio (* 16 de dezembro de 1958)

VIDA E OBRA

Geraldo Storino nasceu em 02 de janeiro de 1911, em Itajubá.

Filho de Antônio Storino, imigrante italiano de Paola, e de Cornélia de Noronha Storino. Neto dos avós maternos Joaquim Pinto de Noronha Júnior e Constância de Noronha, família radicada em Itajubá havia muito tempo, e dos avós paternos Domenico Storino e Elizabetta Tedesco Storino, italianos da cidade de Paola, província de Cosenza, na Calábria.

Geraldo, como seu pai, era marceneiro. Em 1942, em sociedade com seu irmão Benedito e João Faria Sobrinho, conhecido como Zico, montou uma marcenaria na fazenda do Charco, onde fabricavam cepos de pinho que eram vendidos para o Rio de Janeiro para a fabricação de tamanhos.

Geraldo Storino casou-se com Cleria Teixeira Storino e teve uma filha, falecida ainda criança. Em 1947, casou-se com Anita Moreira Borges Storino e tiveram cinco filhos:

- Mauro Storino, casado com Bernadete Storino;
- Magaly Storino Corrêa Campos, casada com o economista Antônio Corrêa Campos;
- André Luiz Storino, casado com Rosana Storino;
- Nilza Storino dos Santos, casada com Benedito Eloy dos Santos;
- Márcio Storino, casado com Luz Marina Pereira Storino.

Na década de 50, em sociedade com seu irmão Benedito, fundou a Mobiliadora Itajubense, que vendia móveis e eletrodomésticos.

Em 1960, fundaram a mobiliadora "Móveis Novo Lar" em sociedade com Auzelino de Castro Gama. Com o mesmo espírito empreendedor adquiriu uma fábrica de móveis que ajudava a abastecer sua mobiliadora. A empresa cresceu e chegou a ter filiais em Piquete, Pouso Alegre, São Gonçalo e Belo Horizonte.

Em 1962, os dois irmãos fundaram o Cine Alvorada.

Geraldo Storino faleceu, em Itajubá, no dia 07 de abril de 1971, aos 60 anos de idade.

STORINO MARIA DO CARMO DOS SANTOS



Fila atrás, da esquerda para a direita: Benedito Renó, Amadeu Sanches, Paulo Carneiro, Eduardo Storino, Cornélia Noronha Storino, Isabel Storino, Niceia Grillo.

Fila da frente, da esquerda para a direita: Nato Pereira, Betina Sanches Pereira, Plácido Padim, Carminha Storino, Silvia Prado e Major Belo Lisboa. As crianças: Natercio, Noguchi e Cordelia

- **Nascimento:** 24 de junho de 1913
- **Falecimento:** 28 de junho de 2008
- **Pai:** Antonio Storino
- **Mãe:** Cornélia de Noronha Storino
- **Esposo:** Plácido Padim dos Santos (* 11 de fevereiro de 1911, † 07 de abril de 1994)
- **Pais de Plácido:** Saturnino José dos Santos e Madalena Padim dos Santos
- **Filhos de Maria do Carmo e Plácido Padim dos Santos:** Nilza (* 03 de abril de 1944).

VIDA E OBRA

Maria do Carmo Storino dos Santos nasceu em 24 de junho de 1913, em Itajubá.

Filha de Antônio Storino, imigrante italiano da cidade de Paola, e de Cornélia de Noronha Storino. Neta dos avós maternos Joaquim Pinto de Noronha Júnior e de Constância de Noronha, família radicada em Itajubá havia muito tempo, e dos avós paternos Domenico Storino e Elizabetta Tedesco Storino, italianos da cidade de Paola, província de Cosenza, na Calábria.

Carminha Storino, como era conhecida, foi telefonista da companhia telefônica até se casar em 04 de julho de 1935 com o militar do exército Plácido Padim dos Santos. O casal teve uma filha, Nilza Storino dos Santos, casada com o engenheiro Nei de Andrade Campos.

O general Plácido Padim dos Santos faleceu em 07 de abril de 1994.

Maria do Carmo, Carminha, faleceu, na cidade de Juiz de Fora, onde residia, no dia 28 de junho de 2008, aos 95 anos de idade.

STORINO RENNÓ ISABEL



- **Nascimento:** 06 de julho de 1919
- **Falecimento:** 25 de junho de 2002
- **Pai:** Antonio Storino
- **Mãe:** Cornélia de Noronha Storino
- **Esposo:** Euclides Rennó (* 31 de maio de 1912, † 26 de julho de 1984)
- **Pais de Euclides:** José Egídio Rennó e Manoela Pereira Rennó
- **Filhos de Isabel e Euclides:** Paulo (* 18 de fevereiro de 1943), Regina Célia (* 18 de fevereiro de 1947) e Alex (* 02 de novembro de 1956)

VIDA E OBRA

Isabel Storino Rennó nasceu em 06 de julho de 1919, em Itajubá. Filha de Antônio Storino, imigrante italiano, da cidade de Paola, e de Cornélia de Noronha Storino e neta dos avós maternos Joaquim Pinto de Noronha Júnior e de Constância de Noronha, família radicada em Itajubá havia muito tempo, e dos avós paternos Domenico Storino e Elizabetta Tedesco Storino, italianos da cidade de Paola, província de Cosenza, na Calábria.

Isabel casou-se em 12 de dezembro de 1941 com Euclides Rennó, contador e funcionário por muitos anos da Fábrica de Tecidos Codorna. O casal teve três filhos:

- Paulo Rennó, químico industrial casado com a pedagoga Marlene Aparecida Ferreira Rennó;
- Regina Célia Rennó, esteticista, casada com o engenheiro eletricitista Dr. Roger Alvarado Pasquier.

- Alex Rennó, engenheiro civil, casado com a pedagoga Lúcia Cristina Lisboa.

Euclides Rennó faleceu em 26 de julho de 1984 e Isabel Storino Rennó faleceu em Itajubá, em 25 de junho de 2002.



A Itajubá do passado: Avenida Coronel Carneiro Júnior - Rua Nova

TADDEI BARTOLOMEU PADRE



- **Nascimento:** 07 de novembro de 1837
- **Falecimento:** 03 de junho de 1913
- **Pai:** Luiz Taddei
- **Mãe:** Maria Antônia Selvaggi

VIDA E OBRA

Bartolomeu Taddei é natural de San Giovanni Valleroveto, aldeia na Província de Aquilla, junto ao rio Liris. Nasceu em 07 de novembro de 1837.

Existe uma divergência na própria biografia do Padre Taddei, da Editora Vozes, quanto ao local e data de seu nascimento, como se verifica na transcrição da ata de exumação do corpo do sacerdote, conforme o trecho: “Exumação dos ossos do padre Bartolomeu Taddei, sacerdote da Companhia de Jesus, nascido na cidade de Sora, na Itália, aos 7 de dezembro de 1837”.

Bartolomeu entrou para o seminário em 15 de outubro de 1850 e, em 1865, com 27 anos, foi designado pelo superior dos jesuítas, Pe. Pedro Becks, em atenção a um pedido, para a missão no Brasil.

No dia 13 de novembro de 1865, o padre Bartolomeu Taddei desembarcou no Rio de Janeiro em companhia do padre Antonio Onoratti, coadjutor Afonso de Amicis e escolástico José Giomini. Poucos dias depois, foi chamado com seus companheiros a Itu – SP, pelo padre Visitador Tiago Rozzini, que os destinava à fundação do Colégio São Luiz, para meninos.

TADDEI: Oriundo da cidade de San Giovanni Valleroveto, Província de Aquilla

A presença do Padre Taddei no Sul de Minas, se deu a partir de 1883, pregando missões nos meses de janeiro e fevereiro nas cidades de Jacuí, São Pedro da União, São Sebastião do Paraíso, Passos e muitas outras. Nas férias de 1885, pregou missão nas cidades de Itajubá Velho, Itajubá Novo, Piquete, Lorena e Sapé.

Padre Taddei aproveitando as missões motivou e incentivou as obras de utilidade pública da cidade. Foi ele o precursor da construção de um novo cemitério para Itajubá.

Em 18 de janeiro de 1889, quando voltou a Itajubá, incentivou a população a construir os muros para cercar o cemitério e, assim, pôde dar as bênçãos ao novo cemitério, finalmente concluído. Para construir os muros, o padre organizou procissão do alto do morro, levando cada fiel, de conformidade com suas forças, uma pedra ou um pouco de areia, tijolos e um pouco de cal. Em poucos dias, todo o material necessário foi ali colocado, possibilitando aos pedreiros, erguerem com rapidez os muros.

A construção do novo cemitério de Piranguçu, assim como o de Itajubá, deve-se à iniciativa e aos esforços do incansável jesuíta. A obra foi concluída quatro anos antes do que o de Itajubá e recebeu a bênção solene em 02 de janeiro de 1885 pelo padre Francisco Biondi.

Foi também o Padre Taddei que, notando a falta d'água em Piranguçu, convidou o povo a abrir um longo e profundo canal a partir de uma lagoa a um quarto de légua e com 300 homens sob sua direção, entoando cantos religiosos, meteram mãos à obra, concluindo-a no prazo de seis dias e dotando a povoação de excelente água.

Bartolomeu Taddei é denominado o Apostolo do Coração de Jesus no Brasil, pois a ele se deve a instituição no País do Apostolado da Oração, devoção iniciada na França em 3 de dezembro de 1884, pelo padre François Goutelet, SJ, e que existe até hoje, em pleno vigor, em todo o território nacional.

Padre Bartolomeu Taddei faleceu no dia 03 de junho de 1913, às 2 horas da tarde, na cidade de Itu - SP, onde foi sepultado.



A Itajubá do passado: vê-se, ao fundo, a antiga Igreja Matriz Nossa Senhora da Soledade

TREDICCI TERZA



Sentados: Jayme Martins Riêra e Terza Tredicci. Em pé, da esquerda para a direita: Antonio, Luiz, Olívia, Geraldo, Mário, José, Maria, Osvaldo e Teresinha

- **Nascimento:** 16 de abril de 1891
- **Falecimento:** 15 de novembro de 1958
- **Pai:** Victorio Tredicci
- **Mãe:** Ildegonda Santinelli
- **Esposo:** Jayme Martins Riêra (* 09 de maio de 1886, † 14 de dezembro de 1959)
- **Pais de Jayme:** João Martins Rippol e Francisca Riêra
- **Filhos de Terza e Jayme:** Antonio, Luiz, Olívia, Geraldo, Mário, José, Maria, Osvaldo e Teresinha.

VIDA E OBRA

Os imigrantes italianos Victorio Tredicci e Ildegonda Santinelli partiram da Itália, em 1894, para o Brasil juntamente com os filhos: Silfide, Aurelio, Terza e Maria, em busca de uma vida melhor.

Terza nasceu em 16 de abril de 1891, em Manciano, na Toscana, Itália. Já no Brasil, casou-se em Ouro Fino – MG com Jayme Martins Riêra. Dessa união nasceram os filhos: Antonio, Luiz, Olívia, Geraldo, Mário, José, Maria, Osvaldo e Teresinha.

Seu esposo Jayme, era um imigrante espanhol, nascido em Barcelona em 09 de maio de 1886, que veio para o Brasil em 1895, com apenas 9 anos de idade. Quando jovem, encontrava-se no Sul de Minas, dedicando-se ao comércio e a trabalhos agrícolas.

A família viveu em Ouro Fino, Pouso Alegre e Silvestre Ferraz – hoje Carmo de Minas –, onde Terza, para ajudar Jayme, que trabalhava como pedreiro, dedicava-se a produzir deliciosos pães, que os filhos vendiam aos amigos e vizinhos.

Sua especialidade encantava a quantos experimentavam os pães. O casal, então, decidiu alugar uma padaria e, assim, aumentar a produção. Depois, cientes de que, em Itajubá, a Padaria Boa Vista estava para ser alugada, a família mudou-se para esta cidade em 1932. Rapidamente o estabelecimento ficou conhecido pelas delícias produzidas por Terza, Jayme e filhos.

TREDICCI: Oriundo da cidade de Manciano, Província de Grosseto, região da Toscana

Com exceção de Geraldo, que era bancário e se aposentou como gerente do Banco do Estado de Minas Gerais (BEMGE), em Pouso Alegre; de Maria, que se casou com o capitão José Monteiro Chaves Neto, e de Teresinha, a caçula, os demais filhos se envolveram no ramo da panificação.

Dessa forma, a italiana Terza Tredicci Riêra, juntamente com o esposo Jayme e os filhos, deu sua parcela de contribuição para o desenvolvimento de Itajubá através de seu trabalho, determinação, competência e honradez, predicados que seus filhos souberam honrar e deixar como legado a seus descendentes.

Terza Tredicci Riêra faleceu em 15 de novembro de 1958 e Jayme Martins Riêra, em 14 de dezembro de 1959. Posteriormente, ele teve seu nome dado a uma das ruas do bairro Boa Vista, em Itajubá.

TREDICCI AURELIO



Cidade de Manciano, Província de Grosseto, região da Toscana

- **Nascimento:** 16 de abril de 1891
- **Falecimento:** 15 de novembro de 1958
- **Pai:** Victorio Tredicci
- **Mãe:** Ildegonda Santinelli
- **Esposa:** Elisabeta Parenti (* 1890, † 06 de março de 1967)
- **Pais de Elisabeta:** Saverio Parenti (* 1853, † 23 de setembro de 1938) e Lucia Guigli (* 1858, † não há dados)
- **Filhos de Aurelio e Elisabeta:** José, Alberto, Maria, Dante, Orlando, Antonieta, Iolanda, Luzia e Antônio.

VIDA E OBRA

Aurelio Tredicci nasceu em 23 de março de 1889, em Manciano, na Toscana, Itália, sendo filho dos italianos Victorio Tredicci e Ildegonda Santinelli. Em busca de uma vida melhor, ele, os pais e os irmãos Silfide, Terza e Maria, partiram da Itália, em 1894, para o Brasil.

Aurelio casou-se com Elisabeta Parenti, também imigrante italiana, nascida em 1890. O pai dela era Saverio Parenti, natural de Borgo Mozzano, e filho de Giovanni Parenti e Balbina Parenti.

A mãe de Elisabeta era Lucia Guigli, e seus irmãos eram Beatrice, nascida em 1885, e Giovanni, nascido em 1887.

Elisabeta e seus familiares partiram para o Brasil, tendo o passaporte expedido em 29 de março de 1897, em Lucca. Já no País, a família dirigiu-se para Ouro Fino, no Sul de Minas, onde chegou em 20 de maio do mesmo ano.

Aurelio e Elisabeta tiveram nove filhos: José, Alberto, Maria, Dante, Orlando, Antonieta, Iolanda, Luzia e Antônio.

Elisabeta faleceu em Borda da Mata em 06 de março de 1967 e Aurelio Tredicci, em 25 de maio de 1967, na mesma cidade.

TREDICCI JOSÉ



Cidade de Manciano, Província de Grosseto, região da Toscana

- **Nascimento:** 1º de setembro de 1914
- **Falecimento:** 03 de fevereiro de 1981
- **Pai:** Aurelio Tredicci (* 23 de março de 1889, † 25 de maio de 1970)
- **Mãe:** Elisabeta Parenti (* 1890, † 06 de março de 1967)
- **Esposa:** Benedita Domenica dos Santos (* não há dados, † 11 de março de 2003)
- **Pais de Benedita:** não há dados
- **Filhos de José e Benedita:** José Antônio Tredicci e Fernando Tredicci

VIDA E OBRA

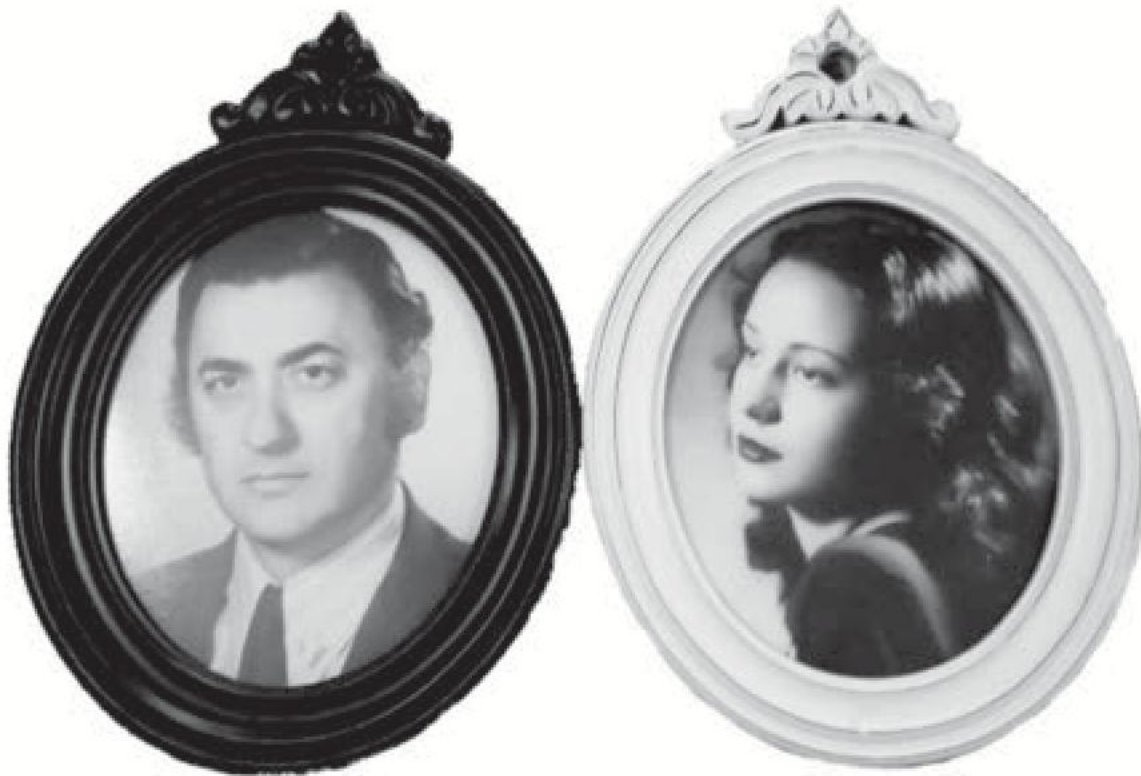
José Tredicci era filho de Aurelio Tredicci e de Elisabeta Parenti e nasceu em Ouro Fino em 1º de setembro de 1914.

Mudou-se para Itajubá para servir o Exército, onde chegou ao posto de cabo. Tendo dado baixa, montou um armazém e bar no bairro Boa Vista.

Em Itajubá, casou-se com Benedita Domenica dos Santos, com quem teve os filhos José Antônio Tredicci, que se tornou engenheiro, e Fernando Tredicci, que se tornou economista.

José Tredicci faleceu em 03 de setembro de 1981 e sua esposa, Benedita, em 11 de março de 2003.

TROTTA GIOVANNI



- **Nascimento:** 02 de janeiro de 1932
- **Pai:** Santo Trotta (* 24 de novembro de 1902, † 12 de janeiro de 1988)
- **Mãe:** Angiolina Caruso Trotta (* 06 de abril de 1912, † 06 de abril de 1933)
- **Esposa:** Ana Mary Caruso Trotta (* 09 de maio de 1935)
- **Pais de Ana Mary:** Luigi Caruso e Francischina Salmieri Caruso
- **Filhos de Giovanni e Ana Mary:** Giovanni Júnior (* 19 de julho de 1956, † 19 de dezembro de 2010), Flávia (* 15 de fevereiro de 1958), Fúlvio (* 09 de março de 1961) e Giancarlo (* 07 de outubro de 1962).

VIDA E OBRA

Giovanni Trotta nasceu na cidade de Paola, Itália. Filho de Santo Trotta e Angiolina Caruso Trotta, tinha como avós paternos Giuseppe Trotta e Annunziata Santoro Trotta e como avós maternos Domenico Caruso e Maria Santa Iulianelli Caruso.

Logo após a Segunda Guerra Mundial, com 18 anos, Giovanni embarcou, no dia 29 de novembro de 1950, no Vapor (navio) “Campana”, de bandeira francesa, chegando, em 15 de dezembro, no Rio de Janeiro, onde desembarcou.

No início de 1951, começou a trabalhar em bancas de jornais, no Rio de Janeiro; depois, em bar e quitanda na cidade de Cruzeiro – SP e, em seguida, atuou no ramo de papelaria em Santa Rita do Sapucaí – MG. Passou por Caxambu, onde conheceu sua futura noiva, filha do casal de imigrantes Franceschina e Luigi Caruso.

Em fevereiro de 1952, passou a trabalhar em sociedade com uma banca de jornais e loja de *souvenirs*, típicas nas estações de águas minerais, na cidade de São Lourenço – MG, onde desen-

TROTTA: Oriundo da cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria.

volveu a língua portuguesa, conheceu a culinária e os modos dos brasileiros.

Jovem afável, de boa aparência e boa educação, pela facilidade de comunicação fez muitos amigos em São Lourenço, entre os quais, turistas do Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 09 de julho de 1955, casou-se com Ana Mary, após quatro anos de noivado. O casal teve quatro filhos, sendo que os dois primeiros nasceram em São Lourenço e os dois últimos, em Itajubá:

- Giovanni Júnior, formado em Química, casado com Ilzimar, uma amazonense, e pai de duas filhas gêmeas, Ana Paula e Ana Carolina, formadas em Enfermagem pela Faculdade de Manaus - AM;

- Flávia, professora, casada com Vivaldi M. Ribeiro, e mãe de três filhos: Felipe, estudante; Tiago, que cursa Engenharia na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), e Gabriel, aluno de Publicidade e Propaganda, em São Paulo;

- Fúlvio, do ramo de vendas, casado com Sendlea Rabinovici e pai de dois filhos, Ricardo, que cursa Engenharia Florestal na Universidade Federal de Lavras – MG (UFLA) e Luiza, que cursa Psicologia em São Paulo, onde reside com seus pais.

- Giancarlo, formado em Educação Física pela Universidade de Manaus, casado com Érica Pinelli, e pai de dois filhos, Lucas, estudante de Engenharia Civil e Vinicius, cursando Ensino Médio. - Junto com a esposa, Giancarlo exerce atividades empresariais.

Em maio de 1958, juntamente com a esposa, os dois primeiros filhos e seus sogros, Giovanni se mudou para a cidade de Itajubá, onde se estabeleceu com um pequeno comércio de jornais e revistas, adquirido do compatriota Gino Scalzo, à Praça Dr. Wenceslau Braz, no Centro da cidade.

Em seguida, por necessidade de ampliar o comércio, anexou uma *bombonière* e um comércio de frutas importadas, que não existia na cidade. De 1960 a 1962, Giovanni com seu irmão Giuseppe compraram e trabalharam durante dois anos no restaurante “Brasil Itália”, adquirido do também italiano Ercole Romano, que funcionava em frente ao Mercado Municipal.

Em meados de 1962, com a venda do restaurante, Giovanni adquiriu a loja “A Novidade” do senhor José Chiaradia, no Centro da cidade. Era uma loja de perfumaria em geral, ampliada com artigos finos para presente, como baixelas de prata, que estavam muito em moda naquela época, e outros artigos finos.

Em 1963, pela sua atuação e integração na sociedade, Giovanni foi convidado a integrar o quadro dos sócios fundadores do primeiro Lions Clube de Itajubá, no qual, além de fundador, foi o primeiro secretário e o quarto presidente. Foi também presidente de Divisão e vice-governador do Distrito, além dos vários cargos de diretoria ocupados durante doze anos no clube.

Giovanni também ocupou a presidência do Itajubá Country Clube (ICC) e foi diretor social do Clube Itajubense, durante dois mandatos, tendo promovido o 1º Baile da Independência, assim como o 1º Baile do Hawaí, no Itajubá Country Clube.

Em 1972, Giovanni, a convite da Diretoria Regional, assumiu uma das gerências do Banco REAL S. A. (hoje, Banco SANTANDER), em Itajubá, ocupando o mesmo cargo em cinco outras agências do Estado de São Paulo. Posteriormente, foi transferido para Manaus – AM, para dirigir um Centro de Pessoa Jurídica (CPJ).

Já com muitas responsabilidades e com saudade das montanhas mineiras da Mantiqueira, após permanecer por mais de dois anos no cargo, em 30 de julho de 1985, tendo 37 anos de contribuições previdenciárias, ele solicitou sua aposentadoria por tempo de serviços.

Mas Giovanni não aguentou ficar parado e, ainda em Manaus, foi convidado a assumir a gerência administrativa da Reserva Florestal Lisboa S.A. e, depois de deixá-la, assumiu a gerência comercial da Compel Cicle Ltda., distribuidora de bicicletas Caloi, cuja indústria está estabelecida ainda naquela cidade.

Entre 1969 e 1970, recebeu o Diploma do Lions Internacional USA “Development Award”, como vice-governador e, em seguida, a Ordem dos Bandeirantes, da mesma instituição.

Recebeu consecutivamente em 1972 e 1973 o diploma de Personalidade do Ano, na categoria de “Relações Públicas”, em concurso promovido pelo Jornal O Sul de Minas e pelo Diário de Minas. Foi destaque, em 1984, pela TV Baré, Canal 4, de Manaus – AM, na categoria “Gerente em Destaque” das agências bancárias da capital amazonense.

Cansado do calor e das dificuldades que Manaus oferecia naquela época, em julho de 1988 Giovanni e a família voltaram para Itajubá, onde haviam deixado muitos amigos e alguns interesses.

Provido de espírito agitado e empreendedor e na ânsia de contribuir na sociedade em que vive, em 2006 Giovanni convidou alguns descendentes de italianos da cidade de Itajubá, na tentativa de levantar a história da colônia fixada na cidade, para evitar que ela se perdesse por negligência ou falta de iniciativa.

Após várias reuniões, os objetivos se sintetizaram nos seguintes itens a serem conquistados:

1º - Publicação de um livro que contasse a história de todos os imigrantes italianos que se instalaram em Itajubá;

2º - Construção de um monumento em logradouro público homenageando o imigrante italiano;

3º - Promoção de uma festa anual, tipicamente italiana, com jantar e exposição de objetos da Itália, para não esquecer as tradições, a música, a cultura, a culinária etc., enfim, a memória dos antepassados italianos, celebrando o convívio e a integração de sua descendência na sociedade brasileira.

Em 05 de dezembro de 2008, Giovanni recebeu o título de Membro Honorário da Academia Itajubense de História.

No início de 2009, em uma das reuniões do grupo de descendentes italianos, que viriam a compor o quadro de sócios fundadores, Giovanni Trotta foi escolhido para presidir a comissão organizadora, que, mais tarde, culminaria na fundação do "Circolo Italo-Brasiliense d'Itajubá", para o qual foi eleito, por unanimidade, como primeiro presidente e no final do primeiro mandato, foi reeleito por mais uma segunda gestão.

Giovanni fez várias viagens para a Europa, com sua esposa, para matar a saudade de sua terra natal, visitando seus irmãos e parentes e revigorando as forças para continuar seus trabalhos.

No dia 09 de março de 2013, pela Assembleia Geral dos fundadores do CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ, foi aprovado e concedido ao Ex-Presidente Giovanni Trotta o título de "Presidente Emérito" do CIRCOLO.



Cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria.

TROTTA GIUSEPPE



- **Nascimento:** 31 de março de 1929
- **Falecimento:** 25 de agosto de 2010
- **Pai:** Santo Trotta
- **Mãe:** Angiolina Caruso Trotta
- **Esposa:** Leonina Carvalho dos Santos (*11 de junho de 1924, † 05 de julho de 2004)
- **Pais de Leonina:** Antonio José dos Santos e Sebastiana Carvalho dos Santos
- **Filhos de Giuseppe e Leonina:** Santo (* 15 de maio de 1956), Dimas (* 02 de abril de 1958), Francisco Paulo (* 25 de janeiro de 1960), Antonio José (* 19 de janeiro de 1961), Bruno (* 16 de junho de 1962) e Liamara (* 07 de Julho de 1965)

VIDA E OBRA

Giuseppe Trotta nasceu na cidade praiana de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria, no sul da Itália. Filho de Santo Trotta e Angiolina Caruso Trotta tinha como avós paternos Giuseppe Trotta e Annunziata Santoro, e como avós maternos Domenico Caruso e Maria Santa Iulianelli.

Em maio de 1950, aos 21 anos, Giuseppe foi convocado para o Exército italiano e o serviu até maio de 1951, quando deu baixa e voltou a sua terra natal. Em Paola, permaneceu por mais cinco meses, decidiu então “fazer América” e mais tarde retornaria a Paola.

Em outubro de 1951, embarcou em Genova, no navio a vapor Flórida, e começou sua viagem sobre o Atlântico. Foi até Portugal, depois Marseille (França), Dakar (África) e chegou ao porto do Rio de Janeiro, no dia 04 de novembro de 1951.

Do Rio viajou para Cruzeiro - SP e, logo em seguida, para cidade hidromineral de Caxambu, onde encontrou trabalho na banca de revistas e jornais gerenciada por seu tio, Luigi Caruso.

Um concurso em todo o Brasil, realizado pela Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, deu a ele o

título de “Galã Perfeito do Brasil”.

No início de 1952, conheceu uma jovem professora, Leonina Carvalho dos Santos, natural de Caxambu, formada no Colégio Santa Úrsula, em São Lourenço. Em 23 de agosto de 1954, eles noivaram, e no dia 07 de julho de 1955, casaram-se na cidade de Aparecida - SP.

Recém-casado, Giuseppe começou a trabalhar em um açougue. No ano seguinte, mudou-se para Soledade de Minas, para plantar verduras e legumes, e passou a abastecer os hotéis de São Lourenço. Como sua esposa morava e lecionava em Caxambu e estava grávida de seu primeiro filho, no final de 1956, Giuseppe retornou e montou um depósito para engarrafamento de cachaça, mas, logo, comprou um bar e o vendeu em 1960.

Nesse mesmo ano, mudou-se, sem a esposa, para Itajubá. Ele e seu irmão Giovanni adquiriram o restaurante Brasil-Itália, de Ercole Romano.

Em 1962, sua família mudou-se para Itajubá, e Giuseppe iniciou uma nova atividade: reforma e fabricação de jogos de sofás, um ramo em que ele crescia, até que, em 1967, um incêndio destruiu toda a sua oficina, salvando-se apenas sua máquina de costura. Giuseppe, sua esposa e seus seis filhos tiveram que recomeçar do zero.

Com muito esforço e sacrifício, as coisas foram se normalizando. Para não ficar sem trabalho, ele aceitou ficar como gerente, por alguns meses, do Hotel Avenida, até que um empresário de Caxambu encomendou para ele uma grande quantidade de jogos de sofás.

Sem oficina e sem recursos, ele aceitou a empreitada e, na oficina de Geraldo Storino, reiniciou a fabricação de sofás. Logo, alugou um cômodo no bairro da Varginha e recomeçou suas atividades. Mesmo aposentado, ele continuou nesse ofício, num cômodo próximo à ponte do mercado municipal, até o seu falecimento.

Giuseppe Trotta faleceu no Hospital Escola, no dia 25 de agosto de 2010. Foi velado em Itajubá e foi enterrado junto a sua esposa, no cemitério da cidade de Caxambu.



Cidade de Paola, Província de Cosenza, região da Calabria.

VENTURELLI GIUSEPPE



Sentados: Mariana Pucci Venturelli e Giuseppe Venturelli. Em pé, da esquerda para a direita: Menotti, Lavinia, Maria Amélia, Ítalo, Dina, Venturina e Romeu

- **Nascimento:** 29 de março de 1850
- **Falecimento:** 1906
- **Pai:** Domenico Venturelli (* e † não há dados)
- **Mãe:** Apolonia Viviani (* e † não há dados)
- **Esposa:** Mariana Pucci (* 1858, † 24 de abril de 1951)
- **Pais de Mariana:** Raphael Pucci e Maria Eletta Benassi
- **Filhos de Giuseppe e Mariana:** Venturina (*13 de maio de 1888, † não há dados), Maria Leonora Adina Venturelli (* 13 de junho de 1880, † 22 de junho de 1968), Menotti (* 20 de julho de 1889 † 08 de dezembro de 1968), Ítalo (* e † não há dados), Romeu (* e † não há dados), Maria Amélia (* e † não há dados), Lavínia (* e † não há dados). Venturina e Adina (Dina) nasceram na Itália, os demais filhos nasceram no Brasil.

VIDA E OBRA

Giuseppe Venturelli, na Itália, trabalhava numa mina de carvão e se casou com Mariana Pucci em setembro de 1876. Chegaram ao Brasil, pelo Porto da cidade do Rio de Janeiro em 1885, vindos de Fornovolasco - Comuna de Vergemoli na Província de Lucca, em Toscana. Ao desembarcarem foram diretamente para Pedra Branca, hoje Pedralva, onde Giuseppe se instalou como comerciante.

Todos os seus filhos estudaram na cidade de Campanha - MG, no Colégio SION.

Giuseppe Venturelli faleceu em 1906, aos 56 anos.

Marianna Pucci Venturelli, sua esposa, faleceu em 24 de abril de 1951, aos 93 anos de idade, em Itajubá - MG.

VENTURELLI: Oriundo de Fornovolasco, Comune di Vergemoli, Província de Lucca, Toscana

VENTURELLI ADINA MARIA LEONORA



- **Nascimento:** 13 de junho de 1880
- **Falecimento:** 22 de junho de 1968
- **Pai:** Giuseppe Venturelli (* 29 de maio de 1850, † não há dados)
- **Mãe:** Mariana Pucci Venturelli (* 28 de outubro de 1854, † não há dados)
- **Esposo:** Manoel Ambrosino de Faria (* e † não há dados)
- **Pais de Manoel:** Joaquim de Faria e Maria Bárbara de Faria
- **Filhos de Maria e Manoel:** Gilberto Venturelli de Faria (* 9 de dezembro de 1921, † 9 de março de 2004)

VIDA E OBRA

Adina Maria Leonora nasceu no dia 13 de junho de 1880, em Forno Volasco na Comuna de Vergemoli, Província de Lucca e morreu em 22 de junho de 1968.

Era conhecida por Dina Venturelli. Casou-se com Manoel Ambrosino de Faria, natural de Pedralva. Fixaram residência em São José do Alegre. Ele fazendeiro e ela professora. Depois de 22 anos de casada, na cidade de São José do Alegre, engravidou e deu a luz em Maria da Fé, onde residiam seus pais. Seu único filho, Gilberto Venturelli de Faria nasceu em 09 de dezembro de 1921 e faleceu em 09 de março de 2004.

Quando Gilberto estava com 02 meses de idade, mudaram-se para Itajubá. Seu pai Neco Faria, como era conhecido, estabeleceu-se com uma banca (açougue) no Mercado Municipal.

Gilberto casou-se com Maria José Machado de Faria (Dola) e tiveram os filhos: Gilberto José, Gilda Maria, Gilnéa, Gilse, Gilvan, Gilney e Gil Vicente Machado de Faria.

Gilberto, além de comerciante, era também esportista. Jogou muitos anos no Yuracan. Foi ótimo goleiro e tinha o apelido de "Mão de Seda".

Comune di VERGEMOLI

Provincia di LUCCA

ATTI DI NASCITA - Anno 1880 Parte 1 Serie / - N° 28

N. _____
 Registro certificati



BOLLO



Dal Registro degli Atti di Nascita dell'anno 1880
 parte I serie / n. 28 risulta che VENTURELLI
Maria, Leonora, Adina di sesso femminile

(1) _____

è nata in Vergemoli (Lu)

in via del Crociale civ. n. 28

alle ore 9,40 del giorno tredici del mese

di giugno dell'anno mille ottocentottanta

da Giuseppe

e da PUCCI Marianna

(2) _____

Il presente estratto per riassunto è conforme all'originale
 e si rilascia a IN CARTA LIBERA DA VALERE NEI CASI
PER I QUALI LA LEGGE NON PRECON-
VE IL BOLLO.

Dalla Residenza municipale, il 21/05/1997 19

L'Impiegato responsabile



L'Ufficiale dello Stato Civile

PROVINCIALE DI LUCCA

UFFICIO STATO CIVILE

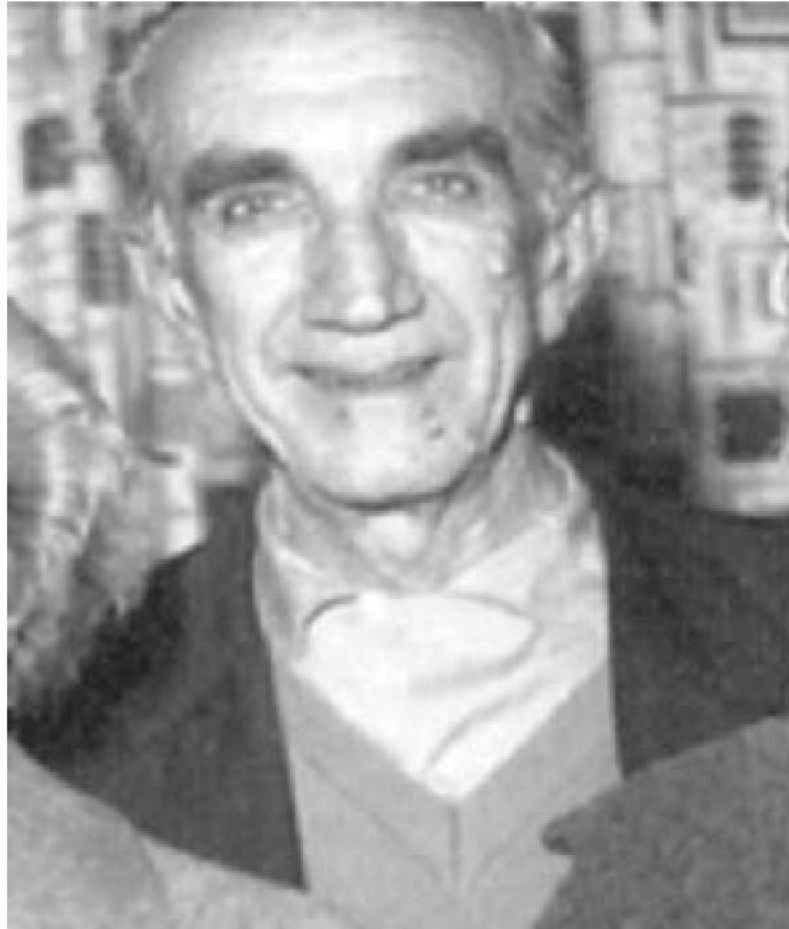
VERGEMOLI

17070

(1) Aggiungere quando ne ricorre il caso: figlio adottivo di...; oppure affilato da...
 In questi casi l'attribuzione del cognome deve risultare quella dell'adottante o di colui che lo ha affilato. — (Art. 138 dell'ordinamento).

(2) Aggiungere quando non ricorre il caso: il presente atto è stato trascritto il giorno...; oppure: A margine e in calce all'atto risulta...

VENTURELLI MENOTTI



- **Nascimento:** 20 de julho de 1889
- **Falecimento:** 08 de dezembro de 1968
- **Pai:** Giuseppe Venturelli (* 29 de maio de 1850, † não há dados)
- **Mãe:** Mariana Pucci Venturelli (* 28 de outubro de 1854, † não há dados)
- **Esposa:** Maria de Lourdes Lemos (* 29 de novembro de 1893, † 16 de abril de 1967)
- **Pais de Lourdes:** Antonio Gonçalves Lemos e Maria Ribeiro Lemos (Sinhazinha) (* 26 de abril de 1873, em Maria da Fé † 23 de outubro de 1957, em Itajubá
- **Filhos de Menotti e Maria de Lourdes:** Santinha, Maria Stela, Terezinha, Antonio, Guico e Maria José (Zezé).

VIDA E OBRA

Filho de Giuseppe e Mariana Venturelli, Menotti nasceu na cidade de Pedralva, em 20 de julho de 1889.

Foi escriturário por toda sua vida da Fábrica de Tecidos CODORNA.

Casou-se com Lourdes e tiveram 06 filhos : Santinha, Maria Stela, Terezinha, Antonio, Guico e Maria José (Zezé).

Menotti Venturelli faleceu em 08 de dezembro de 1968.

VENTURELLI ROMEU

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** 24 de julho de 1968
- **Pai:** Giuseppe Venturelli (* 29 de maio de 1850, † não há dados)
- **Mãe:** Mariana Pucci Venturelli (* 28 de outubro de 1854, † não há dados)
- **Esposa:** Maria Amélia (* e † não há dados)
- **Pais de Maria Amélia:** não obtivemos informações
- **Filhos de Romeu e Maria Amélia:** Théo e Déia

VIDA E OBRA

Filho de Giuseppe e Mariana Pucci Venturelli, Romeu nasceu na cidade de Maria da Fé. Exímio flautista e violoncelista, animava as plateias das sessões de cinema mudo nos Cines Apollo e Bijou-Salon em Itajubá. Foi também Professor e Inspetor de Alunos nas cidades de Itajubá e Alfenas. Casou-se com Maria Amélia e tiveram 2 filhos: Théo e Déia. Romeu faleceu em 24 de julho de 1968.

VENTURELLI MARIA AMÉLIA



- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** não há dados
- **Pai:** Giuseppe Venturelli (* 29 de maio de 1850, † não há dados)
- **Mãe:** Mariana Pucci Venturelli (* 28 de outubro de 1854, † não há dados)
- **Esposo:** José Baptista Ferrer (* e † não há dados)
- **Pais de José:** não obtivemos informações
- **Filhos de Maria e José:** Antônio Venturelli Ferrer (Juju) (* 13 junho de 1910, † 23 de janeiro de 1993) casado com Alda Costa, Mariana Venturelli Ferrer (da. Naná) casada com José Pereira Rennó, Ana Odete casada com Vicente Alves Ferreira, José Venturelli Ferrer (Juquita) casado com Iveta, Amelia casada com Theodoro Silva, Antonieta Venturelli Ferrer (Nieta) solteira, Maria José casada com Henrique Rossi.

VIDA E OBRA

Filha do casal de imigrantes italianos Giuseppe Venturelli e Mariana Pucci Venturelli, Maria Amélia Venturelli nasceu no Brasil, na cidade de Pedralva.

Ela se casou com José Baptista Ferrer e, antes de residirem em Itajubá, moravam na cidade de Cristina, quando nasceu Antônio Venturelli Ferrer.

Segundo o historiador Armelino Guimarães, em sua coluna “Colméia Itajubense” (84), no Jornal O Sul de Minas, de 13 de agosto de 1988, um dos filhos de Maria Amélia e José Baptista, Antônio Venturelli Ferrer tinha grande talento para a música: “além de técnico, notabiliza-se o genial Juju Venturelli [apelido da época] como competente músico, exímio violinista e compositor”.

Transmitiu, pela Rádio Itajubá AM, ZYI-5, o programa “Melodias do Coração”, no qual as músicas eram, semanalmente, apresentadas pelo seu conjunto de seresteiros. Criou um conjunto de sopro denominado “Venturelli e seu Ritmo”, que se apresentava em bailes e animava salões de carnaval.

Além da música, Antônio Venturelli trabalhou como mestre da Oficina de Polimentos, Cromagem, Oxidação e Parquerização da Fábrica de Armas de Itajubá (atual IMBEL). Foi um de seus funcionários pioneiros até se aposentar. Quando ainda estava na ativa, organizou e dirigiu, por várias décadas, a banda de música da empresa.

Casado com Alda Costa Ferrer, teve três filhos: Joel, casado com Dulce Ferrer; Hermélia, casada com José Ximenes, e Hermínia, casada com Carlos Chavernac.

Antônio Venturelli Ferrer mudou-se para São José dos Campos – SP e faleceu em janeiro de 1993, aos 82 anos de idade.



Cidade de Fornovolasco Comune di Vergemoli

VENTURELLI ÍTALO

- **Nascimento:** Não há dados
- **Falecimento:** Não há dados
- **Pai:** Giuseppe Venturelli
- **Mãe:** Marina Pucci Venturelli
- **Esposa:** Maria da Conceição Lemos (* 18 de maio de 1901 † 26 de setembro de 1968)
- **Pais de Maria Conceição:** Não há dados
- **Filhos de Ítalo e Maria Conceição:** Não tiveram filhos

VIDA E OBRA

Ítalo trabalhou por toda a vida na cidade de Maria da Fé, onde possuía um Cartório de Registro. Foi um dos fundadores da Sociedade São Vicente de Paulo.

Seu relacionamento com Itajubá era uma constante, por motivo de seu trabalho de Cartório bem como visitas a familiares que residiam nesta cidade.

Depoimentos sobre a vida de Ítalo Venturelli

“O Senhor Ítalo Venturelli foi uma pessoa extraordinária, seu coração era maior que seu próprio corpo. Ajudava todas as pessoas que passavam em seu caminho.

Sua esposa, Maria da Conceição, nascida em Maria da Fé, era chamada carinhosamente pela família e pelos amigos de ‘Tia Ceição’.

Em seu cartório, na cidade de Maria da Fé, servia a todos com gentileza, razão pela qual se tornou padrinho de inúmeras crianças nascidas naquela cidade.

Um de seus sobrinhos, Wagner, criado pelo tio, era motivo para que a casa ficasse cheia de jovens que ali passavam os finais de semana. Ítalo os recebia como filhos, mas impunha condições a todos eles, como ir à Missa aos domingos e a prática de esportes, inicialmente com o futebol e mais tarde com o basquete; exigia disciplina e responsabilidade, era um educador que conduzia os jovens para uma verdadeira cidadania.

Ítalo foi grande colaborador do Coronel Silvestre Azevedo Junqueira Ferraz, na época em que este era Prefeito Municipal. Foi incentivado por Ítalo para que fizesse o calçamento da Rua Arlindo Zaroni e se comemorasse com uma grande festa. A inauguração foi programada para o dia do jogo final da Copa do Mundo de 1950. O Brasil precisava apenas um empate para se sagrar campeão, porém, com a perda do campeonato, a festa de inauguração da rua foi cancelada.

‘Seu’ Ítalo era um pacificador.”

Geraldo José Canha

‘Seu’ Ítalo era uma pessoa boníssima, muito emotivo e extraordinariamente intelectual. Escrevia crônicas, contos e poesias no jornal da cidade, O Mariense. Por ser um poeta, tinha prazer em declamar poesias em ocasiões especiais.

‘Seu’ Ítalo me chamava todos os dias para ler o jornal, que ele assinava naquela época, e este aprendizado carregou comigo até nos dias de hoje. Além do incentivo à cultura, ele ajudava todas as pessoas ao seu redor e conseguia colocações em novos empregos.

As festas de agosto, sempre iniciadas no dia 15, eram um marco na cidade. ‘Seu’ Ítalo mantinha guardado em um barracão, da Vila Vicentina, todo o material que usava nas festas e, a partir dali, com a ajuda de muitos amigos, iniciava seu trabalho. Contratava a banda de música de Pedralva, que sempre vinha de caminhão, via Bairro Alagoa, passando perto do Pico da Bandeira, e chegava na cidade através da antiga estrada ferroviária, na saída para o Pedrão. Os músicos eram recebidos com um farto café e, logo em seguida, começavam a solfejar e afinar os instrumentos.

Com ‘Seu’ Ítalo à frente, munido de rojões, a banda se dirigia ao centro da cidade, fazendo uma alvorada por volta das 06h30, provocando a curiosidade de todos os moradores que saíam na janela para ver a banda passar.

O coroamento da festa se fazia com um churrasco na Mata do Cunha.

Lembro-me bem de, após a festa, ‘Seu’ Ítalo fazendo a contabilidade e programando o que poderia ser feito em prol da Sociedade São Vicente de Paulo.

Dona Conceição Lemos, esposa de Ítalo, também descendente de italianos, foi uma grande mulher que sempre deu apoio ao seu marido nos trabalhos sociais.”

Adílio Reis Correa

VENTURELLI ANTONIO



- **Nascimento:** 23 de dezembro de 1857
- **Falecimento:** 06 de abril de 1920
- **Pai:** Domenico Venturelli (* e † não há dados)
- **Mãe:** Apolonia Viviani (* e † não há dados)
- **Esposa:** Paolina Francesca Catellani (* e † não há dados)
- **Pais de Paolina:** não há dados
- **Filhos de Antonio e Paolina:** Aladino Celeste Domenico Venturelli (* 13 de abril de 1889, † 06 de março de 1967), Vitalina Venturelli (* 1891, † não há dados), Aladino Massimo Venturelli (* 1903, † não há dados), José Venturelli Sobrinho (* 30 de março de 1904, † 30 de julho de 1981), Natália Venturelli (* e † não há dados) e Margarida Venturelli (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Nascido em 23 de dezembro de 1857, Antonio Venturelli partiu do Porto de Spezia, no Mar Ligure, no noroeste da Península Itálica, em 14 de janeiro de 1891, na embarcação *Vapore Sud América* e chegou ao Brasil acompanhado de seu primeiro filho.

Era casado com Paolina Francesca Catellani, com quem teve os filhos:

- Aladino Celeste Domenico Venturelli, nascido em 13 de abril de 1889, em Fornovolasco, na Itália, e falecido em 06 de março de 1967;
- Vitalina Venturelli, nascida em 1891, em Fornovolasco, Itália;
- Aladino Massimo Venturelli, nascido em 1903, em Pedralva;
- José Venturelli Sobrinho, nascido em 30 de março de 1904, em Pedralva, e falecido em 30 de julho de 1981 (*conferir biografia neste livro*);
- Natália Venturelli, nascida em Pedralva;

- Margarida Venturelli, nascida em Pedralva.

Fixou residência no município de São Sebastião da Pedra Branca, atual Pedralva, no Sul de Minas, estabelecendo-se como agricultor.

Após o nascimento dos filhos brasileiros, mudou-se para o Distrito de Sabará Mendes, então pertencente ao município de Itajubá e atualmente pertencente ao de Maria de Fé, onde foi eleito e empossado no cargo de vereador, exercendo seu mandato de 24 de dezembro de 1915 a 07 de novembro de 1919.

Antonio Venturelli faleceu em 06 de abril de 1920, com 62 anos de idade, sendo sepultado no Distrito de Sabará Mendes. Anos depois, Antonio foi homenageado, em Maria da Fé, com a colocação de seu nome em uma via local – Rua Vereador Antonio Venturelli – por força da Lei Municipal nº 05, de 27 de janeiro de 1948.

VENTURELLI JOSÉ SOBRINHO



Capitão



General

- **Nascimento:** 30 de março de 1904
- **Falecimento:** 30 de julho de 1981
- **Pai:** Antonio Venturelli (*23 de dezembro de 1857, † 05 de abril de 1920)
- **Mãe:** Paolina Francesca Catellani (* e † não há dados)
- **Esposa:** Aristina Gomes (* 24 de fevereiro de 1908, † 30 de janeiro de 1976)
- **Pais de Aristina:** Octávio Cavalcante Gomes e Laura (Lorena) Corrêa Gomes
- **Filho de José e Aristina:** José Octávio Gomes Venturelli (* 21 de fevereiro de 1937) e as filhas adotivas Ana Maria de Paiva Venturelli (* 30 de abril de 1935) e Neusa Venturelli (* 18 de setembro de 1935)

VIDA E OBRA

José Venturelli Sobrinho nasceu em 30 de março de 1904, em São Sebastião da Pedra Branca, atual Pedralva, no Sul de Minas.

Em 07 de dezembro de 1935, casou-se com Aristina Gomes, com quem teve o filho José Octávio Gomes Venturelli, nascido em 21 de fevereiro de 1937, no Rio de Janeiro. O casal também adotou como filhas Ana Maria de Paiva Venturelli, nascida em 30 de abril de 1935, no Rio de Janeiro, e Neusa Venturelli, nascida em 18 de setembro de 1935, em Conceição do Rio Verde - MG.

Foi maestro, músico, poeta e pintor nacionalmente premiado na técnica óleo sobre tela. Também criou várias esculturas em bronze.

Foi autor de vários hinos e canções militares, entre elas a Canção da Escola de Sargentos das Armas (EsSA), a do CPOR e a do Regimento Sampaio, entoada pela Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Tomada de Monte Castelo, em 1945, na Itália. Também fez a letra do Hino de Maria da Fé, quando ainda era tenente-coronel do Exército.

Recebeu títulos de Comendador da Itália e do Senegal e foi o único comandante de Campo de Prisioneiros de Guerra da História do Exército Brasileiro, em Barreira do Inferno - RN, em 1945.

Foi aviador e engenheiro do Exército. Prosseguiu na carreira militar até chegar ao posto de general de Brigada, na ativa, e de general de Exército, na reserva. Foi condecorado com a "Gran Cruz de Guerra" e com a Medalha de Honra ao Mérito, outorgada pelo presidente da República, por ato de bravura.

Falava fluentemente os idiomas Árabe, Italiano, Francês, Espanhol, Inglês e ainda o Esperanto e foi autor de muitas obras literárias, como poemas épicos, sonetos parnasianos e peças teatrais, entre outros.

Traduziu a Divina Comédia, de Dante Alighieri, e entre outras realizações, foi o presidente fundador da Academia Brasileira de Belas Artes.

Em 30 de janeiro de 1976, faleceu sua esposa Aristina Gomes Venturelli e José Venturelli Sobrinho faleceu em 30 de julho de 1981.



Cidade de Forno Volasco, Província de Lucca, Toscana

VILLANACCI AFFONSO



- **Nascimento:** 17 de maio de 1883
- **Falecimento:** 16 de agosto de 1961
- **Pai:** não temos informações
- **Mãe:** não temos informações
- **Esposa:** Rosinha Hipólito (* e † não há dados)
- **Pais de Rosinha:** Miguel Hipólito (* e † não há dados) e não obtivemos informações sobre a mãe
- **Filhos de Affonso e Rosinha:** Antonio Villanacci (* 10 de dezembro de 1906, † 12 de julho de 1981), Miguel Villanacci (* e † não há dados), Orlando Villanacci (* e † não há dados), Alberto Villanacci (* e † não há dados), Hilda Villanacci (* e † não há dados) e Aparecida Villanacci (* e † não há dados).

VIDA E OBRA

Affonso Villanacci nasceu em 17 de maio de 1883, em Benevento, na Itália, de onde partiu com seu pai, que era viúvo, provavelmente em 1892, em um navio de imigrantes com destino ao Brasil.

Em terras brasileiras, dirigiu-se para São José do Rio Pardo - SP. Casou-se com Rosinha Hipólito, filha de Miguel Hipólito, também vindos da Itália. Com ela teve seis filhos: Antonio, Miguel, Orlando, Alberto, Hilda e Aparecida.

Em São José do Rio Pardo – SP, atuou como comerciante. Vendia peixes, vinhos e queijos. Saía com enormes cestas pelas ruas da cidade, vendendo os produtos nas portas das casas. Os peixes vinham do Porto de Santos – SP e o vinho era trazido no trem em tonéis de madeira, então Affonso o engarrafava e vendia.

Affonso faleceu em São José do Rio Pardo – SP, em 16 de agosto de 1961.

VILLANACCI: Oriundo de Benevento, Região de Campania

VILLANACCI ANTÔNIO



- **Nascimento:** 10 de dezembro de 1906
- **Falecimento:** 12 de julho de 1981
- **Pai:** Affonso Villanacci (* 17 de maio de 1883, † 16 de agosto de 1961)
- **Mãe:** Rosinha Hipólito Villanacci (* e † não há dados)
- **Esposa:** Joana Navas (* e † não há dados)
- **Pais de Joana:** Domingos Navas (* e † não há dados) e Mariquinha Navas (* e † não há dados)
- **Filhos de Antônio e Joana:** Affonso Villanacci (* 14 de maio de 1928), Orlando Villanacci (* 16 de março de 1930), Rafael Villanacci (* 12 de março de 1933, † 24 de dezembro de 2003), Luiz Villanacci (* 21 de junho de 1935, † 14 de dezembro de 1993), José Mário Villanacci (*06 de maio de 1939) e João Villanacci (*23 de junho de 1942).

VIDA E OBRA

Antônio Villanacci nasceu em 10 de dezembro de 1906, em São José do Rio Pardo – SP, sendo filho de Affonso Villanacci e de Rosinha Hipólito Villanacci, ambos italianos.

Casou-se com Joana Navas, filha dos imigrantes espanhóis Domingos Navas e Mariquinha Navas. Com ela teve seis filhos:

- Affonso Villanacci, nascido em 14 de maio de 1928, em Ribeirão Preto – SP; casado com Maria Nogueira.

- Orlando, nascido em 16 de março de 1930, em Ribeirão Preto – SP; casado com Lourdes, Orlando trabalhou na Polícia Militar do Estado de São Paulo.

- Rafael, nascido em 12 de março de 1933, em Ribeirão Preto – SP; não se casou e não teve filhos; trabalhou na Sapataria Silva em Itajubá, sendo considerado um dos melhores sapateiros da cidade; faleceu em 24 de dezembro de 2003.

- Luiz, nascido em 21 de junho de 1935, em São José do Rio Pardo – SP; casado com Ana

Maria dos Santos, Luiz faleceu em Itajubá em 14 de dezembro de 1993.

- José Mário, nascido em 06 de maio de 1939, em São José do Rio Pardo – SP; casado com Estela Ribeiro.

- João Villanacci, nascido em 23 de junho de 1942, em São José do Rio Pardo – SP; casado com Izabel. Como o pai e três irmãos, trabalhou na Marmoraria Pulliti e, depois, na Arno, em São Paulo.

Antônio Villanacci transferiu-se para Itajubá em 1940, arrumando emprego na Marmoraria Pulliti, de João Pulliti. Em 1944, sua família também se mudou para a cidade.

Seus filhos Affonso, Luiz, José Mário também trabalharam nessa marmoraria e, em 1965, montaram a Marmoraria Itajubá.

Como era querido por todos e tinha uma vasta amizade, Antônio era conhecido como “Colega”. Ele faleceu em Itajubá, em 12 de julho de 1981.



A Itajubá do passado: Estação Ferroviária - Praça Dr. José Braz

VIZZOTTO GIUSEPPE



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Treviso, região do Veneto

- **Nascimento:** não há dados
- **Falecimento:** 1917
- **Pai:** não há dados(* e † não há dados)
- **Mãe:** não há dados (* e † não há dados)
- **Esposa:** Angela Bontorim Vizzotto (* e † não há dados)
- **Pais de Angela:** não há dados (* e † não há dados) e não há dados (* e † não há dados)
- **Filhos de Giuseppe e Angela:** Emília (* e † não há dados), João (* e † não há dados), Luíza (* e † não há dados), Cecília (* e † não há dados), Francisco (* e † não há dados), Luiz (* e † não há dados), Marieta (* e † não há dados) e Elvira (* e † não há dados)

VIDA E OBRA

Saindo da Itália, Giuseppe chegou ao Brasil, no navio Bearn, em 09 de setembro de 1887, desembarcando no porto de Santos-SP. Fixou residência, primeiramente em Espírito Santo do Pinhal - SP.

Giuseppe se casou com Angela Bontorim, com quem teve os filhos: Emília, João, Luíza, Cecília, Francisco, Luiz, Marieta e Elvira. Um de seus filhos mudou-se para Itajubá para prestar o serviço militar.

Giuseppe faleceu em 1917.

VIZZOTTO: Oriundo da cidade de Treviso, região do Veneto

Família Vizzotto no Brasil

Pesquisa realizada em 12 de março de 2012, no site da família, constatou que até aquela data havia 30 Vizzotto nascidos no Brasil que se radicaram em várias cidades como: · *Barretos - SP, Cachoeira do Sul - RS, Curitiba - PR, Faxinal Do Soturno - RS, Novo Hamburgo - RS, Porto Alegre - RS, Restinga Seca - RS, Rio de Janeiro- RJ, entre outras.*

Site pesquisado: <http://lastnames.genoom.com/pt/sobrenome/Vizzotto/Brasil>.



A Itajubá do passado: Praça Cesário Alvim, atual Praça Theodomiro Santiago

ZARONI GIACOMO "JACOB"



- **Nascimento:** 1841
- **Falecimento:** 23 de setembro de 1928
- **Pai:** Vincenzo Pellegrino Zaroni
- **Mãe:** Caterina Di Domenico Orlandi
- **1ª Esposa:** Emiliana Pinto
- **Pais de Emiliana:** José Satiro Pinto e Salviana Motta Pinto
- **Filhos de Giacomo e Emiliana:** Alfredo (* 1878, † 1962), Augusto (* 1882, † 07 de outubro de 1921) e Arlindo (* 27 de dezembro de 1883, † 31 de maio de 1936)
- **2ª Esposa:** Maria Theodora da Conceição Motta Arruda
- **Pais de Maria Theodora:** Antonio da Motta Paes e Cesária Vaz Pinto
- **Filhos de Giacomo e Maria Theodora:** Antonio, Antenor, Jacob, Durvalina, Horácio, Celencina.

VIDA E OBRA

Giacomo Zaroni foi soldado de Garibaldi, revolucionário italiano, denominado "O Herói de Dois Mundos" que lutou pela unificação da Itália, no Século XIX.

Ele, a irmã Palmira Zaroni e outro irmão foram para os Estados Unidos, fugindo da perseguição política e da miséria causada pelos anos de luta. A irmã permaneceu nesse país e Giacomu seguiu viagem, desembarcando no porto do Rio de Janeiro no final do Século XIX, acompanhado do irmão, que depois, foi para a Argentina.

No Rio, Giacomo trabalhou como mascate. Como viajava muito para Minas Gerais, acabou por estabelecer-se como comerciante na cidade de Itamonte, no Sul de Minas.

ZARONI: Oriundo da cidade de Lucca, região da Toscana

Com comércio e residência fixa, casou-se com Emiliana Pinto. O casal teve três filhos: Augusto, Alfredo e Arlindo.

Emiliana veio a falecer e Giacomo se casou, em segundas núpcias, com Maria Theodora da Conceição Motta Arruda, com quem teve seis filhos.

Arlindo, filho do primeiro casamento, mudou-se para Maria da Fé em 1901 e, depois, seu irmão Augusto. Giacomo acompanhou os filhos.

O 'soldado de Garibaldi' faleceu em 1928 e foi enterrado em Maria da Fé.

ZARONI AUGUSTO



- **Nascimento:** 1882
- **Falecimento:** 07 de outubro de 1921
- **Pai:** Giacomo (Jacob) Zaroni (* 1841, † 23 de setembro de 1928)
- **Mãe:** Emiliana Pinto Zaroni
- **Esposa:** Mariana Gonçalves Zaroni (* 1876, † 1962)
- **Filhos de Augusto e Mariana:** Maria Augusta Zaroni (* 1904, † 1934), José Augusto Zaroni (* 08 de abril de 1907, † 21 de agosto de 2005), Jacob Zaroni (* 27 de novembro de 1908, † 14 de março de 2000) e Waldemar Zaroni (* 06 de dezembro de 1913, † 19 de julho de 1982)

VIDA E OBRA

Augusto Zaroni é o segundo filho de Giacomo e Emiliana Zaroni, nascido em 1882. Natural de Itanhandu - MG, era irmão de Alfredo e de Arlindo.

Casou-se com Mariana Gonçalves, e tiveram quatro filhos. Depois, foi para Maria da Fé e trabalhou com o seu irmão Arlindo, no comércio de fumo, sendo eles grandes propulsores do progresso daquela cidade, para onde se mudou toda a família.

Augusto faleceu em Maria da Fé em 07 de outubro de 1921.

ZARONI JOSÉ AUGUSTO



- **Nascimento:** 08 de abril de 1907
- **Falecimento:** 21 de agosto de 2005
- **Pai:** Augusto Zaroni (* 1882, † 07 de outubro de 1921)
- **Mãe:** Mariana Gonçalves Zaroni
- **Esposa:** Fantina Eponina Vieira Zaroni (* 27 de novembro de 1907, † agosto de 2000)
- **Pais de Fantina:** Virgílio Vieira e Ignácia Nogueira Vieira
- **Filhos de José Augusto e Fantina:** Raimundo Benedito Vieira Zaroni (* 29 de agosto de 1933), Virgílio Augusto Vieira Zaroni (* 09 de dezembro de 1934), Maria Aparecida Vieira Zaroni (* 29 de novembro de 1937) e José Augusto Zaroni Filho (* 22 de novembro de 1944)

VIDA E OBRA

José Augusto Zaroni é neto do imigrante italiano Giacomo Zaroni, soldado de Garibaldi e refugiado político no Brasil. Seu pai, Augusto Zaroni, e sua mãe, Mariana Gonçalves, moravam em Itanhandu, no Sul de Minas, quando, em 08 de abril de 1907, nasceu José Augusto.

Ainda criança, mudou-se com a família para Maria da Fé. Iniciou seus estudos na cidade e cursou Contabilidade em São Lourenço.

Nos anos de 1929 e 1930, serviu o 4º Batalhão de Engenharia de Combate, em Itajubá. Nesse período, conheceu a farmacêutica Fantina Eponina Vieira. Em 19 de novembro de 1932,

eles se casaram e foram morar em Maria da Fé até o ano de 1941. O casal teve quatro filhos:

- Raimundo Benedito Zaroni, nascido em 29 de agosto de 1933, aposentado como bancário e voluntário em atividades de assistência social;
- Virgílio Augusto Vieira Zaroni, nascido em 09 de dezembro de 1934, dedica-se a atividades comerciais e é casado com Edna dos Santos Zaroni;
- Maria Aparecida Vieira Zaroni, nascida em 29 de novembro de 1937 aposentada das atividades educacionais e formada em Psicologia, atuando em consultório de psicoterapia;
- José Augusto Zaroni Filho, nascido em 22 de novembro de 1944, engenheiro formado pelo Instituto Nacional de Telecomunicações (INATEL); presta consultoria a instituições de assistência social como voluntário e é casado com Elbia Barsi Zaroni.

Em Maria da Fé, José Augusto trabalhava no comércio e mantinha sua profissão de contador (guarda-livros).

Ao se mudar para Itajubá, foi proprietário da Casa Zaroni. Também foi representante comercial da Companhia Industrial Sul Mineira (Fábrica Codorna). Aposentou-se e iniciou uma criação de galinhas, chegando mesmo a manter uma granja.

Seu passatempo era a culinária: produzia seus pães e massas de macarrão caseiro, produtos apreciados pela família e amigos.

O casal esteve junto por quase 70 anos de matrimônio, e sua esposa Fantina faleceu em 2000. José Augusto faleceu aos 98 anos, no dia 21 de agosto de 2005, sendo sepultado no cemitério paroquial da cidade.



Foto: Antonio C. Consoli

Cidade de Lucca, região da Toscana

CONTINUANDO NOSSA HISTÓRIA: NETOS E BISNETOS

PREZADOS COMPATRIOTAS

O principal objetivo deste livro é levar a todos um pouco da história de nossas famílias. Através do conhecimento de nossas origens, poderemos nos unir sempre mais, mantendo este elo de família e aproximando aqueles que, em função de suas ocupações, estão afastados, mas que desejam retomar os contatos com os parentes e amigos, e não deixar que o tempo apague amizades que ainda permanecem muito vivas dentro de nossos corações, plantadas por nossos antepassados.

Creio que nós, da segunda geração, talvez sejamos os últimos capazes de escrever a bravura dos imigrantes, nossos antepassados.

Fizemos o máximo esforço para não deixar que o tempo apagasse histórias de grande valor, não apenas para os familiares, mas, sim, para toda a sociedade itajubense.

Ao encerrar este trabalho, vimos solicitar aos jovens e adultos que têm interesse por história que abracem esta causa e continuem escrevendo outras biografias a partir do ponto em que paramos. Se assim for feito, jamais os italianos que vieram para Itajubá e região serão esquecidos e suas memórias se perpetuarão para sempre nas gerações vindouras.

A COMISSÃO DO LIVRO

Este livro contempla os italianos e seus filhos que se estabeleceram em Itajubá e fizeram parte de sua história. Contempla também os descendentes que chegaram há muitos anos nesta cidade, bem como os netos nascidos no final do Século XIX e começo do Século XX e que viveram em Itajubá.

Procuramos manter os nomes das regiões da Itália, na grafia original, em italiano

NOMES DE RUAS OU AVENIDAS PRESTIGIANDO MEMBROS DA COLÔNIA ITALIANA

- 1) - Alberico Gallo, rua
- 2) - Altamiro Romano, rua
- 3) - Ana Chiaradia Ricotta, rua
- 4) - Angelo Boer, rua
- 5) - Angelo Modena, rua
- 6) - Antiogo Poddis, rua
- 7) - Antônio Romeno, rua
- 8) - Antônio Storino, rua
- 9) - Bartolomeu Taddei, rua
- 10) - Benedito Storino, rua
- 11) - Carmen Poddis Grilo, rua
- 12) - Vila Sciammarella, rua
- 13) - Dante Romano, rua
- 14) - Domingos Lamoglia
- 15) - Doutor Vicente Sanches (Ciancio), Av.
- 16) - Eduardo José Storino, Av.
- 17) - Eugenio Consoli, rua
- 18) - Eugenio Fratelli Modena, rua
- 19) - Felipe Dastre, rua
- 20) - Felipe Pizzuto, rua
- 21) - Fiorello Cascardo, rua
- 22) - Florinda Modena, rua
- 23) - Francisco Masselli, rua
- 24) - Francisco Pianelli, rua
- 25) - Geraldo Storino, rua
- 26) - Henriquetto Cardinali, Av.
- 27) - Humberto Consoli Primo, rua
- 28) - Iolanda Consoli, rua
- 29) - Joana Anibela Modena, rua
- 30) - Dr. João Baptista Ricci, rua
- 31) - João Puliti, rua
- 32) - Jovino Chiaradia, rua
- 33) - Vila Mandolesi, Vila
- 34) - Manfredo Sanches (Ciancio), rua
- 35) - Maria Angela Ricotta Curcio, rua
- 36) - Maria Aparecida Ricotta, rua
- 37) - Maria Consoli - Professora, Rua
- 38) - Paulo Chiaradia, Av.
- 39) - Pompilio Ferrini, rua
- 40) - Primo Cappello, rua
- 41) - Professor Carmo Cascardo, rua
- 42) - Professor Fernando Costanti, rua
- 43) - Professor Nélio Brandani Tenorio, rua
- 44) - Professor Ulderico Mandolesi, rua
- 45) - Professora Dina Venturelli Faria, rua
- 46) - Prospero Sanches (Ciancio), rua
- 47) - Regina Zaroni Leão, rua
- 48) - Silverio Chiaradia, rua
- 49) - Silverio Sanches (Ciancio), rua
- 50) - Ten. Carlos Fernando Masselli Bernardo, rua
- 51) - Umbelinda Chiaradia, Av.
- 52) - Waldemar Romano, rua

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	07
PREFÁCIO	09
<i>PREFAZIO</i> EM ITALIANO	11
PALAVRA DO PRESIDENTE	13
EM NOME DA COMISSÃO DO LIVRO	15
HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE ITAJUBÁ	17
MENSAGEM ENVIADA DA ITÁLIA PARA O CIRCOLO	19
FUNDADORES DO CIRCOLO ITALO-BRASILIANO DI ITAJUBÁ	20
ADAMI GIUSEPPE	21
ADAMI ANTÔNIO "TONICO"	22
ADAMI PEDRO	24
ADAMI BENEDITO	25
ASSINI ANTONIO	27
ASSINI ANTONIA	28
ASSINI AMERICO	29
BARBATO BERNARDINO	31
BARBATO FRANCISCO	32
BARBATO JOSÉ	33
BERTI BERTRANO	35
BERTI ORLANDO	36
BOER ANGELO	37
BONAFÉ GIUSEPPE	39
BONAFÉ HENRIQUETA	40
BONAFÉ ANTÔNIO	41
BONAFÉ SEBASTIÃO	42
BONALDI EGYDIO	43
BORTONI AFFONSO	45
BORTONI ROSALBO	46
CANTELMO ANTÔNIO	48
CAPPELO PRIMO	50
CAPPELO "SECONDO" SEGUNDO	51
CAPPELO FERNANDO	52
CAPPELO GEOVANI NETO	53
CAPPELO PRIMO FILHO	54
CARELLI ESTEVÃO DONATO	56
CARLINI CEZARE AUGUSTO DEMETRIO	58
CARUSO LUIGI	59
CARUSO SALVATORE "SALVADOR"	61
CASCARDO FRANCESCO	63
CASCARDO CARMO	64
CASCARDO GUIRONI	66
CASCARDO GUERINO	67
CASTELLANI SISTO	69
CASTELLANI FELÍCIO PRIMO	70
CASTIGLIONI LUIGI	72
CATTAPAN LUIGI CEZARE	74
CAZARINI DEMÉTRIO	76
CAZARINI DEMÉTRIO FILHO	77
CERAVOLLO DOMENICO FRANCESCO	79
CERAVOLLO FRANCESCO LEONARDO	80

CERAVOLLO GERALDA RODRIGUES	81
CHEBERLE PIETRO	83
CHIARADIA FAMÍLIA	84
CHIARADIA PAOLO "PAULO"	85
CHIARADIA SILVÉRIO	86
CHIARADIA DARIO	87
CHIARADIA JOVINO	88
CHIARADIA YVO	89
CHIARADIA AMADEU	90
CHIARADIA FRANCESCO "FRANCISCO"	91
CHIARADIA HUMBERTO	92
CHIARADIA HENRIQUE	93
CHIARADIA VICENZO "VICENTE"	94
CHIARADIA MIGUEL	96
CHIARADIA MINERVINA	97
CHIARADIA LUIZ	99
CHIARADIA BENEDITO	100
CHIARADIA FRNACISCO DE ASSIS	100
CHIARADIA MENOTTI	101
CHIARINI GIUSEPPE	103
CHIARINI ANTONIA	104
CHIARINI JOSÉ RIBEIRO DA COSTA	105
CHIARINI SYLVIO COSTA	106
CHIARINI GERALDA RIBEIRO DA COSTA	107
CHIARINI JANDYRA DA COSTA	108
CHIARINI IOLANDA COSTA	109
CHIARINI FILOMENA RIBEIRO DA COSTA	110
CHIARINI BENEDITO RIBEIRO COSTA	111
CONSOLI ANGELO SANTE GIORGIO MARIA	113
CONSOLI GIOVANNI BATTISTA	114
CONSOLI EUGENIO BATTISTA FRANCESCO	116
CONSOLI LUIGIA VITTORIA DOSOLINA "LUIZA"	118
CONSOLI HUMBERTO	120
CONSOLI HUMBERTO PRIMO	123
CONSOLI MARIA PINTO BONIFÁCIO	124
CONSOLI FLORA PINTO BONIFÁCIO	125
DASTRE ANTONIO DELIAMI	127
DASTRE FELIPE DELIAMI	130
DASTRE HILÁRIO	131
DASTRE ALDERICO DELIAMI	132
DEL DUCCA DOMENICO	134
DEL DUCCA ANNA MARIA	135
DEL DUCCA GENARINO	137
DEL DUCCA ISABEL	138
DEL DUCCA MARIA ASSUMPTA	139
DEL DUCCA ROSALINA	140
DEL DUCCA CARMÉLIA	141
DEL DUCCA FRANCISCO	143
DEL DUCCA BENEDITA	144
DEL DUCCA JOSÉ	145
DEL DUCCA SABATTO	147
DEL DUCCA JOÃO	149

DEL DUCCA BENEDITO	150
DEL DUCCA JOSÉ	151
DEL DUCCA PEDRO	152
DOTTA GIUSEPPE	153
DOTTA PEDRO ANTÔNIO	154
DOTTO ATILIO ROMANO	156
DOTTO ÍTALO RINALDO	157
FERRINI POMPILIO	158
FERRINI MARCÍLIO	161
FERRINI ORLANDO	162
FITTIPALDI CARMENUTO	164
FITTIPALDI CARMINE	164
GALLO CANDIDO	166
GALLO CARLOS	167
GARGAGLIONE FAMÍLIA	168
GARGAGLIONE FRANCESCO "FRANCISCO" SAVERIO	169
GARGAGLIONE MICHELE "MIGUEL"	170
GAUDINO GIUSEPPE "JOSÉ".	172
GAUDINO HOMERO	173
GAUDINO ERO MANDOLESI	174
GESUALDI VICENTE	176
GESUALDI ANNUNCIATO	178
GIACOMELLI ARLINDO PADRE	180
GIFFONI JOSUÉ	182
GIFFONI DOMINGOS	184
GIFFONI RITA	185
GIFFONI CARMINE	185
GIFFONI PEDRO	186
GIFFONI DAVID	188
GIFFONI ROSALIE	188
GIFFONI ANÍBAL	191
GIFFONI MARIA SALOMÉ	191
GIUNTINI JÚLIO	192
LAMOGLIA VICENTE	193
LAMOGLIA DOMENICO "DOMINGOS"	194
LAURITO MAURO	196
LAURITO ANTONIO	198
LENCIONI NATALE GIULIO	199
MAGLIONI ULISSES	200
MANDOLESI ULDERICO	202
MANDOLESI AMÉRICO	203
MANDOLESI ÍTALO	204
MANDOLESI ÁLVARO	205
MANDOLESI EDNA MÉRCIA	206
MANDOLESI ALVARO RUBENS	207
MANDOLESI GISELLE MIRIAM	207
MANDOLESI BRUNO	208
MANDOLESI BRASELINA	209
MANDOLESI ANTONIETA	210
MANDOLESI IOLANDA	211
MANDOLESI NICOLINA	212
MANDOLESI GIOCONDA	213
MANDOLESI CLARA	214

MARCACCINI FAMÍLIA	215
MARCACCINI DOMINGOS	216
MARCACCINI MARIA	217
MAROTTI GIUSEPPE "JOSÉ"	219
MAROTTI BRAZ	220
MAROTTI JOSÉ	221
MAROTTI JOÃO	222
MARZULLO ANGELO	223
MARZULLO VICTOR	224
MARZULLO GUILHERME	225
MARZULLO ÂNGELO	226
MASSELLI JACOB	228
MASSELLI - FILHOS DE JACOB	230
MASSELLI FRANCESCO	231
MASELI NICOLAU	233
MASSELLI - FILHOS DE NICOLAU	235
MASELI SALVADOR	237
MASELI RAFFAELLO	239
MASSELLI RAPHAELE FILHO	240
MEGALE GENNARO	242
MEGALE JOÃO	243
MEGALE JANUÁRIO	244
MELONI PIETRO EMANUELLE	246
MELONI ATTÍLIO	247
MENICALI LORENZO	250
MENICALLI BRASILINO	251
MINCHETTI LUIGI	252
MOISES LUIZI "LUIGI"	254
MONTI PIETRO "PEDRO"	255
MONTONE RAFFAELE	257
NISTICÓ NICOLA FRANCESCO	259
NISTICÓ VITO	261
NISTICÓ ROBERTO	262
OTTOBONI ANGELO	263
OTTOBONI ATTÍLIO	264
PACIULLI GIUSEPPE	266
PACIULLI DOMENICO "DOMINGOS"	267
PACIULI ARLINDO	268
PERICO SALVATORE ALESSANDRO	270
PERRONI DOMENICO "DOMINGOS" PADRE	272
PERRONI GIUSEPPE "JOSÉ"	273
PIAZZA MICHELE "MIGUEL"	275
PIAZZA MIGUEL FILHO	276
PIAZZAROLI PIETRO "PEDRO"	278
PIAZZAROLI ADRIANO	280
PIAZZAROLI JOSÉ	281
PIAZZAROLI PEDRO	282
PIAZZAROLI MANSUETO	284
PIAZZAROLLI GERALDO	285
PICORELLI PASQUALE	286
PIZZO ABILIO	287
PIZZUTO LUIGI FELIPE	289
PODDIS GIUSEPPE THOMAZ	291

PODDIS ANTIOGO	292
PODDIS GERÔNIMO	293
PODDIS JOSÉ LUIZ	295
PODDIS LAURA	295
PODDIS ANTÔNIO	296
PODDIS EMMANUEL	297
PULITI GONIPO	298
PULITI JOÃO	299
PULITI JOSÉ	301
REALE BIAGGIO "BRAZ"	303
REALE MIGUEL	305
RESTANI CANDIDO	307
RESTANI GRACIANO	308
RESTANI ARTUR	309
RESTANI FRANCISCO	310
RESTANI ROBERTO	312
RESTANI GUILHERME	315
RESTANI HONORINA	316
RESTANI GEORGINA	317
RESTANI LEONTINA	319
RICCA FRANCESCO "FRANCISCO"	320
RICCI JOÃO BAPTISTA	321
RICOTTA GIUSEPPE DOMENICO ANTONIO CONSTANCE "DOMINGOS"	324
RICOTTA PAULO	325
RICOTTA CARMO	327
RIGOTTI GREGÓRIO	330
RIVIECCIO LUIGI DONATO PADRE	331
RIZZI ANGELO GIUSEPPE "JOSÉ"	334
RIZZI ÁLVARO PEREIRA	335
ROMANO ERCOLE	337
ROMANO IRENE	339
ROMANO LUISA	342
ROMANO SALVATORE	344
ROMANO ROSEMBURGO	346
ROTELLA PASQUALE	348
ROTELLA ERNESTO	349
ROTELLA FRANCESCO	350
SANCHES FRANCESCO	352
SANCHES SILVÉRIO	354
SANCHES HUMBERTO	357
SANCHES EMÍLIA COELHO (MILOCA)	359
SANCHES ELISABETH PEREIRA (BETINA)	359
SANCHES FRANCISCO	360
SANCHES VICENTE	361
SANCHES JOSÉ	363
SANCHES ANA HAUSNER	364
SANCHES LAURITA BELO LISBOA	364
SANCHES AMADEU	365
SANCHES PRÓSPERO	366
SANCHES JOSÉ CHIARADIA	368
SANCHES MANFREDO	369
SANCHES ORLANDO	370

SANCHES VICENTE PAULINO (DORLY)	371
SCALZO ERCOLE	372
SCALZO LUIGI	373
SCHIAVONI GIOVANNI	375
SCIAMMARELLA FORTUNATO	376
SCIAMMARELLA FRANCESCO AUGOSTINO	377
SINISCALCHI SAUL GERARDO BERGAMINI	379
SINISCALCHI HUGO JOSÉ	380
SPAGNUOLO ENNIO	382
SPOLZINO CYRILLO	383
STORINO FRANCESCO	385
STORINO ANTONIO	386
STORINO FRANCISCO LOPES	388
STORINO NASCIMENTO MARIA JOSÉ	389
STORINO EDUARDO JOSÉ	390
STORINO BENEDITO	391
STORINO GERALDO	393
STORINO MARIA DO CARMO DOS SANTOS	394
STORINO RENNÓ ISABEL	395
TADDEI BARTOLOMEU PADRE	397
TREDICCI TERZA	399
TREDICCI AURELIO	400
TREDICCI JOSÉ	401
TROTTA GIOVANNI	402
TROTTA GIUSEPPE	405
VENTURELLI GIUSEPPE	407
VENTURELLI ADINA MARIA LEONORA	408
VENTURELLI MENOTTI	410
VENTURELLI ROMEU	411
VENTURELLI MARIA AMÉLIA	412
VENTURELLI ÍTALO	413
VENTURELLI ANTONIO	415
VENTURELLI JOSÉ SOBRINHO	416
VILANACCI AFONSO	418
VILANACCI ANTÔNIO	419
VIZZOTTO GIUSEPPE	421
ZARONI GIACOMO "JACOB"	423
ZARONI AUGUSTO	424
ZARONI JOSÉ AUGUSTO	425
TEXTO - CONTINUANDO NOSSA HISTÓRIA: NETOS E BISNETOS	427
NOMES DAS RUAS E AVENIDAS	429

BIBLIOGRAFIA

GUIMARÃES, A. B. ; Efemérides Itajubenses, Editora: Imprensa Oficial de Minas Gerais, página 59, ano 1988.

GUIMARÃES, A. B. ; Coleção de 8 volumes: Vultos Inesquecíveis do Itajubá de Ontem.

GUIMARÃES, A. B. ; Sinopse da História de Itajubá, Editora não identificada, página 52, ano 1966.

PINTO, F. J. V. ; VANDER VELDEN, C.J.B. ; Memória de Itajubá e da Obra de Theodomiro – A Pedra e a Fonte, Editora: Reunião Assessoria Editorial, texto página X, fotos páginas 28/40 e 29/40, ano:1991.

